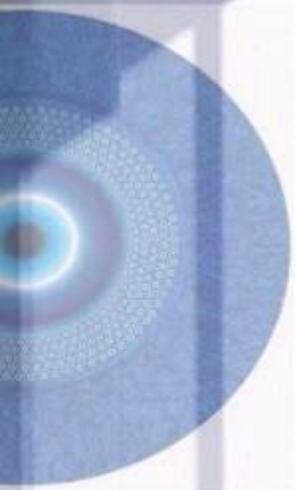


Anne Krauze



Alum  
Amor de

CEO



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---





Allm  
Amor de  
CEO

Anne Krauze

# Ficha técnica

## 1ª Edição - Brasil - 2016



Todos os direitos desta edição são reservados à ANA CLAUDIA SPITZNER  
[acskrause@gmail.com](mailto:acskrause@gmail.com)

**Facebook – Perfil oficial: Anne Krauze - Autora**

**Página oficial: Anne Krauze Autora**

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor – Anne Krauze

Título Original – Um Amor de CEO

Capa - Ana Claudia Spitzner e Dammy Costa.

Revisão, coordenação e conversão para e-book – Ana Claudia Spitzner

1ª EDIÇÃO – ANA CLAUDIA SPITZNER – SÃO PAULO – 2016

Copyright © 2016 AnneKrauze

AVCTORIS – Registro de marca e propriedade intelectual

AVCTORIS27c8215788850448d05896a5548553fd1c1457b79ac2b484b28f5ofaad9b20a

O presente pedido de registro está em conformidade com: Bene Convention (INTL), Metre Convention (INTL), Lei 9.610 (BR), WIPO Copyright Treaty (INTL), US Copyright LAW (US), UCC Geneva (INTL) e demais legislações pertinentes ao Direito Autoral de países membros da Convenção de Berna (INTL) e da convenção do Metro (INTL).

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora Anne Krauze foram assegurados.

**Conteúdo rastreado. Plágio é crime! Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1990. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena de 3 (três) meses a 1(um) ano ou multa.**

# Agradecimentos



**“ A gratidão é o único tesouro dos humildes.**

**Willian Shakespeare**

Uma pessoa não é nada se estiver só. Agradeço a sorte de ter em meu caminho pessoas de bom coração e sempre dispostas a me ajudar e apoiar. Não sei se conseguiria sem elas e muitas vezes, mesmo sem saber, me ajudaram da forma mais incrível que um ser humano pode fazer... Por pura bondade e sem pedir nada em troca.

A lista de pessoas e grupos incríveis, que fizeram a diferença, é grande. Então, como teremos mais livros, se Deus quiser, vou por partes e concentrar-me-ei em quem está comigo desde o início.

As meninas, que hoje são minhas amigas, do grupo do WhatsApp Livros de Anne Krauze: Natalia (porque se não a colocar em primeiro lugar vou ouvir até 2987...), Zilda, Camila, Sil, Ana Paula, Valéria, Glorinha, Elane, Sara, Patrícia e Mayara, que fazendo sol ou chuva estão sempre lá! Obrigada meninas.

Ahh e como não?

Os grupos do WhatsApp... No limite de um livro, VLN e Livros de Ana e Andrezza, o que seriam das minhas madrugadas sem vocês? Obrigada por rirem comigo e me aturarem. Fih volta logo para o grupo! Ana, já pode abrir o presente do amigo secreto?

Á doce Gislene Lima, que desde o início está ao meu lado lá no Wattpad, meu muito obrigada pelo incentivo e palavras sempre bem-vindas. E meu muito obrigada a todas as meninas do aplicativo que sempre comentam, votam e riem comigo. A paciência de vocês é do tamanho de Jó.

Ás autoras e minhas âncoras emocionais: Paula Mesquita e Veveta Miranda, meus agradecimentos e gratidão eternos. A talentosa Dammy Costa, um... Nossa, não tenho palavras para a sua generosidade. Camila

Barbosa, o Book trailer ficou mara! Aos autores Alessandro Fonseca, JM Alvarez, Gi Soares, Dresia Guerra, Sue Hecker, J V Leite, Aretha Guedes, Aline Martins e Ana Rita Cunha, porque gosto de vocês de graça e a humildade e caráter de vocês não têm preço, e são um exemplo para mim.

A Sofia Merkauth, do blog Colecionando Romances, um parágrafo à parte. Essa mulher faz realmente a diferença em minha vida e foi a mola propulsora para eu escrever Um Amor de CEO. Não somos parceiras e sim amigas. Espero do fundo do coração que todo o carinho que dispensa à literatura nacional seja reconhecido.

A Re Sanrehd, do Resenhando, que ajuda centenas de autoras por puro amor à literatura e sem pedir uma migalha de pão em troca. Mulher, sua fibra é incrível!

Aos grupos do Facebook que sempre me apoiam desde o primeiro dia... Viciados em Literatura Nacional, Viciados em Wattpad, Somos Tagarelas (família Teller S2), No Limite de um Livro, Amantes de Livros, Lunáticas por romances, Leitoras Insanas, Leitura é meu vício e Livros do Coração. À todas as ADMs e colaboradoras... Obrigada! Obrigada! Obrigada!

Acabando, porque precisaria de um livro para agradecer a todos que eu gostaria, meu desejo de continuarmos sempre juntos... à todas as meninas e meninos do Face, IG, Twitter, Wattpad e WhatsApp... Amo interagir com todos e sempre aguardo ansiosa pelos comentários, bons dias e boas noites. Char, Laís e Stella S2.

Obrigada e que a vida retribua a generosidade de todos em dobro.

**Anne Krauze.**

# Sinopse



Aos 25 anos, Nina Kovac, uma mulher decidida e pavio curto, decide radicalizar. Ela rompe com tudo que a sufoca e parte para um recomeço.

Uma nova cidade, uma nova casa e novos amigos...

A alegre e colorida Vila Madalena é o cenário simplesmente perfeito para uma nova vida perfeita...

O que essa mulher, de feições angelicais que escondem um gênio de leoa, não poderia imaginar é que teria sua vida pacata virada de ponta cabeça, depois um encontro tumultuado e para lá de inusitado.

Por um capricho do destino, a jovem se vê atrelada ao impulsivo e temperamental Theo Callas. Um executivo de tirar o fôlego, talhado pelos Deuses do Olimpo e dono de uma língua nervosa.

Dois cabeças duras que têm as piores primeiras impressões do mundo sobre eles.

*Uma Caipira, irritante!*

*Um Cretino arrogante!*

*Como ela pode ser tão bonita e tão mal-educada?*

*O cara se acha o dono do mundo, só porque é o CEO. Dane-se!*

Uma deliciosa comédia romântica, inusitada e apimentada sobre relacionamentos, amor, intrigas e segundas chances. Dois mundos que se misturam e se completam em uma aventura envolvente e eletrizante.

*\*\* Contém cenas não recomendadas para menores de 18*

*anos.*



# Nota



Esta é uma obra de ficção, quaisquer semelhanças com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terão sido mera coincidência.



O livro apresenta uma brincadeira em algumas palavras. Foram incluídos acentos circunflexos de forma proposital, mesmo contrariando as regras de acentuação, para marcar o sotaque da personagem.

## ÍNDICE



UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

**DEZOITO**

**DEZENOVE**

**VINTE**

**VINTE E UM**

**VINTE E DOIS**

**VINTE E TRÊS**

**EPÍLOGO**

## Um



**Q** uerem saber de um segredo?

Minha antiga vida já era. Isso mesmo!

Já era...

Ela foi *DEMITIDA* sumariamente quando resolvi me rebelar e mudar radicalmente tudo. Tudo, menos eu claro, porque me gosto...

Muito.

Não que seja do tipo egocêntrica ou me ache perfeita, nada disso... Só não me abalo por qualquer coisa e por força das circunstâncias, aprendi a me virar sozinha... E, acho que o melhor sempre estará por vir, mas não acredito em contos de fadas... Ah, não mesmo. Diga-me onde os príncipes estarão e correrei na direção contrária.

Então óbvio, a demitida foi a outra. Aquela *EU* que começou a aparecer sem ser convidada refletida no meu espelho. Uma intrusa sufocada e sem brilho, que todos queriam que eu fosse, mas me recusei a ser. Desculpem, era ela ou eu... Viver ou sofrer... Então, mandei-a para as cucuias junto com todo o resto... Cidade, parentes malucos e um relacionamento doentio.

Sinto pela cidade, amo Curitiba, mas não há batalha sem perdas. Não me arrependo e foi libertador, embora os mais próximos digam que enlouqueci...

*Mas, muita calma nesta hora.*

Não virei uma louca impulsiva, ingrata e abandonadora de lares como alegam. Ao contrário, estou bem lúcida. Só lembrei que para ser feliz, preciso gostar de mim, me cuidar e principalmente, gostar de quem também gosta de mim.

*Simples assim.*

Eles é que não enxergaram os sinais ou não quiseram enxergar. *O que foi uma pena!* Porque a mudança de atitude foi tão óbvia. Fruto de uma decisão pensada, repensada e pensada novamente. Primeiro, resgatei minha

força interior, amor próprio e determinação. Estudei, formei-me, consegui um emprego e juntei um dinheiro. Depois... Aproveitei uma pulada de cerca das boas para exigir minha liberdade e paguei caro por ela.

E agora, apenas aceitei um empurrãozinho do destino... A empresa na qual trabalhava foi vendida para uma outra aqui em São Paulo, a Callas Corporation ou a C&C... Só aproveitei e mudei junto com ela de mala e cuia. Segui as únicas coisas que me dão esperança e segurança: meus sonhos e o meu emprego.

*Dei duro por ele, preciso dele e amo o que faço.*

*Jamais iria demiti-lo.*

Bom... Essa sou eu em minha nova vida. Nina Kovac, vinte e cinco anos: quase falida, solteira e feliz como nunca estive. Morando e trabalhando em São Paulo, há dois meses, em um bairro antigo, arborizado e charmoso... A Vila Madalena <sup>[1]</sup>. Um lugar gostoso cheio gente, lojinhas, cafés, livrarias, restaurantes e bares. Pacato de dia e boêmio nas noites agitadas.

Pura sorte, eu diria. Consegui logo de cara, um apartamentinho charmoso em cima de um restaurante italiano familiar, o Vincenzo. Pequeno: quarto, sala, cozinha e banheiro. Eu me apaixonei pela banheira antiga, pela varanda-laje <sup>[2]</sup> e amei a privacidade. A entrada é independente, pelos fundos do restaurante que por sinal, tem um quintal-jardim não utilizado. Simplesmente perfeito para uma pessoa que trabalha como paisagista e vive entre projetos, flores e plantas. Passei meus primeiros finais de semana na cidade ajeitando o lugar. Ficou lindo... Outra cara, outra vida!

*Deus, como estou amando tudo isto !*

Minha nova casa fica a quatro quadras do meu emprego. O que convenhamos, é uma mão na roda... Já que, o quase falida inclui não ter rodas. Isto mesmo minha gente, nada de carro para mim. Meus pés são meu transporte. Tenho evitado pegar o busão lotado, como chamam o ônibus cheio por aqui. A experiência foi terrível, minha bunda parecia pista de aterrissagem para mãos bobas.

*Preciso lembrar de nunca ficar virada para o corredor do ônibus e sorrir para estranhos...*



Sábado bem cedinho e já estou de pé, pronta para o batente. Nada de reuniões com clientes engomadinhos, é dia de pôr a mão na terra. Empolgada, visto meu uniforme básico: macacão jeans velho e largo, uma regatinha branca, porque está calor, tênis surrados e o chapéu de panamá que era do meu pai. Carrego na dose de protetor, não existe nenhuma possibilidade de ficar embaixo deste sol de verão sem proteção. Simplesmente torraria e minhas sardas ganhariam companhia.

Desço a escada lateral do apartamento. A esta da hora da manhã, o Vincenzo ainda está fechado, mas já escuto o bate panelas vindo da cozinha, o que indica que a preparação do almoço está a todo o vapor. Passo rapidamente pelo jardim e saio pela lateral do prédio. Morando sozinha e com um orçamento apertado, a melhor opção é tomar o café na rua. Atravesso a alameda silenciosa e vou em direção ao Café Bar Estrela.

Um lugar charmoso e aconchegante que pertence às filhas de Vincenzo, Estrela e Jasmim. Elas são legais, animadas, loucas e têm me ajudado muito neste período de adaptação. Arrisco dizer que já viramos amigas. Gosto disso, não tinha muitos amigos em Curitiba. Não por opção, amo as pessoas, rir e conversar, mas com o Bernardo isto era simplesmente impossível, mesmo depois da separação. Era ele me ver papear com alguém e começar uma cena. Meu único refúgio foi a universidade, isto é, até meu ex começar a dar umas incertas por lá também.

Se querem um conselho meninas...

Nada de querer se envolver tão novinhas com alguém. Namorem, divirtam-se e aproveitem a vida. Conheçam bem o cara antes de se jogar de cabeça. Deus nos livre de ir assumindo um compromisso com a primeira promessa de príncipe que aparecer. Desconfiem da perfeição, pode ser só um sapo disfarçado. Iludi-me completamente por Bernardo. Na verdade, era muito ingênua e aos dezoito anos, mal tinha dado uns beijos na boca.

Aí, reaparece um Bernardo Fontes na minha frente. Loiro, alto, lindo e musculoso. Irmão de uma amiga de infância, paixonite antiga de menina. Dez anos mais velho que eu, todo galante e de fala envolvente... Recém-chegado de Nova Iorque e aparentemente louco por mim. Estava feita a desgraceira... Cai feito patinho e por muito tempo, acreditei estar realmente apaixonada. Acho até que o amei...

*Ou não.*

Sei lá... Já não sei mais como definir aquele sentimento.

Nosso primeiro ano juntos foi um sonho e ele foi meu primeiro quase tudo. Minha primeira paixão, meu primeiro namorado, amante e meu pior algoz. O único e último homem que eu deixei me tratar como nada.

*Ding dong...*

O sensor na porta avisa que estou entrando no café.

— Bom dia! — sorrio e cumprimento a todos sem me fixar em alguém. Vou direto para o balcão e vejo uma cabeça morena submergir como um submarino.

— É você! Ai, graças a Deus!

Uma muito agitada Jasmim olha para os clientes e faz sinal para que eu venha para trás do balcão. Vou guiada pelo aroma delicioso do café fresquinho, que brota de uma das máquinas expresso. Estranho a presença dela, pois este é o turno de sua irmã mais velha, Estrela. A caçula de Vincenzo sempre assume à noite, quando o lugar já se transformou em barzinho.

— Que cara de desespero é essa? Quêê [3] a Estrela, Guria [4]?

Jasmim revira os olhos, alcança uma pilha de xícaras e apoia o quadril no balcão.

— Os dentinhos da Luar estão nascendo, a pobrezinha passou a madrugada toda chorando. Daí a Estrela me pediu para abrir. — coloca os cafés recém tirados na bandeja indo entregar em uma mesa perto da janela. Volta fazendo careta e entendendo seu drama. A coitada está com uma cara péssima, provavelmente, mal teve tempo de pregar os olhos. Ela tem olheiras e seus longos cabelos encaracolados estão em um bagunçado coque, preso por uma caneta.

*Ooook!*

*Não me custa nada retribuir a hospitalidade.*

— Escutê Jasmim, tenho que encontrar o pessoal da manutenção só daqui a uma hora. Se quiser, posso te dar uma mãozinha. Onde arrumo um avental fofo como esse?

Minha amiga sorri lindamente como se eu fosse a salvação da lavoura, depois abre uma gaveta, retira um avental limpo e me entrega. — Não sei nem como te agradecer, Polaca [5]. Minha praia são os petiscos da

noite, não tenho nem ideia de como fazer este tal de crepe, que tem no cardápio de sábado.

Solto uma gargalhada, há muito tempo não me chamavam de Polaca. Fazer o quê? Sou descendente de alemães com poloneses, uma coisa loira e branquela mesmo. Visto o avental e enfio meus cabelos presos por uma trança lateral dentro do chapéu. — Está com sorte, minha avó me ensinou a cozinhar de tudo um pouco. Venha e parê de drama, Guria! Mostre onde guarda as coisas na cozinha.

Meia hora depois, a massa para uns cinquenta crepes está pronta. Aproveito e faço também uma leva de bolinhos de baunilha. Logo, um aroma adocicado de massa assando invade o lugar. Saio da cozinha e vou até o balcão para ser útil em mais alguma coisa.

*Eita, caramba!*

*Todo mundo resolveu tomar café aqui?*

Apresso-me e começo a dividir o atendimento das mesas com Jasmim. Anoto os pedidos com um sorriso estampado no rosto. Estou adorando a agitação e amando mais ainda, que estejam elogiando meus crepes e bolinhos. *Opa!* Quase provooco um desastre ao esbarrar em uma mesinha. Peço desculpas e me concentro em não derrubar nada.

*Ai, Jesus!*

Estabanada e desastrada poderiam ser meus nomes do meio.

Olho no relógio e está quase na hora de eu ir. Se não estivesse tão preocupada com o péssimo estado de conservação dos jardins da Callas, até poderia ajudá-la mais... Sorte que as coisas parecem ter acalmado, Jasmim possui um dom para lidar com os clientes e organizar o caos de pedidos.

Volto para trás do balcão, Jasmim me estende uma xícara de café e um misto quente. — Aposto que passou outra noite sem jantar. — olha feio e apenas concordo. — Até quando vai ficar vivendo nesta pindaíba [\[6\]](#)? Pelo menos, comer, você tem que fazer direito.

Dou uma mordida no sanduiche e fecho os olhos em êxtase. Nem eu sabia que estava faminta. — Só mais este mês, juro. Já não devo mais nada para os advogados do divórcio, mas até o próximo salário chegar, a coisa está apertada. Não quero mexer nas poucas economias que me restam, mas não exagere, não tenho passado fome. — minto. — Ontem foi exceção, tive uma reunião última hora. Acho que, finalmente, a intragável da minha



chefe vai me dar um projeto grande. Fiquei estudando as plantas baixas [7]\_e acabei chegando super tarde. Capotei sem janta e banho.

— Percebi. — repreende enquanto termino de devorar o lanche. — O Daniel foi te chamar umas duàs vezes e nada. Precisa de diversão, Polaca. Não pode ficar só do trabalho para casa. Isso não é vida.

Sinto-me envergonha, tenho dado furo atrás de furo. Quero me divertir, adoraria fazer novos amigos e confesso que ouvi as batidas do namorado dela na minha porta, contudo estava tão exausta, que virei para o lado e apaguei. — Eu sei disso. Juro que hoje, eu apareço por aqui mais tarde. — junto e beijo os dedos em sinal de promessa.

O assunto é interrompido por um ronco de motocicleta e uma discussão, que começa lá fora, chamando a nossa atenção.

Ambas levantamos a cabeça, na mesma hora, para espiar.

*Curiosidade é uma merda! Diacho!*

Parece que o casal, que dá um pequeno show em frente ao café, não está em seus melhores dias. Uma morena, escandalosamente bonita, gesticula e fala sem parar, enquanto um homem permanece apoiado na moto, ainda de capacete.

O moço não diz uma só palavra e isto me intriga. Há algo nele que prende minha atenção logo de cara e me faz observá-lo de novo.

O homem é bem construído e grande, mas não do tipo bombado. Apenas do tipo 0% de gordura e na medida certa. Como um desses atletas sarados. Um gostoso. As coxas grossas, apertadas em um jeans desgastado, balançam impacientes e despertam mais o meu interesse. Fico em alerta... Os gritos da mulher aumentam... e flashes de cenas de brigas, que eu protagonizei na minha antiga vida, passam diante dos meus olhos fazendo a pele do meu pescoço formigar. Porém, em minhas memórias, quem gritava era o homem.

Á essa altura, o café inteiro assiste ao espetáculo da morena. Ela chora, faz beicinho e bate os saltos altíssimos na calçada. Sua calça é tão justa que nem sei como consegue respirar. Um “*Ohhh*” coletivo surge quando o homem ameaça dar a partida na moto e a morena agarra-se a ele, impedindo que saia.

Sinto-me mal por ela...

*Que papelão!*

A moça segura nos braços do cara como se sua vida dependesse disto. Um outro “*Ohhhh*” invade o café, exclusivo da ala feminina, quando o cara faz um gesto, a briguenta se afasta e lá se vão o capacete e a jaqueta.

*Pelos Deuses do Olimpo e adjacências!*

Suspiro.

O céu estava em festa quando projetaram esse aí.

Até eu me sinto em festa!

*Ohhh.*

Suspiro novamente . Ele é tão... Bonito.

*Parabéns pelo seu rosto, senhor!*

Reparo nos bíceps, que a mulher não larga nem por decreto, e tenho um mini frenesi.

*Aliás, parabéns pelo corpo todo, amigo!*

Entendo-a completamente, também quero me agarrar nesses braços. Seu rosto é feito de ângulos retos, maçãs destacadas, queixo quadrado, um nariz simétrico, tudo isso emoldurado em uma barba malfeita . Destas que dá vontade de tocar.

*Espetáculo de homem!*

Minha vontade é ir até ele, segurar em seu rosto estupendo e dizer obrigada por existir, e despertar pensamentos adormecidos em mim. Provavelmente, seria espancada pela morena ou presa pela polícia. Mas, que culpa tenho eu, se está escrito: *feito para o seu prazer*, na testa dele?

Fico hipnotizada, só admirando...

Tudo.

*Caramba !*

Ele é atraente. Muito... Mesmo... De cegar meus olhos. Diferente, eu diria. Dono de uma morenice instigante que faria sucesso no Sul... É tão quente. Eu me animo mais e reparo mais... Gosto do seu cabelo escuro, curto e despenteado, e do jeito que cai um pouco para esquerda. Não consigo ver a cor dos olhos, mas aposto que vou gostar. Porém, o que mais me encanta, é que em momento algum, ele levanta a voz.

*Um Lord inglês!*

Argumenta tão baixo com a mulher histérica, que não consigo ouvi-lo. O que é uma pena e me deixa quase triste. O silêncio reina absoluto, todo mundo atento, nem um mísero barulhimo de louça batendo ou conversa... A platéia inteira focada, só esperando um desfecho para o

drama que continua. Ele está aborrecido e seus lábios carnudos contraídos em uma linha fina.

*Hummm...*

*Como será a sensação de ter essa boca grudada na minha?*

Balanço a cabeça para afastar o pensamento fora de hora... Estou com um pouco de pena dele, a mulher continua a chorar, gritar e fazer beicinho. Tudo ao mesmo tempo e não necessariamente nessa ordem.

Um outro “*Ooooooh*” feminino eclode no momento em que ele a abraça.

Consigo ouvir um... — Menos Andreza, bem menos.

Meus pelos arrepiam e não tinha arrepios assim desde...

*Hum?*

*Bom... Nunca .*

Daqui, sua voz soa como imaginei que seria. Não esperava nada menos que esse tom rouco e aveludado vindo de um ser como ele.

Agora, já sinto até um pouco de inveja...

*Que mulher sortuda!*

Queria eu, ser apertada nesses braços e imprensada em seu peito largo. Eu sei... Eu sei... Cobiçar o homem alheio é feio. Pecado, diria a minha mãe. Mas, em minha defesa, alego que o homem foi feito para ser cobiçado. *É até judiação comigo!* É corpo que não acaba mais. Devem ter quase dois metros de pura virilidade, ali.

E... É com certa nostalgia antecipada, que eu e todas as mulheres boquiabertas no recinto, observamos o casal subir na moto e sair das nossas vistas ao virar a esquina.

— Ai, ai... Juro que amo o Dani, mas se um destes me chamasse para uma rapidinha ali no cantinho, iria sem pensar duas vezes. — Jasmim suspira com os olhos vidrados na esquina.

Dou risada quando ela abana-se, teatralmente, com a bandeja. — E quem recusaria? — brinco concordando com ela. — O homem é um dez mais para ninguém botar defeito. Lindo e ainda um cavalheiro! Nossa mãe! Viu que ele não levantou a voz nem por um minuto sequer? — imito seu gesto e também me abano com o avental.

— Ôh se vi! Dez é pouco! Nota mil para ele! — assovia e alguns clientes olham com curiosidade. Jasmim desculpa-se, afunda atrás do

balcão e senta-se no chão gargalhando. — Hum... Agora não te entendi, Polaca. Pensei que não estivesse à procura de diversão.

Tiro o avental preparando-me para partir, mas antes, sento ao seu lado no chão. — Não estou à procura. — cutuco seu ombro com o meu. — Deus me livre de encrenca, mas não estou morta e nem louca. — brinco. — Também tenho minhas necessidades, poxa.

— Tem? — parece surpresa. — Jurava que depois da separação você nunca mais...

— Transei?

Ela balança a cabeça assentido.

Gargalho...

*Por que será, que o mundo pensa que junto com o divórcio, assinamos também votos de castidade?*

— Claro que já... — faço um gesto de pouco caso. — Foi o meu casamento que acabou, não a minha vida. Arrisquei alguns encontros... Não morri só porque me separei, Jasmim. Gosto de sexo e não vejo graça nenhuma em vibradores. Mas no fim das contas, só encontrei muita promessa e nenhuma empolgação. Entretanto, não estou a fim de entrar em um ciclo de fodas vazias e sem sentido com caras que não valem a pena. Minha prioridade é arrumar a bagunça que minha vida virou. Só que um dez é um dez, não tem como ignorar. Ainda mais um exemplar como aquele. Nunca vi um igual.

— Nunca viu? — descrente, Jasmim gira o corpo ficando de frente para mim. — Qual é, o Sul está cheio de homens lindos. Pelas fotos que mostrou no Face, seu ex é bem um dez.

Estico as pernas e as uso como apoio para dobrar o avental. — Bernardo é bonito sim, mas é um nove menos, muito menos. Os dez mais são raros, quase extintos. Pensando bem, acho que o moreno delícia deve ser um dez menos. Na certa aprontou uma das boas. Aquela beleza inalcançável dele é bem típica dos cretinos, a mulher não iria surtar daquele jeito à toa.

— Também não precisa exagerar.

— Pode até ser preconceito, mas minha experiência me ensinou que homens bonitos são um perigo. Charmosos e sedutores no começo e depois viram uns demônios insensíveis. — dou uma bufada antes de ficar de joelhos e entregar o avental dobradinho.

— Nossa, foi tão ruim assim? Sei que abriu mão de uma vida confortável para estar aqui. Mas, nem o sexo compensava? Achei seu homem tão quente pelas fotos.

Levanto e ela me segue. — Meu ex homem você quis dizer. — rebato com ironia. — Ele era quente sim e carinhoso... No começo... Pena que o príncipe transformou-se em tirano, impondo-me coisas não muito prazerosas. Meu casamento virou um mar de solidão e quase pirei, pensei que o problema estivesse em mim. Cheguei ao cúmulo de ler livros e ver filmes para apimentar a relação. Descobri e aprendi coisas que uma senhora de família nem sonharia em fazer com o marido. Tudo em vão. — sorrio tentando disfarçar as más lembranças. — O problema estava nele e em suas preferências nada ortodoxas. Fui muito ingênua, o ordinário já andava frequentando outros parquinhos e a trouxa aqui nem sonhava.

O rosto bronzeado de Jasmim contrai em repulsa.

— Fez bem em mandar o babaca pastar, Polaca.

— Eu sei. — sorrio, agora de verdade, e saio apressada dando um tchau para todos e para ninguém.

## Dois



**D**epois de sair o café, caminho em direção ao prédio da Callas Corporation. Consigo ver o arranha céu daqui. Uma torre de vinte e um andares em concreto, aço e vidros espelhados, que desponta solitária e imponente à minha frente. Os raios de sol incidem nos espelhos a fazem brilhar como um diamante. Há dois meses, faço o mesmo caminho para o trabalho e há dois meses, impressiono-me com sua arquitetura.

O prédio fica em um terreno amplo, na principal avenida do bairro. Um contraste moderno diante da simplicidade ao seu redor. Dizem que a escolha do lugar, para a nova sede, foi exigência do próprio dono. Dou a volta no quarteirão e a imagem do homem bonito montando em sua moto, levando a morena com ele, ainda está marcada na minha memória.

Rio sozinha do quão idiota eu sou...

Fiquei mesmo impressionada pela beleza avassaladora dele.

Olho para os lados, antes de atravessar para a reta final de cinquenta passos.

*Diacho Nina!*

Praguejo baixinho...

Tenho vontade de arrancar minha trança... Foi justamente assim, que me meti no pior relacionamento do século. A beleza de Bernardo me fascinou, nunca estive nem aí para o dinheiro dele. Porém, não nego, fiquei muito animada com seu tipo exótico e olhe que posso dizer com certeza, que ele é bonito, mas não chega aos pés do motoqueiro gentil

*Pronto, Nina!*

*Chega de bobageira!*

*Deixe o homem no lugar dele... Só na fantasia...*

Paro na calçada, bem em frente ao prédio e a placa que diz:

**CUIDADO!**

**SOMENTE PESSOAL CREDENCIADO .**

Pulo a correntinha de isolamento e os homens da manutenção já estão a todo vapor trabalhando nos jardins. *Jardins que eu reformulei!* A torre espelhada fica ao fundo. Antes dela, abrindo o caminho como um tapete vermelho, temos uma alameda extensa. Uma espécie de passarela em granito negro que conduz até as portas envidraçadas do hall de entrada. De um lado, um espelho d'água com os mesmos cem metros que a passarela e do outro, um jardim de descanso com canteiros rodeados por bancos rústicos. Em cada um deles: árvores, folhagens e flores. Modéstia parte... Lindo, lindo.

*Eu amo o meu trabalho!*

*Sou boa no que faço.*

Hoje, são as árvores que me trouxeram aqui. Podem me chamar de louca, mas elas conversam comigo e não estão felizes. De duas semanas para cá, têm perdido o viço. Fui contra o uso de adubo químico, mas fui vencida pela minha chefe.

*“ Mais baratos e menos fedidos.”*

Taí o resultado!

Folhas amareladas e caindo. Briguei, argumentei e agora, posso sentir no ar o cheiro do melhor adubo que existe: a boa e potente titica de galinha. Dane-se o fedor. Até segunda-feira, não restará nem lembrança do odor e minhas árvores vão ficar magníficas.

— Senhorita Nina! — o chefe de jardinagem acena e vem em minha direção.

— Oi André. Vocês adiantaram bem o trabalho. — elogio satisfeita.

— A adubação já foi refeita. Reviramos a terra e trocamos as folhagens dos canteiros laterais. Falta só regar, vou dispensar os homens. Posso fazer a rega sozinho.

— Eu te ajudo. — digo esfregando as mãos no macacão — Pode liberar o pessoal, que eu vou começando.

— Não precisa, Senhorita. Essa mangueira tem uma pressão desgranhenta. — olha para os meus braços finos, sem muita convicção que seja possível.

Endireito o corpo tentando parecer maior e mais forte que sou. Quer ver eu tentar alguma coisa até a exaustão? É só dizer que acha que não consigo. Sorrio, abaixo e pego a mangueira.

*Eitaaaa!*

*Pesaaaada.*

Não é à toa que os bombeiros são tão sarados. Movo a alavanca no bocal com cara de que sei exatamente o que estou fazendo.

— Opa, cuidado com isso aí. — desespera-se. — Só abra depois que o fluxo de água estiver completo.

*Hum, hum...*

*Ooook...*

*Fluxo de água completo.*

*Molezinha.*

— Relaxê, André. Libera essa água para mim, piá [\[8\]](#). — sorrio confiante e preparo-me. Fico de costas para a rua ao assistir ao homem correr até o hidrante. Está escrito na testa dele que não gostou nada, nada. Reviro os olhos, ajeito meu chapéu e agarro firme na mangueira. Afinal, vim aqui para pôr a mão na massa e o que pode dar errado? Mangueira é mangueira.

*Esses homens e suas malditas manias de acharem que não somos capazes.*

Sinto uma vibração começar a sacudir a mangueira como um maremoto...

*Ô...*

*Ooooh.*

*Lascou-se.*



## Theo

Atrasado, estaciono minha moto na entrada lateral da Callas. Tiro o capacete e a jaqueta depositando-os sobre o banco. Checo o celular e ainda



tenho uns minutos. Respiro fundo, aliviado... Menos mal, detesto chegar atrasado e abomino mais ainda, cenas de ciúmes patéticas como as de Andreza mais cedo.

*Porra!*

Se não fosse pela platéia assistindo, acho que teria perdido a cabeça. A merda é que eu sou o único culpado, deveria ter cortado as asas daquela maluca logo no início, mas não, arrastei a coisa nem sei por quê?

*Hummm...*

*Amiguinha de infância...*

*Gata insistente e fácil...*

*Bunda empinada...*

*Seios tentadores e uma boca gulosa...*

Bem, eu sei por quê. Mas não importa, ela que se controle. Não há beleza que resista a chatice.

Pulo a corrente de proteção, que proíbe a passagem, no mesmo momento em que o meu celular vibra... Caminho apressado pela passarela respondendo ao texto de Andreza. Será que ela não entendeu nada do que falei?

Praguejo alto... — Mas, que merda de dia.

“Meleca! Danou-se! “

*Meleca?*

Ouçõ um grito de mulher, mas quando desvio a atenção do celular para ver de onde veio o som, sou atingido.

*Mas que porra?*

Um jato d’água, mais forte que um soco, golpeia em cheio minhas bolas.

— Puta que pariu, como isto dói! — berro deixando cair o celular e inclino-me para frente tentando me proteger.

Um jato atinge meu rosto...

Um murro doeria menos e tenho que fechar a boca para não me afogar...

Uma gritaria começa e sou atingido várias vezes, até que finalmente, o jato é desviado para outro lado. Sou invadido pelo alívio, mas ele dura pouco. Abro os olhos só para ver uma onda lamacenta ejetar-se e espirrar em mim. Mais gritos, incluindo os meus, e um cheiro ruim paira no

ar. Percebo que minhas roupas, além de encharcadas e cobertas de terra, estão impregnadas pelo fedor.

*Mas que merda é essa?*

Respiro fundo para recuperar o fôlego e conter a dor entre as pernas.

*Caralho!*

Isto só pode ser praga da Andreza por tê-la obrigado a voltar o resto do caminho de táxi. Endireito o corpo tentando avaliar a situação. O lugar todo está um caos e coberto pela lama. Um grupo de homens uniformizados está socorrendo alguém.

— Parêee, André. Já disse que estou bem!

Escuto uma voz feminina irritada, porém doce. Fico curioso, mas não muito. Minha atenção está toda dirigida para a dor infernal em minha virilha. Até agradeço que o foco deles não esteja em mim, tenho certeza que meu rosto expressa a minha agonia. Nem quando quebrei quatro costelas, em um rali, senti dor igual. Fecho os olhos com o rosto voltado para o céu, uma rajada de vento bate fora de contexto, mas não me acalma. Esbravejo todos os palavrões que conheço e invento alguns outros.

— O que foi que eu fiz? Moço, o senhor está bem?

Pequenas mãos começam a tatear o meu corpo. A sensação é boa, mas não o suficiente para amenizar minha raiva. Respiro fundo e foco minha atenção para a dona da voz, que agora explora a minha barba. Dois olhos enormes, em um rosto coberto de lama, me olham aflitos... Não aflitos, essa não é a palavra certa, eu diria chocados...

*Que foi?*

*Sou a merda de um fantasma, agora?*

*Para que tanto espanto?*

Miro nos olhos expressivos e de um tom azul esverdeado, tentando decifrá-los.

*Uau! São lindos, olha só o tamanho destes cílios!*

— Caramba, não acredito! Esse rosto! Macacos me mordam! Que merda! Nãoooo! Merda! Droga! Maldição! — a mulher pragueja como se tivesse visto, não um fantasma, mas a própria Besta à sua frente. — André, pelo-amor-de-Deus, alcancê um pano para tentar limpar o moço. Merda! Merda! Merda!

Encaro-a na tentativa de entender sua reação desmedida.

— Eu sinto muito mesmo, moço. Não tê vi. — afasta as mãos de mim cruzando os braços ao redor do seu corpo.

*Sotaque engraçado.*

Sua respiração fica agitada quando começa a me examinar de longe, à procura de não sei o quê. Espero o contato visual, mas este não vem. Parece querer evitar meus olhos a todo custo. Mesmo suja e com os cabelos em uma trança esquisita percebo que é bonita, bem bonita, arriscaria linda. E que olhos!

Interesso-me e quero que ela me olhe. Gostei como fica fofa, toda sem jeito...

*Fofa?*

*De onde tirei isto?*

*Fofa?*

Lembro que tenho que ficar irritado.

— Pode me explicar o que diabos aconteceu aqui? Quem é o responsável ou melhor, o irresponsável? — pergunto apontando em direção ao grupo de operários mais adiante.

Ela me encara.

*Caralho, expressivos e lindos!*

— A culpa não foi deles. Desculpê, mas quando vi, já tinha perdido o controle. Machucou? Está doendo?

*Porra, experimenta tomar um chute no saco e um murro no rosto!*

*É claro que está doendo, pra caralho!!*

Eu me preparo para descer os cachorros nela e olho feio... *Droga!* Ela parece apavorada. Isso me incomoda. A moça tem um sotaque diferente, o que a faz ficar ainda mais fofa. Parece uma menina da roça nesse macacão largo e com o cabelo trançado.

— Estou bem, nada de dor. — rosno.

— Ai, que alívio. — suspira de um jeito encantador. — Vou tê contar... Que loucura, né? Aquele troço parecia um tsunami. Viu como explodiu? Aí, foi água e titica para todos os lados!

A encaro mais e busco traduzir suas palavras... Meninas da roça, com braços delicados, não deveriam manusear uma mangueira de alta pressão.

*Pera aí, ela disse titica?*

Fico mais agitado e uma pontada na virilha vem com força máxima.

— Está querendo me dizer que além de quase me capar, você me deu um banho de merda?

— Merda, merda, não. Esterco de galinha. — indica um saco logo adiante.

— E esterco não é merda, por um acaso?

— Mais ou menos, né. Não é bem uma merda clássica. — agita as mãos minúsculas. — As galinhas só comem milho e pedra. Tem até gente que diz que é um ótimo esfoliantê. — franze a boca tentando não rir e enfia as mãos nos bolsos do macacão. — Veja o lado bom, o importantê é que não se feriu.

— Está sentido este cheiro? É impossível que não esteja! — arqueio a sobrancelha ao girar os braços ao redor. — É nojento! — esbravejo com certa indignação, não tem graça nenhuma estar coberto de merda.

Ela limpa a garganta e afasta uma mecha solta de cabelos. Seu pequeno e arrebitado nariz franze, mas parece não se incomodar.

— Já senti piores. Qual é, está agindo como um frangotê, olhe o seu tamanho e parê de ser fresco! Foi só um cocozinho! Um ou dois banhos e o cheiro desaparece.

*Frangote?*

*Como ousa?*

Um nervoso sobe e sinto meu limite chegar, odeio quando me pedem para eu relaxar se estou nervoso e detestei, muito mesmo, o frangote fresco. Ela pode ser muito fofa e linda, mas é irritante. Se está acostumada a tomar banho de merda, eu não estou!

— Olhe o seu tamanho você, sua caipira em miniatura! Quem foi o maluco que te deixou manusear uma coisa que, evidentemente, não tem competência? Já pensou que poderia ser um idoso no meu lugar ou uma criança? Deus, quanto amadorismo... Não deveria estar aqui fazendo isto, é perigoso!

Seus olhos verdes azulados ganham um tom mais escuro e posso sentir as faíscas saindo deles. Ela endireita o corpo, abre e fecha a boca... Suas mãos saem dos bolsos e vão parar na cintura. Seu belo e sujo rosto

contorce em indignação. Seu nariz arrebitado franze por causa do bico que surge em seus lábios carnudos.

*Merda, provoquei a caipira com vara curta!*

— Olha aqui, seu mauricinho cretino de uma figa! Pro seu governo, o seu tamanho é que está fora dos padrões, parece uma até um coqueiro anabolizado. Seu poste de luz mal-educado! E... e... e o incompetente é você... E... e provavelmente analfabeto! Não leu a placa, não? Somente pessoal autorizado e o *CUI-DA-DO* ! — pontinhos avermelhados brotam em seu pescoço enquanto faz aspas ressaltando o cuidado.

*Filha da mãe, que bocuda atrevida!*

— Não preciso de autorização. — retruco.

— Ah é? Deus, como é metido. Deixe ver seu crachá. Aposto que não tem, né? — desafia.

Gargalho.

— Não preciso de um. Entro e saio na hora que eu bem entender! — sei que estou sendo arrogante e provavelmente ridículo, mas esta caipira encenqueira e bocuda fez meu sangue ferver. — Sabe com que está falando?

— Jura? — grita. — Jura mesmo, que vai usar esse golpê velho e patético? — agora quem gargalha é ela e me irrita mais. — Não me interessa quem é você! Se trabalhasse aqui, saberia do memorando avisando que o prédio está fechado para dedetização. E, se trabalhasse mesmo aqui... — arqueia uma sobancelha — Saberia que só se entra com crachá. O acesso todo é automatizado. Ninguém chega aos elevadores sem um. — faz cara de cheque mate.

*Ok.*

A loirinha atrevida fez um belo ponto. Eu não assino memorandos, isto é coisa do RH e confesso que não tenho tido muito interesse ou tempo, para ler os milhares de e-mails que disparam para mim todos os dias. Quanto ao crachá... Foda-se, eu não preciso de um, tenho minha própria entrada com garagem e elevador exclusivos. Nunca usei a porta da frente, apesar de ter sido eu a exigir um acesso seguro e todo automatizado.

Respiro fundo...

*Quem esta mulher pensa que é?*

*A dona?*

Fico curioso.

— E você, caipira terrorista? Onde está o seu crachá?

Ela bufa irritada, vasculha no bolso de trás do macacão e esfrega o documento na minha fuça com um sorriso vitorioso, que escancara seus dentes branquinhos.

*Belíssima mulher, uma obra de arte!*

Sou fisgado por sua boquinha carnuda e petulante, que fica tentadora nesse sorriso abusado.

*Pera lá, Theo!*

*Isso é hora para reparar em bocas ou dentes?*

Fico puto comigo, obrigo-me a pensar com a cabeça de cima quando alcanço o maldito crachá.

— Nina Kovac. Arquitetura e Paisagismo. 12 ° Andar. — leio em voz alta e debochada, segundos antes do meu celular começar a tocar.



## Nina

*Otário!*

Assisto o homem à minha frente pedir um minuto e alcançar o celular caído no meio de uma poça de água. Seu rosto se ilumina ao tocar a tela. — Ter pago mais caro para ter essa merda blindada, valeu a pena. — sorri arrogante ao deslizar o dedo sobre o aparelho. — Está atrasado, porra! — esbraveja.

*Eitaaaa!*

André volta com um maço de papel toalha na mão. Ao lado dele está Lucas, um dos seguranças da área externa. Ambos exibem máscaras à prova de gás em suas testas. Parecem dois extraterrestres saídos de algum filme apocalíptico. Ele me pergunta se está tudo bem, digo que a situação está sob controle. Assistimos quietos, o homem reclamar do atraso de alguém.

Ainda estou em estado de choque, estupefata. Meu coração bate acelerado e minha boca está mais seca que minha conta bancária. Foi surreal reencontrar o bonitão do café aqui na Callas e mais inacreditável ainda, a situação. Seria cômico se não fosse trágico. Com tanto homem por

aí, para eu encharcar e encher de merda, tinha que ser logo esse? Procuo não dar bandeira, mas é impossível não olhar para seu abdômen marcado sob a camiseta cinza molhada. Os músculos ressaltados indicam que ele está mais do que em forma. E como é alto! De tênis, fico parecendo um pigmeu perto dele. Com certeza, o topo da minha cabeça deve bater em seu queixo.

Tiro os olhos da barriga, foco nos braços fortes, droga... Pernas grossas, droga... Mãos e pés enormes, inferno. Uma súbita curiosidade e benza Deus! Tudo indica que possui um pacote de respeito. Inclino a cabeça para ter uma visão melhor. Sinto meu pescoço e colo pinicarem mais ainda.

*Olhe para outra coisa, Nina!*

*Não consigo !*

*Outra coisa, já!*

*Os olhos !*

Estremeço... e minha pele começa a suar debaixo de toda a lama grudada nela. Um sorriso arrogante está plantado em seu rosto ao me examinar sem nenhum constrangimento depois, foca a atenção para a sua virilha e morde o canto da boca. Fico com mais raiva e frustrada quando constato que estou meio excitada com tudo isso. Espero que diga algo, mas ele decide me ignorar e responder à outra pessoa na linha com...

— Hum, hum... Sei. Preciso de um carro.

*Como é arrogante e convencido!*

No mínimo, deve pensar que está abafando só porque me pegou dando uma espiadinha em seu documento. Tudo bem, estava olhando e daí?

*Grande, mas porcaria!*

Reviro os olhos em puro desgosto. É decepcionante... Todo o encantamento inicial desaparece depois que percebo, que ele é mais do mesmo. Errei feio confundindo o seu silêncio no café com educação. Pensei mesmo, que era um indicativo de que ele fugia à regra. O tão sonhado dez mais. O santo graal dos homens. Aquele cara diferente, que respeita as mulheres. Um tipo com o qual não sei lidar.

Com certeza ficou caladinho, porque tinha culpa no cartório.

*Cretino.*

— Pode mandar um carro me buscar? Um com bancos de couro. Vim de moto, mas não vou conseguir voltar nela... Sem perguntas! Só faça o que estou pedindo, porra! Mande a merda do carro!

*Eitaaaa...*

*Que mimado!*

Esse aí na minha frente, não é um cavalheiro... É um arrogante e gritalhão, isso sim... Pode dar a mão para o Bernardo e sair andando para bem longe de mim. O que facilita e muito a minha vida. Não saberia lidar com um dez mais, do tipo príncipe do bem, que oferece algo a mais do que aparência. Entretanto, este tipo de dez bem menos, que é só casca... Não me intimida, muito pelo contrário, tenho é repulsa. Mantenho o olhar para mostrar que ele não me amedronta. Sou Ph.D. em como lidar com canalhas.

— Ok... — responde e continua a me olhar... Ele não desvia por nada e nem eu... E assim, começamos uma guerrinha... O que não chega a ser uma tortura... O homem é bom de ser encarado e seus olhos têm uma cor diferente de tudo que já vi. São brilhantes e exóticos, como chocolate derretido, salpicado de mel em calda. Lindos, mas arrogantes como o dono.

— Vai à merda, você... — aumenta o tom de voz e eu bocejo fingindo tédio. Ele cerra os olhos, mas não dá o braço a torcer. Nem eu, cerro os meus também. — Cuidado, Pedro. Meu dia começou péssimo e meu humor está pior ainda... Bipolar o teu rabo!

*Bem feito, que seu dia esteja péssimo!*

Sorriso satisfeita cruzando os braços. Ele coça a barba intrigado... — Não... Só quero o carro... Agora! Melhor analisarmos aqueles papéis no meu apartamento. Depois, te explico....

— Já disse que explico depois, caralho. Preciso de uma descontaminação antes. — irritação volta ao seu olhar, *Opa!* — Fui atacado por uma caipira louca.

*Opa! Opa! Opa!*

*Pera lá, seu imbecil.*

*Caipira louca uma pinóia!*

Irritada, rompo o contato visual e começo a organizar a bagunça. Recolho a mangueira, junto a terra, oriento André, enquanto o homem continua a resmungar no telefone. *Não disse!* Um dez menos legítimo! Lindo, ordinário e babaca. E esse aí não levou nem cinco minutos, para ir de príncipe a ogro.

*Mauricinho cretino dos infernos!*

Não sei por que ele mexeu tanto comigo. Não é o primeiro, nem será o último idiota que irei cruzar na vida. Normalmente, eu os ignoro, mas



não estou conseguindo desta vez. Tem alguma coisa nele que me deixa vulnerável e me atrai como o mel. ...

Fico irritada comigo, agradeço quando André se oferece para terminar tudo. Preciso de um banho e fugir desta tentação irritante. Alcanço minha bolsa e saio apressada, talvez eu também esteja em um mal dia.

— Espera!

Um suspiro profundo me escapa e desacelero o passo. Estou quase na calçada. Vejo um SUV prata, desses que devem custar mais que meu rim, estacionar.

— Não pode ir embora assim.

Ainda de costas praguejo baixinho e viro-me lentamente. — Ah, não, por quê? — ajeito a bolsa em meu ombro.

O que vejo me desconcerta e me desarma.

*Demônios!*

Seus olhos enrugam e um esboço de sorriso aparece em seus lábios. E, essa imagem é quase tão sexy quanto o resto do seu corpo. O que é péssimo, dada a nossa situação patética.

— Porque eu não me apresentei, só por isso. — explica com uma voz calculadamente calma. *Oh, oh... Aí tem!* — Theo Callas Junior, mas se preferir pode me chamar de chefe. — estende a mão em minha direção.

*Macacos saltitantes me mordam e acabem comigo!*

*Callas?*

*O mesmo Callas escrito em letras garrafais e iluminadas na faixa do prédio?*

Tremo todinha por dentro, ao ver a bendita mão grande estendida em minha direção. O encaro cheia de dúvida e fico hipnotizada por seus olhos chocolate dourados que agora, brilham vitoriosos. Tenho certeza que estou mais vermelha que um pimentão. Já ele, parece mais que satisfeito. Continuo indecisa entre pegar a mão enorme do homem ou me matar. Mas, lembro que sou muito jovem para morrer e teimosa demais para deixar que ele ganhe.

Estendo a mão segurando firme a dele.

*Uauuu! Quente...*

*Delícia!*

Meus joelhos quase dobram e começo a suar. Limpo a garganta para disfarçar a surpresa que o contato me causou. Levanto o queixo e

sorriso. — Muito prazer, Senhor Callas. Tenha um ótimo final de semana.

Sou medida de cima a baixo pelo atrevido, mas não me abalo ou pelo menos, finjo que não. Um mini remorso me toma quando percebo que sua maçã do rosto esquerda está ralada. Seu olhar me queima assim como, o contato de nossas peles. Desfaço o aperto de mão e preciso puxar para ele soltar.

— Só isso, Caipira? Nem um pedido de desculpas... Um sinto muito, chefinho? Não esqueça que sou o CEO <sup>[9]</sup>disso tudo.

Caio na gargalhada.

Não sei se de nervoso, excitação ou raiva. Ele sorri amplamente. *Diacho!* O super babaca tem covinhas. Paro o riso, irritada no máximo. — Ser CEO não altera o fato de você ser um mauricinho cretino e mal-educado. Pelo contrário, devia era se envergonhar do showzinho que deu! E caipira é a sua mãe! Passar bem, Senhor Callas.

— O quê? Como... Como se atreve? Caipira terrorista!

Toda a calma em sua voz se esvai. Afasto-me e desvio de seu corpo indo na direção da rua. Estou a ponto de enfartar... É assim que deve ser o inferno e suas tentações, só pode ser.

— Ainda não terminamos... Pode parar onde está! — exige.

*Capaz! Até parece!*

Olho sobre os ombros sem parar o passo e antes que possa pensar, disparo com voz irritada. — Sim nós já terminamos. Hoje é sábado. Não estou em meu horário de trabalho. Então, não pode me obrigar a nada. Bom banho, Senhor Callas e cuide deste ralado no rosto. — continuo meu caminho louca para dar o fora.

## Três



**T** ic-tac, tic-tac, tic-tac...

Desvio o olhar da papelada para o relógio. — Meio dia. — Estico o corpo dando uma conferida no corredor do 12º andar, nenhum movimento suspeito. Não sei se choro ou comemoro. Dizem que as notícias ruins, por aqui, são transmitidas pela manhã, nunca á tarde.

Há dias, sinto-me como se estivesse no corredor da morte. Roendo as unhas de ansiedade, sei que há qualquer momento, o carrasco vai entrar na minha sala e anunciar a execução. Eu sei, é só questão de tempo, talvez o RH esteja tão atolado que não conseguiu terminar a papelada da minha demissão. Passada a raiva, dei-me conta do tamanho da confusão na qual me meti.

Naquele sábado à noite, fui ao Café Estrela. Tentei relaxar... E quem disse que consegui? Até conheci dois ou três caras legais. Mas, o mauricinho cretino não saiu da minha cabeça. *Inferno!* Sua imagem ficou grudada como um carrapato. Era fechar os olhos e ver seu rosto na minha frente. Era abrir os olhos para vê-lo também. Contei meu drama quase compulsivamente. Uns acharam engraçado, outros nem tanto, mas todos foram unânimes em dizer para eu me preparar.

E agora, aqui estou eu nesta agonia bandida. Preparada e esperando. Nem sinal do Callas ou de comentários, nada. Tudo exatamente igual ao que era antes, quando eu ignorava a sua existência. O que é estranho e curioso. Sei que minha chefe não vai lá com a minha cara. Se ela soubesse de alguma coisa, já teria feito terrorismo.

A mulher é uma demônia.

Tento me concentrar no projeto à minha frente, não consigo. Jogo a lapiseira e a régua na mesa e me recosto na cadeira dramaticamente. Fecho os olhos respirando o ar abafado.

*Ai como eu amo meu trabalho!*

*A minha sala!*

Tudo bem que parece uma caixa de fósforos, mal cabe minha mesa e não tem janelas. Mas não importa, é minha e agora, por causa de uma esguichadinha de nada, estou a ponto de perdê-la.

— Nina!

*Jesus Cristo!*

Arregalo os olhos e quase caio da cadeira com o grito. Tenho que segurar na mesa para não me estabacar. — Nossa, Natalia! Quer me matar do coração?

— Nossa, digo eu. — Natalia entra em minha sala como um furacão. — O que está acontecendo com você, hein? Anda muito esquisita, Boneca.

— Impressão sua, estou a mesma de sempre.

Desconverso, mas Natalia franze o nariz.

Ela é uma das poucas pessoas que me conhece aqui na Callas. Nos encontramos por acaso no RH, no primeiro dia. Curiosa já foi perguntando tudo sobre a minha vida e ofereceu-se para me levar até meu setor. Almoçamos e tomamos cafezinho quase todos os dias. Ela tem um tipo alegre e espalhafatoso. Sempre com roupas coloridas e divertidas. Um pouco atípico para uma secretária executiva, ainda mais, quando o cargo exige assessorar o diretor e o CEO mundial da empresa.

Desde então, desenvolvemos uma amizade instantânea. Ela é uma boba e nos fazemos rir o tempo todo.

— Mas não está igual mesmo! Faz mais de uma semana, que nem me chama para um café. Cruzei com o Miguel ontem, ele disse que quase não sai da sala. Está até pálida. É regime? Sabe que é magra, né?

Reviro os olhos. O que Miguel, meu colega de equipe, tinha que fofocar sobre mim? — Não estou de regime. Só que ...

— Só que nada! Precisa de sol.— interrompe arrumando os cabelos curtos impecáveis. Tão pretos que chegam a brilhar. — Venha, vamos almoçar pastel na barraquinha do Kimura. Tem uma reunião de diretoria esta tarde, preciso correr. O Todo Poderoso volta esta tarde. Minha paz acabou. O Pedro disse que ele anda o capeta, parece que machucou o rosto e o negócio emperebrou.

Quando entendo quem é o Todo Poderoso, congelo. Pereba é mal, muito mal. — Droga! Falei para ele cuidar daquele machucado!

Seus olhos negros dobram de tamanho. — Como assim, falou para ele? E desde quando se conhecem ou se falam? Ele mal tem tempo para circular por aí.

— A gentê nem se conhece e nem se fala. — meu estômago ronca, levanto e pego a bolsa. — Foi só um esbarrão acidental.

Ela começa a me puxar para fora da sala, indo em direção ao elevador. — Vai me contar essa coisa de esbarrão acidental, nos mínimos detalhes.

Dito e feito.

Natalia não sossegou até arrancar tudo de mim. Nesse tempo que trabalhamos juntas, tirando uma reclamação ou outra, nós nunca falamos abertamente sobre os chefões da cobertura. A minha imagem do CEO da empresa é do senhor na faixa dos sessenta anos, que vi em algumas fotos. Um ser quase mítico e inacessível, sentado entre as nuvens de deste arranha-céu, só admirando seu império. Jamais imaginei que o ranzinza que ela tanto fala, seria um homem jovem e maravilhoso. A louca quase engasgou com a azeitona do pastel de tanto gargalhar. As pessoas em pé, ao nosso redor, se divertiam com as expressões de espanto, nojo e euforia que ela fazia a cada detalhe que eu narrava.

— Sensacional, Boneca! Imagina o susto do Theo quando descobriu que era titica!

— Sensacional uma ova! Entendeu que se não fui demitida ainda, foi só porque o Mauric... o Senhor Callas não veio trabalhar estes dias. Com certeza, vai ser a primeira coisa que vai fazer quando der as caras.

Ela arranca um pedaço do pastel e enfia na boca. Levanta o dedo, com a unha impecável vermelha, pedindo um minuto. — Esquece que sou a assessora dele? — fala de boca cheia. — Helloooo, ele falaria para mim se fosse demitir alguém... Despachei com ele todos os dias. Fez um monte de pedidos absurdos. Acredita que me infernizou, porque não tinha um crachá? Tenha santa paciência! Que CEO anda por aí com um maldito crachá pendurado no pescoço? Depois pediu para encaminhar a ficha de todos os funcionários do 10º, 12º e 19º e mais um monte de projetos. Fiquei três dias recolhendo as informações!

Agora sou eu, quem quase engasga. Perco a fome e largo metade do pastel no pratinho.

— Lascou-se! É isso!

— É isso o quê? — olha para os lados assustada.

— A ficha! Ele vai me demitir.

Natalia se ajeita no banquinho de plástico. Depois coloca a latinha vazia de refrigerante sobre uma mureta que estamos usando como mesa. — Nossa, faz todo o sentido agora! Tipo uma vingança maligna e para despistar, ele me fez levantar quase duas mil fichas. Como não me toquei disso antes?

— Não debochê, Natalia. É sério, poxa.

— Sério são os quilos que ganhei depois de três pasteis!

*Desisto!*

Pagamos os pastéis e voltamos caminhando pela calçada no meio de um formigueiro de gente indo e vindo na rua comercial. Na entrada da garagem, quase somos atropeladas por um SUV prata idêntico ao que foi buscá-lo no sábado. Eu deixo escapar um xingamento. Uma onda de adrenalina explode em mim.

*É ele, eu sei que é ele!*

O carro espera, nos dando passagem, espio de rabo de olho para ver quem está dentro, mas os vidros são muito escuros.

Impossível.



O dia passa arrastado...

A todo momento, meus pensamentos voam para o rosto do Senhor Callas. Aqueles olhos chocolate mel têm me assombrado há dias. Saber que ele está aqui, altera meu humor. Há muito tempo, não ficava ansiosa e com remorso .

*Porcaria!*

*Por que ele não sai da minha cabeça?*

E mesmo ele sendo um troglodita, espero que o machucado esteja melhor. Marcar um rosto impecável como o dele, é judiação. *Mas, nossa! Que pereba foi esta?* Estes mauricinhos são tão cheios de frescura, que não têm resistência nenhuma.

Consigo com muito esforço, terminar o esboço do pátio central de um empreendimento comercial.

Começo a ouvir um alvoroço da sala da minha chefe. Gritos vindo de lá são comuns. Volta e meia, ela pega um pra Cristo. Camila é a mulher

mais egocêntrica, amarga e carregada que conheço. É do tipo de pessoa que inveja tudo que não seja dela, copia o que é dos outros, desmerece o sucesso alheio e ama uma boa humilhação pública. Pensa que só ela é a perfeita e o resto do mundo um lixo... Ego puro. Pelo menos, não faz o tipo que sorri na sua frente e te detona pelas costas, suas críticas são abertas e sua língua venenosa trabalha solta pelos corredores da empresa.

Fico quieta quando a porta abre e Miguel sai de lá, branco. Depois, é a vez de Toshiko, uma projetista chinesinha super gênio, sair irritada.

*Viva eu, que sou a patinho feio do andar!*

Sorte minha, que Camila me ignora e faz questão de me excluir do grupo. No começo, até tentei uma aproximação, mas depois que assisti ao seu primeiro ataque de fúria, preferi ficar no meu canto. Ela compensa a falta de tamanho, no excesso de arrogância. Nossa relação se resume à poucas palavras...

*“ Ok Camila. Para quando quer isto? ”*

Sua cabeça ruiva surge na porta. A cor de suas bochechas está quase do mesmo tom que seus cabelos. O que definitivamente, não combina com o terninho amarelo ovo que está usando e prova sua falta de vida social. Nenhuma amiga verdadeira a deixaria vestir isso. Camila é baixa e corpulenta... E essa combinação de tons não lhe favorece. Ao contrário, fazem a mulher parecer uma galinha.

— Miguel e Toshiko venham comigo! — grita jogando pastas e rolos de projetos na direção de Miguel que por pouco, não derruba tudo no chão. *Megera!* Para em frente à minha porta, seguida por seus súditos constrangidos. Seus olhos de raposa miram-me como se eu fosse um ser infectado por ebola. Há nojo legítimo neles. — Kovac você vem também!

— Eu? — aponto o dedo para o meu peito e estremeço.

— Existe outra Kovac por acaso? Espero que esteja vestindo algo aceitável.

*Vai se ferrar, sua galinha pintadinha!*

*Não tem espelho, não?*

Não revido a provocação, respiro fundo lentamente e sorrio. Eu sempre me arrumo para vir trabalhar. Mesmo quando vou para as obras, procuro estar adequada. Levanto apressada alcançando meu caderno de notas. Miguel me espera na porta, como o cavaleiro que é. Quando passo,

ele sussurra. — Eu te protejo, Princesa. — agradeço com um aceno e entramos no elevador.

Quando ela aperta o 21º, a ansiedade dá um nó no meu estômago.

Só existem duas coisas no último andar, a presidência e um jardim panorâmico. A perspectiva de encontrar com o Senhor Callas faz meu sangue esquentar. Sinto a pele do meu pescoço pinicar. Viro discretamente para o espelho, aproveitando que todos no elevador se ignoraram, fingindo acompanhar a propaganda que passa em um monitor. Droga, tudo menos brotoejas de nervoso. Ajeito a gola tentando esconder os pontos vermelhos. Coloco algumas mechas de cabelo para frente. Agradeço por ter escolhido uma camisa de seda azul clara e uma saia lápis azul marinho. Os scarpins altos são do mesmo tom da saia e me deixam elegante.



## Theo

— Campeão, isso aí ainda está feio. Tem certeza que não quer adiar?

Paro de coçar o queixo e toco a ferida abaixo do olho. Ainda não está cicatrizada, mas com certeza, muito melhor.

— Nada de adiar. Quero a pessoa responsável fora da C&C o quanto antes, Pedro.

Sentado do outro lado da minha mesa, ele apenas consente. Sabe que preciso fazer isso. Quando meto uma coisa na cabeça, não desisto. É minha autoridade que está em jogo e não brinco nos negócios. Nunca. Odeio ser feito de idiota e isto acaba aqui. Pedro é o diretor da filial São Paulo, além de meu melhor amigo e primo. Definitivamente, é meu braço direito e tornou-se indispensável para manter o equilíbrio na administração dos negócios.

Eu coloco fogo e ele apaga. Sempre foi assim. Eu explodo, ele abafa.

Nós dois estivemos trabalhando da minha casa estes dias. Foi até bom ficar afastado, pois a nossa investigação é sigilosa. Analisamos uma tonelada de fichas e orçamentos. Cruzamos dados, orçamentos, projetos e nomes. Fomos buscar reforços com diretor financeiro e depois, a Natalia,



nossa secretária, também entrou no bolo. Ela pode parecer meio doida, mas é um cão farejador. Fuça e descobre tudo o que precisar e o melhor, tem ouvidos em todos os corredores da Callas.

Levanto-me e abotoo o terno cinza claro. Essa cor sempre me traz sorte. Arrumo o nó da gravata de seda azul estampada com losangos. Abro a gaveta e alcanço meu novo brinquedo colocando-o no pescoço.

— Campeão, para que isto? — gargalha. — Está ridículo!

— Passo tempo demais trancado na minha sala. Tenho mais de oito mil funcionários que nunca viram meu rosto. Mas isto vai mudar, pretendo circular e marcar presença. — puxo o cordão ao redor do pescoço. — Isto aqui é meu passaporte.

— Sei ... Demarcar território no 12º andar, eu suponho. — debocha e não digo nada, o bastardo me conhece. — Sabe que seu elevador pessoal lhe dá acesso a tudo, né? — levanta a sobancelha escura. — Qual foi a última vez, que andou em um elevador lotado ou pegou fila em uma catraca?

Sorriso para ele enquanto saímos da sala. — Nunca, primo. Mas, estou ansioso para começar a me aventurar neste território selvagem.

Caminhamos pelo corredor em direção a sala de reuniões. Pedro bate em minhas costas e depois, aperta o meu pescoço. Mais velho que eu quatro anos, ele sempre teve uma postura protetora comigo. O irmão que escolhi para a vida. — Ah, moleque! A tal loirinha terrorista mexeu mesmo com você. Nada como um banho de merda para fazer um homem acordar! Tem certeza, que é uma boa ideia?

*Caralho...*

*Como mexeu!*

Nenhuma mulher jamais, me desafiou ou me tratou de igual para igual como ela. Não consigo tirar aquela caipira pavio curto da cabeça. Minha curiosidade foi atiçada a níveis nucleares e acho que não foi uma boa ideia, olhar os seus arquivos. *Uauuu!* A mulher é um crânio, fez uns projetos realmente bons e é subvalorizada na empresa. E, absolutamente deslumbrante sem toda aquela sujeira na cara.

Respiro fundo, passando a mão no cabelo. — Há dez dias, que não tenho certeza de nada. Minha cabeça deu um nó. — confesso. — Estou muito impressionado. Quando a ver, vai entender. Só que essa é minha, entendeu? Nada de jogar esse seu charme grego ultrapassado para ela.

Ele gargalha e dá um tapa em minha cabeça. — Sabe que se decidisse entrar nesta disputa, não teria a menor chance, né? Sempre fui o mais charmoso da família. — brinca —. Mas relaxe Campeão, já tenho minha morena. Estou fora destas aventuras de escritório. Corro em pista exclusiva agora, game over para mim.

Retribuo o tapa, antes de entrarmos na sala de reunião. — Quem diria, Pedro Callas foi abatido.

— Totalmente. — rimos e ele abre as portas duplas.

Estranho ao ficar subitamente, ansioso e animado.

Pedro entra e em seu habitual modo discreto e começa a cumprimentar os diretores sentados à mesa. Dou uma visão geral na sala e encontro logo, quem me interessa. A Caipira de costas para mim, em pé ao lado do balcão de café. Daqui, tenho uma visão privilegiada dos contornos femininos do seu corpo bonito.

*Gostosa!*

Aquele macacão largo não fez jus ao espetáculo que ela é. Faço uma inspeção a jato, começando pelas panturrilhas valorizadas em um salto alto. *Que bunda é essa?* Redondinha e empinada, bem abaixo de uma cinturinha de bailarina. Os longos cabelos loiros clarinhos estão soltos e limpos. Brilhando e caindo ondulados pelas costas.

*Lindos e longos!*

Agradáveis de se ver.

Nada do que eu pudesse ter imaginado, seria melhor que isso. Deslumbrante para cacete! E, quanto mais olho, mais sexy ela fica. Eu me animo... Muito. E meu amigo dá sinal de vida em minha virilha.

— Callas!

Sou pego desprevenido e obrigado a interromper minha inspeção ao ser notado. Cumprimento o diretor de Marketing, que vem falar comigo. Depois, a intratável da Camila que chega animada. Tento me esquivar de seu abraço de polvo, não consigo. Franzo o nariz ao sentir seu perfume doce e exagerado. — Nossa, Theo, esse machucado está feio, querido.

— Não é nada. — respondo sem a mesma empolgação e por cima de sua cabeça ruiva, espio novamente meu alvo

*Mas que porra é essa?*

Meu estado de animação dá uma guinada de 180° graus . Ainda parado na porta, assisto a cena à minha frente, com o olhar gelado. Um

bastardo que não tem noção do perigo, coloca a mão no ombro da Caipira... Ela parece nervosa e deslocada. Depois, o idiota engomadinho serve uma xícara de café, oferece e Nina aceita *sor-rin-do* !

Minha mente brilhante relembra pela milésima vez, cada uma das expressões de Nina, no dia da mangueirada... Medo, nervosismo, sarcasmo, raiva, indiferença, mal-estar... Até um pouco de ódio. *Merda* ! Um aperto no peito se instala, mas não sei bem o que é. Algo que beira a raiva ou talvez indignação. Tudo bem, que posso ter sido um tanto cretino, mas... Por que este babaca merece suas gentilezas, quando eu só recebi patadas?

*Maldição!*

Livro-me dos braços de Camila, fechando a porta, não tão delicadamente. — Boa tarde, senhores. Desculpem-me interromper o chá das cinco, mas foram convocados para uma reunião. — um alvoroço se forma. — Não para uma confraternização da firma. — lembro em alto e bom tom.

*Foda-se!*



## Nina

*Essa voz braba!*

O susto faz minha mão tremer e derrubar café na camisa. *Maravilha!* Tinha conseguido manter o controle até agora, as respirações de Yoga nunca falham. Morrendo de vontade de olhar seu rosto bonito novamente, não me contenho e viro. Encontro o Senhor Callas parado na outra ponta, da extensa e cara mesa de reuniões, os braços dele estão cruzados acima do peito grandioso. Ele mantém o foco em mim e seu olhar não é nada simpático.

Cerro os olhos devolvendo a recepção calorosa.

Por entre os meus cílios, focalizo o machucado avermelhado em seu rosto. Fico dividida entre o *coitado e o bem feito*. Estou com pena, mas irritada por ele ficar malditamente atraente nesta porcaria de terno. Não queria reparar, mas reparo como o modelo claro de corte italiano valoriza os músculos de seu corpo atlético. É lógico que o cretino tinha que ser do tipo que fica bem em qualquer coisa.

*Deus, ele não pode ser tão perfeito assim!*

*Tem que ter algum defeito...*

*Ah!*

Seguro a risada quando vejo o crachá pendurado.

*Sexy, mas babaca!*

*Uiiii! Gelaaado!*

Olho para baixo, ao sentir algo úmido e frio em minha barriga. — Hã... Hum... Deixê, Miguel. Não precisa. — peço sem jeito, afastando o lenço molhado que meu colega esfrega em meu estômago.

Um som rouco vem da direção do Senhor Callas.

— Se preferirem, podemos sair da sala e deixá-los mais à vontade? — oferece em tom debochado. Alguns puxa sacos riem, achando que é piadinha.

*Que babaca!*

É claro que ele tinha que se vingar na frente de todos.

— Não será preciso, Senhor Callas. — sorrio cínica, mas aliviada por minha voz não tremer e me apresso em sentar ao lado de Toshiko. — Miguel só estava sendo educado, mas não espero que compreenda este tipo de atitude.

Solto a pérola, antes de escutar o cala boca gritado pela minha consciência.

*Droga, que é agora, que eu me lasco!*

Uma risada abafada, vem de Pedro e um: — *Nina, não me envergonhe!* — é sussurrado por Camila.

Minhas bochechas esquentam e procuro me redimir mesmo que ele não mereça. — Me desculpem. — murmuro sentindo meu rosto queimar ainda mais e me aprumo na cadeira. Afundo a cabeça na mesa, fingindo um súbito interesse por meu bloco de anotações. Fazer contato visual com o Senhor Callas ou Camila, não é a melhor opção no momento. Miguel também se desculpa com todos e ocupa o outro lugar ao meu lado.

— Perfeito, aproveitando que já tomaram seus lugares, acredito que podemos começar. — Pedro diz em um tom leve e brincalhão. — Posso fazer a introdução, Theo?

— Vá em frente. — rosna.

*Tá vendo!*

*Pra que tudo isso?*

*Tão lindo e tão grosso.*

Posso sentir seus olhos fixos em mim, ao encostar na parede do outro lado da sala. Arrisco uma espiadela e ele está com a mão no queixo, coçando a barba. Parece um lobo mau escolhendo a melhor forma de acabar com a chapeuzinho. Preocupo-me... E se ele for do tipo cruel, como a Camila? Será que este homem decidiu, que é mais divertido me atormentar do que demitir?

Sinto minhas brotoejas pipocarem.

Um imenso telão desce e as luzes se apagam. Suspiro aliviada pela interrupção do contato visual.

Durante mais de uma hora, Pedro e Callas dividem-se em um discurso interminável sobre metas da empresa, normas e éticas operacionais. E finalmente, descubro o motivo de estarmos aqui. Um alívio me toma... Nada de demissão, por enquanto. Só os nossos departamentos que estão entre os três com maior índice de rejeição e reclamações: Infraestrutura, Projetos e Paisagismo, e Acabamento. 10º, 12º e 19º andares, respectivamente. As benditas duas mil fichas que Natalia levantou.

As luzes se acendem e o cansaço, e a preocupação são visíveis nos rostos de todos.

— Bom... Acho que a apresentação foi bastante clara. — Callas se adianta. — Erros não serão mais tolerados. Os diretores dos setores continuarão em suas lideranças, mas passarão a ter supervisão direta, minha e de Pedro. Mais uma coisa. — inclina-se sobre a mesa e pelo telefone central, pede que Natalia traga uns documentos.

As pessoas aproveitam o intervalo para tomar uma água e esticar as pernas. Camila vai direto para Callas e Pedro. Eu permaneço sentada... Foram tantas informações despejadas, que meu cérebro está em parafuso. Ver a forma direta e profissional com a qual Callas conduziu a reunião, até tirou meu foco de nossas questões pessoais. De repente, tudo pareceu minúsculo diante da magnitude deste homem dando duro por sua empresa. Ele pode ser o homem mais babaca e mal-educado que conheci, mas deu um show de competência e domínio de seu negócio.

Não tinha noção do rojão que é comandar um império deste tamanho. Fico tão presa em meu mundinho, que nunca parei para pensar na responsabilidade que homens como ele carregam sobre os ombros. Mais de oito mil famílias à mercê do sucesso ou fracasso de sua empresa.

*Nem em sonho, eu teria nervos para tudo isso!*

Fim do intervalo...

Pastas sobre a mesa.

Agora, quem toma frente é Pedro. — No primeiro documento, irão encontrar a listagem de clientes que desejamos ter em nosso portfólio. Líderes de setor concentrem-se em trazê-los para nós. Neste segundo, o detalhamento de todas as obras que precisam ser revistas. Os orçamentos estão um verdadeiro desastre.

Repasso atentamente os documentos quando meus olhos estacionam em uma listagem de materiais, especificações e preços que eu mesma fiz, para a concorrência do Shopping Diamond.

*Porcaria! Que lasqueira é essa?*

*Não é possível eu ter errado desse jeito.*

Alcanço um lápis na mesa e começo a refazer alguns cálculos. Não, esse não é o documento que eu fiz, ou é? Isso que dá, ficar com a cabeça no dono da empresa, em vez de me concentrar no que sou paga para fazer.

— Algum problema, Senhorita Kovac? — a voz forte do Senhor Callas me puxa do transe matemático.

— Hum... O quê? — tiro os olhos da planilha e todos na mesa estão atentos em mim.

*Droga!*

Devo ter parecido uma louca obsessiva refazendo as contas.

— Kovac, o Theo quer saber se há algum problema?

Olho para Camila e seu tom soa acusatório. Incomoda-me a intimidade com a qual pronuncia o nome Theo. Um arrepio percorre a minha coluna, há algo em seu olhar que faz todos os meus alertas máximos de perigo acenderem.

*Sim, há um problema!*

— Então, Senhorita Kovac?

Estranho o tom quase suave do Senhor Callas. Nossos olhares se cruzam e ele parece querer ler através de mim.

*Nossa, esse terno cinza, com a gravata azul, ficou muito bom.*

*Lindo!*



## Theo

Liderar desperta em você dons especiais. Ler pessoas é um deles. Nina foi de relaxada para tensa, igual ao dia em que nos conhecemos. Seus olhos perderam o tom verde maçã e estão escuros e azulados. Não deveria, mas reparo também, em uma leve porção de sardas em seu nariz arrebitado e em como sua pele clarinha tem uma aparência cheia de frescor. Noto também, que pequenas manchas vermelhas brotam em seu pescoço.

*Nesse mato tem cachorro!*

Fico em alerta.

Ergo uma sobancelha esperando sua resposta, ela engole a seco. Seus olhos arregalados querem me dizer algo, mas há dúvida neles. *Louco isso!* É como se existisse algum tipo de sintonia maluca, que me faz compreendê-la mesmo sem palavras.

Acho que são os olhos, só podem ser eles... Tão cristalinos. Com certeza, é do tipo em quem se pode confiar. Nem se quisesse, ela daria uma boa mentirosa.

*Linda!*

— É que ...

— Kovac! — Camila a interrompe. — Se o trabalho está errado, simplesmente assumo! — berra arrancando a planilha de sua mão.

Os olhos lindos de Nina piscam lentamente e sua boca apertada em uma tentativa evidente de manter o controle.

*Respira, Caipira...*

*Se controla, bocudinha...*

*Isso, não estrague as coisas!*

*Respira!*

Meu corpo tensiona em sintonia com o dela. O modo como Camila tratou a Nina me incomoda e muito... Sinto-me péssimo e minha irritação vem à tona. Começo a pensar que o apelido de Vaca, que circula entre os corredores, lhe cai bem. Não gosto da ideia da Caipira perto dela. A loirinha se faz de durona, mas seu olhar é de uma delicadeza comovente. Fico impelido em defendê-la.

— Camila, EU faço as perguntas, não você! — informo ríspido. — Mantenha-se quieta e não levante a voz para a Kovac nunca mais, está

entendendo? Não admito que trate meus funcionários desta maneira. Eu estou no comando, não você!

— Mas, Theo! Só estou...tentando ajud...

— Senhor Callas, nunca Theo. — interrompo-a. — Não me interessa o que está tentando. Minha questão é com a Kovac, não nos interrompa mais.

As narinas de Camila dilatam e sua cabeça balança concordando

— Kovac, querida. — Pedro toca meu ombro intervindo. — Tem alguma coisa que deseja dividir com o grupo?

*Pedro tem um timing impressionante para entrar na hora certa e acalmar os ânimos.*

Nina foca em Pedro, desvia para mim e por fim, para Camila. Posso sentir sua cabecinha linda maquinando algo. Cruzo os braços esperando para ver. — Não chefa. — diz com firmeza. — Estava apenas checando os números... É só uma mania exagerada que eu tenho. — sorri e olha para mim novamente. — Tudo está *exatamênte* como repassou para o cliente. Fique tranquila, não há nada de errado com o meu trabalho.

*Como a Caipira é astuta!*

Fala tudo sem nenhum sarcasmo ou nervosismo. Apenas esclarece os fatos e pontua as autorias. Fisgo a dica no “ *exatamente* “que sai marcado em seu sotaque sulista.

Pela forma rígida como Camila prostra-se na cadeira, a tranquilidade de Kovac a deixou surpresa. Contrariada, sua boca endurece ao me fixar e depois sorrir dissimulada — Bem, se é o que diz. Sugiro que controle seus acessos de toque da próxima vez.

*Pronto!*

O rosto lindo da Caipira contrai e é visível a batalha que trava para manter a boca fechada e não revidar . *E que boca!* Perco o foco, fascinado com os seus contornos delicados e suculentos... O lábio superior é cheio e o inferior mais cheio ainda. Desses perfeitos para morder e chupar.

*Tentação da porra!*

Vejo-a soltar o ar e sigo o exemplo.

Isso , *controle, Bocudinha!*

Kovac respira fundo, mas seus olhos pegam fogo, a boca faz menção de abrir. Fico preocupado, ela parece estar prestes a soltar alguma barbaridade.



— Acabamos por aqui! — corto antes, para evitar o pior e Pedro fica sem entender.

Quando todos se levantam apressados, uma ideia me vem à cabeça. — Não! Camila fica. Os demais estão dispensados... Aproveitem o tempo extra e por favor, limpem suas mesas! Organização previne erros. Descartem o que não é necessário e mantenham seguro o que é importante.

# Quatro



## Nina

**S** aio intrigada e apressada da reunião, evitando me estender nas despedidas. Talvez seja coisa da minha cabeça, mas posso apostar que o Senhor Callas está segurando a Camila de propósito. Isto me confunde... Ele me deu exatamente o que eu mais preciso... Tempo.

Furo a fila do elevador.

A etiqueta pede que diretores tenham preferência para embarcar. *Dane-se!* Eu me espremo e me infiltro junto com eles... Deixo Miguel e Toshiko boquiabertos de lado de fora... Que frescura, na minha etiqueta a urgência tem prioridade.

Tento jogar um sorriso de desculpas sem muito sucesso. Então, ignoro os olhares repreensivos de alguns engravatados ao meu redor. Fixo meus olhos no sensor e ansiosa, bato os saltos no piso de mármore, como se o poder da minha mente pudesse acelerar o elevador ... 20°... 19° ... Meu coração está na boca. A porta abre.

— Ótima postura na reunião. Mantenha-se firme, menina. — um diretor sussurra ao sair.

— Obrigada, Senhor. Pode deixar... — sussurro em resposta.

A porta fecha... Essa simples troca palavras me dá ânimo... 18° ... 13°... 12°...

*Abriu!*

Lanço-me no corredor e corro como um foguete em direção à minha sala.

Em cinco minutos, tenho tudo que preciso muito bem escondido. Sorrio orgulhosa por ser tão organizada. Respiro aliviada quando ouço a porta do elevador abrir e as vozes de Miguel e Toshiko ecoarem no corredor.

— Deus, Nina. O que foi aquilo na reunião? Tinha alguma coisa errada com a planilha, não tinha? Parecia uma doida refazendo os cálculos. É bom ir se preparando porque agora, você está na mira da Camila. Não devia ter peitado a Vaca daquele jeito. — Miguel entra preocupado ocupando quase toda a sala.

— Eu não peitei ninguém, só me defendi. — retruco e continuo a organizar uma pilha de projetos. — Não havia nada de errado com os números. — minto.

— Nina! Viu como o Todo Poderoso te defendeu? — Toshiko grita, surgindo por trás de Miguel. — Vocês já se conheciam? Ele é lindo, né? Ai que sorte a sua... A secretaria do 5 ° andar disse que o homem é deste tamanho... — os pequenos olhos chineses se arregalam, enquanto mostra com as mãos o tamanho anunciado.

Sorrio do exagero dela e da mudança brusca de assunto. Quem diria... Não sabia que essa chinesinha com cara de santa, é uma tarada. Miguel revira os olhos em puro desgosto. — Qual é, Toshiko! O cara é o quê? Um cavalo?

Engasgo com a lembrança do pacotão do chefe naquele jeans molhado. Cavalo é exagero, mas que parecia ser bem-dotado, parecia.

— Qual o problema, Miguel? Só estou repetindo o que eu ouvi. — dá de ombros e aproxima-se de mim. — Tem muita mulher aqui no escritório que jura que já viu. Você já viu, Nina? É imenso, não é? Vai confessa logo, a fofoca que rola por aí, é que a cada hora, o chefão traça uma.

— Ai, que horror, Toshiko! E eu lá sou tecido para ser traçada por alguém? É claro que não vi!

— Que pena! Estou louca para ver, não vou mentir! — coloca a mão minúscula na boca e depois, solta uma gargalhada perversa.

Palmas vindo do corredor interrompem a nossa animação. — O que estão fazendo de conversinha? Já não basta a vergonha que me fizeram passar?

Miguel dá um salto para o lado, revelando o corpo gorducho e amarelo de Camila parado na porta.

*Pronto!*

Só faltava a Vaca bruxa para completar a tarde do terror. Por instinto, uno minhas coxas, pressionando-as bem juntinhas. — Estamos falando sobre a concorrência do Shopping, só isto. Discutindo o que podemos fazer para atingir as metas propostas na reunião. — disfarço e vejo alívio nos rostos dos meus dois companheiros de trabalho.

— Isto não é mais responsabilidade sua. — anuncia com prazer entrando na sala minúscula.

*Uh o quê?*

Perco o chão.

Observo a chefe começar a revirar a minha mesa recolhendo várias pastas e anotações. Miguel e Toshiko aproveitam a deixa e saem de fininho. — Desculpe, Camila, mas não entendi. — esforço-me, mas não consigo evitar que minha voz falhe.

— Não entendeu, porque além de petulante, é burra. Não me admira que o Theo tenha percebido sua falta de preparo. É tão evidente! — revira os olhos dramaticamente. — Ele a quer afastada dos projetos. Daqui para a frente, vai acompanhar as obras. — para tomando fôlego e eu caio sentada na cadeira...

*O quê?*

*Como fui ingênua.*

*Ele é cruel!*

Aperto a beirada da mesa estupefata. Meu coração contorce em angústia. Uma demissão teria doído menos que um rebaixamento.

Camila corre as unhas no tampo da mesa chamando minha atenção. — O que achei um absurdo, evidentemente!

Uma ponta de esperança nasce. — Achou? Mesmo? — sussurro.

Ela nem escuta, pois voltou a ocupar-se vasculhando cada centímetro da sala. — Sabe, não te pago uma fortuna para ficar zanzando por ai! — quero rir e chorar do que ela chama de fortuna, mas me contenho. — Preciso de gente de confiança ao meu lado, não de uma incompetente. As visitas às obras não ocuparão nem um terço do seu dia! Vai ficar fazendo o quê? As unhas? Melhor seria demiti-la logo!

Congelo.

Estou mortificada e... Re-bai-xa-da.

— Uma pena Theo ter aceitado a sugestão do chato do Pedro. —  
bufa.

Levanto a cabeça — Sugestão?

— Nas horas livres, vai ajudar a assistente deles.

— Natalia? — fico confusa.

— E tem outra assistente por acaso? Sim a Natalia! Deve ser outra incompetente por precisar de ajuda com uma função tão básica. Não me admira que vocês vivam para cima e para baixo. Os iguais se reconhecem, Nina! Agora suma da minha frente, está dispensada por hoje. — enxota-me sacudindo a mão de garras vermelhas, não me movo. — Eu disse xô! Já te aturei demais! A sua petulância na reunião está engasgada na minha garganta até agora.

Fico calada.

Estou cansada e chateada demais para qualquer revide. Meus olhos enchem d'água, enquanto a assisto sair da sala cheia de pastas, anotações e arrogância. Aperto o alto do nariz evitando o choro. Respiro fundo e me ponho a pensar.

*Ai, Senhor estou tão lascada!*

Sem alternativa, pego a bolsa e vou embora...

Atravesso o salão térreo... Mal percebo que já está escuro. As pessoas passam por mim como um borrão. *Barbaridade, que homem cruel!* Penso em todas as possibilidades, até nas inimagináveis... De me desculpar com o Senhor Callas a vender balas no farol. E não vejo outra alternativa a não ser pedir demissão. Não por orgulho, nada disto... Só que humilhação tem limite e jurei nunca mais permitir isto. Na pior das hipóteses, volto para a minha terra, mas não vou deixar que ninguém pise assim em mim.

— Senhorita Kovac?

Uma voz que nunca ouvi me chama quando saio do prédio... Eu tremo por dentro e olho na direção do bendito homem...

*Jesus!*

Parece o Mike Tyson de terno.

— É a Senhorita Kovac? — sua voz é tão serena, quanto seus olhos negros.

Assinto com a cabeça.

Ele sorri satisfeito.

— Venha comigo, por favor. O chefe quer vê-la.

Meus olhos arregalam...

*Uh, o quê?*

O que diabos ele quer comigo? Não... A última coisa que desejo é vê-lo. Minha cabeça acompanha meus pensamentos e começa a balançar de um lado para o outro, em um não exagerado. Os olhos do Senhor Parede estreitam e ele ri.

— Bem que o Senhor Callas disse que recusaria.

— E... a-a-acertou. — minha língua trava. — Eu... Eu não vou.

Ele me olha de cima a baixo, talvez analisando a minha força e peso. Depois, sorri amigavelmente. — Vamos lá, Senhorita. Venha comigo. Recusar não é uma opção.

— Se eu recusar, vai me levar à força?

— Não. — sorri grandão desta vez, e suspiro aliviada — Mas vou ficar aqui insistindo, até que me acompanhe. Como eu disse, recusar não é uma opção.

Seguro firme a alça da minha bolsa olhando para os lados. O jardim de descanso está cheio de gente. Alguns sentados conversando alegremente, outros em pé fumando. O espelho d'água reflete o Callas Corporation iluminado na faixa do prédio. Solto um suspiro profundo, nem correr eu consigo. Não com saltos deste tamanho. Maldição, eu deveria ter trocado os sapatos.

— Eu o acompanho com uma condição. — rendo-me por fim.

— E qual seria?

— Se eu matar seu chefe, você testemunha ao meu favor nos tribunais.

O grandão faz um pequeno aceno com a cabeça e diz. — Fechado.

Sou escoltada pelo homem de volta para o prédio, percebo alguns olhares curiosos ao entramos no corredor privativo que dá acesso a um único elevador. O segurança aciona a geringonça com a impressão digital...

*Pois é, o Senhor Cruel não precisa de um crachá .*

Constato o óbvio e ficamos em silêncio enquanto subimos para a cobertura. Minha raiva, curiosidade e ansiedade estão a mil, mas não arrisco perguntar o que o chefe quer comigo.... 21º. A luz pisca e a porta dupla de aço escovado abre.

— Pode sair, Senhorita.

— Não vai entrar comigo. — grudo na parede do elevador.

— Receio que não. — sussurra. — Mas estarei na recepção. Basta um grito chamando meu nome e virei resgatá-la, combinado? Eu sou o Mike. — estende a mão e minhas sobranceiras enrugam. — Meu nome é Denewilson, mas gosto de Mike.

Concordo com ele e o cumprimento.

— Eu sou a Nina. Promete?

— Palavra de honra, Senhorita Nina.

Acredito nele, solto sua mãozona áspera e lentamente, saio do elevador que se fecha em minhas costas.

*Uauuuu!*

Estou na maior sala que já vi na vida. Devem caber umas vinte da minha aqui dentro. Observo com curiosidade. É um escritório bem masculino e minimalista. Nada das paredes de vidro que dão vista para a cidade. As que tem aqui, se abrem para um jardim no terraço.

Notar que estou sozinha me acalma. Há um cheiro masculino e delicioso no ar. Fecho os olhos sentindo o aroma. *Humm... Muito bom*. Meio selvagem e exótico.

Dou alguns passos examinando o lugar. Na parede oposta ao elevador, há uma mesa de trabalho. Moderna e ampla, com uma confortável cadeira do diretor, em couro preto, atrás dela... Outras duas poltronas à frente.

*Básico, mas ostenta um certo ar de poder classudo como o dono.*

Tudo aqui ou é em couro preto ou em aço escovado. Seria até tedioso se não fosse pelo mosaico incrível e elaborado que domina a parede. Reconheço o símbolo impresso em nossos cartões de visita. Mais grego impossível. Um olho gigantesco que parece tomar conta do lugar com sua presença onipresente. Seus tons de azuis são iguais aos da gravata que o Senhor Callas usava na reunião. Há um Callas Corp. aplicado bem no meio.

*Lindo.*

Admiro a obra de arte por alguns segundos, antes de continuar a inspeção. Perto da saída do terraço, há uma mesa de reuniões para umas dez pessoas. Do outro lado, vejo um conjunto de sofá e poltronas voltados para a televisão de tela plana, reviro os olhos... *Homens!* Aposto que assistem a vários jogos ou a pornô. Um bar... *Típico!* Uma estante que ocupa metade

de uma das paredes brancas, abarrotada de livros, filmes e porta-retratos. *Não disse!*

Fico curiosa e me aproximo.

*Amooo porta-retratos!*

Passo o dedo pela prateleira examinando cada um deles. Há várias fotos do Senhor Callas... Com amigos, praticando esportes... Não é à toa que parece tão em forma. *Eitaaaa!* Vestido de piloto ... *Uau! Meu Jesus Cristinho!* O homem fica sexy em um destes macacões. Outra foto chama minha atenção. Alcanço o porta-retratos e examino. Com certeza esse deve ser o Senhor Callas pai. Os dois são muito parecidos, os mesmos olhos chocolate mel e o rosto de beleza masculina e marcante. Descarto a foto e pego outra onde ele, bem mais jovem, está abraçado a uma morena linda.

Lembro da mulher do café, tão linda quanto essa, mas não são a mesma. Pelo jeito, o chefão curte uma morena.

— Minha irmã. — uma voz baixa e grossa juntinho do meu pescoço me arrepia todinha. Dou um salto e deixo cair o porta-retratos.

— Que susto! — viro assustada.

— Desculpe. — diz sem graça.

Deus, você é tão injusto! Por que lhe dar essa voz? Do tipo que a gente só ouve em nossas fantasias... Profunda e sexy. Respiro fundo tentando me acalmar. Ele está tão próximo, que sou golpeada por seu cheiro amadeirado e rústico. Nossa que gostoso, muito gostoso de sentir.

O encaro brava. Mais aí, vejo seu rosto machucado, tudo fica confuso e me comovo. Quero tocá-lo e dar um beijinho para sarar. Que inferno, ele é ainda mais bonito de pertinho. Eu esquento com os pensamentos totalmente fora de hora. Em seguida, aborreço-me pois, a cada segundo, o acho mais atraente e viril.

*Diacho!*

Então me armo...

— Já não basta tudo que me fez, quer me matar do coração? — abaixo rapidamente para fugir do contato e pegar o objeto quebrado.

— Deixe este troço aí, depois alguém limpa. — segura-me pelos braços puxando-me gentilmente para cima. Ficamos cara a cara. Uma carranca pesa em seu rosto e ele suspira profundamente. — Precisamos conversar, Kovac.



Meu corpo fica tenso, a proximidade me perturba. — Conversar? — gaguejo confusa tentando me desvencilhar, meu coração começa a bater forte no peito. E o calor de suas mãos queima através do tecido fino de minha camisa chegando até minha pele.

Que diacho ele acha que está fazendo? Sua atitude não é nada profissional. Chefes não seguram funcionárias assim. Minha consciência grita para tentar me soltar com mais vontade, exigir que nunca mais me toque. E fico assustada com a minha reação descabida de querer ficar mais junto ainda.

— Começamos errado. Deixe-me consertar as coisas.

*Errado! Sim!*

*Muito errado, seu imbecil!*

*Você me rebaixou!*

Livro-me de seu aperto e tropeço para longe... Vou parar perto da porta de saída.

— Consertar o quê? Já fui humilhada o suficiente por hoje. Que me demitisse, mas não me rebaixasse, foi cruel!

— O quê? Demitir por quê? Eu não te rebaixei. — parece confuso. — De onde tirou esta merda?

— Ah! De onde eu tirei? Tem certeza que deseja ir por este caminho, Senhor Callas? Que é um mauricinho arrogante eu já sei, mas um cínico... Ah! — rio histérica. — Esta é nova para mim. Deus, a coisa só piora. Não devia ter vindo aqui. — tento girar a maçaneta, mas está trancada. — Ou abre esta porcaria já ou começo a gritar.

— Não abro. Precisamos conversar... Não pode jogar um monte de merda na minha cara e fugir.

— Não estou fugindo. — corro para o elevador.

— Ah, não? E isso, é o quê? — aponta para mim que pateticamente começo a apertar o botão do elevador.

— Isso é repulsa, Senhor Callas. E um pedido de demissão. — digo sem pensar. — Não vou permitir que me humilhe. É assim tão vingativo? O que aconteceu aquele dia foi um acidente, Caramba! Desculpe-me por seu rosto, tá bom?!



## Theo

*Repulsa?*

Fico irritado de verdade e perco a paciência. Repulsa é pesado demais!

— Dá para fechar esta matraca um segundo e me escutar? — berro, ela paralisa, seus olhos arregalam cinco números e o queixo cai. — Que tipo de homem acha que eu sou?

— Cruel. — sussurra.

*Cruel? Eu?*

Isto me quebra e me enerva.

Caminho até ela, agarrando sua mão. — Vem cá! Agora vai me ouvir nem que seja a última coisa que eu faça! E se não gostar, me processe, porra! — berro novamente.

A reboco pela sala e a coloco sentada no sofá. Fico parado em pé, à sua frente.

*Merda, sei que perdi as estribeiras, mas não lido nada bem com frustrações .*

Não era assim que eu havia imaginado essa conversa. Sinto-me contrariado e muito, muito puto. Olho para o teto esfregando as mãos no rosto. Respiro fundo tentando recobrar o meu domínio. Afrouxo o nó da gravata, preciso de ar. *Cacete!* Por que isso é tão complicado para mim? Inspiro e expiro várias vezes e encaro a Caipira. Sua atenção é total em mim, como se esperasse um outro ataque de fúria a qualquer momento.

*Maldição!*

Levanto o dedo pedindo mais um minuto, pressiono o nariz fechando os olhos.

*Calma... Calma... Calma...*

Quando sinto que tenho o controle de volta, respiro e volto-me para ela. — Kovac... Eu não queria me exaltar só que... Às vezes, as coisas fogem do meu ...

— Controle? Percebi... — interrompe suavemente com um tom de sua voz melódico e doce. Ainda, sei que não passa de um mecanismo de defesa. Ele age como um domador experiente tentando acalmar a fera. — Só respire fundo e se acalme, ok? Eu também estou bem nervosa aqui. — observa-me com cautela. Em seguida, começa a inspirar e expirar algumas

vezes, incentivando-me a fazer o mesmo... Sei lá porquê... Eu faço o que sugere e ela sorri. Ficamos assim por uns segundos, nos olhando e respirando em sincronia. Não sei como ela faz isto, mas funciona. — Bom, né? Sempre faço isto... É Yoga. Agora sente-se. Eu vou ouvir o que tem a dizer.

Olho desconfiado com a mudança de atitude dela. No mínimo, deve estar pensando que sou um louco descontrolado. Não a condeno... É exatamente, o que eu sou às vezes.

Sento ao seu lado, mantendo uma distância segura. Foco em seu rosto delicado, apesar de meus olhos estarem loucos para explorar seus seios mais que decentes. — Me desculpe, Kovac. Acho que você me tira do sério.

— Pois é, então acho que provocamos o mesmo efeito um no outro. — tenta brincar, em seguida morde o lábio apreensiva. Respira outra vez lentamente e continua. — Estou aqui como pediu, Senhor Callas. Explique-se. Por que me afastou dos projetos e quer que eu exerça uma função que não é minha?

Fico aliviado quando percebo nuances verdes maçã em seus olhos. Decido pegar leve e explicar o mal-entendido da melhor maneira. — Nos conhecemos de forma desastrosa é verdade. Quase me capou, me cegou e por fim, me atacou com sua bomba química de merda de galinha. Nos ofendemos um bocado aquele dia. Mas no fundo... Depois que a dor e raiva passaram, achei até engraçado e instigante. Jamais a retaliaria por isso. Posso ser muitas coisas, Kovac, mas não sou cruel e muito menos cínico.

— Engraçado e instigante? Foi isto mesmo que achou? Não pareceu nem um pouquinho. — franze a boca duvidando de minhas palavras.

— Lógico, nos atacamos como dois loucos sem ao menos nos conhecer. E ainda me tratou de igual para igual, poucas pessoas fazem isto. A maioria, vive puxando meu saco. Você me surpreendeu.

— Talvez só esteja andando com as pessoas erradas. — provoca.

— É bem possível. — sorrio sem vontade. — O fato é que fiquei impressionado com sua postura. E hoje na reunião, tive a certeza que posso confiar em você. É uma pessoa muito transparente, Kovac. Conseguimos nos comunicar sem trocar uma palavra. Foi inteligente em se controlar e evitar um confronto maior.

— E aí, resolve valorizar minha inteligência me tirando dos projetos? Simples assim, sem ao menos, me alertar ou perguntar minha opinião? Tem noção de como ferrou com a minha vida? Isso era tudo o que Camila precisava para afundar as garras em mim.

— Minha intenção foi proteger, jamais ferrar. Foi uma decisão estratégica de última hora. — procuro me defender. — Não tive tempo para avisos ou conversas. Viu o jeito que ela gritou com você? Camila não presta, ficará melhor longe dela.

Um rastro de deboche surge em seu rosto e isto me intriga.

— Vi... E garanto que não foi pior que o seu.

*Merda! Belo ponto! Outra jatada na cara doeria menos.*

Coço a barba em um tique nervoso. — Eu sei que não justifica, mas ando sobrecarregado. Às vezes não respondo bem quando fico nervoso ou sou contrariado. Gritar desta maneira foi imperdoável.

Ela concorda e não sei se é com minha justificativa ou com o imperdoável.

Não pergunto. Passo a mão no cabelo para controlar meu gênio. — Estou de olho em Camila há algum tempo. — continuo no tom mais suave que consigo. — Ética não faz parte de seu vocabulário. Te colocou em uma armadilha, sabe disto e ela não é burra. Assim como eu, sabe que notou algo errado.

— Estou bem ciente que ela percebeu, Senhor Callas. Aqueles números estão claramente superfaturados e minha assinatura não deveria estar ali.

— Sabemos disto, ela vem fazendo vista grossa há algum tempo. Só que é esperta o suficiente, para seu nome não aparecer em nada... Não posso demiti-la com suposições e também não posso deixar um projeto tão importante como o Shopping Diamond sob sua responsabilidade. É aí que você entra. E para isto, precisei fazer Camila pensar que você é carta fora do baralho.

— Mas, em que exatamente eu entro? Vai me usar como isca?

— Claro que não! Vai entrar em uma nova equipe para a concorrência do Shopping. O projeto de Camila não será apresentado, vamos desenvolver outro em paralelo. Mas, ninguém sabe disto além dos envolvidos e todos são de minha total confiança. Faltava um profissional da sua área. Porém, preciso que Camila acredite que ainda está no topo da

jogada. E quero você comigo nessa, vi seus trabalhos é uma excelente projetista e paisagista, Kovac.

— Você faz parte desta equipe?

Confirmo e vejo seu rosto corar. Ela é linda e fica deslumbrante à medida que seu rosto fica mais e mais vermelho. Chega a ser adorável.

— Isto não vai funcionar. Nós não daríamos certo trabalhando juntos, Senhor Callas.

— Por que não? — sinto-me ofendido. — Já disse que confio em você. — insisto.

Seu pequeno nariz bonito contorce e seus olhos furta-cor, tão incomuns, voltam aos tons azulados. É fascinante como todas as suas emoções se extravasam por eles.

Sou tomado pelo respeito e começo a me sentir um bastardo quando lembro das minhas intenções iniciais. A Caipira é adorável demais para ser fodida e largada. Não definitivamente, ela não é o tipo que se envolveria em uma aventura fugaz com um desconhecido. Conheço muito bem este tipo de mulher para afirmar que ela não é uma delas.

— Confiança não basta. Não percebe? — arqueia as sobrelhas loirinhas. — Só faltamos nos matar quando estamos juntos. Está certo quando diz que eu o tiro do sério. E a recíproca é verdadeira. Sei que a causa é nobre e fico honrada por ter considerado meu nome. Mas, não vai dar certo. — balança a cabeça efusivamente. — Hoje eu relevei suas grosserias, porque também me excedi. Meu pavio não é dos mais longos... Mas isso não quer dizer que vá permitir que seja mal-educado ou grosso comigo novamente.

Ela está certa, me comportei como um troglodita. Odiei ver o babaca engomadinho tocá-la. Passei dos limites já na largada. *Sou um imbecil!* Não quero que peça demissão e muito menos, recuse o trabalho. Kovac parece ferida com toda esta confusão e não precisa que eu seja ainda mais idiota. A última coisa que eu quero, é que sinta medo de mim. Não sou um monstro, mas sei que sou um cara grande e posso parecer assustador quando perco as rédeas. Embalado pelo cruel, que não sai da minha cabeça, tento dar algo de concreto para Kovac.

— Eu não serei grosso de novo. Prometo que vou me controlar.

Ela me avalia incrédula e até eu começo a duvidar da minha promessa depois do show de descontrole que ofereci. Então reconsidero e

procuro ser mais realista...

— Está certa. Vou tentar me controlar e se achar que estou extrapolando me diga. Peça-me para fazer aquela respiração esquisita... Me acalmei de verdade. — ela sorri e eu me derreto. — Só aceite a proposta, ok? Se não quiser fazer por mim, faça porque é o certo. Pense nas consequências desastrosas de um projeto mal elaborado. Não é só pelo dinheiro, pessoas podem morrer, Kovac. Não podemos ser coniventes. Vai simplesmente virar as costas e ignorar? Pegou suas anotações?



## Nina

Droga, fico balançada com ele falando deste jeito... Sua sinceridade chega a ser fofa. Adorei essa coisa de respiração esquisita coletiva. Foi legal da parte dele ter feito aquilo, me senti mais calma também.

— E então?

E então que a curiosidade me toma.

— Como soube que eu as pegaria? Foi por isso que segurou a Camila?

Ele sorri de um jeito genuíno, nada forçado. *Nossa que bonito!* — Palpite... Era o que eu faria em seu lugar. Só quis lhe garantir uma vantagem justa. E se eu fosse a Camila... Daria um jeito de me livrar de tudo que me comprometesse... Fiz apenas o óbvio.

Que ele é inteligente já tinha percebido na apresentação, pareceu ser do tipo que não deixa nada escapar e trata os negócios com seriedade. O que é incomum para um cara que não parece ter mais que trinta anos. Mas o que me deixa encantada é descobrir que o senhor Perfeito é recheado de imperfeições e não tem problema em assumi-las.

Minha muralha de gelo derrete um pouquinho. Agora que passamos um tempinho juntos sem nos agredir, percebo que é até fascinante. De repente, já não o acho assim tão mauricinho cretino. E a verdade seja dita, que homem atingido diretamente no saco não viraria um tigre furioso? Foco em seu machucado e penso que não está cicatrizando como deveria.

Tenho uma vontade súbita de acariciar seu rosto ferido. Contenho o impulso segurando bem firme as mãos em meu colo. Acima de tudo, este homem é meu chefe. Decido tratá-lo como tal.

— Agradeço por isto, Senhor Callas. Vendo por este ângulo, foi muita consideração sua me ajudar. Foi por um triz, Camila chegou logo em seguida, mas consegui sim, resgatar todas as minhas anotações. Só não há nada com a assinatura dela mesmo e a diferença de valores são de centavos. Porém, os arquivos originais, que encaminhei para o departamento de compras, estão um pen drive. Um velho hábito de segurança. — levanto os ombros me sentindo meio obsessiva. — Vai que o sistema falha e eu perco tudo.

— Verdade, tenho o mesmo hábito. Fico satisfeito que as informações estejam seguras, mas não respondeu à minha pergunta Senhorita, Kovac. Quero muito ter você. É importante, — diz muito sério.

Meu corpo fica tenso.

“ *Quero muito ter você* ” é o que qualquer garota normal adoraria ouvir de um homem como ele, se fosse dito em outro contexto, claro. Mas nesse, ainda não estou segura se devo aceitar. Por mais que Camila seja uma Vaca de marca maior, bancar a traíra não é o que eu sonhei para a minha carreira. Fora o mais complicado... ELE. Se em pouco tempo já me sinto fascinada, imagina sendo meu colega de trabalho?

*Simplesmente diga não, Nina!*

*Vai ser uma encrenqueira danada isso aí.*

*Diga, não.*

Estou pensando tanto, que aposto que ele pode ouvir minhas engrenagens cerebrais funcionando. Acho que toma minha indecisão como brecha para falar novamente. — Qual é Kovac? Vai ser profissionalmente muito bom. Somos todos experientes e respeitados. Pense em como poderá aprender e contribuir. Sei que se tornou próxima de Natalia, somos todos amigos na equipe, não estou te pedindo para entrar na jaula com leões

*Não são os leões que me preocupam... Tenho medo é deste lobo sentado ao meu lado.*

— A Nati está no projeto?

— Sim. Ela, o Pedro, e o Aberto Tutti do administrativo. Conhece eles, sei que já estiveram juntos em várias reuniões. Não pense neles como chefes e sim companheiros de trabalho.

— São todos amigos?

Ele assente resabiado.

Fico tentada, penso como deve ser legal ter a Nati como colega de trabalho. Que talvez, Camila mereça mesmo uma lição e que posso dar conta do recado. E lembro que fascinação dá e passa. Além do mais, ele gosta de morenas. Lobas sensuais como ele. Já senti atração por colegas que acabaram com a convivência. Acho que se manter tudo no campo da amizade profissional, não terei problemas...

*Não, Nina! Alerta perigo! Basta recusar e pedir sua antiga função de volta.*

— Ok, eu topo. — levanto decidida e ele faz o mesmo.



## Theo

*Até que enfim, porra! Aceitou!*

— Mas com uma condição. — emenda rapidamente.

— Condição? — pergunto mais para mim. Estava demorando... Por que as mulheres têm sempre uma condição para tudo? Com elas é sempre: *Sim, mas...*

Ela balança a cabeça com entusiasmo. — Nós precisamos de um acordo de paz, tipo uma bandeira branca que estabeleça limites. Podemos nos tratar como colegas?

O quê? Limites? Que merda é essa de colega? Colegas eu tinha na quarta série! Será que ela acha que estou dando em cima dela? Não a culpo por pensar isto, é muito atraente e deve estar cansada de ouvir cantadas baratas de escritório. Posso até ter dado umas conferidas indiscretas, não sou de ferro, mas não dei em cima de jeito nenhum.

— Colegas?

— Sim como colegas amigos. Sabe como é. — fala toda séria.

*Não, eu não sei como é!*

Olho para ela que espera uma reação minha. Não sei o que dizer. Minhas amigas mulheres ou são da família ou comprometidas com meus amigos. As outras são amigas de foda. Mesmo Andreza, foi uma amiga de foda com validade estendida, nada mais.



— Se pretendemos embarcar nesta juntos... — quebra o silêncio — Vamos ter que conviver um bocado, Senhor Callas. E para que isto seja civilizado, no mínimo devemos tentar nos comportar como amigos que se respeitam.

*Piorou! Amigos que se respeitam? Vamos Cara, seja sincero com ela! Diga que isto é humanamente impossível de acontecer. Amigos não querem ver a coleguinha pelada e fazer “coisas” com ela. Não com Nina ficando mais interessante e gostosa a cada segundo. Não, definitivamente não.*

Um sorriso doce se abre em seu rosto bonito. *Maldição!*

— Claro, amigos então. Mas me chame de Theo. — sorrio e ofereço a mão

Ela aceita e aperta animadamente a minha. Não consigo deixar de notar o quanto sua mão é pequena perto da minha. Tão macia e delicada.

*Imbecil! Otário!*

— Nina.

Sorrio ainda sem acreditar na besteira que acabo de fazer. — Nina. — repito seu nome olhando para seus lábios cheios e rosados, imaginando se é permitido beijo entre amigos que se respeitam. Só percebo que ainda seguro a mão dela quando dá uma forçadinha para se livrar do meu aperto. Liberto-a.

— Bom já deve ser bem tarde. — olha ressabiada. — Senhor Callas? Se importa de conversarmos sobre as planilhas amanhã?

— Tudo bem, mas me chame de Theo. — insisto.

— Vai ser difícil me acostumar com isto. — sorri quase tímida. *Adorável.* — Theo? — esforça -se e gosto do jeito que meu nome sai no seu sotaque do Sul. Apenas aceno para que continue, estou inconformado demais para falar alguma coisa... *Amigos que se respeitam. Que merda!* — Será que pode fazer um favor para mim?

*Como não pensei nisto? Amigos se favorecem! Há uma esperança, amigos fazem várias coisas juntos. Saem, bebem, se divertem, passam a noite na vadiagem, às vezes, até se abraçam!*

— Claro, precisa de uma carona? Está com fome, quer ir jantar?

— Nada disso. — interrompe — Não preciso de carona nem de janta, só queria deixar minhas anotações com você. É mais seguro. Pode guardá-las para mim?

*Droga!* — Claro, posso colocá-las no cofre.  
— Isso seria bom.

## Cinco



— **V**ocê está de sacanagem!

— Não estou, Pedro. Ela me pediu para virar, não resisti e a espiei pelo reflexo da TV. Não acreditei quando levantou um pouco a saia e tirou os papéis que escondeu entre as pernas... Dentro da meia de seda presa por uma cinta liga. Foi a coisa mais sexy que já vi na vida, como uma Bond Girl escondendo arquivos ultrassecretos.

— Cinta liga é quente, Campeão... E como ela é?

— Não sei, só consegui ter uma amostra de seus joelhos perfeitos e o início das coxas fantásticas. Cara, estou fodido. Ela é linda, delicada e ao mesmo tempo, tem uma coisa selvagem não domesticada. Bocudinha e arisca como um puro sangue correndo solto.

— Bocudinha?

Pedro explode em uma gargalhada, enquanto eu me sirvo de outra dose de Whisky. Mantemos uma garrafa com nossos nomes no *CARIOCAS*, uma espécie de boteco de elite a uma quadra de casa. Moramos no mesmo prédio há três anos, o Olimpo. Eu na cobertura e ele em um espaçoso e moderno apartamento que foi projetado e construído pela Callas.

Modéstia parte, o empreendimento é perfeito e fica a cinco minutos da sede da empresa. Morar em um bairro boêmio sempre foi um dos meus objetivos de homem adulto. Não sou do tipo doméstico e ter sempre opções de restaurantes e bares é perfeito.

Pedro era igual a mim... Era, porque agora que está fortemente comprometido, nossas idas ao Bar se tornaram mais raras. Mas sempre que dá, ou um de nós precisa desabafar, estamos aqui tomando algumas doses e relaxando.

— Campeão, você está muito ferrado. — Pedro diz ao parar de gargalhar, limpar as lágrimas de tanto rir e voltar a se largar na cadeira. — Sabe o que que significa esta coisa toda de “amigos”, né?

Concordo desolado. Significa a morte. Estava tão focado em fazê-la aceitar a proposta que cometi um erro básico. Ignorei a jogada do adversário. Nina fez um bloqueio perfeito.

*Ela foi esperta e eu um imbecil.*

— Hey, amime-se... Se der sorte pode virar seu melhor amigo e ser escolhido como o padrinho de casamento. Se ela é tudo isto que diz, duvido que fique na pista por muito tempo. Ainda mais com um traseiro daqueles...

— Olha o respeito, imbecil!! — o fulmino do outro lado da mesa. Começo a picar um guardanapo em mil pedaços para controlar a súbita vontade de esbofeteá-lo na testa.

Pedro apenas sorri satisfeito. Sei o que está pensando, que caí de quatro por Nina, assim como ele caiu por Natalia. Ele e a nossa assistente andam vivendo em um universo alternativo e cor de rosa. Acertaram-se no primeiro olhar. Segundo ele, amor à primeira vista. Nunca brigam e estão nesse caso meloso e secreto há um ano. Nem sei por que, já que relacionamentos não são proibidos na Callas.

Mas acontece que não sou Pedro e muito menos, este romântico babão no qual ele se transformou. Sou um realista... Acho essa coisa melosa uma baboseira, acredito no amor real... Na coisa bruta e intensa. Meu pai me ensinou isto. Paixões são voláteis e perigosas e o amor é entrega e a redenção. Não que eu precise de alguma. Sou um sujeito até bem normal... Acima da média, é verdade, mas estou longe de ser o ideal romântico que as mulheres idealizam. Sou só um cara solteiro, que sabe aproveitar os talentos que a natureza lhe deu. *Fato!* Mas não brilho no sol, não tenho segredos escondidos e tão pouco sou um problemático espancador de mulheres

Sim conheço essa porra romântica toda. Tenho duas irmãs, caramba! Não sabem o que é crescer ouvindo histórias sobre príncipes, cowboys, vampiros e executivos bonitões. E tudo bem... Confesso, não tenho muitos limites no sexo. E perversão sem sentido às vezes, pode ser até bem divertida. Uns tapinhas na bunda, quem nunca?

— Posso saber o que pretender fazer daqui para a frente?

Rio da minha desgraça e respondo. — Trabalhar, Cara. Temos um problemão para resolver na empresa, a última coisa que preciso é perder meu foco por causa de mulher. Não sou um lunático obsessivo, se a mulher não é para ser, não é pra ser. Simples.

— Se é o que está dizendo, Campeão, quem sou eu para discordar?  
Outra dose?

Aceito a bebida e busco me conformar de uma vez por todas, com o “*amigo*” ... Mas, não consigo muito. *Merda!*



## Nina

O despertador toca e eu já estou acordada e pronta há um tempão. Só esperando a hora do Café Estrela abrir. Não foi uma boa ideia tomar uns vinhos para relaxar, ainda mais sem jantar. Além de acordar com uma sede e dor de cabeça tremendas, a bebida só potencializou a minha ansiedade e me fez ter sonhos para lá de inapropriados com o Senhor Callas. Descobrir sua descendência só me atizou mais. Essa lenda sobre os gregos deve ser verdadeira, o homem é um Deus. Todo imperfeito, mas sem dúvida um Deus.

Ele simplesmente arrasôôôu no meu sonho. *Ai, lasqueira!* Nem sei como vou ter coragem de olhá-lo depois das indecências que protagonizamos juntos. Que língua era aquela?

Vinte minutos depois e já estou entrando no café. A sineta anuncia minha chegada e sorrio para a meia dúzia de gatos pingados que comem ainda sonolentos. Eu também preciso urgentemente comer e preparar minha bomba antirressaca.

Estrela, que já voltou para o período da manhã, franze a testa e me observa com curiosidade.

— Oi, Polaca. Nossa, que cara péssima é essa?

— Ressaca. — gemo.

Seus olhos amendoados arregalam e ela abre um sorriso. — Finalmente! Já estava na hora de cair na farra. Conheceu alguém interessante? Transou? Senta aqui, vou preparar um queijo quente bem gorduroso e um café duplo. — aponta uma banquetta no balcão.

Arrasto-me como posso e sento obediente. Coloco minha bolsa imensa no banco ao lado, apoio os cotovelos no balcão afundando o rosto entre as mãos. — Que farra que nada, Guria. Cheguei tarde e tive a péssima

ideia de tomar um vinho para relaxar. Acho que o troço devia estar vencido. Diacho! Minha cabeça parece que vai estourar...

Estrela coloca uma xícara de expresso fumegante à minha frente. O aroma forte de café desperta os meus sentidos. Alcanço o açucareiro e ponho logo quatro colheres cheias ...

*É disso que eu preciso, glicose!*

— POLACA! — grita nada feliz e quase despeno do banquinho espalhando o açúcar. — Quantàs vezes precisamos repetir, que se for voltar tarde, avise? O Daniel vai te buscar na Van. É perigoso andar sozinha por aqui á noite. São Paulo não é Curitiba.

— Que exagero! — faço um montinho com o açúcar derramado. — Troquei os saltos pelo tênis e vim num pinote só. Não quero dar trabalho.

Estico as pernas mostrando os All Stars que coloquei junto com o vestido envelope preto de malha levinha. É o primeiro dia com os novos colegas, então dei uma caprichadinha no visual. Passei rímel e tudo! Estou até me sentindo meio sexy. Não com estes tênis, é claro. Eles destoam um pouco da roupa mais social, mas não estou nem aí. Sofrer três quadras de salto nestas calçadas esburacadas não é uma opção. Sou pelo conforto sempre. Mas, vou trocá-los por saltos pretos... Estão na bolsa, junto com uma muda de roupa mais confortáveis para as obras.

— Vai dar mais trabalho, se tivermos que te buscar no necrotério!  
— exagera. — Deveria repensar a oferta do papai e aceitar logo o Betovem. O carro está encostado mesmo.

— Ai, que horror, Estrela! Vira essa boca para lá! — ralho. — Não posso aceitar a proposta sem cabimento de seu pai, sabe disto.

Adoro Vincenzo e sou realmente grata por tudo que andam fazendo por mim. Só que generosidade tem limites, não seria correto aceitar a sua oferta para comprar o carro por um preço simbólico.

— Acho esses seus brios, uma bobagem. Papa não venderia se não fosse um bom negócio.

— Já disse que por enquanto, não preciso de carro. Estou me virando bem a pé.

— Não está não. Voltasse de táxi então. — continua irredutível —  
A Jasmim falou que o Tulio, da livraria, e o Arthur, da floricultura, apareceram por aqui ontem à noite. Os dois perguntaram por você. Podia

aproveitar que estão caidinhos de amores e explorar umas caronas solidárias. — sugere cheia de malícia.

— Acabei parando na farmácia e fiquei sem dinheiro para o táxi. — explico. — E aceitar carona deles, nem pensar... Eu e esta minha mania de ser simpática! Confundiram tudo, tenho até evitado vir aqui á noite por conta disto.

— E não vai adiantar nada. — arregala os olhos animada. — A Jasmim passou o endereço da Callas para os dois. Conhece a doida da minha irmã, não vai sossegar até te arranjar um namorado. Sabia que ela fez uma lista dos amigos do Daniel, que combinam com você? — gargalha orgulhosa da irmã. — Chegou daqui ontem, dizendo que comprou um Santo Antônio para te ajudar. Disse que vai colocar o pobrezinho de ponta cabeça até você desencalhar.

Gargalho. Um Santo Antônio? Essas crendices não funcionam!

— Agora que vou fugir dela mesmo! — reviro os olhos brincando. — Coitadinho do Santinho!

Estrela sorri por um instante concordando, mas volta a ficar séria.

— Por que foi na farmácia, está sentindo alguma coisa?

— Não. Só a ferida do Theo que não cicatrizou direito. Lembrei de uma pomada tiro e queda.

— Que Theo?

— O Senhor Callas.

— Aquele Senhor Callas? O chefe bonitão e babaca que afogou e capou? — coloca as mãos na cintura e franze o cenho. — Desde quando ele passou de mauricinho cretino para Theo?

— Sei lá por que disse Theo, o Senhor Callas que me pediu para chamá-lo pelo nome. É tão estranho. — encho-me de defesas. — Só vamos trabalhar juntos, só isso. E o Theo faz parte do nosso acordo de paz.

— Opa! Opa! Vai ter que me explicar esta história direitinho, Polaca.

*Que diabos!*

Passo a hora seguinte narrando Tim-Tim por Tim-Tim tudo que aconteceu. E fico mais meia hora tentando convencê-la de que é mais fácil nascer pelo em ovo do que rolar um algo a mais entre nós. Insisto que ele não é um anjo que caiu do céu para me livrar das garras da Vaca má Camila... Lembro-a de como ele foi grosso comigo. E todos os “não,

*nunca, jamais, nem pensar e o comprometido*” são ignorados. Estrela só absorve o “*lindo*”, “*fascinante*” e o “*gostoso*” que deixo escapar, sem querer. Bem se vê, que é irmã da Jasmim: duas românticas e alcoviteiras incuráveis.

Suspiro entregando os pontos, já que meus poderes de convencimento não estão funcionando. Existem muitos homens com sérios problemas de personalidade, que tem uma mentalidade fascinante e são lindos e nem por isso, deixam de ser o que são: um problema.

E a última coisa que eu preciso é alimentar esta atração maluca por um sujeito que mal conheço e é comprometido. E sou bastante escaldada para saber que no caso do Senhor Callas, as qualidades são apenas parte de um pacote gigante, que inclui também características não tão glamorosas e que já tive o desprazer de conhecer.

*Oh! Merda nem vi a hora passar!*

Salto do banquinho e corro para trás do balcão. Preparo rapidinho minha bomba antirressaca para ser ingerida geladina ao longo do dia, saio já atrasada para a Callas.

Pressa é meu nome. Corro, corro, corro e chego descabelada e esbaforida na empresa.

— Senhorita, Kovac!

Ouçó uma das recepcionistas me chamar, freio e o solado de borracha dos meus tênis fazem um som irritante ao atritarem com o mármore. Quase dou com a cara no chão, mas paro. Me endireito e vou em direção da moça que sei que chama Pietra.

— Oi. — digo ofegante.

Ela some embaixo do balcão de recepção e volta com o maior buque de rosas vermelhas que eu já vi na vida... Não sou muito de rosas, me fazem lembrar o meu ex, sou apaixonada por lírios, mas sorrio mesmo assim. São lindas do tipo colombianas.

— Entregaram para você há uns dez minutos.

Ela me empurra as flores e entrega o cartão que vieram com elas.  
— Ah! Outra coisa, o Mike do Senhor Callas passou aqui e mandou que lhe entregassem seu novo crachá. Não sabia que tinha sido promovida, parabéns! Nem os diretores têm acesso irrestrito ao último andar.

Antes de processar o que ela diz abro o cartão.



**“ Nina,  
Flores, para a mais linda das flores.  
Quero-te em meu jardim“ “  
Arthur**

*Nossa que cafona!*

Arthur é legal, mas não sinto nada por ele além de simpatia. Decido que preciso deixar as coisas bem claras com ele também. Homens são mestres em misturar as estações. Enfio o cartão no meio das rosas e dou atenção à Pietra.

— O crachá. Parabéns pela promoção.

Entrego o velho e pego o novo. Quero rir e explicar que estou mais para rebaixada, mas me contenho. — Obrigada, mas é só uma ajuda lá com as coisas da Nati, nada de promoção para mim. — resolvo confirmar a mentira criada pelo Senhor Callas.

Pietra me olha com simpatia e até um pouco de pena. Retribuo dando um sorriso triste e sigo apressada com meu trambolho florido. Agradeço quando chego no 12º e Miguel me avisa que Camila vai passar a manhã fora em uma reunião de última hora... Depois ele me enche de perguntas. Respondo-as do jeito que posso.

— Vou sentir sua falta aqui embaixo todo o tempo. Imagino como deve estar a sua cabeça, piraria se resolvessem me mandar arrumar arquivos.

— Estou tranquila com isto, Miguel. É temporário e Nati é uma pessoa incrível. Vai ser legal. — desconverso.

Fico sabendo que a nova fofoca dos corredores é que Camila pediu minha cabeça, depois do fiasco na reunião e por pura pena, não me mandaram embora... *Típico!* Posso apostar que ela mesma se dedicou em espalhar o boato.

Passo a manhã sem muito o que fazer. Afastada dos projetos e sem nenhuma visita técnica agendada, me dedico a aprofundar meus conhecimentos sobre o Shopping.

Ring!

Uma mensagem de WhatsApp aparece no meu celular. É de Natalia. Não consigo evitar de rir do seu Nick.

**DivandoNo21**  
**Show time, amiga. Te esperando AGORA. Se apresse.**

*Carambolas, mas já?*

Chego ao 21º carregada de pastas, minha bolsa, as rosas e a caneca com a bomba antirressaca. Uma malabarista teria orgulho de mim. Paro para respirar, antes de entrar no espaço elegante que Nati ocupa e que faz às vezes de recepção para as salas do Senhor Callas e Pedro. “*Os primeiros*” sempre me deixam um pouco nervosa e tímida... Primeiro dia de aula, do emprego... Primeiro encontro... Sorte que sou meio cão sem dono, logo me adapto e relaxo.

Não que seja igual ao meu primeiro dia aqui, claro que não. O Pedro e o Alberto não são dois desconhecidos para mim, até simpatizo com ambos. A Nati nem se fala, me sinto em casa com essa doida. O que está me pondo agoniada é saber que a partir de agora, o Senhor Callas vai estar sempre por perto. Não me perguntem o porquê? A resposta é óbvia, sabemos disto... Ele mexe comigo e ponto. Então decidi supervalorizar aquilo que mais me faz querer correr para longe: seu temperamento Jackl e Hyde <sup>[10]</sup>, meio anjo e demônio misturados. Altos e baixos de humor fazem meu alerta vermelho disparar. E este filme eu já assisti.

*Uiiii! Chego a arrepiar só de lembrar.*

Um leve toque de adrenalina flui através do meu corpo, assim que dou o primeiro passo na recepção. O celofane transparente que envolve as dúzias de rosas chia e Natalia tira os olhos de seu trabalho e mira direto para mim. Sorrio por cima das flores.

— Nina! Que é isso mulher assaltou algum jardim?

— São daquele cara que te falei, o da floricultura. Cheguei e estavam na recepção. Não sei o que fazer com elas.

— Uau, queria eu chegar e ser recebida assim. Amo as colombianas.

— Perfeito! Toma elas para você! — entrego as rosas e coloco o resto das minhas coisas sobre a mesa dela. — Pensei que só iríamos nos reunir mais tarde.

— E só á tarde mesmo, mas achei que quisesse se instalar antes de irmos almoçar. Topa um cachorro quente no Clébis?

Olho para a enorme mesa de Natalia. — Só preciso de uma gaveta e um lugar para sentar. — aponto para a cadeira solitária dela.

— Não boneca, se instalar na sua sala. A que era do Orlando que pediu transferência. O homem surtou depois que sequestraram a filha dele.

Olho confusa, eu sei lá quem é Orlando! Ela me explica que era o diretor de RH do Brasil, agora trabalha em Miami. Tento recusar a oferta alegando que já tenho uma sala, mas ela me diz que recusar não é opção. Me irrita quando descubro onde fica a tal sala e sou arrastada à força por ela.

— Sabe que isto é provisório, não sabe? — insisto. — Outro escritório é totalmente desnecessário, ainda mais ao lado do Senhor Callas, prefiro ficar com você!

— Ordens do Todo Poderoso. Ele manda a gente obedece, simples assim. Apenas aceite e relaxe, ok?

Esse é o ponto! Não sou mulher de aceitar passivamente.

Não respondo.

Só a sigo pelo corredor elegante e iluminado. Sei que Nati não tem culpa, está apenas executando ordens. Direciono o meu descontentamento para a pessoa certa. É a segunda vez que sou forçada a fazer algo que não quero. Será que tudo que o Senhor Callas manda, é irrecusável? Onde fica a democracia nesta joça? Ele é o quê? Um reizinho mimado que não pode ser contrariado?

— Não entendo porque tratam o cara como um rei. — não me contenho. — Vão acabar criando um monstro sabia?

A gargalhada macia de Nati ecoa pelo corredor.

— Boneca ele é o dono. Obedecê-lo faz parte. — continua a gargalhar. — Mas, apesar de exigente, não é um monstro. Já tive chefes tiranos, que tratavam os funcionários como nada. Dê uma chance para o Theo, ele é um cara legal.

— Não estou dizendo que não seja legal, só que é um mauricinho mimado. — retruco, já meio que me defendendo e meio que o cutucando.

Outra gargalhada.

— Os Callas têm mais dinheiro do que posso imaginar. Ricos pra caramba, sei lá como se diz, mais que trilhadrários. — diz recuperando o fôlego. — São donos da metade dos prédios e empreendimentos desta cidade e andam por aí, como se isto não fosse com eles. — percebo

admiração em suas palavras. — Tanto Pedro como o Theo são homens simples, não dois babacas deslumbrados. Vivem e agem como qualquer um de nós mortais.

Calo-me.

Não tinha parado para pensar neste lado endinheirado de Theo. As palavras de Nati têm fundamento, nos anos de casamento com Bernardo, conheci muitos aspirantes a milionários que desfilavam suas riquezas por aí. Dou o braço a torcer, é claro que o Theo exala um cuidado e sofisticação que só o dinheiro proporciona, mas não parece mesmo, ser do tipo que ostenta.

— Pronto, emburradinha. — vejo diversão nos olhos de jabuticaba de Nati. — Enquanto se acalma, preciso dar uma passadinha na sala do Pedro e depois volto aqui para almoçarmos.

Concordo e fico parada na porta.

*Nossassinhora! Que sala!*

Muito parecida com a do Senhor Callas, mesmo tipo de decoração masculina. Bem menor é verdade, nada de televisão, mesa de reuniões ou elevador privativo, mas mega confortável. Enxergo a prancheta de desenho, posicionada junto à parede de vidro que dá acesso ao jardim. Minha irritação passa um pouquinho, lá no 12º mal tenho espaço para a mesa, uma prancheta profissional nem pensar. Chego mais perto e passo a mão sobre o tampo de fórmica branca repleto de projetos. A luminosidade natural que vem do jardim é perfeita.



## Theo

Paro o meu passo decidido de homem irritado, no momento em que meus olhos capturam a imagem de Nina de costas para mim.

*Merda! Magnifica!*

Está usando um vestido preto que valoriza sua comissão de trás. Sensual, mas clássico. A roupa ressalta cada uma de suas curvas torneadas. *Inferno!* Os cabelos clarinhos e soltos brilham com a luz do sol e a fazem parecer um ser mágico.

Aproveito que está distraída examinando os projetos e sigo a linha de seu corpo, da panturrilha tonificada à perfeição até a bunda arrebitada. Coço a barba imaginando se hoje, ela também está com aquela cinta liga. Procuro por vestígios sob o tecido fino e não encontro. Minha imaginação voa, mulheres costumam abolir as roupas íntimas para não detonar o visual. O simples pensamento que ela possa estar nua sob a saia, faz meu pau ficar em alerta.

Tenho vontade de agarrar sua bunda e nunca mais soltar. E se as partes visíveis são tão boas, imagino como devem ser deliciosas aquelas que ainda não consigo enxergar... Posso apostar que é uma coisinha loira, quente e úmida. Minha boca enche d'água como um predador faminto para devorar sua presa.

*Maldição!*

Vou até ela devagar, esquecendo todas as promessas que fiz a mim mesmo na noite anterior. Onde estava com a cabeça quando disse que não iria misturar as coisas? *No whisky!* Pois é, só bêbedo mesmo, acreditaria ser possível tratá-la como uma funcionária qualquer. *Impossível!* Ela não é uma qualquer, é a Nina... A Caipira bocudinha... Diferente de tudo que já vi. Minha mais nova amiga, deliciosamente proibida, por enquanto.

*Maldição dupla!*

Decido seguir meu instinto e mudar de estratégia. Preciso conquistá-la, testá-la e não a chamar para uma briga... Paro a um passo de nossos corpos se chocarem... Acho adorável como está distraída com os papéis, enrolando uma mecha de cabelo com o dedo ... Uma brisa vinda da varanda traz seu cheiro feminino, suave e levemente floral... Exótico.

— Vai ficar bem trabalhando nela. — falo baixo de propósito. Sei o efeito que minha voz sussurrada ao pé do ouvido provoca nas mulheres.

Ela estremece e vira para mim com uma expressão de surpresa. Há um leve traço de raiva em seus olhos. *Como sei disto?* Sua íris está com tonalidades azuladas. Seus olhos me medem da cabeça aos pés e se fixam na minha mão que segura o caralho de um buque de rosas de Itu <sup>[11]</sup>, que encontrei na mesa de Natalia. *Como sei que são dela?* Li a porra do cartão. Não podia perder a oportunidade de azucrinar o romântico babão do meu primo.

Mudanças de planos incluem tirar proveito de informações privilegiadas. Na guerra é bom saber quem são nossos inimigos. Por sorte, este Arthur cheira a derrota. E sim! A visão dos últimos segundos despertou o meu melhor e pior lado, o de macho possessivo.

Começo a jogar.

— A propósito encontrei isto para você na mesa da Natalia.

Dou um sorriso demonstrando indiferença. Desta vez não consigo identificar sua reação, três encontros não bastam para saber tudo sobre ela, sou excelente nessa coisa de interpretar pessoas, mas não mágico. Ela parece uma esfinge... Dura como pedra.

— Se estavam na mesa dela, é por que são dela. — responde sem titubear enfatizando o dela. — O que posso fazer por você, Senhor Callas? Que eu saiba nossa reunião é só á tarde.

*Ah! Não me pergunta uma coisa destas, Caipira.*

Minha imaginação fica recheada de detalhes sórdidos de coisas que ela pode fazer por mim agora mesmo. Bem aqui... Em cima desta prancheta. Mas para começar, prefiro que não minta. Odeio isto.

Também me incomoda o Senhor Callas, pensei que essa questão “nomes”, já estivesse resolvida. Mas tudo bem, apenas voltamos algumas casas no jogo. *Pior erro é subestimar o adversário... Lembre-se disto, Caipira.* Sei que ela é esperta, mas eu sou um gênio. ... Dou-lhe um sorriso maldoso sem poder me controlar. E começo a recitar o bilhete pausadamente, vendo-a perder a cor rosada de suas bochechas, à medida que as palavras saem da minha boca. Abuso do tom de voz meloso, porque o momento pede isto.

**“ Nina,  
Flores, para a mais linda das flores.  
Quero-te em meu jardim“  
Arthur**

Quando termino vitorioso, mas um pouco puto, porque sei o que jardim significa, milagrosamente, ela não manda eu me foder. *Estranho.* Nina tem a mesma reação da reunião com Camila... Abre e fecha a boca algumas vezes, enquanto seus olhos, agora bem azuis, me avaliam com desdém. Dá um passo arrancando as flores da minha mão.

— Violar correspondência alheia é crime.

De repente o espaço entre nós parece perigosamente pequeno. E os tons que sumiram de seu rosto, voltam vermelhos.

Sorriso.

— Eu não violei nada. Pensei que as rosas fossem para mim. — minto tentando fazer uma cara de sinceridade. Tá, nem todas as mentiras são abomináveis, só as que são ditas para mim. E neste jogo, o que estou fazendo, não é mentir, é contra-atacar.

Espero uma resposta que não vem. *Estranho novamente*. A Caipira que conheço é bocuda, essa aí fazendo esforço para se controlar não é a Nina. Gosto da transparência dela, não de suas máscaras. Esqueço a prudência e decido cutucá-la.

— Tudo bem, Nina. Vou relevar a mentira. Também teria vergonha por namorar um mané <sup>[12]</sup> como ele. Esse recadinho é meio sem criatividade. — ironizo, vejo a máscara de pedra ruir e o nariz delicado enrugar. *Até que enfim, esta é a Nina!* Me animo e continuo. — Não sabia que gostava de homens antiquados, pensei que curtisse os tipos nerds como o Miguel. Esse seu namorado tem quantos anos? Uns 90?

Vejo vermelho...

Sou atingido por uma rosetada de esquerda. Tropeço para trás, posso ter sido golpeado com um ramalhete de rosas, mas é o maior buque que já vi. Lembro do não subestime o adversário e xingo baixinho... Nina não é assim tão fraquinha como pensei...

— Qual é o teu problema comigo? — esbraveja e não reajo, e nem respondo. Mereci, eu sei que mereci. Começo a remover lentamente, as pétalas presas ao meu terno. — Não sei que merda está planejando, mas isto não está certo! O que quer, me enlouquecer? Quer que eu desista?

Coloco a mão no rosto, onde sinto meu machucado arder. Deixo que ela descarregue a raiva, até porque, minha mente está vazia. Não tenho justificativas. No primeiro minuto juntos como “amigos” eu consegui foder com tudo. Agradeço que as salas têm sistema de bloqueio de som. Vi a hora que Natalia entrou no escritório de Pedro, os dois devem estar tendo a “habitual conversinha de antes do almoço”, alheios ao que está rolando aqui.

— Fique sabendo que agora me irritei, Senhor Callas! Não vou desistir! E não lhe dei o direito de se intrometer na minha vida pessoal! —

grita e coloco as mãos nos bolsos tentando segurar o ímpeto de calá-la com um beijo. — Não tenho nada com Arthur e Miguel ainda, — *Ainda?* — mas se tivesse, não seria da sua conta! Já leu o seu estatuto? Namoros no escritório não são...

Para de falar e gesticular... Seus olhos arregalam e um O surge em sua boca. A expressão de “eu vi um fantasma” volta ao seu rosto. Tiro a mão do bolso em um impulso de segurá-la.

— Mantenha essas mãos aí, não se mexa! — berra.

Congelo no mesmo lugar e a vejo correr até a mesa de trabalho e começar a revirar a bolsa.

— Merda! Tem que estar aqui!

*Essa mulher é maluca?*

Pensei que o único com tendências de alteração de humor fosse eu, mas ela me superou. Continua a revirar a bolsa como uma alucinada. Uma calça jeans é ejetada, depois uma camisa de seda branca... All Stars pretos voam quase me atingindo... Me esquivo e sorrio com o tamanho deles ao pousarem perto dos meus pés.

*Pezinhos me excitam*

Eu sei que não é hora para me distrair com a ideia deles massageando meu pau, mas é mais forte que eu. Chega a ser terapêutico e me acalma. Fecho os olhos e respiro fundo.

— Achei!

Abro os olhos e me preocupo.

— Nem vem! Se pensa que vai espirrar spray de pimenta em mim pode parando. — agora sou eu que berro e dou dois grandes passos para trás. Já tomei uma jatada destas em uma boate e este troço é mortal. Fiquei com os olhos irritados por uma semana.

— Não é pimêênta. É pomada. Preciso de um banheiro.

Quero rir, é engraçadinho o jeito que pimenta sai em seu sotaque do Sul, mas ainda estou muito apreensivo para risadas. Apenas aponto para a porta atrás dela. Ela vira, abre e some dentro do lavabo. Cinco segundos depois, volta com uma toalha encharcada, agarra minha mão e me arrasta para o sofá de três lugares.

— Senta e não se mexa, está sangrando.

Não digo nada e nem pretendo me mover um centímetro. Continuo sentado e obediente. O jeito que se inclina em minha direção para examinar



o meu rosto, garante uma vista espetacular de seus peitos. *Bendito decote!* Fico hipnotizado. *Lindos!* Parecem suculentos e macios envoltos em um sutiã de renda preta. Não são enormes, só perfeitos, cheios e empinados. Sorrio por dentro quando vejo que apostei certo. O tecido transparente me permite um vislumbre de seus mamilos rosados. Biquinhos salientes...

*Porra!*

Meu pau ocupa todo o espaço em minha calça e exige mais. É a segunda ereção monstro que tenho em menos de 24 horas. Olho para o rosto dela apreensivo. Não quero ser acusado de assédio sexual. Mas a culpa é dela! Quem mandou ser tão gostosa. Me surpreendo, seus olhos estão em um tom verde maçã ofuscante e suas pupilas dilatadas fazem um contraste exótico entre o preto e o verde.

*Caralho! Camaleoa!*

— Eu falei para você cuidar direito disto aí. — encosta a toalha úmida e sinto a pele arder. Por reflexo afasto o rosto e ela segura o meu queixo com uma delicadeza que nem a minha mãe teria. Fico encantado, nunca uma mulher me tocou assim — Paradinho, preciso limpar direito isso aí. Se não fosse tão irritante... Droga! Acho que algum espinho deve ter arranhado.

Nossos rostos estão tão próximos que bastam alguns centímetros para beijá-la. Não resisto... Arrisco um movimento, seus olhos verdes arregalam. Ela firma o aperto em meu queixo impedindo o contato.

*Na trave! Merda!*

— Andou bebendo, Senhor Callas?

*Uh, o quê?* Olho confuso. Isso que eu chamo de quebrar o clima. Meu pau amolece na hora.

— Está com bafo de álcool misturado com ante bucal. — afasta-se e alcança a bisnaga com o remédio.

*Mas que merda! Sabia que tinha que ter comprado mais Halls.*

— Me encontrei com o Pedro. Só eu e ele. Foi um dia difícil, precisava relaxar. — nem sei, porque me explico, mas explico. — Deixe que eu termino, não precisa ficar sentido meu bafo. — resmungo.

Olha intrigada, quase com diversão, ao abrir a embalagem de pomada. — De jeito nenhum! Deixa que EU faço. Não entendo vocês homens, tão eficientes em tudo, mas não conseguem cuidar de um simples arranhão. Está inficionado, sabia? — volta a segurar o meu queixo e

começa a aplicar suavemente o remédio. Permito, seu toque é tão bom. — E eu não disse que seu hálito está ruim, ao contrário. Só percebi o álcool. Eu também estava tensa e bebi uns vinhos, provavelmente há o mesmo cheiro em mim.

Inspiro e tudo que consigo sentir é a fragrância de seu perfume tentador. — Me sinto em desvantagem, seu cheiro é muito bom. — arrisco.

Um vislumbre de sorriso risca seus lábios carnudos e ela se afasta. Estende a pomada, eu pego. — Pronto! Limpe bem e aplique isto umas três vezes ao dia. Vai estar novo em folha rapidinho. — fala como uma enfermeira criando uma distância entre nós.

Sinto falta de seu toque, gostei dele... Muito.

— E se eu não conseguir sozinho e infeccionar mais. Posso ficar desfigurado. Talvez seja melhor me ajudar. — faço cara de cachorro sem dono.

— Talvez seja melhor pedir para sua namorada.

*Seria isto, uma demonstração de interesse?* Me amino.

— Não tenho uma. — amplio a cara para sem dono e abandonado. Elas sempre caem nesta.

Espero e nada. Nina parece não se comover, ao contrário. Seu rosto de boneca fica sério de repente.



## Nina

*Mas é muita cara de pau desse homem, Brasil!*

Como assim não tem namorada? E nem adianta vir com essa cara de cachorro pidão que não vai funcionar. Depois quer dar lição de moral sobre mentir.

*Diacho! Ele fica lindo com essa carinha.*

E o que foi aquilo? Por um segundo achei mesmo que fosse me beijar. Não. Não pode ser. Não. Sou loira, não morena quente. Esse idiota acha que tenho cara do quê? De a outra? Traição é um negócio que eu não respondo por mim. Respiro fundo controlando o desejo de pegar o que sobrou das rosas e esfregar na fuça dele. Incluo em sua lista de defeitos, um possível infiel. Tenho vontade de contar que o vi discutindo com a morena.

Contenho-me. Se não quero que se meta na minha vida, não posso me meter na dele.

— Hum, hum, sei. Então vire-se sozinho. Minha ajuda acaba aqui, fiz por pura solidariedade e culpa. Além do mais, ainda estou irritada com o Senhor.

— Que merda aconteceu aqui?

Desviamos nossa atenção para a porta e Pedro começa a gargalhar apontando para a montanha de pétalas, caules e rosas espalhadas. Meu radar “*AÍ TEM*” apita. Ele está com uma expressão engraçada, típica de quem andou aprontando alguma coisa.

Nati entra em seguida, noto que seu cabelo está diferente... Hummm, meu radar apita novamente. Ela mergulha de joelhos no chão tentando recolher o que sobrou das flores. — Ah não! Minhas rosas!

— Não falei que as flores eram dela. — abro meu sorriso de vitória e uma carranca se forma no rosto do Senhor Callas. — A culpa foi dele — aponto para o culpado, defendo-me.

— Minha? — exclama com indignação levantando-se do sofá. — Essa é boa! Foi você que me atacou, cínica!

— Porque me provocou! — rebato.

— Já chega vocês dois! — Pedro coloca um freio e nos calamos. — Não me interessa de quem seja a culpa. Destruíram as rosas da Nati! Acho bom que este seja o último incidente que eu presencio. Não tenho problema nenhum em ligar para o tio Theo e contar o circo que têm armado por aqui!

— Eu sou o CEO desta merda! — rosna.

*Começou o ataque de babaquice... Sabe com quem está falando.*

Olho para Nati, que está rindo, e reviro os olhos.

— Então se comporte como tal, Campeão. — Antes que possa sorrir por ele ter levado uma dura, sobra para mim também. — E você Senhorita... — *EU? Aponto para o meu peito* . — Seria bom alongar esse seu pavio curto. Nós temos um trabalho sério pela frente, não vou permitir que as questões pessoais de vocês estraguem tudo.

Sinto vergonha por nós dois. Apenas assinto com a cabeça, Pedro tem razão. A coisa toda tomou proporções pessoais... Em que mundo corporativo CEO e funcionária se tratariam desta forma? — Me desculpe,

Pedro. O Senhor Callas não terá nada menos que meu total respeito daqui por diante. — Minto.

Ouçõ um grunhido escapar de sua garganta. Não quero outra explosão de descontrole, um de nós vai ter que se controlar daqui para a frente. Decido pegar mais leve, sou adulta oras bolas. — Theo, nosso acordo continua. Amigos? — sorrio com superioridade, mas seus olhos se enrugam de repugnância.

— Amigos, uma ova! — sibila e sai da sala chutando algumas rosas e carregando Pedro com ele.

*Deus! Esse homem é uma pedra no sapato!*

— Gata garota, é melhor controlar o seu gênio ou nenhum de nós vai sair vivo dessa. O que acontece entre vocês? — Nati levanta desistindo de recolher os restos mortais das flores.

— Nada, Nati. Não acontece nada.

## Seis



**N**ão olhe para ele. Não olhe para ele.

Tarde demais.

Espio e o Senhor Callas está de pé ao lado de Pedro, inclinado sobre a mesa discutindo os detalhes finais do projeto que criamos juntos. Me perco admirando seu belo traseiro.

Lá se foram dois meses torturantes, divididos entre as dezenas de visitas técnicas agendadas por Camila, convites para almoços recusados, horas extras de planejamento e noites mal dormidas. Esfrego os olhos tentando afastar a exaustão.

Se a Callas fosse uma fábrica haveria um daqueles cartazes... “*Estamos há 60 dias sem acidentes*” ... Ou brigas no nosso caso. Pois é, algumas coisinhas mudaram, outras nem tanto e algumas pioraram

Tenho tido que rebolar para me esquivar das perguntas desconfiadas de Camila. Seu ódio por mim chega a ser palpável e não me ajuda em nada, o fato dela ter tido todas as suas audiências com o Theo canceladas. Sem falar, nos boatos de que estamos trabalhando em algo confidencial e no clima de caça às Bruxas que se instaurou, assim que, Theo começou a dar umas incertas nos departamentos e fazer uma limpeza cirúrgica em seu quadro de funcionários e fornecedores.

Todos os projetos foram revistos e além do superfaturamento, descobrimos que materiais de qualidade inferior estavam sendo entregues nas obras embalados como de primeira linha.

Os responsáveis já foram demitidos.

E Camila? Ah, ela continua mais limpa que água sanitária. Nem uma mísera linha que a ligue a tudo isto. Revirei centenas de projetos e só encontrei 1.200 centavos de diferença nos custos, que podem muito bem, ter sido uma falha de arredondamento do sistema. E eu? Sou apontada como a mais nova amante do chefe e a dedo duro da empresa. Confesso que não

é muito legal ouvir os risinhos e indiretas nos elevadores. As pessoas podem ser muito maldosas quando ameaçadas.

*Carambolas! Onde fui me meter?*

Suspiro resignada... Eu sabia dos riscos e nada me obriga a estar aqui, posso pular fora quando quiser, mas eu não quero. Meus hormônios rebeldes andam gritando aos quatro ventos que estamos amando, sim, cada segundo. E estamos. A coisa toda já está tão impregnada na minha pele, que não consigo me ver em outro lugar a não ser aqui... Perto dele, vivendo em um eterno suplício.

*Estou muito ferrada. Eu sei... Sou uma porcaria de mulher.*

Não resisto, me inclino sutilmente na cadeira e volto a observá-lo de soslaio. Aperto minhas coxas e suspiro. *Deus, o homem é muito gostoso...* E eu, uma louca, só pode ser.

Como está delicioso sem o paletó, só com uma camisa branca ajustada ao corpo delineando os músculos. Gosto da gravata azul, levemente afrouxada. Reparo no rosto compenetrado, atento as explicações de Pedro. *Tadinho*. Também parece cansado e seu cabelo escuro está um pouco bagunçado. *Selvagem*. Coça a barba e volta a apoiar os punhos fechados sobre a mesa. Suspiro baixinho admirando as mangas da camisa arregaçadas, expondo as veias de seus antebraços que saltam. *Jesus*. Seus braços fortes parecem dois troncos que brotam do tampo de madeira maciça.

*Que vergonha!*

*Tenho reparado demais nos recursos naturais masculinos dele.*

Esforço-me como uma desesperada para ignorá-lo. *Eu juro!* Mas, não consigo... Tenho jogado tantos olhares disfarçados em sua direção, que me sinto uma pervertida indecente. Espiá-lo virou minha pequena obsessão. Sou capaz de mapear de cor e salteado, o corpo deste homem... Detalhe por detalhe, com destaque para a sua virilha que a cada dia fica mais atraente.

*Deus como eu me odeio por isto!*

*Sou uma fraca!*

Deveria alimentar a minha raiva, não desenvolver uma admiração secreta. *O que é péssimo! Droga!* Perco o ar toda vez que ele se aproxima. Quando sinto seu perfume, tenho vontade de afundar meu rosto em seu pescoço e inalar profundamente. Se ouço a sua voz, estremeço. Se nossos

braços se esbarram sem querer, arrepio. Se os olhares se cruzam, desvio sentindo meu rosto arder.

A dura verdade é que vivo de momentos furtivos e isto me enlouquece. O homem domina cada pensamento meu, dia e noite. *Que roubada!* Sacudo minha cabeça e me forço a olhar para o outro lado. Encontro Nati sorrindo.

— O que foi? — faço uma careta e mordo o lápis com força, depositando nele toda a minha frustração.

— Nada. — pisca de modo cúmplice.

Reviro os olhos e a ignoro. Nati acha que temos tesão um no outro. *Absurdo!* As nossas horas de almoço são recheadas por suas teorias sobre negação. *Ela é o que agora? Psicóloga?* Venho negando cada uma de suas maluquices conspiratórias veementemente.

Ajeito-me na cadeira e checo os desenhos finais dos jardins de entrada do Shopping. Meu pensamento voa.

Não sei o que Pedro e Theo conversaram depois do incidente das rosas. Mas, algo mudou, ele mudou... E sim, eu o chamo pelo nome agora. Não fazia sentido continuar com o Senhor Callas quando todos se tratam de maneira informal. Cedi para mostrar minha indiferença e superioridade.

Indiferença que tem sido recíproca, por sinal. Theo se mantém distante desde aquela manhã das rosas. Trata-me com educação e polidez, gentil até, o que só me faz ficar mais confusa. Todas às vezes que trocamos palavras ele é amigável e profissional, parece outra pessoa. Nada de seu temperamento explosivo ou olhos faiscando. O homem simplesmente congelou.

Eu deveria estar feliz com isto, mas não estou. Sua indiferença me incomoda, então revido com mais indiferença ainda.

*Infantil?*

*Pode ser, mas dane-se!*

— Nina, o que achou das mudanças? — Pedro questiona.

*Uh, o quê? O que achei da mudança? Uma merda... Quero o antigo Theo de volta.*

— Perfeita, criar aquele espaço aberto para eventos e convenções, foi genial. — opino.

— Então acho que fechamos aqui! Mais algum detalhe que queira incluir, Campeão?

— Estou satisfeito. Preciso ir. — responde sem empolgação. — Nati feche tudo com a Nina, veja com Alberto se as planilhas com os orçamentos da obra estão prontas. Quero a apresentação nas mãos do Donavan na segunda, primeira hora. Vou ligar pessoalmente para ele. Temos que agendar a reunião o quanto antes.

Meu peito aperta quando minha intuição grita que o “preciso ir” significa mulher. O ódio por ser tão discreto, todo esse tempo convivendo juntos e ele não fez nenhum comentário sobre sua vida pessoal. A única coisa que consegui foi um “*estou solto*” antes de notarem minha presença na copa. O que é péssimo, homens soltos costumam liberar e muito, certas partes de sua anatomia.

*Não que isso seja da minha conta... Meleca!*

— Deixa comigo, Theo. O Alberto já me entregou os orçamentos. — Nati levanta e começa a organizar tudo.

— Nina, obrigado. — dirige-se a mim, mas não me encara. — Seu trabalho foi impecável, fique disponível, ok? Provavelmente, Donavan solicite um maior detalhamento ou até mesmo alterações.

— O que for necessário, Theo. — digo em minha voz quase normal — À propósito, é um belo projeto. — solto o elogio.

Diferenças à parte, tenho que admitir que Theo e Pedro são excelentes. Melhor dupla de arquiteto e engenheiro que já vi. A sintonia entre os dois é fabulosa. Agora entendo porque a Callas é esta potência: puro talento familiar. Os dois criaram uma proposta inovadora para um Shopping único que foge do padrão atual. É moderno, amplo, arejado e elegante. Com vários desníveis e áreas abertas transformadas em jardins suspensos. Impressionante.

*Estou amando este trabalho!*

— Obrigado Nina, vejo vocês na segunda.

A porta bate quando ele vai embora. E meu coração voa para fora do meu corpo com a perspectiva de não o ver pelos próximos dois dias.



## Theo

*Ar, preciso de ar!*



Saio apressado e estressado.

Não tem sido fácil honrar a promessa que fiz a Pedro e me manter afastado de Nina. *Maldito código de honra entre primos!* Sei que ele tem razão, me comportei feito um louco. E eu sou a porra do chefe... Não posso me dar ao luxo de perder a cabeça, não agora. A conta do Donavan é prioridade, prometi isso ao meu pai.

Solto o ar em pura demonstração de desgosto.

*Mas se estou fazendo a coisa certa, por que me sinto como um doente terminal?*

Tudo o que faço, é devorar a Caipira, com os olhos, como se minha sobrevivência dependesse disto. Ando impaciente, frustrado e com uma ereção eterna. Fico agoniado toda vez que a flagro me espionando. Ela parece incomodada com a minha indiferença, triste até. *Merda!* A ideia de ser eu o responsável pela falta de brilho em seu olhar, me incomoda. E para completar, sinto uma puta culpa sobre as merdas que andam falando pelos corredores.

Não que me importe com fofocas, nunca dei a mínima para elas... *Foda-se!* Só que agora é diferente, são sobre a Nina. *Porra!* Se ao menos fossem verdadeiras, talvez até eu as estivesse espalhando por aí.

*Mas o caralho, é que não são! Bosta!*

Fico tão distraído, afundado em meus pensamentos e imagens da Caipira, que só me dou conta que estou em casa quando Mike estaciona o carro na garagem.

— Vai precisar de mim?

— Não. Tenho planos para hoje à noite.

— Ok, vou ficar aqui no Olimpo. Estarei no apartamento dos funcionários, qualquer coisa é só chamar

Agradeço e tomo o elevador privativo. Essa coisa de manter os funcionários em outro apartamento foi ideia minha e de Pedro. Solteiros não precisam ser pegos no flagra quando fodem uma desconhecida sobre a mesa de bilhar. Gosto assim, durante o dia executam suas funções e à noite, deixam-me à vontade para executar as minhas.

Como disse sou normal, não tenho essas regras idiotas de nunca trazer mulheres para casa. Só poupo meu quarto, o resto vale tudo. Meu apartamento é mais rodado que as profissionais do sexo que conheço. Sim, já comi várias das melhores putas da cidade. Também não tenho problema

em admitir isto, foda é foda. Seja, a que se arruma em um bar ou a de alguns milhares de reais, que se compra em um clube. Se bem que, para a segunda, pode-se esperar um pouco mais de qualidade sem o inconveniente de ter que ligar no dia seguinte.

Não sou do tipo ligador.

Entro na cobertura e as luzes vão se acendendo à medida que passo. Gosto delas suaves, quase apagadas. Meu apartamento não é cheio de frescuras ou foi obra de decoradores. Isto não é para mim, fiz tudo sozinho. Não que o “tudo” signifique muito. Gosto desta coisa meio em construção... É moderno, com poucos móveis e os melhores brinquedos eletrônicos que o dinheiro pode comprar. Coloquei nele, apenas coisas que julgo importantes. Sofás e poltronas confortáveis, tapetes macios, recordações de família, uma mesa de bilhar e outra de pôquer. Não me importo com todo este espaço vazio e se as coisas não combinam, e não ligo a mínima para a importância de uma sala de jantar, como minha mãe ressalta toda vez que vem aqui.

A cozinha, apesar de equipada, só frequento nos dias de jogatina. Tudo que preciso fica em um frigobar em meu quarto ao lado da televisão de plasma, meus vídeos e jogos. A cama sim, esta julguei importantíssima, é grande e confortável. Nada de academia, prefiro a rua, as pistas de motocross e o clube de boxe.

Sorriso passando a mão sobre a cicatriz em meu rosto, com uma esquerda daquelas a Caipira faria bonito em um ringue. *Porra!* Estou com saudades daqueles olhos multicoloridos faiscando de raiva para cima de mim.

*Preciso tirar esta mulher do sistema!*

Decido correr antes de ir me encontrar com uns amigos. Plano simples: boate, bebidas e sexo. Sim, sexo. Não me julguem, preciso foder, masturbação não está mais funcionando. Andei saindo com uma ou outra mulher, mas venho sofrendo de um fenômeno raro e preocupante... À medida que convivo e conheço mais a Caipira, meu desejo por ela só aumenta, e o interesse pelas outras diminui. A coisa está tão grave, que por mais que me esforce e seja generoso tem sido difícil encontrar alguém minimamente instigante. Já são quinze fodidos dias na seca total.

Tanto tempo, que a dor nas minhas bolas virou crônica. Culpa do meu pau que anda com um apetite voraz, só que muito específico. Deu para

ser seletivo e se recusa a entender que a loira está fora dos limites, por enquanto. Então na semana passada, fui tomado pelo desespero e forcei a barra... Decidi mostrar ao meu corpo quem manda, deixar meu pau teimoso cair gangrenado é que não iria.

*Fui a caça.*

Quase comi uma morena... Sim morena, porque não sou homem de imitações... Loira para mim só existe uma agora, Nina. E o quase, porque a coisa toda foi um fiasco... Foda interrompida em grande estilo por uma Andreza furiosa. A louca veio fazer uma tentativa de reconciliação antes de embarcar para a Grécia.

*— Cai fora daqui sua vagabunda! Esse homem é meu!!*

*Andreza parte para cima da morena e tenho que segurá-la. A coitada da moça sai como uma coelhinha assustada.*

*— Eu não sou seu Andreza! Não pode invadir meu apartamento assim!*

*— Como pôde fazer isto com a gente, seu cachorro?*

*— Andreza quantas vezes preciso repetir que nunca existiu “a gente”, porra?*

*— Existe! Existe, sim! O que tivemos foi mágico, Theo!*

*Gargalho*

*— Tão mágico...que nem consigo me lembrar de nada!*

*— Mentiroso! E todo aquele tesão?*

*— Evaporou junto com o whisky!*

*— Desgraçado! Não pode me dispensar deste jeito!*

A coisa foi feia, com direito a tapas, puxões de cabelos, berros, choradeira e vizinhos ligando para a polícia. Que gregos são explosivos, barulhentos e dramáticos isto não é novidade, mas Andreza vai além, simplesmente desconhece o não. Culpa dos pais dela que sempre a mimaram como uma princesa e minha, que deixei meu pau falar mais alto quando não deveria.

*Nota mental... Mandar um cartão de felicitações pelo casamento da irmã de Andreza e agradecê-la pela maravilhosa ideia de arrastar a família toda para uma cerimônia íntima na Grécia.*

De calça de moletom velha, camiseta surrada, tênis e um boné, ganho às ruas pela saída dos funcionários. Uma precaução imposta por Mike. Por ele, correria cercado de seguranças, o que não faz meu estilo.

Mas sou cuidadoso, nunca faço o mesmo caminho, nada de celulares ou relógios e procuro me camuflar.

Faço um alongamento rápido, tendo uma árvore como apoio, me aqueço e vou para o lado que minha intuição pede.

Começo a correr.

Desvio das ruas abarrotadas de carros e bares lotados, pego um atalho por um beco. Um lugar com as paredes todas pichadas, onde adolescentes costumam vir para fumar erva. Inofensivo apesar de mal iluminado. Ao longe, avisto um casal que parece discutir. *Merda!* O homem grande está nervoso e berra alguma coisa sobre cortar as asas. *Porra!* A última coisa que eu quero é me intrometer em brigas de ciúmes. Viro na outra direção e volto a correr...

— Tirêêê estas mãos de mim, seu animal.

*Esse sotaque!*

Um arrepio percorre o meu corpo. Paro a corrida num supetão e balanço a cabeça... Ando tão obcecado pela Caipira, que pode ser só meu inconsciente pregando uma peça

— Meleca! Me soltêeee! Não sei do que está falando!!

*Meleca ? Me soltêeee? Porra!* — Ninaaaaaaa!

Grito e corro o mais rápido que posso em direção ao casal no fim do beco. Consigo ver que é loira! Só pode ser ela, quero gritar, mas a adrenalina é tanta, que não consigo. Vejo-a morder o homem

— Ai, ai... Sua Vaca!

*Vaca não!*

E ele joga o corpo delicado dela contra o muro e depois tenta socá-la. Nina se esquiva, porém tropeça e cai... O homem corpulento parte para uma nova investida.

— Larga ela seu filho da puta! — minha voz volta como um rugido e me lanço no ar, chocando meu corpo contra uma muralha de músculos. Caímos rolando no chão e entramos em combate.

— Theo?

— Fique longe, Nina! — berro.

— Como você? ... De ondê? ... Cuidado!! — devolve confusa também aos berros.

Perco o controle e a raiva me cega. Levo a melhor, ajoelho pressionando seu rim e soco o filho da puta descarregando toda a minha

merda nele. Ele tem mais músculos que eu, mas não sabe usá-los. Sou como uma bomba relógio desgovernada, meu corpo inteiro treme em fúria. A princípio, levo uns contragolpes e sinto gosto de sangue, mas continuo golpeando, alternado direita e esquerda... Soco, soco, soco... Vejo o sangue jorrar de seu nariz e de um corte no supercílio.

— Chega Theo, parêêê! O homem desmaiou!

Não a escuto, a raiva é maior... Seu corpo leve me agarra por trás e tenta me puxar. — Chega Theo, vai matá-lo!!! Quanto sanguêee! Eu não posso... quando é tanto assim... Acho... Nossa mãe...

Nina amolece, escorrega pelas minhas costas e cai ao meu lado. Paro os golpes quando todas as minhas células protetoras são ativadas. *Maldição!* Esqueço o bastado fora de combate, me inclino sobre ela e delicadamente cutuco seu rosto.

— Nina. Acorda Caipira maluca. — chamo e continua apagada. — Nina, sou eu, o Theo. O cretino lembra? Aquele que você detesta. — *Merda! Merda! Merda!* — Nina, eu já parei de bater acorda!! — apalpo seu corpo à procura de ferimentos, encontro alguns hematomas, arranhões e ralados. Nenhum sangramento maior. Quando sinto sua respiração regular e o coração batendo, procuro me acalmar. Digo a mim mesmo que é só um desmaio pós-traumático. Arrisco mais uns tapinhas e nada. Tudo o que eu não posso, é perder o controle. Respiro e inspiro lentamente, abraçado ao corpo imóvel de Nina em uma tentativa tardia de protegê-la.

Arrasto-me agarrado a ela e vou até o desgraçado apagado no chão. O vagabundo ainda respira. Vasculho em seus bolsos encontrando uma carteira e dois celulares. Abro e olho a identidade, Rodrigo Jamelão. Solto uma gargalhada nervosa, que merda de bandido sai para assaltar e leva o RG? Testo os celulares, um está desbloqueado e ligo para o Mike que atende no primeiro toque.

— Mike, sou eu. Emergência beco da erva. Traz o carro, agora!

Jogo o aparelho longe e volto a atenção para a bela desmaiada em meu colo.

— Porra, porra, porra! — berro para aliviar a tensão. Consigo sentir cada gota de adrenalina que corre em minhas veias. Que merda de situação. Mal nos falamos por meses, me comportei como um idiota e agora isso!

*Azar da porra!*

Fantasiei de mil maneiras, a primeira vez que eu a envolveria em meus braços. Mas nenhuma delas chegou perto disto. *A realidade pode ser uma cadela às vezes!* Jamais imaginaria nós dois machucados e esparramados no asfalto, em um beco sujo. *Merda!* Corrói-me por dentro ver seu corpo delicado e leve, totalmente vulnerável.

Um arrepio percorre meu corpo.

Foi muita sorte eu estar por perto. Não acredito em destino, mas sempre tive fé em uma força maior que nos guia e protege. Agradeço em silêncio a Deus que me colocou em seu caminho esta noite.

E só então, me dou conta que por baixo de toda a marra e o narizinho empinado, existe uma mulher frágil... Indefesa e exposta aos perigos da cidade. Meu peito aperta de um jeito novo e agoniado. Identifico um sentimento que há muito não tinha: medo. Puxo o ar que começa a me faltar. Gosto da Caipira por perto, não quero perdê-la.

Acaricio seu rosto. *Nossa como é linda!* E corajosa, mas parece sempre tão só... Nunca a vejo falar sobre a família, amigos e ou a bosta de um namorado... A ideia dela sozinha por aí, sem ter alguém que a proteja, traz um gosto amargo à minha boca.

O corpo de Nina mexe em meus braços e seus olhos entreabrem. Ela pisca algumas vezes aturdida — Theo? ... Como? Você? O... moço... Matou ele? — preocupo-me, seu olhar é de um verde pálido e parece perdida. Suas mãos delicadas e trêmulas puxam minha camiseta na intenção de firmar-se e afastar-me.

*Não quero que me ache um monstro.*

— Shiuuuu. O perigo já passou. Fique quietinha e procure não se mexer. — acaricio seu rosto assustado, ela estremece ressabiada. — Está tudo bem, sei que isto tudo é assustador, mas preciso que confie em mim, ok? Ele não está morto e nem bati tanto assim. — minto. — Preciso que me diga onde exatamente está doendo?

— Minha cabeça... Estou cansada... — seus olhos arregalam ao tocar minha bochecha e entristece. Nina está tão pálida, me revolta ver as marcas que o animal deixou em seus braços. — Abriu o seu machucado de novo. — diz baixinho — Não está mentindo para mim, está? — inclina-se na direção do corpo estirado, mas obstruo sua visão. — Não matou o moço, né? Se matou, é melhor a gentê dar no pé. — quer sentar-se, mas seguro mais firme a impedindo.

— Calma aí, Caipira. — sou obrigado a ser autoritário. — Falei para não se mover, a pancada contra o muro foi forte. O Mike já está vindo nos buscar.

— O Mike? Não. Pode demorar. — agita-se e seu rosto contorce de dor. — Acho que consigo correr. Não quero que vá para a cadeia por minha culpa. — insiste.

O jeito com que se preocupa comigo me surpreende. Gosto disto e tem um efeito calmante, abro um sorriso na tentativa de retribuir a paz que me provoca. Quero que converse comigo, preciso mantê-la acordada enquanto esperamos. — Não matei ninguém. Bem que o bastardo merecia por ter encostado em você... — sugo o ar para controlar a raiva. — Mas está bem vivo, só vai ficar um bom tempo desacordado. O conhece?

Ele nega e sinto um estranho alívio. A ideia dela envolvida com um tipo como esse chega a embrulhar meu estômago.

— Não, nunca o vi mais gordo. — suspira. — Estava distraída, ele saiu do nada e me arrastou até o beco. Foi minha culpa, mudei o caminho. Resolvi pegar a ruazinha mais calma. — seus olhos iluminam e o pequeno nariz enruga. — Como sabia que estava aqui, Theo?

Posso adivinhar o que está pensando... *Nem fodendo!* Balanço minha cabeça, irritado. A última coisa que me falta é ser acusado de perseguidor... Respiro e inspiro...

*Calma, porra!*

Disfarço a indignação e respondo em uma calma fingida, ao afastar uma mecha de seu cabelo — Não sabia... Moro aqui há anos e costumo correr á noite.

— Mora aqui? — olha ao redor, consigo sentir seu corpo quente ainda trêmulo em contato com o meu. Vê-la amedrontada, me incomoda e muito.

Sorriso para amenizar as coisas. — Não no beco, óbvio. Em um prédio a duas quadras daqui.

— Isso não é possível. — o rosto revestido de surpresa e descrença. — Somos quase vizinhos então? Moro no Vincenzo.

Gosto da coincidência... *Não!* Gosto muito da coincidência! Pena que não posso dizer o mesmo dela. Parece decepcionada.

— Pois é, a gente se evita como o diabo e acaba aqui.... Como vizinhos. — sorrio, porque não consigo disfarçar que gostei mesmo dela

como vizinha e fico curioso, só conheço um Vincenzo. — No restaurante?

Ouço o som leve de sua risada e isto é tão doce.

— Não, *NO* restaurantê. — revira os olhos um pouco mais brilhantes. — Em um apartamento que alugo em cima dele.

Explica, ligo os fatos e de repente quero matá-la por ser tão ingênua e estúpida!

— E ficou todas estas noites trabalhando até tarde e voltando a pé sozinha? Sabe o quanto isto é perigoso, Caipira? — sou mais ríspido do que pretendia.

A sua boca se abre em espanto... Respiro fundo...

*Merda! Agora já foi!*

— Eu... eu... não...eu

Os Faróis de duas SUVs interrompem nossa conversa. Mike chega trazendo com ele mais quatro seguranças, que saem correndo e rodeiam o bandido.

— Senhorita Nina. — Mike ajoelha-se ao nosso lado. — O que houve menina? E esse hematoma no seu rosto?

— Estou bem... O homem me atacou e o Theo me salvou. — resume os fatos, envergonhada.

Mike balança a cabeça atônito e olha para mim exasperado... Faço um sinal para deixar para depois. O conheço desde a adolescência e sei o quanto leva a sério seu trabalho. Chega a ser obsessivo, todo o cuidado que dispensa a mim. O homem é uma águia e antes de largar a polícia era das investigações especiais. Então o respeito, sei que viu muito mais sujeira por aí do que posso imaginar. E com certeza, esperava ter um pouco mais de informações do que: atacou e salvou.

— Resolveremos essas questões práticas mais tarde. — priorizo as coisas. — Primeiro, vamos para o hospital. — começo a me mexer trazendo o corpo de Nina comigo. — A pancada na cabeça foi feia, é bom checar.

— Hospital? — ela enrijece o corpo esticando as pernas e não consigo me mover.

— Nina! Dá para colaborar? É só para te checar. — insisto.

Ela consegue se desvencilhar do meu abraço e senta-se toda torta e descabelada. Ouço um gemido atrás de mim e me distraio. *Droga!* Volto a enxergar vermelho. Cerro os punhos por instinto. Nina dá um salto horrorizada e fica em pé cambaleando com os olhos arregalados. Em dois



segundos, eu e Mike estamos um de cada lado, segurando em seus braços. O mesmo fazem dois seguranças à nossa frente, com o homem machucado que de alguma forma, reanimaram. Ele firma a mira em Nina, grunhe, depois tosse cuspidando sangue e alguns dentes.

— Ai minhas Carmelitas da luz ofuscantê! Aquilo eram os...? Não posso ver muito...Sang... — desmaia novamente e eu a sustento em meus braços.

*Maldição!*

— Suas mãos, Senhor... — Mike diz com preocupação. — Deixe que eu carregue a Senhorita.

— Não! — ignoro os machucados e a jeito da melhor forma que posso em meu colo. — Nina não sai de perto de mim. Mande os homens cuidarem do filho da puta e vamos para o hospital.



## Nina

Um cheiro forte invade queimando minhas narinas. A sensação é horrível. Reclamo e levo a mão ao rosto na tentativa de afastar o incômodo. Abro os olhos como um zumbi drogado que volta à vida, me deparo com íris radiantes, chocolate mel, fixas em mim. *Uauuu. Lindas...* Iguais às de Theo, mas não são as dele. Ele não usa este rímel incrível e tão pouco, delineador.

Retrocedo o zoom a fim de obter uma panorâmica do rosto bonito me encarando sorridente.

— Como está se sentindo, meu bem?

— Confusa e sonolenta. — forço-me a manter os olhos abertos.

*Quem é esta mulher?*

— É natural, a pancada foi feia. Vai ficar meio fora de órbita por um tempo. Tem um belo galo aí atrás. — sorri — À propósito, sou a Doutora Thina.

*Doutora?*

Observo a mulher de pé meu lado na cama. Ela parece familiar, acho que já a vi em algum lugar, mas a dor na minha cabeça e o sono

impedem pensamentos mais profundos e investigativos. Ela ajeita o lençol que me cobre, olho para baixo e congelo...

— Minhas roupas... — gaguejo.

Sorri de um modo maternal. — Fique tranquila, expulsei o Theo e o Mike do quarto antes das enfermeiras te trocarem.

Meu corpo enrijece...

Hospitais me dão urticária e lembram os piores momentos da minha vida. Inspiro lentamente... Poucas coisas me abalam e estar deitada em uma cama, com agulhas enfiadas em minhas veias é uma delas. *Isto é mal, muito mal... É um exagero.* Dou uma checada no ambiente e no quarto luxuoso em que estou.

— Deve haver algum engano, não creio que meu plano de saúde...

— Não se preocupe com isto. — a doutora interrompe.

— Mas eu tenho que me preocupar com isto...

— O Theo já cuidou de tudo — interrompe novamente.

— Mas ele não...

— Nina — interrompe pela terceira vez e começo a me irritar. — Quando um paciente chega desacordado a primeira medida é comunicar os parentes próximos. Não encontramos nenhum, o Theo assumiu a responsabilidade. Precisávamos de autorização para fazer uma tomografia, é o protocolo no caso concussão craniana <sup>[13]</sup> seguida de desmaio.

*Meu plano não cobre uma tomografia!*

— Sangue em excesso e dentes sendo cuspidos me fazem desmaiar. — explico, já irritada. — Doutora, estou me sentindo ótima. — minto. — Pode fazer o favor de me liberar? Não tenho como arcar com estas despesas e estou preocupada, na certa, devo alguma explicação à polícia.

— O Theo e o Mike estão lá fora resolvendo tudo. — toca meu braço e checa as intravenosas ligadas a um soro que pinga lentamente. — Hoje você passa a noite aqui, mas para liberá-la, vou precisar de um responsável que fique de olho em você nas próximas 48h. Há um pequeno edema entre o córtex e o crânio, em 90% dos casos o próprio organismo absorve, mas podem ocorrer alguns desmaios.

*Diacho!*

*Que parte do nem ferrando eu fico aqui, ela não entendeu ?*

Suspiro irritada. — Olhe Doutora, sou nova em São Paulo, não tenho parentes na cidade e juro que estou perfeitamente apta para tomar conta de mim mesma. Não pode me manter aqui contra a minha vontade.

— Posso sim. Sou a médica responsável e a menos que haja alguém, só sairá daqui no domingo. — cruza os braços e me encara séria, mostrando que não está para brincadeiras.

*Vaca!*

Passo os próximos minutos, insistindo em ir embora, respondendo a um questionário médico interminável e bolando um plano para dar no pé. Estou quase estrangulando a médica quando Theo e Mike entram no quarto. Não sei se os agradeço por me pouparem de um assassinato, ou se os mato também por terem me trazido para esta joça.

Theo me estuda desconfiado e fecho a cara, ainda estou indecisa entre agradecer ou matar. Ele tenta fazer aquela coisa de morder o canto da boca, mas seu rosto contorce de dor... Só aí percebo que seus lábios estão um pouco inchados e avermelhados. Um rastro de culpa passa por mim.

— Como ela está, Thina? — volta-se para a doutora.

— Agitada e brava. — a médica parece aliviada em vê-los. — Deus! Bem que falou que a mulher é pavio curto. — suspira exausta e vai até ele dando uma conferida nos curativos que ostenta na bochecha e mãos.

— Ela é. — sorri divertido e beija a mulher com carinho. — Obrigado, te devo uma.

Franzo o nariz, a intimidade deles me incomoda.

*Vaca ao quadrado!*

A doutora gargalha e depois beija Mike que não se incomoda com o gesto de afeto. Fico intrigada.

— Como esse meu irmão é cara de pau, né, Mike? Já perdi a conta de quantas ele me deve.

Theo protesta e Mike assente divertindo-se, seu celular toca e ele sai do quarto. *Irmão?* A ficha cai, por isso a semelhança... Deve ser daí minha antipatia por ela. A carrasca é tão mandona quanto ele.

*Que sina a minha.*

— Desculpa interromper a chacinha <sup>[14]</sup>... — chamo a atenção para mim e cruzo os braços. — Theo, a sua irmã está com problemas para

entender que eu estou bem. De jeito nenhum vou passar a noite neste hospital, quero ir para a minha casa.

A doutora abre a boca, mas antes que ela responda, Theo segura seu braço. — Nina, se a doutora Thina diz que precisa ficar, é porque precisa. Isto não está em discussão.

*Uh o quê?*

— Não pode decidir por mim.

— Posso.

— Não pode.

— Posso sim. — abre um sorriso arrogante. — Tenho um documento que diz que sou responsável por você até segunda ordem.

Quero gritar, mas a dor em minha nuca e a tontura me impedem. — Até segunda ordem de quem, posso saber?

— Minha. — responde a doutora com a cópia do mesmo sorriso arrogante em seu rosto.

*Ná-nã-ni-ná-não...*

*Nem por cima do meu cadáver!*

— Isto é inconstitucional! Nem morta vou passar o fim de semana nesta droga! — pulo fora da cama e uma vertigem me assalta, só não me estabaco feio no chão, porque Theo deve ter algum superpoder *Theo Flash* e me segura.

— Porra, Nina !

— Oooh! — ofego e meu coração palpita três notas acima.

— Shhhhh, eu tenho você...

*Sim tem...*

Sentir seu corpo pressionando o meu é bom.

*Hummm, é muito bom, aliás. Gosto disto .*

— Vou chamar as enfermeiras!

— Não, eu cuido dela. Só consiga algo para acalmá-la.

Doutora Thina sai às pressas e sou posta na cama como se fosse algo precioso, prestes a se desintegrar. A ideia de que talvez, ele seja um dez mais, às avessas, passa pela minha cabeça sonolenta e delirante... E de repente o pior acontece... Minhas fantasias românticas adormecidas faíscam como um curto circuito em meu cérebro, prontas para incendiar tudo.

*Não!*

Minha frequência cardíaca acelera enquanto ele me cobre, tomando cuidado com a IV <sup>[15]</sup> presa à minha mão. Observo-o calada, mesmo com o rosto machucado ele é lindo. E isto simplesmente não é justo e não vai dar certo!

— Não quero que me cuide. — murmuro baixinho.

Um rastro de decepção estampa seu rosto. — É só me dar um nome. — sussurra em resposta.

*Um nome?*

Meu coração aperta... Nesta situação, Todas as mães do mundo viriam correndo para seus filhos, mesmo que isto significasse pegar um avião, mas não a minha. Eva nunca me colocaria em primeiro lugar. Busco por alternativas... Penso em Jasmim e Estrela, mas as duas ficam presas no café durante os finais de semana. Vincenzo? Seu melhor faturamento é no sábado e domingo. Talvez a Nati... Suspiro decepcionada ao lembrar sobre sua viagem à praia. E suspiro resignada ao constatar a realidade...

— Não tenho nenhum — confesso e não consigo esconder a minha decepção.



## Theo

Seu desgosto entra em mim por osmose. Meus olhos enrugam de decepção recíproca. Respiro fundo e faço a única coisa possível... Num piscar de olhos, sento na cama e tomo as rédeas da situação.

— Por que não gosta de mim? Todo mundo me adora, sou um homem bem legal, sabia?

Ela balança a cabeça, confusa.

— Do que está falando?

— Tá na cara que me detesta. — jogo a real. — Prefere ficar em um lugar, que claramente odeia, a ter que passar um tempo comigo.

— Eu não te detesto! — parte para a defensiva. — E já estou me conformando com o passar um tempo contigo.

— *”Estou me conformando”*... — rosno. — Sou assim tão repugnante? Pensei que depois de passarmos dois meses trabalhando juntos,

as coisas tivessem mudado. Foi por isso que não aceitou os convites pra almoçar com a equipe?

Nina esfrega os olhos irritada, igualzinho a minha mãe faz quando meu pai quer discutir a relação.

*Não que isto seja uma DR, seria ridículo!*

Depois pisca... pisca, pisca, enquanto espero sua resposta.

Insegurança não é uma coisa que eu conheça, tudo bem que me mantive distante e pouco nos falamos, mas fui um cavalheiro e dei o meu melhor... Então, toda esta antipatia para o meu lado, não se justifica... É irritante e confuso. Sei que sou interessante, inteligente, fisicamente muito acima da média e não sinto nenhum constrangimento em admitir que sou boa pinta pra caralho. Mulheres fazem fila para ter um pouco da minha atenção... Então, não consigo entender, porque ela não enxerga isso.

— Entendeu tudo errado. — volta a me olhar com uma expressão tensa. — Escutê ... Não tem nada errado, até gosto de você, tá bem? A coisa está em mim.

Solto um riso nervoso.

*Essa é boa!*

— Não, não está bem. Homens é que dão esse tipo de desculpinha. — constato com ironia.

— Não é desculpinha! — segura minhas mãos machucadas e as aperta com força. *Ai, ai caralho!* Aguento firme a dor e fico calado. — Só não estou acostumada a gentilezas deste tipo, ok? A minha vida toda aprendi a me virar sozinha... É estranho ter alguém se oferecendo para cuidar de mim... Ainda mais, se esse alguém é você. — exaspera-se e dispara a falar. — Caramba! Mal nos conhecemos, não sei como agir... Tudo bem, que paramos de nos ofender, mas temos nos comportado como dois estranhos. Não! Nós somos dois estranhos, Theo! Aí, espera que eu reaja como? Ache supernatural e fique animada para ficarmos grudados? Como vamos fazer isto? Minha casa mal me cabe e não tem o luxo que deve estar acostumado. Vai acampar no meu jardim, por um acaso?

Respiro fundo e mordo meu lábio inferior pensativo. Desmordo no ato.

*Ai merda, murro forte do caralho!*

Primeiro, quero protestar. Não somos desconhecidos. Estive bem consciente da presença dela todo esse tempo... Cada movimento, cada porra

de respiração e cada olhar indiscreto que lançou para a minha virilha.

Segundo, queria que entendesse que depois de tudo que passamos juntos, me sinto próximo... Tragédias costumam unir as pessoas, esta é a regra..., mas é claro, é a Nina aqui. E nada é comum quando se trata dela.

*Maldição!*

Terceiro, acamparia se fosse preciso.

*Mas não é.*

— Vamos ficar na minha casa. — digo cauteloso.

— De jeito nenhum! — explode.

— A sua casa vai ficar interdita. — retruco no mesmo tom.

— Como assim?

Ela faz menção de levantar-se e dou-lhe um olhar mortal de nem-pense-nisto-Caipira, ela recua.

— Mike vai fazer umas alterações por lá.

— Alterações?

Engole em seco e sei que está a ponto de explodir.

— De segurança.

— Com ordem de quem?! — fuzila-me e morde os lábios irritada.

*Lá vamos, nós!*

— Minha. — seu rosto fica vermelho intenso. — E do Vincenzo. — emendo rápido por precaução. — Não queria falar sobre isto agora... — respiro fundo e explico antes que ela resolva gritar outra vez. — Mas pelo jeito, é a única maneira de fazê-la entender. O cara que te atacou... Não era um assalto.

Aproveito que seu queixo cai em espanto e despejo o resto.

— Os homens do Mike tiveram uma conversinha e o otário cantou como um passarinho. Parece que alguém não anda nada satisfeito. O ataque foi um recado.

“*Quem cisca em poleiro alheio, perde as asas.*” Repete baixinho. — Pra mim? — gagueja. — Quem mandaria um recado desses, se não apito em nada naquela empresa?

— Na verdade, acho que o recado era para mim. Muita gente não está satisfeita com o que venho fazendo. A merda, é que bastardo não sabe quem o contratou, tudo foi feito de forma anônima. Só disse que o alvo era você.

— Eu? Por que eu?

Quero coçar a barba, mas também quero continuar a segurar suas mãos minúsculas. Controlo minha compulsão.

— Para me atingir. Querendo ou não, faz parte do meu time de confiança.

— E ele pretendia fazer o quê? Me matar e deixar um bilhete grudado em minha testa? — seus olhos crescem. — Ai minhanossasenhora! Encontraram algum bilhete com ele?

— Não, nada de bilhetes. — eu a acalmo e a impeço de sentar novamente. — Hey, calma. Deitadinha, aí.

— Como posso ficar calma e deitada com estas coisas que está me dizendo? Entende o tamanho da encrenca? Está correndo perigo, Theo!

Sorriso. Vou acabar me acostumando com ela se preocupando comigo toda hora.

— Ninguém faria nada contra mim, as consequências seriam imediatas e nada agradáveis.

Olha-me como se eu fosse um gangster perigoso e noto pequenas manchas avermelhadas brotando em seu pescoço.

— Nada agradáveis? É de alguma máfia grega, por acaso?

— Não, nada de máfia. — gargalho, mas sua expressão não muda. — Mas tenho bons amigos que ficariam muito bravos se alguém me machucasse. — olha assustada para o meu rosto. — Estou falando de algo para valer, não deste seu arranhãozinho. — brinco sabendo o que pensou. — Além do mais, tomo minhas precauções e Pedro as dele. Só que cometi em erro básico, Caipira. — fica confusa. — Estava tão obcecado com a ideia de nos mantermos afastados e longe de brigas, que te deixei solta. Jamais imaginei que andasse a pé e distraída por aí. Me desculpe, prometo resolver isto.

Sua testa franze.

— Fala como se fosse sua obrigação zelar pela minha segurança. Theo, não precisa resolver nada. Sou adulta e vou ficar mais esperta daqui em diante.

— Não é minha obrigação, é a minha vontade. — confesso. — Não suportaria se algo de ruim te acontecesse novamente. Então, por favor, só me deixe cuidar de você à minha maneira, ok?

Intensifico o aperto em nossas mãos.



Seus olhos furta-cor brilham, depois ficam pensativos ao desviar a atenção para nossas mãos unidas que se encaixam perfeitamente.

— Não suportaria? — pergunta em um sussurro.

— Não.

Fica calada e suspira como se estivesse em uma luta interna... Os segundos passam e o silêncio está me matando.

— Nina...

— Péra ... — interrompe. — Eu topo, mas não reclame quando cansar de olhar para a minha cara ou de bancar o bom samaritano.

*Reclamar?*

*Nunca!*

Solto nossas mãos, afasto uma mecha dourada de cabelo e toco a pele avermelhada.

— Esse seu rostinho é muito bonito, Caipira. Acho difícil me cansar dele.

Nina ri nervosa afastando o rosto e fico com a impressão de que acha que estou brincando. *Tolinha*. Apenas sorrio em resposta.

Thina volta com as enfermeiras. Bem mais calma, Nina não reclama e deixa os medicamentos serem ministrados.

Nada mais é dito e pela primeira vez, desde que nos conhecemos, acho que estamos começando a nos entender. Ficamos parados, quietos... Perdidos em nossos pensamentos, até que ela se rende e adormece.

*Vai ser uma longa noite...*

Olho para despertador digital que marca 3h36... Passaram só quinze minutos desde a última vez que a enfermeira veio checar Nina. Esfrego o rosto, tento encontrar uma posição menos desconfortável... Estou cansado, dolorido... E, este sofá de merda não colabora, há uma incompatibilidade genética entre nós e me sinto uma sardinha em lata espremido nele.

Soco o travesseiro ortopédico duro, cruzo os braços sobre o peito e solto um profundo suspiro. Não posso dormir nestas condições... A situação toda parece surreal e meus planos para uma sexta-foda-quente foram por água a baixo.

*E quer saber? Estou pouco me fodendo !*

Passaria por tudo novamente... Cada murro, só para acabar aqui, entalado em um sofá de hospital, no mesmo quarto que Nina. Sorrio

satisfeito.

## Sete



### Nina

**D**epois do banho demorado, meu corpo está relaxado, mas minha cabeça continua a mil por hora... Visto a calça de Yoga e a regata larguinha que resgatei da minha casa esta manhã. Fiquei quase maluca escolhendo o que trazer.

— *Devia levar esta camisolinha... É tão sexy, vai que...*

— *Vai que nada, Jasmim... — retiro as peças de sedinha e renda da mala. — E pode tirando estas caraminholas da cabeça. O Theo só está fazendo isto por pura compaixão.*

— *Hum, hum... Percebi o jeito de pura compaixão que ele te olha... Não sabia que tesão tinha mudado de nome.*

— *Jasmim!*

— *Tá, parei..., mas só as calcinhas então... Ele não vai saber que está com elas mesmo. Não embaixo destas coisas de vovó, que vai levar para se camuflar.*

Cedi nas calcinhas, mas não abri mão das boas e velhas roupas de ficar em casa. Afinal, mesmo que o lado burro do meu cérebro fique desejando que Jasmim esteja certa, isto não é como um encontro...

Olho em volta embasbacada. Estou no maior e mais luxuoso banheiro que já vi na vida, sentando em uma poltrona para calçar as meias.

Sorrio desacreditada. Só um deus grego como o Theo para morar na cobertura de um prédio chamado Olimpo. No mínimo fez de propósito.

*Quem tem uma poltrona no banheiro?*

*Estar aqui é tão... Esquisito ...*

*Tudo tem sido muito esquisito .*

O modo desastroso como nos conhecemos, as provocações e as brigas, a gente virando colegas de trabalho... O não assalto, o recado, a luta, o sermos vizinhos... Nem em mil anos poderia imaginar... O Theo passar a noite inteira velando meu sono... Sua cara amassada e bonita ao dar um bom dia preguiçoso... O café da manhã com ele tentando me entupir com aquela porcaria sem graça.

— *Porra, Nina! Só um mais pouco! Como quer que a Thina te libere se não comer?*

— *Isso é sério? Detesto mingau.*

— *Sim, só mais duas colheradas, caramba.*

— *Ai, tá bom! Que tormento vai ser você cuidando de mim!*

— *É bom se acostumar, Caipira. Sou um excelente cuidador.*

— *Parê de me chamar de Caipira.*

— *Eu gosto... Não vou parar.*

— *Saco!*

— *Bocuda!*

*Que maluquice!*

Parecíamos um casal saindo juntos do hospital. Ele todo compenetrado repassando as recomendações de Thina e eu sem graça, com seu braço em torno da minha cintura, me amparando como se a qualquer minuto, eu fosse desmontar. Depois, nós dois calados no banco de trás da SUV conduzida por Mike.

*Esquisito... Mas bom. O tipo de sensação que não sentia há muito tempo.*

*Terra chamando Nina de volta! Hellooooo??!!*

— *Ai, ai. — exclamo para mim mesma.*

Sorrindo feito idiota, procuro deixar o banheiro como encontrei... Não que seja preciso muito, Theo não parece ser do tipo muito organizado. Seguro minha compulsão por limpeza e ignoro suas roupas usadas jogadas em um canto. Sorrio para a boxer branca perto da calça jeans...

*Adoro boxers brancas.*

Antes de sair do banheiro, não resisto e como uma drogada... Vou até a bancada de mármore negro abro e inspiro profundamente... Pela milésima vez, o perfume de Theo. Sei que isto pode parecer meio patético ou obsessivo, mas o homem todo cheira tão bem, que não consigo resistir.

Aliás, tudo aqui tem o cheiro dele, é imenso e lindo como ele. Não do tipo lindo planejado... Está mais para selvagem deslumbrante e masculino... Eu diria que se desse para classificar um apartamento como sexy, talvez esta seria a definição correta... Sexy como o dono.

Saio do banheiro e nem sinal do Theo. Alívio e decepção.

*Droga! Quê ele?*

Com os cabelos ainda úmidos corro para me enfiar embaixo das cobertas. *Ai meu Deus, não vou sair daqui, nunca mais!* A cama dele é enorme, deliciosa e macia... É como ser abraçada, aconchego-me e sinto uma sensação de lar. *Estranho*. Saber que ele dorme aqui todas as noites, me dá um troço que não sei explicar. *Quase um calor eufórico...* Espio a porta... Nada. Aproveito e cheiro rapidinho as cobertas... *Hummm, mais Theo...*

Penso em xeretar por aí... Mas me obrigo a só girar os olhos ao redor... O quarto não é abarrotado de coisas... Uma cama, criados mudos, uma poltrona com mais roupas jogadas e uma janela, que vai de ponta a ponta, revelando a varanda com vista panorâmica de São Paulo... Não há nada nas paredes cinza claro e se ele não tivesse dito que já mora aqui há algum tempo, juraria que acabou de se mudar. Exagerado apenas na televisão e nos aparelhos eletrônicos na parede em frente a cama.

*Onde diabos este homem se meteu?*

Meio dia, apita o rádio relógio... Faz um tempão que me deixou sozinha para resolver umas coisas. *Que droga de sentimento é este? Não posso estar sentindo falta dele...* Tudo bem que o Theo me surpreendeu e está fazendo de tudo para me deixar à vontade. Só que não precisava exagerar e me largar aqui sozinha. Este homem me confunde toda. Primeiro foi todo cuidadoso, depois insistiu que ficasse em seu quarto... Não tive a menor chance de recusar... Agora desaparece?

— *Theo, não tem cabimento eu ficar lá. — minhas mãos vão parar na cintura. — É impossível que um lugar como este, não tenha um quarto de hóspedes.*

*Ele ergue uma sobrancelha.*

— *E tem, mas estão interditados. Vai ficar no meu quarto e ponto final.*

*Caramba, como é chato!*

— Mas Theo, também precisa descansar. Aquele homem era um armário, parecia o Hulk! Não é justo.

— Caipira, se eu digo que é no meu quarto que vai ficar...— respira fundo e começa a me arrastar, de mala e cuia, por um corredor. — É assim que vai ser. Eu me viro, não se preocupe comigo.

*Como não me preocupar?*

Querendo ou não, arriscou-se por mim, poderia ter me ferrado nas mãos daquele troglodita.

*E se eu não o agradeço direito?*

Fico tentada, a ideia de ir atrás dele parece certa, mas apesar da minha gratidão e curiosidade, não tenho coragem... Resolvo sossegar o facho e seguir a recomendação de repouso absoluto de Thina... Minha cabeça ainda dói e estou sonolenta por causa dos analgésicos. Aconchego-me mais e percebo que...

*Estou exausta... Deus do céu! Também não é para menos, a manhã foi maluca.*

Theo, Mike e Vincenzo pareciam três loucos... Super empolgados discutindo onde colocar toda a parafernália de segurança que brotou na sala do meu apartamento. Tive que segurar minha vontade de expulsar os três a tapas de lá. Só não fiz, porque a porcaria da casa não é minha... É de Vincenzo e o homem estava feliz como se tivesse acabado de ganhar na mega sena da CSI.

— Não é maravilhoso, Nina? Vou poder controlar tudo de casa! As noites em claro acabaram!

*Olho para Theo que faz força para não rir.*

— É sim, seu Vincenzo... Maravilhoso.

Concordei logo... Não é sempre que um louco exagerado bate à sua porta e promete deixar seu estabelecimento mais seguro que a Casa Branca. E confesso... Também vou dormir muito mais tranquila sabendo disto.

— Faço questão que fiquem para o almoço. Vou fazer aquele espaguete que Nina adora.

— Agradeço, Vincenzo, mas Nina tem que repousar. A teimosa insistiu em vir até aqui primeiro... Estou preocupado com ela agitada deste jeito... Melhor irmos logo, preciso colocar a Bela Adormecida na cama...

*Uh o quê?*

*Essa coisa de me colocar na cama tem efeito potencializador na minha agitação... Um calor se propaga através de mim... Quase sorrio, mas fecho a cara antes que percebam.*

*Inferno! Esse homem é médium? O olhar de Theo brilha e sinto minhas bochechas corarem.*

*— Eu precisava de roupas. — despisto rezando que confunda minha cor com irritação.*

*— Disse que poderia usar as minhas.*

*Me olha divertido e Vincenzo parece divertir-se também.*

*Meleca!*

*— Nem pensar! E vou trabalhar como na segunda? De terno?*

*— Cairiam bem em você.*

*Ele ri, e, maldição, o som da sua risada é o melhor...*

*Bufo*

*— Melhor ir ajudar Jasmim com as MINHAS roupas que eu ganho mais.*

Sai batendo o pé e deixando os dois rindo para trás. Em cinco minutos estávamos prontos para ir. Malas no carro e um Theo ansioso despedindo-se de Vincenzo e Mike. Aproveitei e fiz o mesmo com Jasmim.

*— Prometo que amanhã eu passo pra te ver.*

*— Graças a Deus, vai ser um tormento ficar sozinha com o Theo.*

*— Ai, Polaca, anime-se! Esse homem caiu do céu! Ele não precisava reforçar a segurança até no café!*

*Jasmim aplaude e faz uma dancinha.*

*Não, não precisava...*

*E a animação dela me rende uma careta.*

*— Quer parar de endeusar o homem, pelo amor de Deus!*

*— Impossível... — continua a rebolar. — Qual é Polaca, tem certeza que seus olhos estão funcionando direito? O homem é um dez lembra? E generoso ainda por cima!*

*Suspiro...*

*Ohhhh se lembro...*

A todo momento e isto é um grandessíssimo problema.

Tento pensar em outra coisa que não seja o Theo. Minha mãe, não... Trabalho, não... Comida, hummm fome... Bernardo, Deus me livre... Vejo um livro na cabeceira... Lendas urbanas, interessante, mas não...

Alcanço um olho grego enorme em cima do livro e começo a brincar... Coloco o vidro azul translucido na testa, depois no olho e vejo tudo distorcido... Sorrio. Não sabia que os Callas eram tão supersticiosos... O tédio me toma e começo a bocejar...

— Mnnnmnmn

Acordo, me espreguiço e levo uns segundos para lembrar onde estou... Giro o corpo me contorcendo toda e focalizo um par de coxas grossas em uma calça jeans desbotada. Estão esticadas na cama... comigo. Afasto meu cabelo do rosto e subo o olhar digitalizando cada centímetro do corpo incrível ao meu lado.

A visão é mais que ótima... Há alguma coisa mágica em homens descalços, em calças jeans e camisetas surradas. Gosto do que vejo... Muito.

Theo fica sexy em seus ternos, mas assim ele é quente.

Quando fecha o livro e ajeita as costas apoiando-as na cabeceira da cama, fico alerta.

— Até que enfim... Você é uma dorminhoca e tanto...

Sorri, um pequeno e quase malicioso sorriso. Seus cabelos estão úmidos e o cheiro fresco, e delicioso que vem dele, denunciam um banho recém tomado.

*Deus que delícia!*

— Há quanto tempo está aí? — sento na cama voltada para ele. Abraço minhas pernas como um escudo.

— Tempo suficiente para pensar que tivesse entrado em coma. — diverte-se.

Checo o relógio atrás dele:16h17.

— Meleca! Apaguei pra valer. — passo as mãos nos cabelos, tentando domá-los.

— Como está se sentindo? — dobra as pernas apoiando os cotovelos nos joelhos de forma descontraída. — Fiquei preocupado, liguei pra Thina e ela me fez jurar que não iria te acordar.

— Aí, ficou me espionando enquanto dormia?

— Espionando não... Só estava preocupado, a manhã foi agitada.

Com a ponta dos dedos toco o galo em minha cabeça... O inchaço está bem menor. — Estou bem, sem dor de cabeça. Não precisa se importar tanto, é estranho todo esse cuid...



Ele me interrompe com um movimento de cabeça e olha-me desacreditado.

— Estranho seria não me importar.

*Seria?*

Limpo a garganta, confusa. Sinceramente, não entendo porque ele passou a se importar tanto assim comigo. Aproveito a deixa para dizer como me sinto.

— Olha Theo, eu te agradeço de coração... Estou lisonjeada com toda essa atenção e cuidado. Só não vou mentir, fico um pouco desconfortável e ainda estou tentando entender esta sua mudança de rota. A gente nunca foi assim... — aponto para nós dois. — Você sabe... — ... *Tão íntimos...* Não ousou pronunciar, não sei se é a palavra certa.

— Não, não sei. — repete meu gesto indicando nós dois. — Assim como?

— Tão próximos e cuidadosos. — saio pela tangente.

— É bom acostumar. — sorri satisfeito. — Deveríamos ter seguido por esta rota desde o início. Gosto do tão próximos, tenho prazer de cuidar de você e não tenho a menor intenção de me afastar. — levanta-se da cama indo até a porta. — Precisa comer.

Minha boca cai aberta, levo alguns segundos para processar suas palavras...

*Gosta? Prazer?*

— Prefere água ou suco?

*Hã?*

Nos olhamos por segundos... Uma sobrancelha grossa arqueia e me toco que ele aguarda uma resposta.

— Ah ... Água, suco...qualquer coisa. — respondo ainda aturdida

Ele concorda, sorri e sai.

Fico quieta só admirando seu belo traseiro sumir pela porta.

*Vixi Maria!*

Uma meia dúzia de borboletas começa a voar pelo meu estômago. Suas palavras me pegaram de surpresa e só se eu fosse muito idiota, não notaria que há um certo interesse implícito nelas. *Ele gosta do tão próximos... E quer saber? Gosto que ele goste.*

Me agito olhando em volta... Só agora reparo que o quarto está organizado. Nem lembrança das roupas espalhadas. Algo duro cutuca o meu

traseiro, apalpo o colchão e encontro o olho grego que foi parar embaixo de mim sabe-se lá como.

Largo o amuleto na cama, levanto e corro para o banheiro... Ajeito a bagunça que se chama Nina e volto para o quarto.



## Theo

Meu coração acelera ao ver Nina sair do banheiro... Um sorriso idiota surge em meu rosto.

*Linda!*

— Nossasinhora! Quanta coisa! — aponta para a bandeja que deposito na cama.

Não sei qual versão dela gosto mais: descabelada com carinha de sono ou assim sem maquiagem e com os cabelos presos em um rabo de cavalo. O espaço em meu jeans reduz e arrisco dizer que meu pau aprecia todas. Concordo com ele.

Nina aproxima-se animada. Senta na cama, os copos e xícaras tintilam... Cruza as pernas sem tirar os olhos arregalados do lanche que preparei.

— Rapaz, se tem um troço que me anima é este tanto de comida!

Gargalho aliviado e feliz com sua aprovação.

Divirto-me com seu jeito irreverente e estou passando a amar cada uma de suas expressões exageradas. Sei que é incoerente, mas há algo em sua voz e personalidade que não consigo ignorar.

*É simplesmente irresistível.*

Como se Deus, no dia em que a fez, tenha decidido colocar em uma única mulher tudo que me fascina... Da inteligência teimosa a delicadeza adorável. Arrematando sua obra prima com um corpo espetacular e olhos reveladores.

Nina é algo mais... E eu quero esse mais.

*Opa! Eu quero?*

— Sua barriga roncou enquanto dormia. — digo a primeira coisa idiota que me vem à mente e permaneço de pé ao lado da cama.

— Não duvido que tenha roncado. Estou faminta. — olha para mim e sorri em uma felicidade quase infantil. — Obrigada, Theo. Estou no paraíso. Eitaaa Nutella! — pega um morango e o afunda no creme de avelã.

Quando enfia a fruta na boca, fecha os olhos e geme de satisfação... *Ai caralho!* O som doce e sensual reverbera como um tiro de bazuca em minha virilha.

Fico duro.

— Hummm, muito bom. — elogia com os lábios tingidos de chocolate e sinto um desejo inexplicável de chupá-los.

*Preciso dar o fora, antes que eu faça uma loucura.*

— Tenho que resolver uns assuntos. — joga uma desculpa e me apresso a sair.

— Vai me deixar sozinha de novo? — sua voz é quase um lamento.

*Merda!*

Paro no batente da porta e a encaro confuso.

— Poxa Theo, não vou dar conta disto tudo sozinha.

Parece ansiosa e suas bochechas ganham um tom vermelho.

— Pensei que minha presença a irritasse.

— Eu também pensei. Mas, me enganei. — desvia o olhar para outro morango em sua mão. *Timidez?* — Come comigo, vai? — insiste sem me encarar. — Ficar sozinha não é a coisa que mais amo no mundo. Estou com um tédio danado e não aguento mais dormir. — sorri e me derreto. — A gente podia conversar.

— Conversar?

*Eu não quero conversar e muito menos comer. Estou faminto sim, mas de você! ... Caralho, Caipira, como não percebe isto? ... Se fosse esperta, me manteria bem longe. Não consigo tirar da cabeça a sensação do seu corpo colado no meu e não sei se sou forte o suficiente para me segurar.*

*Porra!*

*Se controla, ela não é como as outras, lembra?*

— Ou ver um filme. — aponta para a pilha de Blu Rays na estante. — Gosto dos filmes de ação e aventura.

— Gosta?

Sorri novamente e...

*Caralho! Eu adoro que sorria para mim!*

— Tenho o novo Mad Max e preciso mesmo colocar em dia as temporadas de GOT. — levanto os ombros — Dei um duro danado para conseguir estas versões de colecionador, estão cheias de cenas extras e bastidores. — gabo-me como um adolescente querendo impressionar a namoradinha.

Seus olhos brilham em verde maçã... Depois dá uns tapinhas animados no colchão, me convidando.

— Perfeito, vem! Amo Tom Hardy e Jon Snow!

Odeio que ela ame os babacas, penso em oferecer um filme sem esses galãs idiotas de Hollywood, mas me contendo. Sou melhor que eles, sou real.

— Tudo bem. Vamos aos filmes então.

*E foi exatamente aí que me perdi...*

Entramos em uma maratona interminável de filmes, séries e risadas... Entre morangos, sanduiches, pipoca e sorvete, que dividimos no mesmo pote, descobri que o muito mais da Caipira é sem limites.

— *Jamais pensei que é do tipo que cozinha.*

— *Melhor nem se animar, todos os meus dotes de Chef estão aí... Não consigo ir muito além do sanduiche e omelete. Se bem que, sou ótimo em churrascos.*

— *Churrasco é minha comida predileta no mundo.*

*Anotado!*

Churrasco, nutella, morangos e espaguete.

Surpreendo-me como é fácil ficar à vontade com Nina. Bastou um pouco de tempo e boa vontade, para começarmos a deixar caírem as máscaras e muralhas de proteção que construímos tão bem na Callas.

Nina não é só deslumbrante, é divertida, cheia de histórias e culta.

*Fascinante e perigosa.*

— Não sabia que era supersticioso, Theo.

A cada Theo que diz, tenho vontade de partir para cima. Nunca pensei que ouvir meu nome desse tanto tesão.

Respiro fundo e me cubro para esconder meu desejo mais que evidente.

— Não muito. — pego o olho grego largado na cama. — Mas minha mãe é. Diz a lenda que têm o poder de bloquear as energias

negativas. Simboliza o olhar divino que protege as pessoas contra os males e inveja. A casa dos meus pais é infestada deles e sempre aparecem mais alguns, toda vez que, voltam da Grécia. Foi ela quem o sugeriu como logomarca da empresa.

— E funciona?

Sorrio de seu interesse. — Ela acredita que sim e não tenho porque duvidar, os negócios só prosperam.

— Nossa, com todas estas coisas acontecendo, acho que preciso urgente de um destes. Acredita que minha pimenteira secou?

— Pimenteira?

— É, a plantinha, ela é ótima para afastar a inveja e quando seca, quer dizer que a coisa está feia para o seu lado. — arregala os olhos de um modo engraçado. — Vou arrumar um vasinho para você.

*Ela quer me dar um presente?*

Surpreendo-me e fico generoso.

— Fique com este. — ofereço o olho grego.

— Não! Dá mais azar pegar amuletos usados.

Enquanto faz o sinal da cruz, resolvo não insistir. Não sou um profundo conhecedor na arte dos amuletos.

Os risos e conversas continuam... E nós dois mal prestamos atenção na série que começamos a assistir. Nina ganha minha admiração a cada novo detalhe de vida que conta.

*E a atração?*

Em poucas horas pula para uma necessidade urgente. E algo me diz que isto não vai sumir assim de repente. *Quer saber? Foda-se.* Não sou homem de esconder meus sentimentos.

*Essa mulher é demais!*

— Senhor Callas, até que esse seu lado Theo é bem legal. — enfia-se embaixo das cobertas ao meu lado. — Engraçado, né?

Ela tão próxima e desarmada me atordoia.

Reprimo meu impulso de partir para o ataque.

— Para você ver, a tragédia sempre une as pessoas. — viro de lado apoiando a cabeça em uma das mãos. — Mas para sua informação, não sou legal, sou ótimo. — brinco, mas seu rosto não corresponde.

— O que foi?

Nina acomoda-se preguiçosamente. — Nada. — diz afofando o travesseiro, depois apoia a cabeça e me observa. — Benza Deus, esse travesseiro é mesmo incrível, impossível não dormir bem com ele. Se sumir um, foi porque levei escondido para casa. — força a brincadeira, desviando assunto.

Incomodado com sua mudança de ânimo, imito seu gesto e me ajeito no travesseiro.

— Nem vem, Caipira. — cutuco-a sob as cobertas e ela se afasta. *Merda!* — Tá vendo? Como nada? Esquece que é a pessoa mais transparente que existe? O que foi? É o cansaço? Já são quase duas da manhã, acho que exageramos nesta maratona de séries.

Minha lista de perguntas fica sem resposta e um silêncio incomodo paira no ar. Os olhos de Nina vagueiam para a teve, depois retornam para mim.

— Sabe... Essa coisa de tragédia... — sussurra por fim. — Nem sempre aproxima as pessoas. Estou adorando a sua companhia, de verdade, mas era a minha mãe que deveria estar ao meu lado.

Meu coração aperta e de certo modo, fico ressentido por não ser o suficiente.

— Eu posso mandar buscá-la. É só me dar um número, Nina.

— Não iria fazer diferença. — suspira. — A nossa tragédia familiar, em vez de nos unir, acabou por nos afastar mais ainda. Eva nunca foi dada a carinhos mesmo.

Sorri sem vontade e seus olhos tornam-se azuis e opacos.

A minha ficha cai, como sou idiota! *Tragédia, claro!* Está na cara que é algo relacionado ao seu pai.

— Nina... Eu...não deveria ter feito a brincadeira. Sinto muito.

— Shhhh, tudo bem, Theo. Não tinha como saber, nunca falo sobre estas coisas.

Apesar de querer saber tudo sobre ela, meu lado protetor explode como um vulcão. Vê-la triste, me atinge em cheio e minha vontade é cobri-la de carinho.

— Que tal mudarmos de assunto? Talvez seja melhor deixá-la dormir. Está com fome? Quer um chá de louro?

*Lembro que minha avó sempre me dava chá de louro quando estava mal. “Milagroso, vai curar tudo isso aí”. Dizia ela.*

— Tudo bem, que estou um pouco enjoada, nunca comi tanta besteira como hoje, mas chá de louro é pra ressaca. — diz baixinho fazendo careta. *Ah! É?* Em seguida, abraça o travesseiro aconchegando-se. Parece indecisa, como se matutasse algo. — Perdi meu pai quando tinha onze anos, dois meses depois de minha avó ter partido... — sussurra.

Ela começa a falar e fico sem reação... Me resigno a ouvi-la em silêncio.

— ... Uma viga em uma obra rompeu atingindo-o em cheio. Fiquei treze dias ao seu lado no hospital, até que ele se foi. Por isso que tenho horror à hospitais, as duas pessoas que eu mais amei entraram lá e ... — ela respira fundo. — Sabe, minha mãe mudou muito, casou-se novamente e ressentiu-se até hoje, por perder o padrão de vida. É triste admitir, mas ela me culpa...

Estranho a atitude da mãe e crio uma antipatia imediata. — Como poderia culpá-la. Só tinha onze anos.

— Depois do acidente as coisas saíram do controle. Eva não soube administrar bem o dinheiro, a empresa acabou falindo e muitas dívidas não foram pagas. Com isso amigos se afastaram e passamos por dificuldades. Quando o dinheiro do seguro saiu, guardou todas as reservas para ela e mexeu os pauzinhos com os advogados, para não indenizar a família do funcionário que se feriu. Implorei, chorei, mas Eva disse que o último pedido de um moribundo não se leva em conta... Então, quando completei dezoito anos, peguei escondido minha parte para honrar a promessa que eu fiz ao meu pai. Quando minha mãe descobriu, quase me esfolou viva, ficou meses sem olhar na minha cara.

— E ficaram sem nada?

— Aquele dinheiro não era nosso, Theo.

Ela continua a falar, falar e falar... E escuto tudo, interessado em cada vírgula. Seu despreendimento com o dinheiro é visível. Mas o que mais me impressiona é seu lado determinado e batalhador. Sou tomado por um certo orgulho quando diz que mesmo sem o apoio da família, deu um jeito de cursar a universidade, chegou a fazer alguns bicos, depois conseguiu uma bolsa de estudos e por fim, se formar. Começou a trabalhar e isto pesou em seu relacionamento na época. Parece que o cara era do tipo machista, o que culminou com um fim para lá de intempestivo. — Estava sufocada, Theo. Não dava mais para continuar. — Sem nada que a prendesse em

Curitiba, decidiu aproveitar a oportunidade na Callas e recomeçar em São Paulo.

— Ufa, chega! Falei demais, né? Não sabia que era um bom ouvinte!

*E não sou!*

Geralmente, não tenho paciência e nem tempo para ouvir as histórias de vida das mulheres com quem eu saio.

— Gosto de saber sobre sua vida.

Quero saber mais sobre o caralho deste relacionamento, contar-lhe sobre a minha família, dizer o quanto somos unidos. Mas meu lado protetor sufoca meu EU egoísta, que exige saber mais e mais. A última coisa que eu quero, é romper esta ligação surgindo entre nós.

Mudo de assunto e voltamos a falar de filmes, séries e livros.

Aos poucos, sinto Nina mais relaxada e seus olhos começam a pesar...

— Acho que bateu um pouquinho de sono.

Uma, duas, três piscadas mais lentas e ela cai em um sono profundo.

Decido ir dormir também, deligo a televisão e com relutância saio da cama. Visto a calça de pijama e uma camiseta limpa. Existem mais quatro quartos no apartamento e nenhum deles me parece tão confortável quanto a velha poltrona de couro do meu avô ali no canto. Me convenço que é mais responsável dormir aqui, no caso de Nina precisar de algo.

*Que espécie de cuidador eu seria, afinal?*

Sento na beirada da cama para uma última checada. Apesar de completamente apagada, Nina parece imersa em um sono agitado. Me preocupo. Fico de olho nela por segundos... Minutos, não sei dizer. Ajeito as cobertas, afasto com cuidado seu longo cabelo que caiu sobre o rosto. Afago sua pele macia com as costas do indicador. *Tão bela!* Cada centímetro de seu rosto parece esculpido com perfeição, a começar pelo nariz arrebitado e sardento que me desafia a toda hora. Aprecio os cílios longos e clarinhos que trepidam sobre as bochechas quase infantis e a boca que tanto me atrai... Está entreaberta... Revelando uma língua tentadora que passeia de vez em quando, lambendo os lábios.

*E se ela tiver sede e pedir água?*



Volto com cuidado para o meu lugar na cama e decido que preciso ficar de vigília.



## Nina

Ouço um gemido agudo, quase uma lamúria... Abro os olhos desorientada, está tudo escuro, quieto e desfocado... Levanto a mão e esfrego meu peito agoniado... Me dou conta que o som abafado é meu choro e são as lágrimas que deixam tudo turvo.

*Jesus, há séculos não sonhava com meu pai.*

*Foi tão real.*

Braços fortes me enlaçam pela cintura. E sou puxada com cuidado para junto de um corpo duro. *Theo*. Meu corpo todo palpita e escondo o rosto entre as mãos. Quero parar o choro, mas não consigo. É como se toda a tensão acumulada dos últimos meses tivesse rompido uma barragem... A água salgada inunda o meu rosto.

— Shhhh, Calma. Foi só um pesadelo.

A voz dele é tão suave que me sinto segura. Deixo que coloque meu corpo aninhado entre suas pernas. Sem forças e aliviada, caio em soluços. Abaixo o queixo afundando minha testa em seu peito e choro... Tudo que estava acumulado.

— Eu...— soluço — ...desculpe... — soluço — ...não sei...— soluço — ... o que...— soluço — me deu.

Minha respiração entrecorta toda vez que tento puxar o ar. Ele me abraça forte balançando meu corpo como um bebê.

— Está tudo bem, Caipira. Só tente respirar... Sou eu aqui, não precisa se desculpar.

Segura meu rosto, com delicadeza, e limpa minhas lágrimas. Espirro, soluço e depois volto a chorar... Ouço o som de sua risada leve e me afundo mais em seu peito.

— Sou uma fraca... — soluço.

— Bobagem... É a mulher mais forte que eu conheço. — sussurra em meu ouvido. — Chorar é bom, só deixe tudo sair.

Balanço a cabeça em concordância. Suas palavras são tranquilizadoras, ele parece saber exatamente o que preciso... Compreensão.

Então... Faço o que diz... Liberto todas as angústias sem medo de julgamentos.

Choro, choro e choro mais um pouco. Deixo saírem todos os sentimentos presos... Choro por minha mãe, por meu pai, pelas traições de Bernardo, pelos dias de solidão onde que tudo o que eu mais precisava era exatamente disto... Um ombro amigo.

Me abraça forte, nos puxando até se recostar na cabeceira. Me aninha novamente e fico em silêncio deixando as lágrimas molharem sua camiseta. Suas mãos indo e vindo por minhas costas, em um acalanto ritmado e reconfortante.

## Oito



**D**eus!

Acordo toda torta, emaranhada entre pernas musculosas, braços possessivos e uma muralha azul marinho, mais torta ainda. Desgrudo minha bochecha de seu peito que sobe e desce relaxado. Não sei como aconteceu, mas meus braços envolvem sua cintura em um abraço de urso.

Instintivamente afrouxo o aperto, ele resmunga e puxa, nos juntando outra vez.

— Fica. — murmura rouco.

*Ok, fico.*

*Não vou mentir, isto é bom... Muito bom, mas carambolas! Totalmente inapropriado.*

— Obrigada por ontem. — murmuro e ele apenas grunhe apertando-me mais.

Nunca dormi assim com alguém, nem na minha lua de mel. Estamos tão enroscados que podem nos confundir com irmãos siameses. Tirando é claro, um detalhe nada fraternal, poderoso e impressionante que pressiona minha barriga neste exato momento.

Reviro os olhos. Homens são tão mecânicos... Nunca entendi a lógica de suas ereções matutinas. Assim de graça e por nada. Quase uma fraude, igualzinho quando nós mulheres fingimos o orgasmo.

— Acho que a sem teto acordou.

— Catarina!

— Tia, ela não é uma sem teto.

— Mas, a Thina disse que ele a pegou na rua.

— É a Nina, dona Catarina. Ela é nossa colega de trabalho e tem casa.

*Pedro? Nati?*

Congelo com os sussurros e sinto o corpo de Theo tensionar. Levanto o rosto e seus olhos estão vidrados.

— Mãe!

*MÃE?*

*Jesus, me socorre!*

Giro meu corpo como uma tábua e encontro uma pequena plateia. *Ai merda!* Por instinto inclino o corpo para puxar a coberta... Não consigo. Um: existem pessoas sentadas sobre ela. Dois: Theo engancha minha cintura como uma ancora. Mantendo-me firmemente atada a ele.

— Nem ouse sair daqui. — sussurra em minha nuca. — É sua culpa eu estar assim.

*Uh, o quê?*

Gemo um... — *Hum, Hum* — ... desconsertada, quando um arrepio de excitação percorre meu estômago. A ereção que pressiona minhas costas e tão descomunal que tenho medo que perfure meu rim.

*Minha culpa?*

*Definitivamente, a MÃE, não pode ver isto.*

— Oi menina bonita.

A senhora sorri maternal revelando uma fileira de dentes perfeitos. Ela é deslumbrante. Porém, não consigo distinguir nenhum traço que os filhos tenham herdado. Sua delicadeza feminina se opõe ao ar selvagem dos Callas... Talvez, os olhos. Eles são intensos e possuem o mesmo brilho teimoso do filho... Um caramelo mel, quase ouro. O mesmo mel que dá o toque perfeito aos olhos de chocolate derretido de Theo. Não deve ter mais que cinquenta e poucos anos. Cabelos castanhos presos em um coque banana e um corpo esguio vestido em um jeans e camisa de seda azul com temas náuticos.

— Oi, gentê.

Sem saber como agir, aceno e sorrio sem graça, cumprimentando a pequena multidão. Na primeira fila a direita, sentados na cama, os pais de Theo. A esquerda, Pedro e Nati abraçados. Em pé, na arquibancada, um sorridente Vincenzo segurando um tupperware <sup>[16]</sup>\_gigante, Jasmim e Estrela.

*Meleca! Isso aqui virou a festa da uva.*

— Até que enfim, filho! — a senhora leva a mão cheia de diamantes ao peito. — Como está se sentindo? Sua irmã só nos contou essa manhã, que foi atacado por um gorila.

— Não estavam na praia?

— Seu pai acionou o helicóptero. — explica acariciando a perna do senhor ao lado dela.

— Eu disse que não era nada, Catarina. Olha o garoto aí, inteiro.

A senhora vira para encarar a cópia madura de Theo. Tirando o bigode e os cabelos grisalhos os dois são iguais. — Marido! Que espécie de mãe eu seria se não viesse socorrer o meu menino!

Meu peito aperta.

*Seria minha mãe.*

O homem apenas a beija com devoção e sorri para todos com orgulho.

— Mãe, nós estamos bem. Garanto que o gorila está bem pior.

*Gosto do nós e detesto lembrar que Theo esteja ferido.*

— Como está, Campeão? E estas mãos enfaixadas? Resolveu sair dos ringues e ir lutar nas ruas?

— Ringues? — pergunto. Esta é nova para mim. Aliás, tudo nele é novo.

— O Theo é campeão de boxe amador, Nina. — Nati o entrega.

Theo encolhe as pernas apoiando os pés sobre o colchão. Por reflexo, faço o mesmo abraçando minhas pernas. Nossos corpos formam uma espécie de casulo protetor.

— Fui campeão, Nati. — diz em tom delicado. — Pedro vive querendo aumentar minhas vitórias. — sorri e o som que produz arrepia meus pelinhos. — Ele sabe muito bem que sou contra violência gratuita. Só me defendi.

— Relaxa, Campeão, e se defendeu bem pelo jeito. Mike contou que o bicho era grande. — Pedro brinca, a mãe geme e eu me contorço com a lembrança. — Deu sorte de não estragar muito este rostinho de galã. Que coisa maluca! Esses assaltos vêm de quem menos esperamos, sabe disto. Nunca estaremos preparados. Não com tantos perigos ocultos nesta cidade.

Apesar do tom brincalhão, há preocupação no olhar de Pedro.

— Pois é, maluca mesmo. Pena que estes ratos andam em bando. Tomou as precauções que te pedi na mensagem.

Os dois falam em código e percebo que não vão abrir para os pais, o que aconteceu de fato.

— Tudo feito, Campeão.

Meu radar apita.

— Que precauções? — questiono Pedro.

— Mudança de regras para funcionários. — Theo se adianta.

Giro a cabeça como uma coruja e o encaro confusa. Sua sobrancelha morena arqueia e a mão grande segura meu queixo.

— Nada de trabalhar depois do horário e muito menos andar sozinha de madrugada.

Não sei o que me choca mais, as regras sem sentido ou a forma casual e íntima com a qual segura e acaricia meu rosto.

*Como assim?*

— Madrugada? Eram onze horas, Theo. É nós dois sabemos que isto é absurdo.

— Um absurdo que acabou. — interrompe com firmeza.

Cerro os olhos e livro o rosto de seu carinho.

— Ai graças a Deus! Sempre digo para Nina que andar sozinha pelas ruas de São Paulo é perigoso. — Jasmim o apoia entusiasmada demais.

Reviro os olhos... *Daniel que se cuide!* Minha amiga nem disfarça a quedinha.

— Jamais teria permitido se soubesse. — Theo rosna, quase na defensiva.

— Faz bem filho. — seu pai o apoia também. — Esta jovem precisa de você.

*Não, não preciso!*

Fico irritada.

— Gentê, isso aqui é Brasil! Milhares de trabalhadores andam a pé. Não sou uma bobalhona frágil.

— Não se trata de fragilidade, minha querida. — a mãe apazigua. — Sempre existe um lado nosso que precisa de cuidados. A rua não é lugar para uma moça graciosa e ingênua como você.

*Não sou uma ingênua!*

— A senhora tem razão, Nina. — Vincenzo estica o corpo roliço e sorri para a mãe de Theo. — Deveria reconsiderar minha oferta sobre o

Betovem ou pelo menos, ouvir o Senhor Callas, ele sabe o que é melhor e entende de segurança. Deixe-o tomar as rédeas.

O pai de Theo lança um olhar ciumento pra Vincenzo, que levanta os ombros e abraça a filha.

*Uh o quê?*

*Rédeas? E sou cavalo por um acaso?*

— De jeito nenhum. — não levanto a voz por pura educação, mas sou firme.

— Sou o responsável por você. — Theo retruca.

— Só nos teus sonhos. — rosno esquecendo da plateia.

— É o que veremos, Caipira.

Sinto minhas bochechas inflamarem e tento me desvencilhar dele, que me segura como um polvo. As pessoas riem, mas não acho graça nenhuma.

— Me solta. — rosno de novo.

— Só quando estiver mais calma.

— Ooooooh, dois. — Nati nos puxa de volta. — Será que podem resolver estes detalhes técnicos depois.

— Pessoal, o importante é que estão bem. — Estrela emenda. — E é bom que estejam com fome. Papa trouxe um mundaréu de comida e eu o pudim que adora.

— E eu, Moussaka <sup>[17]</sup> e a torta de limão que Theo ama. — a mãe pisca para ele, entrando na competição gastronômica.

*Hummm pudim!*

Só de ouvir as palavrinhas mágicas, comida, meu estômago ronca. A mão grande de Theo aperta a minha barriga e um frenesi percorre o meu corpo.

— Tá explicado, irritadinha. Para minha segurança, acho bom garantir que esteja sempre bem alimentada. — Theo sussurra de novo em minha nuca. — Á propósito... Bom dia, Caipira linda.

*Idiota ditador!*

Penso se vou responder ou não. Fico na dúvida... Tantas questões... Quero e não quero me desgrudar dele. É impróprio e irritante, mas nos encaixamos tão malditamente bem, que meu corpo se recusa a sair de perto dele.

Espio o relógio... 13h30.

— Nossa mãe, como está tarde! — exclamo. — Nunca acordo a esta hora. Nunca!! É claro que estou faminta!

— Senhores, preciso alimentar esta mulher! — Theo gargalha satisfeito.

Nossa reação exagerada desperta as pessoas, que riem... Fim de espetáculo... Eles levantam e começam a conversar animadamente entre si.

Observo fascinada a interação das duas famílias. Italianos e gregos. Apesar de poucos, são barulhentos, cada um tentando falar mais alto na ânsia de ser escutado. Não sou do tipo quieta, certamente, puxei o lado falante e extrovertido de minha avó, mas a arte do diálogo não era muito praticada em minha casa, mesmo quando meu pai era vivo ou depois de casada.

*Fascinante mesmo!*

Tão diferentes do que estou acostumada... Isso é um lar de verdade.

— Não posso deixar o restaurante por mais tempo. — Vincenzo vem até nós, beija minha testa e aperta a mão de Theo. — Apreciem a boa comida e não briguem.

— Obrigado, pela visita e pela comida. — Theo retribui o aperto com energia. — O Mike vai passar por lá mais tarde. Acho que até amanhã, teremos tudo liberado.

— Tome seu tempo, fiquem o quanto for necessário.

*Não diga isto Vincenzo! Quero minha casa de volta!*

— Eu também vou, mas a Jasmim vai te fazer companhia, Polaca. — Estrela vem e me beija na bochecha. — Só relaxe e não seja tão cabeça dura.

Theo ri atrás de mim.

*Besta!*

— Pode deixar. — espremo minhas costas contra ele, esmagando o seu pau que continua animado. Ele geme, eu sorrio. — Só que o chato atrás de mim, que é o cabeça dura aqui.

Depois que Estrela sai rindo, Theo afasta os meus cabelos liberando minha nuca.

Congelo e esquento.

— Nina, Nina... — rosna e seu hálito quente queima a minha pele. — Não provoca.



Quase engasgo quando, nada sutilmente, Theo esfrega seu descaramento em mim. O centro nervoso entre minhas coxas trepida só de imaginar a força bruta contida nele. Cravo as unhas em suas pernas, na tentativa de detê-lo. *Deus!* Ele entende errado meu gesto e descaradamente se esfrega mais.

*Em que momento as coisas entre nós mudaram?*

*Tudo bem, que eu me agarrei nele ontem. Mas estava fragilizada, caramba!*

Olho em volta desesperada. É impossível que não percebam o que o ordinário está fazendo. Sinto um alívio quando vejo todos entretidos nas despedidas... Agem como se fosse supernatural invadir a casa de um solteiro em pleno domingo, encontrá-lo com uma mulher na cama e ainda ficar de papo furado.

*Pera aí!*

Talvez seja supernatural mesmo. Ele não é um anjo assexuado. Pelo jeito que se mexe atrás de mim, é um sem vergonha, isto sim. Ilusão minha pensar que Theo não lote esta cama de mulheres e mais mulheres. Como sou idiota, isto é tão óbvio. Salto da cama em repulsa.

— Nina. — Theo rosna e puxa rápido a coberta liberada.

— Estou com fome e preciso de um banho.

— Não pode sair da cama e o repouso? — pergunta confuso.

O encaro por alguns segundos, tentando entender minha reação. *Maldição!* Eu evidente que ele tem uma bagagem e tanto... Caras como ele são jogadores e costumam transar com todo o tipo de mulher. E, é claro que não é da minha conta, se ele dorme com a morena da moto ou com um time de vôlei inteiro. Mas não gostei, ok? *Pronto falei!* Ele fica indeciso entre sair ou não da cama e está evidentemente frustrado e preso.

*Bendita ereção!*

— Dane-se a droga de repouso. — sussurro por fim e me afasto.

— Nina. — Jasmim me intercepta quando vou pegar minha maleta na poltrona. — Acha que está bem para comer na cozinha?

— Mais que bem. — coloco a mão em seu ombro. — O Theo estava sugerindo isso agorinha mesmo. — viro e sorrio cínica para ele, o olhar que me devolve é um misto de agonia e desespero, enquanto ajeita algo sob as cobertas. *Bem feito!* O ignoro e volto para minha amiga. — Não aguento mais ficar presa nesta cama. Só preciso de um banho antes.

— Ótimo, vou adiantado as coisas.

Aproveito quando todos saem do quarto e pego minha maleta. Uma vez a sós... Como um tigre, Theo salta da cama vindo decidido em minha direção.

*Eitaaaa. Lascou-se!*

Corro e antes que possa me alcançar, tranco-me no banheiro.

— Nina, abre isto aí!

— Dá um tempo, Theo Callas!

Encostada na porta, escuto uma ladainha de palavrões afastar-se do outro lado. Respiro fundo na tentativa de colocar os pensamentos em ordem... Agora entendo como Alice sentiu-se... Atravessei uma porta mágica e cai sem paraquedas em um mundo novo: maravilhoso, colorido, barulhento e imperfeitamente perfeito.

*Que loucura!*

Não me reconheço e perto dele, o meu controle vai para o espaço. Esse homem me bagunça toda provocando as reações mais inesperadas. Fico oscilando entre a simpatia, a raiva e ... *Droga!* ... O desejo.

*Perigoso!*

Theo me atrai como o Coelho e me endoidece como o Chapeleiro.

— Antes de conhecê-lo, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então... [\[18\]](#)´

Adapto a frase da minha heroína de infância e como Alice, já não tenho mais tanta certeza se quero encontrar uma saída. Ligo o chuveiro e entrego-me às maravilhas termais do mundo fantástico do Senhor Callas.

Vinte minutos depois, estou revigorada. Embalada em um vestidinho envelope branco, de malha estampada com estrelinhas azuis, abro a porta.

— Caramba! Que susto!

Coloco a mão no peito para acalmar o coração que disparou.

Theo está parado com os braços apoiados no batente da porta do banheiro... Sorri e começa uma vistoria militar em meu corpo. Aproveito sua distração e faço o mesmo. *Hummm, está gostoso* . A calça jeans desbotada, a camiseta preta e o cabelo molhado indicam que também tomou banho.

Coro quando vejo sua atenção voltar-se para os meus seios.

*Desenvergonhado!*

— Quer parar de olhar para os meus peitos? — rosno.

Ele desvia o olhar na hora e o sorriso sacana que me dá, sem nenhum arrependimento, faz meu lado de menina má querer arrancar a roupa e mostrar tudo de uma vez.

*Nina, não! Nem pense nisto!*

Respiro fundo e puxo o decote na tentativa de me tampar ou me conter.

— Desculpe, mas eles são ...

— Nem termine a frase, seu tarado. — interrompo.

Ele ri.

— Pode me explicar por que tanta raivinha?

É claro que não posso explicar. O que vou dizer? Que fui tomada por uma onda de ciúmes quase adolescente? Que me deu raiva pensar nele com outra mulher? Já basta o mico de ter sido pega enroscada nele. Recuso-me a responder e tento virar o jogo.

— Não acredito que ficou aí de cão de guarda. Tem visitas, sabia?

— Eles sabem se virar. — coça a barba e eu gosto quando faz isto.

— Vai desembucha!

*Que insistente!*

— Não.

Em um movimento rápido, passo como um raio por baixo do seu braço, largo a maleta no chão e vou em direção a porta do quarto. *Ops!* Sou brecada quando ele segura minha mão.

— Espera aí mocinha...

— Que foi?

— Não sabe onde fica a cozinha, o chão de lá é frio e acabou de sair do banho. Melhor calçar alguma coisa.

*Uh o quê?*

— A sapatilha que trouxe está machucando.

— Uma meia pelo menos

Olho para nossos pés descalços e pondero... Só trouxe a meia de dormir e está remendada.

— Parê de querer mandar em mim. — gesticulo debilmente para o seu pé. — Se gosta tanto de meia, vai calçar você!

— Ok, você pediu!

*Pedi?*

Em um segundo estou em seu ombro. Perco ar com a surpresa. Em três, ele entra no closet e em quatro, me coloca sentada em um balcão alto. Meus pés balançam no ar e há uma vitrine de relógios e óculos embaixo do meu traseiro.

— Tá maluco? — grito.

— Maluco vou ficar se não calçar a porra da meia. — devolve a gentileza.

*Eitaaa que o homem irritou.*

Não retruco e ele me examina com os olhos cerrados. Seu olhar ameaçador me diz que se ousar me mover, a coisa vai ferver.

Bufo e cruzo os braços. Uma gaveta é aberta e ele a revira. Olho em volta e seu armário é maior que meu quarto. Tirando algumas peças jogadas em um canto, tudo é organizado e ordenado por cores. Devem haver mais de cem ternos e uma infinidade de camisas sociais, sapatos, tênis... jeans e outros itens.

Quando volto para ele, quero rir.

Theo veste as meias desajeitadamente.

— Satisfeita agora?

*Estou.*

Não respondo e nem digo nada quando alcança meu pé e começa a vestir uma meia de futebol... Enorme. Fico chocada demais para qualquer atitude... Nenhum homem já me vestiu antes. E a delicadeza com a qual faz isto, me desconcerta e excita... Seus dedos deslizam sobre a minha pele deixando uma trilha de arrepios. Mordo os lábios para segurar um suspiro que quase escapa.

Quando termina... Toca meu joelho com o ralado exposto, estremeço por tesão, não por dor.

— Desculpa... — mira o meu rosto e seus olhos estão escuros e brilhantes. Puxo o ar quando endireita o corpo e suas mãos deslizam por minhas coxas. — Precisamos refazer isto.

— Hum, hum... Precisamos. — engulo a seco e aponto para as suas mãos machucadas. *Caramba!* Ficam enormes sobre as minhas coxas. — Os seus também. — sou traída quando minha respiração ofega.

Olho sem graça ciente que denunciei meu tesão por ele.

*Minha nossa!*

Outros homens já me olharam com desejo antes, mas nada se compara com isto. Sua expressão parece voraz. Minha pressão arterial sobe quando chega mais perto. Ele é tão alto e seus ombros são tão largos que me sinto uma formiguinha diante dele.

Nossos narizes se tocam e meu coração quase entra em colapso.

Respiro com dificuldade.

— Precisamos mesmo... Antes... — diz rouco.

É a última coisa que escuto, antes de sua boca roçar na minha.

*Ai, meu Deus, está acontecendo.*

Incapaz de resistir, fecho os olhos assim que suas mãos seguram o meu rosto. Minha boca entreabre em expectativa e sua língua me invade sem pedir licença, roubando todo o bom senso. O homem tem pressa e me beija de um jeito intenso quase escandaloso. Suspiro extasiada em seus lábios... Ele tem gosto fresco, de quem acabou de escovar os dentes, e mais... Algo que não consigo identificar, mas é delicioso... Deduzo que seja seu sabor de macho único... Aproveito a sensação nova de ter sua língua buscando a minha.

Gemo em puro êxtase quando elas finalmente se encontram, se encaixam e começam a provocar-se.

*Indescritivelmente mágico.*

Ele reage com um grunhido, seu peito move-se rápido em uma respiração entrecortada e sua boca abre mais, devorando-me. Deslizo minha língua ao longo da sua para obter mais de seu sabor. *Nossa! É quase como um presente!* Fico generosa e meus polegares acariciam os cantos de seus lábios para que perceba o quanto estou apreciando.

Em resposta, respira fundo e me consome como um morto de fome.

Nunca beijei uma boca tão macia e possessiva. Muito melhor que nos meus sonhos. Esta é real e beija como o Diabo.

Juro que tentei resistir, que lutei contra a minha vontade todo este tempo, mas agora que estou aqui, é impossível parar.

*O gosto dele é afrodisíaco.*

Puxo sua camiseta trazendo-o para mim.

Meus joelhos se afastam, ele agarra meus quadris puxando-me para a beirada e nossos corpos se colam. *Deus ele é tão sólido.* — Ooooh —

ofego, a dureza dele e a minha maciez ficam perfeitas juntas. Meu centro roça em sua ereção dura como aço e ela é impressionante assim de pertinho.

— Oooohhh — outro gemido, agora, de doce agonia ressoa em minha garganta.

Arfando, ele afasta nossas bocas e volto a respirar.

*Não parêêê...*

— Tudo bem? — pergunta ressabiado.

Balanço a cabeça, incapaz de elaborar uma frase.

— Hum, hum...

Ele me examina sério... Sei que enxerga em meus olhos a mistura de sentimentos que me aflige. Meu lado de menina má quase estrangulando a última vozinha de razão que começa a gritar...

*Isso! Parêee enquanto é tempo.*

Ai caramba. Será? Realmente não é do meu feitio ser assim tão atirada. E tenho certeza de que isto é reflexo do efeito que ele provoca em mim.

— Eu quis esta boca desde o momento em que te vi. — sussurra em um timbre quase primitivo.

*Tão sexual...*

Balanço a cabeça concordando... Sua impetuosidade é tão verdadeira, que só posso acreditar no que diz.

Passou pela minha cabeça que pudesse existir atração também da parte dele, mas pensei que fossem os meus próprios desejos me confundindo. Quis sinceramente acreditar que toda aquela irritação e cuidado, não passava disto... Irritação e cuidado. Mas agora, vendo-o verbalizar de forma tão clara e direta... *Caramba* . Enxergo os meus sentimentos espelhados nos dele.

*Ele quer minha boca! Fim de papo.*

Um enxame de borboletas cintilantes dá voos rasantes em meu estômago e minha mente explode em luxúria. Meu sangue entra em ebulição e já não me importa se é loucura ou errado. Se existem outras mulheres. Eu estou aqui, não elas. Não hoje... Não agora... A fome bruta que sinto por ele me consome. Dane-se o resto... Mesmo que eu quebre a cara depois, quero seu beijo quente, seu corpo viril e sua boca divina.

*Caramba!*

*Estou entre o céu e o inferno.*

Theo é o melhor de dois mundos e isto me deixa faminta, egoísta e confusa...

Arranho seu peito sobre a camiseta quando a menina má ganha a disputa. — Pode pegar. — ofereço baixinho.

— Porra, Nina!

Ele rosna, suga meus lábios e sua língua volta para a minha. Lambidas, chupadas e provocações recomeçam... Não é um beijo delicado, é faminto, é urgente. Nossos corpos entram em um balé sensual. Um vai, outro vem... Um encosta e o outro roça... Theo faz um negócio com os quadris que é de enlouquecer... *É um provocador!* Estamos praticamente nos fodendo vestidos. Nossas respirações se tornam igualmente pesadas. Adoro como os sons que brotam de sua garganta combinam com os meus... Sem nos desgrudar, minhas mãos deslizam por seus braços musculosos e ganham vontade própria. Meus dedos exploram cada centímetro de suas veias, tendões e músculos. Depois partem para suas costas, nuca e cabelos.

Ele não fica atrás, me agarra como bem entende, provocando uma onda de sensações frenéticas. Gemo quando suas mãos quentes erguem meu vestido e espalmam sobre a minha bunda, apertando-a indecentemente. Isto é tão quente que choramingo querendo me fundir a ele.

— Gostosa demais. — rosna em minha boca.

— Delícia de homem. — retribuo em um gemido.

Nada está fora dos limites ou é proibido.

*Deus do céu!*

*Sabia que seria bom, mas o Theo é um tesão.*

Estou radiante, a luxúria corre por mim desenfreada como um trem desgovernado. Nenhum homem me pôs deste jeito antes.

Tudo nele me atíça... O corpo, o cheiro, o gosto, o jeito possessivo e indecente com o qual me toca.

*Deus do céu! Duas vezes!*

*É um devasso!*

Coloco as pernas ao redor de sua cintura, empolgada por suas habilidades de beijador. Contrariando todas as regras da ética profissional, me esfrego mais em meu chefe, tentando aliviar o desejo que cresce nas minhas áreas sensíveis. Meu corpo clama por contato. Pressiono meus seios contra seu peito tonificado e meus mamilos doem de tanto desejo.

Parece que nossas bocas nasceram para se beijar, elas movem-se juntas com uma intimidade instintiva. Entre mais gemidos e beijos intensos, deixo-me levar. Perco-me em seus abraços e toques atrevidos. Puxo seus cabelos na tentativa desesperada de me aproximar ainda mais.

— Porra, Nina! — rosna.

O beijo para, nossos olhares se encaixam e de repente, todos os outros beijos que já tive na vida desaparecem... Theo superou todos eles.

Ele respira fundo, segura e acaricia meu rosto com os polegares. A doçura de seu gesto contrasta com a selvageria de segundos atrás. Inclino o rosto receptiva ao seu toque. Encara-me como se estivesse em uma luta interna.

*Oh o ...*

Suspira e sou toda expectativa.

— Tem noção de quanto eu te quero? Como foi difícil me manter distante? Nina... Isso já virou necessidade.

*Meleca, desta necessidade eu entendo.*

*Talvez se eu o deixar avançar só mais um pouquinho?*

*Não!*

*Sim!*

*Não!*

*Sim!*

*Não!*



## Theo

Nina balança a cabeça e não consigo entender se é um sim ou um não. Seus olhos faíscam em um tom verde maçã azulado... Este é novo, como a aurora boreal.

Examino-a atentamente, está visivelmente confusa.

*Merda!*

Seguro o tesão deixando o meu pau em segundo plano. Não quero empurrá-la demais. Decido dar algum espaço a ela.

Mas não muito... Afastar-me é pedir demais. Fico em silêncio, porém minhas mãos acariciam a pele macia de seu rosto. Não consigo



deixar de tocá-la ou admirá-la.

*Linda e louca!*

*Surpreendente!*

Meu pau lateja buscando libertação... Está tão ansioso quanto eu. Ambos sobrecarregados por semanas de desejo e frustrações acumuladas, loucos por um sim, que bote fim em nossa agonia. Sabia que Nina não era como as outras... Só não sabia que esta impetuosidade selvagem, que me irrita e atrai, se estenderia aos seus beijos. Estou fascinado...

Ela tem um gosto explosivo que é céu e pecado misturados. Doce e apimentada... Contradição pura... Como alguém delicado e gracioso, pode ser tão entregue e intenso?

A Caipira simplesmente, mergulhou de cabeça e foi com tudo, sem medo.

*Bom Deus, essa mulher não existe!*

*Deliciosa pra cacete!*

Passo o polegar, em uma quase idolatria, na boca mais gostosa e atrevida que já beijei.

*Fenomenal!*

Ela estremece ao meu toque.

*Bom.*

Observo-a ajeitar os cabelos e ensaiar o que dizer. Sua boca inchada por nossos beijos abre e fecha... Abre e fecha. Não consigo evitar o pensamento dela abrindo e fechando em torno do meu pau. Na minha sala, com Nina ajoelhada aos meus pés, enquanto trabalho. *Sim... Chefes também tem seus fetiches.* Seu rosto delicado e perfeito cora como se pudesse escanear meu cérebro.

*Diga apenas sim!*

— Só preciso de um sim, Nina... — incentivo, vencido pela ansiedade e dominado pelo pensamento único e primitivo de... *Mais. Mais*

*Nina... Nina... Nina... Nina.*

Os olhos dela brilham. *Meu pau dá um salto.*

— Theo... — sussurra quase doce.

— Um sim, Nina. — acaricio seu cabelo macio e fodidamente cheiroso, na tentativa de forçar o sim descaradamente.

*Sim, sou um puto de um manipulador desesperado.*

*Eu quero mais, porra!*

Sinto-me um afortunado, bendita hora que ela resolveu se mudar para São Paulo. E foda-se... Bendito seja também, o nosso primeiro encontro catastrófico. Desde aquele segundo, a coisa toda foi sempre pessoal... A Callas, nossos cargos e nossas diferenças não tem a merda de nenhuma importância. Nunca tiveram.

E sei que, por mais que possa parecer o contrário, Nina também pensa assim. Ela nunca deu a mínima para a minha posição na empresa.

A questão aqui, somos só nós... O resto, foda-se a porra toda.

Nina toca a área machucada do meu rosto e suspira em rendição.  
— Sabe que isto é uma tremenda maluquice, né?

— Só sei que te quero como um louco alucinado. — insisto. — E não negue que me quer, porque seria mentira.

— Não vou negar... — admite com um pequeno sorriso.

*Aleluia! Lá vamos nós.*

Sem tempo a perder, agarro-a e encosto nossos lábios novamente.

— Campeão? Estou entrando!

*Maldição!*

O corpo de Nina enrijece e ela tenta se afastar.

— Calma aí, Caipira. — seguro firme e a impeço de saltar do balcão. — Nem ouse, Pedro! — berro.

— Seu pai queria vir te buscar, mas...

— Mas, fica aí. — Interrompo. — Só estamos pegando uma meia.

— Ai que droga! E agora? — pergunta segurando o riso.

— Já estamos indo. — aviso Pedro para ganhar tempo e afundo o rosto no pescoço macio de Nina. Rio desacreditado. *Isso só pode ser praga!*  
— E agora nada, mas depois tudo. — tento me garantir na brincadeira, mas ela não ri.

*Merda! Merda! Merda!*

— Ok! — Pedro grita do quarto. — Prometi voltar com os dois! Ouviu? Não me obriguem a usar a força.

— Dois minutos, porra! — exaspero-me e ajudo Nina descer do balcão.

Seus pés não param quietos.

— Meu Deus do Céu! Esqueci da sua família. — arregala os olhos e entorta a boca como uma criança levada que aprontou uma das boas.

Gargalho e sem soltá-la, ajeito minha camiseta toda torta de tanto Nina me amassar.

— Relaxa, se não fosse pelo almoço, eles nem dariam por nossa falta. Nós gregos levamos essa coisa de comer muito a sério. — brinco com as palavras em mais uma indireta. Ela apenas sorri como se eu fosse um imbecil.

*Há algo novo nascendo entre nós... Intimidade.*

Relutante eu a solto. — Vá na frente com o Pedro, que eu já te encontro. — digo firme entrando no meu modo chefe. Fico prático e direciono as coisas como na Callas.

Olha-me como se estivesse com chifres.

— De jeito nenhum! Estou toda esbaforida. — passa a mão no cabelo tentando pôr ordem na bagunça que fiz. — Minha cara deve estar um horror.

Examino atentamente seu rosto a procura de marcas... Estávamos só começando, além do mais, fiquei tão obcecado por sua boca que nem a ataquei em outras partes... Tirando a pele rosada pela barba, os lábios um pouco inchados e o rubor normal do estado excitado ao qual nos encontramos, não há nada nela que nos denuncie

— Está deslumbrante. — digo a mais pura verdade e a beijo na testa. Descrente vai até o espelho e checka o visual. Seu rosto relaxa. — Viu? Nada de marcas, está linda. Quem não pode dar as caras de jeito nenhum, é meu pau. Não neste estado.

Vira e seu olhar vai direto para minha virilha e o — *Ooooooh* — que ela deixa escapar, só piora minha situação. Se ficar mais duro vai faltar sangue para as outras funções vitais. Junto as mãos quase implorando.

— É, definitivamente sua mãe não pode ver isto. — franze o nariz. — É ultrajante!

*Cara de pau!*

*Mas nada como lidar com uma mulher de verdade!*

Agradeço aos anjos que ela entende de primeira e não faz uma cena.

— Não sabia que magnífico e ultrajante significavam a mesma coisa. — brinco, vou até ela e roubo um beijo. — Gosto desta Caipira boazinha.

Sorrindo Nina me empurra e termina de arrumar o vestido. Depois passa a mão nos cabelos, tira um elástico do pulso e faz um rabo de cavalo. Não parece muito preocupada em ter que enfrentar minha família sozinha. *Tão destemida.* Admiro esse seu lado corajoso e isto me encanta e intriga... Nina é mais resistente do que aparenta e mesmo depois de tudo que me contou ontem... Percebo que não sei nem um terço de sua história. Parece que ela foi obrigada a ir contra sua natureza doce e torna-se forte. Meu peito aperta e a necessidade que venho sentindo em protegê-la ganha força... Quero ser aquele que facilita, não o que traz mais dificuldades. Quero dar-lhe prazer, não dor.

— Nina, se preferir...

— Shhhhh — interrompe-me.

Sobre as pontas dos pés, beija minha bochecha e sussurra... — Não se preocupe comigo, Senhor Mandão. Mim-vai-obedecer-chefe. — imita uma índia.

*Petulante!*

Tento agarrá-la, mas ela corre para a porta. Antes de sair vira-se levantando uma sobrancelha irônica. — Mas só porque EU quero e porque tem sido um amor de CEO comigo.

*Eu, um amor? De CEO ainda por cima?*

A piada é boa...

Dou risada novamente. Conheço todos os adjetivos que rolam pelas minhas costas na empresa e definitivamente, “amor” não é um deles.

Mas gosto da provocação e do jeito que CEO sai de sua boca. Meu macho alpha ruge. *Isso mesmo, sou o líder do bando, porra!* A ideia de ter poder e domínio sobre ela chega a ser tentadora. Meu peito estufa como um touro e não consigo evitar um sorriso presunçoso. Seu humor sarcástico a deixa mais interessante ainda.

*Aaaahhh... Não me dê ideias mocinha.*

*Devolvo a sobrancelha irônica.*

— Ôooo Caipira... — inclino a cabeça como um predador, devorando seu corpo. — Dar amor é o meu talento. Posso te mostrar, se quiser. — aliso sutilmente minha virilha.

Seus olhos verdes dobram de tamanho.

Ela engole a seco e pisca desconcertada. Rio alto, é muito bom chocá-la. Sinto-me tão à vontade ao seu lado, que a quero acostumando-se

com meu jeito, pois não faço o tipo contido. *Não mesmo. Sou um atirado.* Acho graça quando endireita o corpo e empina o queixo mostrando não se abalar.

*Tolinha, linda!*

— Não obrigada, Theo Callas. — aponta para minha virilha, franzindo o nariz decepcionada. — Até porque, estou sem minhas lentes de aumento.

Sai correndo rindo...

Gargalho...

*Peste!*

*E não é que Nina tem um lado divertido.*

— Boa — grito para o nada. — Um a zero para você, moça bonita. Minha vontade é segui-la e fazer um belo de um a um...

Impossível, não com o estádio lotado. Esta partida é apenas nossa. Em dupla e sem torcida.

— Logo mais amigão.

Olho para a barraca armada em meu colo e não há outra maneira de desmontá-la a não ser com ajuda manual do proprietário. Estou tão duro que tenho vontade de chorar e quebrar umas coisas... Amo minha família, mas tinham que vir aqui justo hoje?

*Porra de desperdício!*

Resignado, vou ao banheiro.

## Nove



**C**om tudo sob o controle, voo para a cozinha depois da punheta mais rápida da história. As sensações intensas de ter beijado a Caipira, ainda estão em minha pele e me trouxeram uma certa euforia adolescente. A adrenalina corre solta no meu sangue... E não lembro de ter ficado assim por um beijo antes... Nina é a mulher mais bonita e fodidamente gostosa que já vi e toquei. *Tesão do caralho!* Tudo o que eu quero é ter mais dela.

Ao atravessar a sala, registro vagamente o som de várias risadas.

*Merda!*

Acelero o passo, não sei foi boa ideia deixar Nina sozinha com meus pais.

*Com minha mãe...*

Percebi o brilho no olhar da dona Catarina. Minha mãe é uma pequena bruxa... Sabe que aí tem coisa... Nunca permiti que mulheres passassem a noite no meu apartamento... Nem mesmo Andreza. A única noite que isto aconteceu, há alguns meses atrás, me arrependo amargamente. Acordamos os dois nus e esparramados no tapete da sala... Foi uma merda. Depois de chegar de uma boate e desmaiar bêbado no sofá, acordei com um boquete... E boquetes não se recusam... Seria uma puta indelicadeza, mesmo com Andreza. Ela deu um jeito e entrou sem ser convidada e o resto não preciso detalhar...

*Sou um canalha...*

Estava tão fora, que ela se ofereceu para ir atrás de suas camisinhas preferidas que deixou no quarto de hóspedes... Dos poucos flashes que me vem ... Lembro que foi a pior e mais estranha foda que já tive na vida. Mecânica... Vulgar... Sem sentido... Um lance puramente físico movido pelo whisky.

Terminei nosso caso naquela manhã... E vivo uma sequência de pequenos escândalos a partir de então... Dramalhões na porta do meu apartamento... Incertas em boates e ameaças de suicídio. A última delas foi naquele sábado, o mesmo em que conheci Nina, Andreza jogou-se em frente à minha moto... Depois de quase atropelá-la e de uma DR em plena rua, consegui despachá-la ameaçando ir até seus pais...

E a gota d'água eu já contei... Foi quando me pegou com a morena peituda e destruiu o quarto de hóspedes... Foi preciso Mike intervir e seu pai vir resgatá-la... E nem mesmo a ordem de restrição e as milhas de distância que separam o Brasil da Grécia a fizeram desistir. Suas chantagens e ameaças tem recheado minha caixa postal.

Paro no batente do cômodo que menos frequento no apartamento. Surpreendo-me... O local está todo arrumado... O campo de guerra que deixei o fogão e as bancadas ontem, ao cozinhar para Nina, não existe mais.

*Ahhh... Dona Catarina, Dona Catarina... Nunca perde a mania por organização.*

Apenas observo. Estão tão entretidos rindo da piada que Pedro está contando, que nem notam a minha presença. Nina parece à vontade sentada na cabeceira da mesa. Reparo nos pratos limpos à sua frente, que contrastam com os outros repletos de comida.

*Ela me esperou...*

Meu peito aquece e sorrio quando é a primeira a perceber minha presença.

Seu rosto fica vermelho com nossa troca olhares.

— Filho! — finalmente minha mãe me nota. — Quanta demora! Já estamos quase terminando.

— Não achava as meias. — levanto os ombros.

— Não era o Kit de primeiros socorros? — olha desconfiada para Nina que cora mais ainda. — Não pode ficar andando por aí com estas feridas abertas.

Passo a mão no rosto e sigo até o ponto em meu pescoço onde uma fisgada de tensão explode. Dormir todo torto daquele jeito, não foi um bom negócio. Mas dormiria novamente e feliz, se isto significasse ter o corpo macio dela esparramado sobre o meu.

— Também. — tento remendar. — Não achava os dois. Vamos refazer os curativos depois do almoço. Thina disse para deixar respirar um pouco.

Minha mãe me olha com descrédito, Pedro e Nati riem e eu os fulmino.

— Se fosse mais organizado saberia onde encontrar suas próprias coisas! Venha sente-se, a Nina não quis comer sem você. A barriga dela já roncou duas vezes!

— Catarina! — meu pai a cutuca.

— Que foi marido? Eu ouvi daqui!

Rosno e vou até o lugar vago ao lado da Caipira. Se não conhecesse a mente indiscreta de minha mãe e sua total ausência de maldade poderia jurar que faz de propósito. A falta de filtro, entre o cérebro e a boca, é um defeito de fábrica e marca registrada. Suas gafes e comentários sem cabimento são famosos na sociedade Paulistana.

— Poderia se esforçar um pouco mais, caramba... — finjo um olhar bravo. — Está deixando Nina sem graça.

— Não estou sem graça. — Nina interveem e sorri gentilmente para minha mãe. — Meu estômago roncou mesmo. A comida está com um cheiro incrível... Delícia, delícia....

Não consigo evitar um sorriso idiota, a relação de amor que esta magrela mantém com a comida é admirável... As mulheres que conheço fugiriam destas bombas calóricas.

Sento-me e preciso fazer um malabarismo para encaixar meu corpo grande entre a mesa e o banco de couro vermelho que circunda toda a parede. Nossos corpos ficam colados ao me espremer junto dela. A troca de calor entre nós é imediata.

Apesar da discrição que o momento exige, há uma certa tensão sexual irradiando entre nós. Cada célula do meu corpo está ciente de sua presença e reage ao menor movimento dela.

— Não precisava me esperar. — sussurro gentilmente.

— Mas eu quis. — diz quase tímida.



*Linda!*

Seguro a vontade quase incontrolável de juntar nossas bocas. Aperto sua coxa sob a mesa em agradecimento e desejo desesperado por mais contato. Seu corpo arrepia sob meus dedos, que formigam em contato com sua pele sedosa.

*Tesão.*

— Eu não falei! — minha mãe grita e meu coração dá um salto. *Só não diga nada sobre nós!* Imploro mentalmente quando me viro para encará-la. — Vai ficar entalado ai! Essa mesa de bar é minúscula, não foi feita para almoços de família! Se ao menos me deixasse...

— Mãe! Não começa. — solto o ar aliviado e por algum motivo que desconheço, percebo que Dona Catarina está segurando a língua em relação a Nina. *Estranho*. — Esta mesa é vintage, quase subornei o seu Antônio para me dar uma destas quando reformou a lanchonete. Nada do que diga, vai me convencer a trocar minha mesa de bilhar por uma de jantar.

— Gostei do que fez aqui. — Nina sussurra olhando ao redor.

*Me envaideço.*

Toco a ponta de seu nariz de boneca. — Gosto que goste. — flerto sem me importar que notem.

Quando me mudei tive a ideia de reproduzir na cozinha a antiga lanchonete que frequentávamos na adolescência. Sempre achei o lugar o máximo, com todos aqueles balcões e armários em aço escovado, chão bicolor em preto e branco, luminárias em ferro fundido e as mesas fixas no chão com bancos estofados de encosto alto circundando as cabines... É claro que tive que fazer umas adaptações como a ilha moderna bem no centro, com o fogão e a pia, a grande coifa industrial brotando do teto e os eletrodomésticos de última geração.

*Perfeito pra caralho.*

— Tia, o Theo não é do tipo que dá jantares. — Pedro vem em minha defesa.

— Mas agora as coisas podem mudar. — minha mãe retruca e sorri para Nina.

— Mãe, menos. — peço exasperado. — Quando mudarem eu aviso.

— Catarina, pare de tratar o garoto como criança... Theo tem quase trinta anos.

Quero rir. Acho que mesmo aos quarenta, meus pais vão nos chamar de crianças.

— Trinta e dois. — corrijo-o. — E sinto informar, mas sou um homem, pai.

— Meu Deus! Parece ontem que ele e a Thenka nasceram. — Catarina ignora minha indireta e volta-se para Nina. — Sabia que Theo tem uma irmã gêmea, querida? Tem irmãos? Existem gêmeos em sua família?

Estava demorando. Minha mãe tem obsessão pela letra T e por gêmeos. Ainda mais depois que minha irmã mais velha, Thina, teve um casal.

— Não sabia... Sou filha única. — Nina responde surpresa.

— Isso é um interrogatório ou um almoço? — Rosno percebendo o desconforto da Caipira.

— Claro que um almoço. E dos bons. — Nati brinca.

— Adorei o que fez com sua cozinha, parece aquelas lanchonetes dos anos cinquenta. Super charmosa. — Jasmim interveem e sorri. — Agora precisam comer. — alcança o prato de Nina e começa a servir uma macarronada a carbonara. Minha mãe bufa rendida, pega o meu prato e entope de Moussaka. As duas trocam os pratos e em instantes estamos com uma montanha de comida à nossa frente.

Agradeço quando a conversa deriva para as amenidades e começamos a comer em paz. Nati conta sobre o passeio de veleiro que fez com Pedro. Meu pai se gaba da pescaria em alto mar, minha mãe reclama do cheiro insuportável de peixe que os dois deixaram na casa. Descubro chocado que ao contrário de mim, que sempre que posso desço para o litoral norte de São Paulo, Nina só foi à praia duas vezes... Uma cidadezinha litorânea chamada Guaratuba, próxima a Curitiba.

Ela conta com fascínio e uma dose de emoção que suas férias eram no sítio dos avós. Um lugar Mágico segundo ela... Um pequeno rio, um poço, hortas e plantações de milho... Seu santuário, quase intocado e bem rústico. Quando sua avó faleceu deixou a casa e o terreno para ela. A mãe quis vender, mas bateu o pé e mantém o lugar com a ajuda dos caseiros

— E seus pais, querida? — minha mãe aproveita a deixa — Devem estar preocupados? Quando eles chegam?

Nina estremece, desvia a atenção da batalha que travo separando e empilhando todas as ervilhas do molho do macarrão, em um canto do prato

— Minha mãe não vem. É muito ocupada, achei melhor não a preocupar. — explica em voz baixa.

A mão de Catarina vai parar em seu peito. — Deus! Não pode passar por isso sozinha?

— Nina não está sozinha, tem a mim. — digo quase ofendido, em um impulso.

— E a gente. — Jasmim completa sorridente. — A família dela, agora somos nós. Meu pai a tem como uma filha.

Jogo um olhar de gratidão para Jasmim. Toda mulher precisa de amigas fiéis e o olhar cuidadoso de Vincenzo sobre a Caipira, quando eu não estiver por perto, será tranquilizador.

— Opa e euzinha aqui? — Nati se manifesta. — Tudo bem que Nina é anos luz mais responsável que eu. — ri — Mas também somos como família.

— Obrigada, gentê. — diz claramente emocionada. — Nem sei como começar a agradecer tudo o que estão fazendo. — aperta minha mão e olha com carinho para as meninas.

Retribuo o aperto. — Falei sério quando disse que tem a mim. — sussurro e seus olhos piscam algumas vezes. Encaro meus pais — Estamos todos aqui, por ela.

— Isso é ótimo. — o velho Theo sorri orgulhoso.

Minha mãe fita-me com uma expressão pensativa.

— É claro que estão, filho. — diz por fim.

A conversa sob amenidades retorna quando Nati, meu pai, Pedro e Jasmim começam a debater sobre as maravilhas culinárias do Brasil.

Volto para as ervilhas mantendo um olhar atento em Dona Catarina.

*Merda!*

Está segurando-se novamente. Vejo a curiosidade pipocar em seus olhos cor de mel, enquanto observa Nina enternecida. Laços de sangue são importantes para Catarina e como uma mãe urso, trabalha duro para manter a todos unidos. Sei que vigora, entre os primeiros lugares de sua lista de pecados graves, a falta de apoio familiar. Para ela os Callas são uma instituição sagrada e faz questão de manter um olhar atento sobre todos os

filhos e netos. Nina não ajudou muito em sua resposta evasiva e na falta de interesse em continuar a conversa.

Posso apostar que em algum momento oportuno, terei que explicar o desânimo de Nina em relação aos pais.

— O que elas fizeram para você?

*Hã?*

Olhos verdes me observam curiosos.

— Por que separa as ervilhas?

*Esqueço minha mãe...*

— Não como nada que já tenha brotado em meu nariz um dia.— falo baixo, mas sério. — Ervilhas são assassinas, sei do que estou falando.

Uma risada doce explode em Nina. Meu peito aquece e este som vira automaticamente, um dos meus preferidos. Nunca ouvi nada igual, é delicadamente feminino e delicioso. Ela aproxima nossos pratos transferindo meu monte assassino para o dela. — Amo ervilhas, mas detesto tomates secos. Quer? — sussurra apontando discretamente com o garfo, seu próprio monte indesejado. — Eles me engasgam.

Faz uma careta franzindo o nariz.

Arqueio uma sobrancelha.

Não a quero engasgada... Pelo menos não com estes tomates idiotas... Se tiver que engasgar que seja com algo duro e prazeroso.

Giro seu prato e concluo a troca capturando seu monte com meu garfo. Sorrimos cúmplices, alheios aos demais. Controlo novamente o impulso de tomá-la nos braços e sufocá-la com beijos.

*Caralho! Essa porra de ervilha me emocionou.*

Como pode? Uma troca discreta e um gesto tão sutil tocarem fundo meus sentimentos deste jeito? Arrisco pensar que nunca me senti tão próximo de alguém como agora.



## Nina

Devolvo o sorriso travesso que Theo me lança.

Ele tem um lado bem legal e quando não está sendo um chato de galocha, é tão fácil ficar ao seu lado.

Mal consigo comer, com ele tão grudado e esfregando-se em mim. Achei fofa a coisa da ervilha, quem diria? O senhor dono do mundo tem pequenos pontos fracos e pode ser um bom parceiro em crimes gastronômicos. E pelo jeito que todos nos olham furtivamente, desconfio que somos um fracasso em manter as aparências.

O almoço termina, ofereço-me para ajudar com a louça, mas sou expulsa da cozinha sob o pretexto de que preciso refazer os curativos. A contragosto, sigo para a sala com os homens e Theo vai buscar o Kit de primeiros socorros que Thina enviou para nós. Fico completamente sem opção quando me põe sentada no sofá, agarra minha perna e insiste em cuidar do meu joelho.

*Deus! Este homem não conhece o não?*

— Assopra, assopra, assopra... Isso arde, caramba. — mordo o lábio, chacoalho as mãos em agonia.

*Odeio antissépticos!*

— Coitadinha da menina!

Por reflexo, o pai de Theo alcança uma revista sobre a mesa de centro e começa a me abanar vigorosamente. O jato de ar é tão forte que tenho que fechar os olhos. Nem ousa reclamar que a pontaria está completamente errada.

Um sopro suave atinge em cheio meu joelho. Aperto mais os lábios, seguro firme no sofá e tento pensar na morte da bezerra e no sete a um contra a Alemanha...

*Se controla Nina! Nem pense em gemer agora!*

A ardência diminuiu, mas o hálito quente em minha pele, acende um ponto específico inundando minha calcinha. — Desculpa, não imaginei que fosse tão sensível.

Noto um rastro de malícia em seu olhar. *Droga! Ele percebeu!* Faço uma cara feia e ele gargalha... Não me interessa que está de costas para os outros e não podem ver suas safadezas... Isto é indecente!

— Tá bom já! — abaixo o joelho assim que põe o curativo sobre o ferimento. — Agora sua vez.

— Estou bem assim.

*Uh o quê?*

Jogo um olhar irônico para o pai de Theo e Pedro que nos observam divertidos. — Parece que alguém não é tão machão assim...

Homens... — reviro os olhos provocando-o.

Eles gargalham sentados no sofá. O indecente não está mais achando graça nenhuma quando se esparrama em uma poltrona, estende as mãos em minha direção e diz... — São todas suas, enfermeira.

O observo desconfiada com as mãos em minha cintura. Está sério.

— Não quero ouvir um piu, entendeu? Sem reclamações.

Theo rosna os outros continuam a gargalhar.

Vitoriosa, pego o kit e me sento na mesa de centro à sua frente. Apoio sua mão grandona em minha coxa... A princípio penso em ser um pouco má... Exagero na dose de antisséptico... Seu corpo tensiona, mas não abre o bico. Nem arrisco um olhar, posso sentir seu fuzilamento mortal no topo de minha cabeça. Quero rir, mas sou impedida pela dózinha que começo a sentir... Minha consciência pesa. Theo, apesar de safado, foi todo delicado comigo.

Desta vez, a boazinha vence a briga, cuido de cada um dos seus arranhões e falanges raladas como se fossem cristal. Me empenho em limpar e envolver, com curativos, cada um deles. Quando termino minha obra de arte nas suas mãos, parto para o rosto. Sorrio ao fuçar a caixa e ver que trouxe a pomada que lhe dei. Graças a Deus, o estrago em seu rosto não passa de uma escoriação. Com a ponta dos dedos aplico uma dose generosa do remédio.

— Prontinho. Gostei de ver... — acaricio sua barba. — Bem mansinho.

Sou pega de surpresa, quando enlaça a minha mão depositando um beijo no centro de minha palma. — Obrigado, Caipira.

Ofego.

A ternura em seu olhar está de volta, misturada com algo novo que não sei decifrar.

*Diacho! Gosto desta coisa em nós.*

— De nada. — sussurro.

Levanto, viro e dou de cara com a nossa plateia... Homens sentados quietos e mulheres em pé... Com olhares sonhadoras e mãos ocupadas com pratos recheados com as sobremesas.

— Não dava para ele fazer sozinho. — levanto os ombros e recebo sorrisinhos como resposta.

— Isso aí é torta de limão? — Theo levanta-se vindo em meu socorro.

— E pudim... — suspira Jasmim.

O resto da tarde e início da noite passaram voando... Depois de dividirmos a sobremesa, Theo acomodou-se ao meu lado para assistirmos aos programas de domingo na televisão. Não me incomodei de parecermos uma dupla... Tudo estava acontecendo tão naturalmente, que não me importei. Além do mais, as conversas e risadas foram tão gostosas que em poucas horas, estava completamente à vontade, encantada mesmo. Os Callas não lembram em nada, a família esnobe de Bernardo... Ao contrário dos Fontes, o poder e o dinheiro não parecem ter modificado sua essência familiar de origem simples.

Me senti encaixada e relaxada...

Só me dou conta que adormeci sentada no sofá, ao ser acordada por uma sequência de beijos no rosto. Abro os olhos e Theo está com as mãos apoiadas no encosto me mantendo entre elas... — Oi Bela Adormecida. — mais uma sequência de beijos e afago sua barba... — Hummm, bom...

Está escuro e tudo tão quieto... *Ah, não!* Me agito. Coloco as mãos em seu peito brecando seus avanços. — Quedê todo mundo?

Um beijo doce em minha boca. — Já foram. — sussurra.

Não reclamo quando me pega com facilidade no colo e vai em direção ao quarto. — Puxa vida, por que não me acordou? Não quero que me achem sem educação.

— Impossível... Estou até com ciúmes.

— Ciúmes? — dou risada de sua cara falsamente contrariada.

— Hum, hum. — Theo bufa exagerado e me deposita no centro da cama. — Meus pais estão completamente apaixonados por você. Me proibiram de te acordar. Deixaram um beijo e Jasmim disse que te liga depois. Precisava ir para seu turno no café.

Gosto da informação... Não sei porque, mas a aceitação de seus pais me alegra.

— E desobedeceu seus pais?

— Não sou muito bom em seguir ordens. — mordisca minha orelha.

Sorrio ainda com preguiça.

— Que horas são? — ronrono.

— Quase meia noite, ainda está com sono?

Espreguiço-me enquanto recebo beijos no pescoço. Uma onda de arrepios sobe por minha coluna, me contorço... — Impossível, com você me atiçando deste jeito. — agarro seu pescoço necessitada por um beijo de verdade, ele estremece.

— Que foi?

— Acho que dormi de mal jeito. — pressiona a nuca.

Corro a mão dos braços até seus ombros, estão tensos. — Sou muito boa com as mãos. Quer uma massagem? — acaricio seus ombros.

Um brilho intenso desponta em seus olhos. — Faria isto por mim?

— Hum, hum... Só preciso de algum creme.

— No banheiro...

Escorrego para fora da cama, ele me segue. Escolho um creme, aproveitamos para escovar os dentes e o puxo de volta para o quarto.

Por mais que tente manter a calma, há uma excitação crescente em mim. A ideia de explorar o seu corpo é tentadora. Fico mais atiçada quando Theo regula a luz nos deixando na penumbra, mexe em um controle e uma música sensual de guitarra invade o ambiente.

— Para relaxar. — morde o canto da boca.

*Jezuszinho, isto é sexy.*

Meu coração acelera...

*Calma, Nina é só uma massagem...*

Respiro fundo. Vou até a cama, fico sobre meus calcanhares. Bato no colchão a minha frente. — Tire a camiseta e sente-se de costas para mim. — abro o creme e deposito uma dose generosa na palma da minha mão.

— Tem certeza?

— Não pode fazer isto sozinho. Vai lambuzar todos os curativos. — esfrego uma palma na outra esquentando o creme. — Anda, seu molenga!

Theo abre um sorriso que escancara seus dentes brancos e perfeitos... Alcança atrás dele, agarra a camiseta e a puxa sobre a cabeça... Perco o ar, quando em um movimento rápido, ela se vai.

*Macacos me mordam!*

*DES-LUM-BRAN-TE.*



Sabia que ele seria em forma. Percebi cada um dos seus músculos hoje cedo. Mas isto...Despido diante dos meus olhos... Theo Callas é simplesmente de tirar o fôlego. Não há nada fora do lugar ou sobrando, ou faltando. *Perfeito...* Uma combinação de pele morena e massa muscular sólida. Sem tatuagens em seu peito definido, apenas uma penugem... *Deus!* Até seu pomo de Adão é bonito vibrando em um pescoço demarcado por músculos que se abrem acima do ombro largo. Braços constituídos em músculos, tendões e veias... Fortes sem serem bombados. Minha boca enche d'água...O abdômen trincado é premiado com uma pequena trilha morena que começa um pouco abaixo do umbigo.

*Obrigada Senhor!*

*Amo muito tudo isto!*

Mordo os lábios em pura cobiça.

Ele limpa a garganta de forma exagerada... Saio do transe visual e o encaro... O canto de sua boca ergue em um sorriso convencido...

— Posso sentar ou ainda falta algum pedaço para olhar? — estica os braços e olha o próprio tórax com ar brincalhão.

Nem tento esconder o meu fascínio ou tão pouco, digo alguma coisa, apenas aponto o colchão novamente... Minha pele queima de vontade para tocá-lo.

Sorrindo vem em minha direção e senta como pedi.

Meu queixo cai... O ar escapa dos meus pulmões de vez. E juro que não sei mais, se meu coração para ou acelera.

*Como é lindo!*

Tento verbalizar. — É... um ... a ... — é tudo que consigo dizer, ao mesmo tempo, que minhas mãos trêmulas levantam para tocá-lo.

Vira e encara-me curioso. Não retribuo o olhar, minha atenção está toda focada em um só lugar.

— O quê?

Limpo a garganta... Espio mais de perto. — Isto, nas suas costas... É lindo, Theo.

Finalmente o toco e sigo com as pontas dos dedos algumas das linhas que preenchem toda as suas costas. São enormes e tão realistas... Parecem se mexer junto com os músculos e a respiração. Prontas para voar...

Ele ri parecendo aliviado. — As asas? Às vezes, esqueço delas... Fiz em homenagem ao aniversário de 80 anos de meu avô.

Acima das asas há algo escrito.

— É o nome dele? — toco as letras.

## Οικογένεια

Pronuncia quase em reverencia. — É família em grego. Ele é o nosso patriarca, devemos tudo a ele.

Há admiração e respeito genuínos em suas palavras. É quase uma devoção e depois de conhecer seus pais, percebo que família era um conceito muito vago para mim. Não havia essa união em minha casa. Sei que meu pai me amava, à sua maneira discreta, mas nunca demonstrou necessidade ou prazer em estarmos todos juntos. Por muito tempo, sentia falta disto: uma família grande, festas, irmãos, primos, meus avós mais presentes... Depois, à medida que fui crescendo, aceitei que as coisas eram assim... Cada um em um canto.

Estava enganada... Família é o que Theo e Vincenzo têm.

— Seu avô está vivo?

— E mais forte e teimoso como nunca. — gaba-se.

Sorriso.

Theo deve ter puxado estas peculiaridades do avô.

— Desistiu?

— Hã?

— A massagem?

— Ah! Vire-se e feche os olhos.

Delicadamente passo as mãos lambuzadas de creme por suas costas... A fragrância de Theo espalha-se pelo quarto. Com a ponta dos dedos traço sua tatuagem magnífica... Sua pele é tão macia e quente, um contraste com a rigidez de seu corpo. Relaxo seus braços... Massageio e acaricio cada músculo descendo até a lombar, passo alguns minutos desfazendo toda a tensão e sigo por sua coluna... Apertando... Acariciando... Sentindo. Deixo meus instintos tomarem a frente... Gosto que Theo mostre-se sensível e arrepia-se por diversas vezes... Ruídos guturais lhe escapam...

Ele se contorce quando chego à sua nuca... Não resisto e deposito uma sequência de beijos de um ombro a outro.

— Ainda está tão tenso. — digo em tom suave.

— Preciso de mais... Não pare. — fala baixinho em tom rouco. — Suas mãos em mim são um tesão.

Ele é alto, mesmo sentado é difícil alcançar ele todo, fico sobre os joelhos apoiando meu peso em um só. É tão excitante e sensual tocá-lo, que a dorzinha do machucado é nada neste momento... Desfaço cada um dos nós de tensão e quando me dou por satisfeita, passo as unhas instigando da base da coluna a nuca. Ficou ousada e chupo a parte macia de sua orelha.

— Nina... — geme meu nome em um engasgo.

— Shhhh... Deixa eu cuidar de você um pouquinho.

Ele laça minhas mãos, trazendo-as para o seu peito. Perco o equilíbrio e me colo às suas costas, abraçando-o. Meus dedos tocam seus mamilos... *Excitado?* Gosto deles assim... Aperto estimulando-os, ele ruge... Suas mãos grandes vão parar em minhas ancas... Quando esmaga possessivamente minhas curvas, gemo e sussurro... — Você é um atentado a minha sanidade, Theo. Tem noção do quanto é lindo? — nega. — Mentiroso. — rio de sua falsa modéstia... E o castigo, intensificando as provocações em seu pescoço e orelha. Sua cabeça pende para o lado, dando-me total acesso. Ele cheira tão bem que tenho vontade de lambê-lo todo. Então lambo, safado e lentinho como uma gata... Bem na nuca.

— Porra, Nina... Lamber é golpe baixo!

Em um segundo, estou de costas na cama. Solto um gritinho de surpresa e excitação quando me vejo encurralada... Seu corpo paira sobre o meu... Agarra meus pulsos e prende acima da minha cabeça. Tento me soltar sem sucesso. Seus olhos ardem fazendo meu rosto ferver.

— Achou divertido me provocar deste jeito?

Nego com vigor.

— Mentirosa. — Theo rosna, ajeita-se entre minhas pernas e move seus quadris contra os meus. — Provocar o Theo, deveria ser seu nome do meio.

*Deus do céu! Está tão duro.*

Seu atrito é impiedoso. Um raio de puro desejo atinge meu clitóris. Ofego quando sinto minhas dobrinhas contraírem e encharcarem. Gemo

atordoada... Ele ri... Uma mão habilidosa larga meu pulso e contorna a lateral do meu corpo. *Jesus!* Arrepio em cada centímetro que me toca

— Theo... — suplico nem sei porquê.

— Boca fechada... Nem mais um piu... Agora é minha vez de provocar.

*Vingativo! Ai, caramba!*

O laço do meu vestido é desfeito e o tecido leve escorrega para as laterais... Fico seminua diante dele... Protegida apenas por um conjunto de renda e seda transparentes... Sua respiração acelera mais e lá vão seus dentes mordendo o canto da sua boca. — Gosto de verde...

— São mate na verdade. — explico baixinho. Sempre fico tagarela em situações de nervosismo.

— Quieta. — sua profunda voz invade minhas entranhas... Mais uma contração involuntária no clitóris... E mais outra quando despenca sobre mim, afunda o rosto e beija-me no pescoço, onde minha pulsação está mais acelerada.

Sua respiração úmida e ofegante me acende. Eu o quero. — Não consigo.

— Concentre-se. — murmura.

*Como?*

Meu coração está batendo tão forte que mal posso respirar... Tudo que consigo pensar são nas sensações involuntárias entre as minhas coxas e no alívio que tanto preciso e que só ele pode dar.

— Theo... — choramingo irritada.

— Shhhhh...

Me cala com um beijo profundo e demorado, sua língua empurrando para dentro e fora da minha boca. Embalo em seu ritmo e esfrego-me nele como posso... Dane-se que ele é controlador na cama. Porque também gosto de ter o que quero e não pretendo obedecer. Tento reagir levantando os joelhos, mas sou pega de surpresa quando abre o fecho frontal do meu sutiã e agarra meu seio. Ambos gememos quando seus dedos pinçam meu mamilo e puxam. *Jesus...* Ele solta minha boca, meus pulsos e abocanha o outro seio sugando forte.

*Puxa vida! Que delícia.*

Não sei do que gosto mais... Se do apertão ou da chupada... Acho que dos dois... Sua boca é divina... Quente e audaciosa... A barba instiga e

pinica minha pele deixando a coisa toda mais excitante... Beija-me e suga-me fazendo umas coisas incríveis com a língua. Seus dedos sabem a pressão exata, no limiar entre a dor e o prazer.

Ninguém nunca foi assim comigo.

Sua voracidade é desconcertante ...

E surpreendo-me porque gosto.

Minhas costas arqueiam e jogo-me contra sua boca, ao ter seus dentes mordendo delicadamente o bico entumecido. Perdida em volúpia, meus dedos ansiosos descem e sobem arranhando suas costas. Gemo e me contorço desesperada tentando escapar das roupas que me prendem...

Para o ataque. — Calma. — vem em meu socorro, vestido e sutiã voam longe e em segundos estou livre.

Volta para a ponta dura do meu mamilo e repete a tortura... Uma... Duas... Várias vezes. A cada investida, meu clitóris trepida em ondas de calor... Mais um pouco sou capaz de gozar. Estou tão necessitada e carente. *Merda!* — É isso que quer? Me deixar louca? — balbucio em um gemido estrangulado.

Com um grunhido em resposta, solta o bico do meu seio em um estalo. — Não consigo parar. — toma fôlego. — São deliciosos como imaginei que seriam. — passa a ponta da língua ao redor da auréola sensível. — Caralho! É tão perfeita, Nina. Cada detalhe seu é perfeito. — sua mão vagueia de um peito para o outro, acariciando-os e segurando-os pela base. — Lindos, naturais, cheios na medida certa e empinados, como se...

*Meus Deus, o que aconteceu com a coisa de nem mais um piu?*

Eu me rendo... Dane-se... Preciso transar com ele... Muito mesmo e agora.

— Faço tudo o que quiser. — interrompo sua ode aos meus seios. — Só cale a boca e parê de me torturar. É sádico por um acaso? — mordo meus lábios com impaciência.

— Lógico que não. — nega quase ofendido. — Não está gostando?

— Muito. — ofego com um beijo molhado na minha clavícula. — Só que existem certas urgências.

As investidas cessam, Theo cai para o lado, apoia a cabeça na mão e olha-me surpreso.

— Urgências? Não me diga que é...

— Claro que não! — arranco o sorriso de seu rosto. *De onde tirou isto?* — Que mulher de vinte e cinco anos é virgem hoje em dia? Só não tenho praticado.

Um leve traço de decepção desponta em seu rosto.

— Há quanto tempo?

— O suficiente para me fazer implorar se for preciso.

Seu polegar desliza do meu queixo para os meus lábios. Fico quieta. — Não te quero implorando por nada, entendeu? Nunca.

Surpreendo-me com a intensidade rouca de sua voz

— Entendeu, Nina? Nunca.

— Sim.

— Ótimo. — inclina-se e a ponta de sua língua traceja minha boca. — É linda e especial demais para ter que suplicar por qualquer coisa. Basta me dizer o que quer.

— Toque-me. — sussurro em seus lábios.

— Onde quer ser tocada, Caipira?

— Lá.

— Lá onde?

O encaro.

*Vagina? Dobrinhas? Partes de senhora?*

*Deus! Que fetiche tem os homens em nos ouvir dizer a palavra?*

Suspiro, enquanto aguarda.

— Toque minha boceta, Theo.— murmuro.

Ele sorri com uma intensidade que me faz derreter.

Sua mão desliza para baixo sobre meu estômago, contornando a borda da minha calcinha. — Só precisamos corrigir um detalhe.

Engulo com dificuldade quando se levanta, vai até a ponta da cama, captura meus calcanhares e me arrasta, até que minhas pernas estejam fora e minha bunda equilibrada na beirada. Fico sobre os cotovelos observando-o ajoelhar-se a minha frente. Em um movimento lento e interminável desliza a sedinha para baixo. Balanço o pé e chuto-a para longe. Estou tão exposta e a forma como seus olhos se fixam entre minhas pernas me faz tremer mais que bambu ao vento. Um som gutural e abafado escapa de seus lábios quando os lambe.



## Theo

— Puta merda... Loirinha.

— Eu sou loira.

— Eu sei, mas é..., mas é...

Pela primeira vez na vida, perco a fala.

Bem diante dos meus olhos está a coisinha mais divina que já vi. Um minúsculo triângulo loiro clarinho e delicado... Posso ouvir os sinos tocando, a vista é celestial. Já conheci várias bocetas, mais do que posso me lembrar, mas esta é de longe a mais bonita.

Engulo a saliva que inunda minha boca. Gosto da maneira como seus quadris se contorcem em expectativa. O som de sua respiração ansiosa acelera.

Um traço de excitação deixa a pele de sua boceta rosada, molhada e brilhante. Mordo os lábios soltando o ar entre os dentes, isto me atrai como abelha para o mel.

Meus instintos afloram.

Quero reclamá-la e levá-la tão duro, de modo que toda a lembrança que carregue, seja apenas minha. *Minha. Só minha.* Meu pau arrebenta dolorosamente em meu jeans e meu lado primitivo ruge de ciúmes... Caralho! Ela é toda deliciosa.

— Mas o que, Theo? Prefere as morenas, né?

*Morenas?*

Já preferi. Um flash infundável de morenas passa e depois evapora da minha mente.

— Não. — minha voz sai baixa e tomo uma respiração profunda. Toco a linha de pelos mal encostando na pele sedosa. — Nunca vi nada igual. — murmuro em devoção. A penugem quase branca é macia e minhas narinas dilatam ao sentir o cheiro de sua excitação adocicada no ar.— Linda!

Um riso doce arrebenta no ar.

— Não posso ser assim tão diferente.

— É sim.

A encaro para que entenda que não brinco com coisa séria. Não sou um adolescente espinhento empolgado com a primeira boceta que

encontra na vida. Estou em campo há quase vinte anos. Vi, toquei e fodi mais do que posso me lembrar. Foram tantas que o diferente passou a ser igual. Não me orgulho, mas hoje, estas mulheres são apenas corpos dos quais nem me lembro os rostos e que já não tem a menor importância. Nunca tiveram.

É inegável a exuberância da beleza de Nina e seria um cínico dizer que não fico mexido, mas a coisa com ela é mais.

*O que este mais significa, que é a questão.*

*Caralho.*

— Theo...

— Shhhhhh. Agora meu assunto é com essa Loirinha.

Afasto mais os seus joelhos, posicionando-me de forma privilegiada. Um dos seus calcanhares vai parar em meu ombro e aqui está ela: preciosa, inchada e molhada, pronta para mim. Sem poder esperar mais um segundo, toco seu sexo. Nina contrai em surpresa. — Está tentadora molhada deste jeito. — sou gentil, ela apenas ofega em resposta, checo e voltou a deitar-se. Seus olhos estão fechados. Os longos cabelos loiros esparramados pelo colchão.

— Isso, apenas relaxe e se deixe levar.

Com o polegar abro e massajeio a abertura úmida, espalhando sua excitação. Parece tão intocada e isto me deixa emocionado. Faço círculos lentos explorando toda área. Ela geme baixinho em apreciação. Sou delicado e paciente, quero que se acostume com meu toque. Vou estimulando cada pedaço de sua carne macia e quente. Seu clitóris entumecido denuncia seu desejo, o pressiono. Ela geme alto.

*Uauuu.* É a primeira vez que vejo lábios vaginais arripiarem-se.

*Tesão.*

*Eu quero esta mulher.*

— É muito sensível, Caipira. — *E tão fodidamente cheirosa e encharcada.*

Estou tão excitado que mal consigo me conter. Minhas necessidades pessoais chegam à beira do insuportável. Abro meu zíper e libero meu pau sufocado. Uma mão acaricia Nina e a outra percorre minha carne dura e pulsante em busca de alívio.

Perco-me nas sensações, preciso senti-la mais. Enfio o dedo dentro dela e Nina grita. Retiro surpreso com sua reação.



— Tudo bem?

— Ooooh, sim... Mais.

Enfio novamente. No lugar do grito, recebo um longo e libertador gemido. Satisfeito pressiono a palma da mão e seu clitóris ao mesmo tempo, que meu dedo empurra e rodeia. Sua cabeça loira cai para o lado ao cantarolar uma sequência de — Oh, oh, oh, oh, oh. — dois dedos, mais pressão e a ladainha aumenta. É excitante, bom pra caralho. Preciso de mais.

Minha boca encontra seu destino. Os dedos se vão e o show agora é dela. Beijo sua boceta como se fosse a última coisa a ser feita na terra. Esqueço a gentileza, sou todo fome e desejo. Sou golpeado forte quando minhas papilas degustam as primeiras notas de sabor de Nina. Uma descarga de adrenalina explode em minhas veias. Não me reconheço, perco o controle. Esqueço meu pau. Agarro sua bunda, trazendo-a mais para mim.

— Que gosto é este? Porra! — rujo.

Ela geme, grita, se debate, mas sei que é de puro prazer. O mesmo que sinto experimentando-a de forma quase canibal. Chupo, lambo, mordisco, penetro-a com minha língua. Rosno como o ser irracional que me tornei a sentir o seu gosto.

— Theoooo, caramba! — grita meu nome em apreciação e êxtase.

Rio satisfeito e a fodo mais com minha língua. Seu corpo estremece a cada nova investida e me sinto poderoso.

Sou bom com chupadas, bom pra caralho na verdade. Nasci com talento para o sexo e gosto muito dele. Mas sempre acreditei que a pratica leva a perfeição... Curioso e persistente, me aperfeiçoei em técnicas que homens comuns jamais ouviram falar. Gosto de receber prazer, mas sou viciado em dar. Não tem nada mais bonito que uma bela mulher gritando em êxtase o seu nome.

— Theo, Theo...eu vou... Theo...

*Exatamente assim.*

Meu dente mordisca suavemente seu clitóris e dois dedos voltam para a brincadeira. Posso sentir seu orgasmo construir-se ao redor deles. Empurro um pouco mais duro, seus lábios se abrem e seu pequeno nariz enruga como se estivesse lutando por controle.

É um espetáculo à parte, deslumbrante. — Deixe vir... — incentivo-a.

Ela solta um suspiro e goza espetacularmente deixando seu corpo convulsionar entregue a mim, por completo. É lindo, é contagiante... Os sussurros e chiados que ritmam os tremores em seu abdômen e boceta são de matar. Ela é tão meiga e mágica... Uma fada do sexo, languida e exausta. E eu como um mero mortal, caio sob o seu domínio, totalmente enfeitiçado.

— Isso foi lindo. Goza como uma fada.

Escalo o colchão grudando nossos corpos e a beijo como o homem apaixonado que estou.

Fodidamente apaixonado, precisando de mais... De tudo.

Enquanto a beijo, tento tirar o jeans já caindo. Não me importo com o baile desajeitado das minhas pernas para me livrar dele. É difícil querer beijar, esfregar, abraçar e se livrar das calças tudo de uma vez. Liberto-me, chutando-o para longe e somos pele contra pele agora.

Trago Nina comigo para o centro da cama. Se não me afundar nela agora mesmo, sou capaz de morrer. — Quero você. — inebriado manobro o quadril e esfrego a cabeça sensível de meu pau em sua entrada.

Seu corpo tensiona e segura meu rosto. — Não assim.

*Uh o quê?*

— Como? — fico confuso.

O rubor em seu rosto fica mais forte. E uma onda de quase pavor toma conta de mim. Não há na vida a menor chance de não a foder hoje.

*Por favor não diga, não.*

— Eu estou desprotegida, Theo. — explica envergonhada e ainda ofegante. — Interrompi a pílula e com todas estas mudanças, não tenho uma médica ainda. E mesmo com o... — fecha os olhos antes de revelar o nome daquele que já odeio só por tê-la tocado antes de mim. —. Nunca transei sem camisinha.

*Putá que pariu! Eu também não!*



## Nina

Theo balança a cabeça atordoado, solta-me ficando sobre os calcanhares.

— Claro a camisinha. Merda! Fiquei tão alucinado com tudo isso.  
— aponta para o meu corpo ainda deitado. — Nunca fodo sem camisinha também.

Endireito o corpo e me sento na cama. Meus olhos caem direto para a sua virilha. O mastro de Theo ergue-se majestoso entre suas pernas.

*Ai meu Deus!*

*É lindo.*

Não que seja especialista ou tenha visto mais que três ao vivo antes. Mas minhas tentativas para restaurar meu casamento, incluíram além dos livros picantes, dezenas de filmes com dezenas homens nus. Desenvolvi uma certa admiração secreta por esta parte da anatomia masculina. Gosto deles de verdade, são bonitos.

Mas Theo está acima do bonito. É impressionante, vigoroso e muito maior do que qualquer outro que já tive. Grande o suficiente para eu temer como irá se encaixar em mim. E grosso o bastante para saber que vou sentir cada centímetro de sua invasão. *E agora?* Bernardo sempre reclamou que eu era do tipo ajustada demais e ele não era nem dois terços de Theo. Dizia que o fazia gozar rápido demais.

Respiro fundo, preciso me acalmar.

*Eu o quero tanto... Tem que caber.*

— Porcaria. — deixo escapar.

— Nina... Merda, desculpa. Fiquei empolgado, falei a verdade quando disse que nunca fodo sem preservativos. Além do mais, pode confiar, estou limpo.

— Só me deixe pensar um instante. — peço — Pode pegar as camisinhas, por favor.

— É pra já. — salta da cama indo em direção a porta.

— Onde vai?

Olho confusa.

*Ué?*

Ele vira e fica parado na porta, à vontade, e isto não me ajuda nada. Seu magnífico pau se exhibe bem à minha frente. Grande, grosso e vigoroso.

*Maria Santíssima! Isso nunca vai entrar.*

*Meleca!*

— Não tenho preservativos aqui.

Sai correndo me deixando mais confusa ainda. *Belo traseiro, Senhor Callas*. Me enfio embaixo do lençol. Nem um minuto depois ele está de volta. Por sua respiração ofegante deve ter corrido como o inferno. Não só carrega uma caixa com ele, como já vestiu uma pelo caminho. Sobe na cama de qualquer jeito e entra embaixo das cobertas comigo.

— Desistiu?

Se não estivesse tão preocupada com a mecânica da coisa, daria risada. A ansiedade estampada na cara dele chega a ser hilária. O homem é um tarado.

Acho estranho.

Deito de lado, ele faz o mesmo e ficamos cara a cara.

— Por que não tem camisinhas aqui? Não era mais fácil guardar no banheiro ou na gavetinha?

— Porque eu não trago mulheres ao meu quarto.

— Não?

— Não neste sentido.

— E como dormem?

— Não dormimos. Nenhuma mulher já passou a noite aqui.

— Motel?

— Mais ou menos.

— E eu?

— Já disse que é diferente.

Não sei se fico lisonjeada ou preocupada. Algo me diz que não está sendo totalmente sincero. Esta coisa de não passar a noite é meio mal explicada. Theo não parece o tipo contido, duvido que não tenha trazido mulheres para cá. E ele tem mostrado um lado muito gentil para simplesmente, fazer o que precisa e despachar a sirigaita de madrugada.

— Essa coisa da camisinha. — não me contenho e provavelmente não deveria dizer isso. — É importante, evita um bocado de problemas. — digo por experiência própria. — Não só as doenças. O que mais tem é mulher aproveitadora, Theo. E se eu não tivesse te falado? Teria transado comigo sem proteção?

— Teria.

— Sabe o que poderia acontecer?

— Sei.

Fico chocada com sua falta de bom senso.

— Seu maluco!

Soco seu braço.

— Eu realmente não dou a mínima se é maluquice ou não. Tudo o que quero é você. — diz e se aproxima mais. — Será que a gente pode parar de falar. Essa coisa de outras mulheres está começando a me irritar. — arranca as cobertas. — Quer preservativo? Está aqui. — aponta para o seu amigo revestido. — Fiz tudo o que pediu, estou duro como pedra e só há uma coisa no mundo que vá me sossegar.

— Mas, Theo.

— Chega, Nina. — em um movimento rápido, cobre meu corpo com o seu, esmagando-me. — Toda essa falação é medo? — desfere uma série de beijos molhados em meu pescoço, enquanto seus cílios ridiculamente longos roçam a minha pele, provocando ondas de calor que percorrem minha coluna.

— Um pouquinho. — confesso baixinho em seu ouvido e minhas palavras saem meio engasgadas.

— De mim?

— Dele, é meio grande.

Eu posso sentir o seu sorriso em meu pescoço. — A gente dá um jeito. — morde a parte macia da minha orelha, depois descansa o peso sobre os cotovelos e encaixa seus quadris entre minhas pernas.

Não digo nada, a expectativa de tê-lo dentro de mim é sufocante. Meu coração pulsa desenfreado e mais um pouco, ele escapa do meu peito. Estou paralisada entre o medo e o desejo. Ofego ao sentir cabeça dura moer contra minha entrada.

— Tudo bem?

Abro mais as pernas, levantando os joelhos para lhe facilitar o acesso. — Hum, hum.

Ele força... E meu mundo para. Um gemido escapa de sua boca de forma irregular quando empurra para dentro. *Deus!* Ser tomada por ele, centímetro por centímetro, é uma tortura boa. É apertado, mas vamos dando um jeito, mexo os quadris para que tudo vá se ajustando.

— Porra! Aterrissei no céu.

Mordo os lábios em doce angústia, quando sai em um impulso e retorna planando novamente. Lento e duro. Seus braços tremem ao meu lado e sei que está se esforçando para ser gentil. Seus olhos estão fechados e

sua expressão é tão intensa, quase de dor. E neste instante, aprendo o real significado de estar completa. Nada do que tenha experimentado antes se compara a este homem lindo e grande me possuindo. — Hummmm — Um gemido rasga em mim e sou toda Theo Callas.

Ele está tão concentrado. Amo o jeito que seu rosto bonito franze. —Theo. — preciso que me olhe e ele o faz. *Nossa!* As partes claras de sua íris brilham como ouro. — Nina, Nina, Nina. — repete ao mesmo tempo, que a velocidade de suas estocadas aumenta. Entra e sai, entra e sai, entra e sai...

— Isso... — rebolo inquieta embaixo dele, implorando para ir mais rápido e meter com tudo. Minha indireta surte efeito... Ele se empolga, eu enrolo minhas pernas em torno de seus quadris, enquanto manda ver. Arqueio as costas, agarrando-me a ele e entramos em um ritmo frenético perfeito.

Ele mete tão duro, que mais um pouco furo o colchão e caio no Japão.

*Nossa, ele é demais!*

Só consigo gemer sem parar e ele rosnar de satisfação. Nossos corpos estão tão grudados, que não sei onde eu termino e ele começa. Enfia duro, tira, volta. Mete... mete... mete... E peço mais. A camada fina de suor que cobre nossas peles irradia um cheio doce no ar de puro sexo. A energia é tão forte, que só percebo que estou gozando quando meu sexo vibra e explode em um forte orgasmo. — Theoooooooooooo — Minha boceta pulsa sugando seu pau talentoso que só me faz delirar mais, mais e mais.

Os músculos do seu pescoço enrijecem e suas investidas perdem o ritmo... Há um certo descontrole no ar, não respondo mais por mim e acho que ele também não. Mete duro algumas vezes até explodir em um — Porra, Caralho, Nina! Isso é foda. — que quase me ensurdece.

Seu corpo desmorona sobre o meu, esmagando-me. Mal posso respirar com toda sua massa muscular jogada sobre mim, mas eu não ligo. A sensação de tê-lo dentro, ainda pulsando, é boa demais para eu ousar me mexer.

— Só preciso de cinco minutos... — murmura rouco.

Ficamos os dois calados... Corações na mesma batida e respirações ofegantes. Afago suas costas em um gesto da mais pura gratidão. Ele beija minha clavícula em resposta. Nunca poderia imaginar que o homem que me

provoca tanta raiva, pudesse ser o mesmo a me dar tanto prazer. Fico meio maravilhada ao perceber isto. De uma forma meio louca e inexplicável, gosto das duas sensações A raiva e a luxúria. Elas me põem viva. O único, porém, é a terceira sensação. O afeto, que aumenta a cada segundo.

*Nina, foi só sexo, ouviu? Não cometa a burrada de se apaixonar.*

Não por Theo. Ele e Bernardo têm pontos em comum... Impetuosos, líderes natos, cobiçados pelas mulheres e com um charme selvagem. *Droga!* Vai ver, eu seja atraída por tipos assim. O que é um problemão para uma mulher recém divorciada, que só quer seguir em frente.

Preciso de um sapo, não de um príncipe.

Respiro fundo para afastar os pensamentos sem propósito. Enrosco-me ao Theo, afundando o rosto em seu peito e fantasio que agora, só existimos nós. Eu e este anjo devasso que caiu do céu para me satisfazer. Apenas isto, dois amantes sem passado, futuro ou promessas.

— Eu quero mais. — Theo sussurra mordendo meu ombro.

*Sim! Sim! E sim!*

E para a minha surpresa, a transa que pensei ser única, transformou-se em algumas outras. A pressa desenfreada, seguiu-se de uma fusão lenta e apaixonada. Um sexo tranquilo, quase atemporal. E em cada uma das vezes, a sensação foi melhor que a outra. De lenta, para esfomeada e depois languida novamente. Indescritível.

Ficamos horas em uma dança interminável. Theo é um insaciável e um amante generoso. Dando e exigindo ao mesmo tempo, nós dois perdidos um no outro querendo continuar para sempre.

## Dez



— **P**erfeito, Loirinha.

Há algumas horas, o loirinha foi incluído junto com o Caipira. Fico confusa... Não sei com qual parte do meu corpo ele está conversando.

— Hum... Hum... — ajeito o quadril esfregando minha bunda em sua virilha. — Perfeito.

— Tudo em você é gostoso. Sua bunda, seus peitos, essa boceta apertada que me engole e me espreme.

Depois de tanto sexo, amassos incansáveis e carinhos intermináveis estou dolorida, mas aguentando firme. A empolgação de Theo é contagiante e descobri um novo lado meu esfomeado e incansável, que não conhecia. Seu vocabulário, que no quesito palavras sujas é um caso à parte e tem o poder de me deixar molhada e excitada. Ele não tem qualquer freio ou pudor ao expressar-se durante o sexo. Confesso que até eu, me sinto mais abusada e também arrisco dizer umas indecências.

— É bom te engolir, Theo. — ronrono.

— Me chama de Anjo de novo. — seu hálito quente queima minha nuca — Gostei quando gritou me chamando de Anjo Devasso.

— Anjo. — faço sua pequena vontade.

Sexo incrível torna as pessoas meio bobocas.

— Assim não. — morde de leve meu ombro. — Meu Anjo Devasso.

— Meu Anjo Devasso. — murmuro.

Estamos de conchinha na cama, sua coxa grossa entre as minhas pernas, mantendo-me aberta, enquanto seu pau indecente me penetra por trás. Os primeiros raios da manhã invadem o quarto e não posso dizer que é uma foda matinal, porque não dormimos. E se não tivesse sentido, o quanto Theo é de verdade, poderia jurar que o homem é movido à pilha. Uma de suas mãos está circulando minha cintura, descendo atrevidamente para dedilhar meu clitóris e a outra segura possessivamente meu seio.



— Planejo te comer de todas as formas possíveis, Loirinha. E você... — sua estocada é dura e atinge um ponto dentro de mim, que espalha ondas de prazer por todo o meu corpo. — Me deve umas gentilezas orais. — sei que devo, mas nem morta iria prová-lo com gosto de preservativo de morangos. Outra cutucada enérgica e gemo da delícia que é ser cutucada assim tão intimamente. As pontinhas dos meus pés se curvam, enroscadas em suas pernas compridas. — Precisamos encontrar uma médica. Quero meu pau livre sentindo tudo, sem essa merda de plástico açucarada nos separando.

*Precisamos?*

Me preocupo. Em algum momento vou ter que ter uma conversa direta com ele, mas não agora. Não com um outro orgasmo querendo explodir e acabar com meus miolos.

Jogo os braços para trás, agarrando seus cabelos. Deus, estou quase lá, novamente. A última coisa que consigo é fazer planos. Empino minha bunda aumentando a pressão. Outra metida exata e perfeita, e mais estrelinhas pipocam em minhas terminações nervosas.

— Theo, só me faça ir para o céu. — choramingo. — Depois a gente vê esses detalhes.

Aumenta o ritmo em meu clitóris e me fode tão duro que quase me quebra. *Hummm, é tão bom. Deus!* Vejo estrelas, fogos de artifício e fadinhas. Seu quadril faz um movimento circular lento que simplesmente rouba meus sentidos. Theo é um artista transado. Meu gozo vem lento e prolongado.

— Não quero que se preocupe com nada, é só me deixar no comando, ok?

Sua voz distante acaricia minha nuca. — Oh, oh, oh, oooooh

— Ok?

— Ooooh, ooh, ok. — gemo em delírio concordando com tudo e nada.

— Boa menina. — Theo gira os quadris e me faz gemer outra vez.

Aperta sua pélvis e golpeia uma sequência lenta e profunda. Suas bolas chocam-se contra minha área sensível e latejante, provocando uma sequência de mini contrações retardatárias. A sensação é tão gostosa que preciso de sua boca. Me contorço, viro a cabeça e o beijo em um ritmo indecente. Ele estremece ao me bombear por trás uma última vez, seu

murmúrio preenche minha boca e suas mãos apertam tão firmes minha cintura, que aposto que seus dedos ficarão tatuados em mim.

Caio exausta, sem força mesmo. Seu abraço quente suaviza e ele me envolve, convidativo. — Isso, só feche os olhos e relaxe, ainda temos muito tempo.

Fico aninhada e quieta. Não sei o protocolo e nem o que dizer depois disso. Como as coisas vão funcionar depois dessa foda louca com o meu chefe? Porque no fundo, é isso que ele é: meu chefe. O quarto cheira a sexo e ao Theo e meus músculos cansados, mais parecem de borracha.

Brigo com o sono e com meus pensamentos que derivam para um campo perigoso... Será que a nossa noite foi especial para ele também? Ou Theo é assim com todas as mulheres... a mesma intensidade... a mesma pegada... as mesmas promessas e planos ...

*E agora?*

Adormeci cheia de dúvidas e sobre quais seriam os limites entre nós.



Poucas horas depois estou de pé, de banho tomado e saltitando pelo quarto, na pressa calçar meus sapatos carmim. Faço tudo calada, sob os olhos atentos de um Theo elegantemente vestido em um terno cinza claro de corte justo. O encaro furiosa ao terminar de guardar minhas coisas na maleta, fecho o zíper da saia lápis em tom rosado e abotoo os botões da camisa de seda duas notas de cor acima.

Nada de maquiagem hoje, um rímel e gloss foi tudo que o tempo me permitiu.

— Ainda acho que deveria pegar a semana de folga e ficar aqui descansando. — insiste na cara dura, ao terminar o nó da gravata prata que o deixa com um ar moderno.

Não digo nada, deposito a maleta na cama e faço um coque rápido sem precisar de espelho. Levei uma eternidade no banho para conseguir desatar todos os nós deixados pela noite animada.

— A batida na cabeça ainda pede cuidados. — continua.

O encaro. Mas é um cínico mesmo. Ontem, ele nem lembrou da batida, ao puxar meus cabelos para encará-lo, enquanto me fodia como um

louco. Não que esteja reclamando, mas convenhamos, é muita cara de pau!

— A Thina ainda não a liberou oficialmente.

Basta! É a gota d'água e minhas mãos vão parar na cintura.

— Escuta aqui, Theo Callas. Acho que nosso teste de resistência, mais do que comprovou o quanto estou apta para sentar em minha cadeira e fazer o meu trabalho. Não vou correr uma maratona, ok! Além do mais, é segunda feira e a minha chefe marcou uma reunião com a equipe às onze horas. — olho para o relógio na cabeceira. — Tenho vinte minutos para chegar lá. Vai me dar a carona que prometeu ou vou precisar ir correndo?

— Eu sou seu chefe, posso desmarcar a reunião. — *Sim, meu chefe... estremeço ao me lembrar disso* . — Nem tomou o café, precisa comer. — insiste legitimamente preocupado. — Gastou muita energia, acho que até emagreceu.

*Uh o quê?*

Quero rir e gritar por achá-lo adoravelmente chato e irritante. Chega a ser engraçado o modo como persiste.

*Será possível? Que homem teimoso.*

Respiro fundo e peço paciência a Jó.

— É o chefe da minha chefe e quanto ao café, pego alguma coisa na lanchonete da Callas.

Dezoito minutos depois a SUV conduzida por um Mike com fones no último volume entra na garagem. O cutuco no ombro, os fones se vão e me olha pelo retrovisor.

— Pode parar aqui, por favor.

— Pra quê? — é o Theo quem pergunta.

O carro para antes da cancela privativa se abrir. Aponto para a escada rolante que dá acesso ao piso térreo.

— Porque é por aqui que os funcionários entram. — respondo, abro a porta e saio do carro.

— Leve minhas coisas pelo privativo, Mike.

Em segundos estou subindo as escadas com um reclamão bufando no meu cangote. — O que há de errado com meu elevador? É muito mais rápido.

— Não há nada de errado. — falo baixinho e sorrindo para não o enforçar. — Só que existem regras, meu Anjo. — tento ser gentil. — Eu entro pela minha e você deveria ir pela sua. Esqueceu o que conversamos?

— O prédio é meu, entro por onde bem entender. — resmunga e continua a me seguir.

É, pelo jeito não ouviu nada do que disse sobre não misturar o pessoal com profissional. Respiro fundo ao saltar da escada e contornar o corredor da lanchonete em direção a recepção central. Agradeço que a esta hora da manhã está tudo vazio, apenas um ou outro retardatário como nós. Tão apressados, que nem nos notam ou se dão conta que é Theo que segue ao meu lado emburrado.

— Srta, Kovac!

Breco ao ser chamada pela recepcionista.

Viro e encontro a mulher vermelha e boquiaberta ao reconhecer a figura ao meu lado. *Pronto!* — Oi, Pietra. — sorrio despreocupada.

As fofoqueiras de plantão vão adorar saber deste detalhe. Finjo que não estamos juntos e vou em direção à recepcionista que luta para se recompor. É obvio que Theo não entende minha deixa para seguir em frente e vem em minha cola. Me incomodo e depois me irrita quando ela ajeita os cabelos e nos cumprimenta e sorri para Theo em um flerte descarado.

— Bom dia, Senhor Callas. — pisca algumas vezes e mais que o necessário.

Seus olhos caem para as mãos enfaixadas de Theo. Ouço um *Tadinho* sair sussurrado de sua boca exageradamente vermelha.

— Bom dia. — responde em tom polido e sério.

— Se o Senhor precisar de qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo. — aponta para o machucado. — Sou a Pietra, estou no segundo ano de enfermagem, sou ótima com curativos. — morde o lábio manchando os dentes de vermelho.

— Obrigado, Pietra. — agradece austero.

*Ah! Faça-me o favor!*

*Oferecida!*

— Não queria ser chata. — interrompo quase ríspida. — Mas estou atrasada para uma reunião.

— Hã? — sua cabeça gira lentamente em minha direção. Seguro a vontade de revirar os olhos e sorrio fingindo não notar seu fascínio pelo moreno quase grudado em mim. — Ah! Sim, desculpe-me. Aquele rapaz bonito do outro dia, deixou outra encomenda. Esperou por mais de uma hora, mas desistiu.

Some como um submarino e submerge com outro buque de rosas exagerado. Amarelas desta vez. *Ah! Arthur!* Um rosnado vibra baixinho em minha nuca. Agarro as flores. — Obrigada! Preciso correr.

E corro, passos apressados me seguem, no caminho ouço um — Meu ramal é o 003, Senhor Callas. — gritado com voz sensual, reviro os olhos e repito baixinho o desaforamento de Pietra. “ *Meu ramal é o 003, Senhor Callas* “ Meleca! Quedê a moral e os bons costumes no trabalho? O homem é nosso chefe, poxa vida! Passo o crachá sem olhar para trás apertando nervosamente o botão do elevador.

Não consigo acreditar quando Theo empaca na catraca, percebe que está sem crachá e pula a bendita máquina. — Hey! Não pode pular o negocinho! É contra as regras!

— Regras que eu criei. — sorri arrogante e vem em minha direção.

Sorte dele que estamos sozinhos no saguão dos elevadores e ninguém viu a sua falta de exemplo. Ele aproxima-se dando uma fulminada no trambolho florido em minhas mãos. Um gesto rápido e o cartão que nem tinha notado, vai parar em suas mãos.

— Devolve isso ai!

Pulo tentando alcançar, mas mesmo de salto, ele é anos luz mais alto que eu, ainda mais com o braço apontado para a lua. Abre o pequeno envelope e eu rosno. Se não estivéssemos em um lugar com câmeras, daria outra rosetada nas fuças dele. Quero trucidá-lo quando começa a ler

**Nina,  
Estrela me falou sobre o assalto.  
Que loucura!  
Espero que tudo esteja bem contigo.  
Fui ao café e passei em sua casa.  
Faço uma ótima canja.  
Se precisar de carinho.  
Me ligue (11195.73.999)  
Arthur**

Termina de ler, amassa e guarda o papel no bolso. Isto é tão sem cabimento que viro de costas para ele. Conto até dez observando o jardim interno, do outro lado de uma parede de vidro, do saguão.

— Qual é a sua com este tal Arthur?

*Sério isso?*

Viro fazendo um estardalhaço com as rosas. Theo dá dois passos para trás. — A mesma que a sua com Pietra. — digo sem pensar e o fulmino.

— Não tenho nada com Pietra.

— Nem eu com Arthur.

— Mas ele quer ter. Sabe muito bem o que canja com carinho significa, não sabe?

*Uh o quê?*

A frase fica ridícula em sua boca, quero rir. Levanto uma sobancelha e o avalio. Era só o que me faltava, ter um grandalhão ciumento na minha cola.

— O mesmo que: *O meu o ramal é o 003, Senhor Callas*. — imito a voz afetada da recepcionista, não por ciúme, mas apenas para defender um ponto.

Seus olhos estreitam e ele diminui a distância entre nós. — Não estou brincando, Nina. O que este cara tem para te mandar tanta rosa?

— Uma floricultura. — zombo e empurro as flores contra seu peito e ele ás pega, aturdido. — Entregue isto para a Nati. Nem gosto de rosas, me fazem lembrar de caras idiotas.

*PLIN!*

A porta do elevador abre!

*Porcaria! Eu mereço.*

— Bom dia, Camila. — cumprimento minha chefe entretida no celular, entro no elevador seguida das flores e Theo.

Sua cabeça ruiva sobe lentamente, para um instante no curativo que exibo no joelho e volta a subir. Olha-me como se estivesse a ponto de vomitar. — Está atrasada.

*Vaca!*

— Desculpe. Tive um imprevisto.

— Você também está atrasada. — a voz de Theo soa grave atrás de nós.

Ele pisca sutilmente para mim e solto um palavrão em minha mente.

*Não faz isto, homem de Deus!*

Camila vira de supetão e seus olhos frios acendem como um flash. — Que susto, Theo. — coloca a mão no peito. — Nem percebi que era você atrás deste arbusto.

— Pois é, sou eu, o Senhor Callas. — dá ênfase na formalidade. *Droga, não provoque a Vaca com capim curto!* — As pendências que estão na sua mão, há mais de um mês, já resolveu? Estou até agora esperando a reunião com Donavan.

*Lascou-se.*

O ar fica pesado e insuficiente para nós três, me encosto na parede do elevador. Não gosto da ideia de Theo entrando em atrito para me defender. Ainda mais com Camila, seu olhar fotografa as mãos machucadas de Theo e volta-se depreciativo em minha direção. *Eitaaa*. Desvio o olhar e viro meu joelho para a parede. *PI, PI, PI*. Meu radar apita no nível: ferrou geral. Com todas as fofocas que andam rolando sobre nós, sei que sua cabeça doentia e perversa está farejando por provas que confirmem as suspeitas dos futriqueiros.

É duro admitir, mas somos a própria evidência ambulante ostentando esse tanto de curativos e arranhões. Camila pode ser uma Vaca má, mas burra não é.

Continuo com cara de paisagem mirando no visor que mostra 11º andar. Finjo não perceber a tensão instaurada. *Droga!* Esse elevador precisa de revisão, sobe devagar demais.

— Donavan está fora da cidade, pensei que tivesse lhe avisado. — responde seca.

*PLIN!*

A porta do elevador desliza e salto como um grilo para fora. — Tenha um bom dia, Senhor Callas. — apresso-me e uma pulguinha cutuca minha orelha.

*Diacho!*

Theo conversou com Donavan pelo viva-voz esta manhã. E ele disse que não só, estava na cidade, como havia recebido o nosso projeto. Por que cargas d'água, não a desmentiu?

Fico sem saber, pois, Camila sai em seguida. — Ainda espero por nossa reunião, Theo.

Ele não responde, apenas acena e a porta fecha.

— Interessante. — Camila diz, examina novamente meu joelho e me ultrapassa. — O que anda fazendo no 21º além de organizar arquivos? — pergunta sarcástica sem olhar para trás.

Meu rosto arde e a sigo pelo corredor que vai dar direto na sala de reuniões. — Ajudando Natalia. — respondo por fim.

— Por que tenho a impressão que anda arquivando outras coisas além de papel?

*Putz, que ótimo!*

Engasgo de raiva e conto até dez. Ela já está desconfiada e se Theo continuar a agir fora de seus padrões, em menos de cinco segundos, vou estar mais mal falada que Maria Madalena.

— Não sei o que está querendo insinuar. — digo firme.

Ela gargalha e um som semelhante ao uivo de uma hiena ecoa no corredor. Para em frente à porta da sala de reuniões e vira-se para mim com ar debochado. — Tenho certeza que não sabe. — revira os olhos e gira a maçaneta.

A sala lotada se agita quando entramos. Camila entra arrogante e vai para o fundo, ignorando o time de quinze arquitetos e paisagistas que esperavam por ela. Senta-se na cadeira mais confortável e começa a revirar suas anotações. Sem graça, cumprimento os colegas de departamento, com o mesmo desânimo que estampa seus rostos. Vou direto para meu lugar de sempre, entre Miguel e Toshiko. As reuniões de segunda feira não são exatamente, o nosso momento mais feliz da semana.

— Que azar, dar de cara com a chefe logo de manhã. — Miguel brinca e me oferece um biscoito. Aceito.

— Nem me diga! A mulher está azeda hoje. — sussurro de boca cheia.

Normalmente, Camila discursa por horas a fio sem nos dar o direito à palavra. Parece ter um certo prazer sádico em ditar regras, humilhar, ofender, distribuir listas insanas de projetos e visitas técnicas. Mas hoje não, transfere as honras para o gerente de projetos e afunda na cadeira entretida no celular. Por diversas vezes, seu rosto contorce em sinal de desgosto.

Só tira o olho do bendito aparelho quando Rico, da lanchonete, bate na porta carregando uma bandeja com comida suficiente para um batalhão. Quero desintegrar quando diz que é o café da manhã que pedi.



Fico dividida.

*Não sei se beijo ou mato o Theo!*

Sua gentileza me toca, mas seu jeito impulsivo me preocupa. Eu quero ter cautela e ele escancarar. Não fazem nem dois segundos que ficamos juntos e age como se fossemos aposta certa, o páreo premiado. Tudo bem, que me sinto uma sortuda, penso nele sem parar e vibro com meus pensamentos de menina boba. *É natural, poxa vida!* Theo é lindo, seu pau é mágico e me sinto um pouco possessiva, não vou negar. Mas quedê, o vamos com calma? O não de armas ao inimigo?

Afinal, ainda não sabemos quem está por trás do tal recado e não quero Theo mais machucado.

Passo por momentos constrangedores tentando explicar que foi engano. Rico insiste, Camila observa, insisto também e por fim, desisto e assino o bendito pedido.

Satisfeito pela vitória, o garçom deposita a bandeja na mesa e sai.

— Melhor assinar, né. — levanto os ombros. — Deus me livre, ele ter que pagar pelo prejuízo. É uma pena que já tomei um belo café em casa. — minto para fortalecer o álibi e rezo para meu estômago não roncar. — Melhor aproveitarem, senhores.

A reunião retoma, o tempo voa e a bandeja esvazia.

Passam das três, quando chego para o meu segundo turno, no 21º. Estou exausta, com fome e carrego uma lista de vistorias que chega a ser indecente. Vou ficar atolada por semanas e desconfio que alguém não vai gostar nada, nada. Se as flores já causaram reboliço, imagino o que algumas viagens com Miguel não irão fazer.

Paro em frente à mesa de Nati que fala ao telefone e gesticula freneticamente para eu esperar. Reparo como está linda em um vestido vermelho. Sento e espero. Ela fala... Fala... Fala mais um pouco. Algo sobre umas reservas em Paris.

Fico cabreira, mas não pergunto nada quando desliga o telefone.

— E aí, Boneca? Desculpe por não dar tchau ontem.

— Desculpa eu, que capotei daquele jeito.

— Também desmaiei na casa do Pedro. Deus, vou ter que triplicar as aulas de spinning para gastar tudo o que comemos. Quem me dera ter esse troço que você tem.

Sorrio, Nati acredita que ter hipertireoidismo e hipoglicemia é um grande negócio. Tipo uma benção por ter o metabolismo acelerado e não engordar. Ela acha que desmaiar por falta de açúcar é um preço mínimo diante da magreza eterna.

— Falando em comida. — ela olha ressabiada — Recebeu a encomenda? Juro que disse para o Todo Poderoso que era uma péssima ideia. Só que a peça não me ouviu, claro.

Olho brava, depois sorrio.

— Recebi. Achei fofo, mas imprudente. — sussurro omitindo o fato que não toquei em nada e coloco minha bolsa e pastas sobre sua mesa. — A Camila já ficou de orelha em pé quando nos pegou no elevador. Ainda mais com as flores...

— Pegou?! — interrompe e seus olhos de jabuticaba aumentam. — Não acredito, estavam transando! — exclama em um cochicho empolgado. — Adorei as flores, aliás. — olha para o vaso gigante no canto da mesa.

Faço um gesto de que não foi nada, enquanto emendo exasperada. — Lógico que não! Só subindo mesmo, mas ficou olhando esquisito para nossos machucados e depois jogou umas indiretinhas.

— Aquela Vaca é pior que cobra. — faz cara de nojo, em seguida seus olhos vibram. — E aí, como foi na casa dele? — agita as mãos. — Detalhes, detalhes, detalhes... Eu preciso de detalhes.

— Se contar para ele eu te mato! — Nati faz uma cara ofendida. Não me contenho e abro um sorriso idiota. — Guria, estou de quatro, o homem é tudo e mais um pouco. Estou sem dormir até agora, acredita?

— Ô se acredito, é o fogo Callas. Amo esta intensidade grega. — deixa escapar um sorrisinho que compete com o meu no quesito apaixonadinhas. — Está com olheiras, quer corretivo?

— Quero. — pego o potinho que tira da gaveta e me olho no espelhinho. *Nossa, pareço uma panda!* Com a pontinha dos dedos começo a aplicar o produto milagroso. — Como consegue?

— Um amigo meu é comissário e compra no freeshop.

— Não. Como consegue administrar essa coisa do fogo Callas com o escritório?

— Ah! — pega e guarda o potinho que lhe devolvo. — Nossa, sua cara melhorou um duzentos por cento. Quer que peça um para você?

Aceito impaciente. Ela sorri e inclina o corpo na cadeira, checando as portas fechadas dos escritórios de Pedro e Theo.

— Para mim é fácil, fico protegida aqui na torre e tenho acesso direto à sala de Pedro, que é o rei da discricção e bom senso. — seu rosto ruboriza e o meu também. — Mas sinceramente, não estou nem aí se descobrirem e tão pouco, dou a mínima para o falatório no cafezinho. Mas entendo seu lado... Meus chefes são ótimos e cúmplices no crime. — brinca. — Não sei se teria esta calma toda, com a Vaca no meu cangote espalhando que quero roubar o lugar dela.

Reviro os olhos, já ouvi esta fofoca. Nati faz o mesmo e sua expressão muda para engraçada, tipo de detetive. Inclina-se em minha direção.

— A Sheila, do terceiro, disse que ela estava o cão em uma baita DR telefônica esta manhã, lá no estacionamento. Acho que tomou um passa fora do bofe. — aproxima-se mais. — Ficava gritando que não era lixo para ser usada e dispensada. — cochicha em tom de fofoca.

*Tá explicado!*

— Ela estava azeda mesmo. — confirmo no mesmo tom. — Sinceramente, não sei o que fazer. Óbvio que estou empolgada e acho que ele também, mas esta coisa dele ser o manda chuva. — suspiro e olho para a porta, com seu nome escrito em uma placa prata, bem acima da sigla CEO. — Complica tudo. Não quero que pensem que fiquei com ele por interesse. E também não acho legal ficar me esfregando por aí, nas vistas de todo mundo. Sabe o que penso sobre relacionamentos, Nati, e convenhamos, pode ter sido incrível, mas não quer dizer que a coisa vá andar. Eu e o Theo somos muito diferentes, o homem parece doido, pulou a catraca e roubou o cartão. — faço cara-de-você-acredita? Nati, ri e eu suspiro novamente. — Por pouco, não dei com as rosas nele de novo.

— Ah não! As rosas não! — acaricia o vaso de modo protetor. — Deixem minhas rosinhas fora disto. — gargalha. — Eita, é do tipo ciumento possessivo, então. — ela parece gostar da ideia e eu estremeço, não gosto de ninguém mandando em mim. — Por isso a tromba dele! Perguntei porquê das flores e ele só rosnou alguma coisa sobre um otário da floricultura.

— O Arthur. — faço cara de desgosto.

— Se prepara. — dá uns tapinhas em minha coxa. — Acho que fisgou o homem, e o bicho está no modo ansioso. Já perguntou por você umas cem vezes. Estava vendo a hora, que ele iria descer pessoalmente e acabar com a reunião, pediu até seu celular. Espero que não se importe, mas era eu dar ou correr o risco de ser esganada. — ela se endireita, vira para mim e seus grandes olhos me pedem desculpa. Aceito em um gesto de cabeça. — Não acredito que não tinham trocados os números!

Levanto os ombros, abro a bolsa e alcanço o aparelho. Camila não permite nenhum celular ligado na reunião, além do dela, claro. Para que precisaria do número do Theo se não iria ligar? Todos os nossos assuntos sempre foram exclusivamente profissionais e nunca saíram da Callas.

Meu queixo cai.

*Deus, que exagero!*

Oito mensagens. Salvo seu número como Anjo Devasso e ouço um risinho abafado de Nati. — Pelo jeito, descobriu a tatuagem. Sabia que o Pedro tem um tigre na coxa? — empolga-se.

Nego em um balanço de cabeça. Não precisava saber deste detalhe sobre o diretor, não mesmo. E muito menos, encher minha imaginação com lembranças das asas de Theo pairando sobre mim.

Me abano em vão, com o celular.

Coro e uma quentura me atinge em lugares inapropriados e doloridos. — Não me faça pensar em indecências, por favor. — suplico, espremo minhas coxas e checo as mensagens.

- **Por que não me disse a coisa do metabolismo?**
- **Tome o café, precisa comer.**
- **Coma.**
- **Essa merda vai durar quanto tempo?**
- **Estou indo almoçar com um cliente e Pedro.**
- **Que tipo de preservativo prefere?**
- **A Thina sugeriu uma ginecologista.**
- **Preciso falar com você urgente.**

Fico intrigada com o coma, irritada com a ginecologista e furiosa por ter envolvido sua irmã em nossas intimidades.

Respiro fundo e Nati fica rindo da minha agonia — Vem cá, me diz... — mordo o lábio curiosa. — Trabalha com o Theo há muito tempo, né?

Divertida, estala os dedos. — Anos e anos.

— Ele sempre foi assim maluco? Com as mulheres?

— Como vou saber? Nunca o vi namorando antes. O máximo que vi, foi ele despachando uma amiga ou outra que resolveram aparecer sem marcar.

*Que amiga ou outra? Quantas amigas ou outras.*

*Opa! Pera!*

— Não sou namorada dele.

— Mas ele está agindo como se fosse.

Afundo o rosto em minhas mãos. — Deus do Céu, estamos o quê? Na quinta série, que é só trocar um selinho e já é namoro? Não me lembro de ter marcado x no papelzinho.

Nati gargalha baixinho e pequenas lágrimas molham seus olhos.

— Não, um x não. — limpa as lágrimas. — Pela animação do moço, você marcou, foi logo um golaço. — pisca para mim.

*Um golaço?*

Não respondo. A quem eu quero enganar?

Nati tem razão, foi um partidão daqueles. Tão inesperado e surpreendente, que dá vontade de repetir, repetir e repetir... Theo foi um artilheiro brilhando em suas jogadas de craque, que me dominaram em campo. *Inesquecível! Memorável!* Nos demos bem já na largada, no primeiro lance do beijo, depois nos viramos do avesso e pela quantidade de fluidos corporais envolvidos, não duvido nada que nossos DNAs estejam trocados.

Nati afaga minhas costas tentando dar uma força. — Escuta boneca, o Theo é intenso, sabia disto. Ontem foi uma graça ver os dois juntos. Ele parecia um anjo super protetor pairando sobre você enquanto dormia e rosnando para quem risse mais alto. — ela ganha a minha atenção. — Não vá estragar as coisas antes mesmo, de dar uma chance. Converse com ele e estabeleça seus limites. Se tem uma coisa que aprendi com Pedro, é que diálogo é sempre o melhor caminho.

Pondero.

*Pedro é sensato mesmo. Ok. Diálogo.*

Meu celular apita em uma nova mensagem.

- ***O que Camila está fazendo? Lendo a Bíblia?***

Dou uma risada nervosa.

Eu contemplo não responder por cerca de dois segundos. Não sei se estou a fim de dialogar agora e convenhamos, se não respondi as outras oito mensagens, por que fica insistindo em mandar mais?

— Droga! — Nati se agita. — O chefe pediu para você ir procurá-lo assim que chegasse. — entorta a boca em um claro: *Ai, ferrou.* — Me perdi completamente na nossa conversa.

Outro apito.

- **A donzela quer que eu vá resgatá-la?**

Outro sorriso me escapa.

Ignoro a Nina boba que suspira pelo cavalheiro salvador. Decido responder por pura educação. Não sou uma frágil que precisa ser protegida da chefe má.

- **Seria muito gentil da sua parte, mas estou a salvo. Acabei de chegar no 21°.**

Livro a minha cara e da Nati. Mostro a tela para ela, que lê minha mensagem, sorri e sussurra um “*muito obrigada*”. A porta do escritório de Theo escancara na mesma hora e ele vem decidido em minha direção. Levanto em um misto de excitação e raiva, agarrando bolsa e pastas. Fico um pouco ressentida em vê-lo. Ao contrário de mim e das minhas olheiras pandas, ele parece luminoso. Nem um rastro de cansaço. Está lindo, só de camisa e mangas arregaçadas.

*Como consegue?*

— Você dormiu? — pergunto o óbvio, assim que para na minha frente.

— Não. — agarra minha mão e começa a me puxar em direção a sua sala. Dou um gemido de protesto, suplico por ajuda para Nati, que sem poder fazer nada, apenas levanta os ombros rendida. — Preciso falar com você. Urgente! — Theo meio que rosna, meio que ofega.

E esse som é bem bruto e sexy, minha pele formiga e meu coração dispara.

Assim que entramos na sala, ele fecha a porta com um toque de calcanhar. Essa coisa homem das cavernas, tem que parar! O negócio é contagioso, com seus feromônios neandertais agindo diretamente, em meus hormônios. *Demônios!* Theo vai de príncipe a ogro em um segundo. Uma

fúria sobe dentro de mim, porque estranhamente isto me excita, o que é absolutamente absurdo!

Fico em dúvida, se bato, ataco ou grito Uga, Uga.

— O que quer de tão urgente, Theo? — decido bater.

— Sua boca na minha boca, agora. — desta vez, ele rosna e eu ofego.

Não estou preparada para o tamanho da eletricidade lasciva que seu olhar emana. Muito menos, para a minha falta de reação quando suas mãos seguram meu rosto, me empurra alguns passos e sua boca gruda na minha, ao mesmo tempo que, meu traseiro encosta na parede. Vamos nos encaixando como um trem descarrilhado.

Ele coloca uma de suas pernas entre as minhas para me prender no lugar. O movimento faz minha saia subir uns bons centímetros.

*Deus!*

Deixo cair a bolsa, as pastas e a vergonha na cara. Minha boca abre em protesto e sua língua aproveita o vacilo para se enfiar em mim. Ao contrário de hoje cedo, seu beijo não é doce. Me ataca duro e de forma incendiária. Esmagando sua pélvis contra a minha, como se não me visse há séculos. *Isto é novo e é bom!* Gemo e percebo que involuntariamente, estou fazendo o mesmo. O beijo com a mesma fúria e ele grunhe. *Droga, que delícia!* Eu deveria estar brava, não me esfregando como louca, pouco me danando o quão, dolorida me sinto. E isto é errado em tantos níveis... Eu mesma estou contradizendo o discurso de vamos com calma e pró profissionalismo que fiz.

Meu corpo treme e ele solta outro grunhido em apreciação. *Meleca!* Sou uma fraca diante de Theo. A luxúria vence a sensatez e fico incapaz de resistir a ereção impressionante que forma uma tenda em sua calça social. Preciso tocá-lo. Acaricio seu mastro sobre o tecido e ele geme pesado.

O beijo para e nossas testas juntam.

— Você não tem noção do seu efeito sobre mim. — murmura.

*Não, mas desconfio. Posso sentir seu pau Indecente pulsar.*

Fecho os olhos, afago sua virilha percorrendo todo seu comprimento.

Um espasmo em minhas áreas sensíveis, alerta porque me senti desconfortável durante a reunião e estou andando esquisito. A grandeza de

Theo exigiu demais das minhas carnes macias. Gemo de angústia, é tão contraditório. Minhas entranhas latejam de desejo, mas meu corpo pede uma trégua. Penso que talvez seja a providência divina intervindo para evitar uma loucura. Respiro fundo. — Para Theo, não podemos. — digo contrariada, na tentativa de recobrar alguma decência.

— Não? — olha-me surpreso e seu rosto fica duro. — Está dolorida? Merda! — sua mão desce, infiltra-se em minha saia tocando suavemente, a rendinha úmida de minha calcinha. Ofego. — Está quente e inchada. — constata culpado. — Droga! É tão apertada e fui meio canibal com você.

*E insaciável, não que esteja reclamando.*

— Só um pouco sensível. — vermelho colore meu rosto, confessar provoca em mim, um caso inesperado de timidez.

Seus dedos longos me afagam. Contorço-me. — Não queria ter machucado a loirinha.

Solto sua virilha e seguro seus ombros em busca de apoio. Seu toque, mesmo gentil, faz meus joelhos tremerem. — Não machucou. — apresso-me em minimizar sua culpa. — Disse que estava meio sem pratica, só isto. Até pensei que não caberia. — deixo escapar meus pensamentos iniciais.

— Não? — um sorriso ofuscante explode em seu rosto.

Balanço a cabeça confirmando... Ele sorri presunçoso. *Mas será possível? Homens!* Travo a boca antes de dizer o que pretendia. *Sem elogios para você, senhor Convencido.* Não vou de jeito nenhum, expressar o quanto é acima da média, magnifico e estou impressionada.

— Desculpe, estava tão molhada e deliciosa, que perdi a cabeça. Tudo o que queria era entrar logo e aterrissar no céu. Sua boceta é incrível, Nina. Estou vidrado nesta coisinha loirinha e doce. — tira o dedo e o lambe. — Doce, doce.

*Diacho!*

— O Indecente também, Theo.

Ele gargalha e me abraça. — Indecente? Essa é nova. — ri em meu pescoço.

— Indecente sim. — digo baixinho em resposta. — Esse seu negócio é meio selvagem e sem limites, mas é delicioso também. — não resisto e acabo elogiando.



Ele desgruda do meu pescoço e olha-me ressentido. — Não minta para mim, Caipira cínica. Não tem como classificá-lo de delicioso, sem ao menos prová-lo. Foi uma desfeita e tanto.

Acusa-me e sei onde está querendo me levar.

Lembro do cheiro enjoativo das camisinhas de morango e franço a nariz. Não só pelo odor que não me agrada, mas porque algo me disse na hora, que aquelas coisinhas rosas não foram escolha dele. E por mais esfomeada e excitada que eu estivesse, a ideia de tomá-lo com vestígios de outra, me irritou. Então, não dei a ele o que queria. Não mesmo. — Culpa sua, de onde tirou aquelas porcarias adocicadas? Aposto que aquele cheiro está impregnado até agora. — solto-me de seus braços e abaixo para recolher a bolsa e pastas.

— Isso é crueldade. — acaricia-se sem pudor. — Se não gosta deste tipo de coisa é só dizer. Não precisamos de desculpas entre nós.

Sua voz é pura decepção.

*Não gosto é da ideia da boca de outra mulher no seu pau Indecente!*

Respiro fundo e camufla minha irritação.

— Não é desculpa. Gosto tanto que te quero por completo. — levanto a cabeça para encará-lo. — Não camuflado e fedendo a xarope estragado. E muito menos, em uma chupadinha furtiva, impressada na parede do seu escritório. Você merece mais Theo, mas antes de tomar qualquer atitude, precisamos estabelecer alguns limites.



## Theo

*Sem boquete para mim é isto?*

*Que balde de água fria no meu pau.*

Observo Nina levantar-se. Desconsidero dar qualquer explicação sobre camisinhas. Na pressa, peguei as primeiras que encontrei. Estava tão excitado, que nem me toquei que eram as merdas que Andreza gostava. — Limites? — foco no que me interessa.

— Sim, limites. — endireita o corpo e vai até o sofá. Senta-se, sem soltar a bolsa e as pastas.

*Inferno! Como fomos daquilo para isto? Fico rabugento e começo a contar...*

A sigio com certa dificuldade, mesmo tendo perdido boa parte do tesão ao lembrar de Andreza, a coisa ainda está complicada para o meu lado. — Limites? — repito e fico em pé a sua frente, sentar é fisicamente impossível. Ela desvia o foco de minha virilha e se concentra em meus olhos.

Estuda-me por alguns segundos. — Está parecendo um papagaio louco. — abro a boca para protestar, ela faz um gesto de silêncio, respiro fundo e me calo. — Desde sexta, tem agido como se fossemos um casal e isto me assusta.

— E não somos?

— Não.

— Somos o que, então?

— Eu sei lá. Amigos?

Preciso pensar... O caralho que vou voltar para o amigos, mesmo que seja com benefícios. Vou até o frigobar, algo gelado vai clarear as ideias. — Quer água? — ofereço, ela recusa e demoro-me em frente do refrigerador. Essa conversa e o ar gelado desviam o fluxo sanguíneo do meu pau.

— Theo, desculpa, mas ...

— Tudo bem. — corto antes que diga o que não quero ouvir.

Ela precisa aceitar que camuflar sentimentos não é o meu forte. *Foda-se a rapidez dos acontecimentos.* Olho para Nina que aguarda ansiosa. *Droga! Para o inferno com o amigos! Somos um casal, porra! É tão simples: homem fode mulher, gosta muito, quer mais, quer tudo e outra não serve.* Não tinha pensado nisto... Talvez precise deixar as coisas mais claras e dar um nome para isto. Tudo o que sei, é que desde que botei os olhos na Caipira, meu interesse é total nela. E agora que a senti, sei que não vai passar tão fácil. E se eu estiver a fim de rotular, qual é o problema?

Mais calmo, fecho o frigobar e sento-me ao seu lado.

— E se eu disser que quero algo mais.

— Eu diria que é muito cedo e impulsivo.

— Por quê? — preocupo-me. — Não me diga que está em um momento aventureiro. — tento ser cuidadoso nas palavras.

— Se quer saber se estou em uma fase vadia, não estou. — olha brava e pontinhos vermelhos pipocam em seu pescoço.

Não digo nada e nem me arrependo de ter perguntado. Só respiro aliviado, era isso mesmo que eu queria saber. Tomo um longo gole de água e espero que continue. Ela disse que saiu de um relacionamento longo, talvez esteja fechada para balanço. *Merda!* Muita gente precisa de um tempo, depois de finais infelizes. Sinto muito, se é tempo que deseja, pode ir tirando o cavalinho da chuva. Não existe a menor possibilidade no mundo, de deixá-la em paz e desistir.

Um pouco mais corada que o normal, Nina toma fôlego.

— Não sou uma aventureira, Theo. Talvez tenha entendido errado minha atitude. Não tenho casos de uma noite e não me envolvo com homens apenas por sexo. Se deixei as coisas chegarem a este ponto entre nós, foi porque quis... Muito. Não deveria, mas eu gosto de você, é muito legal e fantástico na cama. E isto me assusta, não estava preparada para me interessar por alguém, não tão cedo.

Uma onda de adrenalina e orgulho esquenta meu sangue. *Sou fantástico na cama!* Saber que gosta de mim é o melhor dos mundos. Ia ser uma merda não ser correspondido e ter que insistir até conseguir. Seguro a onda, não quero mostrar empolgação demais.

— Está dizendo que gosta de mim? — confirmo só para ter certeza.

— Sim.

*Yes!*

— Então para que limites ou regras? — seguro sua mão. — Sei que sou impulsivo e intenso. Se está muito rápido para você, esqueça esta coisa de casal. Não preciso de rótulos. — minto, se não fosse estragar seu rosto lindo, tatuaria *MINHA* em sua testa. — Só não fuja ou me afaste. Há semanas meus pensamentos são todos seus. Por que não deixa simplesmente, que eu demonstre isto?

— E se for só empolgação?

— Não é.

— Como pode ter certeza disto, Theo? Acabamos de ...

Coloco o dedo em sua boca. — Shhhhh. Sou homem suficiente para saber o que quero. Eu nunca estive em um relacionamento monogâmico... Mas quero tentar isto com você.

— Deus do céu! É loucura.

Fica com o rosto tão sério e preocupado, que sorrio.

*Adorável!*

— Foda-se. A vida é muito curta, Caipira. Nós conversamos, nos divertimos, sentimos atração, aconteceu e o sexo foi incrível. — mudo de tática, apelo, chego mais perto e dou-lhe um beijo suave nos lábios. — Não estou pedindo para casar comigo, nem para se jogar de cabeça de uma ponte. Só que me dê uma chance. Vamos apenas relaxar e continuar nos divertindo.

— E se não der certo?

— E se der certo? — retruco. — Não temos como saber, pare de pensar tanto.

Nina massageia a testa com as pontas dos dedos. Não sei com que tipo de babaca Nina andou se envolvendo, só sei que a merda foi das grandes e o resultado é uma mulher desconfiada e arisca. A ideia de Nina ter sido machucada me enfurece.

— Pode confiar em mim, Caipira. Não vou brincar com seus sentimentos.

Suspira e diz:

— Eu sei, acredito em você..., mas, não pode sair fazendo maluquices em público, querendo ou não, estamos no trabalho. Aquela coisa na portaria, depois na reunião me deixaram em uma situação complicada. Os radares da Camila apitaram. Precisa entender minha situação, Theo. Você é o dono disto tudo, só que eu tenho uma chefe e colegas aqui. E por mais que esteja amando isso entre nós. — ruboriza novamente. — Não devemos misturar as estações. Quero o homem, não o CEO.

— Não tem como ter um só, Nina. O pacote inclui tudo: o homem e o CEO. É pegar ou largar. — arrisco e sou sincero. — Trabalhamos juntos e vai ter que aprender a lidar com isto, pois não pretendo me esconder e muito menos te evitar.

— Não estou pedindo para se esconder, só não quero aumentar as fofocas e nem dividir minha vida pessoal. Gostei de Thina, amei seus pais, mas odiei que abriu nossa intimidade sem me consultar. Não preciso de você me arrumando uma ginecologista e muito menos me dando ordens.

— Não quero usar camisinha com você... Sinto muito... Dar ordens está em minha natureza, além do mais, concordou em me dar as rédeas.

— E quando concordei com uma sandice dessas? Posso saber?

Coço a cabeça e a encaro com cautela. Meus métodos não foram lá muito honestos.

— Hoje, na cama. — sorrio já sabendo que fiz merda.

Nina gargalha nervosa.

— De jeito nenhum! Não lembro disto, esperto. Palavras ditas no furor da paixão não valem. Abandonar a camisinha é uma decisão muito séria. Não estou segura quanto a isto.

— Já estou decidido. — insisto.

— Vai ter que reconsiderar, então. É do meu corpo que estamos falando, tenho participação direta nesta decisão, abolir o preservativo é algo que requer muita confiança e intimidade. Você não entende, não estou falando só de sexo, existem tantas coisas que precisamos saber sobre nós. Não me conhece, Theo.

— O que sei me basta. — minto. — É tão simples, já disse que estou limpo. Te mostro os exames hoje à noite.

Ela balança a cabeça não concordando.

— Não sei se estou pronta para isto, preciso falar com minha médica em Curitiba. Quero que ela me indique alguém aqui, não me leve a mal... Thina é um amor, mas eu escolho quem cuida de mim. EU, não vocês! Também pode ir esquecendo esta ideia de tomar as rédeas ou é melhor nem tentarmos começar algo. Não sou uma submissa, Theo, a vida é minha e não vou permitir que ninguém queira comandá-la por mim.

*Isso me deixa inquieto e vai ser um problema. Me conheço, não sou do tipo capaz de deixar Nina solta por aí e ficar numa boa. Não mesmo!*

— Oooh calma, só quero cuidar de você, facilitar as coisas... É tão difícil assim, baixar um pouco a guarda? Quero que conte comigo para tudo...

Nina mastiga seu lábio inferior considerando sua resposta.

— Sei que posso contar com você, só que também preciso de espaço. Batalhei por minha independência e gosto de andar por minhas próprias pernas. Aquela coisa no elevador com a Camila... Obrigada ... Foi gentil, mas desnecessário, Theo. — *Uh o quê?* — Não sou uma mocinha

ingênua que precisa ser resgatada e não pretendo correr para você, toda a vez que eu tiver um problema. — *Não?* — Tenho vinte e cinco anos, caramba.

*Um bebê.*

Minhas sobrancelhas levantam. As mulheres que conheço ficariam agradecidas em andar despreocupadas por aí, enquanto cuido de tudo. Nina parece ter um coração honesto e não se importar mesmo, com o lado material da coisa. Acho sua postura notável e isto ganha meu respeito. Não gosto desta Nina independente, mas admiro seu lado guerreiro e batalhador. Me identifico com ela e somos essencialmente parecidos em muitos pontos. E provavelmente, isto será minha ruína.

Percebo que minhas batalhas serão diárias... Ela é inteligente, espirituosa e orgulhosa. Não vai ser na base da força que vou convencê-la a fazer as coisas à minha maneira.

— Como quiser. — sorrio. — Mas com algumas condições, claro. — emendo buscando um meio termo que seja bom para mim também.

— Quais?

Nina deixa escapar um suspiro impaciente e se afunda no sofá.

— A coisa da sua segurança, não está em discussão. Mike já esquematizou tudo e vai seguir as orientações dele sem questionar. — ela abre a boca para protestar e agora é a minha vez de fazer um gesto de silêncio, ignorando sua cara feia. — Quanto á médica, ok, exagerei, desculpe. O lance da camisinha, eu espero. — faço uma pausa — Outros homens, *NEM PEN-SAR* — falo pausadamente e firme, Nina olha-me horrorizada.

Sustento o olhar no dela, não me importo com seu espanto. Isto é inegociável e preciso deixar bem claro. Nina não é uma amiga de foda qualquer, que pode fazer o que bem entender, que não dou a mínima. Ela é a minha Caipira, a mulher que provoca todo o tipo de reação em mim e desperta outras tantas, que jamais pensei.

— Não sou do tipo que divide, Nina... Não você. Se espera alguém liberal, esqueça... Não sou mais. Com você estou descobrindo um lado meu que é protetor, possessivo e ciumento, coisas que nunca fui. Mas vou tentar manear em público, desde que aqui em meu escritório, quem dite as regras seja eu.

Sua cabeça inclina. — Que regras? — pergunta desconfiada.

*Pois é... Que regras?*

*Boa pergunta. Merda! Invento na hora, algo bem abrangente.*

— Os 3 Ss de ouro. — arqueio uma sobrancelha, sorrio e acaricio seu rosto. — É tudo que eu peço, Caipira... Sem medos, sem limites e sem pudores. Confie em mim. — dou uma reforçada por garantia.

Seus olhos furta-cores parecem pensativos.

— Deveria incluir nessa sua lista de descobertas, o persuasivo. — sorri quase tímida. — Deus, você é muito bom nisto.

Rio reconhecendo que sou mesmo e apenas digo:

— Isto é um sim?

— Sim, Senhor Callas. Isto é um sim.

Ficamos parados apenas sorrindo. Fico animado como o moleque de escola que encontra dentro de seu caderno o bilhetinho tão esperado. Abre-o e depara-se com um X bem grande, grifado em rosa neon, na alternativa *SIM*.

# Onze



## Nina

**S**igo Mike por meu pequeno apartamento. Aproveito que está de mau comigo e vou fazendo uma mini inspeção, enquanto vai explicando o sistema de segurança que instalaram. Há câmeras do lado de fora e sensores em todas as portas e janelas. Fico feliz que deixaram tudo do jeitinho que encontraram, sem nenhum pó.

Sorrio quando ele senta em meu sofá rosa bebê, estilo vintage. Seu corpo truncado ocupa quase os dois lugares. Ainda emburrado, ele busca em suas anotações as senhas da fechadura eletrônica e do alarme. Sento no pufe redondo, no mesmo tom rosa, em tricô.

*Amooo meu apartamento!*

Tudo é simples. Com um orçamento apertado, optei por brechós de móveis antigos e o bom e velho estilo faça você mesmo. Trouxe algumas coisas do sitio da vovó: malas antigas de viagens, que pintei em tom verde água, e que fazem às vezes de porta treco em uma estante moderna, que construí com caixotes brancos e ao natural, presos em vários níveis na parede azul bebê. Gosto desta coisa que mistura cores delicadas, o rústico, o antigo e o moderno. Uma mesinha de centro quadrada de madeira clara, uma luminária de chão moderna no mesmo tom... Uma cúpula branca combinando com o tapete felpudo gelo e ficou lindo!

Bem feminino com folhagens e flores naturais. Queria um lugarzinho com a minha cara, a casa enorme em que morava com Bernardo, em Curitiba, era impessoal e masculina. Não tinha nada de meu lá, além das roupas e algumas lembranças do meu pai e avós.



O meu celular vibra em cima do aparador antigo repaginado com tinta azul piscina.

*Uma graça!*

Vou até ele e desligo sem ver que é. Resolvo ignorar a chamada. Mesmo com a sessão de amassos, que rolou depois que acertamos os ponteiros, minha intuição diz que é um Theo tão carrancudo quanto Mike, no outro lado da linha. Um, porque ele não gostou de interromper nada, nada o nosso acordo de paz, para atender uma ligação urgente de sua irmã gêmea Thenka. Dois, porque eu estava quase reconsiderando a questão da chupadinha furtiva e desisti. E três, porque tenho certeza, que já ficou sabendo que me recusei a voltar para casa em um daqueles SUVs prata luxuosos da Callas.

*Onde já se viu?*

Carros com motoristas são regalias oferecidas aos diretores, não aos funcionários comuns como eu.

Aproveitei que Theo emendou o telefonema interminável, com uma reunião de última hora, dos acionistas e voltei para a minha sala e depois para casa, a pé. Escoltada por Mike seguindo dois passos atrás, que por sua vez, era escoltado pelo motorista-segurança que taxiou a SUV a dois por hora ao nosso lado.

*Um exagero!*

*Nota mental, arrumar a tal bicicleta o quanto antes!*

Mike termina de explicar os comandos dos controles remotos dos alarmes. Me entrega e os deposito na mesinha de centro ao lado de Peixoto. Meu peixinho dourado que nada em seu aquário redondo, alheio a tensão presente do ar.

Suspiro. Gosto de Mike de graça. Fui com a cara dele desde o primeiro minuto e não o quero carrancudo, e muito menos, bicudo comigo.

— Desculpa, Mike. — digo em tom amigável e seus olhos negros voltam-se em minha direção.

— O que aconteceu na sexta feira não foi brincadeira, menina. — seu tom é quase paternal e minha afeição só aumenta por causa disto. — Até descobrirmos ao certo, o que aquele bendito recado queria dizer, a escolta é uma medida de segurança, não um luxo bobo.

Sinto-me tola... Aperto as mãos em meu colo, envergonhada, mas não arrependida. Não há como eu aceitar um troço destes, não mesmo. —

Não estou indo contra suas determinações de segurança, Mike. Só não acho certo me beneficiar de algo que não tenho direito.

— Quem determina o que tem direito o não, é o Senhor Callas. Ele decidiu assim.

Lembro da nossa primeira conversa e no modo como Mike é fiel as ordens de Theo. O homem não vai desistir até me convencer. *Droga!* Estou sem dormir, dolorida e cansada. Tudo o que mais desejo é um banho relaxante e me enfiar na cama. A exaustão é tanta, que nem a falta de comida é prioridade, sono é tudo que me consome.

— Escutê. — esfrego meus olhos pesados. — Como é o nome dele? Do Robocop com cara de Rambo?

Mike segura o riso. — Rafael.

— Concordo que Rafael me siga por aí, mas é bom ele ter um par de tênis. A coisa do carro, não vou aceitar de jeito nenhum. Meus colegas já estão me olhando torto, imagina se eu começar a andar por aí, como a rainha da Inglaterra. Além do mais, gosto de caminhar, posso ir pensando na vida e ir caçando uns Pokémons no caminho. — brinco e sorrio para amenizar o clima.

Mike arqueia a sobrancelha grossa. — Poke o quê?

Balanço a mão em um gesto de deixar para lá. — Poke nada, esquece. — desconverso. Mike não me parece mesmo o tipo, que se liga em joguinhos com monstros fofos. O negócio dele deve ser Mortal Combate.

Sigo Mike quando ele se levanta e vai para a porta. — Está segura sobre tudo o que te expliquei. — gira o dedo apontando o apartamento

— Sim. Alarmes, controles e senhas, está tudo aqui. — cutuco minha cabeça com o indicador — Pode ficar tranquilo.

— Ficarei se prometer colaborar. — abre a porta e prepara-se para sair. — Olha menina, sei que tudo isto é meio invasivo, mas é necessário. Às vezes, a maldade pode estar mais próxima do que imaginamos. O mundo está cheio de inimigos ocultos. Gente mesquinha e invejosa que sorri para você, mas virando as costas, é capaz de cometer barbaridades simplesmente, porque não consegue ver o outro evoluir e ser feliz. Só se cuide, ok?

Suas palavras carregam uma verdade inquestionável.

Fico tocada. Pessoas que eu menos esperava, me decepcionaram.

— Vou colaborar. — é tudo que consigo dizer, enquanto o observo descer as escadas e cruzar meu pequeno jardim.

Fecho a porta e solto um logo suspiro de alívio.

Apesar de não ser muito fã de ficar sozinha... Precisava disto agora, apenas uma paz silenciosa e cama. Desgrudo-me da porta, caminho até o banheiro e me entrego a um longo e relaxante banho de chuveiro. Higiene feita, dente escovado e hidratante em dia, visto um pijaminha de malha confortável. Regatinha verde água e uma calça larga cheia de margaridinhas. Está meio velho e puído e a camiseta mal chega ao meu umbigo, mas quem se importa não é mesmo?

Hoje meu encontro é com alguém delicioso, meu edredom branquinho, novinho, extra fofo e cheiroso. Ignoro que são apenas oito da noite, desligo as luzes, sigo os passos de segurança de Mike, aperto o ON para o alarme e me enfio embaixo das cobertas.

Afofo os travesseiros, até chegarem no ponto exato de conforto. Como nunca fui fã do escuro total, ligo meu pequeno cordão de rosas em seda iluminadas, como um delicado pisca-pisca, sem piscar. As dezenas de rosinhas brilham suavemente, pendendo sob uma prateleira em cima da cama. Adoro isso, deixa um clima aconchegante e romântico no quarto. Puxo o edredom, até restar só meu nariz para fora, meus pensamentos se enchem de Theo... Sorrio e me entrego...

*PIP, PIP, PIP. Acesso 1 comprometido.*

*PIP, PIP, PIP. Acesso 1 comprometido.*

*PIP, PIP, PIP. Acesso 1 comprometido.*

*PIP, PIP, PIP, PIP, PIP, PIP, PIP, PIP,*

Meus olhos se abrem de imediato, quando o som estridente atinge meu cérebro. Por instinto, meu corpo salta e pulo na cama em posição de combate. Uma fanfarra inteira toca em meu peito e respiro com dificuldade. Com olhos ainda pesados e os punhos pateticamente cerrados, olho ao redor. 21h15 brilha o rádio relógio.

O som irritante continua e minha mente sonolenta demora para absorver a situação... Capta apenas, que o PIP é sinal de algo ruim. Puxo uma respiração profunda e tento me acalmar, tudo o que não preciso, é entrar em pânico. Lembro das grades nas janelas, das trancas novas e tomo uma nova respiração. Me acalmo e saio da cama. Vou até a estrutura de madeira branca, com oito nichos quadrados, que utilizo como armário.

Tropeço na arara ao seu lado, onde deixo minhas roupas de pendurar. O fato de não ter portas facilita pra caramba e acho rapidinho, dentro de uma cesta de vime também quadrada, o par de um sapato alto. Empunho o salto como uma arma, indo até o controle digital instalado ao lado da porta. Aperto, uma pequena tela acende e tenho takes de todo apartamento e área externa.

*Ai que saco!*

Desligo o alarme e marcho descalça até a porta, deixando um rastro de palavrões atrás de mim.

*Meleca! Eu só queria um pouco de sossego, será possível?*

Abro, antes mesmo da campainha tocar.

— Oi Arthur. — minha voz soa como um grunhido.

Seus olhos crescem ao me estudar, parado do lado de fora. — Meu! ... Hum... Poxa, desculpa. Pelo jeito, estava dormindo.

O homem tem mais um dos seus buquês de rosas gigantescos em uma mão e na outra, carrega uma panela. Seus cabelos lisos e loiros estão molhados, como se tivesse saído do banho e esquecido de secá-los, o jeans preto e a camisa polo vermelha o deixam bocó. [\[19\]](#).

*Engomadinho demais!*

*Gosto não.*

— Não, tudo bem. — passo a mão pelos meus cabelos emaranhados, dou um passo para o lado, indicando que entre. Franzo o nariz para o cheiro exagerado de colônia. Fecho a porta e prendo meus cabelos ainda úmidos, em um nó.

— Tentei ligar. — diz indo até minha cozinha americana. Ele deposita a panela no balcão de madeira antiga, vira-se e estende as rosas, “rosas”, em minha direção. Pego e as abraço como um escudo.

— Desliguei o celular. — aponto para o aparelho que carrega no aparador.

— Estava preocupado. Como não me retornou, achei melhor vir. Trouxe a canja que lhe prometi.

*Droga!*

Lembro de uma oferta, não de uma promessa. E tão pouco, de uma visita formal indicada no bilhete que Theo amassou e confiscou.

Esfrego a testa, incomodada.

— Obrigada, mas não precisava. Desculpe por não retornar, as coisas foram corridas no escritório. Não quis ser indelicada... — sorrio sem vontade. — Obrigada pelas flores... Hã ... As amarelas e as rosas.

Não que eu ache que Arthur represente algum perigo. Nada disso, mas a presença dele, parado em minha pequena e lindinha cozinha, é desconfortável. Tirando Vincenzo e as meninas, eu nunca recebo visitas. Não arrisco entrar no pequeno retângulo, ladeado pelos armários, que restaurei pintando-os em um tom esmeralda claro. Permaneço do outro lado, espiando através da abertura na parede. Ao fundo, há uma janela e a pia, guardo um balde no armário que há embaixo dela. Mas, não arrisco ir até lá.

— Poderia, por favor, alcançar o balde em baixo da pia e colocar um pouco d'água. Não tenho um vaso para esse tanto de flores. — peço gentilmente.

Com um sorriso no rosto, ele movimenta-se com certa dificuldade e faz o que lhe pedi. Rezo que não esbarre e quebre nada. É tudo muito justinho e mesmo Arthur não tendo o porte espetacular de Theo, ele não é um homem miúdo.

Depois de resolvermos o assunto flores, ele abre a tampa da panela e mostra sua iguaria. — Fiz uma canja caipira reforçada para você.

O cheiro não é ruim, inclino o corpo e meu estômago fecha ao ver o amontoado de peles, ossos e cartilagens boiando em um caldo espesso e gorduroso. — Hum, parece estar delicioso. — digo por pura educação.

Engulo a saliva provocada pela náusea. Não que eu seja fresca para comida ou deteste canja. Até gosto, mas apenas da que eu faço. Ralinha, sem gordura, só com cenourinha, vagem e um punhado de cheiro verde... Uma mistura, esteticamente perfeita, entre os ingredientes e há todo um processo minucioso de cozimento, filtragem do caldo e descarte cirúrgico de tudo que não seja carne.

Sinto-me uma ingrata. Sei que ele fez com carinho.

— Onde estão os pratos. — esfrega as mãos orgulhoso.

— Estão no armário à sua direita. — aponto e me inclino para uma última conferida. *Jesus!* Um pedaço, que presumo ser um pescoço, submerge. Não há a menor possibilidade de comer isto aí. Sinto muito, mas tenho sérios problemas com carcaças e restos mortais boiando. Controlo o

enjoo e me apresso em avisá-lo — Mas alcance um só, por favor. Irei apenas fazer companhia.

Ele vira e parece confuso.

— O Vincenzo me empanturrou de macarrão. — minto levando as mãos até a barriga. — Não consigo colocar mais nada no estômago, sinto muito.

Ele fecha o armário contrariado, a louça reclama e depois tampa a panela. — Eu já comi. — informa, quase rude. — Onde fica a geladeira?

*Uh o quê?*

Me irrita.

— Eu sinto muito, de verdade, não sabia que viria. — desculpo-me, mas em tom de acusação.

— Meu, já disse que tudo bem. — interrompe secamente.

Meu sangue sobe.

Antes que eu possa indicar a saída ou geladeira, embutida em um conjunto compacto junto com o fogão e o forno, batidas ansiosas eclodem na porta.

— *NINA !* — mais batidas — Nina, tudo bem aí? — mais batidas — *Abre esta PORRA, CARALHO!*

Solto o ar aliviada ao ouvir a voz profunda e furiosa. Esperava ser Vincenzo, não Theo, mas a troca de personas é mais do que bem-vinda. Uma leve excitação me toma ao mesmo tempo, que meu coração dispara. Me apresso, abro a porta e demoro alguns segundos para entender a cena.

Ele está com suas roupas de correr, com um travesseiro embaixo do braço e um pacote imenso de Mcdonalds na outra mão.

Salivo por Theo, que fica imensamente gostoso em calças de moletom, e pelo que imagino estar dentro do pacotão de fast food.

*Delicia, delícia, delicia.*

— Tudo bem com você? — estende o braço que segura o travesseiro e acaricia meu rosto. — O alarme tocou. — diz aflito e estranho como ele soube disto. — Vim o mais rápido que eu pude.

— Estou bem. — balbucio ainda tentando entender a cena.

— Por que o alarme tocou? — entra e paralisa ao ver Arthur pela abertura na parede. Sua cabeça gira e seus olhos furiosos escaneiam meu corpo da cabeça aos pés. — Posso saber o que está acontecendo aqui? — a expressão dele fecha e os lábios contraem.

Fico nervosa.

Cruzo os braços tampando o pedaço de barriga exposta. *Putz grila!* Na pressa, nem pensei em jogar algo por cima do pijama. — O Arthur apareceu de surpresa. — explico por impulso, antes de lembrar que não lhe devo explicações.

— O Arthur? — seus olhos pousam fulminando as rosas entaladas no balde, em um canto do balcão. — O Arthur, da floricultura?

— Ele mesmo! Em carne, osso e pescoço! — Arthur vibra... *Eca, pescoço!* E sai da cozinha vindo em nossa direção. — Meu, fico feliz pra caramba, em saber que a doce Nina anda falando de mim por aí. — seu peito estufa como um pavão.

Ouçõ o que parece ser um rosnado vibrar baixinho no peito de Theo.

*Diacho!*

*O anjo vai virar demônio!*

O travesseiro voa, indo parar em cima do sofá. Um braço comprido engancha minha cintura e uma mão gigante tampa minha barriga exposta. *Deus! Eitaaa!* Theo nos junta de um jeito, que amigos jamais fariam e me aperta tanto, que quase desloca a minha cintura.

Fico desconsertada e ofego sem poder fazer nada. As lembranças da noite anterior ainda estão muito vividas e meu corpo arrepia quando os calores de nossas peles se misturam. Nem tento ignorá-lo, porque é impossível.

*O cheiro dele é tão bom.*

— Ela não fala. — Theo rosna. — Li seu nome no bilhete das flores, que Nina entregou para a minha secretária.

Meu queixo e de Arthur caem na mesma hora. Seu olhar de pura mágoa me golpeia. Não sei o que falar.

*Mas que bandido! Para que dizer isto?*

Bufo para tamanha falta de tato e tento fugir de seu aperto, mas a mão continua firme e não move um milímetro.

— Deu as minhas rosas para uma secretária? — Arthur pergunta aturdido e estranho quando diz isto focado em outro ponto.

Sigo a rota de seu olhar. *Mas que ordinário!* Ele está vidrado em meus seios e em meus mamilos assanhados com a proximidade possessiva de Theo.

Outro rosnado e a mão firme me larga. Theo arremessa o pacote de comida que pousa sobre o pufe, se agita e arranca a camiseta do Nirvana que estava usando.

*Eitaaa, ele vai ficar pelado?*

Olho para o volume entre suas penas, um frenesi louco me atíça e até esqueço a raiva que sinto de Arthur.

— Veste isto, Caipira. Está frio.

Aceito de bom grado e visto a coisa imensa que fica parecendo um vestido em mim. Faço isso, não por ele, mas por mim, porque não sou carro para admirarem a potência dos meus faróis. Sou eu quem decide: quem pode e onde olhar. E definitivamente, meus mamilos estão fora de qualquer limite para Arthur.

— Obrigada, estava mesmo com frio. — agradeço, ignorando os cem graus que fazem em meu corpo, depois desta demonstração selvagem de territorialismo Alpha. Dou uma leve ofegada ao reparar no peito nu e musculoso de Theo...

*Nossa, que delícia.*

E posso jurar, que escuto Arthur ofegar também, antes de limpar teatralmente a garganta. Não o julgo, o tórax de Theo é um espetáculo intimidante. O homem é tão perfeito, que não duvido que os próprios Deuses do Olimpo o tenham esculpido.

*Esse Anjo é um Deus e Grego!*

— Está com uma carinha cansada. — o polegar de Theo roça delicadamente minha bochecha. — Melhor comermos e irmos para a cama. — *Opa! Irmos?* — Arthur agradeço por cuidar da minha Nina, mas eu assumo daqui.

*Uh o quê?!*

Viro para protestar, mas há uma vulcanidade latente jorrando como labaredas, dos olhos chocolate mel de Theo. *Deus! Minha Nina?* O homem não está blefando. *Está?* Perco a fala e começa a me dar um troço... Uma mistura de tudo e mais um pouco... Animação, raiva, medo, luxúria, timidez, medo outra vez, e um certo orgulho também.

A expressão de Arthur cai mudando da água para o vinho. Balança a cabeça completamente sem norte. — Perdão, ele disse minha? — questiona-me como um marido traído.



Meus olhos percorrem o peito nu de Theo e depois me auto examino vestida em seu camisetão.

*Meleca!*

— O Theo expressou-se mal. — amenizo, apesar de todas as evidências mostrarem o contrário.

*A quem eu quero enganar?*

— Não me expressei mal, não. — contraria-me aborrecido e não satisfeito, me abraça juntando nossos corpos outra vez. — Estamos juntos.

— Estão, é? Desde quando?

*Umaz poucas horas talvezzzzz*

Penso, mas não digo.

— O tempo não importa, meu chapa. Tudo o que precisa saber, é que a partir de agora, o único que manda flores para Nina sou eu.

— Theo! — repreendo inconformada com a grosseria. — Não seja assim, poxa vida. Arthur é só um amigo que veio prestar solidariedade!

— Hum, hum... — diz simplesmente e em seguida, inclina-se em minha direção. — Conheço muito bem o tipo de solidariedade que esse otário quer prestar. — sussurra em meu ouvido.

*Homens!*

Minha atenção voa para Arthur. *Deus, não permita que ele tenha ouvido isto.* Reviro os olhos para o jeito escrachado como nos mede de cima a baixo. Posso sentir sua raiva, no silêncio que oferece como resposta. Fico dividida entre a indignação e a pena. Tudo bem, que Arthur passou dos limites, mas Theo não precisava ser um ogro. Sempre desconfiei que as intenções do meu amigo das flores eram outras. Deveria ter me posicionado logo e deixado as coisas claras. Só que tenho uma bendita mania de querer pôr panos quentes, que volta e meia, acaba dando errado.

O clima fica cada vez mais pesado.

Os dois homens parecem prontos para o ataque. Seus corpos estão tensos como dois tigres disputando território. *Droga!* Ciente de que o caldo pode entornar a qualquer momento, decido agir. Limpo a garganta pedindo atenção e ensaio abrir a boca algumas vezes. A perspectiva de magoar alguém sempre me inibe. Respiro fundo passando os olhos de um para o outro, enquanto busco por um discurso não muito agressivo. Já basta o grandão ao meu lado, sendo mal-educado por nós dois.

— Tudo bem, Nina. — Arthur toma à frente e parecendo adivinhar meus pensamentos, vai até o balcão e pega o panelão de sopa. — Eu sei quando tirar o meu time de campo. Só espero que continuemos amigos e não suma. Não quero perder uma cliente tão boa quanto você.

Noto a provocação explícita, na maneira como sorri e pronuncia o boa. Ignoro, mas Theo não. Então decido deixar claro para os dois a minha posição. Afago o peito nu ao meu lado e digo. — Não irei sumir, não se preocupe, seus preços são os melhores do bairro. — brinco — Agora, como um bom amigo que sei que é. — enfatizo o amigo. — Se não se importa... Realmente estou exausta e preciso descansar.

Fico agradecida quando Arthur entende o recado e rapidamente se despede e vai embora. Fecho a porta e a cara, mirando toda a minha artilharia para o homem com um sorriso vitorioso na cara. Balanço a cabeça em sinal de reprovação e coloco as mãos na cintura.

— O que te deu? — já mando logo uma dura e o sorrisinho abusado sai, dando lugar ao espanto. — O que foi essa disputinha idiota? Juro que não te entendo! A gente combina uma coisa e faz tudo ao contrário! — tiro sua camiseta e atiro sobre ele. — Veste isto, por favor! — a sua beleza me desconcerta e agora não é momento para suspiros. — Misericórdia, homem! São tantos Theos que não consigo juntar tudo em um só. Deus, que difícil! — digo rendida, jogando as mãos para o alto e indo para o meio da sala. — Você é muito complexo, sabia? E isto quebra a minha cabeça.

— Como assim, não entende? É a peça que encaixa tudo, Caipira! — encara-me com fervor. *Sou o quê?* — Com você, o homem, o executivo, o sensato e o maluco se juntam e fazem sentido.

Cruzo os braços sem saber o que dizer.

— Pensei ter sido claro. — morde o canto da boca soltando o ar entre os dentes. — Eu não divido e vou botar pra correr qualquer um que eu bem entender.

*Caramba que homem possessivo.*

— Não posso ter amigos, é isto?

— Lógico que pode ter amigos. Deve até, mas bons amigos — irritado veste a camiseta — Não aquele merda, que só está interessado na loirinha, não na Nina.

*Essa doeu.*

— E em quê, você está interessado? — desafio em uma quase acusação.

Ele gargalha, mas é de nervoso.

— Será que não entende? Eu quero tudo, Nina... A menina, a mulher, a amiga e a amante. Uma parte não me basta.

— E por um acaso, está disposto a me dar isto em troca também?

— Inteiramente. — rompe a distância entre nós e me abraça. — Baixa esta guarda, Caipira.

*Deus do céu!*

Afundo o rosto em seu peito. Fico em silêncio, enquanto acaricia meus cabelos. Esse homem só pode viver em outra dimensão. A medida tempo para ele é algo que não existe. Seu relógio corre de acordo com suas vontades. — Sabe o que precisa?

— Comer um sanduiche? — olho esperançosa e minha boca enche d'água.

— Além do sanduiche. — acha graça e balanço a cabeça esperando que me diga. — Parar de pensar tanto, Caipira linda. — segura meu queixo ficando com ar sério. — Não sei quais foram as merdas que te aconteceram, mas precisa deixá-las para trás. Juro, que se pudesse fazer qualquer coisa, para tirar estas lembranças dessa sua cabecinha, eu faria. Mas ainda não sou milagreiro. — entorta a boca ressentido e seu polegar acaricia meu rosto. — Admiro teu lado responsável, mas só tem vinte e cinco anos, Nina. Caramba, precisa relaxar e se divertir...

— Eu estou me divertindo.

— Sei. — ele olha com descrédito, segura minha mão e nos guia em direção a mesinha de centro. No caminho pesca o saco de fast food jogado em cima do pufe. — É bom, que esteja com fome.

— Morrendo!

Ignoramos a mesa de refeições e o balcão da cozinha. Sentamos de pernas cruzadas no tapete macio da sala, tendo a mesinha de centro como nossa base. Um típico jantar japonês, se não fosse pelo cardápio americanizado. E lá estávamos nós, mais uma vez, envolvidos em uma atmosfera leve como dois amigos e namoradinhos platônicos. Onde a eterna tensão sexual disputa espaço com um querer ficar junto puro e simples, inocente até, apenas porque é muito bom ficarmos na companhia um do outro.

Gargalho...

É divertido acompanhar a luta de Theo para tirar do pacote uma trinca de porções de batatas fritas, meio murchas, e depois, enfileirar toda uma sequência de ofertas da lanchonete. Descubro sua preferência em sanduiches quando retira um único número repetido.

— Tentei te ligar para saber o que queria, mas caiu na caixa postal. Então trouxe um de cada. — encolhe os ombros.

— Também prefiro o número um. — aponto para os lanches repetidos e em seguida, observo o exagero de opções. — Podemos guardar o restante e doar para alguém.

— Boa ideia.

Devolve o que não vamos comer para o pacote. Digo a ele que a geladeira fica embutida com o fogão e organizo nosso jantar. Afasto o Peixoto que continua a nadar, a nadar e a nadar... Arrumo de forma idêntica nossos sanduiches e guarnições e o vejo movimentar-se pelo apartamento. Uma onda de bem-estar e euforia pipoca em meu peito. Sorrio para a cena. Theo parece um gigante no pequeno espaço, um pouco destoante em meio a tantas cores delicadas e a decoração de mulherzinha. Sorrio, gosto como ele deixa o lugar completo.

— Veio de carro? — pergunto e ele desvia sua atenção da estante que parou para xeretar. Alcança um porta-retratos e cai na risada.

— A pé. — diz ainda rindo, levanta o porta-retratos e gira a foto em minha direção. Fico cabreira. — Gosto destas janelas em seus dentes. — zomba de mim. — Tinha o quê, uns sete anos? São seus pais? — observa com certa admiração a foto familiar típica.

Jogo um olhar saudosos. Nesta época, nem imaginava o tsunami que enfrentaria. — Oito. — corrijo — E sim, são meus pais. — digo e apenas balanço a cabeça pensativo. Depois, seus dedos longos exploram a antiga coleção de santinhos barrocos, que ficam minúsculos perto dele. — Eram da minha avó. — explico. — Trouxe algumas coisas do sítio dela quando mudei para cá. — dou uns tapinhas na mesa chamando-o para comer. Theo devolve o porta-retratos, dá mais uma passada de olhos ao redor e vem sentar-se à minha frente.

— Bonito aqui. Gosta de cor, né? — mais afirma que pergunta, inclina o corpo olhando sobre meus ombros. — E de pombas.

Nem preciso olhar para saber do que se trata. — Não são pombas, são quadrinhos do Espírito Santo. É bom ter para abençoar a casa, assim como seus olhos gregos, eles nos protegem. — explico e gosto como ele fica à vontade em meu apartamento. Abro a embalagem do sanduiche e começo a descartar os picles que são resgatados e vão parar dentro do lanche de Theo. — Se veio a pé, como vai voltar pra casa?

— Não vou voltar, vai que o alarme toca novamente. — morde o sanduiche despreocupadamente.

Não o contradigo, agora que está aqui, não quero que vá embora. — Como soube do alarme?

— Os avisos vão para os nossos celulares. — aponta para o meu que continua desligado sobre o aparador azul-piscina. — Estava saindo da lanchonete quando apitou.

Jogo o braço para trás, apalpando o assento do sofá, acho o travesseiro macio e o afago. — E saiu por aí, abraçado a isto? — acho graça. — Eu acharia meio estranho um homão como você no balcão de uma lanchonete, carregando um travesseiro e pedindo todas as ofertas. — franzo o nariz. — No mínimo excêntrico.

Termina de comer o lanche com ar debochado. — Isso aqui é a Vila Madalena, Caipira. — ri com vontade. — Tipo esquisito é o que mais tem. As pessoas nem se chocam mais. Além do mais, foi por uma boa causa. No bilhete que deixou com a Nati, disse que precisava de uma boa noite de sono. Só quis garantir que tivesse o que queria. Cheguei em casa e vi que tinha esquecido de roubar o travesseiro, então resolvi ser legal e trazer para você.

— Quanta gentileza. — zombo. — E fez isto sem nenhuma segunda intenção? Tipo aboletar-se em minha casa e passar a noite aqui?

Gargalha e começa a recolher os restos do jantar. — É obvio, que fiz com todas as segundas, terceiras e quartas intenções. — levanta-se e vai até a cozinha. — Gostei de dormir com você enroscada em mim e não sou um homem de passar vontade. — pisca de um jeito charmoso e um pouco safado. Ele fica tão lindo fazendo isto, que me derreto um pouco mais e minha quedinha por este homem, vai se transformando em um tombo. — Vai mostrar a nossa cama ou não? Estou em uma missão de fazê-la dormir feito um anjo e não pretendo falhar.

— Mas como é abusado, Senhor! — exagero no revirar dos olhos.  
— Quer dizer que a MINHA cama já é nossa?

— E, não é? — arqueia a sobrancelha. — Depois de ter abusado de mim a noite inteira e me deixado feito um zumbi, é até pecado me fazer dormir neste sofá em miniatura. — *Eu abusei? Ele que é um indecente movido a pilhas!* Olho feio . — Poxa, Caipira. Eu te salvei do coxinha tarado, te alimentei e trouxe o melhor presente do mundo. — aponta o travesseiro atrás de mim.

Fico preocupada.

— Eu não sei se meu corpo aguenta outra maratona daquela. Tô capengando de sono. — bocejo e ele sorri vindo até mim.

Solto um gritinho quando me pega no colo e me beija exageradamente na bochecha. Comigo em seus braços resgata o meu presente e o coloca sobre mim. Sou um sanduiche de travesseiro e Theo. — Pobrezinha, tão previsível! — diverte-se. — Eu sei que sou muito tentador e só pensa em sexo quando me vê. — debocha, soco seu peito, ele gargalha e finalmente acerta a direção óbvia do quarto. — Sinto muito te decepcionar, minha Caipira. Mas, vai ficar na vontade esta noite. Até eu, que sou movido a baterias, preciso recarregar. Agora vamos dormir, amanhã é outra história.

## Doze



**B**ato meu cotovelo na parede ao tentar uma manobra para alcançar o shampoo.

— Ai, Ai. Cuidado! Falei que este troço de banho juntos não ia dar certo! Este box é muito apertado!

— Deste jeito que é bom, Caipira chata. Estou adorando me enroscar em você assim, toda lambuzada e macia. Mas se quiser, eu topo um banho de banheira.

Olho para a banheira antiga. Linda e imaculada, bem abaixo de uma grande janela, ladeada por uma fina e frágil cortina de voal branca que coloquei para obstruir a visão da rua e garantir um pouco de privacidade. Como um toque de decoração, ao lado dela no chão, um grande jarro de cerâmica branca com margaridas: lindas, intactas e quero que continuem assim.

— Não, o chuveiro está perfeito. — digo em defesa da minha decoração delicada. — Theo Callas, acho que o senhor é um esfregador compulsivo! Deus do Céu! Tem certeza que estava dormindo mesmo? É sonâmbulo, por um acaso? Aquele esfrega-esfrega na madrugada, foi suspeito.

Theo gargalha parecendo super feliz e à vontade.

— Em coma profundo. — brinca e insiste em ensaboar minhas costas.

Ontem fiquei surpresa, mal escovamos os dentes e fomos para a cama, Theo aconchegou-me em seus braços, trocou meia dúzia de palavras e caiu em um sono tranquilo. Antes de eu mesma adormecer, fiquei uns bons minutos admirando-o e meu coração palpitou toda vez que olhava para ele, devorando cada detalhe de seu rosto sereno, na tentativa de memorizar tudo.

*Meleca!*

Ele é tão bonito que chega a ser inacreditável.

Quanto ao esfrega-esfrega não estou reclamando, achei muito bom na verdade. Gosto desta coisa de dormir agarradinha e ter contato com ele, me faz bem. Ao mesmo tempo que me atíça, acalenta uma região carente do meu coração. Marcou-me, a forma doce e protetora com a qual me acalmou na noite em que tive o pesadelo. Minha mente passou a associar Theo à segurança. E, nesses dias em que dormimos juntos, meu sono foi tranquilo e despreocupado.

Rendo-me, deixo que me abrace por trás e me provoque com seu jeito indecente de mexer os quadris. Estranhamente, não fiquei constrangida quando invadiu o banheiro como veio ao mundo e aboletou-se embaixo do chuveiro comigo. A presença dele, em uma situação tão íntima, é surreal, não constrangedora.

— Anormal seria não me esfregar. — provoca mais um pouco. — E para o seu governo, nunca dormi tão bem... A culpa é tua por me fazer ter sonhos sacanas, Caipira. — deposita uma sequência de beijos sugestivos em meu ombro. — Eu era um anjo e você me corrompeu. — gargalhamos juntos desta vez.

*É um cara de pau este meu anjo devasso .*

— Agora prepare-se, porque pretendo tornar *aqueles sonhos* bem reais... O que acha de esquentarmos as coisas um pouquinho? — suas mãos ensaboadas circundam minha cintura e me contorço ao constatar a força de sua determinação cutucando minhas costas.

Meu coração palpita e meus hormônios não tem nenhuma intenção de resistir a ele. Não com os nossos corpos nus se encaixando tão bem desta maneira.

Sua proposta indecente faz meus pensamentos fervilharem e me excito quando movimenta seu corpo sugestivamente contra o meu. — É... Esquentar as coisas pode ser uma boa ideia. — sutilmente, provoco-o inclinando o quadril.

Suas mãos descem por minha barriga deixando uma trilha de sensações prazerosas. — Tem certeza que não passa horas malhando? Teu corpo é incrível.

— Hum... Hum... Só as caminhadas mesmo. — ele brinca com a penugem em meu púbis e um arrepio percorre minha coluna. — Acho que é



o meu metabolissss...

Reviro os olhos e minha cabeça cai em seu peito quando dedos talentosos abrem espaço entre os grandes lábios e começam a dedilhar habilmente o meu clitóris. — Isso é tão bom... — gemo baixinho, ao sentir seu toque vibrando em puro desejo, e meus joelhos começam a falhar.

— Você que é toda boa. — sussurra em meu ouvido, penetra-me com dois dedos e explora delicadamente meu canal úmido e carente. — Ainda está dolorida?

Meu corpo transborda com o toque dele e adoro o jeito possessivo com que nos mantém grudados e me fode com a mão. — Nã, não... — nego em um gemido abafado e meu coração começa a saltar no peito.

Choramingos e até alguns gritinhos me escapam, no momento em que Theo junta à sua tortura pequenas mordidas em meu pescoço e apertões suaves em meus mamilos. Sinto-os endurecer sob sua mão. Pego fogo tomada pela luxúria e ele ri, adorando a agonia prazerosa que provoca em mim.

— Me diga o que quer, Nina. — pergunta rouco e minha mente vagueia...

Essa combinação de safadeza, corpos molhados, estímulos, sussurros e gemidos tem um poder excitante incrível. — Gozar ... — gaguejo sincera e Theo sorri satisfeito, intensifica os movimentos em meu clitóris e sem muito esforço minhas entranhas vibram... Um delicioso espasmo me faz arquear contra ele e explodo em um profundo e lento orgasmo matutino.

Fecho os olhos e vou para o céu envolta em ondas delicadas e contínuas de prazer. Mal tenho tempo de me recuperar. Theo me vira de frente e sorri perigosamente.

— Você é a coisa mais sexy do mundo quando goza. — envolve a minha cintura em um abraço apertado e beija-me com urgência... Rendo-me ao seu beijo e a ele todo. — Nunca ouvi nada igual. Seus sons são música pura... — completa ofegante ao terminar o beijo, deixando-me ainda mais aturdida e entregue.

Seu aperto em minha cintura intensifica, me sustentando enquanto recupero o fôlego e o equilíbrio.

É oficial.

Estou caidinha por este provocador matinal.

Ainda embalada pelas sensações do orgasmo e do beijo, pisco com os olhos pateticamente extasiados. — Você é sempre incrível assim?

Seu sorriso amplia claramente convencido.

*Lindo!*

Luminoso como os raios de sol que entram pelo vitrô no box e refletem nos azulejos branquinhos do pequeno banheiro.

— Algo me diz que serei cada vez melhor. — ele me dá outro beijo, só que agora, suave. Os jatos de água quente esquentam ainda mais os nossos corpos.

Sorrio, porque acredito nele. Gosto da ideia dele cada vez melhor e aprecio mais ainda, que não pense em nós como algo descartável. *Diacho! Nada de planos, Nina!* — Uauuu! Este é um cenário bem tentador. — vibro feliz, ignorando minha consciência que clama por prudência e afago seu peito ensaboadado. — Quem diria, nossas mentes discordam em quase tudo, mas nossos corpos parecem combinar muito, Senhor Callas.

Theo levanta a sobrancelha, balança a cabeça de leve e encara-me sério. Depois, pensativo, passa a língua pelo lábio inferior. *Delícia de boca.* Meu maxilar se abre em um suspiro desejoso, enquanto continua a olhar-me.

*O que foi?*

Meu peito agita-se novamente.

— Nossos corpos não combinam, se completam. Duas almas, um só corpo... — murmura sedutoramente e me derreto corando instantaneamente.

*Deus, por que ele tem que falar coisas assim?*

Sei que depois de tudo que já fizemos, eu deveria ter mais controle e não agir como uma deslumbrada, mas a figura de Theo exerce uma espécie encantamento sobre mim. Ainda mais assim, nu e com a água do chuveiro escorrendo e lambendo seus músculos. Mordo o lábio em uma tentativa de esconder minha apreciação natural por seu corpo rijo e seu pau que roça minha barriga, me tentando. Sem poder resistir, acaricio seus cabelos molhados que imploram por meu toque.

Gostaria muito de ser uma destas mulheres que sabem separar o físico do emocional. Levar essa coisa entre nós apenas como algo superficial, mas não consigo. O impacto que Theo provoca em mim está

além dos apelos de seu corpo magnífico, encanta-me mais e mais quem ele é.

— Sabe, Nina. — continua sério. — Sempre agi por impulso. Não vou negar que já tive muitas mulheres, mas nenhuma como você. Tirando minha família e amigos... Fui preenchendo minha vida com uma sucessão de pessoas, que pouco me acrescentaram de fato. Era um homem incompleto... Não sabia disto, mas está tão claro agora. Nunca me senti tão vivo quanto neste último mês. — seu rosto bonito ilumina-se. — Somos as metades de um todo, Nina... Só estávamos perdidos por aí... Acredita em amor à primeira vista?

*Uh, o quê?*

Fico boquiaberta e meu coração para.

*Meu Jesus!*

*Onde ele está querendo chegar com esta conversa?*

Theo Callas, um romântico?

Não!

Impossível, ele estar apaixonado!

Arqueio as sobrancelhas em puro descrédito. — Está querendo insinuar que somos uma espécie de almas gêmeas? — arrisco um deboche. — As metades da laranja? — continuo a gracejar e beijo seu pomo de Adão. — E aquela coisa de não ser supersticioso?

Sorri de um jeito torto, quase tímido. — Minha mãe vivia me dizendo que todo mundo tem um par perfeito... E, que na hora em que eu cruzasse com a garota, eu saberia... — beija-me do pescoço. — Como na lenda grega de Eros e Psique, onde a paixão e a razão encontram-se e completam-se.

Fico curiosa sobre a lenda, mas algo me deixa mais intrigada.

— Está dizendo que me acha perfeita?

Ele me observa por um momento.

— Fodidamente perfeita para mim. Acho que dona Catarina tinha razão... Desde o primeiro segundo que botei os olhos em você, eu soube que era especial...

*Que loucura!*

Esqueço como respirar.

Sinto-me exatamente da mesma forma. — Theo Callas, você é inacreditável. Tem uma lábia e tanto. — sorrio como uma boba. — Diz cada

coisa que me deixa sem palavras... O que é extremamente irritante e irresistível. — confesso atordoada.

Theo joga a cabeça para trás e gargalha.

— Caramba! Um irritante irresistível? — balanço a cabeça reafirmando, divertindo-me com seu espanto. — Fiquei confuso agora. Isso é bom ou ruim? — diz com um sorriso travesso nos lábios e aperta-me com força. — Sei que me acha o cara, está escrito na sua testa. Admita que está apaixonada por mim. Juro que ficará só entre nós.

*Apixonada? Assim tão rápido?*

Sem conseguir encará-lo sorrio para mim mesma. Uma onda de nervosismo instala--se e procuro pelas palavras certas. Não gosto de jogar com sentimentos, mas não sei o que responder. *Admitir? O quê, diacho?* Que eu gosto dele é óbvio, caso o contrário, não estaríamos dividindo algo tão íntimo quanto um banho ou os meus orgasmos.

A questão é o quanto eu gosto dele? Um pouco? Muito? Apaixonada? Respiro fundo...

— Já disse que gosto de você, só não sei quanto. — admito sem jeito ao decidir ser sincera e ele olha com certa preocupação. Sorrio o mais meiga que consigo, e acaricio sua barba tentando tranquilizá-lo. — Disse que não esperava me envolver com alguém tão cedo e muito menos, com tanta intensidade. Mas, não vou esconder, nem mentir que a cada minuto que passamos juntos, minha atração e admiração por você só aumentam... Só não sei o que fazer com isto, ando te querendo mais do que deveria.

Uma sobrançelha grossa arqueia e sua expressão suaviza.

— Então, estamos empatados — beija-me com ternura no nariz, no queixo e no pescoço. — Não faço outra coisa, a não ser te querer. Sou teu, Nina.

Estranhamente começo a tremer...

*Meu?*

— Todinho? — franzo o nariz, ainda sem conseguir acreditar em tudo que está falando.

— Tudo... Nem precisa pedir, é só vir pegar.

Meus olhos vão parar direto na parte do corpo de Theo que tenho negligenciado de propósito. Sorrio satisfeita, orgulhosa por ter aguentado firme à tentação e mantido meu castigo pela camisinha suspeita. Minha boca enche d'água com a perspectiva de experimentá-lo por inteiro.

*Delicioso.*

Assim com o dia claro e tão exposto à minha frente, seu pau é ainda mais magnífico. Muito mais do que me lembrava. Não é à toa que senti tanto prazer, o Indecente é grande, grosso e imponente, ereto deste jeito. Relutante desvio os olhos para fitar os olhos ansiosos de Theo. — Hum... Bom saber, pois neste exato momento, estou querendo um pedaço muito específico e indecente.

Os olhos de Theo ganham um brilho especial e se arregalam levemente. — Indecente? — o corpo dele fica rijo de tensão, mal se contendo.

— Hum, hum... — fecho a torneira. — Chega de banho e de conversa. — decreto e o empurro levemente contra a parede e começo a abaixar e a traçar uma linha de beijos por seu peito.

— Tem certeza? — ofega

— Absoluta... — sorrio e seu abdômen trepida quando ajoelho à sua frente, delineando sua pele com a língua e depois, circundando seu umbigo. — Porra... — arfa, fecha os olhos em expectativa. Seu braço busca apoio no vitrô, a cabeça pende para trás ancorando-se no azulejo e as pernas se afastam, dando-me mais espaço.

Sem poder esperar mais, pego meu precioso ... *Uau, como está duro e pesado!* O cheiro de sexo masculino atinge meus sentidos e minha vagina contrai de tanto desejo. Ele é macio e enorme... Uns vinte e cinco centímetros de pele lisa e perfeita. Veias desenhadas sob a pele mais escura e uma cabeça inchada deliciosa. — Lindo... — murmuro desconcertada, beijo a pontinha e sinto-o estremecer.

Ouçõ a respiração de Theo quando ele solta lentamente o ar. — Lindo? — sua voz rouca parece chocada.

Levanto a cabeça, nossos olhos se cruzam e os dele são um misto de ansiedade e tesão. — Sim... Lindo e assustador. — acaricio da base à ponta, sentindo seu pau latejar entre os meus dedos — Não é à toa que quase me rachou ao meio com este negócio.

— E estou prestes a rachar novamente... — rosna de um jeito desesperado, me olhando como se eu fosse sua sobremesa favorita. Acho sexy e estremeço com a ideia. — A não ser que tenha uma ideia melhor para contê-lo é melhor preparar-se, quero meu pau em você.

*Deus meu!*

*Ideias é que não me faltam!*

Decidida a surpreendê-lo, sorrio maliciosa e volto minha atenção para seu pau majestoso. Acaricio novamente, agora com mais pressão. Quero dar-lhe prazer, fazê-lo gozar em minhas mãos, em minha boca. Retribuir cada uma das sensações maravilhosas que me proporcionou. A emoção toma conta de mim e sou invadida pela luxúria e fome.

— Tenho muitas ideias. Há algo em você que desperta meus pensamentos mais impróprios — sussurro sem parar de massageá-lo. — O que espera que eu faça, Theo? — torturo-o da mesma maneira que fez comigo.

— Que me foda forte e lento, contra a parede. — rosna impaciente com a voz carregada de erotismo e seus olhos refletem as mesmas safadezas que estou pensando. — Eu preciso disto. Preciso de sua boca em meu pau. — projeta o quadril em minha direção e a ponta molhada com pré-semem, roça em meus lábios.

Sinto meu rosto corar.

Extasiada, provoco a cabeça de seu pênis com a língua antes de abocanhar o Indecente.



## Theo

*Caralho!*

Quase engasgo ao sentir meu pau deslizar para dentro de sua boca aveludada. Minha excitação, que já estava no limite, vai para a Lua... A sensação é do caralho, quase mítica. Meu coração dispara quando alterna chupadas com lambidas da base à ponta. Provocando a glândula com os dentes para depois, sugar de forma avassaladora e voltar a me engolir o máximo que consegue. *Deus!* Não sou um cara acostumado a esperar, mas valeu a pena cada segundo de agonia. Não sei o que é melhor: a boceta ou a boca de Nina e minha pele pega fogo quando uma de suas mãos pequenas e macias desliza para acariciar minhas bolas.

Meus músculos contraem e solto um gemido profundo e involuntário.

*É incrível!*

Com os olhos semicerrados, observo extasiado a cabeça de Nina balançar rápido ao me chupar mais forte. *Deus! Ela é boa nisto.* É lindo ver seu prazer em me agradar... Sentir seu esforço ao tentar me engolir. Os sons sensuais que deixa escapar, combinados com sua respiração ofegante, são um show à parte. Seus lábios apertando meu eixo ao me sugar com vontade são os melhores que já senti. Sua língua brincando com a minha pele...

*Sensacional!*

Meus pensamentos voam embalados pelo prazer extremo de ser fodido por ela. Fecho os olhos entregando-me de corpo e alma. Meu corpo é de Nina. Ela suga mais, mais e mais. Chupa, morde, beija e lambe. Sou tomado por ondas de calor e prazer, e a cada investida fico mais próximo da borda... Sinto meu orgasmo chegando, prestes a explodir em sua boca.

— Vou gozar... — aviso ofegando de prazer.

Espero que se afaste, mas ela intensifica as investidas. Minhas bolas pulsam em sua mão e meu pau cresce na medida de meu tesão. Nina não é só perfeita, é única. Impossível compará-la a qualquer outra pessoa na face da terra. A mulher aos meus pés é maravilhosa, sexy e talentosa.

*Minha mulher.*

Quando suas mãos pousam em minha bunda apertando-a, gozo duro e forte... — Ninaaaaaa... — Ouço meu grito de prazer ecoar pelo banheiro. Busco apoio na parede do box quando meus joelhos ameaçam ceder. *Caralho!* Sinto que ela respira ofegante, porém continua firme em seu propósito de me enfeitiçar. *Sim! É exatamente assim que estou enfeitiçado ...* Extasiado, agradecido e impressionado por ter Nina tomando tudo que lhe ofereço. Saber que é a minha essência preenchendo-a, faz com que me sinta ainda mais possessivo em relação a ela.

Delicadamente, Nina me retira de sua boca e passa a língua por todo o meu comprimento como se não quisesse desperdiçar nenhuma gota. *Impressionante* . Continuo duro e com uma necessidade incontável de possuí-la... Nossos olhos se encontram e meu peito sobe e desce de tão excitado que estou. Gozar não diminuiu em nada a força do meu desejo por esta mulher.

Reúno minhas forças, seguro em seus ombros fazendo-a levantar. Seus peitos fantásticos empinam-se para mim em um movimento suave. Ela também está ofegante, mas sorri tímida como se buscasse aprovação.

Afasto uma mecha de seu cabelo clarinho, grudado em sua bochecha rosada.

— Oh, minha Caipira linda. Isto foi foda. — pego seu rosto com as mãos e a beijo. Embalado pelas sensações que ainda trepidam em meu corpo, meu beijo reflete o estado em que me deixou e é fodidamente incendiário, quente e totalmente selvagem. Esfrego meu pau em sua barriga e ela geme enlaçando meu pescoço com força. Gosto do esfrega, mas não é o suficiente. Resolvo escutar o meu pau que incha em protesto, impaciente, desconecto nossas bocas. — Meu gosto está em você. — desenho seus lábios inchados com a ponta de meu dedo.

— É delicioso. — sussurra baixinho corando mais ainda.

*Adorável!*

*Como pode?*

Depois de ter me chupado como uma louca, sentir-se intimidada? Ela tinha é que estar orgulhosa... Abateu-me sem quaisquer chances de recuperação. Olho ao redor e localizo o armário ao lado da pia. — Camisinha?

Seus olhos verdes maçãs brilham surpresos e se ampliam. — Você quer...

— Te comer? — interrompo-a sorrindo.

Balança a cabeça e acho graça que pareça desacreditada.

— Não quer que te coma?

— Quero. — sua expressão cai. — Mas, não tenho camisinhas.

— Não?

— Não.

*Não consigo esconder um sorriso presunçoso.*

— Tudo bem, deixa comigo.

Sem pensar duas vezes, saio do box deixando-a sozinha e corro para o quarto. Um rastro de água se forma atrás de mim, mas ignoro. Estou empolgado demais para estes detalhes agora. Tudo o que importa é que vamos foder e estou radiante, porque ela não tem camisinhas em casa. Excitado por ser o primeiro e único a transar em sua casa, apanho minha carteira ao lado do criado mudo resgatando o preservativo... Novo e incolor. Visto o dito cujo. Volto apressado.

— De costas com as mãos apoiadas na parede. — ordeno ao entrar no box, sem poder me conter.



— Que é isto? — Nina olha como se estivesse pronta para me xingar. — Saiu Theo e voltou Ogro?

Levanto os ombros e dou-lhe minha melhor cara de garoto carente em noite de Natal, ela revira os olhos, bufa e gira deixando as mãos espalmadas no azulejo molhado. Agradeço que sua excitação é maior que a minha pressa.

Solto o ar entre os dentes.

A visão de sua bunda empinada é estupenda. O desejo é tão forte em mim, que nem me reconheço mais. Sempre fui empolgado durante o sexo, mas não ao ponto de perder o controle. *Calma, cara!* Passo as mãos nos cabelos mordendo os lábios para conter o fluxo de tesão que corre em minhas veias. *Impossível!* Foda-se o autocontrole, massajeio sua bunda posicionando-me.

*Delícia de mulher.* — Abra as pernas.

Rosna.

— Por favor. — emendo e ela faz o que eu peço. Ela obediente é algo a mais e não vou negar que sua submissão me excita ao extremo. — Isso, Caipira. — agarro-a pela cintura, flexiono os joelhos em busca do ângulo perfeito, guio meu pau até sua abertura e meto forte de uma só vez. Ela grita, eu urro.

— Deus! Theo. — geme com a testa encostada na parede.

Paro o movimento sem sair de dentro, saboreando a sensação de estar novamente em Nina. Deixo que se acostume, não quero rachá-la, parece tão frágil...

— Não pare.

— Mais?

— Sim... Não pare. Com força Theo...

Afasto o quadril e volto com tudo, enterrando fundo. — Isso! — Outro grito escapa de sua boca... Perco o ar, o prazer é intenso. Tê-la se abrindo para acomodar-me é o melhor dos mundos. Aumento o ritmo das estocadas para implacável. Evolvo sua cintura em um abraço apertado, Nina se contorce, empinando-se... *Ela quer mais*. Então, dou-lhe tudo, ofereço o meu melhor. Bato dentro e fora, dentro e fora, fundo e sem dó. Cada vez que nossos corpos se chocam, uma onda de adrenalina explode. Ela geme e cheira tão gostoso que estou afogado nela.

Começo a golpear duro e rápido quando sinto sua boceta começar a vibrar. Quero ouvi-la gemer mais e gritar o meu nome. Não demora muito e ouço uma melodia de gritinhos e suspiros de prazer. — Isso, Nina, goze forte para mim.

*Linda!*

Estou tremendo e posso sentir os tremores dela também. Sou sugado por ela e vou um pouco mais forte. Um calor atinge a base de minha coluna e meu orgasmo também começa, incho mais, ambos os nossos corpos tensionam de prazer e sinto que... — Porra, caralho! Ninaaa. — subimos ao céu ao mesmo tempo, ondas de orgasmos nos atingem e balançamos de prazer.

*Simplesmente, perfeito!*

— Theo... — exclama exausta.

Seguro firme ao sentir suas pernas fraquejarem. — Eu tenho você. — mais grunho do que digo, mantendo nossos corpos unidos em um abraço protetor.

*Minha, doce e linda Nina! Tão passional.*

— Obrigado. Eu amo o jeito como me faz sentir.

— Mais uma vez, estamos empatados. — murmura cansada.

Minutos passam sem que eu tenha coragem de soltá-la. Por mim não desgrudaria nunca mais. Mais nenhuma palavra é dita. Em silêncio acompanhamos nossas respirações se acalmarem. Quando minhas próprias pernas recobram o controle, eu a liberto de meu pau aninhado em seu paraíso paralelo. Um vazio brota em meu peito, viro-a para um último beijo recheado por uma ternura, que nem eu sabia que era capaz de imprimir.



Até tento, mas não consigo conter uma gargalhada.

— Sinto muito, Caipira, mas uma caixa de cereal vencida não é ter comida em casa.

— Você é o que? Fiscal? — acelera o passo. *Bocuda!* Checo o relógio e ainda temos meia hora para chegar ao trabalho. Coço a barba, aliviado, porque o nosso banho demorado não será motivo de atrasos. — Já disse que gosto de tomar café da manhã no Estrela. Para que preciso de uma despensa cheia, se faço todas as refeições na rua?

— Porque...

— Meleca!

Uma brisa bate no vestido verde água de Nina fazendo com que o tecido florido suba e infle como o balão. Acho graça. Outra brisa e suas coxas ficam expostas. *Merda!* A graça evapora, inclino apressado e a ajudo com a parte de trás da roupa, evitando que sua bunda divina vire vitrine. Ela atrapalha-se tentando manter a barra abaixada. Sobre os ombros vejo Mike e Rafael desviarem sua atenção para um bando de colegas que ri em frente a um colégio.

*Espertos. Sabem que as pernas de Nina estão fora dos limites.*

— Obrigada. — recompõe-se e volta a andar.

Arrumo minha postura, olho em volta, agradeço que a rua está tranquila e os poucos adultos que dividem a calçada conosco, não estão nem aí para nós.

— Porque é mais saudável. — insisto no tema, apesar de estar satisfeito com a refeição que acabo de comer no café. — Não pode viver a base de misto quente e café. Sabia que existe um troço chamado fruta?

— Tomei suco.

— Não é a mesma coisa. — argumento, mantendo um passo atrás dela no caso de outra brisa passar.

— Ai, não me amola!

Dou outra gargalhada e a sigo pela rua. Nina olha sobre os ombros sem desacelerar o passo. Confere Mike e Rafael que nos seguem a uma distância segura, depois fuzila as garotas que lançam sorrisinhos maliciosos em nossa direção.

— Deveria ter ido para casa se trocar. — aponta para minhas roupas de ontem. — Chegar de moletom na Callas vai ser muito esquisito, ainda mais sem cueca.

— Não vejo nada demais. — olho para o volume em minha virilha, divertindo-me.

— Porque é um teimoso indecente! — revira os olhos e tenho a impressão que está até achando graça. — Era só o que me faltava, Theo Callas exibicionista. — reclama, eu gargalho e ela faz uma careta. — Vai ser sempre assim? Este bom humor irritante?

— Acordar e ver seu rosto é o melhor dos mundos e tem que concordar, nosso banho foi mais que divertido. — aproximo-me e digo

baixo. — Ainda sinto sua boca safada em meu pau. Porra, Nina! Sua chupada me quebrou. — elogio empolgado, seus olhos arregalam e ela vira novamente para conferir Mike e Rafael que continuam nos seguindo, alheios à nossa conversa. — Então sim, estou feliz e com um bom humor do caralho.

— Mesmo assim. — insiste e volta a apressar o passo. — Podia ter passado na sua casa, colocado uma cueca e comido suas frutas lá.

Gosto que pareça ter ciúmes do meu pau a meio mastro.

— E te largar? Nem pensar. — chego mais perto, quase tropeço em um buraco e Nina engole o riso. — Tenho roupas e cuecas limpas no meu escritório. — alcanço-a e coloco o braço ao redor de seu ombro ao atravessarmos a rua. — Estou pouco me ferrando se é esquisito ou não. Além do mais. — aponto para os All Stars vermelhos que está calçando. — Todo mundo em São Paulo faz caminhadas pela manhã, não é mesmo? Nada mais natural do que chegar no trabalho em roupas esportivas.

— Carambolas, vai ser dose te aturar.

Gargalho novamente. Ela chia e sei que é porque usei o mesmo argumento que ela quando se recusou a vir de carro.

— Se tivesse aceitado a carona, a tortura duraria menos. — provooco. — E se eu quiser te levar para almoçar ou passear? Vou te mostrar a cidade como? De ônibus? A pé?

— Ir no seu carro é muito diferente de ter um automóvel da Callas à minha disposição. Já falamos sobre isto, Theo. Não posso aceitar, além do mais, já tenho um carro.

*Uh o quê?*

*Esta informação é nova.*

— Que carro?

— Um que o Vincenzo me vendeu ontem. — responde sem olhar nos meus olhos.

Minha sobrancelha franze involuntariamente.

— Ah, é? E onde ele está, posso saber? — desconfio da novidade. — Acho bom Mike dar uma olhada.

— Vai chegar por estes dias. — olha impaciente. — É besteira incomodar o Mike, o carro já está na revisão.

*Revisão?*

Preocupo-me.

— Que tipo de carro é? Não me diga que comprou um trambolho sendo que a Callas tem uma frota zerada. O trânsito daqui é diferente de Curitiba, Nina. Não acho uma boa ideia você dirigindo sozinha por aí, no meio deste caos.

— Pois fique sabendo que sou uma excelente motorista. Vai se surpreender com minhas habilidades! — defende-se com um certo orgulho. — Eu não teria comprado o Betovem se você e Mike não ficassem no meu pé com toda esta chatice de segurança.

*Caralho!*

*Betovem já morreu há séculos.*

— De que ano é o carro, que tipo? — insisto realmente preocupado.

— Do tipo que anda! — irrita-se. *Deus! Como é teimosa!* — E parê de querer se meter em tudo. Sou adulta Theo, não uma bobona! Posso muito bem decidir o que é melhor para mim. O carro é perfeito e fim de papo.

— Só quero cuidar de você! — defendo-me.

Nina respira fundo, ao virarmos na avenida da Callas, e olha-me com um carinho estranho.

*Opa!*

Fico apreensivo.

— Então cuide, só não me sufoque. — diz com firmeza e me avalia. Passo a mão no cabelo, exasperado. *Que merda!* — Meu Anjo... — recomeça suavemente e abraça minha cintura. Gosto do *Anjo*, mas não do tom cauteloso. Respiro fundo, controlo minha impaciência esperando a bomba. — Eu sei age assim, porque é um homem incrível. Estou amando este seu lado atencioso e até meio ogro, e não quero que parê. Juro! — ri e acaricia meu peito. — Só, que para darmos certo, preciso que respeite minhas escolhas, entende? Por muito tempo, cedi e deixei que comandassem minha vida e isto estava me destruindo. Abandonei muita coisa, em busca da minha liberdade e não quero perdê-la novamente. Minha independência é muito importante para mim.

*Merda!*

— Não sei se consigo ficar longe de você. Te dar espaço.

— Não se trata de espaço, sim de respeito. — continua suavemente. — Tê-lo por perto é muito bom. Espero que tenhamos muitos

e muitos banhos juntos e não fique convencido, mas... — ri alegremente. — Vê-lo acordar é um show e tanto. Fica muito sexy descabelado e sonolento.

Sorrio sem esconder minha satisfação.

— Então não vai me encher de regras ou me proibir de passar à noite com você?

— E perder meu travesseiro preferido? — pisca para mim e me animo.

*Até demais...*

— Que tal mudar para a minha casa? Facilitaria muito. — proponho em um impulso. — É mais espaçoso e poderíamos nos dar um monte de prazer.

Ela joga a cabeça para trás e gargalha.

*Droga!*

— Pera lá, apressadinho! Nada de colocar a carroça na frente dos bois. — dá um tapinha no meu ombro parecendo divertir-se, mas percebo um traço de desconforto em seu sorriso. — Dormir junto algumas vezes, é uma coisa. Outra bem diferente, é dividir oficialmente o mesmo teto. Além do mais, não planejo sair de onde estou tão cedo. Gosto do meu apartamento e acredite, morar junto não é o que eu chamaria de prazeroso.

— Já morou junto? — engasgo.

— Já. — sua expressão fecha e meu queixo cai.

Arrisco abrir a boca, mas estou estupefato demais. Irrita-me no último grau, saber que algum babaca já teve o que ela está me negando.

*Como assim, já morou junto?*

*Com quem?*

*Caralho, merda, porra!*

Abro a boca decidido a fazer uma inquirição.

Um dedo delicado vai parar em meus lábios — Nem comece, não gosto de falar sobre este assunto. É passado, não foi você quem sugeriu que esquecesse o que aconteceu em Curitiba? — fecha a cara, parando há uma quadra da Callas.

*Sugeri, mas dane-se!*

*Passado uma ova!*

Praguejo por ela ter uma memória de elefante e se lembrar de tudo o que digo. Quero protestar, mas não tenho tempo. Nina escapa do meu abraço, afasta-se e recomeça a andar como se estivesse desacompanhada.

— Aonde você acha que está indo? Precisamos terminar esta conversa!

Sem olhar para trás ou virar-se, Nina balança a cabeça negando e decreta.

— Não, não precisamos. Tenho um dia cheio, Theo. E se não quiser que o Indecente vire pauta no cafezinho, é melhor subir pelo privativo!

*Teimosa, mas sensata.*

Respiro fundo novamente.

Não preciso nem olhar para confirmar a barraca armada em minha virilha. Nina tem este poder. Talvez, calça de moletom sem cueca não seja o melhor traje para se atravessar o Hall de entrada. Praguejo baixinho por ela ter razão. É burrice me expor a este ponto... Elevador privativo para mim.

Minha vontade é agarrá-la pelos cabelos e obrigá-la a subir comigo. O elevador à prova de sons é perfeito para uma inquisição. Poderíamos brigar à vontade que ninguém atrapalharia. E Nina poderia gritar o quanto quisesse que estaríamos seguros, mas só sairia de lá, depois de me explicar direitinho essa coisa de morar juntos.

*Droga!*

Vejo-a se afastar e resolvo não insistir. Fazer uma cena na porta do trabalho não me parece uma boa ideia, não com Nina envolvida e não com o lugar lotado de funcionários que chegam para seus turnos. Concluo que o nada de regras, não se aplica no território da Callas. Pelo menos na empresa, a bobagem de manter as aparências parece vigorar. Respiro fundo e tento conter meu temperamento impulsivo. Coço a barba em busca de paciência e sigo logo atrás dela, ladeado por Mike e Rafael. Fico irritado, muito irritado. Nina não pode jogar uma bomba destas e recursar-se a me dar mais detalhes.

*Não mesmo!*

*Maldição.*

— Ainda fala com aquele seu amigo investigador? — pergunto discretamente ao Mike.

— Falo.

— Ligue para ele.

— Nem pensar.

*Merda!*

# Treze



## Nina

— **T**e vejo lá em cima, então. Vou adiantar os relatórios.

Esta viagem para Curitiba não estava em meus planos.

— Nem nos meus. — suspiro cansada e com fome.

— Pode me levar aquele pão de queijo?

— Claro e obrigada pela força de hoje.

— Imagina, Princesa. Sempre que precisar.

Espero Miguel seguir em direção aos elevadores e viro à direita caminhando para a cafeteria. Esfrego minha nuca na tentativa de aliviar a tensão. — Vaca! — murmuro para mim mesma ao entrar na lanchonete e tomar o meu lugar na fila. O pequeno e moderno lugar sempre lota nos finais de tarde. Ignoro o burburinho, que vem das mesas redondas de alumínio decoradas com vasinhos de orquídea, e permaneço na fila, imersa em minhas angústias. Miguel é um cara legal, mas viajar com ele não era o que eu tinha em mente.

*Droga! Droga! Droga!*

Camila fez por querer, só pode ser. Não havia necessidade de marcar nosso voo para hoje. E muito menos, deslocar dois dos seus funcionários para vistoriar um simples shopping em outra cidade. Ela é esperta, tenho certeza que o showzinho de Theo, em nossa primeira reunião, não passou despercebido.

*Caramba!*

Theo não vai gostar nada disto. Já imagino o suplício que vai ser contar para ele. Eu mesma estou odiando, não me agrada em nada trocar uma noite nos braços do meu Anjo, por uma cama fria de hotel. E a simples ideia de encontrar minha mãe e ter que ouvir suas lamúrias, me provoca arrepios.



Tiro o celular da bolsa e checo...

Nada.

Nem um mísero: *Como está?*

*Droga!*

Dizer que meu dia foi um lixo seria eufemismo. Precisei fazer um esforço tremendo para me concentrar e não deixar passar nenhum detalhe nas vistorias. Fiquei olhando o bendito celular de tempos em tempos na expectativa de receber uma mensagem de Theo. O que não aconteceu e foi muito estranho. Depois das oito mensagens do outro dia, esperava um pouco mais que silêncio absoluto.

*Meleca!*

*Ele me confunde tanto.*

Fui de uma visita técnica para outra sem direito à descanso, almoço ou conseguir tirá-lo da minha cabeça. Sorte que Miguel estava superconcentrado e me puxou para a terra, toda vez que minha mente vagueou para meu Anjo emburrado.

— Tem certeza que é ela? — ouço alguém sussurrar atrás de mim.

— A Margot os viu chegando juntos ontem. O homem a seguiu como um cão farejador.

Reconheço o risinho malicioso de Sandra, a secretária da expedição. A mulher é famosa não só por despachar encomendas duvidosas para a amante de seu chefe, mas também por espalhar as fofocas que circulam pelos corredores. *Víbora! Não é à toa que é unha e carne com a Vaca.* Respiro fundo e permaneço firme em meu lugar. Ignorar sempre é a melhor pedida.

— Belo golpe do baú! Queria eu ser esperta como essa aí. — um risinho maldoso e novo vibra atrás de mim.

*Essa aí, não!*

Meu sangue esquenta, sei que estão fazendo de propósito e por pura maldade. Minha mão formiga, louca para posar com força bem nas fuças da ordinária.

Respiro, respiro, respiro.

— O que claramente, vejo que não é.

A voz grave e rouca de Theo surge do nada, atrás de nós. *Jesus!* Meu coração dispara e uma excitação inapropriada explode. Viro saltando como uma lagartixa. *Nossa!* Como está lindo em um terno azul marinho e

os cabelos levemente bagunçados. Sorri para mim e volta sua atenção para as fofoqueiras: Sandra, Bertha e Mônica.

— Senhor Callas! — exclamam ao mesmo tempo.

— Não é nada esperto provocar a namorada do chefe. — diz em tom ameaçador.

*Uh o quê?*

*Meu Deus, será possível?*

*Ele não disse isto, disse?*

A felicidade em vê-lo é substituída pelo pânico. Fecho os olhos sem poder acreditar que ele vai ignorar todo o meu discurso sobre manter nossa vida pessoal longe da empresa e eu saber me defender sozinha.

*Namorada do chefe, não!*

Assumir nosso envolvimento diante de todos, é como decretar minha viagem sem volta ao mundo dos problemas de relacionamento no trabalho . Se já me viam como a dedo duro, imagine agora.

Abro os olhos para encontrá-lo me observando com cuidado. Morde o canto da boca em expectativa. Não sei o que fazer, então desvio o olhar atraída por um silêncio incomodo que nos rodeia.

As vozes ao nosso redor congelaram e uma certa energia histórica paira no ar. Homens boquiabertos e mulheres ruborizadas. *Diacho!* Também, não é sempre que um CEO resolve descer do Olimpo, dar as caras e bancar o namorado protetor. E assim como eu, muitos não tinham ideia de como ele se parece, então é de se esperar que a atenção dos funcionários recaia em nós. Uma atendente, famosa por seu sorriso, até perde a cor e para atrás do balcão com a xícara e o bule nas mãos. E, sem que perceba, derrama todo o café na bancada. Não dou cinco minutos para a novidade espalhar-se pelos corredores... Suspiro em agonia, talvez nem cinco minutos... Do canto de olho vejo Shirley, do almoxarifado, apontar o celular em nossa direção.

*Maravilha! Armou-se o circo .*

— Não há necessidade disto, Senhor Callas. — suplico com o olhar. — Tenho certeza que foi apenas um mal-entendido. — tento contornar a situação e sorrio para o trio de mulheres mais vermelhas que um pimentão.

Ele vira para mim e minha respiração fica presa na garganta. *Deus! Ele é tão maluco e imprevisível.* Fico preocupada que me repreenda e

automaticamente meu coração dispara ferozmente em meu peito.

— Theo. Para você é sempre Theo. — sorri de um jeito que me faz querer rasgar sua roupa, depois matá-lo. Satisfeito, fura fila ficando ao meu lado. — Senti sua falta.

Sem que eu espere, rouba um beijo e perco a fala.

— Namorada? — os olhos de Sandra voltam-se em minha direção e faíscam em um silêncio acusador. — Rápida você. — sorri cínica.

*Isso já é demais!*

*E daí que foi rápido, o que tanto ela tem a ver com isso?*

Aproximo-me e lhe devolvo o sorriso na mesma medida, sinto a pele do meu pescoço pipocar e muita vontade de esganá-la. — Olha aqui sua enxerida... — falo entre os dentes de modo, que só o nosso grupo escute. — Rápida é a sua língua. — meu pavio estoura. — Sua vida deve ser muito chata mesmo. Vai assistir um filme ou ler um livro, sua desocupada. O que te interessa se eu sou...

— Minha namorada? — Theo segura meu braço, antes que eu diga mais umas barbaridades.

— Sim, sua namorada. — Bufo odiando ter sido interrompida.

Theo cruza os braços, visivelmente satisfeito e encara as mulheres que se encolhem e estremeçam. — Ótimo e como tal, exijo respeito. — imposta a voz, de modo que, todas as pessoas presentes possam ouvi-lo claramente. — As fofocas e provocações acabam por aqui, estamos entendidos?

— Não pode nos proibir de conversar. — Sandra o desafia indignada e me olha com mais raiva.

Os ombros musculosos de Theo retraem e ele inspira com força.

— Para começar, sou seu chefe: o cara que dita as regras aqui e paga o seu salário. — ruge e Sandra engasga. — Acho bom obedecer.

*Ferrou!*

Deixo minha raiva em segundo plano, grudo nele e sem me importar com o que os outros irão pensar, seguro sua mão na tentativa de acalmá-lo. Detesto que só faça o que lhe dá na telha, mas detesto mais, vê-lo exposto por minha causa. Gentilmente, ele ergue minha mão e beija os nós dos meus dedos. Alguns “*Oooohhs*” são ouvidos ao redor, incluindo os meus.

— E sobre a Nina, posso tudo... Posso tanto, que vou tomar quaisquer provocações direcionadas à ela, como uma afronta pessoal. Então, antes de falar ou fazer algo contra a minha mulher, sugiro que poupem meu tempo, passem no RH e redijam suas cartas de demissão.

*Merda!*

*Menos Theo, bem menos!*

— O quê? — os olhos de Sandra crescem cinco números. — Está nos demitindo, Senhor Callas?

— Ainda não. — sorri com desdém, mantendo o tom ameaçador. — Apenas lembrando sobre a conduta ética que consta no contrato assinado por todos vocês. Agora se me derem licença, eu ainda tenho muito trabalho a fazer. Esta conversa acabou. — gesticula impaciente. — Estão dispensadas.

As três mulheres levam alguns segundos para esboçar uma reação, depois assentem e saem da lanchonete apressadas. *Graças a Deus!* Fim de espetáculo. O burburinho volta a tomar conta do lugar e Theo vira para mim segurando mais firme a minha mão. — Vamos.

— Prometi levar um pão de queijo para o Miguel. — aviso e um vinco forma-se em sua testa. Sem a menor paciência para uma cena de ciúmes, me apresso na explicação. — Ficamos na rua desde cedo, mal tivemos tempo para um café.

— São cinco da tarde, não comeu nada até agora? — pergunta chocado como se eu tivesse cometido um crime gravíssimo. — Sabe que não pode ficar tanto tempo sem se alimentar.

— Não consegui parar, poxa vida. — explico, com a irritação voltando a minha corrente sanguínea. — Sabe quanto tempo demora para ir da zona sul, para a zona norte?

— Não sei, tenho um helicóptero para isto. — arqueia a sobrancelha de modo quase arrogante. — Da próxima vez, solicite um. — acena para a atendente que vem correndo.

*Até parece!*

— Meu filho, que parte do recusei o carro, não se lembra? Nem de óculos, iria aceitar uma regalia como estas! — faço cara de: *É maluco por um acaso?* — E outra, está para nascer o dia que vou entrar em um helicóptero.

— O quê? — ri e olha-me como se eu fosse um ET.

A atendente para no balcão interrompendo-nos.

— Pois não, Senhor Callas.

— Suzana, pode me fazer uma gentileza? — pede educadamente, depois de ler o nome no crachá. Ela ruboriza e diz que sim. — Envie para a minha sala um café completo. — mais uma vez a moça apenas concorda e anota o pedido. — Inclua uma omelete. Se tiverem morangos e creme de avelã, quero uma porção generosa. — vira para mim. — Mais alguma coisa?

— O pão de queijo do Miguel.

Não muito satisfeito, Theo pede que repitam o pedido e entreguem para Miguel no 12º andar.

— Mando entregar a porção de morangos também?

— Não, nada de morangos para o babac... Miguel. Mas, dobrem a quantidade de comida, o cara é grande. Coloque tudo na minha conta.

— Obrigada, isto foi muito gentil da sua parte. — digo ao nos afastarmos.

— Fiz por você, não por ele. — joga um olhar profundo para mim.  
— Vamos.

Mesmo sabendo que fez a contragosto, acho sua atitude tão legal, que nem reclamo quando me arrasta para fora da lanchonete, indo em direção ao elevador privativo. Ele coloca a digital em um sensor e uma luz verde acende.

— Tenho que voltar a minha sala. — lembro que ainda não contei a novidade. — Não vai acreditar, a Camila marcou uma...

Inclina e beija-me rapidamente. — Depois você me conta tudo que a chata da Camila fez. Agora a minha prioridade é te alimentar, não irá a lugar nenhum antes de relaxar e comer. Está com tontura?

— Não, só com muita fome mesmo. — minto e ignoro os pontinhos em minha visão. Tudo que consigo pensar é na maratona da viagem e que certamente não terei tempo para jantar. Minha boca enche d'água só de imaginar as delicias que vão entregar. Sua expressão muda e olha-me com curiosidade e diversão.

— Não acredito que falou sério. — debocha.

— Sobre o quê?

— Tão corajosa e tem medinho de voar?

Reviro os olhos, não acreditando eu, que vai voltar neste assunto.

— Não tenho medo de voar. Só não gosto de helicópteros, ok? Pode parar de me azucrinar sobre isto? O que foi fazer na lanchonete? — mudo o rumo da conversa.

*PLIM*

As portas do elevador abrem e com a mão em minhas costas, Theo me conduz gentilmente para dentro.

— Ver você.

Fico parada diante dele enquanto tento formular uma resposta. Não entendo, passou o dia inteiro sem dar sinal de vida e agora me vem com esta de querer me ver? Uma pontinha de irritação volta com tudo, sentir falta dele tão intensamente, desconcertou-me.

*Minha Nossa Senhora!*

*Será que eu?*

*Não!*

*Não assim tão rápido.*

— Não pode sair por aí, brigando com as pessoas por minha causa. Me fez parecer uma fraca. — respiro fundo e um outro cenário bem pior brota e minha mente. — Não, sabe o que me fez parecer? Uma oportunista que usa o chefe para subir na carreira e humilhar os colegas. — encosto na parede do elevador.

Theo pisca várias vezes aturdido. — Lógico que não, fui bem claro em meu recado! Ninguém vai pensar nada!

*Deus do Céu!*

Ele fala com tanta convicção que acho mesmo, que acredita que bastam meia dúzia de ameaças para que todos esquecerem o assunto. Ele é o cara do poder, este tipo de coisa, até pode funcionar com ele, as pessoas o temem pelo simples fato de ser o CEO desta joça. Já eu, sou um nada para muitos aqui. Apenas uma paisagista novata, que mal entrou na empresa e foi logo dando para o chefe.

— Lógico que sim! Não sei em que mundo vive, mas as pessoas são cruéis no meu! — retruco.

— Caralho, você pensa demais! Esqueça os outros!

— E você pensa de menos! É exatamente isto que vão achar se continuar agindo como um louco. Ameaçou aquelas mulheres de demissão, Theo. Tem noção do quão absurdo é isto? Devo estar sendo mais odiada que a Camila, só que em vez de Vaca vão me chamar de Piranha.

Em um único passo, Theo cola seu corpo ao meu, imprensando-me contra a parede do elevador e sua mão tapa a minha boca. — Nunca mais diga isto!

Minha bolsa cai, meu sangue esquenta e mordo ele.

— Ai, ai! Porra! — tira a mão, mas não me solta.

— Nunca mais faça isso, seu babaca! Meu direito de falar é tudo o que eu tenho! Errou feio, meu amigo! Se está acostumado com todos passando a mão na sua cabeça, desculpa. Eu não vou fazer isto! Estou cansada, com fome, puta da vida que não me mandou sequer uma mensagem e agora, vem bancar o namorado bonzinho? — rio quase histérica. — Vai se danar!

— Só quis te dar espaço, porra! — segura firme em meus braços. — Eu queria mandar mensagens, mas o Pedro confiscou meu celular na primeira tentativa. Se não as mandei, foi para não te sufocar! Dá para se acalmar?

— Não quero me acalmar, poxa! Tudo o que eu te falo, entra por um ouvido e sai pelo outro. Deus! É impressionante, você parece uma avalanche. Só faz o que quer! Sai por aí desgovernado, atropelando tudo. — exaspero-me. — Caramba! É mais fofoqueiro que elas! Se faz tanta questão de sair espalhando que somos namorados, ok! Só não conte para qualquer um, aquelas mulheres não são minhas amigas!

— Disso, eu sei!

— Pois, não parece!

Sua expressão fica confusa e levanta uma sobrancelha inquisitiva.

— Por que ficou tão bravinha de repente? Não fiz nada demais!

— Fez sim!

— O quê?

— Fez eu me apaixonar por você, droga! — digo em um ímpeto indignado, seu rosto lindo ilumina-se e suas pupilas dilatam-se.

— Ôooo, minha Caipira. — sussurra. — Estamos empatados de novo.

Fecho os olhos, chocada pela confissão fora de hora e sua boca encosta na minha. — Agora já era. Vamos só aproveitar. — murmura e um gemido involuntário vibra em minha garganta quando sua língua pede passagem.

Incapaz de dizer não, entreabro os lábios permitindo o acesso e entramos em um duelo sensual de línguas. Gemo pelo prazer de ser beijada tão sublimemente. *Que delícia!* Sei que posso beijá-lo um milhão de vezes, que jamais vou deixar de me surpreender com sua capacidade de beijador, ele parece conhecer cada ângulo e truque capazes de me enlouquecer.

Um arrepio percorre minha coluna, o contraste dos painéis gelados de aço em minhas costas e o corpo quente de Theo esmagando-me, disparam calafrios e calores por minha pele. Tudo é tão contraditório e combina perfeitamente, com a raiva e o desejo que ele me desperta.

Em um momento, quero estapeá-lo, em outro, tudo o que desejo é rasgar suas roupas e tê-lo dentro de mim. A luxúria vence a fúria, esqueço onde estamos, levanto e enrosco minha perna em seu quadril. Esfrego-me em sua ereção na tentativa de aliviar o fogo entre minhas pernas. Ele grunhe e pressiona nossas virilhas com força. Beijo com tanta necessidade, que chega a doer.

Isso é novo.

Uma agonia brota, sufocando-me. Não consigo respirar. Perto dele, transformo-me nesta mulher faminta e irracional, totalmente vulnerável e entregue. E por mais que eu lute contra, já era... Ele infiltrou-se em todos os meus poros... Dominando-me.

Ofego em sua boca.

O beijo para e minha perna desce.

— O que foi?

— Nada, só precisava de ar. — omito meus pensamentos e ele sorri enigmático.

Seu braço estica em direção ao painel de controles e Theo aciona o botão de parar o elevador. Um baque e estacionamos entre o 18º e 19º andares. Ele tira o paletó, que vai parar no chão de mármore preto, afrouxa a gravata, e dobra as mangas da camisa expondo os antebraços, sem desgrudar os olhos dos meus. Seu peito sobe e desce, acelerando a cada nova respiração. O meu vai na mesma batida e meu coração dispara quando capto sua intenção.

*Meu Deus, este homem só pensa em sexo?*

*Misericórdia!*

— Nem pense nisto.

— Por que não?



— Porque, porque... — balbucio confusa.

Os argumentos me fogem... Sou distraída por seu cheiro, que paira no ar e por meu corpo, que arde implorando por mais de seu toque e droga! Eu também só consigo pensar em: sexo, sexo e sexo. Culpa dele por ser tão gostoso. Eu deveria estar satisfeita depois da manhã movimentada que tivemos, mas é só botar os olhos nele que me sobe um fogo que não é normal. Respiro fundo, apesar de louca de vontade, meu alarme apita: estamos em pleno expediente. Ficar de assanhamento é uma coisa, outra bem diferente, é partir para o finalmente...

*Meleca!*

Meu lado perverso revolta-se com esta Nina, que insiste e racionalizar tudo e tenta se convencer que não faz este tipo de coisa... Minha cabeça da um nó.

*Dane-se que estou no trabalho!!*

*Não!*

*Sim!*

*Não!*

*Ai caramba, sim ou sim?*

Estou excitada. A prudência começa a perder a guerra para a tentação que esse homem irresistível me provoca . O desejo pulsa firme entre minhas pernas, deixando-me pronta para recebê-lo.

*Deus o que eu faço?*

Ceder agora, abrirá precedente para todas as perversões que este tarado tem em mente. E sabe-se lá, onde mais ele pretende fazer coisas? Este pensamento atíça minha curiosidade. Flashes recheados com as possibilidades exóticas, contidas nesta bendita lista de lugares, entorpecem a minha mente.

*Delícia!*

*Não!*

— Estamos em um lugar inapropriado. — reúno forças e procuro ser responsável por nós dois. — Podem nos ouvir.

Sua testa franze recriminando-me.

— Caso não tenha percebido, esta área é só minha. — gira o dedo ao redor. — Sem câmeras e a prova de som, encare as áreas restritas como uma Suíça particular... Uma zona independente e neutra, onde tudo é permitido. — sorri debochado.

*Diacho!*

Quero argumentar que há controvérsias, já que eu e Mike entramos aqui sem ele, mas a excitação que sua proximidade me desperta não permite. *Deus, Nina! Controle-se.* Ignoro a enxurrada de sensações que formigam por meu corpo e penso...

Dou um passo para o lado em busca de espaço e resolvo testá-lo. — E se eu disser não? — pergunto mesmo que minha voz rouca denuncie meu tesão.

Ele gargalha.

— Vou respeitar, claro. — observa-me devorando meu corpo e sinto-me nua. Dá um passo estreitando a distância e ri. *De mim?* — Mesmo que todo o seu corpo esteja gritando: me foda forte.

*Ordinário!*

Engasgo e tenho certeza que meus olhos ficam maiores que os de um pequinês. Não é para menos, está difícil me acostumar com seu jeito safado. Não que seja santa, mas sempre achei foder uma palavra vulgar e agressiva, mas dita nessa voz cheia de malícia, só consigo achar quente. Combina com ele: Bernardo transava, Theo Callas fode.

— Qual é o problema? — diz querendo parecer sério. — Te foder neste elevador, está no topo da minha lista.

A beira de um colapso, respiro entrecortado e quase me fundo à parede do elevador. O modo como age e diz as coisas é autoritário e irritante. O que me surpreende, é que eu gosto disto e minha vontade triplica com a possibilidade de fazer algo completamente fora das regras.

*Opa, pera lá!*

— Tem uma lista? Está acostumado a fazer isso no trabalho? — pergunto nervosa e enciumada, mas não ao ponto de gritar e impedi-lo de abrir o botão e o zíper da calça, libertar o Indecente, para calmamente, revesti-lo com um preservativo.

*Eita, minha nossa!*

Fico um pouco chocada com a cena... Mordo os lábios suprimindo um suspiro ao ver sua calça ceder até a metade de seus quadris. Definitivamente, ele deveria colocar o Indecente no seguro, é o seu bem mais precioso. Não consigo me segurar e suspiro lentamente, mantendo-me focada em seus movimentos. O modo libertino como toca-se descaradamente, me provocando, deveria desencadear uma onda de fúria e

indignação, não uma pura e embriagante luxúria. Sua autoconfiança descarada é hipnotizante.

Começo a suar, apesar do ar frio no elevador.

*Que safado!*

Ele sorri tentadoramente sexy, assim que termina seu atentado ao meu pudor.

*Ai, desgraça!*

— Tenho uma lista com cada lugar que pretendo te foder.

— Tem é?

— Hum, hum.

*Ai Jesus!*

*Isso não vai prestar.*

Com os olhos ainda presos nos meus, Theo chega mais perto, enlaça-me, impulsiona-me e enrosco as duas pernas ao redor dos seus quadris. — Oooohhh. — estremeço quando o calor de sua ereção encontra a rendinha úmida da minha calcinha e sinto-o pulsar contra mim. Gemo tão alto com o contato, que ele sorri satisfeito. Depois, tira as mãos dos meus quadris, infiltrando-as sob o tecido fino do meu vestido. — Apesar dos boatos, nunca fiz sexo na empresa. Não misturo negócios com prazer.

Tentando ignorar as ondas elétricas que seus toques ousados deflagram em meu corpo, seguro em seus ombros em busca de apoio e o encaro com firmeza.

— Ah não? E eu?

— Você nunca foi um negócio. — sorri meio torto e seus dedos brincam com as tirinhas delicadas da minha calcinha. — Além do mais, ambos sabemos que não dá a mínima para meu cargo na empresa.

Surpresa com a informação, procuro por decepção em seu olhar, mas só encontro calor fundido à luxúria.

*Desconcertante.*

Fico constrangida e meu rosto cora, ele tem razão. *Não dou mesmo, só não sabia que estava tão na cara assim!* Admiro o profissional competente e o líder nato que é, mas não consigo vê-lo apenas como o CEO todo poderoso e inatingível. Para mim, o homem impressionante sempre falou mais alto.

— Desculpe-me.

*PLAFT!*

Minha calcinha desintegra em seus dedos e ele lambe os lábios como se estivesse pronto para se fartar em um banquete.

— Gostava dela, seu troglodita! — reclamo atordoada.

Ouçõ sua risada abafada ao afundar seu rosto pecaminoso em meu pescoço. Prazer passa por meu corpo e agito-me ciente do que está por vir. O tecido delicado desliza e ficamos a um tris de nos fundirmos.

— Não peça desculpas. — murmura tomando minha orelha com os dentes. Arrepio inteira quando me morde suavemente. — Gosto que me enxergue sem as máscaras ou cargos. — seu hálito quente e sua voz rouca desintegram quaisquer resquícios de bom senso que me restam. — Estamos entendidos? — assinto balançando a cabeça. — Fim de conversa ou vão mandar o resgate atrás de nós. — beija meu ombro, ergue e encaixa meu quadril... Em um movimento muito preciso e sexy penetra-me com força até o talo.

— Theoooo. — grito seu nome em reverência.

Praticamente convulsiono em êxtase. Ter seu pau enorme dentro de mim é transcendental. Nossos corpos se chocam e se fundem com vontade... A conexão é mais que física e chega a ser devastadora. Há desejo, luxúria e paixão em cada uma de suas estocadas. A gente se fode, se alisa e se come apaixonadamente, como se nossa existência dependesse disto... — Deus, você é muito gostoso! — seguro nas barras laterais do elevador em busca de apoio e meu quadril projeta-se para frente. — Isso! Porra, vem pra mim! — grunhe começando a entrar e sair em um ritmo novo. É forte, intenso e urgente. Mete, mete, mete... e mete mais. — Oh, oh, oh, oh — gemo totalmente refém das sensações que seu pau Indecente provoca em minhas partes mais sensíveis, exigindo-as em toda a sua plenitude. Meus sapatos caem e meus dedos se enrolam em suas coxas.

Tento manter os olhos abertos, ver seu rosto contorcendo-se de prazer é lindo. Ele parece flutuar em outra dimensão... Feliz e completo. O suor escorre de sua testa e empurra com tanta força que nossos corpos sobem, e acabo batendo a cabeça.

— Desculpa. — diminui o ritmo.

— Nem ouse parar! — rosno quase lá.

— Ok, madame. — ri de um jeito delicioso.

O impacto de suas estocadas recomeça com tudo, subo e desço deslizando as costas contra parede fria, mas eu não ligo. *Quero mais, quero*

*tudo!* Dane-se que meu vestido veio parar quase no pescoço, que estou descabelada, suada e esbaforida. Ele é simplesmente o melhor de todos os tempos e em menos de dois minutos estou batendo no céu.

O elevador é puro sexo... Gemidos, grunhidos, respirações entrecortadas e o som de pele chocando contra pele, ecoam. Um cheiro almiscarado de excitação toma conta do ar.

— Isto é foddidamente a melhor coisa do mundo.

— Ô se é... — concordo.

— Poderia passar o resto da vida só fazendo isto.

O Indecente atinge um ponto que me faz ver uma constelação inteira. — Eu também. — gemo e agarro seus cabelos. Puxo-os com força. — Preciso de sua boca! Já!

Nossos lábios se unem em um beijo apaixonado e faminto... Línguas que se acasalam, embaladas por seus golpes perfeitos em minha boceta. Eu o agarro, o beijo e esfrego-me em qualquer parte dele que resvale em mim, milhares de sentimentos explodem... Novos, suaves e ternos. Um orgasmo se constrói e tudo que sai da minha boca é: — Sim, sim, sim...

*Estou tão feliz com tudo isto.*

Theo afasta nossas bocas, segura as laterais do meu rosto e encara-me com fúria e paixão. Seu olhar intenso é o estopim... Explodo com força, apertando e engolindo o Indecente que pulsa... Pulsa e também se liberta. Nossos músculos tensionam e relaxam, nos fazendo tremer e gemer em sintonia. Pressiono minha testa em seu ombro e mordo a primeira parte dele, que encontro pela frente, ele ruga como um bicho selvagem, apertando minha bunda e mantendo-se profundamente atado em minhas entranhas.

*Uau.*

O silêncio se instaura.

*TIC, TAC, TIC, TAC*

Nossas respirações acalmam, Theo se retira de mim e gentilmente me coloca de pé. — Tudo bem?

— Hum, hum... Tudo bem. — apesar das pernas bambas e do ninho de rato em meus cabelos, estou mais que bem. Nada que uma passada rápida em seu banheiro, não resolva. Começo a ajeitar meu vestido amarrotado, vendo-o pegar o paletó, tirar um lenço do bolso, livrar-se do preservativo, ajeitar-se e fechar a calça. Em seguida, um lenço novo aparece

e Theo se ajoelha e começa a me limpar. Há tanta delicadeza em seus gestos e tudo é tão íntimo, que me apaixono um pouco mais. Quero voltar a me enroscar nele e nunca mais soltar.

— Precisa de outra calcinha.

*Perdão?*

Ele me traz de volta para a realidade.

— Não tenho outra. — respondo o óbvio.

Seu maxilar contrai parecendo frustrado. — Desculpe decepcioná-lo, mas não costumo perder minhas roupas íntimas por aí. — Lanço uma sobancelha acusatória em sua direção.

— Vou mandar o Mike comprar. — levanta e pesca o Iphone no paletó.

— Gosto muito do Mike, mas bem longe das minhas calcinhas. — arranco o celular da sua mão e o visor aponta 17:55. Minha nossa, ficamos mais de quarenta minutos trancados! — Está quase na hora de ir embora, posso sobreviver muito bem sem uma.

— Não gosto de você andando pelada por aí, melhor te levar para casa.

Como é exagerado, rio da carranca estampada em seu rosto. — Não estou pelada e não vou para casa. Pensasse nisto, antes de arruinar o meu lingerie predileto. — jogo na cara, sem piedade, enquanto abaixo para pegar a bolsa e os sapatos caídos em um canto.

— Há, há, há... Engraçadinha. — ironiza e ainda mais contrariado, aciona o botão. Outro baque e voltamos a subir. — Não te quero perto do Miguel ou de qualquer homem. — seu rosto contrai. — Vai trabalhar do meu escritório, é mais seguro.

*Maldição... Lá vamos nós.*

Chego mais perto, fico nas pontas dos pés e beijo seu queixo tenso.

— Nem comece Anjo, preciso resolver umas coisas no 12º. — passo as mãos em seus cabelos desgrenhados para acalmá-lo. Por um segundo, me distraio ao perceber o quão atraente ele fica depois do sexo. Um rosto que mesmo emburrado, preencheria muito bem as telas de cinema. *Lindo*. Resolvo não piorar as coisas. *Deus me livre, dar-lhe rugas!* Contarei sobre a viagem mais tarde. — Meu Anjo, acabou de me dar um dos melhores sexos da minha vida. — beijo o canto de sua boca. — A última coisa que eu quero, é um homem que não seja você, perto de mim.

— Como assim, um dos melhores? — *Ai Jesus! Ele só ouve o que quer.* — Quem foi o melhor, aquele idiota de Curitiba?

A imagem do meu ex pipoca em minha mente... Em parte, Theo acertou... Sim definitivamente posso qualificar Bernardo Fontes como um total idiota, mas jamais como a melhor foda. Theo me olha duro e o deixo sem resposta. Irritado, ele se afasta posicionando-se mais à frente com os braços cruzados.

*Deus, dai-me paciência!*

Faço força para não gargalhar. Como pode ter ciúmes, depois de tudo o que acabei de dizer e fazer. Será que não percebe as exceções eu venho fazendo por ele? Aperto a pontinha do meu nariz e respiro fundo. Sorte dele, que estou feliz e outra DR está fora de cogitação. Resolvo mudar de tática...

Afago suas costas largas e seus músculos contraem.

— Se contar vou ter que te matar... — brinco só para desanuviar, mas ele não ri. *PLIN!* As portas de aço abrem para o seu escritório. Theo começa a sair e o sigio rindo para não chorar. *Teimoso!* — *Ai droga, se faz mesmo tanta questão...*

Ele para de supetão e por inércia bato em suas costas. Seu corpo fica tenso e um dos seus braços cai para trás, mantendo-me dentro do elevador e o outro estica, acionando o comando que impede a porta de fechar.

Tudo que passa pela minha cabeça é estamos sendo assaltados. Meu coração dispara e minhas pernas bambeiam. — Theo, volte. — sussurro dando um passo para trás.

— Thenka, o que faz aqui?

*Thenka?*

Nervosa, demoro um tempinho para lembrar que o nome do ladrão é igual ao da sua outra irmã: a gêmea da foto. Não sei se relaxo ou fico mais preocupada.

— Precisamos ter uma conversa séria sobre a ...

— Não aqui. — interrompe-a ríspido, sem se mover. — Não é hora para assuntos pessoais, estou trabalhando.

Fico cabreira.

— Nunca se importou antes, que frescura é esta agora? Desde quando não falamos de assuntos pessoais na Callas?

*É, desde quando?*

Fico mais cabreira ainda. Theo deve achar que sou muito idiota para não perceber o que está fazendo. É nítido que não me quer ouvindo determinados assuntos.

— Quem é o cara? Sabe que não gosto que estranhos entrem aqui.

Theo muda claramente de assunto e tento sair, mas seu braço não permite.

— Jonas, esse aí é o irmão que lhe falei. Lindo, né? Eu costumava ser assim também. — percebo a ironia em seu tom e um grunhido masculino esboça um “Oi”. Theo não diz nada. — Uau, quanta gentileza! Custa dar um olá? Também estou feliz em te ver, maninho. — sua risada molenga invade a sala. — Gostei da recepção, não servem morangos como estes lá na clínica.

*Clínica?*

— Mil vezes melhor que aquela gororoba sem sal, com certeza. — a voz masculina opina. — Foi mal cara, acho que detonamos o seu lanche.

*Meu estômago contrai de fome.*

*O meu lanche, ele quis dizer.*

Reparo que ambos estão com a voz super esquisita e arrastada. Há algo muito estranho no ar e apesar de ser totalmente errado espionar, decido continuar protegida atrás da muralha que é o Theo, para obter mais peças deste quebra-cabeças. Não entendi sua reação pouco amigável à irmã e ao amigo. E surpreendo-me, que os dois não tenham notado a minha presença, mesmo que camuflada.

Lembro do conselho da minha avó: “ Na dúvida, fique em silêncio. ” Seguro firme minha bolsa e sapatos e fico quietinha.

— Eles sabem que está em São Paulo? Quando teve alta? — Theo rosna e posiciona-se melhor como se quisesse me proteger.

Estranho sua atitude tão na defensiva.

— O pai e a mãe? — gargalha de modo debochado. — Como se dessem a mínima para mim. Não tive alta, saímos por conta própria. Aqueles nazistas proibiram meus telefonemas. Estou preocupada com Andreza, ela não me responde desde que viajou.

— Tudo o que eles fizeram foi para o seu bem. Assustou-nos um bocado no outro dia. Devia esquecer suas promessas malucas e pensar mais em você.



— Ela é minha melhor amiga! — grita estridente.  
— Melhor amiga, porra nenhuma! — Theo exalta-se e me assusto.  
— Quando vai perceber que a Andreza só está te usando?

*Andreza?*

*Quem é esta?*

*A morena gostosona da moto!*

Fico tensa.

— Cínico! Humilhou-a diante dos nossos amigos!

Agora, quem gargalha é o Theo. Sua mão me libera, indo parar em seus cabelos e ele dá dois passos para frente.

— Eu humilhei? Essa é boa! Sua amiga é maluca, botou fogo na minha casa!

*Meu Deus!*

*A mulher é piromaniaca.*

— Bem feito! Queria que ela fizesse o quê? Comeu a coitadinha até se fartar e depois terminou o namoro como se ela fosse mais uma de suas vagabundas!!

*Namoro? Comeu?*

Meu coração desmorona. Saber que existe alguém especial, me desnorteia. E meu estômago embrulha, só de pensar que Theo mentiu sobre isto.

— Ela nunca foi minha namorada, caralho! Não sei quais fantasias a Andreza andou lhe contando. Chega deste assunto, não é hora, nem lugar!  
— esbraveja.

— Todos acham que vão se casar! — a desvairada da irmã berra.

Eu paraliso, o amigo assobia e Theo não diz nada, apenas inspira com força e o ouço começar a contar bem baixinho.

*Minha nossa!*

*Que bando de malucos!*

Chega, é demais para mim. Ficar escondida é patético e não preciso ouvir mais nada. Essa troca de farpas está tão fora de tudo que presenciei em relação à sua família, que simplesmente não se encaixa com o Theo que conheço ou acho que conheço. Respiro fundo e embalada por minha revolta, que é mais forte que o constrangimento de ser pega descabelada e sem sapatos, saio do esconderijo.

*Putá que pariu!*

Não é à toa que os dois não me notaram. Estão visivelmente chapados e mais interessados nos restos da comida que continuam a devorar com vontade. Jonas tem uma aparência suja. O ruivo de dreads nos cabelos é alto, magro e com olheiras. *Deprimente!* Meus olhos cruzam com os de Thenka, que estão mais vermelhos que a bandeira da China. Eles vagueiam entre mim e o Theo. Uma fagulha de raiva começa a brotar neles. Dói-me ver sua aparência desleixada. Magra e com os cabelos curtos, não lembra em nada, a jovem deslumbrante e sorridente abraçada ao irmão no porta-retratos.

— Eu sabia! Quem é a vaca?

Theo vira e não parece nada satisfeito com a minha aparição.

— E sou a ...

— Ninguém. — Theo interrompe e meu queixo cai. — Apenas uma funcionária. — diz seco, sem ao menos nos apresentar.

Thenka e Jonas entreolham-se e caem em uma gargalhada barulhenta. Não me surpreendo, nossos estados amarrotados e descabelados gritam o que estávamos fazendo no elevador e não me importo. O ninguém atravessa o meu peito como uma adaga e uma velha e amarga conhecida volta a assombrar-me com tudo: a decepção.

Tenho certeza que meu rosto demonstra a minha dor, entretanto Theo parece revestido de gelo, não diz nada e volta a encarar a irmã. Fico chocada, porém me calo. Não por orgulho. É o meu amor próprio que grita mais alto, impedindo-me de me humilhar e questioná-lo. Até cinco minutos atrás, eu era a sua namorada, a mulher que ele disse estar apaixonado.

Agora, sou ninguém.

Inspiro lentamente, seguro minha bolsa com força, descontando nela toda a minha raiva. De jeito nenhum, vou deixar minha emoção vencer e começar a chorar.

Não aqui, não na frente destas pessoas que não conheço ou não reconheço.

— Espera mesmo que eu caia nesta? — Thenka diz entre risos. — Olha o estado dela! Que vergonha, trepando com uma empregadinha no elevador. Parabéns, Theo. — bate palmas. — Conseguiu descer mais baixo que eu. — Thenka levanta-se e dou alguns passos para trás.

— Dá para calar esta boca, Thenka? — esbraveja, vira-se para mim, mas recuso-me a olhar em seu rosto. — Deixe-a em paz!!

— Imbecil! Nem papai grita comigo assim! — faz birra como uma criança mimada. — Se me odeiam tanto, por que não me deixam morrer? — começa a chorar, sem que as lágrimas caiam.

— Eu não te odeio. — Theo muda o tom para culpado e segue em sua direção e a abraça. *Deus!* — Calma, vou te levar para casa e tudo vai ficar bem.

— Não quero ir para casa! — ela desvencilha-se do abraço e gruda em Jonas, que continua lambendo a tigela com o creme de avelã.

Exasperado, Theo passa as mãos nos cabelos. — O que quer que eu faça, Thenka?

— Que demita esta vagabunda e volte para a Andreza! — responde com um tom de voz petulante.

*Louca! Louquinha!*

Mordo os lábios suprimindo um riso nervoso. Dizem que as melhores pessoas são loucas, mas o ditado não se aplica aqui. Só falta a rainha doida de Copas sair gritando: “ Cortem-lhe a cabeça! “

— Nem pensar! — Theo fecha os olhos e suas têmporas pulsam mostrando que está no limite.

— Tá vendo! — a irmã volta a fingir o choro. — Nunca faz o que eu quero!

*Mimada de uma figa.*

Minha ficha cai, que essa moça tem sérios problemas, é evidente. Mas, o pior deles parece ser o modo como as pessoas são coniventes com suas loucuras. Fico desacreditada e preocupada com Theo. Como um homem tão inteligente não percebe que a irmã o está manipulando? É nítido e revoltante. Reconheço em Thenka os mesmos traços das chantagens feitas por minha mãe. Esqueço que nunca a vi mais magra, que este é um problema só deles, porém, meu pavio acaba.

— Chega! — berro e balanço a cabeça sem poder acreditar. — Pelo amor de Deus, será que não percebe? — Theo olha-me cansado e vejo que ele sabe, mas por algum motivo, não faz nada.

*Merda!*

*Este não é o Theo que fez questão de me apresentar à família, o cara corajoso que me defende sem pensar duas vezes.*

E lá vou eu mergulhar em um mar de sentimentos confusos. Preocupo-me e mesmo que ele não mereça, meu instinto grita para salvá-lo.

A Nina guerreira, volta com tudo. Respiro fundo endireitando os ombros e enchendo-me de brios. — Olha aqui, sua mimada! Eu sou Nina Kovac e sou alguém, sim. Um alguém, que neste momento, está enojada com tudo que está vendo.

— Theo!! — Thenka bate o pé.

Reviro os olhos, é um tanto ridículo assistir uma mulher de trinta anos agindo como uma menininha de cinco.

— Nina. — sua voz se torna mais suave, quase implorando. — Por favor...

Levanto a mão e o corto. — Ainda não terminei, Senhor Callas. Se tem um pingão de consideração por mim, deixe-me continuar, por favor. — falo sem conseguir encará-lo, mantendo o foco nos olhos avermelhados que escaneiam cada centímetro do meu corpo. Não me importo quando ela dirige sua atenção para os meus pés descalços e um sorrisinho debochado brota em seu rosto.

*Dissimulada!*

— Quanto á você... — aponto para Thenka e o seu sorriso some. Ela olha para Theo que faz um gesto para que eu continue. Respiro e tomo coragem. — Vou relevar o que disse em respeito ao seu irmão. É triste ver alguém com uma família maravilhosa como a sua, agir desta maneira. Devia envergonhar-se de ficar batendo esse pé, como se tivesse cinco anos! A vida não é só você e suas vontades, existe o outro sabia? Ela é feita de obstáculos para serem superados, é uma pena que preferiu fugir e ir por este caminho. Só guarde uma coisa, Senhorita Thenka! — fixo mais ainda meu olhar, ela está boquiaberta e seu rosto tão vermelho quanto seus olhos. — A próxima vez que se dirigir a mim neste tom, vou esquecer que é irmã do Senhor Callas e fazer o que a sua família já deveria ter feito a muito tempo. Vou lhe dar uma surra tão bem dada, que vai aprender a ser gente e a respeitar as pessoas na marra. — respiro em busca de forças.

Jonas gargalha. — Essa mulher é quente!

— Cala a boca, imbecil! — Theo rosna e Jonas se encolhe.

— Vai deixar essa idiota me tratar assim? — a irmã grita.

— Nina, agora chega. A Thenka... — Theo pede.

— A Thenka está tentando te manipular, como não percebe?! — eu explodo.

Nossos olhares cruzam e há algo novo nos chocolates mel que não consigo decifrar. Ele sussurra um “ Sinto muito, ela é minha irmã”.

Fecho os olhos, basta.

— Sua vaca! Não estou não! — revolta-se.

— Chega, Thenka! — berra.

Os dois entram em uma guerra de berros.

*Nossa!*

*Não preciso deste tipo de coisa em minha vida!*

Tomo a gritaria como uma deixa para fugir deste inferno. Em um impulso, viro-me, volto para o elevador e aperto o botão. As portas fecham, deixo cair a bolsa e os sapatos, espalmo as mãos nas lâminas frias e grudo minha testa no aço em busca de alívio.

— Nina, por favor, abra... Me deixe explicar.

Ouçõ a voz desesperada de Theo do outro lado, seguida dos gritos histéricos de Thenka. Meu coração aperta e me arrependo instantaneamente de ter saído, mas não há mais nada que possa ser feito. O elevador já começou a descer...

*Ai que raiva!*

Chuto a porta do elevador e uma dor aguda se propaga a partir do meu dedão do pé.

*Perfeito!*

*Bela merda!*

Não quero explicações, quero Theo sendo Theo. E, apesar da decepção, não estou preparada para um rompimento, realmente gosto dele... Pra caramba. Só não posso aceitar que me trate deste jeito. Minha mente começa a girar e a girar em busca de uma explicação plausível, porém meu sangue quente e a dor no dedão impedem que meus pensamentos achem uma. O ninguém doeu demais... Não consigo conter um soluço e desabo. Sento no chão e choro.

O país das maravilhas dos Callas, não é tão perfeito assim.

Preciso pensar.



**Theo**

Desacreditado, observo o sensor do elevador que continua a apontar para baixo.

*Ela não vai voltar.*

*Merda!*

Embalado pelos gritos incessantes de Thenka, esfrego a testa e começo a avaliar minhas chances de ser perdoado por Nina depois de ter me comportando como um imbecil. Minha Caipira tem razão em cada palavra que disse sobre minha irmã. Ela é uma manipuladora. Eu sei disto, meus pais sabem disto, mas mesmo assim, sempre acabamos cedendo.

A cortina de fumaça, provocada pelas chantagens de Thenka e o medo de perdê-la, dissipa e em um momento de clareza, eu consigo enxergar o que ela tem feito: nos mantido reféns.

Preciso dizer a Nina que ela está certa. Pedir desculpas e agradecer.

— Theo, quero que ligue para Andreza agora.

Encaro Thenka, apalpo os bolsos da calça a procura do meu celular. Não encontro. Vou até a mesa de reuniões e aperto o ramal da Nati, que atende no primeiro toque.

— Senhor Callas.

— Venha até a minha sala, traga o Pedro e o Mike com você. Onde está o Rafael?

— Saiu com a sua governanta conforme determinou.

*Merda!*

*As compras para a despensa vazia da Nina.*

— Ok.

— Mais alguma coisa?

— Antes se vir para cá, ligue no 12º e peça para Nina me esperar na sala dela. Avise-a que eu a levarei para casa.

Desligo.

— O quê? — Thenka revolta-se. — Perdeu a cabeça? Theo, aquela mulher me ofendeu! Não vou aceitar que a veja novamente, falei para despedi-la não a premiar com um carona! Quero que me leva para casa já.

Coço a barba e respiro fundo para não explodir.

— O Mike e o Pedro vão fazer isto. — volto a atenção para Jonas.  
— Recolha as suas coisas e dê o fora daqui.

— Não, ele fica! Você vai nos levar! — Thenka chora e não me comovo.

A expressão decepcionada de Nina, não sai da minha cabeça, aquilo foi real. Tomo minha decisão e escolho meu time. Amo minha família, sou devotado a ela, prometi cuidar e proteger Thenka, mas pela primeira vez, há algo mais importante na minha lista de prioridades... A minha Caipira.

Perco a paciência que já não tinha. — Acabou, Thenka! Deus sabe como eu te amo, mas acabou!

— Está escolhendo a vagabunda? — o rosto de minha irmã fica vermelho.

— Nina não é uma vagabunda!!! — explodo com vontade — É minha namorada, porra! — falo o que deveria ter dito há meia hora atrás. — Respeite-a!

— O quê? Não! Nunca! — recua assustada, olhando inconformada para mim. — Não aceito! — pega um copo, joga em minha direção, desvio e ele se espatifa na parede. — Você disse que ficaria comigo e com a Andreza!

*Caralho, esta história de novo! Já virou obsessão.*

Nati, Pedro e Mike entram na sala neste exato momento e paralisam com a cena. Jonas aproveita a porta aberta e sai correndo.

— Disse isso quando éramos crianças! Thenka, cresça pelo amor de Deus. — passo a mão nos cabelos, exausto, pois sei que não adianta lembrá-la disto. — Eu mudei, cacete! Não sou mais um garotinho! Prefere que eu seja infeliz só para satisfazer os seus caprichos? Maldita hora que sai com Andreza, vocês duas confundiram tudo. Foi só sexo, sempre deixei isso bem claro para ela. Não existe a mínima possibilidade de algo mais. Se não quer aceitar minha relação com a Nina, direito seu. Só não espere que eu abra mão dela por você, porque não farei isto.

— A vida é cheia de surpresas e como disse, as coisas mudam. — aproxima-se, cruza os braços e fica parada na minha frente. — Juntos é que não vão ficar! — murmura entre os dentes.

Arrepio-me.

— Ouse encostar em um único fio de cabelo da Nina, que eu mesmo te arrasto de volta para a clínica!



— Nossa que barra, Theo. — apenas concordo inclinando a cabeça, Estrela, visivelmente preocupada, estende a mão e toca minha em um gesto de apoio. — Juro, que se eu soubesse onde Nina está, eu contaria.

— Eu sei, obrigado. — agradeço de pé do outro lado do balcão. — Porra, fiz tudo errado! — bato com força na minha cabeça. — Merda! Agi por impulso e meti os pés pelas mãos.

Deixo escapar um suspiro estrangulado, alguns clientes viram para me olhar, mas não dou a mínima.

Estou em frangalhos, porra!

Estrela me examina com um olhar minucioso e sorri de um jeito que presumo ser pena.

— Não se culpe, fez o que achou ser o certo. Tenho certeza que Nina vai acabar entendendo. Ela só deve estar precisando esfriar a cabeça, melhor deixar a poeira baixar. — serve uma dose de Whisky e coloca o copo na minha frente. — Tome, precisa relaxar. — viro de uma vez e a bebida desce queimando em minha garganta. — Francamente, a Thenka pegou pesado... — continua. — Foi uma tremenda falta de respeito. Eu entraria em curto no lugar da Polaca, saber que alguém da sua família a rejeita desta maneira, é terrível.

— Eu sei, errei demais com a minha irmã. Sempre fazendo as suas vontades, só que desta vez, ela pode espernear, chorar e se descabelar que não vai conseguir mudar o que sinto por Nina. — digo com a convicção de um homem apaixonado, tomado por um sentimento novo e reluzente, que é capaz de qualquer coisa para encontrar Nina. — Quem não quiser aceitar o nosso relacionamento que se foda. Sou louco por aquela Caipira pavio curto e não vou abrir mão dela.

— Nossa, sabe de uma coisa? Hora de libertar o Santo Antônio, pelo jeito, o pobrezinho já fez seu milagre! Quem diria, Theo e Nina apaixonados!

Olho curioso.

*Claro que conheço esta coisa de Santo Antônio casamenteiro.*

Depois bate a descrença e meu rosto desmorona.

— Ânimo, rapaz! A Nina é doidinha por você! Os olhos dela chegam a faiscar quando diz o seu nome. Vocês dois juntos são tão bonitinhos!



Meu ânimo melhora um pouco, talvez nem tudo esteja perdido. — Nina me pediu para o santo?

— Não, foi a Jasmim que colocou o santinho de ponta cabeça. — sorri gentilmente e aponta para o santo de cabeça para baixo em uma prateleira. Meu ânimo despenca novamente. — Ela torce muito por vocês. — levanta os ombros e vai até a prateleira.

— Por favor, deixe-o aí. — minha voz soa como uma súplica. — O jogo ainda não está ganho, agora quem precisa de um milagre sou eu.

Agradeço-a por ter mantido o santo de castigo, por suas palavras de incentivo e conforto, e saio andando desanimado do café.

Um carro passa a centímetros do meu corpo, buzina e os faróis altos piscando, me despertam.

— Olha por onde anda, seu Mané!

O motorista berra.

Dou um passo para trás, volto para a calçada e irritado, dou a ele o meu dedo do meio.

— Vai a merda, seu otário! — retribuo a gentileza.

*Maldição.*

Estou tão aturdido que já estava atravessando a rua sem olhar.

Paro na calçada olhando para o sobrado do outro lado da rua, onde ficam o restaurante e o pequeno apartamento de Nina. Estou à sua procura há mais de duas horas e a Caipira simplesmente evaporou. Ninguém sabe dela na empresa, no restaurante ou no café.

*E se ela não voltar?*

Fico surpreso com o sofrimento que este sentimento me causa.

Solto todos os palavrões possíveis e inimagináveis. Para onde ela foi? Onde vai passar a noite? E se não comeu nada ainda? *Merda! Bosta! Caralho!* Ela é tão descuidada com a alimentação. E se estiver chorando? Quem irá consolá-la? Abraçá-la? E sou um idiota do caralho! Esfrego o rosto desacreditado. Deveria ter ido atrás dela logo, esperar por meus pais e Thina, foi um erro. Dane-se o ataque histérico de Thenka, Pedro e Mike podiam ter dado conta do recado. Se ao menos, tivesse passado pela minha cabeça que Nina sairia às escondidas... — Merda! Caralho! Porra!

— Senhor Callas.

Viro para o vigilante da rua que se aproxima com cautela. — Os palavrões, eu sei, desculpe Antônio. Vou parar. — adianto-me.

— Seria bom, mas não é isto, Senhor Callas. — o homem baixinho e truncado diz com cordialidade. — Estava em horário de janta e o outro guarda noturno disse que está à procura da Senhorita Nina.

Uma ponta de esperança renasce. — Sim, o senhor a viu?

— Há umas duas horas. — sorri satisfeito e não consigo corresponder à sua euforia. — Chegou apressada, entrou, não demorou nem dez minutos no apartamento dela, saiu e foi embora com um homem veio apanhá-la de táxi. — relata pontuando os passos de Nina nos dedos.

Só capto as palavras táxi e homem, e meu sangue congela.

— Que homem? — pergunto tentando parecer controlado, o que evidentemente eu fracasso. — Reparou na roupa que Nina vestia?

O gorducho arqueia a sobancelha. — Roupas?

Gesticulo impaciente. — É as roupas... No caso de precisar ir até a delegacia dar queixa do desaparecimento. — minto.

— Ah, claro. — dá um tapinha em meu braço. — A mesma roupa que entrou, ela saiu. Era um vestido verde, eu acho.

*Maldição!*

Meu pulso fecha, quero morrer só de imaginar que pode estar sem calcinha e acompanhada por um filho da puta qualquer.

— E o cara? — rosno.

— Nunca o vi por aqui. Moreno, mais baixo que o Senhor. — o vigia examina as minhas roupas. — Parecia um executivo também.

— Conseguiu ver onde foram?

— Não, mas acho que viajar. A Senhorita Nina desceu carregando uma valise.

*Puta que pariu!*

Decido que preciso beber, enquanto faço plantão no apartamento de Nina

## Quatorze



— **P**rincesa, tem certeza que está bem? — Miguel pergunta preocupado. — Pode me dizer o que está acontecendo? Desde ontem vem agindo de forma estranha. — olha ao redor, claramente constrangido. — Não entendi o porquê de tudo aquilo. E agora isto?

De joelhos e sem parar de revirar os canteiros do Shopping Curitiba Boulevard <sup>[20]</sup>, olho sobre os ombros. Dou com a cara em uma folha de palmeira que quase me cega. *Meleca!* Sopro a dita cuja que não sai do lugar. Vencida pela planta, inclino o tronco para o lado a fim de ver meu colega em pé atrás de mim — Não está acontecendo nada, Miguel. Nada! — respondo sem paciência e pouco me importando com a multidão que se aglomera na praça de alimentação e me observa com curiosidade. Mergulho os braços no canteiro número doze, para cavar o mais fundo que eu posso.

Um cheiro de terra molhada sobe, o que é reconfortante. Fecho os olhos apreciando a sensação.

O celular toca e ele atende. — O Callas quer falar com você.

Abro os olhos. Resmungo desacreditada, revirando a terra com mais força do que o necessário. Esquecer Theo é impossível, ainda mais quando ele liga sem parar.

*Homem insistente!*

Eu não funciono como ele, não sou uma imediatista. Preciso de um tempo para deixar a poeira baixar e a raiva dissipar. Quero estar mais calma quando sentar-nos para conversar, certas coisas devem ser ditas cara a cara, não por telefone e não com 400 quilômetros nos separando.

Magoada, ignorei todas as suas chamadas e mensagens, e desliguei os dois aparelhos... O meu celular e o dele, que não sei como, foi parar em

minha bolsa. Passei uma noite infernal, rolando na cama enquanto me perguntava se estava sendo dura demais.

— Não tenho nada para falar. — minto e Miguel transmite o recado.

— Ele quer saber se ainda está brava.

— Estou.

*Ninguém... Ninguém... Ninguém.*

*Ele que ligue para Alguém.*

Hoje pela manhã, como era de se esperar, Theo descobriu sobre a viagem para Curitiba, o hotel e Miguel. O suplício começou bem cedinho quando distraída, atendi uma ligação para o meu quarto.

— Caralho, Nina!

— Vai se ferrar, babaca!

Desliguei na cara. Bloqueei suas ligações para o meu quarto. Agora, a vítima da vez, é o telefone de Miguel que não para de tocar.

O que é totalmente irritante, já que a cada nova chamada, meu colega parece mais solidário ao patrão.

— Ele quer falar mesmo assim. — Miguel chega mais perto, abafa o celular com a mão e sussurra. — O pobre está desesperado, disse até por favor.

*Desesperado?*

*Tadinho.*

Meu coração aperta e cantarola de saudades. *Não sou de gelo, poxa!* É claro que fico tentada em atender, estou loucamente angustiada e espero pateticamente por suas desculpas. Só que não vou dar o braço a torcer! *Ah! Não vou!* Já abri exceções demais e sei por experiência própria, aonde isso vai parar.

— Problema dele. Tenho prioridades, não posso interromper o que estou fazendo.

— Desculpe Senhor, ela disse que tem prioridades. — fica em silêncio. — Só amanhã, Senhor. Nina marcou alguns compromissos pessoais para esta tarde. — *Uh o quê? Fofoqueiro de uma figa!* Novamente o silêncio. — Não faço ideia quais sejam, Senhor.

A ligação termina.

Quero repreendê-lo por repassar estas informações para o Theo. Só não solto os cachorros, porque Miguel tem sido um amigão. Saiu

discretamente da Callas assim que liguei, foi me buscar às pressas na minha casa, comprou sanduiches no aeroporto, ficou em silêncio durante todo o voo, deu um “Boa noite” breve ao chegarmos no hotel e esta manhã, conseguiu uma autorização para eu examinar os jardins.

— Foi pelo que aconteceu na lanchonete?

— Que lanchonete? — banco a desentendida. Não estou com vontade de contar o que aconteceu.

— Qual é... Soube que a Sandra bateu boca com o Callas por sua causa. Foi por isso que foi embora? Ficou com medo da reação da Camila? Provavelmente, ela ainda nem sabe que vocês namoram. A Toshiko disse que a Vaca precisou sair às pressas logo depois do almoço.

— O quê? Não! Nós não namoramos, foi só um lance passageiro, um erro. Acabou. — digo com veemência, mas não convenço nem a mim mesma.

— Hum, hum... Sei. — diverte-se. — Na cabeça dele, mais que namoram. O homem parece um marido abandonado.

*É mesmo?*

— Por quê? O que ele te disse?

— Nada. — desvia o olhar e tira um fiapo preso na manga da camisa.

*Dissimulado!*

— Se ele não te disse nada, como sabe que ele parece um marido abandonado? — insisto explodindo de curiosidade. — O que ele vai fazer?

— Sei lá, Princesa. Parece, porque parece. — desconversa.

Seu semblante contrai e sei que ele sabe mais do aparenta. Miguel está desconfortável e meu radar apita. *Homens!* Sempre se protegendo e unidos por este código de honra masculino, que só serve para encobrir as coisas erradas que aprontam.

— Por que eu acho que vocês dois estão armando alguma? Olha lá hein, Miguel!

— O cara é meu chefe! Não existe esta coisa de armar alguma com ele. — dá uma de ofendido e chega mais perto do canteiro. — O que tanto cutuca nesta terra?

Resolvo não insistir só por birra. Mas, para o seu próprio bem é bom que não seja nada mesmo. Homens são muito previsíveis. Apoios,

armações e vinganças sempre acabam em boates e se tem um troço que me tira do sério, são boates.

Juro, não respondo por mim. Odeio-as com toda força!

— Só checando um palpíte. — respondo sem vontade. Minha língua coça para contar nem que seja um pouquinho, mas jamais trairia a confiança de Theo. Quando alguém me pede para guardar segredo, é segredo. Suspiro resignada e até um pouco orgulhosa por ser tão confiável e boa detetive. Se eu estiver certa, acho pegamos a Camila. É impossível que um esquema destes aconteça sem seu conhecimento. Forço mais os braços.

— Que palpíte? Precisa revirar doze canteiros para isto?

*Bingo!*

— Eu sabia! Um não, dois sim! — desenterro meus braços sujos de lama até os ombros e levanto vitoriosa.

— O que é um, não dois sim?

— Nada. Preciso ligar para o Theo! Ele não vai acreditar no que eu descobri! — vibro esquecendo a mágoa e que até dois segundos atrás, tinha decidido nunca mais falar com ele.

— Vai ligar para o chefe? — balanço a cabeça concordando efusivamente. — Mas..., mas. — sua expressão é de total confusão. — Pera aí. O que descobriu?

— Não posso contar, é sigiloso, desculpe. — levanto os ombros e dou-lhe meu melhor sorriso presunçoso de: se-você-pode-ter-segredos-com-o-chefe-eu-também-posso.

— Tudo bem. — sorri cínico entregando os pontos — Não estou mesmo a fim de me meter nas sujeiras que rolam na Callas. — passa o dedo pelo meu braço imundo deixando uma trilha de pele limpa.

— Vamos! Preciso de um banheiro? Estou parecendo o monstro do pântano!

Eufórica, pego o celular na bolsa e ligo para a Callas. Nati me passa um sermão daqueles e depois de me xingar um bocado pelo sumiço, informa que Theo não está. Desligo decepcionada.

— Anotou o número novo do Theo?

— Número desconhecido, Princesa.

— Impossível! Ele não deixou nenhum para emergências?

— Não.

— Diacho!

*Droga!*

*Só pode ser de pirraça!*

Bufo para afastar uma mecha de cabelo caído em meu rosto. Saio andando irritada, entre as mesas. Mantenho os braços esticados para não sujar mais minha calça jeans e regata de seda azul. Algumas pessoas franzem o nariz ao me ver passar toda enlameada, outras acham graça.

Miguel segue logo atrás de mim, gargalhando.

Giro o corpo em sua direção. — O que foi, agora?

— Porra meu, vocês mulheres são muito bipolares! — diz entre risos. — Como conseguem mudar de opinião em segundos? — enxuga uma lágrima. — Pensei que estivesse brava. — continua a rir.

— Estava, mas passou. Prioridades, Miguel! Prioridades! — dou um tapa em seu ombro, deixando uma marca de terra onde encostei. — Agora vamos, depois eu falo com o chato do seu chefe.

— Quer ir almoçar?

— Não posso, marquei uma consult... um encontro com uma amiga. — corrijo rapidinho, mas sei que Miguel notou o ato falho. — Depois, vou aproveitar que estou na cidade e passar na casa da minha mãe. Preciso pegar uns documentos que foram entregues lá.

— Tudo bem, vamos tentar outra coisa. — seus lábios se curvam ligeiramente em um sorriso. — Que tal jantarmos no hotel e jogar conversa fora?

— Isto me parece ótimo. Te encontro às oito no bar da piscina.



— Bairro Cabral, por favor. — aviso e recito o endereço, assim que entro no taxi, após sair da consulta médica.

Preparo-me psicologicamente para a viagem... Do centro, onde fica o consultório elegante da Doutora Nancy, à casa de minha mãe há uma longa distância.

— Como quiser Senhorita. — o motorista obeso e calvo sorri, e seus olhos azuis brilham. — O trânsito está que é uma beleza hoje! Vamos chegar lá em menos de meia hora!

— Que bom. — respondo sem ânimo.

— Pelo sotaque é daqui mesmo, né? — puxa papo.

— Nasci aqui, mas sou de São Paulo.  
— De férias? — ajeita o retrovisor.  
— Á trabalho. Fico só até amanhã. — digo com alívio.  
— Não pensa em voltar a morar aqui?  
— Não. — o rosto de Theo vem a minha mente. — Minha vida está lá...  
— Ahhh.  
— Hum ...hum... — afundo as costas no banco de trás e viro a cabeça para observar a cidade.  
— Vou deixá-la aproveitar o passeio. — tenta um último contato visual pelo retrovisor, mas continuo focada na janela.  
— Isso seria bom, obrigada. — fico grata pelo silêncio.  
Minha cabeça está um liquidificador e não estou a fim de papo.

*Nossa, como está linda depois da reforma .*

Observo a Catedral da Nossa Senhora da Luz que passa à minha direita. Uma igreja antiga e bem conservada, repleta de vitrais incríveis e que foi palco do meu casamento.

Naquela época eu era muito boba. Suspiro arrependida. Tão cheia de ilusões.

Sinto saudades de Curitiba, das igrejas, da cidade organizada, dos parques bem cuidados, dos restaurantes deliciosos, mas não da minha antiga vida. São Paulo é a minha casa. E passada a euforia do shopping, fico estranhamente melancólica. Com medo até e se for um sinal...

Quem diria...

*Maldição!*

*Como não pensei nisto?!*

*Com uma Vaca como nossa fada madrinha, é claro que só poderia dar azar.*

Faço o sinal da cruz.

Solto uns palavrões mentais, por ser tão supersticiosa. Sinto como se a minha descoberta representasse um fim de ciclo, afinal nossa proximidade veio daí. Se não fossem pelas armações de Camila, talvez nós nunca tivéssemos convivido e chegado no ponto em que estamos.

Um vazio oco comprime o meu peito. Já não sei de mais nada. E dada as circunstâncias das últimas horas, também nem sei em que ponto



estamos. O que fica ainda mais nebuloso, se contar que tentei contato com Theo por inúmeras vezes e nada.

O homem evaporou, passou a tarde toda fora do escritório.

Teria sido mais inteligente trocar a ginecologista por um analista. Estou maluca e obcecada por aquele ingrato. Aquela batida deve ter bagunçado as coisas na minha cabeça. Só pode ser isso. Virei uma masoquista e sofro sem parar, desde que desci por aquele elevador. Nem sei para que tomar pílula se provavelmente, vou voltar para a seca sexual. Eu mesma estou me odiando um pouquinho, por ter estourado daquela maneira com a irmã do Theo. Não tinha nada que me intrometer nos problemas familiares deles, aposto que a esta altura, minha moral com os pais deles foi para o pântano.

*Nota mental... Controlar a minha boca!*

Relembro a consulta vergonhosa e quero rir...Sou muito idiota, paguei até taxa extra pela urgência. Quantas exceções mais, eu vou fazer por aquele desalmado que me chamou de ninguém?

Gostei de rever a doutora, não nos víamos há cerca de oito meses. Ela pareceu realmente feliz em me ver e foi muito gentil em me encaixar de última hora. Ficou um tempão parada no meio de seu consultório chique e totalmente branco, apenas sorrindo. *Estranho*. Depois, sem dizer nada, envolveu-me em um abraço reconfortante e partiu logo para uma bateria de exames.

— Que bom, Nina! Fico feliz que esteja em um relacionamento estável. — a doutora Nancy tirou a máscara de seu rosto, sentou em sua mesa e me aguardou enquanto terminei de vestir a roupa. — O que o Bernardo fez foi uma cafajestada sem tamanho. — passou as mãos nos cabelos grisalhos presos em um coque impecável.

— Pois é, nem me diga. — quis rir, não por Bernardo, mas por Theo. ” *Estável* ” é a última coisa que nós dois somos . — Está tudo bem aqui embaixo? — sem graça, aponte para a minha virilha. Os: “ *Nossa que interessante* ” e “ *Benza Deus, esta menina tem andado bem ativa!* ”, que a doutora soltou ao examinar minha vagina, deixaram-me preocupada.

— Hum... Tudo, tudo bem, só um pouquinho vermelhinha. — sorriu como uma mãe meio perturbada e louca, abriu a gaveta e retirou uma bisnaga de pomada. — Tome, isto deve aliviar algum desconforto. —

aceitei constrangida. *Deus, que vergonha!* — Seu parceiro dever ser um grande cutucador, se é que me entende. — sorriu animada.

— Pode-se dizer que sim. — tive que concordar.

E naquela hora, quis morrer.

Tudo bem que a doutora esteve com a cabeça enfiada entre as minhas pernas, mas certos tipos de intimidades deveriam ser proibidas entre médicos e pacientes.

. — Tem certeza que está tudo bem? Posso recomeçar com a pílula?

— Ah! Mais que bem! Normalmente, seria melhor esperarmos pelos resultados dos exames de sangue. O laboratório deve entregá-los em cinco dias, mas dada a empolgação de vocês... Disse de duas a três vezes por semana, correto? — indagou com certa admiração.

Senti a pele do meu rosto queimar.

— Por dia. — murmurei, desviando a atenção para uma maquete do sistema reprodutivo feminino exposta em sua mesa.

— Minha nossa! — quase engasgou e seus olhos cinzas encheram-se de água. — Início de relacionamento é uma beleza! Que saudades deste fogo selvagem! — abanou-se com um maço de exames. — Sou casada há tantos anos, que transar é tipo evento... Quase nunca! — gargalhou já meio histérica. — Principalmente depois dos filhos. — suas sobrelhas arquearam, a testa franziu em concentração e por alguns instantes, voltou a folhear minha ficha. — E os filhos? Ainda não quer tê-los?

— Isso era coisa do Bernardo. — relembrei à contragosto. — Já quis muito. Pelo menos um casal. — sem poder me conter, sorri quando a imagem de uma cópia em miniatura de Theo me infernizando, veio como um flash. *Opa! Menos!* — Mas depois de tudo que aconteceu, não pretendo casar novamente. Meu relacionamento com o Theo é muito recente, ainda estamos em fase de adaptação. Não quero correr riscos e uma produção independente está fora de cogitação.

— Nesse caso, é melhor começar a se proteger o quanto antes. Hoje ainda se possível, as doses hormonais desta pílula são baixas, o que reduz consideravelmente os efeitos colaterais e as contraindicações

Entregou-me uma caixa fechada do medicamento.

— Clinicamente, tirando o pequeno inchaço... — piscou e me senti uma devassa. — ... não há nada de errado com você e como foram

cuidadosos usando preservativos, não vejo nenhum impedimento. Vou pedir que encaminhem uma cópia dos resultados por e-mail e que ponham a doutora Julia em cópia. Já conversei com ela, é uma ótima profissional, uma das mais respeitadas de São Paulo.

Minha bolsa vibra. Afobada, me atrapalho toda para achar o celular. Quando finalmente pesco o dito cujo, ele para de tocar.

*Droga, número desconhecido.*

*Era o Theo!*

Meu coração dispara como o de uma adolescente que esbarra em Zyan Malik [\[21\]](#). — Tudo bem. Nada de pânico. Nada de pânico. — sussurro para me acalmar.

A animação e a coragem de algumas horas atrás, já não me acompanham mais. Indecisa pondero se devo ignorar. Meu rosto contrai em dúvida. Talvez seja melhor contar a minha descoberta por e-mail...

Mordo os lábios, irritada. Desde quando eu virei uma ameoba? Nem aos doze anos tive este tipo de problema em relação ao sexo oposto. Bernardo até tentou me deixar insegura e dependente, mas sem sucesso. Com Theo a história é outra, tudo assume proporções épicas. O ar começa a me faltar... *Que sentimento doido é este? Deus pai!* Inspiro com toda a calma do mundo em busca de equilíbrio. Concentro-me na respiração relaxante de Yoga. Fecho os olhos, mentalizo um túnel de luz azul e canto meu mantra budista.

— *Baba Nam Kelavam* [\[22\]](#).

— *Baba Nam Kelavam*

— *Baba Nam Kelavam*

— É simples, mande um e-mail e acabe logo com isto. — sussurro para me convencer.

Abro os olhos e o taxista está boquiaberto, encarando-me como se fosse um ser de outro planeta. — É Yoga, — explico, ele balança a cabeça lentamente e o celular vibra.

Atendo tremendo.

— Oi. — balbucio baixinho.

— Oi.

Duas vogais apenas, mas causam um efeito paralisante em mim. Pois são ditas suavemente em uma voz que, neste exato momento, descubro

ser a minha preferida no mundo.

Ouço uma inspiração profunda do outro lado da linha.

— Ainda está braba? — as palavras são ditas com todo o cuidado.  
— A Nati me passou os seus recados.

Aperto minha coxa na tentativa de controlar os tremores em meu corpo. Estou igual aquela moça do filme [\[23\]](#) quando enfincaram uma injeção de adrenalina direto no coração dela. Meu sangue flui alucinado, incendiando todas as minhas terminações nervosas.

Coço a pele do meu pescoço que pinica.

— Só um pouco... - respondo a verdade.

— Te procurei feito um louco... Passei a noite toda te esperando...  
— ouço algo quebrar. — Caralho, Nina! Nunca mais faça isto! — explode voltando a ser o Theo que eu conheço.

Pressiono minha testa... Estou confusa.

*Nunca mais faça o quê?*

Dizer poucas e boas para a sua irmã ou sair feito uma louca varrida?

— Peguei pesado com a Thenka, desculpa. — escolho a primeira opção, pois é a única da qual me arrependo um pouco.

— Não! Foi bom... Ela mereceu ouvir cada palavra. — outro longo suspiro. — Eu que lhe devo desculpas... Quis te proteger e fiz tudo errado... Por que não me contou sobre a viagem? Nunca me senti tão desesperado.

Surpreendo-me.

— Exagerado.

— Exagerado, não. Porra, Caipira! Mil merdas passaram pela minha cabeça... — grita e afasto um pouco o celular do ouvido. — O vigia da rua disse que foi embora com um homem... *Caralho!* Pensei que tivesse me deixado. — uma longa pausa. — Deixou?

Minha cabeça dá um nó. Theo realmente está agindo como um marido abandonado. — E, deu pra te contar sobre a viagem, por um acaso? A Camila marcou a vistoria sem nos consultar. Theo, quanto ao Miguel, não quero...

— Está tudo bem... — interrompe-me. — Sei que ele é gay.

— O quê?! Nunca que ele é gay, eu teria notado! — dou risada.

— É sim... Conversamos, ele confessou.

Levo a mão a boca e afasto o celular para abafar minha gargalhada. Homens são uns idiotas mesmo, acreditam só naquilo que lhes convém.

*Cara de pau esse Miguel!*

*Ele não é Gay nem aqui, nem na China!*

Resolvo não denunciar meu colega. Olho para o motorista que me faz um sinal de positivo. — Tudo bem aí atrás? Mais uma quadra e estamos chegando.

— Tudo, obrigada. — agradeço.

— Com quem está falando?

— Com o taxista.

— Está voltando para o hotel? Que compromisso foi este?

— Minha ginecologista. — conto sem saber porquê. O motorista pigarreia e remexe-se no banco.

Olho feio para ele.

*Que intrometido!*

— É sobre aquilo que te pedi?

— Sim.

— Adeus camisinhas?

— Sim.

— Quando vai começar a tomar?

— Tomei a primeira antes de sair do consultório.

Ouçõ outra coisa espatifar... Tomo um susto. Esperava que ficasse feliz com a notícia, não mais histérico.

— Theo?

— Theo? — insisto.

— Vou mandar um jato ir buscá-la, não vou passar mais uma noite longe de você.

*Deus do céu!*

— Theo Callas. Não é assim, tomou funcionou. Só podemos... — olho para o motorista que manobra em frente à casa da minha mãe e joga um sorrisinho sugestivo pelo retrovisor. *Valha-me Deus!* Faço uma careta — Temos que esperar cinco dias... — sussurro. — Além do mais, tem uma série de coisas que precisamos conversar primeiro.

— Que coisas? — pergunta com a voz ressabiada.

— Coisas, Theo... Uma série de coisas... Péra aí...

Abaixo o telefone, tiro uma nota de cinquenta reais da carteira e entrego ao motorista. — Fique com o troco. — agradeço e desço do táxi.

Minhas pernas bambeiam quando fixo o olhar na casa de minha mãe. A última vez que estive aqui, tivemos uma discussão terrível. Solto um longo suspiro e volto para o celular... Uma ladainha histérica de Ninas e porras explodem do outro lado da linha. — Theo! — grito.

— Que coisas, porra? Vai voltar pra São Paulo hoje! — grita mais alto.

— Ou se acalma ou desligo na sua cara! — ameaço.

Ele fica em silêncio.

Respiro fundo e começo a caminhar em direção ao sobrado amarelo que minha mãe divide com o novo marido. Desgostosa, reparo como os jardins estão abandonados. Há mato por todos os lados. — Escuta Theo. Acabei de chegar na casa da minha mãe. Meu voo está marcado para amanhã bem cedinho. Não tem porquê voltar hoje.

Eva aparece na porta e acena entediada. Devolvo na mesma empolgação.

— Preciso vê-la hoje. — insiste irritado.

— Hoje não vai dar. Mande uma mensagem com o número deste celular... Quando voltar para o hotel eu te ligo, descobri uma coisa importante que vai mudar o rumo de tudo.

— Que rumo? Que coisa importante, caralho?

— Tchau!

Desligo sem dar brecha para Theo berrar ou insistir mais. *Que homem difícil, Senhor!* O telefone volta a tocar em seguida e eu o desligo.

— Oi, mãe. Como a senhora está?

— A conta do mercadinho está atrasada. Entre, já volto.

Munida de toda a paciência do mundo entro. Dou de cara com o imprestável do meu padrasto esparramado no sofá da sala, que já teve seus dias de glória. Há jornais jogados pelo chão, copos vazios na mesinha de centro empoeirada e uma televisão, que parece nova em folha, está ligada em um programa de calouros. Vou até a poltrona mais distante dele e me sento. Continuo com a minha bolsa bem protegida em meu colo. É triste dizer, mas a última vez que me descuidei, fiquei sem um tostão na carteira.

— Oi Carlos, como estão as costas?

— Cada dia pior. — responde fingindo uma careta desconfortável e apressa-se para esconder uma garrafa de vinho, que eu sei que é cara. — A situação não anda nada fácil por aqui.

Pesco a indireta.

— Imagino. — meus olhos recaem sobre a porta da antiga cristaleira que está capenga. Seguro o impulso de pedir uma chave de fenda para deixá-la no prumo. Ele é o homem da casa, não eu. — O país está em crise, não está fácil para ninguém. Cada um se virando como pode e cortando tudo que é supérfluo. — aponto para o ponto ao lado do sofá, onde ele escondeu a garrafa. —. Conversou com o senhor Zico sobre a vaga que lhe falei?

— Nina! Deixe o Carlos em paz. — Eva volta, já me repreendendo, enquanto guarda um celular de última geração no bolso. *Típico!* — Foi até ofensivo indicá-lo para uma vaga de auxiliar de escritório. Aquele salário era uma vergonha! Sabe que o Carlinhos não pode ficar tanto tempo na mesma posição.

*O Carlinhos dói em meus ouvidos.*

Eva só pode ser cega. O homem passa mais tempo largado neste sofá que qualquer outra coisa! Mas, sei que não adianta argumentar. Para minha mãe, Carlos é um santo.

— É um emprego mãe. Ajudaria a manter a conta do mercadinho em dia.

— Ajudaria mais, se botasse juízo nesta cabeça e voltasse para o seu marido. Se estamos passando necessidade a culpa é sua.

— Não tenho marido. — *Nem a obrigação de sustentar o seu.* Engulo a seco e mordo a língua para não falar umas verdades. — Falando nisto, onde estão os papéis que o Doutor Domingos deixou para mim.

— Na primeira gaveta. — indica o aparador atrás da mesa de jantar. — Ainda há tempo, filha. Livre-se disto aí.

Não respondo... Eva só usa o “*filha*” quando seu interesse está em jogo.

Levanto, abro a gaveta e apanho o envelope do advogado. Admiro-me que está lacrado e intacto, guardo-o com carinho na bolsa. Ter a posse dos papéis do divórcio, finalmente assinados e homologados, me dá uma sensação de alívio e liberdade reais.

— Pense bem, Nina. Livre-se disto. Volte para casa. — insiste em uma voz exageradamente doce.

— O que está feito, está feito. — viro para encará-la e apoio no móvel para aliviar a pontada que volto a sentir no dedão do pé. — Não tem mais volta, mãe.

— Deus, Nina! — explode mostrando sua verdadeira personalidade. — Como pode ser tão egoísta? O Bernardo está arrependido, ele me disse que faz qualquer coisa para tê-la de volta. É só você pedir! O que quer? Uma casa nova? Um carro? Vai mesmo abrir mão de todo aquele luxo e conforto por causa de um deslize à toa do marido? Cresça Nina, não foi a primeira e nem será a última a passar por isto!

— Eu já tenho tudo o que eu quero.

— E eu? Não pensa em mim? Seu divórcio prejudicou a todos nós! O que recebo, mal dá para as despesas básicas!

O clima fica tenso e permaneço onde estou, protegida pela mesa de jantar que nos separa.

— Se ao menos contribuísse com mais...

Estava demorando... Dinheiro, dinheiro, dinheiro... Sempre a mesma ladainha. A pensão que recebe é o triplo do meu salário. Era eu quem deveria estar pedindo sua ajuda.

— Mãe, não posso aumentar a sua mesada, sinto muito. Talvez se cortassem alguns gastos...

— Não! Já perdi demais por sua causa. Estamos vivendo de esmolas, sabia?

Fingindo um choro, Eva vai até o sofá e senta-se ao lado do marido que a consola. Não me comovo, sua chantagem há muito tempo, já não surte efeito em mim. A garrafa de vinho, a televisão e o celular mostram que a coisa não está tão preta quanto pinta. Os dois se acostumaram a ter boa vida, às custas dos outros e isto sim, é feio.

Apesar da revolta que sua atitude me provoca, não sou de ferro. Fico entristecida que tente me manipular através da culpa. Uma culpa que eu não mereço. Fomos vítimas de uma tragédia, assim como tantas outras famílias. Está mais do que na hora de minha mãe superar e parar de se fazer de vítima.

— Sua mãe tem razão Nina. Se não fosse por Bernardo ser tão generoso, estaríamos passando fome.



Meu sangue sobe.

— A garrafa de vinho que está bebendo custa mais do que eu gasto no supermercado o mês inteiro! — joga na cara.

— Foi um presente!! — minha mãe esbraveja em sua defesa.

Uma pulga começa a fazer a festa atrás da minha orelha. Bernardo não é generoso, nunca faz nada sem que receba algo em troca. — Deus, Eva! O que prometeram a ele?

— Nada! Ele nos ajuda, porque é bom! — berra e agarra-se ao marido. — Deus! Como eu queria que você sumisse da minha vida e me deixasse em paz! Odeio seu pai por isto! Merecia um anjo como o Bernardo, não você!

Já chega.

— Se deseja que eu desapareça e te deixe em paz, tudo bem... Eu sumo... E se prefere tanto assim o Bernardo... — pressiono as pontas dos dedos com as unhas para conter o choro. Não vou mendigar pelo amor de uma mãe, que claramente, não tem um pingo de afeto por mim. E não sou poste para ficar parada ouvindo tanta barbaridade. — Que ele assuma todas as suas despesas. A partir de hoje, a senhora não receberá nem mais um centavo meu.

— O quê? Não pode fazer isto. — quem se manifesta é Carlos. — Basta ficar na tua, lá em São Paulo, e continuar mandando o cheque. Não pode abandonar a sua mãe.

*Uh o quê?*

Esfrego o rosto desacreditada. — O que eu não posso, é continuar a ser humilhada por uma mulher que nunca teve um gesto de carinho comigo. Essa é boa... — gargalho para não chorar. — Se eu não presto, presumo que meu dinheiro também não...

— Filhinha calma... Também não é assim.

Dizem que Deus não nos dá uma cruz maior do que podemos carregar... *Será?* Preciso saber quem é o chefe de expedição do céu, porque erraram feio no meu caso. Eva é uma tonelada de problemas, lamúrias e rancor. Em silêncio, vou até a porta abrindo-a.

—Nina! Não pode fazer isto!

Ignoro Eva, agarro-me a minha bolsa e ao meu amor próprio e vou embora...



Preciso de espaço... De um tempo para pôr as ideias no lugar.

O hotel fica no bairro vizinho ao da casa de minha mãe, então resolvo descartar o táxi e voltar a pé...

O ar frio do início da noite em Curitiba aos poucos, vai acalmando meu coração aflito e trazendo uma sensação familiar de bem-estar. Olho para cima e vejo o céu típico do entardecer paranaense, de um azul avermelhado, quase lilás, cinematográfico e absolutamente sem nuvens. Respiro o ar pouco poluído e apesar da dor no dedo, que insiste em aumentar, caminhar foi a melhor decisão. Sempre é. A cada passo, uma nova lembrança.

Ando entre as ruas paralelas, aproveitando a calma da cidade e apreciando os belos jardins das casas, abarrotados de plantas e flores. Os ipês florescendo. Um espetáculo bem recebido pelos moradores da cidade, que é basicamente verde. Nós curitibanos aplaudimos sua florada, não só por sua beleza, mas porque acreditamos que não vai mais gear. *Lindo! Lindo!* Uma pena que Eva tenha podado os dela.

Ao longe, escuto o som típico da buzina de uma Jardineira [\[24\]](#). Cheia de turistas barulhentos e sorridentes com expressões cansadas, porém felizes. Aceno hospitaleira, para o ônibus antigo que faz a rota dos parques da cidade, as pessoas retribuem alegremente. *Tão legal!* Aqui, os parques são as nossas praias. E, mesmo no inverno, quando o sol chega, os gramados se enchem de pessoas, como se fossem banhistas estendidos na areia.

*Saudades...*

*Bons tempos...*

Passo em frente à minha antiga escola primária, um colégio só para moças duramente regido por freiras. Uma gargalhada me escapa ao lembrar da irmã Maria. A freirinha sofreu comigo.

Na pré-escola, minha obsessão favorita era arrancar-lhe o véu, eu era simplesmente fascinada por seus cabelos negros e curtinhos. A pobre vivia atrás de mim... Eu amava fugir da aula para me esconder por horas a fio, na pequena horta das irmãs. Adorava desenterrar todas as cenouras. Lembro dos meus pés sobre o chão de terra, as pernas expostas naqueles

ridículos shorts infantis azuis com elásticos... Um frio danado e eu pouco me importando que elas estivessem roxas e quase congelando.

Os banhos protetores que as freiras eram obrigadas a me dar depois das minhas incursões ecológicas... Eva tinha um chlique toda vez que voltava suja e enlameada para casa.

*Eu era feliz...*



Uma hora depois e já escuro, chego no luxuoso hotel Noblat [\[25\]](#), construído pela Callas. Uma construção de 15 andares em aço e vidro, com seu interior todo revestido do melhor mármore negro que existe. Não fiquei surpresa quando Miguel me contou, durante o café da manhã, que o projeto foi idealizado pelo próprio Theo.

Bem a cara dos empreendimentos criados por ele... Inovador e descomplicado, combinando design, gastronomia, conectividade e serviços personalizados... Virou modinha entre os executivos que visitam a cidade.

Uma pontinha de orgulho vibra dentro de mim quando escuto um senhor passar ao meu lado elogiando a genialidade do projeto.

— É o melhor hotel da cidade. — o homem comenta.

— A arquitetura é perfeita. — um rapaz ao lado dele complementa.

Meu coração aquece... Contenho-me para não virar e falar para eles que o meu namorado ou ex, é o responsável por tudo isto.

*Theo é muito bom no que faz mesmo!*

Sorrio por dentro.

No hall pego um congestionamento humano. O lugar está um formigueiro, vários grupos chegando com bagagens, as recepcionistas enlouquecidas tentando organizar o caos.

*Uauuu!*

Calmamente, tomo meu lugar na fila. Theo não mandou a mensagem que pedi com o número de celular, deduzo esperançosa, que tenha me deixado um recado na recepção. Como tenho ainda uns bons minutos para encontrar Miguel, aproveito o momento para admirar os detalhes idealizados pelo meu gênio da arquitetura.

Empaco na fila atrás de um grupo de mulheres, que conversam eufóricas sobre uma convenção de tecnologia espacial que aconteceu esta tarde. Tenho que rir... Estão histéricas, porque um dos palestrantes era irresistível e selvagem. Animadas, exibem as Selfs que tiraram com um tal de Bento Vargas <sup>[26]</sup>. Minha curiosidade atíça... Com o rabo de olho, tento espiaras fotos para conferir se o cara da Austrália, que tanto falam, é mesmo este fenômeno de testosterona.

*Tolinhas! Falam isto, porque não viram o meu Theo.*

*Meleca!*

Não consigo ver as selfs.

— Pena que ele é do tipo fiel, se me desse mole, pegava fácil. — uma das mulheres brinca e de repente, fico aliviada por Theo estar há quilômetros de distância destas taradas.

— Senhorita, Kovac? — viro e um mensageiro, elegantemente uniformizado, sorri cordialmente. Confirmo que sou eu, com um aceno de cabeça. — Um cavalheiro deseja falar-lhe. — aponta para uma área repleta de sofás, pede licença e afasta-se.

*Mas que droga!*

*O que ele está fazendo aqui?*

Em um impulso defensivo olho à minha volta. Apesar das roupas pretas, do cabelo raspado e do rosto militar, que lhe conferem um ar sombrio, o homem que levanta e caminha lentamente em minha direção não me assusta. Apavora-me a ideia de encontrar quem possa estar com ele.

— Senhora. — cumprimenta-me com sua voz profunda e baixa, parando a dois passos de mim. — Como tem andado?

— Feliz. — respondo também em tom baixo, olhando-o com cuidado. — O que faz aqui, Felipe?

Ele me estuda por um momento, como se para ter certeza que digo a verdade. — Fontes quer vê-la.

— Nem pensar.

— Não tenho outra alternativa a não ser levá-la.

Uma onda de adrenalina explode em minhas veias.

— Então é um sequestro?

— Um convite.

— Que eu não posso recusar? — digo com a voz mais calma que consigo.

— Sabe como as coisas funcionam com Fontes.

— Eu não vou.

— Olhe senhora, eu bem que gostaria de bancar o caçador bonzinho da branca de neve, deixá-la tranquila e levar outra coisa em seu lugar. Mas não posso... — passa a mão no queixo anguloso. — o Rei quer você e não ficou nada feliz quando soube que um homem está aqui também...

*Surpreendo-me.*

Felipe não é um homem mau.

Os serviçinhos sujos de Bernardo são executados por outros.

Olho para ele, para as mulheres à nossa frente que continuam a falar no tal Bento e depois para um segurança parado ao lado da porta giratória, a poucos metros de nós. Cogito a possibilidade de gritar por ajuda. Conheço os métodos de Bernardo quando contrariado. E apesar não ser do tipo que mata, seus recados costumam machucar um bocado. Não quero que nada aconteça com Miguel.

— Está me ameaçando, Felipe? — endireito os ombros e endureço meu olhar. Nunca fui de demonstrar fraqueza, não será agora que vou começar. — Bernardo não tem mais influência sobre mim. O seu Rei não pode me dar ordens — ironizo. Sempre detestei este apelido dado ao Bernardo: “o Rei da noite”

— Não. Só pedindo que seja sensata. Prometo lhe trazer de volta e em segurança. Sabe que eu não faria nada que lhe colocasse em perigo.

*Eu sei. Mesmo a sua maneira discreta, Felipe sempre me protegeu.*

E ele me conhece, sabe que fujo de escândalos. E a não ser que eu faça um dos bons, não terei outra opção senão acompanhá-lo. Angústia é meu nome. Estou neste hotel como funcionária da Callas, o que me deixa ainda mais sem alternativas. Sujar o nome da empresa do Theo... Nem pensar.

— Não vou pisar naquela boate nem morta. — insisto em uma nova abordagem.

— Ele sabe disto. Está à sua espera em um lugar público e seguro.

*Demônios!*

Fecho os olhos e respiro pausadamente para me acalmar.

*Deus! Que dia!*

Será que todos os meus fantasmas resolveram sair das tumbas para me assombrar?

— Tenho um compromisso de trabalho marcado com alguns empreiteiros... — minto.

— Cancele.

Dito e feito.

Meia hora mais tarde, rasgo meu olhar furioso para um Bernardo sorridente. O típico sorriso de quem sabe que está sendo observado e admirado pelos demais... Sua presença arrogante e confiante preenche o ambiente e isto me sufoca.

— Seja bem-vinda. — o maitre, um velho conhecido nosso, vem ao meu encontro — A quanto tempo, Senhora Fontes. — tenta resgatar minha bolsa, mas a mantenho junto a mim.

— Senhorita Kovac. — corrijo-o imediatamente.

Sem graça, o homem sorri e estende o braço indicando os fundos do restaurante. — Permita-me acompanhar-lhe.

— Não precisa, obrigada Arturo.

Deixo o homem para trás e volto a encarar Bernardo.

Meu estômago embrulha. Ele parece bem e continua bonito. O cabelo loiro aparado e bem mais curto, deixa seu semblante nórdico mais realçado. Quase um guerreiro. Admito, que este mesmo rosto já me causou um sentimento de euforia, mas hoje, tudo que sinto é indiferença.

O sorriso lindo e aberto de Theo explode em minha mente. *Ah! Meu anjo temperamental...* Queria tanto que fosse você no lugar deste intratável.

Minha boca seca e meu coração comprime. Odeio-me por ceder mais uma vez às vontades do meu ex marido. Mal tive tempo de rabiscar um pedido de desculpas para Miguel, entregá-lo para a recepcionista e ser arrastada para o mesmo restaurante que Bernardo me pediu em casamento.

Costumava adorar o aconchego e a decoração discreta e clássica, deste pequeno e sofisticado restaurante no bairro de Santa felicidade, famoso pela gastronomia típica. O lugar lindo e cheio de orquídeas, que caem como uma cascata verde nas paredes de entrada, já foi o meu preferido. Respiro fundo em busca de forças... Nem mesmo as flores, que tanto amo, conseguem amenizar a tensão em meu corpo.

Ando lentamente entre as mesas revestidas com toalhas de linho branco. Alguns fregueses elegantes observam-me passar e franzem o nariz. Lembro que ainda estou com as mesmas roupas da manhã, calça jeans, regata de seda azul clara, tênis All star brancos e cabelos presos em um rabo de cavalo. Levanto meu queixo e os ignoro. E daí que estou casual demais para a ocasião? E daí que minhas calças têm umas manchinhas de terra?

*Bando de esnobes!*

Um aroma de comida italiana se faz presente, mas não me apetece. Sigo em frente decidida a acabar logo com isto.

— Minha Preciosa! — meu ex me saúda e fica em pé ao lado da mesa que costumava ser a nossa.

*Odeio este apelido!*

Limpo a garganta para manter a compostura. Seus olhos ficam procurando os meus e a cada passo que dou, fico me perguntando como é que eu nunca percebi como esse cara é dissimulado e egoísta. Um homem obcecado por si próprio e para ele, eu sempre fui uma espécie de disfarce. Um bibelô bem-educado, para ser exibido em festas enquanto ele representava o papel de homem de família perfeito.

— Por que fez o Felipe me arrastar até aqui? — pergunto o mais hostil possível, parando a uma distância segura.

Vestido em um terno preto de corte italiano, seu sorriso cresce ao devorar meu corpo com um olhar mau. Estremeço, conheço a intenção contida atrás destes olhos azuis gelados.

— Hã... Você não retorna minhas ligações. — passa o polegar em seu lábio inferior. — Não viria de outra maneira... Está meio complicado ter acesso a você ultimamente.

Controlo a vontade de revirar os olhos. — É porque não quero te ver e nem falar com você. Faça um favor à nós dois, me deixe ir.

— Não.

— O que quer Bernardo?

— Você.

*Merda!*

Um escândalo no hotel teria sido melhor. Viro e começo a fazer o caminho de volta. Mal dou cinco passos e uma mão enorme e firme aperta meu braço, obrigando-me a parar. Gira-me e seu corpo musculoso cola-se ao meu, envolvendo-me em um abraço forçado. Meus braços ficam presos,

rentes à lateral do meu corpo. Congelo e olho assustada para as pessoas, que sorriem para nós, como se fossemos apenas um casal matando as saudades.

O perfume forte e o calor dele fazem brotar lembranças ruins e tremo ao perceber sua ereção. Forço o corpo para a trás, Bernardo me aperta mais. É como se eu estivesse sendo violada. E estou. Não quero este homem me tocando nunca mais!

— Esse seu cheiro. — seu hálito quente machuca a pele do meu pescoço. — Consegue sentir isto? — sussurra e roça sua virilha contra a minha. *Credo!* — Meu pau quer foder esta sua boceta apertada.

*Uh o quê?*

Sinto nojo... Muito nojo.

As únicas palavras sujas que me excitam, são as ditas por Theo. Contorço-me em repulsa.

— Ou me solta agora, seu maldito, ou grito estupro. Você decide. — rosno em seu ouvido sorrindo para as pessoas que continuam a apreciar o espetáculo.

— Tudo bem. — enfia a língua molhada e quente em meu ouvido e ... *Deus! Odeio isto!* — Meu pau pode esperar... — rosna, afrouxa o abraço e arrasta-me para a mesa, obrigando-me a sentar. Senta-se e me encara com um olhar de pura raiva. — Temos muita coisa para conversar, antes que eu te foda do jeito que gosta. — sorri gentilmente como se estivesse falando o elogio mais delicado.

— Nunca soube do que eu gosto. — disparo sem pensar.

— Gosta do que por um acaso? Que eu esqueça o respeito e te foda como uma puta?

Engasgo. Sinto a pele do meu pescoço coçar... Fecho os olhos... Negando-me a olhar para este homem. *Caramba! Quem é ele? Não posso ter errado tanto assim!* Respiro fundo, agradecida por estar de costas para a porta e para os outros fregueses e aliviada, porque as mesas mais próximas a nós estão vazias.

— Foi por isto que me deixou, Preciosa? — insiste no mesmo tom meloso, abro os olhos e os dele estão ainda mais frios.

— O vinho, Senhor. — o somelier <sup>[27]</sup>o interrompe. Assisto-o servir Bernardo que cheira e depois degusta o liquido de cor vermelho intenso. Faz um gesto concordando com a escolha e aponta para o meu



copo. — É um Bordeaux [28]. — o homem explica e serve uma dose generosa para mim. — Intenso, um pouco atípico para a leveza dos pratos, mas o Senhor Fontes insistiu em nosso melhor tinto.

— Obrigada, Ivan. Pode deixar a garrafa, por favor? — o homem estranha o pedido, porém faz o que eu peço. Antes de sair, deposita a garrafa na mesa como se fosse um bem precioso.

— O que foi? Virou uma bêbada? — Bernardo diz ríspido e não me dou ao trabalho de responder. Desafiando-o, viro o copo como se fosse água e encho novamente.

*Nossa! Intenso mesmo!*

O líquido desce queimando minha garganta.

— Melhor comer. Não quero carregar uma alcoólatra por aí.

Ignoro-o e desvio a atenção para uma cascata d'água que decora o jardim atrás de nós. — A mocinha angelical foi embora, porque prefere ser tratada como puta? — recomeça a seção de ofensas. Concentro-me nos veios de água que escorrem pelas pedras cheias de limo. — Pediu o quê para aqueles filhos da puta com que saiu? Que te fodessem duro, te machucassem?

*Deus! Ele anda me vigiando?*

Quero vomitar.

— Chega, Bernardo.

Levanto e sua mão pesca a minha, apertando-a com força e puxando-me de volta. — Ainda não terminamos. — diz de forma agressiva. — Ou senta e me escuta, ou aquele mauricinho com quem está saindo, não volta inteiro de sua corrida.

*Theo?*

Flashes da noite no beco explodem em minha retina. Falta-me o ar e minhas pernas bambeiam... Assustada, faço o que pede. Volto a sentar e na mesma hora, o garçom chega com os pedidos. Os mesmos que fazíamos toda vez que vínhamos ao restaurante.

— A massa ao limone está do jeito que gosta, Madame. Al dente e bem cítrica. — sorri gentilmente. Apenas aceno agradecida. — Senhor, seu pene com trufas negras, regado ao azeite de alho. Buono Appetite! — deposita os pratos e sai quase saltitando pelo salão.

Afasto o prato. Impossível sentir fome em uma situação como esta.

— Não tem o direito de me espionar. Acabou, Bernardo.

— Só acaba quando eu disser que acabou. Acha mesmo que te deixaria solta por aí? Aquele lugar que foi morar é uma merda e perigoso. Andar sozinha por São Paulo é loucura. — volta a colocar o meu prato no lugar. — Coma.

Nem me dou ao trabalho de perguntar como descobriu meu endereço... Eva.

— Se é perigoso ou não, problema meu. Tenho o direito de seguir com a minha vida. — uma ideia terrível passa pela minha cabeça. Nunca mais recebi notícias dos dois caras com quem sai aqui em Curitiba. Eles costumavam me mandar e-mails e mensagens, mesmo depois de romper com eles. — Os homens com quem sai. Fez algo contra eles?

— Por quê? — enche a boca com uma porção generosa de massa. Mastiga lentamente, enquanto me observa. — Deveria? Sabe que não gosto que toquem no que é meu.

O modo como pronuncia a frase me deixa cabreira.

— Deus do céu, Bernardo. Você está louco! Estes homens não representaram nada.

— Não fiz nada. Só lhes mandei um recado. — deposita o garfo no prato. Apoia os cotovelos na mesa, junta as mãos e entrelaça os dedos. — E o mauricinho das construções? Tem andado bastante ocupada com ele.

Uma onda de pavor corre da minha espinha até a pontas dos pés. Meu corpo retesa e tenho que segurar na beirada da mesa em busca de equilíbrio.

Instintivamente, sinto o cheiro delicioso de Theo. Fico aturdida, a lembrança é tão real, que é como se Theo estivesse do meu lado. Olho e não há ninguém. *Calma, Nina. É só sua imaginação.* Concentro-me para não pular no pescoço de Bernardo, nem sei do que sou capaz, se ele machucar o meu Anjo.

— Só trabalho para ele. Nada além de um bando de reuniões chatas e desgastantes.

O rosto de Bernardo alivia. — Não está saindo com ele? — parece confuso.

Estranho e me pergunto o quanto Bernardo sabe sobre mim e o Theo.

— Claro que não! — reviro os olhos em uma tentativa de representar repulsa. — O homem é um chato temperamental. Um ninguém que se acha Deus. — exagero para tirar a importância de Theo.

Bernardo passa a mão no rosto e seu olhar é tão profundo, que mais um pouco, se funde ao meu cérebro. Depois esbraveja baixinho, algo como ser um idiota e ter feito tudo errado. — Desculpa, Preciosa... Eu errei... Eu não queria machucar você. A coisa fugiu do meu controle...

*Que coisa?*

*Pera aí?*

— O beco, foi você? — murmuro. — Mandou aquele homem me machucar?

Seus olhos gelados fervilham.

— Que beco? Está ferida? — Inclina-se em minha direção e toca meu rosto. Afasto-me. — Sabe o quanto é preciosa para mim, jamais te machucaria. Quem foi o filho da puta que encostou em você? Isso foi hoje? Me diga! — exige e pega o celular.

Encosto minha mão na dele para detê-lo. — Não foi aqui, espera. Estou bem... Só uma tentativa frustrada de assalto. O homem está preso.

— Está vendo! Não pode mais voltar para São Paulo, seu lugar é aqui! — explode falando mais alto do que deveria.

As pessoas agitam-se ao nosso redor. Ouço cadeiras movimentando-se atrás de mim. Fico tentada a virar e pedir desculpas, mas o constrangimento me impede. — Calma, Bernardo. As pessoas... — arregalo os olhos repreendendo-o.

Ele murmura um pedido de desculpas para todos e para ninguém. Em seguida, afunda o rosto entre as mãos e respira fundo. Fico apreensiva e viro o segundo copo de vinho. — Bernardo?

Um longo suspiro escapa de seus lábios. — Preciosa, rasgue aquela merda de papel. Precisa esquecer o que aconteceu e voltar para mim. Quero que assuma a menina como sua.

*Uh o quê?*

Meu queixo cai junto com a vergonha na cara de Bernardo.

Olho atônita, sem dizer nada... Entro em curto... Nenhuma ofensa boa o suficiente, vem a minha cabeça.

Que mulher assumiria como sua, uma criança fruto da traição de um marido, que nem ama mais?

*Não! Não! Não!*

Minha consciência grita e por mais legal que eu tente ser, eu sou real... De carne e osso! Não sou santa, Madre Tereza ou cem por cento coração! Não a este ponto.

*Ninguém é! Isto é balela! Duvido!*

Não existe mulher no mundo, tão boa e desprendida assim. Capaz de fazer uma coisa destas sem que haja algo maior ou mais importante em jogo. Talvez se a vida da menina dependesse disto, mas... Quero gargalhar, quebrar o prato na cabeça de Bernardo, mas estou petrificada com o absurdo que acabo de ouvir. A criança tem mãe e pai, não é uma órfã.

— Graças a Deus! Isto é um sim? Tem que admitir, somos perfeitos juntos... Depois que me deixou, tudo está dando errado! — segura as minhas mãos, seu toque indesejado me tira do transe. Retiro as mãos juntando-as em meu colo.

Preciso fazer este louco entender que estamos divorciados. Não existe volta. Já não o amava mais, muito antes dele me trair.

— Bernardo ...

— Não! Me escutê — interrompe-me. — Os negócios vão mal, minha imagem despencou. Ninguém mais me convida para nada. A Syrlene não sabe nem segurar um garfo direito, não está à altura dos nossos amigos...

Um riso nervoso me escapa.

Eu sei segurar os talheres com precisão e neste exato momento, tudo o que eu quero, é enfiar um goela abaixo de Bernardo. *Deus! Faça este homem calar a boca!* Respiro e inspiro tentando manter a sanidade.

— Tudo o que ela sabe fazer é me pedir mais e mais dinheiro. — continua a tagarelar. — Ela não está nem aí para a nossa filha... Se não fosse pela babá a menina morreria de fome. Ponha a mão na consciência, Preciosa. Esta criança precisa de uma mãe decente. Caralho, maldita hora que fodi aquela puta e coloquei nosso casamento em risco!

O puta me desperta como um tapa na cara. — Bernardo, acabou!

— Nunca! É minha mulher, porra! — exalta-se e o restaurante inteiro se agita. — Até que a morte nos separe! Vai voltar e assumir o seu lugar ao meu lado!

— Amar-te e respeitar-te, lembra? — exalto-me também, pouco me importando com o burburinho que começa a se formar. — E o que você

fez? Me traiu! Transou e engravidou a vadia da sua prostituta! Um filho, Bernardo! Nenhuma mulher perdoa isto!

Começo a chorar.

— O que foi? — Bernardo berra para os clientes. — Nunca viram uma briga entre marido e mulher? Não dou cinco minutos para acabarmos na cama!

Quero gritar e negar, mas não consigo. Minha vergonha é maior. Um barulho de cadeira sendo arrastada e caindo explode atrás de mim... Antes de virar, sou distraída pela gargalhada estridente e debochada de Bernardo.

—Cometi um erro, mas esqueça isso. Vamos para casa, Preciosa.

*Ai, Jesus!*

*Enlouqueceu!*

— Traição não é um erro, é uma escolha, Bernardo. — digo o óbvio e me surpreendo, porque apesar do gosto amargo que senti na época, hoje eu não ligo. — Acabou, conforme-se — sussurro. — Apenas me deixe seguir em frente... Estou feliz.

Seus olhos gelados pegam fogo.

Passa as mãos nos cabelos, exasperado e levanta-se esbarrando na mesa. Os copos viram e uma trilha vermelha tinge a toalha branca impecável. — É por causa daquele merdinha de São Paulo, não é? O que ele tem? É mais rico que eu? Sou seu marido, cacete!

— Ele tem a mim! — grito tomada pela raiva. — Acabou! Estou apaixonada por outro homem, satisfeito agora?

— Sua piranha! — Bernardo começa a quebrar tudo o que vê pela frente.

O caos se instaura. Somos cercados por garçons e pelo Maitre. Só agora noto que metade dos clientes restaurante já se deixou o lugar... A outra metade: ou está indo embora reclamando ou nos xingando. Afundo-me na cadeira e peço que o universo me ajude. Felipe chega para conter a fúria de Bernardo, que do nada, muda para marido traído revestido de brios e que vai embora berrando...

— Eu nunca te amei, vadia!

— Quando o outro lá, foder com a sua vida, nem adianta rastejar... Não vou te aceitar de volta! Syrlene é incrível, um furacão na cama!

## Quinze



**C**hego ao hotel às dez da noite. Exausta, com fome, com uma dívida de cinco mil reais e de alma lavada. O dia foi difícil, as conversas pesadas, contudo libertadoras. Parece até que minha vinda para Curitiba foi coisa do destino, só pode ser. Afinal este é o meu momento de redefinir tudo e assuntos pendentes foram feitos para serem resolvidos, não varridos para debaixo do tapete.

Mais uma vez, fiz minha escolha. Decidi libertar-me dos fantasmas que deixei aqui.

Primeiro, um basta, mais que necessário, nos abusos emocionais e financeiros de Eva, agora Bernardo. Não dou a mínima para o dinheiro que tive que pagar pelos estragos provocados no restaurante. Dane-se meu cheque especial ou o restinho de poupança que vou ter que raspar, tudo que me importa são as últimas palavras que ele vociferou antes de finalmente, sair arrastado por Felipe.

— *Não quero mais ouvir falar de você ou da louca da sua mãe! Quem está dizendo que acabou, sou eu! Sou eu, estão me ouvindo... Anotem aí... Bernardo Fontes está dando um pé na bunda de Nina Kovac.*

*Aleluia, Senhor!*

*Paz...*

Aliviada, passo pela porta giratória decidida a me presentear com um banho relaxante e uma longa noite de sono. Ainda estou tonta pelo vinho. Paguei mil reais por ele então, achei mais do que justo tomar o que restou no táxi, voltando para o hotel.

Cumprimento as recepcionistas com um aceno e passo reto. Nem me preocupo em checar os recados de Theo ou avisar ao Miguel que estou de volta. Cansada, resolvo que tudo pode esperar, minha dose de emoções fortes esgotou-se por hoje. Amanhã me resolvo com todos. Enquanto espero pelo elevador, distraio-me com os desenhos geométricos do carpete branco e preto, novinho em folha.

— Nina, até que enfim!

Giro, porém, minha cabeça não acompanha o corpo, ela segue lentamente em seguida. Demoro alguns segundos até focalizar o Miguel. Coço a cabeça. — Deixei um recado, não recebeu?

— Recebi. Está tudo bem com você? — olha-me com preocupação.

— Tudo bem, por que não estaria? — respondo ao Miguel e digo um oi para o rapaz familiar ao lado dele.

— Sei lá, essa coisa toda com o seu marido. Está fugindo do cara igual a Julia naquele filme? É mesmo loira?

— Claro que sou loira! Que Julia? Que filme?

— A Roberts, claro! — esclarece.

*Deus, não!*

*Só pode ser um pesadelo e eu nem dormi.*

— Dormindo com o inimigo! — o rapaz ao lado fala empolgado e bate uma mão na outra.

— Não assisti. — respondo e encaro o rapaz intrometido.

*Opa!*

*Esse rapaz eu sem quem é.!*

Quase não reconheci o meu segurança vestido de maneira casual.

— Rafael? — confirmo confusa. Ele parece outra pessoa nesses jeans escuros, camiseta amarela e cabelos bagunçados.

— Senhora.

*Opa! Opa!*

— O que faz aqui? — pergunto à Rafael e depois me volto para Miguel. — Como sabe desta coisa com o meu EX marido? — forço a entonação no ex.

Os dois se entreolham e ficam calados... Quietinhos como dois irmãos que acabam de ser descobertos quebrando a coleção de cristais favoritos da mãe.

*PLIN.*

O elevador chega, mas eu não embarco. Aí tem e não vou a lugar nenhum, até que me digam Tim-Tim por Tim-Tim o que está acontecendo. Com as mãos na cintura começo a andar ao redor dos dois. — Quero a verdade. Como souberam do meu ex? Por que veio para Curitiba, Rafael? Foi o Theo te que mandou para me vigiar? — começo meu interrogatório

Assisti a muitos seriados policias e sei muito bem como arrancar uma confissão de dois marmanjos.

— Ou me contam o que está acontecendo ou... ou... ou... Vou começar a berrar e a berrar até estourar seus tímpanos. — improviso ao esquecer quais métodos de tortura a mocinha do seriado usava. — Vou juntar tanta gentê, que vão pensar que os dois estão me torturando. — digo e começo a berrar o mais agudo que eu consigo.

Embalada pelo vinho, dou meu melhor... Talvez sobrea, amanhã, eu me arrependa, não agora. E depois, do que aconteceu hoje no restaurante, um escândalo a mais ou a menos não vai piorar o meu dia.

Um casal que chega no mesmo instante no hall dos elevadores, dá meia volta e sai reclamando com as mãos nos ouvidos. Sorrio satisfeita, mas não paro de berrar.

— Nina seja razoável! — Miguel grita esfregando as orelhas.

— A verdade! — digo e berro.

— Por favor, senhora. — Rafael também implora.

— A verdade! — digo, respiro e berro.

Dois seguranças chegam correndo com cassetetes em punho. Fico um pouco impressionada e com medo, mas não paro de berrar... — Que diabos está acontecendo aqui? Façam essa louca calar a boca, os hóspedes estão assustados!

— Nina! Pelo amor de Deus! Não podemos...

— A verdade! — digo, ofego e berro.

— Dá para calar esta boca? — o policial perde a paciência. — Vão pensar que estão te mantando!

— A verdade! — digo, tomo fôlego e berro.

O policial encosta o cassetete na barriga de Rafael, cutucando-a.— Dá para contar a porra da verdade logo? — também berra, totalmente sem paciência.



— O Senhor Callas a viu com o seu marido no restaurante! — coagido Rafael entrega os pontos. — Pronto, falei! Merda!

Paro de gritar... Minhas cordas vocais entram em colapso e meu coração acelera. *Meleca!* Por esta verdade, eu não esperava. — Por que ele veio para Curitiba? — sussurro quase sem voz.

— Ele precisava vê-la com urgência. — Rafael diz esfregando a barriga.

— E me seguiu até o restaurante?

— Não atendeu aos seus chamados. Ele ficou desesperado, usamos o GPS do celular dele que está com a senhora.

*Porcaria.*

Abro a bolsa e retiro os dois aparelhos. O dele, no modo silencioso, 15 ligações. Ligo o meu e encontro 30 chamadas não atendidas, mais uma dezena de mensagens.

*Droga! Droga! Droga!*

— Preciso falar com ele. — aperto os botões dos elevadores que subiram novamente. — Em qual quarto ele está?

— Ele não está aqui. — Miguel adianta-se.

— Voltou para São Paulo?

— Não.

— Caramba, dá para dizer logo onde ele está? — berro.

Os policiais, que continuam ao nosso lado, voltam a apontar o cassete. — Se essa louca recomeçar a gritar, eu não respondo por mim. — um deles diz a Miguel.

— Não temos autorização para falar. — Rafael afasta o cassete de seu abdômen. — É um assunto delicado, se é que me entende. — diz ao policial de modo cúmplice.

O homem alto e forte balança a cabeça de modo compreensivo.

A mudança brusca de postura põe meus nervos à flor da pele.

O segundo policial se afasta, dispersando alguns hóspedes curiosos. — Muito bem pessoal... O show acabou.

Tento um contato visual, mas os três homens que sobraram me ignoram.

*Bela merda!*

Homens sempre se protegem... Saco na hora, que aí tem... Ooooo, se tem. — Tudo bem, já entendi. — cruzo os braços e bato o pé

impacientemente. — Se não podem me contar, ok. — passo o dedo sobre a tela do meu celular.

— O que vai fazer? O Senhor Callas não quer ser interrompido. Ele saiu muito nervoso do restaurante. — Rafael fica tenso.

*Nervosa estou eu!*

Tento recapitular a discussão terrível com Bernardo. *Droga!* Tremo só de pensar nas barbaridades que estão passando pela cabeça do Theo. Eu queria lhe contar sobre o Bernardo. *Ok, não queria.* Mas, de todas as formas para ele ficar sabendo, está foi a pior.

Respiro fundo em uma tentativa frustrada de acalmar meu coração.

— Vou ligar para a imprensa. Fazer um escarcéu tão grande, dizer aos jornalistas que o Theo foi sequestrado. Não dou cinco minutos para este hotel ficar lotado de paparazzi. Curitiba vai virar um inferno. — ameaço e os olhos deles arregalam. Respiro fundo, pouco me lixando se pareço uma louca. — Vou acionar a CSI, o FBI, aquele juiz incorruptível daqui, colocar todo mundo nas buscas. Ligar para o Vaticano. — empolgo-me, ainda embalada pelo álcool.

— Está maluca? — Miguel puxa os cabelos.

— Estou.

— Façam alguma coisa. Controlem esta doida. Ela vai acabar com a paz e o bom nome do hotel. — o policial desespera-se.

— O Senhor Callas vai ficar furioso. Ele saiu para espairecer. — Rafael argumenta.

— Espairecer, uma ova! — perco a compostura.

Sei muito bem o que envolve o espairecer. Começo a andar decidida, indo em direção a saída do hotel. Os três me seguem desesperados. — Pense bem, Nina! — Miguel implora.

Continuo meu caminho sem dar importância para as súplicas. Empurro com tanta força a porta giratória que quase sou catapultada para a calçada. O ar frio da noite bate em meu rosto, mas não me acalma. — Táxi!

— Aonde pensa que vai? — Rafael segura meu braço. — O chefe deu ordens para não a deixar sair.

Gargalho. — Deu é?

Rafael balança a cabeça de forma quase histérica. Um táxi para, o motorista desce, contorna o veículo e abre a porta do passageiro.

— Pode me levar até a sede do jornal Gazeta do povo. — pergunto ao taxista que sorri alegremente.

— Só se for agora, madame.

— Não! — Rafael esbraveja para o motorista.

— Nina! Por favor! — Miguel segura meu braço.

— É dona, por favor. — o policial reforça a suplica feita por Miguel. O taxista larga a porta e nos observa curioso. O encaro e depois volto com toda a minha indignação para os Três Patetas que me cercam

— Olha aqui vocês três. Eu tive um dia infernal... Estou com paciência zero e vou achar o Theo de uma maneira ou de outra. — faço cara feia quando Rafael abre a boca para argumentar. Ele fecha a boca e a cara. — A decisão é de vocês. Podem me dizer agora, onde aquele maluco do Theo se meteu, ou continuar aí defendendo essa droga de honra masculina. Não me importo, jornalistas são piores que cães farejadores, tem conexões em todos os lugares, vão achar o Theo para mim e espalhar a notícia pelo mundo. — exagero. — Já posso até imaginar o escândalo. O chefe de vocês vai adorar saber que são os responsáveis por isto.

— BoxLove. — Miguel diz baixinho e Rafael dá um soco em seu braço.

— Vai dar merda, cara! Eu sei que vai.

— Que foi, porra? Não posso perder o meu emprego.

— O que foi que disse? — gaguejo jurando que entendi errado. — BoxLove? Que inferno de lugar é este?

O taxista cai na gargalhada. — É um clube seleta. — diz entre risos. — Já levei alguns figurões até lá.



## Theo

— Mais uma dose. — grito para vencer o burburinho e a música que domina o ambiente.

— Melhor ir devagar, Senhor.

— Esquece este Senhor... Já está mais do que na hora de me chamar pelo nome, não acha?

Um copo cheio de whisky surge à minha frente. Entrego outra nota de cem reais ao barman. Em seguida, uma garrafa de cerveja desliza sobre o balcão e Mike a captura em um lance preciso.

— Fique com o troco. — rosno e viro a bebida de uma vez.

— Ok, como quiser. Apenas Theo a partir de agora. — Mike suspende a garrafa até a boca e toma um grande gole. — É melhor voltarmos para o hotel.

— Não. — olho para as mulheres que dançam seminuas em um palco ao lado do bar. As luzes vibrantes da boate tingem suas peles de cores multicoloridas, enquanto fazem acrobacias sensuais no pole dance. — Vim aqui para tirar aquela traidora do meu sistema e é exatamente isto que vou fazer. Preciso extravasar ou vou explodir.

*Maldição!*

Eu deveria ter desconfiado... Nina era muito perfeita para ser verdade.

— Theo, eu já lhe disse. Se ao menos tivesse ficado até o final e escutado o que foi dito. — a voz de Mike assume um tom paciente e paternal. — A Senhorita Nina pode ter omitido algumas coisas, mas isto não faz dela uma traidora. Porra, porque não tomou uma atitude? — exclama.

— Porque a respeito, caramba! — explodo.

— O quê?

— Nina acha que sou muito impulsivo. — explico num sussurro constrangido. — Foi melhor termos ficado na nossa. Sentar naquela mesa, engolir o meu orgulho e ouvir aqueles dois, foi a melhor decisão. De outra forma eu jamais saberia da verdade.

A boca de Mike abre e fecha, mas nem uma palavra é dita. Estudo seu rosto surpreso por alguns segundos. Ele só pode estar de brincadeira comigo. Queria que eu fizesse o quê? Levantasse daquela merda de mesa, cutucasse ombro dela, exigindo explicações? Fico tentando e quero confessar que várias coisas passaram pela minha cabeça...

... Nocautear o babaca e arrastá-la pelos cabelos. Devorar cada centímetro dela, bem diante do Alemão, só para mostrar para o imbecil quem é que manda... Fazer um escândalo, quebrar a porra toda...

Mike continua boquiaberto... Seu silêncio me incomoda.

— Qual atitude? Vamos, fala, me diz! — provoco-o. — Sequestrá-la e obrigá-la a ficar comigo? — digo irônico, apesar disto também ter passado pela minha cabeça.

— Até que não seria uma má ideia. Às vezes, é preciso radicalizar... — Mike faz uma pausa. — Se quiser, ainda dá tempo...

*É ainda dá tempo...*

Minha mente começa a trabalhar... Éter, cordas, cativoiro, xingamentos, brigas, mágoas e horas implorando para que me escolha. Denúncias... Escândalos... Prisão.

*Ah, não!*

*Não mesmo!*

— De jeito nenhum! — digo agarrando-me ao bom senso. — Nina odeia fazer as coisas por obrigação e detesta escândalos.

— Então mude de tática. Vá com calma, mas precisa conversar com ela e entender os seus motivos.

— Entender o quê? Aquele espetáculo no restaurante foi bastante esclarecedor, não acha? A Caipira pensa que sou um bosta, um ninguém. Além do mais, ela tem toda uma história com ele... Um casamento... Anos e anos. Nós temos o quê? Meses? Uns poucos momentos juntos? Um namoro que mal começou? Deve ser por isso que insistiu em ficar por aqui. Na certa, arrependeu-se de ter mudado para São Paulo, ela disse para mim que uma coisa iria mudar o rumo de tudo. Aposto que descobriu que ainda ama o babaca.

Meu peito comprime com a ideia de Nina amando outro homem que não seja eu. Esfrego o coração, puxo a gola da camiseta branca em busca de mais espaço. Não adianta, estou sufocando, sofrendo por um amor não correspondido.

— Tudo bem? — Mike pergunta preocupado.

— Claro que não. Sou alguém sem importância lembra. — falo já sem ar.

*Caralho, acho que vou morrer!*

— Qual é, um peso e duas medidas, agora? Não deixe a teimosia e a raiva tomarem conta, é mais inteligente que isto. Seja justo, pelo que me contou, também usou o ninguém para se referir a ela.

— Aquilo foi diferente, conhece a Thenka. — defendo-me cheio de razão.

Mike me olha e noto traços inéditos de impaciência. Passa a mão em sua cabeça raspada, dá mais um gole em sua cerveja, como quem quer ganhar tempo, e procura pelas palavras certas.

— Tudo que eu sei, é que não conheço o homem e julgamentos precipitados geralmente, dão em merda. Pense bem! Nina não pareceu nada confortável, manteve uma postura defensiva o tempo todo... Aquela história sobre engravidar a prostituta é difícil de digerir.

Olho para baixo e concordo silenciosamente.

Só um otário trocaria Nina por outra mulher e mesmo assim, ela preferiu estar lá com ele, a ligar para mim como combinamos.

Minha indignação redobra. O babaca albino deve ser muito importante para a Caipira, só assim, para ela se prestar a um papel destes.

— Difícil de digerir, mas Nina estava lá ouvindo o babaca. — zombo e passo a mão no meu rosto. — Escutou o que aquele filho da puta disse... Briga de marido mulher. — bato a testa no balcão e permaneço com minha cabeça abaixada. — A esta altura, devem estar se resolvendo na cama.

Mike solta um longo suspiro e sei que ele está perdendo a paciência.

— Antes de vir atrás de você, deixei o Rafael no restaurante por precaução. A Senhorita Nina voltou sozinha para o hotel.

Desgrudo a testa do balcão e jogo um olhar duvidoso para o meu segurança e amigo. — Voltou? E o marido?

Mike dá um soco de leve em meu braço. Meu corpo chacoalha com o impacto.

— Ex marido. — corrige-me, mas pouco importa. Tudo o que interessa é que Nina já amou ou ama alguém a ponto de se casar e isso me dói demais. Mike toma mais um gole e continua. — O cara foi embora esbravejando, escoltado pelo segurança. O Rafael ficou de olho nela e a seguiu até o hotel. — aperta meu ombro. — Não faça nada de cabeça quente. Pode se arrepender amanhã.

— Não vou me arrepender, acabou. — rosno — Banquei o palhaço, desmarquei uma reunião importante, contrariei o Pedro e o diretor de Marketing da Callas só para bancar o romântico que nunca fui e voei até aqui como um louco apaixonado. — rio de desgosto. — E para quê? Para encontrá-la em um jantar romântico com outro homem. — uma onda de

insegurança, que nunca tive, aparece. — Acha que ela só ficou comigo por interesse, porque achou que eu fosse demiti-la?

— Deus, você já está delirando. Paramos com as bebidas por aqui.  
— Mike coloca sua garrafa no balcão. — Não vou responder à esta pergunta absurda.

Sorrio vitorioso, consumido pela frustração.

— Porque sabe que estou certo. Quem cala consente, meu amigo.

Mike balança a cabeça e sorri. — Você está maluco. — seu celular toca, ele franze as sobrancelhas e arrasta seu corpo grande para fora do banco. — É o Rafael, preciso atender. Não faça nenhuma besteira. — afasta-se.

Angustiado, giro o corpo e apoio os cotovelos no balcão para checar a boate lotada. As paredes revestidas de veludo vermelho e o mobiliário negro são uma mostra do que se pode comprar de melhor. O lugar grita: dinheiro, poder e luxúria, embalado ao som da música eletrônica alta.

Ricaços e executivos circulam ao lado de prostitutas elegantes. Alguns já começando os trabalhos da noite e se atracando, sem pudor, pelos cantos escuros ou sofás ingleses. Mulheres seminuas desfilam seus corpos malhados jogando cabelos e olhares cheios de promessas de uma foda quente.

Nada interessado ao que elas têm a oferecer, levanto a cabeça e minha atenção recai sobre as quatro gaiolas gigantes que flutuam no ar, sustentadas por grossas correntes presas ao teto. Uma em cada canto da boate... Dentro delas mulheres deslumbrantes, vestindo nada mais que um adorno de penas brancas na cabeça, esfregam e comprimem seus corpos nus contra as barras de aço cromado de seus cativeiros. Uma ruiva, outra morena, uma mulata e até uma oriental. Diversidade parece ser o lema por aqui... Corro os olhos examinando o cardápio feminino... Constato que não há nenhuma loira com cabelos cor de algodão doce...

*Nem poderia, minha Caipira é única.*

Puxo o ar para os meus pulmões como um afogado prestes a sucumbir. De loira angelical e adorável, já basta a traidora que não sai dos meus pensamentos. *Caralho! Como vou conseguir sobreviver a este maremoto chamado Nina?*

Estar apaixonado é uma merda.

O som agudo se sobrepõe a música alta. — 29 e 30. — a voz feminina e rouca anuncia os próximos desafiantes. Gritos eufóricos de torcida e aplausos tomam conta do ambiente. Enfio a mão no bolso de trás do meu jeans e resgato a minha senha: 31.

Uma muito bem-vinda onda de adrenalina explode e minha pele esquenta. Salto do banquinho e resolvo me ambientar, passo pelo salão ignorando as esbarradas propositais e cantadas que recebo de algumas mulheres. Estou focado na movimentação que acontece na área VIP, nos fundos da boate. O cara que idealizou isto aqui é um gênio, juntar mulheres e luta em um só lugar foi uma cartada de mestre.

A torcida se aquieta e o som alto volta com tudo. Caminho a passos largos em direção às pessoas que se aglomeram em torno do ringue profissional, o coração batendo forte no peito pela expectativa de uma boa briga. *É disso que eu preciso!* Descarregar a minha raiva, dando uma dúzia de socos. Chego a tempo de pegar o último lance da luta que começou há menos de dois minutos. Um cara alto, com cara de fuzileiro, desfere um golpe certo na mandíbula de seu adversário. O homem todo tatuado cambaleia, cambaleia... Pende de um lado para o outro e despenca no chão como fruta madura, deixando um rastro de sangue ao cair.

A torcida explode... Uma ruiva vestida em um micro shorts e tops brancos entra sorridente e anuncia o campeão.

Minha vez.

Sigo para o canto do ringue onde uma morena alta segura um tablet. Entrego a ela a minha senha. *Opa!* Ganho uma olhada tão selvagem, que em outros tempos, me faria desistir da luta e fodê-la aqui mesmo.

— Olá, 31. — ronrona e não posso deixar de reparar que seus mamilos despontam para a vida.

— Sou o próximo. — digo seco.

— Hum... Como estamos de mau humor, hein. — seus olhos descem por meu peito e recaem em minha virilha. — O que foi? A esposinha recusou um boquete? — aproxima-se e espalma a mão em meu pau e meu corpo tensiona. Giro o corpo negando-lhe o contato. — Uau, que Gato Arisco. — leva o dedo a boca. — Não precisa lutar, posso te relaxar em dois tempos.

— Vim para lutar.



— Tem certeza? — a morena faz biquinho e seus cílios postiços sibilam. — Com um pacote desses, acho que consegue diversão muito melhor e de graça.

— Não estou interessado.

— Nem, se eu te der tudo? — suas mãos alisam as ancas generosas. — Tem cara de que gosta de uma foda mais dura. Adoraria ficar de quatro e latir como sua cadelinha no cio.

— Sou mais uma gata. — pisco e deixo a morena resmungando algo sobre eu ser gay, dou um impulso e subo no ringue.

Meu adversário já está concentrado em um canto. O cara é grande, tem cara de mau e parece acostumado a lutar. *Excelente!* Testo as cordas e com um único salto caio para dentro. Aplausos e até alguns suspiros começam a pipocar. Avisto Mike que gesticula freneticamente, debruçado em uma das quinas e vou até ele.

Aceno para um grupo de mulheres, que gritam tentando chamar a minha atenção. Recuso o copo de bebida que me oferecem. — Mais tarde, senhoras. Tenho que me concentrar para a luta. — sorrio, paro em frente ao Mike e seguro nas cordas de proteção.

— Que foi?

— Melhor desistir. — diz com ar preocupado.

— Nem pensar, foi para isso que eu vim. — estranho a tensão em seu olhar, ele já me viu lutar milhares de vezes e com caras muito maiores. — Relaxa, posso dar conta fácil desse aí.

Mike me estuda por alguns instantes... — Não é com este adversário que estou preocupado. É com aquela lá. — aponta para a entrada da boate.

Acompanho seu dedo e meu coração congela... Uma cabeça loira, adorável e decidida começa a atravessar o salão. Euforia, raiva, tensão, tesão, ciúmes, posse ... Milhares de emoções começam a bombar dentro de mim. — Puta que Pariu! Quem trouxe essa maluca? Aqui não é lugar para ela. — esbravejo entre dentes.

As feições de Mike se contraem em uma demonstração clara de apoio e desgosto.

— Veio por conta própria, era isso ou os jornais.

— O quê?

— Não entendi direito o que o Rafael falou... — Mike parece mais aturdido do que eu. — Ela ia denunciar um sequestro.

— De quem?

— O seu.

Olho para a cabeça loira que chega cada vez mais perto. — Mas..., mas eu não fui sequestrado! — berro o óbvio, por falta de coisa melhor.

Mike levanta os ombros. — Os caras passaram um dobrado com ela. Gritou e ameaçou todo mundo.

Minha sobrancelha levanta em descrédito.

— Impossível. Nina odeia escândalos.

— Mas, fez uns dos bons lá no hotel. Os homens não tiveram outra alternativa a não ser contar onde você estava, ela queria ir para a sede do jornal local.

— O quê? — esfrego a barba sem poder acreditar.

— Theo Callas!

*Maldição!*

Mike e eu giramos ao mesmo tempo, atraídos pela voz doce, braba e um pouco rouca. Encontro Nina parada logo abaixo de nós, com seus braços abraçando o corpo em uma postura protetora. Seus lindos olhos estão tão expressivos que posso ler tudo neles... Um redemoinho de choque, fúria e confusão.

Noto uma fragilidade em seus gestos. Está parecendo uma daquelas bonecas de porcelana, que pode quebrar em mil pedaços só de se olhar.

Ela não está bem.

Se aquele alemão fez alguma coisa com ela... *Caralho!* Checo rapidamente, para ver se tudo está no lugar. Sua carinha de boneca está vermelha, os cabelos em um rabo de cavalo bagunçado, o jeans todo sujo e a regata amarrotada. Não parece alguém que acaba de sair de uma reconciliação romântica. Ao contrário de satisfeita, parece contrariada e louca. O que a deixa absolutamente ainda mais divina .

— Você está bem? — pergunto com cuidado.

— Como posso estar? Este lugar é nojento. — gagueja e seu nariz franze de um jeito meigo que me derrete.

*Linda.*

Como uma mulher consegue ser tão doce, mesmo furiosa? Embasbacado, não consigo fazer nada além de olhar para ela. Não sei lidar com isto que ela me provoca. Tenho que estar furioso, brigando com ela, não seduzido e com vontade de colocá-la em meus braços e sumir no mundo.

Nina puxa uma respiração trêmula e na sequência, um pequeno suspiro escapa de seus lábios. Um gesto sutil, mas que sinto reverberar em meu pau que vibra forte e acorda para vida.

*Merda, ela é quente, de qualquer jeito.*

— Delícia de polaca! — alguém grita chamando a minha atenção.

— Mais respeito, seu babaca! — revolto-me.

Apono indignado para o ordinário, que não tem a elegância de fingir constrangimento. E só então percebo que ele não está sozinho, existem mais os olhares indiscretos e famintos vindos de todos os cantos e sou tomado por uma onda incontrolável de ciúmes.

Nina é ingênua e boa demais para frequentar um lugar como este. Não a quero sendo comparada à estas mulheres. Meus instintos protetores e possessivos afloram ...

— Levem-na daqui! — ordeno à Rafael e Miguel. — Isso aqui não é lugar para você! Me espere no hotel! — repreendo Nina. — Quem são estes caras? — aponto para o policial e o homem esquisito parados ao lado de Miguel e Rafael.

Nina morde os lábios obviamente surpresa com a minha mudança de tom.

— Meus amigos, eles vieram me dar apoio. — responde e olha para os dois de modo carinhoso, o que me irrita mais. — Não vou embora sem você. Anda, precisamos conversar. Estou muito chateada, não tinha o direito de me espionar.

*Como assim não tinha o direito?*

*Sou seu namorado, porra!*

— Três Minutos! — a voz feminina e rouca anuncia no autofalante.

Indignado, solto um palavrão e os olhos da caipira arregalam.

— Essa é boa! Eu só estava com saudades e preocupado com você! E para a sua informação, quem está chateado sou eu! — disparo mais

alguns palavrões, enquanto Mike me pede calma e eu o ignoro. — Cadê o alemão? Ficou de encontrá-lo mais tarde?

— Que alemão?

— Seu marido, porra! — berro e um burburinho se forma.

Soltando fumaça, Nina sobe no degrau que dá no ringue. Mike e Rafael fazem às vezes de barreira, dando-nos um pouco mais de privacidade. Arrasto-a para um canto mais seguro e discreto. Ficamos cara a cara. Eu do lado de dentro e ela do lado de fora, agarrada às cordas de proteção.

— Ele não é meu marido. — diz baixinho.

— Mas já foi.

— E daí?

— E daí, que não me disse nada, caralho!

— Não disse, porque não era da sua conta.

— Obrigado pela consideração. — esbravejo baixinho, encostando nossos narizes.

— Theo, por favor. Não estrague tudo.

— Eu estragar tudo? Saiu correndo, viaja sem me avisar, descubro que já foi casada e sou eu quem está estragando tudo?

A tensão entre nós atinge níveis máximos.

— Olha aqui, seu insensível. Meu dia foi um inferno, estou alta por causa do vinho e sem a menor paciência para discutir sobre qual de nós dois estragou mais as coisas. Problemas é que não me faltam então, por favor, não vire um deles. Estou por um tris de perder a cabeça e fazer uma loucura. — *Que loucura?* Nina ofega e segura tão firme as cordas, que os nós de seus dedos estão brancos. Me preocupo, a Caipira bêbada é novidade para mim e uma incógnita. — E tem mais um detalhe, meu Anjo... — ela respira focalizando meu rosto. — O senhor também pisou feio na bola comigo. Não pense que esqueci o que a Thenka falou sobre a Andreza e a forma como me tratou na frente dela.

*Droga!*

Ambos temos nossos telhados de vidro. E sejamos embalados pela raiva ou pelo álcool, o fato é que estamos agindo como dois adolescentes.

Fecho os olhos, redefinindo as prioridades. — Quer saber? — abro os olhos e a encaro com seriedade — Nós dois estamos metendo os pés pelas mãos... Errei feio no restaurante, deveria ter tomado uma atitude

assim que entrei, mas não quis te expor. Tem que concordar, chegar lá e te encontrar com outro homem foi um baque.

— Theo... — Nina tenta me interromper.

— Não. Eu estou falando agora! — digo firme e Nina fecha a boca, contrariada. — Pensei que tivesse deixado claro, que a coisa é para valer entre nós. O que a Thenka falou sobre a Andreza é fantasia da mente perturbada dela, nunca houve nada, além de umas poucas noites de sexo. Um caso acabado e sem a menor importância para mim. Não temos uma história, não houve um amor e nem terá um casamento. Se você não está preparada para assumir um compromisso, é só dizer. — tomo fôlego e continuo. — Vou ter que respeitar sua decisão, mas daí as coisas serão diferentes. Eu não vou esperar e nem exigir mais nada. Se quer que seja assim, por mim tubo bem. Se não quer dar satisfação, não dê. Se gosta de ser dona do seu próprio nariz, que seja. Se quiser voltar para o seu alemão, volte. Só não me faça de palhaço.

Nina balança a cabeça de forma indignada e tenta passar a mão no meu rosto, mas me afasto.

— De onde tirou uma ideia absurda desta? Eu jamais te faria de palhaço...

— Um minuto. — a voz explode no alto falante e Nina toma um susto.

— Que um minuto é este? — pergunta confusa. — Theo, sobre Bernardo eu pensei melhor e acho...

— Depois, não aqui e não com álcool em nossos sistemas. — interrompo-a, não tendo certeza de que estou preparado para ouvir o viria a seguir. — Estou ocupado.

— Com o quê?

— Se não percebeu, estamos em um ringue. — Nina checa rapidamente, compreensão brota em seu rosto que se transforma em uma careta. — Não vim aqui atrás de mulher.

— Não?

— Não. — confirmo ainda mais sério e sem desviar o olhar de Nina, arranco a camiseta pressionando-a contra o seu peito. A torcida feminina atrás de nós, explode em um grito histérico.

— O que está fazendo? Olha só estas mulheres... — Nina pega a camiseta e começa a me cobrir. Dou alguns passos para trás. — Theo

Callas, volta aqui! — tenta escalar as cordas de proteção, mas é impedida por Mike. — Me solta, droga! — estende a mão em minha direção. — Veste esta porcaria de camiseta! Não me diga que vai brigar? — seu rosto angelical endurece. — Vamos conversar, não será brigando que irá resolver seus os problemas! Isso é fuga!

Dou risada.

*E sair daquele jeito ontem, não foi fugir?*

— Isso não é da sua conta. — debocho, revidando na mesma moeda. — Vim para lutar é e exatamente o que eu vou fazer. Direitos iguais, Caipira. Não é assim que prefere, cada um por si?

— Cada um por si? Não! — balança a cabeça com ênfase, — Você entendeu tudo errado. — gagueja e seus olhos começam a ficar turvos.

— Será? Eu tenho minhas ... — sou interrompido por uma mão feminina que surge na minha frente como uma flecha. Garras vermelhas seguram um copo. Giro e vejo a morena da inscrição

— Trinta segundos, Gato Arisco. Bebe isto, vai te relaxar.

Recuso, ela insiste e eu aceito.

Mike e Nina gritam um não estridente e eu bebo tudo, sem ouvi-los ou perguntar o que é. O líquido verde desce queimando e acendendo meus sentidos.

— Boa sorte, Gato. — a morena acaricia meu peito.

— Tira a mão dele, sua oferecida! — Nina explode de ciúmes, o que me deixa envaidecido, mas não ao ponto de desistir. — Theo? É assim que vai ser? Cada um por si?

Sem tempo para responder, vou até o canto do ringue esperar o aviso de início da luta. Quando viro e voltamos a nos encarar, há decepção nos olhos da Caipira. A mesma decepção que eu senti ao vê-la com o alemão.

Meu coração balança, talvez esteja sendo duro demais. Começo cogitar a possibilidade de desistir da luta e ir me resolver com ela de uma vez por todas. Fico indeciso... Razão e emoção travando uma verdadeira batalha dentro de mim. Penso... Penso... Penso, enquanto observo Nina descer do ringue amparada por Miguel e Rafael, depois, libertar os cabelos do rabo cavalo e sorrir de um jeito cínico, que me deixa em alerta.

— Vá em frente, Campeão. Faça o que quiser. — Nina endireita os ombros, o que a faz parecer maior do que é. — Só não reclame, pois se

você pode, eu também posso.

*Pode o quê?*

Distraído com as palavras da Caipira e os gritos da torcida que recomeçam, não percebo quando o sino toca e sou surpreendido pelo meu adversário, que me ataca com uma chave de pescoço. Tento me desvencilhar do golpe e sem poder fazer nada, assisto Nina arrancar a regata e ficar só de sutiã rendado azul.

*Putá que pariu!*

Depois, em uma jogada espetacular dos cabelos, ela dá meia volta e caminha decidida, no meio de uma multidão de homens enlouquecidos com a cena.

*Filha da mãe!*

Quero gritar para vestir a merda da blusa, mas estou muito estrangulado para isso. Agarro firme nos braços do meu oponente, em uma tentativa de não morrer. Preciso me manter vivo para acabar com a raça da Caipira.



## Nina

Com o sangue fervendo em minhas veias, disparo em direção ao palco o mais rápido que posso e sem olhar para trás. Estou cega por um ciúme que nunca senti igual. Tudo que me vem à mente são os gritos histéricos da mulherada e a mão daquela lambisgóia alisando o peito de Theo.

*Bandido, ele me paga!*

*Custava ir embora?*

*Custava, né!*

*Quem vai embora de uma boate de sexo, antes de fazer o que foi fazer em uma boate de sexo?*

*Sou muito burra mesmo.*

Possessa, vou desviando das pessoas, enquanto ignoro as cantadas dos homens e as súplicas de Miguel e Rafael que seguem atrás de mim. Com o coração a mil, abro caminho como posso entre os homens que

rodeiam o palco. Focalizo meu alvo, um dos canos de pole dance está vazio, para o meu azar é o mais central.

*Dane-se.*

Desajeitada e sem tempo de procurar pela escada, escalo o palco de maneira que consigo e nada glamorosa.

— O que faz aqui? — uma mulher linda grita.

Só de calcinhas, ela vem em minha direção. *Uauu!* Seus peitos são enormes e dariam para alimentar um berçário inteiro. Ela tem uns adesivos esquisitos tampando seus mamilos: são vermelhos cintilantes e com uns pingentes engraçados que balançam a cada passo que dá. Sua nudez é tão impactante e tão cheia de curvas, que me sinto uma raquítica e uma madre carmelita em meus jeans e sutiã de rendinha comportados. Ela para diante de mim, com as mãos na cintura. Não sei porquê, mas a requebrada que dá nos quadris e os cabelos pretos e brilhantes batendo em sua cintura me lembram uma diva pop famosa.

— O que pensa que está fazendo, fofinha? — insiste.

Paro e por instinto, imito sua paradinha sexy e requebro meus quadris. — Me vingando do meu namorado, por quê?

Ela sorri.

— Ele está aqui, por um acaso?

— Está. É o moreno alado se exibindo no ringue. — esbravejo e aponto para o fundo da boate.

Na mesma hora, ambas olhamos para o local que estou indicando e assistimos Theo abaixar e, num impulso de pernas e tronco, catapultar seu oponente que voa no ar.

*Ai Jesus!*

— Isso Theo, acaba com ele! — grito sem poder me conter, depois me assusto quando o homem se estatela no chão, Theo sorri, olha na minha direção e sua expressão muda para desgosto. Nossos olhares cruzam e apesar do barulho consigo entender um — Desce daí, porra! — gritado por ele, antes de uma mulher pular as cordas e esfregar os peitos nele.

*Mas o que está conhecendo lá?*

*Ordinário!*

Ele se debate, a mulher esfrega-se mais e... e... e.... A morena que lhe ofereceu a bebida aparece do nada e sem cerimônia, segura o meu



Indecente! *Ai que ódio!* Theo se contorce, enquanto é apalpado em todos os lugares possíveis e impossíveis.

— Deus! Elas vão estuprar ele!!! — desespero-me. — Alguém tem que fazer alguma coisa!?

Miguel, Rafael e os meus dois novos amigos saem correndo para os fundos da boate.

— Ihhhh, fofinha. — a mulher dá uns tapinhas consoladores em meu ombro. — Esquece, pelo jeito seu homem pediu por isso... Deve ter escolhido o nosso vale tudo.

— Mas isso vale? — aponto sem poder acreditar, para a cena de corpos misturados.

— Como eu disse, é vale tudo. Só que aqui, as mulheres também participam. Os lutadores no geral adoram. — a stripper olha para mim com certa pena. — É melhor não ser do tipo ciumenta e esquecer o seu gato por hoje, a morena é a nossa melhor puta, sempre captura seu alvo.

Olho confusa... a mulher sorri com mais pena. — Todos acabam na cama de Lorena, ainda mais se ela os batizou.

*Macacos me explodam!*

— Batizou?

— Eles sempre se rendem aos encantos da fada vede, mas esquece. — a dançarina desconversa e fico sem entender que diacho de fada verde [29]\_é esta. — Se eu fosse você iria embora.

*E deixá-lo aqui?*

*De jeito nenhum!*

Volto a atenção para o ringue e Theo grita algo que não consigo entender, três seguranças, mais Mike, entram no campo da luta. Os homens penam para desgrudar as mulheres de seu corpo. A ruiva cai de joelhos e quase beija a virilha dele, a morena tentar tascar em beijo em sua boca, mas Theo escapa aturdido rindo.

*Deus Santo, que pouca vergonha!*

Uma onda possessiva de raiva queima a minha pele.

*É deste tipo de mulher que ele gosta?*

*É isto que faz quando sai para se divertir em São Paulo?*

— Ninaaaa! — Theo berra indo em direção as cordas. Á dois passos de tocar a proteção, é capturado na cintura pelo gigante que se

recuperou do golpe. O homem ensanguentado levanta e chacoalha o corpo de Theo como uma marionete. Mais mulheres invadem o ringue e o caos se instaura.

— Já chega! Como eu trepo neste troço? — pergunto tomada pela ira.

— Vai mesmo fazer isto, fofinha?

— Vou. Ah se vou! — seguro o cano ao meu lado, com tanta convicção, que a mulher até arregala os olhos.

— Tuuuudo bem! — levanta as mãos se rendendo. — Pense no cano como um amante... Faça amor com ele. — aponta para o poste que dançava antes de eu invadir o palco e sorri de um jeito cúmplice. — Venha, vou voltar a dançar... Se vai se vingar do moreno, é bom que faça direito. Basta imitar o que eu fizer, ok? À proposito meu nome de guerra é Andy.

Concordo como uma aluna aplicada e ela sorri satisfeita. — Melhor tirar os tênis e os Jeans.

*Opa!*

— Os tênis, tudo bem. — esfrego um pé no outro e fico só de meia. — A calça fica.

— Pode atrapalhar.

— Não tem problema.

Andy levanta os ombros como quem diz você-quem-sabe, em seguida, posiciona-se, bate palmas e luzes cintilantes e multicoloridas começam a pipocar pelo palco. *Uau!* Estica um braço, segura o poste e começa a girar em torno dele de forma lenta e sensual...

Aplausos e gritos masculinos explodem e como os homens, assisto ao espetáculo hipnotizada.

Não é para menos, ela é linda, incrível mesmo... Seus movimentos são leves e sexys, ela gira, ondula, esfrega-se, abaixa e levanta, interagindo com o cano como se ele realmente fosse seu amante. Com um gesto sutil de cabeça, me incentiva a segui-la.

Minha consciência dá sinal de vida e fico na dúvida se devo prosseguir com esta loucura, olho para o ringue, nenhuma mulher ou segurança, e parece que Theo está levando a melhor, um esboço de um sorriso surge em seu rosto, ao se esquivar de um golpe. Esquiva-se novamente e o sorriso cresce junto com os gritos de incentivo da torcida feminina.

*Desgraçado!!*

*Eu aqui com a consciência pesada e ele se divertindo!*

Respiro fundo e arrisco uns movimentos ... E me surpreendo, é uma delícia, quase terapêutico.

Nos minutos seguintes, embalada pela música alta e pelo álcool, que ainda corre em meu sangue, entrego-me às sensações da dança e lentamente, a raiva vai se transformando em prazer... A cada movimento, eu me sinto mais leve e distante da luta que acontece a todo vapor no palco.

Acaricio o poste, imagino um Theo menos canalha e faço amor com ele... Fecho os olhos, ondulo, subo, desço, enrosco minha perna, giro, jogo os cabelos e me sinto livre... Andy começa uma sequência de movimentos que eu tento imitar... Dou um impulso, agarro-me ao poste entrelaçando as pernas e desço em um movimento circular... *Delícia!* As repetições vão ficando mais ousadas e os gritos dos homens mais histéricos.

Andy vai além, ficando de ponta cabeça, e eu também... Aplausos... Assovios...

*Deus! Eu nasci para isso!*

Empolgada, repito os movimentos. Simultaneamente, uma explosão de aplausos e gritos, vindo do fundo da boate, recomeçam... Abro os olhos e tudo acontece muito rápido... De ponta cabeça, vejo o olhar mortífero de Theo em minha direção, depois, seu punho fechado acertar em cheio o nariz já ensanguentado do homem, que é lançado para trás como um foguete... Theo pulando as cordas de proteção... Eu me afobando, meu dedão machucado raspando no poste, uma dor absurda, enquanto tento me agarrar como posso, antes de me estatelar de lado no chão.

*Aiiii, Cacilda!*

— Aí fofinha você está bem? — Andy fica de joelhos e inclina-se sobre mim. Seus peitos gigantes quase roçando os meus e os pingentes em seus mamilos fazendo cócegas em meu colo. — Que droga! A culpa foi minha, me empolguei nas acrobacias, mas estava acompanhando tão bem.

— Eu que me distraí e acabei batendo meu dedo machucado. Está tudo bem. — sento rápido em posição de lótus cruzando as pernas, totalmente envergonhada e um pouco sufocada com tanta gente observando.

O constrangimento diminuiu um pouco quando Andy faz um sinal e as luzes e som do palco são desligadas e ficamos protegidas pela penumbra.

Focalizo as pessoas abaixo do palco, iluminadas pela pista em busca de um rosto conhecido e não encontro ninguém. Segundos depois, vejo Theo despontar abrindo caminho entre as pessoas como se elas fossem pinos de boliche. Sem camisa, pálido e milagrosamente sem nenhum arranhão ou hematoma no rosto, chama meu nome como um desesperado. Ao me ver, seus gritos se transformam em um gemido estrangulado. Pula no palco e desliza de joelhos. Capto a intenção dele em me abraçar, sou mais rápida e inclino o meu corpo para o lado buscando apoio no nos braços da stripper.

— Nina, mas que droga! Quer me matar do coração? Podia ter quebrado o pescoço, caramba!!

Eu olho com incredibilidade por um momento, antes de rosnar...

— Mas não quebrei. E se não se importa, gostaria que me deixasse em paz.

Seu rosto endurece. — O que deu na sua cabeça para arrancar a roupa e ficar se expondo desse jeito? Se queria tanto assim me ferir, que me desse um tiro logo!

A dançarina endireita o corpo e os pingentes tintilam.

— Você é o namorado? — ela pergunta antes que eu possa despejar umas verdades.

— Sou. — Theo responde sem tirar os olhos brilhantes de mim.

— Seu babaca prepotente. — a stripper rosna e ambos a encaramos surpresos. — O que deu na sua cabeça, você? Deveria cuidar melhor da sua fofinha, se ela caiu foi por culpa sua. Os homens são todos iguais mesmo! Se ficou assim tão ferido, viesse atrás, a impedisse! Mas não! Preferiu se divertir socando um outro babaca qualquer.

O rosto de Theo suaviza ligeiramente. — Droga, Nina, foi isto que pensou? Que estava me divertindo?

— E não estava?

— Claro que não! Não é legal ser estrangulado por animal, enquanto assisto a minha mulher transar com um poste.

— Mas você sorriu. — insisto. — E... E... Aquela outra pegou no Indecente. — meu estômago contrai só de relembrar a cena e fecho os olhos, magoada.

— De nervoso, Caipira... Odiei ser tocado daquela maneira. Juro. — solta um suspiro pesaroso. — Mas que merda! A culpa foi minha,

deveria ter ido embora quando me pediu. — sinto Theo apalpar meu corpo, quero me afastar, mas não consigo, o calor de suas mãos é reconfortante. — Está bem? Quebrou alguma coisa?

Abro os olhos e pela sua expressão, deve ter mesmo, levado o maior susto ao me ver cair.

— Estou bem, não foi nada, só um tombinho.

Theo se acomoda melhor, me puxa e me abraça com cuidado e há tensão em cada um dos seus músculos. — Me perdoa, Caipira. Perdi a cabeça.

— Odiou mesmo quando ela te apalpou?

— Muito. — ele diz de volta suavemente e afaga meu rosto. — Descobri, que só gosto de ser tocado por você.

Mordo os lábios e pergunto — Sério isso? — esboço um meio sorriso.

Ele morde o canto da boca e assente.

*Deus! Eu amo quando ele faz isto.*

Meu coração aquece.

— Ai que amor! — a bailarina suspira e bate palmas. — Melhor deixar os dois se resolverem. — a stripper levanta. — E vocês? O que fazem aqui ainda? Estamos em um puteiro, não na merda de um circo! Vamos, todos circulando! Vão foder umas mulheres e deixem os fofinhos em paz! — sai enxotando os poucos bisbilhoteiros que ainda restam.

Espero até ficarmos tecnicamente sozinhos para acariciar seu rosto inexplicavelmente intacto. — Sinto muito por não ter contado sobre o Bernardo.

— Esse jantar significou alguma coisa?

— A certeza que não quero vê-lo nem pintado de ouro.

— Então esquece o alemão, as mulheres e as merdas que eu falei... Eu errei, tirei conclusões precipitadas, puxei todos os seus limites e me sinto péssimo por isto. — ele me dá um beijo delicado no canto da boca. — Eu sei que temos muito que conversar, mas agora, tudo que me interessa é cuidar de você. Não fuja, me dê uma chance...

*O que eu digo?*

Theo espera uma resposta e seus olhos chocolate mel estudam meu rosto com paciência, mas intensidade. E sei o que enxergam... receio.

Afundo meu rosto em seu peito e inalo seu cheiro para decidir o que eu quero. A razão diz afaste-se: perigo. *Poxa vida! O que eu faço?* Já confundi este sentimento com tanta coisa: amizade, gratidão, carência, saudades, incompreensão, dor e até fome.

*Meleca!*

Mas agora há algo novo que não sei explicar... Algo como: dessa-vez-vale-a-pena-mesmo-que-tudo-aponte-o-contrário. Meu coração quer o Theo. Só o Theo. Este homem maluco, que está longe de ser um conto de fadas ou aquele príncipe perfeito, do felizes para sempre, calma e dias ensolarados. Nada disso, ele é tempestade, um pé saco e tem muita personalidade para se prestar a um papel morno de ficção.

— Então... nós estamos bem?

O tom doce em sua voz e o jeito carinhoso com o qual acaricia meu rosto, me indicam que sua raiva já passou. O problema, que a minha ainda pipoca. — Theo...eu... — levanto o rosto para encará-lo. Titubeio ao ver seu olhar resabiado. Seus olhos estão brilhantes de um jeito inesperado... Quase lúdicos.

— Sei que não somos nem um mar de rosas, Caipira, mas não desista de mim.

*Oh meu Anjo, como posso desistir de você?*

Acaricio seu rosto bonito. Só se eu estiver louca. E sinceramente, não importa se juntos somos tortos, confusos ou até errados. Se vamos brigar, cometer erros ou acertar. Tudo que eu sei, é que eu gosto dele do jeito que dá, do jeito que eu sei e do jeito que somos... Imperfeitos.

Inclino dando uma sequência de beijos até o seu pescoço. — Sabe que detesto rosas, meu negócio são as nuvens. — sussurro em seu ouvido.

Theo sorri satisfeito, abaixa a cabeça e cobre minha boca com a dele. Esqueço-me onde estou quando a pele macia do seu peito acaricia a minha e ele empurra, deita e junta nossos corpos como um desesperado. Beija-me mais profundamente, abrindo os lábios, chupando a minha boca e mordendo-a, para finalmente, deslizar sua língua sobre a minha. E eu me esparramo sobre o palco e me derreto, deixando nossas línguas fazerem as pazes. E me excito com os grunhidos que emite, como se estivesse saboreando algo especial. Algo que realmente ama.

E isto me fez querer dar a ele o máximo de prazer possível através de um beijo. Despejo minhas desculpas em cada movimento da minha boca

e em cada toque em suas costas e braços nus. Seus sons aumentam... Sinto a vibração deles em minha garganta... É excitante e uma delícia, que Theo seja tão vocal quanto eu, gosto dos seus gemidos quando começa a perder o controle. Fico ligada, minha calcinha encharca e o desejo entre as minhas pernas insuportável.

De repente nossas bocas desgrudam e uma chuva de beijos assalta meu rosto, ao mesmo tempo que promessas sobre cuidado, amor e devoção são feitas.

— Estou tão apaixonado por você que isto me assusta.

*Deus estou no céu!*

*Os anjos são reais e eu tenho um.*

— Hum, hum... Desculpa Theo, mas aqui não é lugar para ah...uh... isso. — a voz constrangida de Mike me faz despencar das nuvens e sentar.

Quando me ligo do que estávamos prestes a fazer e onde, pulo feito uma cabrita ficando de pé. — Putz que vergonha! — gemo.

Theo vem em seguida, cobrindo meu corpo com o seu. Ele quase perde o equilíbrio e balança como um pêndulo. Passo a mão por seu rosto e pequenas gotas de suor frio umedecem sua pele.

Mike se adianta em nossa direção, preocupado. — Tudo bem, cara?

— Tudo... Acho que subi rápido demais, só uma vertigem. Desculpe por isso, Nina... Não queria passar dos limites, mas perdi a noção de onde estávamos.

Não o recrimino, também perdi. Com um gesto rápido da mão digo para deixar para lá.

Os outros rapazes chegam segundos depois e fico mais do que feliz com isso. Tudo que me faltava era ser pega por meu colega de trabalho quase nos finalmente com seu chefe. Constrangido, Mike nos entrega o tênis e a camiseta do Theo. — Não encontramos a blusa da Senhorita Nina. — diz sem jeito.

Só agora me dou conta que nós dois continuamos despídos da cintura para cima. Minhas mãos vão direto para os meus seios e a pele do meu rosto esquenta. — Ai droga! Devo ter largado no chão quando tirei. — olho para minha bolsa, que Miguel segura e praguejo baixinho ao lembrar que não trouxe minha tradicional muda de roupas.

— O que foi? — Theo pergunta.

— Não trouxe outra blusa.

— Veste. — ele me dá a camiseta.

— Não. Veste você. — devolvo rezando para ele vestir a porcaria logo. Ok, ele devolve para mim.

Theo suspira impaciente. — Não pode sair sem camisa. Veste.

— Nem você.

Fecho os meus olhos e começo a contar até dez. Theo tem a capacidade de mudar em segundos e me arrastar com ele nessa montanha-russa.

— Deus, Nina! — exalta-se.

— Deus o quê? — abro os olhos só um pouquinho e observo-o através dos meus cílios. — Se pode sair por aí sem camisa, eu também posso.

— Mas você tem peitos! — exclama.

— E você tem asas! — constato o óbvio.

Faço meu ponto, ele fecha a cara e ambos entramos em uma guerra de olhares. O impasse está formado, o silêncio se estende até que Mike cai na gargalhada.

— Isso nunca vai mudar? Bem se vê que os dois se merecem! Quanta teimosia! A Senhorita veste isto. — tira a camiseta das mãos de Theo e me entrega. — E você veste isto. — tira o terno e entrega para o Theo. — Satisfeitos? Todas as joias de família estão protegidas? Vamos dar o fora daqui.



## Dezesseis



— **S**abia que tem uma pinta na bunda? Parece um coração.

— Hum... Hum...— sorrio languidamente. — Me disse isso há três minutos atrás. — permaneço abraçada aos travesseiros, nua e de bruços na cama enorme da suíte que Theo reservou na cobertura.

— Disse é? ... Ah... Você tem a bunda mais perfeita que já vi.

— Obrigada. — agradeço ao elogio, que também já foi feito.

Forço os meus olhos abertos... Não é para menos, estou exausta. Theo está me dando um baile. A tal fada verde fez a sua magia minutos depois de sairmos da Boate e ele se transformou em um impulsivo impossível. Qualquer tentativa de conversa séria ficou impraticável e meus planos de contar-lhe sobre as descobertas do Shopping por água a baixo.

Primeiro uma crise interminável de risos, depois um tour por Curitiba, com o relógio do carro apontando uma da manhã... O quase telefonema para o prefeito, só porque comentei que amava a estufa de cristal do Jardim Botânico e as tulipas brancas de lá.

— *Por que não? Disse que são as suas preferidas no mundo!*

Quando a coisa pareceu acalmar tudo recomeçou... Um interrogatório sobre o que foi dito no restaurante, seguido da ideia maluca e insistente de irmos à Vegas e casar, não sem antes, passarmos em uma lanchonete e nos munirmos de sanduiches e sorvetes para a viagem. A crise de indignação e ciúmes quando recusei o pedido e ele descobriu que o trajeto do carro não daria ao aeroporto.

— *Casar-se com aquele babaca do Alemão, pode. Mas comigo não?*

A chegada barulhenta ao hotel, o cartão da suíte que sumiu, a porta arrombada, as roupas arrancadas e jogadas pela sala, os beijos:

intermináveis, safados e molhados... Outro pedido de casamento, outra recusa, outra crise, mais beijos... O banho de duas horas...

— *Theo, já me lavou aí mais de cinco vezes!*

— *É tão macia... Você tem a boceta mais incrível que eu já vi.*

O ataque de beijos, cócegas, uma foda incrível embaixo do chuveiro... Outra impressada na janela do quarto e mais uma no balcão do bar... Tanta disposição, que triplicaram as minhas suspeitas de que além do Absinto, a desgraçada da prostituta aplicou uma dose de Viagra.

*O fogo e o pau dele não baixam nem por decreto!*

— Seu corpo é tão lindo... Te foder é uma experiência transcendental.

*Jesus! Fada verde, eu te amo e eu te odeio.*

— Theo, meu Anjo... São quinze para as seis da manhã. Temos que estar no aeroporto em menos de duas horas... Que tal dormir um pouquinho?

— E perder momentos preciosos da nossa primeira viagem juntos? Não... O jatinho tem um quarto, podemos estrear a cama de lá e depois dormir.

Quero argumentar que os quarenta e cinco minutos de voo não vão dar para fazer tudo o que planeja, mas desisto ao sentir sua barba e boca quente em minha orelha... Minhas terminações nervosas reacendem... — Quero fazer amor com você. — sussurra e rola o meu corpo para me beijar docemente. Me derreto quando seu corpo pesado cobre o meu e correspondo o beijo envolvendo meus braços em seu pescoço. — Eu gosto de você, quero ficar grudado em você para sempre. Por que isto te assusta tanto? Por que esta ideia dispara seus alarmes de pânico?

Beijo seu nariz...— Não dispara não... — tracejo a linha de seus ombros. — E não me apavora a ideia de ficarmos grudados. Só acho que a sua cabeça está em outra dimensão agora, quando essa brisa verde passar, vai ver o quão absurda é esta ideia de casamento. Esquece isso. Eu quero criar algo bom entre nós, não destruir o que já temos.

Theo assente pensativo, levanta a mão tocando cuidadosamente o meu lábio inferior. — Está inchado, desculpa morder daquele jeito.

Pressiono os lábios segurando o riso. *Tão lindo, louco assim!* Essa coisa que bebeu, o faz distrair-se com tudo. Ele está em uma onda,

alternando momentos viajantes com instantes de lucidez. O que é bem-vindo, esta cisma com casamento já está me dando urticária.

*Ele não me apavora, aterroriza-me no que as pessoas se transformam depois do casamento. Como dizia minha avó... O casamento não é o paraíso nem o inferno, é apenas o purgatório.*

*Para quê estragar tudo?*

Esfrego minha virilha na dele, na tentativa de lembrá-lo sobre sua vontade de fazer amor. Um sexo calminho vai fazer bem para nós dois. Seus olhos já brilhantes, fagulham, os cantos de sua boca levantam em um sorriso atrevido e ele começa a manobrar seu pau, eternamente duro, buscando passagem.

— Camisinha.

— Mas, com o tanto que já gozei, não deve ter mais nenhum espermatozoide dentro de mim.

— Não quero arriscar... — insisto, ele cai para o lado emburrado e alcança um novo preservativo. — Calma meu Anjo, só mais alguns dias.

Ele reclama algo como o mundo é injusto e só sei rir.

Estou feliz que nos acertamos.

Flashes da boate vêm e cubro os olhos com o braço. Meu riso agora é de nervoso. *Deus do Céu! Onde eu estava com a cabeça?* Para quê arrancar a blusa daquela maneira e me enfiar naquele palco? Suspiro e procuro não pegar tão pesado comigo, às vezes fazemos coisas no calor do momento, que jamais teremos como explicar.

Pois é... Essa sou eu no modo Theo Callas. E o mais maluco de tudo, é que gosto desta eu.

Mesmo com as brigas e seu jeito torto Theo me faz sentir segura. Suas emoções são todas tão transparentes, que eu posso simplesmente ser eu mesma. Com ele, eu consigo relaxar e me abrir de um jeito, que nunca me foi permitido. *Então, não! Nada de casamento!* A minha experiência me ensinou que o papel destrói o romance... O que é fácil e despreocupado, torna-se difícil e obrigatório. Perde-se a liberdade, a tolerância, a espontaneidade e até o respeito.

O colchão afunda com o peso do corpo de Theo que volta a pairar sobre o meu. — Não adianta se esconder. — sorri de um jeito doce e os nós dos seus dedos acariciam a minha bochecha.

— Só estava pensando... — tiro o braço e o encontro sorrindo com o rosto lindo iluminado pelo primeiro raio de sol da manhã.

Perco o fôlego e minha pulsação acelera, isto sim é transcendental.

*Sublime*

— Em quê?

— Deve ter me achado uma louca hoje na boate. Entenderia se desistisse de mim ali mesmo. Me comportei como uma daquelas mulheres.

Theo se apoia em um cotovelo e com a mão livre puxa meu pescoço até nossas testas encostarem. Nossos olhos quase grudam. — Fiquei muito puto na hora. Não foi nada bom ver aqueles imbecis desejando o que é meu. — com as coxas, ele afasta as minhas pernas e ergo os meus joelhos para aninhá-lo e recebê-lo. — Mas, estava sexy como um inferno fodendo o poste... E um ataque de ciúmes, não fará com que eu desista de você. Ao contrário, estou até pensando em mandar instalar um daqueles canos no meu escritório.

— Não foi ciúmes. — protesto sem muita convicção.

O canto de sua boca se contorce para cima — Hum...hum... Sei. Foi o que então? — pressiona a cabeça de seu pau contra a minha abertura.

Rebolo sedenta por mais contato, meus mamilos enrugam em expectativa e sinto todo o meu sangue ser drenado para as terminações nervosas entre as minhas coxas. Espero... espero e nada.

Cravo minhas mãos em seu traseiro puxando-o para mim. — Vem, Theo. — imploro com os olhos pesados, tomada por um desejo desesperador, angustiante e selvagem.

— Foi o que então? — abaixa a cabeça, captura um dos meus mamilos sugando-o com força para depois soltá-lo em um estalo e voltar a me encarar.

*Disgramado!*

— Theooo. — Ensaio um protesto, mas sou ignorada quando volta a me provocar deslizando a cabeça de seu pau sobre minha abertura escorregadia. *Torturador de uma figa!* Jogo meus quadris, já impaciente, mas seus olhos sorridentes me dizem que não vai me dar o que eu quero, a menos que eu responda. — Foi... Foi só ... que... uh... ahhh... — ofego quando ele impulsiona e o Indecente me brinda com um olá. Gemo esperando mais, ele para. — Elas queriam suas asas...

— Que evidentemente são só suas? — pergunta com uma presunção irritante.

— São. — concordo e ... — Oh, oh, oh, ohoooo. — ...gemo extasiada, sentindo cada polegada de seu pau enorme me penetrando duro. As paredes da minha vagina já sensível, vão se dilatando para recebê-lo. E mesmo que amanhã, eu vá precisar recorrer a pomadinha da doutora Nancy, tudo bem. Não há nada no mundo como isso e vou tomar quantas vezes seu corpo permitir. Ele é incrível, mesmo louco. Só para começar, é a forma como o Theo me olha, como eu fosse tudo o que ele sempre quis. E é impressionante como todas as partes dos nossos corpos se alinham perfeitamente neste processo de esfregar, meter e gozar...

Seus quadris começam um movimento cadenciado de empurrar, girar e tirar... Um vai e vem lento e profundo... Corro as mãos por suas costas suadas me deliciando com os músculos que expandem e contraem... Imagino suas asas batendo sobre mim... Quase posso senti-las... Talvez, misturada entre os nossos beijos, peles e suor, essa coisa que ele tomou, tenha passado um pouquinho para mim ... Posso jurar que fadinhas me rodeiam toda vez que, mete fundo e toca o ponto que faz meu interior, vibrar... vibrar e... vibrar.

Minhas mãos deslizam para acariciar os seus cabelos, há uma certa adoração e ternura nos movimentos de Theo e isto vira meu coração do avesso. Talvez, amanhã, ele nem vá se lembrar desta noite maluca... Não importa, eu guardarei estas lembranças por nós dois... O prazer, a emoção, o desejo, e o amor, que flui entre nós é tão real que quase posso tocá-los ... Quero que seja bom para ele, tanto quanto está sendo para mim, arqueio as costas mudando o ângulo dos meus quadris e *Uauuu* ... Começo a impulsionar e a girá-los o que faz o Indecente ir ainda mais fundo... — Ohoooo Nina, Nina, Nina... — ele solta um suspiro longo e apreciativo, seus olhos estão cerrados, a boca semiaberta e as feições de seu rosto indicam que ele está longe, muito longe... Perdido em alguma outra dimensão.

*Divino.*

Nossas respirações ressoam aceleradas e entrecortadas, no mesmo ritmo, os gemidos e grunhidos combinados... Somos um só. Insaciável ele passa o braço por baixo da curva das minhas costas, nos juntando mais... Suas investidas ganham um novo ritmo mais intenso, penetrando-me mais

mil vezes... — Theo, Theo, Theooo. — ronrono seu nome como um mantra de adoração.

*Hummm é tão bom...*

Ele afunda o rosto na curva do meu pescoço, sua barba pinica minha pele de um jeito bom, agarro seu braço trêmulo quando espasmos tomam a minha vagina. — Posso sentir cada vibração de sua boceta em meu pau. — sua voz está tão profunda e rouca, que quase não consigo entender.

Entrego-me as sensações de um gozo lento e intenso... Meu corpo perde o controle, as pontinhas dos meus pés se curvam emaranhadas aos lençóis... O pau de Theo engrossa ainda mais dentro de mim, ele me toma uma última vez, seus músculos contraem e depois relaxam, embalados por um gemido rouco que brota em sua garganta. Seu corpo pesado cai rendido sobre o meu que continua a vibrar prendendo-o e sugando-o.

Segundos... Minutos se passam até que Theo beija minha testa, rola seu corpo me puxando e invertendo as posições... Saciada e exausta fico sobre ele ouvindo a batida forte e acelerada do seu coração. — Eu te amo pra sempre.

As palavras sussurradas por Theo em meu ouvido me fazem estremecer... Se tivessem sido ditas em outra ocasião, mas aqui... Não sei o que responder... *E se eu disser a ele?* — Anjo... — começo, mas paro. Fico tentada em contar sobre o definitivo e infinitivo, mas contenho-me. Eu estou sã, ele não. Afago seu peito e fico quieta sentindo seu cheiro... Theo já disse tanta coisa hoje, embalado pela tal fada verde, que não sei se isto é real ou mais umas das suas alucinações...

— Tudo bem... — beija o topo da minha cabeça. — No seu tempo, Caipira. No seu tempo... Agora durma um pouco, vou ficar aqui cuidando de você.



## Theo

Acordo de sobressalto quando uma gota de suor escorre da minha testa alojando-se em meu olho esquerdo. *Merda, esta porra arde.* Esfrego o rosto para aliviar o incomodo, mas só pioro a situação. Estou encharcado de

suor e com calor... muito calor. Sem coragem de abrir os olhos e deixar que mais suor os irrite, permaneço inerte. Pouco a pouco vou tomando consciência do meu corpo estirado de bruços na cama. O braço preso sob meu abdômen está dormente, liberto-o e o estico ficando em cruz. Minhas mãos atravessam o colchão... Pequena. O cheiro familiar e reconfortante de Nina está em toda parte, mas não sinto seu corpo ao meu lado.

Abro os olhos, a claridade me cega. Fecho. Giro ficando de barriga para cima e meus músculos estão doloridos... Todos eles. Respiro fundo e concentro-me em afastar a névoa que cobre meus pensamentos... Puxo pela memória... Thenka, a briga, Nina, preocupação, a noite em claro, o whisky, Nina, Curitiba, desespero, jatinho, hotel, Nina, restaurante, decepção, ex marido, ressentimento, Nina, boate, fúria, peitos, raiva, luta, Nina.....

*Caralho!*

Perdi a hora!

Volto a abrir os olhos e é como se eu tivesse sido transportado para uma Liliput <sup>[30]</sup>. A cama gigante do hotel, o quarto espaçoso, tudo diminuiu. Confuso corro os olhos e... *Putá que pariu! Como eu vim parar no quarto da Caipira em São Paulo?*

Sento na cama e minha cabeça explode em mil fogos de artifício. *Merda! Merda! Merda!* Quero gritar por ela, mas a minha garganta está muito seca. *Que diabos?* Forço a memória... Nada. Respiro fundo, entrar em parafuso agora, não é opção. Avalio a situação, enquanto espero minhas pernas pararem de formigar. Não lembro de porra nenhuma, o que é um péssimo sinal. Mas estou no quarto da Nina, o que já é tranquilizador. Arrasto as pernas para fora da cama... Levanto, minha cabeça gira, fome e sede.

Como eu vim parar nesta camiseta branca e calças de moletom cinzas é uma outra questão. E por que estou suando feito um porco é uma boa pergunta também. Vejo uma garrafa de água e um copo na cômoda... A sede e o instinto de sobrevivência falam mais alto. *Água, preciso de água.* Vou até ela... Alguma merda muito grande deve ter acontecido, até as plantas dos meus pés doem. Ignoro o copo e entorno o líquido direto do gargalo... *Nina! Meu corpo retrai.* Busco por alguma lembrança de acidente... Carro, avião, atropelamento... *A luta?* Não, esta eu lembro que ganhei.

*Nina! O tombo!*

Saio do quarto e percorro o corredor que dá na pequena sala. A medida que me aproximo tomo consciência das vozes que vem de lá... Pedro e Thina. Tenho um mau pressentimento, lembro da conversa que tive com Nina na boate, da reconciliação, mas com ela é tudo tão incerto, que alguma coisa pode ter acontecido depois e posto tudo a perder. Meu peito comprime, preciso saber se estamos bem.

Paro a dois passos de entrar na sala. Pedro está sentado no sofá com a cabeça afundada entre as mãos. Os braços apoiados sobre os joelhos e de terno. Thina está sentada no pufe rosa, de costas para mim, e veste seu jaleco branco.

— Nina, desta vez ela passou dos limites. — Pedro diz irritado sem levantar a cabeça. *Ela?* — Não vou homologar esse absurdo.

— E tem o atestado. — Thina olha para o lado.

*Onde está Nina?*

Dou mais uns passos para obter uma visão mais ampla, a Caipira está apoiada no balcão da cozinha com os braços cruzados. Ela examina os pés descalços, o vestido azul claro de malha, curto e larguinho, que veste são atípicos para um dia de semana. Sua cabeça gira e seus olhos cravam em mim.

— Theo, graças a Deus!

— Porra, Campeão!

— Não disse, era só questão de tempo.

Encaro os três sem saber o que dizer, com exceção de Thina, os outros dois parecem desesperados.

Nina corre em minha direção e se joga em mim, abraçando-me forte. — Deus do Céu, você me assustou!

Aturdido, seguro seu rosto com as mãos. Os olhos furta-cores estão inchados e vermelhos. *Que diabos aconteceu?* — Desculpe. — peço sem saber porquê. Minha voz sai mais rouca do que de costume, limpo a garganta. Seus olhos verdes brilhantes enchem d'água. *Merda!* Odeio vê-la triste. Com o polegar, limpo uma lágrima que escorre. Existem milhares de questões que precisam ser esclarecidas, mas há uma que me aflige mais. — Estamos bem?

Sua cabeça linda e desgrenhada balança em um sim, antes de Nina afundar o rosto em meu peito. Solto o ar aliviado, abraço forte consolando-a



e volto a atenção para o meu primo e irmã que acompanham a cena em pé no meio da sala. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Quanto você lembra?

A pergunta de Thina põe todos os meus alertas em nível máximo. Nina levanta a cabeça e me encara em expectativa. — Como vim parar aqui?

Devolvo sua pergunta com outra

— Você apagou no avião e não queria mais acordar. — Nina sussurra a explicação.

Não entendo porque tanto drama.

— Quanto tempo estou apagado?

— Desde ontem de manhã. — Pedro entra na conversa.

Minha mente dá um nó. — Que dia é hoje?

— Sexta. — Nina responde e meu primo checa o relógio.

— Dez e meia da manhã, mais de vinte e quatro horas fora de órbita.

*Put a que pariu!*

— A Callas.

— Tudo sob controle. — Pedro responde — Mas tem umas questões...

— Calma vocês três. — Thina corta o assunto e se aproxima. — Eu sei que deve estar cheio de perguntas, mas deixa eu te checar primeiro. Aquela coisa que bebeu na boate era uma bomba. — *Bebi o quê, porra?* Puxo pela memória e não me vem nada além do Whisky e aquele drink pré-luta. Confuso com sua expressão preocupada, permito que me examine, mas não largo a Caipira. Minha irmã toca meu rosto, toma meu pulso para em seguida, examinar meus olhos. — Temperatura e pulsação estáveis. — informa em seu tom de voz doutora Thina. — Suar lhe vez bem. Precisa hidratar-se e comer. Como está a cabeça?

— Explodindo. — digo e Nina afaga meu cabelo. — Achei uma garrafa no quarto. Estou sem sede e se comer alguma coisa, vou botar tudo para fora. Preciso de um tempo. O que foi que eu bebi?

— Bom... — Thina fecha a cara. — Uma bela de uma bomba. Quantas vezes a mamãe te disse para não aceitar nada de estranhos? Pelo exame de sangue... — aponta para o meu braço onde um minúsculo curativo cobre a minha veia. — Além de absinto, uma boa dose de *rape*

*drugs* [31] e estimulante sexual. Alguém estava muito afim de abusar de você, irmãozinho. — olha-me com reprovação e um arrepio percorre o meu corpo. — Sorte não estar sozinho.

— O quê? Como assim, droga de estupro?

— Foi o que encontrei nos exames. — Thina termina o checkup — Vamos sentar. Tenho um analgésico aqui, vai aliviar a dor. Agradeça que seu coração é mais forte que o de um touro, as doses flunitrazepam [32], GHB [33] e citrato de sildelafina. [34] Eram altíssimas.

A irritação me toma, odeio quando Thina usa termos que não entendo. Preocupado permaneço onde estou.

— Dá pra traduzir? — rujo.

— Sendo curto e grosso... — irritado Pedro se mete no meio. — Parada cardíaca, meu chapa! — minhas pernas bambeiam. — Calmante e estimulante juntos. Bum! Seu coração podia estourar, Campeão. Aquela prostituta queria sua mente fora de órbita, mas seu amigão aí, pronto para a ativa. — aponta para a minha virilha adormecida e dolorida. — Se não fosse por Nina e os caras, iria acordar pai de quinze filhos e na miséria. Bem capaz de assinar a doação da Callas com um sorriso no rosto.

— Puta que pariu! — xingo ao tomar consciência do tamanho da merda. Um passo em falso movido pela raiva e poderia ter fodido tudo. Congelo. — Mas, a prostituta...eu... nós...não...

— Não! — Nina me interrompe e seu rosto ruboriza. — O troço só fez efeito depois que saímos da boate.

— Adrenalina da luta, deve ter retardo a ação dos medicamentos. — Thina explica, vai até a maleta no balcão e retira uma cartela de analgésico. — Venham, temos muito o que conversar.

Envergonhado e muito puto comigo, fecho os olhos. Sou um cara esclarecido, caramba! *Numa derrapada destas poderia ter perdido a Caipira para sempre*. Intensifico meu abraço, para ter certeza que a mulher em meus braços não é fruto de uma alucinação. Respiro só um pouco aliviado quando Nina deposita um beijo em meu peito.

— Estamos bem de verdade, Anjo. — Nina sussurra baixinho. Abro os olhos e encontro os dela em um tom suave de verde maçã. — Só que se eu te pegar em uma boate outra vez, considere-se um homem morto e capado.

Sorriso de nervoso. — Isto nunca mais vai acontecer. — e prometo, porque é verdade.

Constrangido, por ser tão imprudente, vou até o sofá e arrasto a Caipira comigo. Acomodo-me com ela em meu colo. Passo a meia hora seguinte ouvindo a narrativa de Nina e sei que ela está sendo generosa e amenizando as coisas. Devo ter me comportado como um idiota lunático, envergonho-me mais uma vez, pelo homem que sei que sou. A cada nova informação, puxo pela memória, mas nada me vem e o quebra-cabeças permanece incompleto. Há uma lacuna enorme de tempo entre a chegada no hotel e a ida para o aeroporto. Nina afirma que ficamos até o amanhecer em uma DR eterna sobre a sua vida em Curitiba, a família e o trabalho. Mas meu pau dolorido discorda da informação. Algo me diz, que muito mais coisa rolou naquela suíte.

Guardo minhas desconfianças e volto a prestar atenção.

Agradeço a presença de espírito e a calma de Nina ao lidar com a situação. Fico sabendo que Mike queria me levar ao hospital assim que aterrissássemos, mas ela insistiu em ligar para Thina primeiro.

— Não queria que as pessoas te vissem naquela situação. — há culpa na voz de Nina.

— Agiu bem, querida. O Theo podia só estar exausto, ele vinha de uma sequência de noites mal dormidas e estresse. — pelo jeito carinhoso que Thina se dirige a Nina, sei que a minha Caipira ganhou uma fã. — Encontrar com vocês no hangar privativo da Callas foi a atitude mais inteligente, a UTI móvel tinha tudo o que precisávamos. O hospital recebe muitas celebridades... — Thina franze o nariz. — Infelizmente, sempre tem um ou outro funcionário que esquece a ética e repassa informações para os jornalistas.

Praguejo contra mim mesmo ao imaginar as manchetes: “ *O empresário e otário, Theo Callas, cai no golpe do Boa Noite Cinderela, destrói o império da família e perde a mulher da sua vida.* ”

Mais que agradecido, acaricio seus cabelos em devoção. — Obrigado por cuidar de mim. Não precisava ter ficado o tempo todo do meu lado.

— Precisava sim. Somos um casal, certo? Uma dupla. Se um cai, o outro segura.

Meu peito aquece.

*Sim, nós somos!*

*Segura essa, Alemão!*

Bendita hora que essa Nina cruzou o meu caminho. Qualquer outra não pensaria duas vezes em me largar, depois do papelão que aprontei. Fui um impulsivo, um imaturo... Um babaca.

Parto para um beijo, esquecendo que estou todo suado, sem escovar os dentes e que temos companhia.

— Hey, desculpa atrapalhar a empolgação. — Thina mete a mão separando o beijo que nem aprofundou. — Pode ir maneirando na empolgação, irmãozinho. Nada de esforço físico e emoções fortes nos próximos dias. Já conversei com a Nina. Está tudo bem agora, mas seu organismo precisa de tempo para se recuperar.

— Como assim? — pergunto já sabendo a resposta

— Sem sexo, primo. — Pedro cai na gargalhada. — Quem mandou ser otário!

— Nem pensar que eu vou...

— É isso ou te interno. Você escolhe. — Thina ameaça e pisca para Nina.

— Theo prometi à sua irmã. — a voz da Caipira é uma mistura de constrangimento e diversão.

— Sem me consultar?

— Como? — sorri e encolhe os ombros. — Estava desmaiado, lembra?

*Belo ponto.*

— Tudo bem. — concordo por hora, só para encerrar o assunto. — Mas, hoje mesmo, vou fazer um eletro.

*Sem esforço físico uma ova!*

*Sexo é vida!*

A conversa continua e novos fatos vão se juntando.

Primeiro preciso segurar a minha empolgação quando fico sabendo da novidade boa. Thina avisou os meus pais sobre o incidente. É claro, que já estavam à nossa espera no aeroporto e quando viram que eu estava fora de perigo, pediram para Nina que eu viesse me recuperar na casa dela.

*O amor que sinto por meus pais triplica.*

— Olha só, não vai reclamar sobre isto? — Thenka ironiza mas prefiro ignorar, faço um gesto para que continue. — A tendência é que a sua

memória volte em poucos dias. Mas, nesse meio tempo, é bom ter alguém de olho. Não acho que a Nina ficaria à vontade no seu apartamento.

Não digo nada, não reclamo, mas estranho. Quando Thina me explica porque pensa isto, é a raiva que preciso segurar desta vez. Esfrego o rosto exasperado e a urgência em tomar uma atitude em relação a Thenka aumenta

*Ela só pode ter feito de birra!*

Preciso urgente trocar os códigos de acesso do meu apartamento... Primeiro as visitas de Andreza, agora Thenka e aquele amigo viciado dela invadindo minha casa como dois posseiros. *Merda! Merda! Merda!* Me irrita mais ainda, saber que ela está inconformada sobre a minha relação com a Nina e anda infernizando todo mundo querendo saber o meu paradeiro.

*Boa!*

Thenka acaba de me fazer um grande favor. — Tudo bem se eu ficar aqui por uns dias?

Apesar do sorriso tímido que surge em seu rosto, a forma intensa, como os olhos de Nina brilham, me diz que está tão entusiasmada quanto eu. Sua língua aparece para umedecer os lábios e partes da minha anatomia que estavam dormentes começam a acordar.

— O tempo que precisar, meu Anjo. O Mike aproveitou que sua irmã e o amigo estavam na piscina e contrabandeou umas coisas suas para cá. Seus ternos ficaram meio espremidos no meu armário e tive que deixar o resto na mala, embaixo da cama, mas com jeitinho tudo se arranja.

— Pra mim parece perfeito.

Estou feliz demais para me preocupar com detalhes tão pequenos. A ideia de ter minhas coisas misturadas as de Nina é bom demais, saber que a nossa relação se estende para muito além das paredes do escritório faz meu peito inflar.

*E se as roupas forem um incômodo, não me importo em ir trabalhar nu.*

*Trabalhar, merda!*

— Preciso ir para a Callas. — emendo e sinto o corpo da caipira tensionar, antes de levanta-se e ficar parada no meio da sala com cara de fodeu. — O que foi?

— A Camila a demitiu.

Preciso de muitos segundos para absorver o que Pedro diz. — Como é que é?

Meus olhos vão de Nina para Pedro, que se entreolham sem que nenhum tome a iniciativa para dar explicações. O meu bom humor de segundos antes, desaparece. O clima pesa da sala e algo me diz que o choro de Nina tem tudo a ver com isto. Thina aproveita o silêncio constrangedor, balbucia algo sobre estar atrasada para uma consulta e depois de uma sequência de beijos apressados, dispara porta a fora.

Levanto e fico diante de uma Nina apreensiva, estreito os olhos e a observo.

— Acho bom que seja mais uma das minhas alucinações. — rujo.

— Não é. — Nina estufa o peito e toma a frente — Hoje cedinho, aproveitei que a Thina estava aqui e fui para a Callas. Meu acesso foi negado e recebi uma notificação formal de demissão. Segundo o RH, Camila alegou baixa produtividade, falta de comprometimento e má conduta profissional. — pressiona os lábios visivelmente chateada. — Não tenho escapatória, dificilmente o conselho não dará razão a ela... Há meses parei com os projetos no 12º, faltei sem avisar, me envolvi com o CEO da empresa e hã... eu... hum... Eu meio que destruí os canteiros do Shopping durante a vistoria.

— Pelo amor de Deus! Faltou um dia, sempre sai depois do horário e o que há entre nós dois não é da conta de ninguém! Quem vai levar a sério uns argumentos de merda destes? E se levarem, eu dissolvo a porra do conselho! Mas minha mulher ninguém demite! — o maxilar de Nina contrai, enquanto me descabelo repassando mentalmente sua lista. *Caralho!* — Que canteiros destruiu? Como não estou sabendo disto?

Ela cruza os braços em uma postura defensiva.

— De Curitiba, te disse no telefone que tinha descoberto umas coisas. Quando nos encontramos, eu quis te contar, mas ficou doidão.

— Dane-se que fiquei chapado, Porra! Se era tão importante ao ponto de ser despedida, me contasse! — Nina olha para mim com descrença, sei ela tem razão e não lembraria se tivesse me contado, mas foda-se! — Será possível, eu apago por um dia e o inferno resolve fazer a festa?

— Imbecil.

Nina afasta-se irritada e vai até o balcão da cozinha. Olha para mim sobre os ombros e sua íris assumiu o mesmo tom azulado do vestido. Ela toma água e minha pulsação aumenta, as pernas expostas neste vestidinho, a cor dos olhos, seu jeito petulante e contrariado têm um efeito devastador.

*Que linda, cacete.*

— Olha o coração, cara! — Pedro me puxa para a terra. — Dissolver o conselho só vai fomentar as fofocas criadas por Camila. Na teoria, ela tem direito de demitir um funcionário que não corresponda às expectativas. Nós dois sabemos que Nina esteve se dedicando à conta do Donavan, os demais não. Todos pensam que ela foi rebaixada por incompetência.

*Putá merda! Belo ponto.*

Pedro levanta, vai até o balcão e Nina lhe serve água.

Caio em mim.

Nunca parei para pensar sobre os efeitos das minhas decisões na imagem profissional da Caipira. Fui egoísta, estava tão obcecado em tê-la por perto, que não pensei de modo global. As pessoas tiraram conclusões erradas sobre ela por culpa minha.

Uma pontada de culpa nasce. Depois ciúmes... Não gosto quando Pedro aperta o ombro dela e detesto quando Nina sorri agradecida. *Que é isso? Viraram amiguinhos em um dia?* — Dá para desgrudar da minha mulher?

— Theo! O Pedro só está me ajudando.

— Vai a merda, Campeão. — Pedro bebe calmamente a água

— Vai a merda você! — meu macho dominante ruge. Sou eu quem tem que resolver e cuidar das coisas para Nina, não ele.

— Dá pra parar, Theo Callas? Tem um assunto mais sério rolando aqui.

*Nina tem razão.*

— Vou dizer a verdade a eles, contar que você tem trabalhado com a gente.

Pedro deposita o copo no balcão e vai para longe de Nina, apoiando um dos braços em uma estante.

— Não podemos abrir sobre o Donavan. Vamos deixar o processo correr sem interferências... Até porque Nina não corre riscos, é preciso o

nosso aval para aprovar qualquer coisa. Marquei uma reunião para esta tarde com Camila e coloquei Nina de licença até resolver a questão.

— Não tem porra de licença, nem questão a ser resolvida. Não fico nem um dia sem a Nina! Eu mando naquela merda. Nina fica, Camila sai.

As sobrancelhas loirinhas erguem e seus olhos arregalam.

— Nem ouse fazer isso! Não quero ser protegida só porque estamos juntos. Sei que é uma baita sacanagem para o meu lado e sair da Callas é a última coisa que eu quero, mas na pior das hipóteses, posso muito bem procurar outro emprego. A situação vai ficar insustentável, entre eu e a Camila mesmo. — Nina começa a falar rápido... *Do que ela está falando?* Com a cabeça ainda baqueada, me concentro para acompanhar. — Enquanto te olhava dormir, aproveitei a calma e preparei um relatório sobre a visita técnica, eu ia lhe entregar assim que acordasse. — aponta para um envelope na mesa de centro. — É claro, que não fiz uma acusação formal contra a Camila, mas as evidências são bem claras. Eu sei que minha demissão vai muito além da nossa antipatia mútua. Com certeza, a Camila foi avisada sobre a bagunça que eu fiz.

— Que evidências? O que descobriu no shopping, capaz de irritar ainda mais a Camila?

Sua expressão até então séria, muda e um sorriso espalha-se em seu rosto revelando seus dentes branquinhos. Mas o que me impressiona é o fogo que brota em seus olhos.

— Descobri como os projetos são adulterados.

— Que projetos? — pergunto com dificuldade de me situar.

— Provavelmente, todos os de paisagismo feitos de uns quatro anos para cá. — Pedro responde por Nina.

*Ok. Estou grogue, mas nem tanto...*

Capto a informação. — O tempo que Camila está conosco.

Pedro fecha os olhos assentindo e volto para Nina.

— Foi pura coincidência na verdade, antes de sair do hotel cruzei com o gerente, tinha dito a ele que era paisagista. Ele me pediu opinião sobre algumas folhagens amareladas na recepção, recomendei que trocasse os vasos. — *Deus! Como esta mulher é detalhista...* — Enfim... quando chegamos no shopping, nada do responsável, só uma assistente que veio nos atender. Era nova e estava mais perdida que cego em tiroteio... Eu disse que precisava das planilhas de especificação. Ela nem sabia o que era isso,



insisti e a moça acabou, a contragosto, deixando que eu procurasse nos arquivos ... Os documentos estavam com as mesmas diferenças de centavos que encontrei naquela primeira reunião... Só liguei dois com dois.

Volto a sentar... A dor na minha cabeça piora, esfrego as têmporas esperando que Nina continue. Ela respira, toma fôlego e prossegue.

— A coisa é até bem simples. — Nina continua, animada. — Como eu já disse para o Pedro, a estrutura externa foi mantida e as especificações dos projetos permanecem fiéis, por isto não encontramos nada. Tudo foi feito na execução, bastava os empreiteiros seguirem as diferenças nos centavos para se guiarem. — os olhos da Caipira vibram. — Não eram um erro de sistema como eu supus, eram marcações! Um centavo para não, dois centavos para sim. Por dentro, os canteiros número dois receberam uma estrutura de madeira, que preencheu os espaços vazios do cimento, ferragens e materiais que foram desviados. Só percebi isto, porque lembrei das plantas do hotel. E notei que as folhagens do shopping se alternavam entre saudáveis e amareladas. Como o problema do adubo adulterado já tinha sido resolvido, achei que alguma coisa estava obstruindo as raízes. Revirei um canteiro e achei a estrutura. Fui de um em um e todos estavam fora da profundidade mínima... E com as raízes se desenvolvendo para o lado, a estrutura que rachou com a pressão. Isso é uma evidência mais que concreta, não é?

Balanço a cabeça concordando... Não me surpreendo que tenha descoberto tudo isto. O ditado "*Loira Linda. Loira Burra*" não se aplica a Nina... Minha mulher tem uma mente brilhante.

— Sem dúvida, Nina! — Pedro a elogia e eu rosno. — No ano passado, Camila passou um mês em Curitiba acompanhando a execução do projeto. — lembra-me do detalhe.

— Caramba, Caipira. — levanto e vou até ela abraçando-a. — Acho que acaba de me dar um presente. Só isso, justifica uma demissão e mesmo que ela diga que não sabia, era sua responsabilidade. O erro dela foi subestimar você. E se for tão visível como está dizendo, ela fez um péssimo trabalho de manutenção, rachaduras são inadmissíveis.

— Acha que tem dedo do Julio nesta história? — meu primo levanta uma questão importante. — Me parece muito mais uma ação para manchar a qualidade dos nossos serviços, do que um golpe lucrativo.

Mesmo que estivéssemos falando em toneladas, o valor do desvio não fez nem cócegas no nosso orçamento.

— Provavelmente, há tempos o Julio vem tentando me foder e a gente sabe que os métodos dele não são muito limpos.

— Quem é Julio?

— Nosso principal concorrente, Caipira. Ele é o dono da Construtora JM, estamos disputando a conta do Donavan com ele. — Um flash de memória explode. — Porra, como fui me esquecer disto!

Esfrego a testa e Nina me olha com preocupação.

— Lembrou de alguma coisa importante?

— Não sobre nós. — respondo detectando a ansiedade em sua pergunta. — O Mike andou bisbilhotando e disse que descobriu que o Julio manteve um caso extraconjugal com Camila por anos. Não dei muita importância na hora, o caso acabou e o cara é um babaca, estava na cara que só queria arrancar umas informações..., mas agora tudo muda, uma coisa é abrir o bico de vez em quando, outra é querer foder com os nossos clientes. A sua demissão faz todo sentido... Camila é uma mulher orgulhosa e vingativa, se for desmascarada a possibilidade de reatar acaba. Qualquer acusação sua parecerá despeito e ninguém vai lhe dar crédito.

O rosto delicado de Nina contrai. — Eu sei disso.

Desfaço com os dedos a ruga entre seus olhos preocupados.

— Se sabe, então, deixe eu resolver as coisas à minha maneira. Não vou ficar aqui parado enquanto alguém te sacaneia. E não faço isso porque é minha mulher ou esta profissional incrível que não quero abrir mão. Faço porque é o certo. Quando um cai, o outro segura, lembra?

# Dezessete



## Nina

**M**eia hora mais tarde, atravesso o saguão da Callas escoltada por Pedro e de mãos dadas com Theo. Nada de acesso privativo ou esconder-se. Estou sem graça, a minha visita desta manhã foi bastante humilhante. O aperto da mão de Theo intensifica, à medida que, entramos.

É claro que a notícia da demissão já se espalhou, mas mal dou conta dos olhares surpresos em nossa direção. Meus sentidos estão sobrecarregados e o som do meu coração, batucando em meus ouvidos, abafa os comentários ao nosso redor e o: *até daqui a pouco*, que Pedro diz antes de afastar-se com pressa. Tudo que consigo pensar é que Theo está certo sobre o que disse, enquanto nos arrumávamos.

Preciso sair do meu discurso de: quero que cuide de mim, para realmente deixar que ele assuma as rédeas. Diferente do egocêntrico do Bernardo, a necessidade por controle de Theo chega a ser altruísta. Não é por machismo, é só sua maneira exagerada de demonstrar cuidado e afeto. Theo não quer sobrepujar ou anular quem eu sou, ao contrário, ele me faz querer buscar o melhor em mim. E se ele pode se expor e arriscar-se por mim, eu posso deixar os meus traumas de dominação de lado e dar o comando a ele. Por que não?

— Calma, vai ser mais fácil do que imagina. — Theo murmura em um tom infinitamente gentil. — Vamos resolver isso juntos.

Sua delicadeza e convicção suavizam o tremor em minha mão. Sem parar de andar, fecho os olhos por um segundo e tomo minha decisão.

— Não, você resolve, estou em suas mãos, Anjo.

Ele para e me encara surpreso, ergue as sobrancelhas e solta a minha mão. Depois olha para os lados o que me leva a fazer o mesmo. E sem que eu espere, bem na frente de todos, ganho um único beijo apertado e estalado na boca. — Já era tempo, Caipira. — passa o braço ao redor do meu ombro e voltamos a andar, rodeados por um burburinho frenético.

No 12º damos com os burros na água. Um preocupadíssimo e depois aliviado Miguel nos avisa que Camila saiu apressada há uns cinco minutos. Chegamos no 21º carregando as caixas com o resto das minhas coisas que recolhemos da minha salinha.

— Caramba! — Nati pega as caixas que seguramos e joga em cima da sua mesa. — Sei que estava tipo em coma, mas custava deixar a porcaria do celular ligado? Onde está o Pedro?

— Em uma reunião com o diretor de RH. Mais alguma informação, Senhorita Nati?

Theo corrige a postura, Nati perde a cor e eu fico sem saber o que fazer.

— Desculpe-me Senhor Callas. Eu não quis... É que... só ... o Donavan...

Os dois se entreolham e continuo sem me mexer. A relação deles é complexa demais para eu entender... Nunca vou me acostumar com esta dinâmica maluca. Uma hora são só o Theo e a Nati, na outra, Senhor Callas e Senhorita Nati.

— O que tem o Donavan?

— O almoço, esqueceu?

Um “ *puta merda* ” , muito alto, escapa da boca de Theo. — Completamente.

— Pois é, tentei entrar em contato através do Senhor Pedro... — petulante, Nati dá ênfase no senhor, invertendo a chave de formalidades — ..., mas também estava deligado. Só a título de eu não sou trouxa, vocês vão me explicar o que está acontecendo? Primeiro Nina some, depois o Senhor viaja e desaparece, aí meu namorado evapora e Nina é demitida. A Camila fez questão de me dar a notícia pessoalmente, sabiam?

— Não tem demissão nenhuma, pelo menos, não da Nina. A que horas é o almoço?

— Á uma no Rubaiyat [\[35\]](#) .

Theo checa o relógio, espio junto, 12h30. Em seguida escaneia meu corpo parecendo satisfeito com o que vê. — Prefiro você nos vestidos, mas esta calça não poderia ser mais perfeita.

Confusa olho para a calça social cinza, de corte largo e reto, que combinei com uma camisa de seda preta e saltos altíssimos na mesma cor. — Melhor prender o cabelo, minha moto está aqui, acho que conseguimos chegar em uns quarenta minutos.

*Conseguimos?*

Theo agarra a minha mão e começa a me arrastar para o elevador. — Não sei se é uma boa ideia...

— Nem começa, você vai e ponto final. — interrompe brusco e puxo a minha mão da dele.

— Grosso!

— Desculpe... Preciso de você junto comigo. O Donavam pode querer entrar em detalhes que só você vai saber responder. — suaviza o tom. — Por favor?

*Diacho!*

*Ele está mentindo e isso é tão meiguinho.*

Fico na dúvida.

Coloco uma mão na cintura e a outra na boca. Mordo a pontinha do meu dedo, enquanto olho para o chão e decido.

Theo sabe aquele projeto décor e salteado em todos os seus detalhes. Ele quer me levar, só para não me deixar sozinha e me proteger. Mesmo sabendo o que eu quero, avalio minhas opções de almoço... Ir para tranquilizá-lo e garantir que se alimente bem ou ficar e ter uma baita crise de consciência, além de uma indigestão, ao ser metralhada pelas perguntas indiscretas de Nati, Miguel e Toshiko.

Prendo os cabelos em um nó apertado. — Tudo bem, eu vou.

Theo respira aliviado e depois vira para Nati. — Ache a Camila e avise que preciso falar com ela, assim que voltar. Quero o Pedro e o diretor de RH nesta reunião.

— Perdão, Senhor?! — ela exclama. E embora seus olhos gritem o contrário, Nati vem em nossa direção com uma muito bem treinada expressão de calma. — Mas..., mas a Camila já saiu para o almoço de vocês.

— Nosso almoço? Que almoço?

— Este almoço... o do Donavan. — seus olhos negros crescem. — Ela estava aqui quando a secretária dele ligou para confirmar. Eu pensei... ah... merda. A Vaca me enganou! Desgraçada! — berra sem a menor cerimônia. — Disse que vocês dois foram convidados, confirmou o endereço e saiu.



Embalado pelo ronco ensurdecedor do motor, Theo corta a cidade pilotando com uma habilidade excepcional e suas manobras arriscadas refletem tudo que ele é... São atrevidas, impulsivas, precisas, confiantes e cheias de um domínio absoluto.

*Sensual pra caramba...*

A moto acelera, freia, desvia, passa a milímetros dos carros, pende de um lado para o outro, até quase tocar o asfalto, mas não sinto medo... Estou voando sobre duas rodas... Segura, nas asas do meu Anjo. Com os braços em volta de sua cintura e o rosto colado às suas costas, me delicio a cada contração dos seus músculos viris, com nossas coxas roçando e com a descarga elétrica que explode quando minhas partes sensíveis pressionam sua bunda musculosa... Esqueço de tudo... Não existe mais nada no mundo, apenas nós e o modo quase sexual como nossos corpos entram em um ritmo próprio.

Arrepio ao sentir a adrenalina correndo desenfreada pelas minhas veias e me pergunto se lutar é tão incrível quanto isso?

Libertador...

Exatamente, vinte para uma, a moto imensa e negra como um corsário <sup>[36]</sup> selvagem, para em frente ao restaurante. Desço da moto encantada pelo cavalheiro, mais apaixonada e para minha surpresa, excitada. É a primeira vez o vejo dirigindo e ...

*Deus! Meu Anjo fica muito gostoso pilotando esse trambolho.*

Sem nenhum interesse pela fachada do restaurante, paro em frente à entrada. Tiro o capacete, desfaço o nó dos cabelos e dou aos meus olhos o que eles querem de fato... Devorar um Theo cheio de si e absurdamente sexy, em um terno de três peças azul marinho, desmontando e empurrando a moto para um lugar reservado.

Será possível que ele leva tudo na vida, assim? De forma tão intensa?

Theo vem em minha direção, ajeitando os cabelos com os dedos. — Gostou? — seus olhos grudam nos meus, fazendo meus instintos femininos se agitarem.

*Não! Implodirem!*

Ele todo corporativo, esfregando na minha cara uma masculinidade latente, é demais para o meu autocontrole.

— Se gostei? Aquilo foi quênte! — respondo, excitadíssima. Chego mais perto, seguro em seus ombros, ficando na ponta dos pés... E nem sei por que faço isso, mas faço. Encosto minha boca na dele e com a ponta da língua percorro a curva dos seus lábios. — Quase tão bom quanto trepar. — sussurro e mordo seu lábio carnudo. — Mais uma manobra daquelas e eu iria gozar montada em você.

Theo abre um sorriso satisfeito e malicioso, roça os lábios contra os meus... — Nina, Nina, Nina. — ...e solta um grunhido abafado. — Só você pra me deixar com tesão em uma situação como essa.

*Plaft*

Lembro de qual situação se refere e um balde de água fria cai na minha libido.

*A Vaca.*

*Maldição.*

— Não vejo a hora de te colocar de quatro na minha mesa e te dar um orgasmo tão intenso, que vai esquecer que a Camila existe.

*Plaft duplo.*

Apesar da voz recheada de safadeza, sua frase tem um feito inverso... O calor esfria e em vez de me excitar, me esbofeteia com a realidade dura sobre quem está lá dentro e o que me espera.

O desejo é varrido por um arrepio incômodo que percorre minha espinha. — Melhor entrarmos. — saio de seu domínio e me afasto. — Não é bom deixar essa mulher com o Donavan.

— Quê? E aquela coisa de gozar montada em mim? — pergunta perplexo, antes de praguejar algo sobre ser um idiota. — Não deveria ter falado da Camila, desculpe. Podemos ir embora, se quiser.

— Esquece Theo, só lembrei que não podemos... A Thina...

— A Thina que se lixe... Das nossas fudas cuido eu...

Nada disposta a uma DR na porta do restaurante, deixo Theo praguando sozinho e entro.

*Nossa! Uau!*

Minha atenção é capturada assim que entramos. Surpreendo-me com o que encontro. Não é um restaurante tradicional ou é, sei lá... Só sei que é incrível... Jamais imaginei encontrar um lugar como este no meio de uma selva de pedras como São Paulo. Fico hipnotizada com a árvore gigantesca que brota bem no centro e domina o salão. Tudo gira em torno dela, seus galhos cheios de folhas se espalham e sobem majestosos para atravessar o teto em vidro. A claridade natural banhando tudo... As mesas e cadeiras de ferro preto e seus estofados branquinhos dispostos ao redor de um tronco tão grosso, que nem cinco homens conseguiriam abraçar.

E apesar da sofisticação que exala aos quatro cantos, sinto um certo aconchego. E não é à toa que é um dos lugares favoritos dele na cidade. Eu sei que ele aprecia muito o conceito da arquitetura integrada à natureza. O construir sem destruir...

Sorrio para Theo tentando amenizar o clima e disfarçar o nervosismo. — Isso aqui é lindo.

— Achei que iria gostar. — Theo se aproxima com cuidado. — Tudo foi projetado a partir desta figueira, ela tem mais de 130 anos. — explica segundos antes do maitre vir nos receber polidamente

— Seja bem-vindo, Senhor Callas. Madame espero que aprecie o almoço. — sorrio para o homem alto e magro, vestido em um terno cinza elegante e com os cabelos ruivos empastados em gel. — O Senhor Donavan já está à sua espera. Por aqui, por favor.

Sigo o homem, com Theo colado em mim. Á medida que andamos, um volume indecente grande, duro e já conhecido, cutuca discretamente o meu antebraço. Uma, duas, três vezes... *Será possível que o Viagra ainda está em seu sistema?* Faço cara de paisagem, ignoro o bulinador ao meu lado e continuo a seguir o ruivo que desfila pelo salão, cumprimentando os clientes.

Uma quarta e uma quinta cutucadas... Gemo, mas de uma agonia nervosa que começa, assim que avisto um emaranhado de cabelos vermelhos e revoltos. Puxo o ar com toda a força... E lá vêm a sexta e a sétima cutucadas.

— Pelo amor de Deus! — cochicho sobre os ombros.



— Tá braba?

— Não. — rosno.

*Estou tensa, preocupada e indignada!*

Quem consegue pensar em sexo, prestes a confrontar a Vaca? A cada passo minhas mãos ficam mais úmidas e meu coração mais nervoso.

A postura de Theo, no seu modo executivo ativado, me irrita um pouco. Desfila por entre as mesas cheio de autocontrole e autoridade. As pessoas param de falar e comer para observá-lo, como se ele fosse uma entidade. *O cara!* Em seus olhares, há uma admiração mal disfarçada e até um certo desejo por parte de algumas mulheres. *Como ele consegue?* Talvez esteja só representando uma calma que não sinta. Mas, em solidariedade, bem que ele poderia mostrar um pouco de nervosismo.

*Valha-me minhanossasenhora! Que é agora!*

Paramos há cinco passos da mesa quando o maitre é interceptado por um garçom. Meu coração ricocheteia, minha boca seca, porém me forço para parecer impassível. Endireito as costas e me muno de toda autoconfiança, que só quem sabe que está fazendo a coisa certa pode ter.

Foco no vermelho...

Essa mulher tem agido errado comigo desde o início. Dia após dia, me ofendendo, menosprezando e gritando em um esforço perverso e quase doentio, para minar minha confiança profissional. Theo está certo, está mais do que na hora de dar um basta... Não só por mim, mas por todos que ela tem humilhado este tempo todo.

Camila não nos vê imediatamente. A mesa reservada para o almoço fica nos fundos do restaurante e ela está de costas para o salão.

— Não quis cortar o seu momento...

— Esquece Theo.

— A gente pode passar no banheiro...

*Deus! Esse homem só pensa em foder?*

— Parê, não me deixe mais nervosa... Sem tesão pra você!

Só percebo que falei um pouco alto demais, quando o maitre gira sobre os calcanhares e me fuzila sem a mesma simpatia que nos recebeu instantes atrás.

Entorto a boca em um *Ops!* E Theo ri. — Viu esquentadinha. Eu só queria...

— O que disse, Madame? — a voz calculadamente polida do ruivo interrompe Theo.

— Hã? — sou pega de surpresa pela pergunta indiscreta do homem.

Não consigo formular uma resposta, pois meus neurônios estão direcionados para outra questão.

*Meu Anjo só queria me distrair, é isso?*

A corrida excitante de moto, os estímulos do Indecente, a insistência... Foram propositais? Um jeito torto de Theo desviar a minha atenção e tirar meu foco do confronto com Camila?

— Madame?

Theo põe a mão sobre o meu ombro e o formigamento bom que seu toque provoca, me traz de volta para a terra.

— Faisão, meu amor. — corrige de um jeito leve e brincalhão, em seguida sorri para o maitre já confuso. — Não percebeu o sotaque dela, Tito? A Nina não é daqui e ainda se atrapalha com a nossa língua. — balança a cabeça pesaroso. — Passei por uma intoxicação... Ela acha que Faisão é forte demais.

— Ahhhh! Faisão, claro! — o homem solta o ar, aliviado. — Se é... Muito pesado mesmo. — os olhos negros do maitre voltam a me enxergar com a simpatia inicial. — Não se preocupe, Sra. Callas. Providenciarei algo leve para o seu marido.

*Marido?*

Sem me dar tempo para protestar o marido, Tito gira e segue para completar os cinco passos restantes.

Permaneço onde estou, tomando coragem para prosseguir.

— Tem que dizer que não somos aquilo que ele pensou — arregalo os olhos e Theo arqueia uma sobrancelha, claramente satisfeito com o equívoco.

— E perder a cortesia da casa? — passa o braço em meu ombro. — Tito é um romântico, sempre dá sobremesa de graça. — pisca. — Quem sabe não ganhamos uma cheia de nutella e bem melequenta como você adora.

*Humm!*

Minha boca enche d'água.

*Golpe baixo.*

— Você não presta, Theo Callas. — belisco sua cintura e ele geme.  
— Mas tenho que admitir, só hoje, eu te devo várias.

Dou o braço a torcer, não só por sua intervenção com o Maitre, mas pelo conjunto da obra em me distrair, esse cara que me namora é para se guardar em um potinho.

— Nunca falei que prestava. — devolve o beliscão. — E pode apostar... Vou saber cobrar de diversas formas e posições.

*Sei que vai, seu pervertido.*

— Callas, meu bom!

Nós viramos atraídos pela voz grave e carismática e... meu subconsciente manda um sinal de alerta para os meus sentidos... Meu cérebro entra no modo tudo-ao-mesmo-tempo-agora, atento a todos os detalhes.

Camila distrai-se com celular que apita sobre a mesa... O Senhor Donavam, que descubro ser um homem jovem na faixa dos 50 anos, levanta com o semblante aliviado e vem em nossa direção... Os dois se cumprimentam, sou apresentada como paisagista responsável por seu projeto e capturada em um abraço afetuoso de urso... Segundos constrangedores se passam... Theo me puxa discretamente para fora do abraço de Donavan, no mesmo momento em que, Camila solta o celular e sua cabeça gira como a de uma coruja exorcista ruiva e nossos olhos se encontram.

*Bum!*

Suas pupilas explodem como uma bomba atômica e um cogumelo de fumaça e fogo é lançado em minha direção. A potência negativa é tanta, que se não fosse pela mão de Theo em minhas costas, cairia para trás. Fico firme. Seu rosto rechonchudo contrai revelando centenas de rugas de expressão de ódio.

— Olá Camila. Bom te ver. — ataco primeiro e o queixo dela cai.

— Vo... você? — gagueja atordoada.

— Em carne e osso. Algum problema? — Theo provoca, imune ao ataque visual que recebe, antes de Camila balançar a cabeça e rosnar...

— De modo algum.

— Sendo assim, boa tarde, Camila. — cumprimenta-a de modo cortês, porém sua voz está mais gelada que um iceberg.

Para confortá-lo, afago seu braço tenso. Sei que a última coisa que Theo quer é uma cena na frente de um cliente. — Vamos nos sentar? Estou faminta!

Brinco para dissipar a tensão no ar, que chega a ser palpável. O único que parece alheio a ela é Donavan que segue animado para o seu lugar. A mente treinada do maitre percebe as animosidades implícitas e ele nos acomoda na mesa redonda, em uma disposição cautelosa.

Senhor Donavan, cadeira vazia, Theo, eu, cadeira vazia, outra cadeira vazia, Camila, cadeira vazia...

*Hum... Significativo...*

No mundo corporativo, tão cheio de regras e sutilezas, o: *diga-me ao lado de quem tu sentas*, tem um valor tremendo e pode revelar muito sobre a dinâmica e confiança entre executivos. Antigamente, na cultura asiática, muitas empresas definiam suas hierarquias pela distância da sala do chefe. Pois é... Tomando isso como base, a coisa está tão feia para a Camila, como para o cara do fundão lá no Japão...

— Finalmente nossas agendas encaixaram. — um sorridente Donavan parece curioso, seus olhos não desgrudam de nós.

— Sinto muito pelo atraso. Nina e eu tivemos uma manhã agitada.

— Manhãs agitadas são um problema lá em casa também. — pisca. — Mas tenho certeza que posso perdoá-los se fizermos os pedidos. Também estou faminto. — sorri para mim. — Minha esposa acha que eu engordei e tem me privado do café da manhã.

Theo sorri, mas não muito.

— Somos dois, Nina anda me privando de algumas coisas também. — faz sinal para Tito e o chuto na canela. *Neguei uma ova! Porcaria de amnésia.* — Na verdade, passei mal do estômago, mas estou faminto agora.

Camila nos olha com repulsa.

Tito, que chega com as pastas elegantes em couro contendo os cardápios, entrega para todo mundo menos para Theo.

— Tomei a liberdade de informar ao chefe sobre a sua condição. Estamos criando algo especialmente leve para o Senhor. — Informa cauteloso e sorri de modo cúmplice para mim. — Sem faisões.

Theo sorri bastante.

— Fez bem, Tito. Obrigado.

— Presumo que não irá me acompanhar em uma taça de vinho? —  
Donavan pergunta decepcionado.

— Hoje não... Nada de álcool para mim.

Donavan lamenta, faz a mesma oferta para nós mulheres...  
Recusamos e ele pede conhecer o somelier.

Por debaixo da toalha, Theo segura firme a minha mão. Inclina-se e sussurra um — *Preciso de você viva, pode respirar agora.* — ao pé do meu ouvido. Encho lentamente os meus pulmões e deixo que a sensação reconfortante de sua mão na minha faça a sua mágica... Respiro aliviada por meu corpo responder instintivamente ao dele e uma sensação de segurança tomar conta. Segundos depois, meu cérebro entende os sinais e começo a relaxar.

Examino o cardápio evitando contato visual com a Vaca, faço o pedido para o assistente de Tito.

— Não sabia que agora está liberado trazer amantes para os almoços de negócios. — Camila rosna baixinho, assim que Donavan pede licença e vai com Tito escolher um vinho na adega.

*Ordinária!*

A cabeça de Theo gira lentamente em sua direção... Fico em alerta. As têmperas dele começam a pulsar, iguaizinhas as do meu avô quando estava a ponto de explodir. — Por quê? Está pensando em trazer o Julio para o próximo?

*Ai Jesus!*

*É agora que a cobra vai fumar.*

— O que disse? — o rosto de Camila fica da cor dos seus cabelos.

Cutuco a perna de Theo. Penso em intervir, mas ele é mais rápido que eu.

— Ah, desculpa. — leva a mão ao peito e diz em um tom inconsolavelmente irônico. — Que grosseria a minha, ele te dispensou, não foi? — franze o lábio, consternado.

Algo inédito acontece.

Pela primeira vez, em todos estes meses convivendo com Camila, sua casca de mulher forte e inatingível racha e traços de fragilidade despontam em seu rosto inexpressivo.

— Não sei do que está falando, ninguém me dispensou... — recupera-se rápido do baque. — Obviamente, já ficou sabendo sobre a

demissão da Nina. — ela estala a língua de um jeito irritante. — Ok, entendi, a sonsa vai ficar e aposto que seus instintos de macho estão gritando por vingança...

*O quê?*

Minha vontade é de estapear a ordinária até ela gritar água! — Olha aqui sua... Aiai! — um aperto na minha mão me pega de surpresa, tento libertá-la do incômodo, mas Theo aperta mais. Perplexa com sua atitude inesperada, puxo o ar e a minha mão o mais forte que consigo.

*Mas que diacho ele está fazendo?*

Piro tentando entender a inércia dele, o que só me deixa ainda mais tensa e com raiva. Só me falta que aquela bomba química que ingeriu tenha voltado a fazer efeito. *Merda!* Estou por um fio e se eu fosse um desenho animado, seria uma daquelas dinamites prestes a estourar. Corrijo minha postura na cadeira, louca para atacar novamente.

— Vamos manter o profissionalismo, Nina. — quero gritar “*Foi ela quem começou*”, mas algo em olhar me faz recuar. Minha ficha cai, a Vaca está jogando com a nossa impulsividade e pavios curtos. Pisco os olhos em uma espécie de tudo-bem-eu-entendi e começo a contar de cem até um. — Obrigado, vamos deixar a Camila terminar. — concordo e aperto meu queixo reprimindo a raiva. Theo liberta a minha mão, coloca os cotovelos sobre a mesa e entrelaça os dedos sob o queixo.

— Obrigada, quanta gentileza. — há tanto sarcasmo na voz da bruaca, que meu estômago revira. — Parece que finalmente entendeu que não sou uma daquelas desavisadas, que confrontou na lanchonete... Sei onde está querendo chegar Senhor Callas e lhe digo que está entrando em um terreno muito perigoso comigo. Tão perigoso, que chega a ser ingênuo, qualquer juiz me daria ganho de causa fácil. Coagir um funcionário para favorecer sua amante? Ah... Faça-me um favor, com todo o respeito Senhor, pensei que não deixasse o seu pau tomar comandar suas decisões. — vocifera a última frase tão baixo, que tenho dificuldade de entender.

Um ronco vibra forte no peito de Theo e a temperatura do meu sangue sobe uns mil graus...

— Theo não é meu amante! — respondo chocada. *Como uma pessoa pode ser tão maldosa?* — O que eu te fiz para me odiar tanto?

— A inveja e despeito são reflexo de admiração, meu amor. — Theo afaga meu rosto e Camila solta uma gargalhada debochada. — Não se

trata do que fez e sim, do que é... — ele encara a mulher que ainda ri. — Pode rir, Camila... Entendo o seu recalque... Essa raiva toda é porque, Nina é tudo que jamais será, acertei? A capitã do time, não a reserva! Essa mulher linda, talentosa e adorável que tem um homem apaixonado aos seus pés. Um homem capaz de qualquer coisa para defendê-la e fazê-la feliz, sim... Não um babaca interesseiro, que não lhe dá valor e a esconde do mundo. E se espera que eu vá cair nas provocações e explodir, está perdendo seu tempo. — rosna.

— E... Se espera que eu faça uma cena, perca a cabeça na frente do cliente e lhe dê motivos para uma demissão pode esquecer. — retruca com um sorriso perigoso.

— Não preciso de mais motivos. — Theo decreta.

A boca de Camila abre, mas antes que algo seja dito, ela se cala... Passa a mão nos cabelos e bebe um gole d'água... — O que está insinuando? Não tem nada real que justifique uma demissão. Aquela coisa toda em Curitiba foi um circo armado, não passa de suposição. Vai bancar o tirano e impor a sua vontade à força?

Este seria um bom momento para Camila levantar e ir embora, principalmente porque Theo não diz nada e apenas a encara, em um claro quem-cala-consente. Mas não, ela fica e mais cheia de empáfia ainda.

Nós três permanecemos em silêncio. Ele inspirando e expirando em uma tentativa herculesca <sup>[37]</sup> de não perder a cabeça e ela com o olhar fixo em nós como se estivesse matutando algo terrível.

*E aposto que está.*

De repente eu me sinto cansada e exaurida. Camila é uma mulher inteligente... E está certa, tudo o que temos são suposições. Grudo meu corpo no de Theo, essa mulher é doutorada em maldade e está tentando puxar todos os nossos limites. Um escândalo, em um restaurante lotado e cheio de câmeras, é tudo que precisa para reverter a situação.

Parece desesperada e sabe que errou quando julgou nosso relacionamento com base no dela... O que existe entre nós não é fruto de interesse e muito menos descartável... Seja por raiva ou medo de ser descoberta, ela deu um passo em falso... Foi descuidada, apostou que Theo colocaria a empresa à frente, me demitira e perdeu.

Donavan reaparece ao longe, com um cálice na mão. O homem grisalho, de rosto bonito e porte atlético desliza entre as mesas com uma desenvoltura poderosa semelhante à de Theo. Mas não igual, na cadeia Alpha, mesmo sendo mais jovem, meu Anjo é superior, o líder da matilha empodeirada.

O retorno de Donavam à mesa marca o início da guerra entre nós. Em meio às palavras amenas, risos simpáticos e elogios, há uma troca feroz de olhares e insinuações. As entradas são servidas, a conversa recai para temas seguros, descubro que Donavan é casado há trinta anos, com uma colega de faculdade. Seus olhos azuis brilham quando fala da esposa.

— Esse seu sotaque? — Donavam me questiona.

— Misericórdia! Todos esses: leitês, gentês e parês... — Camila diverte-se, revirando os olhos. — Meus ouvidos sofrem, disse a ela que uma fonoaudióloga seria bom.

*Seja superior, Nina... Seja superior, Nina.*

Respiro fundo e ignoro mais esta provocação. — Sou de Curitiba.

— Ah! Bem que eu vi! — Donavam também faz vista grossa ao comentário de Camila. — Minha esposa me quebrou a primeira vez que falou comigo. Sou louco pelo sotaque de vocês. — sorri para Theo que concorda orgulhoso. — A forma como pronunciam gentê... Puxa! Betina é de Morretes <sup>[38]</sup>.

— Hummm... O barreado <sup>[39]</sup> do Ponte Velha <sup>[40]</sup>. — minhas papilas gustativas vibram com a lembrança.

— Nossa! — Donavam fecha os olhos. Talvez, acometido pela mesma lembrança que eu. — Um espetáculo! Aquilo lá, com uma bananinha à milanesa, é de comer de joelhos. Pena que Betina não cozinha e as empregadas só sabem fazer aquelas comidas leves e sem graça. Já provou Callas?

— Ainda não, estou dando prioridade a outras coisas no momento. — Theo ri e segura na minha mão — Mas tenho vontade. Nina contou que é um prato com muita carne, bacon e temperos, não é? Uma bomba calórica que cozinha por horas, em uma panela de barro até tudo desfiar.

— Podemos marcar uma visita à Morretes! — Donavam se empolga. — Não achei nenhum restaurante aqui em São Paulo que consiga fazer jus ao original.



— Porque não provou o meu. — digo empolgada e sem modéstia. — Sigo a receita da minha avó... Mil vezes melhor que o da Ponte. — sussurro em tom de fofoca. — Pratos e doces regionais eram com ela mesmo.

Os olhos azuis de Donavam piscam em festa. — Não me diga que sabe fazer ambrosia [\[41\]](#)? Sabia que Chamam o doce de Manjar dos Deus do Olimpo? — volta-se para Theo que acompanha a conversa emburrado. — Você como grego sabe disso obviamente.

— Obviamente. — Theo assente. — Mas minha mãe nunca acerta a receita.

O homem murmura seu pesar e sua simpatia e simplicidade me encantam.

— Mas eu acerto. — fico um pouco convencida. — Sorte que esta lenda grega de mortais não poderem comer é balela! Troco fácil uma panela de brigadeiro por um pote de ambrosia.

— Sua receita é segredo de estado, vou ter que torturá-la para conseguir? Quem sabe minha Betina consiga.

Faço o sinal de cruz. — Deus me livre, chega de tortura por hoje. — brinco e alfineto ao mesmo tempo. — Para sua sorte, tenho a receita aqui no meu celular, e só me passar o seu e-mail.

Donavam geme... Retira um cartão do bolso e desliza sobre a mesa. Pego e transfiro a receita para o seu e-mail.

— Parece que a minha Nina te pegou pelo estômago. — Theo constata, visivelmente enciumado.

Donavam joga a cabeça para trás e gargalha de um jeito divertido...

— Por favor, que ela goste destas coisas do povão é de se esperar. — um som esganiçado e repulsivo escapa da garganta da Camila — Já o senhor me parece um homem elegante! Barreado, ambrosia? Vamos combinar, só os nomes causam náuseas. — brinca em uma tentativa equivocada de entrar na conversa.

— Posso ter dinheiro agora, meu bem. — os traços de diversão somem do rosto de Donavan. — Minha origem é humilde e tenho muito orgulho dela. Gosto de comida de povão, não dessas saladinhas que deixam as pessoas tão amarguradas e chatas. — ele aponta para o prato de Camila, que fecha a cara irritada.

*Uiii, toma!*

*Ela pediu, agora engole.*

Pouco preocupado com o constrangimento da mulher, Donavan muda a conversa para a casa que comprou em Ilhabela, um lugar à beira mar famoso pelas praias paradisíacas, matas nativas, regatas de barcos a velas e pela mistura da vila de pescadores às casas cinematográficas. Os pratos principais chegam, sou premiada com um suculento filé de cordeiro e fritas e tenho que rir da cara de pavor de Theo ao se deparar com seu frango grelhado, arroz integral e um belo monte de ervilhas. Sem pensar duas vezes, livro-o do suplício capturando as diabinhas verdes e trazendo-as para o meu prato.

Só me dou conta que estamos sendo observados quando um riso solto escapa de Donavan. — Vocês formam um belo par. Não é à toa que o projeto ficou tão bom.

Camila engasga.

*Ai não!*

Olho para o Theo que está olhando para Donavan, que continua sorrindo para mim.

A adrenalina toma conta de todas as minhas células e minha mão começa a tremer... Muito. Um terremoto atinge meu garfo, que para a dois centímetros da minha boca, fazendo as ervilhas caírem uma a uma na mesa.

Camila desengasga e pigarreja. — Que projeto? — pergunta ríspida em uma voz esganiçada quando seus olhos recaem, mortais, na direção de Theo. — Ainda estou trabalhando nisto.

Fecho os olhos a espera de um milagre... Que não vem.

Abro os olhos e resolvo aceitar que este almoço estava fadado ao fracasso antes mesmo de começar.

— O meu, evidentemente — Donavan responde constrangido. — Deve estar fazendo confusão, meu bem. Recebi as plantas há alguns dias e estou realmente impressionado com tudo que vi. A concorrência até que tentou, mas o trabalho da Callas está em um nível de excelência.

O rosto de Camila contrai.

*Lascou-se.*

— Não estou fazendo confusão nenhuma! Eu sou a responsável e se eu digo que ainda não entreguei, é porque não entreguei. — ela volta-se para nós, esperando uma explicação.

Meu corpo inteiro tensiona e o tempo fecha literalmente.

Um trovão risca o céu e as primeiras gotas de chuvas escorrem pelo telhado de vidro.

Theo deposita lentamente o guardanapo sobre a mesa. — Foi falha minha. Camila não foi convocada para este almoço, mas parece que houve uma falha de comunicação entre ela e minha assistente. Fiquei surpreso em encontrá-la aqui, mas como um bom cavalheiro que sou, jamais iria colocá-la em uma sai justa. — explica com toda a calma do mundo. — Mas dadas as circunstâncias, acho bom deixar tudo claro. — para, toma um gole d'água e retoma. — Andei com alguns problemas com prazos e qualidade de entrega. O que é inadmissível. — Theo explica pesaroso e Donavam balança a cabeça parecendo sofrer com o mesmo mal em sua empresa. — Fiz algumas alterações estruturais na Callas. Por isso, queria tanto este almoço, Donavan. Para lhe contar em primeira mão, que montei um time sênior no 21º, com profissionais da minha total confiança. Eu e minha equipe iremos nos dedicar em tempo integral, a alguns projetos, incluindo o seu, eu espero.

— Não pode fazer isso! — Camila praticamente grita e um burburinho se forma.

— Tanto posso, que fiz. — Theo retruca com a voz tranquila preenchida de autoridade e retoma o foco em Donavam, que finalmente percebe a animosidade. — Desculpe aborrecê-lo, não deveria estar presenciando uma cena dessas.

— Que é isso, meu bom. Se soubesse as coisas que acontecem na minha empresa. — gargalha — Estou achando admirável a forma com está conduzindo o impasse. Homens de princípios como os seus, são raros. E se pretende conduzir a minha conta com a mesma transparência, acho que estamos caminhando para um final feliz. — parecendo adorar cada segundo da disputa, Donavan faz um gesto incentivando Theo a prosseguir.

— Obrigado. — Theo gira o corpo e dá uma encarada tão dura em Camila, que até eu estremeço. — Sabia de todos os prazos, Camila, e não apresentou um só esboço.

— Tive meus motivos e tenho vida pessoal! — defende-se.

*Uh o quê?*

Tenho que me segurar para não rir. Camila está indo exatamente na direção que o Theo quer. Se fosse touro e não Vaca, diria que meu Anjo está

prestes a agarrá-la pelo chifre.

— Sério? Posso até imaginar quais sejam, pena que não fui informado. — finge estar ressentido e respira, Camila se agita e sei que vem bomba por aí. — Sabe, eu andei pensando, eu deveria seguir mais as suas sugestões. O que disse mesmo em seu memorando para o RH?

Congelo, Pedro entregou a ele, a solicitação da minha demissão.

— Ah! Lembrei... — Theo joga um sorriso de cheque mate e Camila perde a cor. — Disse que a Callas não é uma instituição de caridade e que faltas sem aviso prévio, baixa produtividade, falta de comprometimento e má conduta profissional são inadmissíveis e devem ser varridas da empresa. Foi só isso que disse ou quer acrescentar mais alguma coisa?

— Está querendo inverter as coisas. — Camila berra em fúria. — Jogar para mim, os erros dessa incompetente, que compensa a falta de talento, abrindo as penas para o chefe! — levanta-se esbarrando na mesa.

Em choque e por impulso, levantamos também. Donavam segura o Theo, segundos antes dele perder a cabeça e partir para esganá-la. — Quero que recolha as suas coisas e suma da Callas! — ele berra com o rosto vermelho.

O som típico do restaurante em seu horário de almoço, cessa. Tito e uma dezena de garçons correm em nossa direção.



## Theo

Trago o corpo, agora relaxado, de Nina mais para perto, abraçando-a. Ela murmura algumas palavras desconexas e com cuidado, para não a acordar, aninho meu corpo até ficarmos de conchinha. Afasto seus cabelos que caem como ondas sobre o rosto e deposito um beijo suave em sua bochecha ainda corada. Os longos cílios clarinhos estão mais escuros e úmidos.

— Oôoh minha loirinha, me quebra te ver assim — sussurro em seu ouvido, mesmo sabendo que não pode me ouvir.

*Tão frágil e exausta.*

Chorou por horas até sucumbir ao sono. Um ronronar vibra em seu peito e a sinto aconchegar-se mais... Mesmo apagada, por causa dos calmantes que Thina lhe deu, instintivamente ela me procura e isso é muito bom. É exatamente isto que eu quero ser, seu lugar seguro.

Inspiro o cheiro suave de seus cabelos, o que tem um efeito relaxante... Quietamente, observo a água da chuva escorrer pela vidraça do quarto enquanto raios disparam flashes que iluminam e fazem desenhos nas paredes.

Colo minha testa no topo de sua cabeça e fecho os olhos. O dia de hoje foi todo uma merda. Começou completamente caótico e terminou como uma tragédia grega.

Depois de sermos convidados gentilmente a nos retirar do restaurante, aceitamos a carona amigável, porém constrangedora de Donovan. Voltar de moto, nem pensar. Não com a chuva torrencial e os nervos explodindo depois de assistir a Camila partindo para cima da Nina. Honestamente, não sei do que seria capaz se os seguranças não tivessem segurado a víbora e a retirado à força.

Tudo parece tão surreal, que não vou me surpreender se chegar na segunda e encontrar um e-mail de Donovan cortando laços com a Callas.

*Caralho!*

Voltar para Callas e dar de cara com Camila foi demais. A mulher só pode ter voltado voando em sua vassoura. Mal tinha desligado o telefonema para Pedro. No meio do caminho liguei pedindo que o acesso dela fosse bloqueado e a carta de demissão, redigida mais cedo, entregue.

Carta que foi rasgada em mil pedaços no saguão da Callas, diante de um Pedro furioso e uma Nati revoltada. Vai demorar um tempo para eu apagar da memória a intensidade de seu olhar ao me ver chegar com Nina.

— Não pode fazer isto! Dediquei anos à esta empresa! Não vê que esta vaquinha está te manipulando? Uma oportunista! Fodendo o chefe só por interesse! Maldição! Como não consegue enxergar os erros dela?

— Já disse que está demitida, porra!

— Não aceito, vou recorrer...

— Que recorra ao inferno se quiser! Mas perto da minha empresa e da minha mulher você não chega mais! O que fez no restaurante foi inadmissível!

Assistir a expressão de Camila se transformando em algo quase demoníaco, ao ver Miguel chegar com uma caixa contendo seus itens pessoais, foi tenebroso. E vê-la arrancar a caixa de suas mãos e arremessar em nossa direção, inacreditável. Por pouco, não fomos atingidos pelos itens que se espalharam pelo chão do saguão. — Malditos seguranças! Deveriam ter deixado eu acabar com esta puta!

— Puta, não! Olha como fala da minha amiga sua Vaca ruiva! — Pedro precisou segurar Nati que ameaçou partir para cima.

Minhas mãos se fecharam em punhos quando a paciência chegou ao limite. Fui tomado pela ira e mal me dei conta quando Mike me segurou. Só me contive quando Nina explodiu em um tom de voz que me assustou.

— Já chega! Escuta aqui sua Pitbull bovina, há meses tenho aturado seus abusos, seus insultos e esse seu discurso violento e agressivo para cima de mim.

— Cala boca! Vou destruir a sua carreira!

— Estou pouco me lixando se quiser destruir, destrua! Não tenho mais medo de você! Errei ao me calar sobre uma situação que deveria ter denunciado. Fui fraca, tive medo de perder o emprego e de que não acreditassem em mim... Deixei que seus gritos abafassem a minha voz! Só que agora, chega! Cansei de ser humilhada e ficar quieta! Todos nós nos exaltamos, sei disso... Somos humanos e a pressão muito grande... Até eu extrapolo e fico nervosa de vez em quando! Mas o que faz é maldade e passa dos limites do aceitável! Posso ser apenas uma, nesse oceano de injustiçados por aí, mas alguém tem que começar e colocar um ponto final em chefes como você!

Nesta hora, aplausos e gritos de apoio a Nina começaram a pipocar de todos os lados. Girei os olhos ao redor e quase não acreditei no que vi. Estava tão atordoado que não tinha me dado conta do circo armado na recepção da Callas. Quase uma centena de funcionários nos rodeavam.

— Você não ousaria! — Camila caiu em uma gargalhada.

— Mas eu ousaria! Assédio moral é crime! — Miguel se manifestou fazendo Camila congelar.

Sem poder acreditar no que estava acontecendo, acompanhei boquiaberto quando uma dezena de novas vozes unidas em outros: *Eu ousaria*, eclodiram. O que estava acontecendo ali era algo impressionante, forte e democrático.

Fiquei envergonhado. Andei tão ocupado e mergulhado nos problemas da empresa, que indiretamente, fui conivente com as atitudes de Camila. Sabia que ela era difícil, mas não uma assediadora. Me perguntei quantos mais em minha empresa, tratavam seus subordinados daquela maneira... Confundindo pulso firme com tortura, liderar com humilhar e delegar com explorar. Sabia que eu mesmo, por diversas vezes, fui um cretino. Explodi, gritei e deixei que meu temperamento impulsivo abalasse algumas reuniões, mas nunca usei meu poder para subjugar ninguém.

— Sei o que está passando por sua cabeça, Campeão. — Pedro apertou o meu pescoço no seu jeito habitual de demonstrar carinho. — Não é como ela. É um homem justo e comandar mais de 8 mil pessoas, às vezes exige pulso firme e até umas palavras mais duras...

— Eu sei, mas mesmo assim. Acho que algumas coisas precisam mudar.

Sem saída, diante da comoção e da quantidade de vozes que foram se juntando a causa iniciada por Nina, Camila reuniu suas coisas espalhadas pelo chão, ergueu o queixo e saiu batendo os saltos da Callas.

Corri para abraçar Nina no segundo em que Mike me soltou, e odiei a forma como seu corpo inteiro tremia à beira de um colapso, que explodiu assim que, dei o expediente por encerrado e fomos direto para casa.

## Dezoito



— **T**udo bem, quando puder então.

Dispensando Nati, ansioso por uns minutos a sós com Nina. Para a minha surpresa, minha digníssima assistente não só, vai na direção errada, como ainda olha sério para a Caipira ao dar a volta na minha mesa. — Se me der licença, Senhor. — inclina na minha direção e estranho sua cara feia, depois fico estático na cadeira e sem saber o que fazer quando começa a tatear minha testa a procura de algo.

*Chifres?*

*Será que ela está tentando me avisar alguma coisa?*

Observo atentamente o rosto de Nati em busca de alguma mensagem subliminar... Uma piscada, uma sobrancelha levantada, um nariz franzido... Nada.

Ando meio paranóico depois do episódio da Camila... Não com ela, pois no mesmo dia, recebemos uma carta de demissão para rebater a nossa. Alegou stress emocional e fadiga, em uma manobra para evitar os processos e a ficha suja. Até agora, além da Nina, mais 27 funcionários entraram com queixa formal contra ela. Um impasse que pode durar meses e vai fazer os advogados da Callas trabalharem um bocado.

Meu problema está em Nina e em sua promessa absurda que fez a minha irmã sobre abstinência sexual. Estamos dividindo o mesmo teto há quatro dias e nada. No máximo uns amassos antes dela virar de costas e se aninhar de conchinha para mais uma noite de agonia, sentindo sua bunda roçar em minha virilha.

Reclamei, protestei e nada da carrasca ceder.

Ando tão obcecado pela Caipira que tudo o que eu penso é no meu pau comendo gostoso a bocetinha apertada dela. Vulgar eu sei, mas real. Nunca na minha vida eu senti uma química tão forte por alguém... E nada é mais importante para mim do que estar ligado a Nina o mais intimamente



que eu conseguir. Então sim... Estou paranoico, cheio de tesão e agindo como um lobo no cio.

Minha paciência chega ao fim, afasto a mão irritante de Nati. Também venho tentado controlar meu mal humor e ser mais paciente depois dessa coisa do assédio moral, mas não sou de ferro, porra.

— Dá pra me dizer o que tanto procura na minha cabeça?

— O botão que abre o compartimento secreto em sua testa. Preciso chamar os homens de Preto e expulsar o mini ET que está aí dentro. — inesperadamente, bate em minha testa como se ela fosse uma porta e grita um hello estridente. — Ablas a minha língua? — descredito quando Nati arrisca um portunhol, dito em uma voz robótica, olho exasperado para Nina que não se contém, jogando a cabeça para trás em um gargalhada deliciosa. — Não sei o que fez com o meu chefe, mas quero ele de volta, tá entendendo? Esse chato politicamente correto que colocou no lugar dele é um saco! — bate outra vez.

— Porra, Nati! — berro e ela afasta-se suprimindo um sorriso. — Pensei que fosse alguma coisa séria! — levanto e começo a andar em direção a Nina que está sentada no sofá e continua rindo. — Quer saber? Esquece essa merda de quando puder, quero os relatórios em minha mesa em meia hora!

— Como quiser, Senhor Callas. — Nati recolhe as pastas que largou em cima da minha mesa e corre para porta. Antes de sair, gira sobre os calcanhares e volta a gritar em voz robótica — Obrigada mini ET, por ter devolvido o insuportável do meu chefe! — sorri e sai.

— Bom, fico aliviada que esteja bem e que Nati tenha te trazido de volta. — Nina diz colocando na mesa de centro, o resultado do meu eletro e avaliação física que fiz pela manhã. — Esse Theo todo cheio de dedos, não combina você. E por mais divertido que tenha sido a sessão de exorcismo, combinei de rever uns projetos com o Miguel, as coisas no 12º estão caóticas. Preciso voltar.

*Uh o quê?*

— Não, você fica. — seguro seu braço.

— O que foi?

— Estou com saudades. — *E com um puta tesão.* Abro um sorriso malicioso e decidido para deixar claro o quanto estou determinado e que não vou desistir. Fui obrigado a ceder porque não tinha provas que

mostrassem o que eu já sabia, mas agora... — Viu os exames, não faz sentido continuar com esta besteira. — chego mais perto e sua respiração falha. — Tá na cara que está subindo pelas paredes tanto quanto eu.

— Theo, já falamos sobre isto... — ofega. E, gosto como seus olhos faíscam e morde os lábios quando deliberadamente dobro os joelhos e esfrego minha virilha nela. — Muita coisa aconteceu...

— Que saco, Nina. Tudo o que fizemos nestes últimos dias foi conversar... Pensei que já tivéssemos superado Curitiba e a Camila.

— E superei... Superamos. — com a ponta do dedo abaixo um pouco seu decote e beijo o vale entre seus seios. Um suspiro suave escapada de sua garganta. — Não é isso ... e se... você... A sua memória...

— Eu não vou quebrar... — sussurro grudado em seu peito. — E a Thina está exagerando. — minha boca sobe para o seu pescoço e minha mão desce, contornando sua cintura, tateio o tecido macio do vestido cinza e justo que está usando hoje e que nada contribui para o meu autocontrole.

Nina inclina a cabeça para o lado, permitindo mais acesso ao seu pescoço e suas mãos agarram meu ombro quando suas costas arqueiam sutilmente, fazendo meu pau pressionar mais sua barriga. — A Thina só está preocupada. — sua voz falha. — Natural, ela é sua irmã mais velha e cuidar de você é seu hobby favorito. — meu pau vibra ao sentir o desejo em sua voz rouca. — Esqueceu de várias coisas. Talvez se lembrasse...

— Mas não lembro... — seguro um gemido de frustração. — Queria que fosse diferente, mas não é. E sinto muito por isso. — suavizo meu tom e respiro fundo para me acalmar.

Ela assente ruborizada... Seus olhos se prendem aos meus, como se quisessem transmitir via WiFi os arquivos de memória armazenados em seu cérebro. *É foda!* Meu coração contrai por não compartilhar a mesma lembrança. Fiquei surpreso quando contou que nossa noite na suíte do hotel foi agitada. E já passei horas e mais horas, fundindo a cabeça em busca de qualquer detalhe sobre o que ela disse ter sido o sexo mais incrível e intenso de sua vida. É frustrante e quase enlouquecedor, pois me sinto um traidor de mim mesmo. Era o meu corpo proporcionando esta experiência para ela, mas eu, o Theo não estava lá... Então tudo o que sei, que a última vez que a tive foi no elevador.

— Se ao menos me contasse o que foi dito naquela noite.

Seus olhos brilham com um deleite misterioso. Como se uma parte dela quisesse me contar, mas a outra estivesse até gostando do meu absoluto e desesperado tormento. — Não posso fazer isso.

— Mas poderia me ajudar a lembrar. — coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e passo a ponta no nariz em sua bochecha corada. — Dizem que em casos de amnésia, ajuda muito se a pessoa reviver as situações.

Limpando a garganta Nina me afasta — É uma ideia... Até poderia dançar pra você — gira o dedo ao redor e sua boca franze em pesar. — Mas ainda não vejo nenhum poste por aqui. — gira a maçaneta e tranca a porta. — Talvez se pulássemos para a parte do balcão.

Engulo com dificuldade e afrouxo o nó gravata. — Que parte do balcão? — quase engasgo de vez, quando Nina abre um sorriso malicioso.

*Ela está insinuando que vai começar o tratamento pró-memória, aqui?*

Minha pulsação acelera e sinto meu pau engrossar... Sem tirar os olhos dela, arranco o paletó e jogo sobre o sofá. Posso ouvir sua respiração entrecortada a cada passo que dá, em direção ao bar. Ela corre a ponta dos dedos sobre a madeira, depois espalma as mãos e pressiona como se estivesse conferindo se está bem firme.

— A parte... — abaixa os olhos claramente indecisa. *Por favor, não desista! Por favor, não desista!* Mas então, volta a sorrir de um jeito quase tímido, que me faz querer arrancar suas roupas, acariciar seu corpo, beijar, chupar e foder tudo ao mesmo tempo.

— Que parte, Nina? — pergunto me aproximando e mal disfarçando os pensamentos lascivos que passam por minha mente.

Ela gira o corpo para me encarar... Vejo tudo em seus olhos verde maçã ansiedade, desejo, medo, luxúria... Porra, essa mulher é um emaranhado de contradições. Nem ousou lembrá-la onde estamos... Meu coração começa a bater em uma mistura de excitação e ansiedade. Diminuo a distância e ficamos nariz com nariz. Sinto seu hálito suave e mentolado e deixo que sua inspiração roube toda a minha razão. — Que parte, Nina. — insisto e abaixo para passar minha língua por seus lábios entreabertos.

Ela geme com as costas grudadas no balcão. — A parte... — murmura — ... em que apoiou contra o balcão do bar da suíte e me comeu por trás.

*Caralho! Mente maldita!*

*Como pude esquecer uma coisa dessas?*

Não aguento mais... Capturo sua boca, tomo seu lábio inferior puxando-a para perto. Com um rugido aprofundo o beijo e a pressiono contra o bar. Nada da delicadeza dos amassos noturnos, nosso beijo é urgente, quase rude. Minhas mãos passeiam por seu corpo até encontrar o zíper lateral do vestido. Sem desgrudar nossas bocas puxo-a e a empurro até sentir o tecido escorregar e cair sobre os seus pés. Ofegante entre uma disputa de línguas e outra, ela chuta a peça com os pés.

Tomamos fôlego.

Merda!

Corro os olhos por seu corpo escultural. *Merda!* Ela está usando um conjunto branco rendado, transparente, sem alças e decorado com rosas e lacinhos... Tesão de mulher.

— Vou te foder tão forte, que vai lembrar da intensidade do meu pau em você, por semanas. — digo percorrendo o dedo entre seus peitos cheios.

Os olhos de Nina crescem e ela parece se dar conta do que de fato estamos prestes a fazer. — Deus! Theo... Estamos... Será? ... A Nati.

— Não pense... — agarro seus cabelos e grudo nossas bocas novamente — Esqueça tudo... Apenas sintá... — rosno e fodo sua boca em mais um beijo desesperado... Chupo sua língua, ela morde a minha... Suas mãos agarram minha bunda e as minhas abrem o fecho frontal do sutiã libertando minhas preciosidades. O tecido delicado escorrega facilmente. Sem fôlego, paro o beijo, encho meus pulmões e mergulho para abocanhar o mamilo rosado e inchado. Enquanto giro e puxo um bico entre os dedos, chupo forte o outro, provocando-a com os dentes, ela geme e seus joelhos dobram. *Isso!* — Me morde...

*Caralho, tesuda demais.*

Sem precisar pedir duas vezes faço o que pede, mordo forte fazendo-a gritar e puxar o tecido das costas da minha camisa. — Oh, Deus... Sim.

— Sim, oh, sim... — grunho e tomo o outro mamilo castigando-o.

Mãos pequenas e urgentes tateiam minha virilha e começam a ordenhar meu pau sobre a calça. *Porra! Porra! Porra!* Esqueço um bico e vou direto para dentro de sua calcinha. Com o dedo abro caminho entre

seus lábios e deslizo fácil por sua humidade. — Encharcada... — rosno e afundo um dedo por sua abertura. *Quente, porra!*

Ela murmura um: — Isso... fundo... fundo... — e junto outro dedo e o polegar a orgia. Enfio fundo, giro, alargo, massajeio o clitóris lambuzado com o polegar e Nina agita a cabeça em um eterno. — Oh, oh, oh, oh, oh...

Sua boceta vibra apertando meus dedos... Retiro meus invasores e ela protesta. — Quero que goze no meu pau.

Seus olhos entreabrem perdidos como se estivesse drogada, passa a língua umedecendo os lábios inchados pelos meus beijos. — Quero sentir sua barba roçando lá... — murmura.

— Mais tarde, agora é meu pau que vai sentir.

Gemo como um selvagem ao virar seu corpo rápido, inclinar e empurrar suas costas até que seus peitos estejam espremidos contra a madeira escura. A visão de sua bunda redondinha na calcinha fio dental quase me faz gozar na calça. Mordo os lábios tentando me controlar, dobro os joelhos, ao deslizar a peça delicada para baixo. Não resisto ao ver sua boceta em flor molhada diante dos meus olhos... Como um felino afundo a cabeça no meio das suas pernas e lambo de baixo para cima... *Gostosa do caralho...* Um rugido escapa da minha garganta. Agito minha língua saboreando o máximo que eu posso. Gritinhos excitados escapam doces e roucos de Nina.

— Isso... a barba...

Esfrego o queixo em seu clitóris, instigando com a barba e ganho mais gemidos e ronronados excitados e satisfeitos... As prioridades mudam, esqueço a urgência do meu pau e concentro-me e saciar a mulher que rebola na minha cara pedindo mais e mais. Chupo, lambo, esfrego os pelos do meu rosto, fodo sua bocetinha com a minha língua até ela quase gozar... Seu gosto adocicado e salgado... Seu cheiro almiscarado...

*Deus!*

— Theo...

— Já vou te levar para o céu... Só preciso de um segundo.

Subo arranco a camisa e a gravata sem ligar para os botões que se espalham pelo chão, tiro um preservativo do bolso de trás e afasto suas pernas enquanto abro o zíper, abaixo a calça até os joelhos e liberto um pau mais duro que um míssil e pronto para ser teleguiado até sua boceta.

Meu peito estufa, nem acredito que esta maravilha toda é minha... Rasgo o pacote com os dentes... Visto o preservativo e a observo contorcer-se em expectativa. Linda, entregue e submissa... *Foda!* A visão é esplêndida... — Isso, entregue-se a mim... — corro o dedo sobre a boceta inchada e molhada, arrasto sua excitação lubrificando, provocando e circundando seu ânus.

Ela se retrai... *Droga!* Espero... Ela geme e rebola, com os olhos fechados, as palmas das mãos, e o rosto angelical pressionados sobre a madeira. Repito o gesto, circundo meu prêmio e guiado pelo — Sim... — que Nina deixa escapar pressiono a ponta do dedo indicador forçando a entrada. Digam o que quiserem, mas anal é um manjar dos deuses...

Com a mão livre acaricio e aperto sua bunda exibida... Tomado por um tesão incontável, dou um tapa, ela grita em surpresa, relaxa e metade do meu dedo desliza cu a dentro. — Ooohhh, Theo... — Choraminga, rebola e seus sons de gata gozando me deixam extasiado. Outro tapa, o dedo que entra e sai... Mais um e mais outro... A intensidade da imagem do meu dedo enterrado nela é tanta, que também gozo sentindo a camisinha encher.

Tiro o dedo e a marca da minha mão brota rosada em sua pela branquinha. Nina geme, mas ao contrário de afastar-se, empina mais a bunda oferecendo-a a mim. Seu rosto corado e suado é a mais perfeita tradução do êxtase. Magnífica! Luxúria pura, parece estar em outra dimensão e acho que se o mundo acabasse, nem iria perceber.

*Caralho!*

Ela gosta disto? Foi este tipo de coisa que rolou em Curitiba?

Afasto seus cabelos, liberando o pescoço e seu corpo treme ao contato dos meus dedos. Inclino e pressiono meu peito contra as costas dela — É isso que gosta? Que te foda bem safado, no meu escritório? — sussurro e mordo a parte macia de sua orelha.

— Gosto que me foda, o lugar que se dane. — sussurra, estende a mão e agarra o meu pau ainda duro. — Tira isso.

Gemo e quase não consigo avisar. — Preciso de outra. — começo a me afastar.

— Parê! Não.

Confuso, levanto e giro seu corpo para encará-la. — Quer parar?

— Com a camisinha, não precisamos mais... a pílula. — explica ainda totalmente desconcertada e com o olhar pesado.

Paraliso.

*Bendita pílula, maldita amnésia.*

Respiro fundo atordoado. Meu primeiro instinto é parar por aqui... Ela merece algo especial... Não! Só se ela pedir. Eu sozinho já não tenho forças... Não consigo parar... Não me interessa onde e como, apenas que seja..., mas porra, é a Nina!

— Nina... Não sei se consigo esperar e te levar a um lugar mais...

— Não! — interrompe ansiosa. — Foi aqui que tudo começou... É perfeito, é quem você é...

Fecho os olhos grudando minha testa na dela... Pela primeira vez na vida fico nervoso diante de uma mulher... Eu quero muito, mais do que qualquer outra coisa, mas a decisão partiu de mim, não dela. E essa vozinha da consciência, que não deveria aparecer agora, vem com força.

— Estou um pouco... é a minha primeira vez desse jeito — solto um suspiro. — Sei que fui eu que insisti. Mas, porra ... Isso é grande pra caralho. É o passo mais íntimo que eu... Merda, se não quiser.

— Shhhh... Dá pra calar esta boca? ... — afaga me cabelo. — Sabe que também nunca transei sem camisinha... — *O que eu continuo achando estranho.* — E embora pense que é uma decisão sua, ela é minha... Quero te sentir dentro de mim e não quero mais esperar. E é bom que esta coisa de paredes a prova de som seja verdadeira, porque se não forem, vai ser a primeira e última vez que vai foder qualquer coisa na vida.

— São, sim... São ...

Sinto meu estômago apertar, preciso apoiar uma mão no balcão para sustentar meu corpo, já que meus joelhos falham por uma fração de segundo, mas falham. A ideia de sentir Nina por inteiro é quase sufocante... Meu corpo inteiro treme, agora entendendo o que Armstrong <sup>[42]</sup> sentiu ao dar o primeiro passo... O peito comprime, o coração explode, a garganta seca, todos os sentidos se concentram para o momento que vai mudar tudo... Eu sei que vai. Caralho, nunca pensei que algo pudesse representar tanto para mim. É muito sentimento envolvido e o universo parece pequeno diante das coisas que Nina me faz desejar e que antes não tinham nenhum valor.

Pego-a no colo com toda a gentileza, Nina envolve os braços ao redor do meu pescoço. Aos tropeços, vou com ela até minha mesa e ansioso, passo o braço abrindo espaço. Enfeites, pastas, relatórios e Ipad voam indo parar no chão. Deposito sua bunda marcada sobre a madeira maciça da mesa.

— O que está fazendo?

— Sempre quis fazer isso... Não se mexa e mantenha os sapatos.

Quando entende o que é, seus olhos mudam para um furta cor cintilante. — Mas pensei que você já ... Quer dizer, sendo quem é.

— Pensou errado. — mordo o canto da boca e com a calça nos calcanhares, retiro o preservativo, dou um nó, e em um arremesso certo, ele vai parar no cesto no canto da sala.

Nina fica uns instantes pensando um pouco, olhando para os pés que balançam. — Por quê? — volta a olhar para o meu rosto. — Não me parece o cara que ficaria esperando o melhor momento ou que se privaria das suas vontades.

— Porquê. — estico o braço e passo a ponta do dedo sobre seu mamilo ereto acima do coração. Sua boca abre levemente. — De um jeito que nem eu ou a ciência podemos explicar, só você me faz querer quebrar regras que eu nem sabia que tinha. Meu escritório é meu templo, como o meu coração ou minha família, nunca deixei alguém entrar desse jeito. — faço o contorno da auréola e seu peito sobe e desce, enquanto a respiração acelera. — Não me parecia certo, mas com você... Nada é mundano ou profano. Tudo se encaixa, é do jeito que tem que ser, que dá pra ser.... E como eu quero que seja, sem certo ou errado, só o que é. Não percebe? Eu te amo, Caipira.

Ela inclina o corpo ligeiramente para trás e minha mão cai libertando seu seio.

Olho Nina nua e linda sentada em minha mesa, vestindo apenas saltos altíssimos pretos e tenho que rir um pouco da sua expressão de surpresa. Sua boca gostosa abre e fecha, perplexa.

— Tô falando sério. Estou entregue, totalmente rendido a você. Dominou a porra toda em mim.

— Não pode dizer isso. — repreende-me com os olhos pesados, tomados pela mesma luxúria de quando deslizei o meu dedo sobre a delicada entrada de seu traseiro. *Não? Mas é o que eu sinto porra! Está*



*recusando meu amor?* Apoia-se nos cotovelos e afasta as pernas. *Óoo minha Caipira* . Um pouco hesitante, dou um passo e me posiciono entre elas. — Anjo, é você que me domina e não o contrário. Basta olhar onde estou... Totalmente submissa a você. — reclina as costas sobre a mesa. — Vem...

Apoio as mãos na mesa e inclino pairando sobre ela, sem palavras e surpreso...

*Isso é bom ou ruim?*

Em uma de nossas conversas, Nina disse que seu casamento a sufocava por quererem dela uma obediência que não tinha... A beijo suavemente, roçando meus lábios nos dela. — Não te quero submissa... — uma sobrancelha loirinha ergue duvidando. — Tá ... Admito que um pouco de submissão no sexo me dá tesão. — confesso quase sem jeito. — Mas fora dele, te quero do jeito que é... — beijo-a novamente e sussurro em sua boca. — Deslumbrante, inteligente, safada, doce, teimosa, engraçada. irritante... Aiai, porra! — ela morde e puxa meus lábios. Decido parar com os adjetivos e resumir. — Nunca mude ou se anule por mim.

— É tarde, eu já mudei, meu Anjo. — diz com a voz rouca quase sumindo. — Sou uma pessoa muito melhor ao seu lado.

Ergue e enlaça as longas e macias pernas em pescoço, não digo mais nada... E com os quadris tensos, pronto para estocar e explodir dentro dela, deixo meu pau penetrar lentamente... Um arrepio sobe por meu pescoço e busco fôlego em uma inspiração demorada.

*Porra, caralho, cacete!*

Meu mundo sai de órbita... Tudo que existe é... Pele dura contra o macio úmido, possuindo e empurrando, alargando e sendo comprimido, milhares de sensações pulsando bem ali... No ponto onde Nina e eu viramos um só... Me emociono ao descobrir o verdadeiro sentido da vida...

— Minha Nina! Meu Nirvana [\[43\]](#)...

Começo a mexer os quadris lentamente, fascinado em como meu pau sai úmido e brilhante, completamente ciente do quão estou arruinado e nunca mais vou querer foder de camisinha ou com outra que não seja Nina... E estranho seu silêncio.

Tiro os olhos de onde eu fodo sua boceta e a observo, Nina está... Magnífica com os olhos vidrados em mim, seu rosto vermelho e extasiado,

os braços delicados vão para trás, tateando a mesa e derrubando o que encontra pela frente. Sem desgrudar nossos olhos, intensifico o ritmo entrando profundo e forte. Ele ofega em uma respiração entrecortada. Minha fome por mais contato aumenta... Impulsiono e giro os quadris metendo tudo até a base... Mais, mais e mais... Com o impacto seu corpo desliza sobre a mesa indo e vindo. Pequenos sons de súplica e prazer escapam de seus lábios entreabertos.

— Tudo bem? — digo entre meus dentes. — Menos?

— Mais... Divino... — murmura. — Estou... no céu.

Enfio o mais rápido e fundo que posso... O suor toma conta de nós. A posição favorece que o contato seja total... Meu fodendo forte, minhas bolas batendo em sua bunda... *Caralho!* O som dos nossos sexos famintos, mistura-se aos gemidos de prazer de Nina e aos urros que tento abafar pressionando os lábios em sua perna. Meto, giro, afundo... Meto... Meto... Meto... Fico implacável e perco o controle quando sua boceta chupa meu pau nos primeiros espasmos de um orgasmo que promete ser explosivo.

— Theo... ma... anj...

Palavras inteligíveis são ditas por Nina ao mover seus quadris loucamente junto comigo, ele tensiona, suas costas arqueiam, liberto suas pernas que caem soltas e trêmulas, inclino o corpo e capturo sua boca em um beijo apaixonado e selvagem bem a tempo, de absorver os gritos de seu gozo frenético.

Sem fôlego solto sua boca... *Nossa, ela fica linda com esta cara de gozo*. Sinto meus músculos contraírem e meu pau engrossar no limite entre as estocadas descontroladas... — Goze, me possua, Theo.

Sua voz doce soa como o canto da sereia e perdido entre o real e a fantasia desabo sobre ela quando meu orgasmo explode de uma forma tremenda e preencho-a com tudo que sou... Ela me arranha, cravo meus dentes em seu ombro enquanto mais e mais jatos do meu gozo, inundam sua boceta divina e entrego tudo a ela... Meu corpo, minha alma e meu coração.



**Nina**

*Uauuu*

Imprensada entre a mesa e Theo espero meus batimentos cardíacos voltarem ao normal, apreciando a sensação molhada de sua virilha entre as minhas coxas. Meus pensamentos ainda estão uma confusão, mal consigo pronunciar uma palavra e uma sequência coerente delas, então nem pensar. Tudo que sai é emaranhado de...

*Nossa*

*Você*

*Deus*

*Tão certo*

*Sonho*

E tudo que sei, é que nunca algo tão significativo e avassalador já aconteceu comigo. Sempre achei que supervalorizassem essa coisa de sexo sem camisinha. Como uma lenda urbana ou uma artimanha masculina para sabe-se lá o quê? Dominação? Impor o seu poder de macho? Mas errei, a ausência da fina e apertada camada de látex eleva a coisa ao nível do real... E Theo estava certo, é o ponto máximo de intimidade de um casal...

*E foi com ele... Com meu anjo, como tinha que ser...*

Acaricio suas costas largas e a segurança que sinto embaixo dele é diferente de qualquer outra. *Jesus!* Ele é tão enorme em todos os sentidos que bloqueia meus medos, inseguranças ou inibições e o peso de sua presença esmaga uma a uma, minhas regras e preconceitos. Preconceitos que não imaginei que existissem, que eu camuflava sobre a condição de serem apenas normas de segurança pós casamento desastroso.

A verdade é que eu saí machucada das minhas relações com Bernardo e minha mãe e as cicatrizes ainda são visíveis. Disfarcei minha dor em trabalho. Talvez Theo as tenha enxergado antes de mim. Com ele é tudo tão fácil, tão permitido...

*Deus do Céu!*

*Eu deixei ele colocar e enfiar o dedo lá e gostei!*

— O que foi?

— O que foi, o quê?

Theo apoia os cotovelos na mesa aliviando o peso de seu corpo. — Gemeu de um jeito agoniado. Te machuquei?

*Uh o quê?*

*Não, nunca!*

Uma timidez fora de hora faz a pele de meu pescoço pipocar, escondo o rosto com as mãos, pois não quero que interprete como dúvida o que é apenas vergonha.

— Merda, você se arrependeu?

Sem tirar a mão do rosto, balanço a cabeça negando. Em vez de insistir ele me surpreende, passando um braço sob os meus joelhos e outro ao redor do meu ombro. Com o rosto apoiado em seu peito, abro os olhos só um pouquinho e espio. Sou levada até uma sala que nem sabia existir, escondida atrás dos painéis de madeira de sua mesa.

É como seu closet no apartamento, só que maior e com um sofá confortável e um chuveiro. — Vou te dar um banho, enquanto me explica pra que toda esta vergonha. — responde docemente minha pergunta não formulada.

Sorrio e apenas concordo, às vezes esqueço desse poder que o Theo possui de ver através de mim. Comigo ainda em seus braços, ele liga o chuveiro, o calor e o vapor d'água invadem a sala trazendo uma sensação reconfortante.

— Não posso molhar os cabelos. — sussurro.

Com cuidado Theo me coloca no chão, alcança uma toalha e protege meus cabelos em espécie de turbante gigante.

— Pronto, nada de produzir provas contra nós. — satisfeito, beija meu rosto e me puxa com ele para o box. — Não tem com o que se envergonhar, esse vai ser nosso segredo, Ok? Tirando a Nati e o Pedro, que devem imaginar, mas não têm moral para achar nada, ninguém sabe o que aconteceu. E agora, que esclarecemos que as horas que passa no meu escritório, são dedicadas aos projetos, duvido que surjam rumores maldosos.

Deixo que ensaboe e lave meu corpo. — Não estou preocupada com os outros, não mais. A coisa entre nós, já está tão escancarada, que se danem os fofoqueiros. — alcanço o sabote líquido, coloco uma dose generosa nas mãos e começo a esfregar seu peito, acariciando a penugem fina em seu tórax.

— Então por que essa vergonha? Posso não saber tudo sobre você ainda, mas estas brotoejas ou são irritação ou timidez. — passa a esponja deixando um rastro de espuma em meu pescoço, antes de beijá-lo. O meu rosto cora novamente e o dele me observa curioso. Constrangida, fecho os

olhos para fugir de seu julgamento. — É que...eu nunca tinha feito umas coisas... Só que me deu um troço, fui deixando a empolgação me tomar... Não quero que pense...

— Que coisas? Ser fodida em uma mesa?

A adrenalina corre em minhas veias, enchendo minha cabeça de insegurança e recordações desagradáveis. O encaro, mas desvio o olhar para os veios d'água que escorrem por seu rosto e ombros.

— Isso também..., mas, as coisas lá ... — giro e inclino a cabeça apontando meu traseiro... Theo me olha confuso.

Ele desliza as mãos descendo por minhas costelas quando os pontos dourados em seus olhos piscam. — Ah... Nunca fez anal? Mas..., mas...

Balanço a cabeça negando com ênfase. — Eu disse que ele tentou fazer coisas dolorosas e humilhantes, não disse que eu deixei.

Seu rosto lindo e molhado contrai em culpa... — Não queria te humilhar... Eu pensei que em Curitiba... Merda! Por que não disse que não gostava da primeira vez que te toquei ali.

— Porque eu gostei e hoje, quando o senti dentro. Deus... Foi muito bom. — murmuro a última frase e sei que estou sendo contraditória. — Com ele me sentia uma puta... Era sujo, grosseiro e errado. Com você ... — fecho os olhos e respiro — ...é bom... é libertador.

O maxilar de Theo contrai e ele me abraça esmagando meus seios contra o seu peito. — Ôooo, minha Caipira. Nada com você é sujo ou errado... Aquilo no balcão foi a coisa mais erótica que já fiz... Gozei só de olhar e apesar de ter um arsenal de sacanagens que eu sonhe em fazer com você, não quero que se force a nada só para me agradar. — segura o meu rosto roçando os lábios nos meus. — Entre nós, não existe só o *EU* quero, tem que ser consensual e prazeroso para os dois. Não faz ideia do quanto eu gostei de te ver entregue daquele jeito, mas se eu for por um caminho que não seja confortável, tem que me dizer, ok?

Seus olhos encontram os meus, esperando que eu diga alguma coisa... — Direi.

Não consigo nada além disso, minha mente está ocupada apaixonando-se um pouco mais.

*Caramba, esse homem é mesmo um dez mais!*

*E é irritantemente bonito.*

*E é honestamente temperamental e preocupado.*  
*E tem um arsenal de coisas sacanas, que sim, eu quero que as faça todas.*

*E se já é fantástico assim, Deus do céu, imagina sendo melhor.*

*E é bom demais para ser verdade.*

*E espera aí!*

*E é meu?*

— Disse que me amava, né? —

Sem pausas ou dúvidas ele responde. — Disse.

— E não foi coisa de momento, dita na empolgação porque queria me comer sem camisinha?

— Não.

— Isso é real, pra valer então?

— Já disse que é. — ele começa a rir. — Caralho, pra que tanta pergunta? Dá para ir logo para a parte em que fica feliz, pula nos meus braços e me deixa te fazer gozar de novo até gritar que também é minha?

*E é exatamente o que eu faço.*

Pulo em seu colo entrelaço as pernas em seus quadris e sinto novamente o Indecente deslizar livre, pressionando cada vez mais fundo e mais forte, até que tudo o que resta são os sons da água caindo, das nossas peles batendo e dos sussurros misturados. Entrego-me a ele no chuveiro e novamente no sofá... Até perder as forças e gritar com toda a convicção do mundo que sim! Eu sou dele!



— Nossa, não está com calor? — olho para os coturnos que Estrela está usando junto com um vestido xadrez sem mangas e comprido.

— Não consigo usar essas coisas delicadinhas. — aponta para a minha rasteirinha nude. — Estava com saudades dos nossos momentos de fofoca. — Estrela sorri apalpando um tomate.

— Precisava de ar puro, já estava ficando cinza trancafiada naquele escritório. Mesmo com o Miguel mandando super bem no lugar da Camila, estamos atolados com o tanto de projeto que está atrasado. — encho um saquinho com batatas.

— E o processo do assédio moral?

— Andando. — começo a separar umas cenouras, quando uma rajada de vento quase levanta meu vestido trapézio amarelo. *Opa! Sorte que não é tão curto.* Prendo o tecido entre as pernas e continuo minha batalha com as cenouras. — Ela tentou aquela jogada do desgaste emocional. Mas com tanto subordinado engrossando a lista das denúncias, o juiz acabou abrindo o processo. Vai demorar, mas dificilmente iremos perder uma causa como esta. Pena que muita gentê ainda faz vista grossa para este tipo de absurdo. — não consigo esconder um suspiro decepcionado. — Se as provas de abuso do chefe forem concretas e existirem testemunhas, não tem como perder. — explico pegando as batatas, cenouras e o chuchu que a assistente da barraquinha me entrega, e dou para Rafael colocar em uma das sacolas que ele insiste em carregar para nós

— Mandou bem, Polaca! — Estrela dá dois tapinhas no meu ombro. — Tomara que ela aprenda a lição.

Franzo o nariz achando pouco provável. Pessoas como a Camila raramente mudam.

— A Senhorita Nina, ganhou um bocado de respeito lá na empresa. — Rafael se intromete. — Virou musa das secretárias e estagiárias, tem gente até ficando loira e falando leitê quentê. — imita meu sotaque.

Olho feio para o seu rosto suado. — Parê de me imitar — protesto e ele cai na gargalhada junto com Estrela. — Só pararam de pegar no meu pé. — amenizo apesar dele ter razão, as pessoas mudaram comigo. Virei uma espécie de intocada, quase proibida: a namorada do chefe e aquela que não leva desaforo para casa. Os dois continuam a rir e eu me irritado. — Acho que este sol já está fundindo os seus miolos, grandalhão.

— Como essas roupas? Impossível. — enxuga uma gota de suor do rosto, mas vai para sombra.

Graças a Deus, que o Theo não é um daqueles fanáticos que obrigam a segurança usar ternos pretos, vinte e quatro horas. Meu Anjo superprotetor é adepto do estilo igualar para camuflar.

*Ainda bem.*

O sábado amanheceu especialmente ensolarado e o ventinho que bate, não está aliviando em nada o calorão de São Paulo em pleno Outono. A camiseta verde e a bermuda azul que Rafael está vestindo me fazem sentir menos mal por ele e por mim. Primeiro, porque minha sombra gigante não vai morrer de insolação e segundo, porque andar seguida por aí,

por um segurança engravatado é a mesma coisa que grudar no peito uma placa...

*Hey olhem para mim.*

Rafael guarda os saquinhos de legumes de Estrela e pede licença para ir comprar um pastel. Ela paga seus legumes e segue para a barraca seguinte. — Cadê o Theo?

— Ouviu a palavra feira e saiu correndo com o Mike. — dou risada.

— Juro que não entendo por que os homens detestam compras. Meu marido também sempre inventa uma desculpa. Olha só para isso...— gira os braços apontando para o ambiente descontraído, colorido e agitado. — Não tem nada mais delicioso que uma boa feira ao ar livre. Sentiu o perfume daquelas mangas?

— Delicioso. — concordo rindo de sua empolgação a sigo para a barraca de frutas. — O Theo até que gosta de comprar, mas tudo pela internet. — lembro de sua última aquisição relâmpago e reviro os olhos.

— Que foi? — Estrela aceita um pedaço de manga que o feirante oferece, começa a experimentar estudando meu rosto.

Apesar da agonia, tenho que rir do *Hummm* quase sexual que solta.

— Menina, juro que estou adorando morar com o Theo, mas o homem está me deixando maluca. Eu peço para ele fazer café, pá! Compra uma cafeteira. Ajustar a imagem da Tevê. Tcharam! Ele aparece com uma nova. — reviro os olhos e ela só ri.

— Entraram em um acordo sobre a cama?

— Bati o pé... O quarto é pequeno demais, além disso, ele gosta de ficar agarrado. — lembro de partes dele que se esfregam em mim quando ele fica igual a um coala e gemo como ela fez com a manga, — E dormir é a última coisa que temos feito.

Os olhos dela iluminam. — Acho tudo isso fofo. Ele só quer te agradar, está escrito na testa dele que te venera.

— Acredita que na quinta eu marquei salão bem cedinho, sai atrasada e pedi para o Theo lavar dois pratinhos do café da manhã... Dois pratinhos... — começo a bufar. — Chegamos à noite e lá estava o Vincenzo e o Mike instalando uma lava louças.

— E isso é ruim? Tenho que chorar para o excelentíssimo do meu marido trocar uma lâmpada. — ela enche um saco de mangas para mim e



outro para ela. — Polaca, o Theo é um cara montado na grana, acostumado que façam tudo por ele. Levante as mãos para o céu, que ele não é um desses executivos bem-sucedidos e cheio de frescuras.

Estrela se distrai quando o atendente oferece um abacaxi e ela entra em um debate sobre as melhores frutas para pavês. A conversa deles me entedia... Meu coração aperta e meus pensamentos derivam... Sei que não deveria comparar meus relacionamentos com Theo e com Bernardo, mas é inevitável... Ao contrário do meu ex, cuja ausência me deixava ansiosa e tensa, porque uma hora ele voltaria. Com Theo sinto uma ansiedade desesperada, mesmo no trabalho, ficar longe dele é uma tortura... Minha concentração some, só consigo pensar em seu cheiro, sua voz e seus toques... Conto os minutos para encontrá-lo e meu coração dispara toda vez que eu o vejo.

Uma garotinha passa ao meu lado, toda lambuzada de sorvete.

*Diacho.*

Por impulso tiro o celular da bolsa e digito.

**Estou rodeada por chupadas, mordidas e lambidas... Saudades de você, Anjo safado.**

Alguns segundos depois meu celular vibra em minha mão.

**Que porra é essa? Onde está?**

Sorrio para a minha mão.

**Na feira... Frutas podem ser muito excitantes... E vc?**

O balãozinho com três pontinhos aparece e espero a resposta.

**Nos meus pais... O que eu faço agora? Me deixou duro, Caipira devassa.**

Digito

**Gosto de vc duro... Vem logo para mim...**

Os pontinhos reaparecem

**Volto o mais rápido possível. Preciso ir, te amo.**

Digito: Sou sua , espero uma resposta e nada. Frustrada, guardo o celular na bolsa. Estrela me observa com um sorriso malicioso.

— Que foi? — minha bochecha cora.

— Nada... — aponta para a minha bolsa. — Ele tem uma cobertura incrível. — levo alguns segundos para entender de qual ele se trata. Balanço a cabeça concordando... Sempre esqueço da capacidade de Estrela em retomar os assuntos. — Poderia desfrutar de todas as regalias e o conforto do mundo, mas não... Está felizão enfiado naquele apê minúsculo, só porquê é lá, que você está...

— Eu seeeeeiiii — arrasto a palavra, indecisa se eu sei mesmo.

— Então por que essa carinha preocupada, Polaca? — diz olhando bem fundo.

— *Alôôô freguesia... Na barraca do João, loira bonita não paga, mas também não leva!*

— Ai caramba, João! — Estrela põe a mão no coração.

*Que voz é essa!*

Aproveito o grito de susto de Estrela e seu momento indignação com o feirante barítono à nossa frente, para ganhar tempo. *Eu não sei...* Desde aquele dia no escritório, tudo é tão perfeito... A felicidade entrou com os dois pés na porta e sentou na janelinha, colorindo tudo... E a solidão, nem sei mais o que é.

Ando inquieta.

*Natural.*

*Quando a esmola é demais o santo até desconfia.*

Sem eu querer o Theo virou indispensável. Seu humor afeta o meu, não me canso dos seus mil lados ... Amigo, carinhoso, safado, participativo e irritantemente ciumento... Estou tão viciada no corpo dele que se pudesse, o acorrentava na cama e viveria numa boa só de sexo e um copinho de água de vez em quando para hidratar.

Adoro nossas pequenas provocações, as brigas por nada e quase tudo e cuidar dele virou minha pequena obsessão, junto com cheirar suas camisas quando ele não está vendo... *Jesus!* Amo ser surpreendida por seus ataques sexuais no trabalho, mas mesmo assim, ando ansiosa... Volta e meia, meu estômago embrulha e um aperto no peito surge do nada, me fazendo perder o ar... Como se a qualquer momento, um desastre natural fosse devastar tudo...

O que é estranho... Não sou do tipo neurótica e angustiada.

Esfrego o rosto optando pela honestidade. — Sabe quando tudo está tão perfeito que você tem medo que algo ruim aconteça?

Quando olho para Estrela sei que consegue enxergar através do meu rosto: eu estou vulnerável, amando aquele homem perdidamente. Afogada até o pescoço em um mar de sentimentos totalmente novos e avassaladores.

Seu sorriso dá lugar a uma testa franzida. — Ai, Polaca, é isso o que o amor faz com as pessoas: nos deixa dependentes e assustados. Mas se

quer um conselho, um raio não cai duas vezes no mesmo lugar e o Theo não é o Bernardo.

*Há controvérsias...*

*Em Curitiba um homem foi atingido três vezes!*

Fico quieta e pensativa, a imagem do velhinho levando as raiadas, depois levantando e indo embora com o chapéu soltando fumaça sempre me impressiona.

*Depois a cabeça dura sou eu.*

Compro um maço de margaridas, busco o peixe que deixei limpando, terminamos as compras e começamos a ir em direção a Rafael, que come o terceiro pastel enquanto nos observa de longe...

. — Por um acaso ele te deu algum motivo? A louca da irmã dele está brincando de atração fatal com vocês? — Estrela pergunta do nada, voltado novamente ao assunto.

— Não, o Theo a cada dia me surpreende mais... E a Thenka tem infernizado um pouco nas mensagens, mas não passa disso. E honestamente, gosto dele lá em casa... Não tenho nenhuma pressa que aquela doida saia do apartamento dele.

— Então se joga, amiga. Isso é insegurança boba de mulher apaixonada... E convenhamos, não precisa disso. Olhe só para você! As pessoas quebram o pescoço quando passa, nem de maquiagem precisa! — aponta meu rosto e reviro os olhos.

*Ah! Pelo amor de Deus!*

As pessoas têm uma visão equivocada sobre a beleza. Esquecem que o bonito não passa de embalagem e que um dia, perderá a validade. Penso em dizer que um rosto ajeitado pode facilitar as coisas no começo, mas não é garantia de nada. Que é preciso muito mais que um belo sorriso para um relacionamento dar certo, mas me calo.

*... Bonita desse jeito, deve ser fútil... Olha lá! Loira, só pode ser burra... Tá reclamando de barriga, cheia... Não te chamaram para a festa, porque os caras ficam como moscas em cima de você... Só foi contratada, porque o chefe quer comê-la.*

Há tanto preconceito envolvido com a boa aparência que chega a ser cruel... Como se ela fosse um passaporte o sucesso, a felicidade e a confiança eternas ... *E não é!* O que comanda tudo é o coração e os sentimentos nem sempre são belos e muito menos, têm bunda, peito e rosto.

— Só deixe a bola rolar e aproveite. O que tem a perder?

*O Theo*

Penso, mas outra vez não digo nada.

— Nada. — faço um gesto com a mão. — Tem razão, foi só um pensamento besta, mas já passou. Vamos nessa, que hoje eu quero arrasar no almoço.



Volto mais animada para casa, arrumo as flores, as compras e começo os preparativos do almoço. O sol entra pelas janelas deixando o apartamento luminoso e alegre. O vento balança as cortinas em uma dança delicada... Tiro as sandálias, ponho uma música, entro no clima e há tempos, cozinhar não é tão gostoso. Pico obsessivamente os legumes até estarem milimetricamente iguais, coloco cada um dos ingredientes em potinhos... Lembro do vinho branco, que vai direto para o freezer.

*Quero tudo perfeito!*

Este é o nosso primeiro fim de semana de calma. Nada de ressaca pós Camila, visitas de amigos e pais preocupados, Mike e Vincenzo martelando e fazendo melhorias ou conhecer aquele restaurante que é imperdível. Seremos só nos dois e o melhor filé de Truta que existe.

Arrumo a mesa prestando atenção aos mínimos detalhes... Faço uma salada de agrião, porque descobri que ele gosta... Torta de limão, porque sei que ele ama. Guardanapos floridos, vasinhos... Desisto das velas... Não combinam com toda essa luz natural.

*Menos é mais, Nina!*

Com tudo encaminhado e no forno, me apresso no banho, creminho, porque ele adorou o cheiro de maçã verde, visto o conjunto de lingerie rosa que comprei para fazer uma surpresa. Um vestido de malha rosa bebê, preso apenas por um laço lateral para facilitar as coisas... E...

Espero...

*Eu não vou mandar uma mensagem para ele...*

Espero...

*Nada de mensagens, nunca fui pegajosa...*

Espero...

*É isso! Deve ser o trânsito louco de São Paulo*

O celular vibra em cima do aparador azul piscina.

**Thenka está armando um barraco. Melhor não me esperar para almoçar...  
Te Amo. Volto o mais rápido possível.**

Tudo bem, eu sou a *desfamiliarada* [44]\_aqui. Sento no pufe rosa observando o celular, depois a mesa posta tentando me convencer que ficar frustrada não leva a nada... Não foi *um bolo*. Theo não sabe da minha surpresa e é um cara de família, a irmã não bate bem, e já tive uma bela amostra do barraco de Thenka para deduzir que seus pais precisam de reforços.

Digito.

**Família em primeiro lugar, fique tranquilo, estou aqui te esperando.**

Espero. Não recebo resposta. Jogo o celular no sofá e vou cuidar da vida.

Sem a mínima vontade de comer sozinha, guardo o que pode ser requentado na geladeira e jogo o resto no lixo, junto com a salada que já começou a murchar. Mas nem tudo está perdido, ainda temos a torta de limão e o vinho.



## Theo

Mike para em frente à casa de Nina, eu desço e ele segue para o Olimpo. Chuto uma pedra que está no caminho, digito a senha do alarme e abro o velho portão lateral que range dando passagem.

Ansioso, subo os degraus de dois em dois até chegar na varanda, mas paro na porta. Pressiono a testa na madeira fria, aperto o alto do nariz e começo a contar até mil. Não quero descarregar em Nina, toda a minha irritação. Inspiro, e expiro e em silêncio, enquanto disseco as lembranças desse dia de horrores.

Thenka descobriu que estou na casa da Caipira, teve um ataque de raiva, negou-se a voltar para a clínica, mas jurou que vai seguir o tratamento se morar no meu apartamento...

Comigo.

... Soltei uma gargalhada para a surpresa de todos na sala.

— *Nem pensar...*

— *Mas não é justo, era o nosso plano?!*

— *O seu plano, Thenka! Precisa parar de viver através de mim e seguir em frente. Somos gêmeos, não um só.*

— *Querida, o seu irmão tem razão. Eu sei que adora a sua coleguinha, mas o Theo é um homem adulto, o coração dele quis assim.*

*Coleguinha?*

— *Mãe, ela tem trinta e dois, cacete! Está mais do que na hora de agir como mulher.*

É impressionante, Nina é sete anos mais nova e milhares de anos luz mais madura que minha irmã.

— *Filho, olha o jeito que fala com a sua mãe!*

— *Sinto muito.*

O velho Theo é um homem apaixonado. Não permite que ninguém erga a voz para a dona Catarina.

— *Tão vendo! Por que não posso ficar na cobertura? Sempre me deixaram fazer o que eu quisesse! As coisas dele são melhores. Mas que droga! É culpa desta Nina! Ela fez o Theo se afastar.*

— *Deixe a Nina fora disso! Você me fez correr para longe, não ela.*

— *Pai, mas eu quero!*

— *Filho, melhor deixar sua irmã ter o que pede... Se ela quer passar um tempo na cobertura, deixe.*

Naquele ponto da briga, quis beijar meu pai... Olhei para seu rosto cansado e entendi sua jogada diplomática.

O velho Theo é um homem astuto. É verdade que muitas vezes, exige e espera o melhor de mim, mas é justo e sempre fomos amigos. Sei que ama a minha irmã, mas ama muito mais o fato de ver seu filho finalmente, tão comprometido e apaixonado quanto ele.

Antes de Thenka chegar, passei bons momentos conversando com meus pais sobre meus planos para o futuro. Então, naquela hora de impasse, quando apenas abaixei a cabeça e assenti, nós dois já sabíamos sobre a minha intenção de nunca mais desgrudar da Caipira.

— *Ok, fique com meu apartamento. Sabe que eu te amo, mas não me obrigue a escolher. A Nina não é um passatempo e vem em primeiro lugar.*

— *Mãe!*

— Querida, ninguém manda no coração... Aceite, seu irmão ama a Nina, quer começar a família deles e estamos felizes com isso. Por que não segue o exemplo e se abre para outras pessoas? Precisa sair desse mundinho, crescer e entender que a vida segue, não pode mais viver grudada nele.

— Ah! Faça o favor, mãe! Eu sou a família dele. Será que não enxergam? Faço tudo por ele, é a minha metade, caramba! Quando veio com esse papo de assentar eu dei-lhe a Andreza! É minha melhor amiga, prometeu nunca o tirar de mim, sei que somos as únicas pessoas capazes de fazê-lo feliz. Mas ele tinha que estragar tudo, é o rei dos galinhas e não consegue controlar o próprio pinto. Esta empregadinha é só mais um passatempo, sim. O Theo nem sabe o que é o amor.

— Fui mulherengo, mas acabou! E o fato de eu ser solteiro, não quer dizer que não saiba sobre o amor. Se não aconteceu antes, foi porque não é um sentimento que nasce por qualquer uma, Thenka! Só com a Nina e sempre será por ela! Conforme-se.

— Não.

*Choro, gritos, vasos voando em minha direção...*

Senti uma vergonha alheia pela minha irmã. Ela deu seu máximo no papel de vítima, só que desta vez foi diferente, consegui enxergar o teatro e a falta de lágrimas. E graças a Nina, eu me libertei da prisão emocional chamada Thenka.

A conversa que tive com a Caipira ontem, abraçados na cama antes de dormir, abriu meus olhos e dissipou a fumaça dos incêndios emocionais provocados por minha irmã. Insisti que Nina falasse mais sobre sua vida e quando entendi suas decisões, senti suas dores e me vi em seu lugar, foi que finalmente compreendi o que Thina e Pedro tentam me dizer há anos.

Relações abusivas só acontecem se deixarmos. Seja por amor, gratidão ou culpa, não interessa... É doentio... Não é bom para quem faz e nem para quem permite. E por mais que doa, é preciso pôr um fim.

Respirar.

Dizer um: *Já chega* para pessoas que amamos, mas que são incapazes de criar laços afetivos reais conosco. Há anos, minha irmã joga nas minhas costas a responsabilidade obsessiva de sua felicidade, sucesso ou fracasso. Cresci, com ela manipulando a todos, de forma puramente egoísta, apenas para alimentar a culpa e nos manter reféns de suas vontades.

Como a Nina falou... — *Meu Anjo, a coisa mais difícil que já fiz, foi dizer aquele não para a minha mãe em Curitiba. Não virei as costas, nunca vou deixar de amá-la e sempre vou estar aqui, quando realmente precisar. E, espero que um dia, Eva entenda que só fiz aquilo, porque era o certo, uma questão de amor próprio. Quebrar aquele círculo vicioso foi difícil e doloroso, mas necessário.*

Então fiz o mesmo e foi... libertador.

— *Estou indo para casa ver a minha mulher, depois o Mike passa no apartamento e pega o resto das coisas.*

Desgrudo a testa da porta e respiro fundo... E enquanto pesco as chaves no bolso, sinto por mim, por Thenka e por meus pais... Eles sabem que é errado, mas estão tão condicionados a fazer as vontades da minha irmã, que não vão mudar. Ela bate o pé, eles dão... E no fundo, eu também estava acostumado a ceder em troca de paz... Só que agora, o preço é alto demais...

— Nina!

Entro e grito para um apartamento vazio e escuro. Percorro tudo em segundos e começo a me preocupar. *E se ela ficou braba e me deixou?* Só relaxo um pouco, quando faço a respiração que Nina ensinou e cai a ficha de que ninguém abandona o próprio apartamento deixando tudo nele, seria mais fácil me expulsar e como não encontrei minhas malas na porta...

*Droga!*

Estava tão focado em fazer tudo rápido e voltar para Nina, que esqueci de avisar que estava focado e fazendo tudo rápido para voltar para ela. Se bem que, não teria como explicar o último itinerário do meu dia. Estragaria completamente a minha surpresa. Sai correndo da casa dos meus pais para encontrar uns fornecedores. Não poderia entrar em detalhes sobre isso.

Checo novamente as mensagens e nenhuma depois do : **Família em primeiro lugar, fique tranquilo, estou aqui te esperando.**

Ligo e seu celular vibra no aparelho.

A um passo de perder a paciência, encontro um bilhete em cima do balcão da cozinha.

**Estou no Café Estrela.**

**Beijos**





## Dezenove



O sininho irritante anuncia minha chegada, mas ninguém se importa. É sábado à noite e o Café está muito mais para Bar Estrela. As luzes foram substituídas por velas e por um cordão de neon azul que decora as prateleiras do bar. Na penumbra, pessoas se espremem em pé e também lotam as pequenas mesas com suas conversas barulhentas e despreocupadas. Há uma excitação no ar, embalada pelo colorido dos drinques e a música alta.

Com meus olhos treinados percorro o lugar, meu foco recai para a melhor bunda do planeta. *Merda! Respira... Inspira... Respira...* A bunda dá um empinadinha quando a Loira dona dela, que a propósito está espetacular em um vestido rosa bebê, volta-se para um babaca de camisa verde xadrez, sorri e responde à alguma merda, que o candidato a cadáver diz perto demais de seu ouvido. Meu sangue sobe e não me interessa que o lugar está cheio e que todos os ouvidos não têm culpa de estarem tão próximos.

Chego deslizando minha mão por sua cintura e puxando-a para mim. Ela ofega, gira e dou um — Oi — para seus peitos que estão tentadores e incríveis neste decote filho da puta e depois sorrio para Nina, que cora de um jeito que faz meu pau dar saltos mortais em meu jeans velhos.

Um pequeno suspiro escapa de seus lábios brilhantes de gloss.

— Oi. — seus olhos brilham como se não me vissem há anos, enquanto desliza a mão por minhas costas e tateia de leve, a minha bunda.

*Atrevida.* — Senti saudades, fiquei maluca longe de você. — sussurra em meu ouvido, já que ele também está muito próximo.

Ouvir sua voz doce dizer o que eu preciso, é como um Xanax [\[45\]](#). Ameniza meu nervosismo e desencadeia uma onda de bem-estar e euforia.

Sem me importar com quem está à nossa volta, a envolvo em um beijo demorado e possessivo. Os pequenos sons de prazer que escapam de sua boca, são camuflados pela música, enquanto chupo sua língua com vontade. — Eu também. — sussurro, com o coração batendo forte, em sua boca ofegante e com gosto de frutas vermelhas.

— Uauuu! Isso que eu chamo de saudades! — a voz alegre de Jasmim, vibra do outro lado do balcão. Dou um oi para ela. — Quem me dera o Dani sumir e voltar animado assim. — cutuca o namorado, que só agora eu noto que está ao seu lado, e volta-se para Nina. — Viu Polaca, fez certo em vir para cá jantar e se divertir. O homem está aí, são e salvo.

— Não sumi. — protesto e engulo a vontade de jogar na cara dela, que avisei sim, que voltaria assim que possível e ela respondeu que esperaria... Em casa e não, livre, leve e solta em um bar, com um babaca em seu cangote, louco para entrar em sua calcinha.

— Mas também não deu notícias. — um sotaque forte do interior explode em meu ouvido esquerdo.

*Uh o quê?*

Viro e abaixo o olhar para o nanico de camisa xadrez que joga um olhar esfomeado para Nina, fecho os punhos com força, indeciso entre socar a boca sorridente dele ou enfiar seus óculos intelectuais goela a baixo.

— Henrique esse aqui é o Theo. — Nina me apresenta despreocupada, sem perceber a troca tensa de olhar entre nós.

*Não sou só o Theo. Sou mais, muito mais.*

— O namorado. — aviso em um tom arrogante, que sempre faz meus concorrentes estremecerem e a expressão dele muda para algo entre inveja e *grande-coisa*.

— Sei. — responde desviando o olhar — Outra breja. — pede para Jasmim.

*Filho da puta, desse quatro olhos de topete de cowboy.*

— Ele é dono daquela livraria charmosa que eu te falei. — Nina me abraça, colando o quadril à lateral do meu corpo.

Gosto do jeito que seus peitos ficam esmagados e escondidos em minha costela. A caipira é tão espontânea e à vontade com seu corpo, que não percebe a reação de cobiça e inveja que provoca nas pessoas.

— Aquela perto da padaria da esquina, sabe? — Jasmim joga um porta copos e coloca uma cerveja, dessas de mocinha, na frente do idiota.

— Sei. — olho para Nina, confirmo esboçando um tédio, e mudo o foco. — O que está bebendo? — passo a ponta da língua em seu lábio, só porque posso e o quatro olhos não.

Envergonhada, aponta para o copo na metade. — Margarita Frozen de Frutas vermelhas. — sua língua rosinha lambe os lábios e percebo que já está alegrinha.

Olho para outros dois copos vazios no balcão, não digo nada, mas odeio a ideia dela estar aqui a tempo suficiente, para esvaziá-los. Já bebi com Nina para saber que é mais forte para o álcool do que aparenta. Minha Caipira até pode ficar imprevisível, mas é dura na queda e não é do tipo que precisa sair carregada nos ombros. Pelo menos, não por causa das pernas bambas.

— Então, o que vai hoje? — Daniel ergue o copo oferecendo seu whisky.

Recuso educadamente, ele é um cara legal. Parece gostar mesmo de Jasmim, e não é do tipo que joga olhares indiscretos para as amigas da namorada quando ela não está olhando.

Aceito o cardápio que Jasmim me entrega, por educação. Tenho outros planos.

— Hoje é folga da Thina lá no hospital. — afago o cabelo macio de Nina e coloco uma mecha atrás da orelha. — Sempre nos reunimos no Cariocas para um drink ou dois.

Ela olha ao redor com uma expressão indecifrável.

— Se não quiser ir, te faço companhia. — o camisa xadrez se intromete.

*Mas que porra é essa?*

Giro para a esquerda e o babaca está sorrindo. Minha vontade é de pegar a garrafa que segura e quebrar na testa dele.

— Ôooo cidadão, se não percebeu, isso aqui... — aponto para mim e Nina. — ...é um diálogo. Minha mulher não precisa da sua companhia.

— Namorada. — corrige irônico. — E não foi o que pareceu até dez minutos atrás.

*Vai se foder!*

Largo Nina e seguro firme, juntando nas golas da camisa do babaca, que arregala seus olhos pequenos. — Repete, seu porra! — rosno e aperto tanto que ele começa a ficar roxo.

O idiota só geme um... — Corno. — estrangulado.

Esqueço onde estamos e dou uma cabeçada na testa dele transferindo toda a minha raiva acumulada. *Uauuu*. Vejo estrelas, mas me mantenho firme apertando seu pescoço. — Isso é pra você aprender a respeitar mulher que não é sua. — digo entre os dentes.

Um burburinho começa, mas não dou a mínima. Estou muito ocupado esgoelando o safado que geme como uma gazela.

— Ai, meu Santo Antônio. — Jasmim berra dando a volta no balcão seguida por Daniel.

— Theoooo. — Nina tenta soltar meus dedos.

— Calma, cara. — Daniel também segura minhas mãos. — O Henrique está bêbado nem sabe o que falou.

— Coitada das meninas! — Nina se afasta — Se quebrar um copo, nunca mais vai pôr um dedo em mim.

*Opa!*

Solto o idiota no ato, que cai de joelhos no chão. Olho para o balcão e todos os copos estão intactos. *Graças a Deus!* Depois giro os olhos ao redor e rosno — O que foi? Voltem a beber! — para os mais curiosos que desviam rápido a atenção e por fim, para a Nina que me olha com as mãos na cintura.

Um pouco tonto, mas feliz, sorrio por ela ter se preocupado com os copos quebrados e não com o idiota.

— Nina. — dou um passo em sua direção e ela dá dois para trás.

Reparo nos pontinhos avermelhados em seu pescoço e seus olhos estão de um verde azulado, quase cinza.

*Merda!*

*Tá braba!*

— Vamos embora!

Abro a boca para argumentar, mas ela vira as costas. Dá um beijo rápido em Jasmim, olha para Daniel abaixado e ajudando Henrique a

levantar, e sai batendo a sandália super alta, estilo plataforma, feita de algum tipo de fibra natural. Largo duzentos reais no balcão, peço desculpas generalizadas e corro atrás da minha Caipira enfurecida.

Saio na calçada e avisto os cabelos da minha loira indo e vindo, há uns trinta metros. Estranho ela não ter atravessado para a nossa casa. *Bosta*. Está indo em direção ao meu apartamento. Grito, mas ela não escuta. Minha voz é abafada pelo som da música, risadas e buzinas que deixa a situação ainda mais caótica.

Exasperado e cheio de adrenalina, puxo a barba decidindo o que fazer. Ainda estou aprendendo os limites da Nina, não quero sufocá-la. Nada do que está acontecendo foi escolha dela. Invadi sua vida com toda essa minha bagagem e problemas.

*Caralho!*

*Ela disse que só queria paz.*

A rua, típica da Vila Madalena, está em pleno movimento de um sábado à noite. Casas que se misturam aos barzinhos com seus toldos coloridos avançando sobre as árvores, calçada cheia de mesas e pessoas rindo e azarando... Os faróis dos carros, que passam lentamente, se confundem com o neon das fachadas dos bares... O ar que exala boemia e flerte. Nina vira em uma esquina .

*Merda, foda-se o espaço.*

Corro pela rua mesmo. — Se está pensando em me devolver, pode tirar o cavalinho da chuva. — já aviso assim que a alcanço.

— Posso saber o que deu em você? — esbraveja sem diminuir o passo ou olhar na minha cara. — Só estávamos conversando sobre livros!

*Indignação, rompimento, tristeza, raiva, frustração, saudades, tesão e raiva de novo.*

— O idiota provocou. — rosno atrás dela, que acelera.

— E só por isso tinha que agir como um homem das cavernas?

— Sim. — *óbvio, ele quer o que é meu, porra!*

— Deus do céu? Vai ser sempre assim?

— Vai. — *duvido que mesmo com cem anos, os homens consigam deixar você em paz. O que mais tem, é velho tarado balançando as bolas murchas por aí.*

Ela breca e nossos corpos colidem. Seguro em seus braços para evitar que caia.

— Droga! Cuidado! — reclamo e dou uma passada rápida por seu corpo, para ver se está tudo como eu deixei pela manhã.

— Cuidado? Eu? — aponta braba para a minha cabeça. — Olha a sua testa! Está ridículo, parece um unicórnio!

Quero rir de nervoso, mas por amor à vida me seguro. *Ela fica tão bonitinha bêbada e braba*. Solto um braço de Nina e toco o calombo dolorido, bem no meio da minha testa. *Uauuu!* Fico impressionado como o troço está grande, mas não demostro.

Balança a cabeça e diz:

— Aquele Cariocas é para lá, né? — aponta impaciente.

— É, mas depois dessa acho melhor desistirmos.

— A Thina está lá, é bom ela dar uma olhada nesse galo. Deus! Só me falta ser um aneurisma.

Penso em rir de novo, mas agora, porque ela é adorável demais, e depois explicar que aneurismas são acidentes vasculares cerebrais, que não nascem na testa e muito menos surgem em cinco segundos. Mas o jeito quase assassino que me olha, me faz recuar.

— Está exagerando. Só preciso de um pouco de gelo.

Sua expressão me diz que não concorda.

— Tem que parar de querer destruir seu rosto.

— Por quê?

— Gosto dele.

Agarra minha mão e sai andando, e desviando das mesinhas e pessoas que abarrotam a calçada. Sem olhar para mim, tagarela um discurso interminável do quanto eu sou impulsivo, imprudente, que é ridículo eu sentir ciúmes de todos os homens que falam com ela, que ficar socando os outros é atitude de moleque de quarta série e que não posso ficar bravo se ela resolver sair para se divertir, depois de ter sido abandonada.

*Abandonada?*

*Merda, fui um bosta.*

Eu fico maluco quando ela desaparece por cinco segundos! *Droga!* As mesmas milhões de merdas que passam na minha cabeça, devem ter passado na dela. Fiquei tão atolado em meus sentimentos, que relaxei no *fique tranquilo*, que nem vi a hora passar.

— Caipira — digo com cuidado, ela rosna.

Meus pés param em frente a outro barzinho lotado. Estamos de mãos dadas então, nossos braços esticam como uma corda e depois Nina volta como um elástico. Suas sobrancelhas se juntam ao me encarar. As pequenas brotoejas ainda estão em seu pescoço.

— Que foi agora? — grita e distrai-se com um casal que se amassa encostado no poste.

Quase não a escuto por causa do pagode que rola solto.

Sinto uma necessidade frenética de conexão, toco seu queixo com meu polegar virando seu rosto para mim. Ela desvia o olhar para um garçom que passa ao nosso lado com uma porção gigante de batata frita.

Inclinando-me, beijo-a no queixo e na bochecha. Sua pele está mais quente que o normal. Seus olhos hesitantes encontram os meus.

— Pensou que eu tivesse desistido de nós?

Nina meneia a cabeça, olhando para mim por baixo dos cílios compridos.

— Claro, né... É o grilo falante das mensagens, mas hoje pareceu que o gato comeu os seus dedos. Queria que eu pensasse o quê?

*Que falo a verdade quando digo que te amo.*

*Que você me faz querer coisas que nunca dei importância, mas que agora não saem da minha cabeça...fidelidade, união e estabilidade.*

*Que nós dois é algo novo, mas também familiar e só nosso.*

— Desculpe.

— Não foi legal, Theo Callas Junior! Fiz torta de limão, poxa vida!

*Que meiga.*

Refreio um sorriso apaixonado.

— Fez?

— Hum. Hum..., mas não conte para a dona Catarina. — sorri com timidez, mas por trás de seus olhos que mudam para um verde oceano, vejo que a raiva já se foi, assim como as brotoejas.

— Nem posso. Dona Catarina ficaria horrorizada se soubesse como pretendo comer sua torta.

Seus cílios tintilam. — Como?

— Sentado à mesa, enquanto te chupo. — digo com uma inocência fingida, resvalando nossas bocas e sentindo minha pulsação acelerar só de pensar nela toda lambuzada.



Nina ofega com a mão ainda presa à minha, provavelmente imaginando a mecânica da coisa. Em seguida, faíscas verde-maças explodem e um... *Deus do céu...* escapa de seus lábios antes que ela os morda

Sorrio presunçoso, porque ela mordeu a isca. Não poderia ter achado uma mulher melhor, amo o fato de Nina ser tão sexualmente tarada quanto eu.

— E aí, o que vai ser? Uma tomografia chata ou a mais doce e melhor chupada da sua vida?

Eu a estudo por um instante. A respiração começa a acelerar e os olhos verdes reluzentes estão presos aos meus. É sutil, mas antecipo outro brilho no olhar dela, pego o celular e mando uma mensagem para Thina avisando que vamos furar a ida ao Cariocas.

Balança a cabeça sorrindo, assim que guardo o telefone no bolso. — Sou tão previsível assim? — sua pergunta em forma de risada vibra em mim.

Há tanta doçura nela.

Coço a cabeça... Geralmente consigo ler seu estado de espírito, alegre triste, brava, excitada, mas sua mente é algo imprevisível, o que me põe em estado de alerta constante. Tudo aponta uma direção, aí... ela vai para outra. — Nem um pouco, seus olhos sim, mas essa sua cabecinha linda é um mistério para mim.

— E isso é ruim?

— Assustador. — reviro os olhos, de um jeito fingido.

O nariz arrebitado e sardento enrugua um pouco e seus lábios fazem um bico divertido.

— Se servir de consolo, nem eu me entendo, às vezes.

Gargalho e penso comigo : *Quem disse que seria fácil?*

— Vamos logo comer aquela torta! — brinco e começo a arrastá-la no sentido contrário da calçada. — Ah, hoje no meus pais...



**Nina**

Com a cabeça dando um nó, cobiço em silêncio as costas de Theo sob a camiseta branca. Seus músculos contraem de um jeito que me fazem querer tocá-los quando meu anjo força e empurra o portão lateral do Vincenzo. Depois, em um movimento gentil, afasta o corpo e me dá passagem. Sigo de cabeça baixa pelo caminho sinuoso de cascalhos que leva à escada da varanda.

À cada passo, as pedrinhas vibram sob a sola da minha sandália como um lembrete irritante, de tudo que tenho deixado em segundo plano. A poda da grama e das árvores, a ida à oficina para buscar o carro, que já está pronto há séculos... e...

*Ai merda!*

Meu estômago vibra e embrulha ao mesmo tempo. ... E agora, transformar o espaço embaixo da escada em lavanderia. Não me interessa que sua governanta é como sua avó, não quero ninguém tocando em suas cuecas e fim de papo.

*Que mulherzinha artilosa, essa irmã dele.*

— Nina?

— Hum? — continuo a subir os degraus e vasculhar a bolsa atrás das minhas chaves.

Meu coração está em frangalhos só de imaginar o que o Theo passou esta tarde. Paro na varanda e de canto de olho vejo que me observa. Continuo calada...

*Deus será que é isso que eu quero?*

*Parece tão definitivo, que é assustador.*

É tão obvio para mim que Thenka deu este show para dificultar as coisas e me afastar do irmão. Como é obvio que eu jamais pisaria no apartamento dele com ela lá dentro. Giro a chave desajeitadamente e assim que entramos, Theo puxa meu braço para que eu vire de frente para ele e com o calcanhar, fecha a porta.

— Nina, diz alguma coisa.

Passo a mão no seu galo. — Precisa por gelo nessa testa. — minha voz sai trêmula.

— Depois.

Seu olhar é decidido e preocupado. Suspiro, sabendo que ele quer continuar a conversa que começou na calçada.

— Preciso tomar uma chuveirada. — tento outra saída.

— Juntos?

Fecho os olhos e suspiro, sei que deveria estar dando pulos de alegria por ele não ter cedido à chantagem da irmã. A questão é que também fui pega de surpresa. Theo ter me colocado em primeiro lugar, é aterrador. Eu jurava que ele estava confundindo o eu te amo, com essa paixão louca que sentimos um pelo outro. Preciso pensar.

— Sozinha.

Suas mãos saem dos meus braços e vão parar em seus cabelos. Seu desespero só aumenta o meu.

— Merda... — murmura. — Não queria estragar o clima, mas achei melhor contar logo. Estou pedindo demais, né? Me infiltrei na sua casa dizendo que seriam só alguns dias e agora isso... Talvez seja melhor eu ir para um dos meus outros imóveis.

— Não estou pedindo que faça isso.

Mesmo que ele vá para a Cochinchina, duvido que a controladora não dê um jeito de ir junto. O problema dela é outro... Sou eu. Respiro fundo e seus olhos aguardam ansiosos. Perdida na intensidade chocolate-mel eu penso... Penso... Penso... Estou em uma encruzilhada. Gosto dele de verdade e somos muito bons nessa coisa doméstica, mas será que é o suficiente?

— Mas também não disse fique. Sou tão chato assim? Droga!

Pesca o celular no bolso de trás do jeans. Fico apreensiva, não quero que vá embora, só não sei como dizer o que preciso.

— Hã? Não te acho chato... Quer dizer, às vezes um pouco, mas... — *pera aí* — Pra quem vai ligar?

— Preciso dizer umas poucas e boas para a dona Carmem. — inclino a cabeça olhando para ele com cara de: *Quem?* Sua testa franze e ele balança a cabeça, pesaroso. — Minha avó disse que era um príncipe e que mulher nenhuma seria louca de me deixar escapar, evidentemente estava me enganando.

*Droga, isso foi fofo!*

— Seu sorriso sedutor é capaz de enganar até os mais experientes, evidentemente, sua avó não conhece o neto, deixe-a em paz. — murmuro, ele protesta. — O que faço com você?

Balanço a cabeça e sem poder encará-lo, olho para os meus pés.

Ele joga o celular no sofá. — Na minha situação, estou topando qualquer coisa. — apesar do tom brincalhão há ansiedade em sua voz.

— Ahhh, Theo Callas, Theo Callas...

Diminuo a distância entre nós e o abraço na cintura. Colo minha bochecha no seu peito. Seu cheiro de mate verde é tão bom. Por cima da camiseta branca, o afago e seu coração vibra forte em meus dedos. Nem preciso olhar para ele, para saber que está se sentindo miserável.

De repente, toda aquela raiva desmedida dele no bar, faz sentido. Brigar é a forma que ele tem para descarregar a tensão. Primeiro o silêncio preocupante de Donavan, que ainda não respondeu sobre o projeto, agora a Thenka.

Meu coração dói com sua tristeza. Já passei por isso e sei bem como é sentir-se perdido e sem saber para onde ir... Não por falta de lugar, a Callas mantém um imóvel em cada empreendimento que constrói. São milhares de apartamentos, casas e escritórios no Brasil e no mundo... Mas é aqui que ele quer ficar... Comigo.

Enlatados como duas sardinhas e sem luxo, mas juntos.

Uma onda protetora explode em mim, fazendo meu coração disparar.

*Sim! Sim! Sim! Eu posso fazer isso !*

Dane-se que meus planos para uma solteirice monótona e pacífica estão indo por Theo a baixo e ferre-se que ele me enlouquece. Tê-lo por perto compensa tudo... Ele também é engraçado, carinhoso e atencioso. *Ah, Diacho!* As pessoas que pensem o que quiserem. A vida é minha e posso mudar de ideia o quanto eu quiser. E neste momento, não vou e nem quero, deixá-lo sozinho. Não, depois de tudo o que passou hoje, Theo é um homem forte, sabe que fez o certo, mas a ligação entre irmãos gêmeos é muito forte e está sofrendo.

Solto um suspiro exasperado, chega a ser iônico... Quanto mais Thenka tenta nos afastar, mais nos une.

*Ordinária de uma figa!*

Ignoro a maneira como a atitude dela revira o meu estômago, e foco na determinação que ressurgue, renovada pela certeza de que Theo precisa de mim e pela vontade de dar uma lição naquela manipuladora... Se é briga que ela quer... Também sei lutar.

— Está tão difícil assim, decidir o que fazer comigo? — pergunta ansioso.

Sorrio. — Já decidi.

— E? — sua voz é apenas um sussurro.

— E não vou deixar a minha pessoa predileta na rua da amargura. — digo baixinho e ele engasga.

Depois, um suspiro de alívio preenche a sala. Theo me abraça forte como se quisesse nos fundir. — É sério isso? — sua voz falha e ele limpa a garganta. — Sou sua pessoa preferida no mundo inteiro? — murmura com o queixo apoiado no topo da minha cabeça.

— Hum, hum... — beijo-o acima do coração. — Se bem que, nunca sai do Brasil... — constato. — ... mas acho que posso incluir o mundo nessa relação.

— Ôooo, minha Caipira. — segura meu queixo fazendo com que eu olhe para ele. — Já disse que eu te amo?

Fico na ponta dos pés para a minha boca resvalar na dele. — Todos os dias.

— Obrigado.

De súbito percebo que não quero que pense que estou lhe fazendo um favor.

— Não agradeça... Estou sendo egoísta... Gosto das suas asas batendo ao meu redor. — *E da sua bunda... e do seu abdômen trincado, e do seu Indecente... Deus! De você todinho.*

Ele ri grandão, do meu jeito preferido. — E agora?

— E agora que vamos ter muita coisa pra ajeitar, mas para começar, pegue a torta na geladeira e abra o vinho... Eu já volto.

— Aonde vai?

— Tomar aquela chuveirada. — digo, os castanhos-mel faíscam e eu reviro os olhos. — Sozinha! Dá para fazer o que eu pedi?

Rindo, ele levanta as mãos rendendo-se. — Ok, chefinha.

Satisfeita e cheia de uma euforia louca, corro para o banheiro. Antes de virar no corredor, breco e olho sobre os ombros... Theo continua parado perto da porta com seus ombros largos tomando conta de tudo... Pego no flagra, ele levanta os ombros e lança um sorrisinho ordinário. *Safado! Estava olhando minha bunda.* — Parê de ficar olhando o meu

traseiro! — finjo indignação, mas acabo gargalhando. — Faça o que eu mandei e coloque gelo nesta testa!

Tomo o banho mais rápido da minha história, visto uma calcinha rendada verde oliva, um robe de seda no mesmo tom e volto para a sala. Encontro Theo esparramado no sofá, com um saco de ervilhas congeladas na testa e comendo a torta direto da forma, todo relaxado assistindo a um documentário. A cena traz um alívio bem-vindo.

*Nossa mãe, ele é tão bonito.*

Meu olhar vagueia do seu maxilar perfeito, descendo pelo abdômen de atleta e congela no ponto em que a camiseta levantou revelando a linha de pelos macios que abre caminho para o Indecente, como um tapete vermelho da luxúria.

— Agora, quem está me olhando como se quisesse me devorar é você.

*Uh o quê?*

Ele chama a minha atenção com um sorriso malicioso.

Levanto os ombros, torcendo que não repare em minhas bochechas que começam a corar. — Que culpa eu tenho se você é tão gostoso que chega a ser um pecado?

Ganho o melhor sorriso de contentamento que já vi, quando estica o braço no encosto de sofá e dá uns tapinhas, me chamando para sentar ao seu lado. Sorrio feito idiota. Ele consegue ser tão meigo quando quer, que me desconcerta. Pego os copos e a garrafa de vinho que deixou aberta em cima do balcão e vou até o sofá.

— Isso aqui está espetacular. — aponta com o garfo para a forma quase vazia.

— Mesmo? — *pergunto mesmo sabendo que está boa, mas preciso de mais elogios.*

— Tanto, que prevejo crises de ciúmes da dona Catarina. — pisca, tira o saco de ervilhas da testa e joga o garfo na forma. — Deixei metade pra gente.

Metade uma ova, olho para a barriga chapada dele.

*Jesus, o metabolismo desse homem é fantástico.*

Não sei como consegue enfiar tanta coisa ali dentro e continuar magro.

Sorrio novamente como idiota...

Um, porque me dá alegria vê-lo feliz e dois, porque gosto do contraste do tecido rosinha com o homem exalando macheza em cima dele. Sento bem pertinho, aninhando-me embaixo do seu braço e grudando as laterais dos nossos corpos, porque é assim que fazemos. Minhas pernas dobradas de lado sobre o assento e reclinadas em cima de sua coxa grossa e dura. — O que está assistindo? — pego o garfo dentro da forma e capturo uma porção de recheio.

Gemo ao sentir o creme de limão derreter em minha boca e sua mão descer sobre o meu ombro.

*Nossa, tenho uma mão boa para doce mesmo.*

— A vida sexual dos orangotangos.

— Nossa, que interessante. — roubo o controle e coloco em um programa de culinária.

Ele rouba de volta e lá estão os macacos em posições embaraçosas. — Engraçadinha, devia assistir a mais documentários. São muito educativos. Acabo de descobrir, que sou um cara totalmente monogâmico.

*Como?*

*E as centenas de morenas?*

Engasgo com um gole de vinho. Sinto o álcool queimar minhas narinas e Theo joga a forma em cima da mesinha, que desliza até estacionar ao lado do aquário do Peixoto. Em seguida levanta meus braços e assopra meu rosto. — Parêee! — abaixo os braços, tusso, respiro, tusso e respiro pausadamente até recobrar o fôlego.

— Parê, o quê? — imita o meu sotaque, só para me irritar. — Salvei tua vida, ingrata. Desengasgou? — limpo uma lágrima e assinto. Ele sorri, joga-se no encosto e volta a prestar atenção na tevê. Não satisfeito, recomeça. — Tô falando sério, Caipira. Estes macacos aí, depois que encontram *A Orangotanga* dos sonhos... — cutuca meu nariz sugestivamente e tenho que rir. —... Arrancam um chumaço da cabeça da escolhida, pra nenhum macho otário chegar perto e acabou! Não querem mais saber de outra macaca e mergulham de cabeça no relacionamento. Essa coisa de pular de galho em galho já era. Comprometidos! Casados! Fim da vida louca! Tá entendendo o que eu estou querendo te dizer?

Permaneço do jeito que estou, de queixo caído. Levo uns bons segundos para captar que não se trata de uma piada, o moreno ao meu lado,

está levando bem a sério o troço dos macacos... Ele me encara impassível, aguardando uma resposta.

*Deus do céu!*

*Como um executivo tão respeitado e bem-sucedido, pode ter lado tão alucinado?*

*Opa, pera aí!*

— Se tocar em um fio do meu cabelo é um homem morto, Theo Callas. — rosno e por precaução prendo os fios em um coque — Isso aqui não é um casamento e eu não sou uma orangotanga.

Theo ri dentro do copo de vinho. — Eu sei.

Seu jeito debochado me faz pensar que ele não sabe. — Isso aqui é um namoro. — sinto necessidade de esclarecer.

— Porque é teimosa. Falei que uma ida à Vegas resolve tudo.

— Já discutimos isso, nada de Vegas.

— Namorado é pouco para o que eu sou. Ninguém respeita os namorados, viu aquele otário no bar, preciso de mais...

Congelo.

*Já discutimos Vegas, em Curitiba!*

*Filho da mãe.*

— Sua memória voltou? Desde quando? Lembra de tudo?

— Voltou, há uma semana, de cada detalhe. E continuo sem engolir porque com o Alemão fornicador pode e comigo não...

— Essa história de novo não! — interrompo e ele engole a seco. — Não estou acreditando que recobrou a memória e não me disse nada. — inclino sobre ele e dou um soco em sua barriga dura. Ele nem se mexe. — Todos esses dias me pedindo para repetir o que fizemos na suíte e você já se lembrava? — dou outro soco, mesmo que o efeito seja nulo. — Seu cara de pau!

Parto para uma nova rodada de socos inúteis e ele segura meus braços, joga o corpo sobre o meu e caio de costas sobre o sofá. — Fala sério que vai lutar — ri. — Olha pra você, parece uma miniatura de pugilista.

— Cretino! Por que fez isso? Quase me matou de tanto querer repassar os detalhes.

Tento mordê-lo e me debato. — Tinha que conferir se estava lembrando tudo certo.

— Deus do Céu! Vou te esganar, seu cretino! Me solta!



Ele ri e não me solta. — Só se casar comigo.

— Não.

— Por que, não?

Ele morde o lábio, muda de posição, segurando meus pulsos com apenas uma mão e monta em mim.

— Já casei e é uma droga! — ofego ao sentir sua ereção roçar em minha barriga.

— Eu não sou o Alemão.

— Por isso está aqui.

Abaixa e beija o meio do meu pescoço. — Quero te chamar de minha mulher.

Resisto a sensação deliciosa de sua língua provocando minha pele e descendo para o meu colo. — Você já me chama.

— Sabe que não é a mesma coisa. — sobe e deposita um beijo casto na minha boca. — Eu quero oficializar, qual é o problema?

*O problema, é que uma porcaria de papel não é garantia de nada.*

*Que contratos não evitam traições e que não tenho estrutura emocional para mais um divórcio.*

Tento soltar meus braços e escapar, mas tudo o que consigo é ficar ofegante e deixar meus seios à mostra quando o laço do robe abre. Minha pele esquenta uns mil graus, assim que os olhos de Theo recaem vorazes sobre os meus mamilos que endurecem diante dele.

*Deus!*

*Já chega!*

Jogo o meu quadril fazendo seu corpo subir, Theo sai do transe e me encara determinado. Os chocolate-mel queimam como a promessa de uma foda quente. E sim, eu preciso que me foda e sua expressão me diz que ele quer me comer, mas somos dois teimosos e nenhum está disposto a ceder. Somos capazes de ficar nesta disputa até o amanhecer, insistindo no impossível.

— Theo, preciso que me chupe como prometeu. — mudo de estratégia.

Seus olhos vacilam por um segundo, vão direto para a torta em cima da mesinha, Theo os fecha como se estivesse em uma luta interna, mas voltam a abri-los mais determinados.

*Meleca.*

— Sei o que está tentando fazer... — sorri vitorioso, eu faço biquinho e choramingo sem sucesso. *Besta!* — Nem adianta tentar me distrair com sexo, preciso de uma resposta. Qual é o problema em oficializar?

*Diacho, esse aí consegue ser pior que eu!*

*Negar sexo é judiação.*

Cansada deste joguinho de nervos, dou a ele o que posso dar... Toda a minha franqueza. Respiro fundo e despejo tudo de uma vez.

— O problema é que eu não preciso de um papel que diga que somos reais, que mostre o quanto me sinto incrível e desejada ao seu lado, que confirme que seu corpo é o único capaz de me dar orgasmos, que eu nem sabia que eram possíveis e que registre que antes de você, eu nem sabia o que era amor de verdade. Então, meu Anjo o meu problema é que estou te amando de um jeito maior que a vida e estou louca para fazer amor. Por favor, pare de falar e só me foda com esta maldita torta!

Em vez da impetuosidade esperada, sua reação explode em outra direção. A cabeça dele se ergue em um rompante de ceticismo, seus olhos arregalam e lacrimejam ao soltar a minha mão e tocar suavemente o seio do coração. Há quase veneração em seu gesto — Está dizendo que nunca... Ninguém mais, só eu? — diz cauteloso, assinto e sua íris dilata — Que me ama bem aqui? — traceja o contorno do meu mamilo.

— Ninguém, só você. — confesso mais uma vez, colocando minha mão sobre a dele a arrastando para o ponto exato. Onde meu coração bate descontrolado por ele. — Te amo, bem aqui, Theo Callas.

A respiração dele falha e posso ver sua garganta engolindo em seco.



## Theo

*Caralho!*

Aguardo meu corpo parar de tremer. Minha mão está sobre o bico de seu seio, mas não é nada sexual... Só preciso senti-la para confirmar que não estou delirando.

— Tudo bem? Está pálido. — a voz doce e preocupada de Nina me puxa, sem conseguir me arrancar do marmoto que são as minhas emoções nesse momento.

Solto um *Hum, hum* engasgado e continuo montado sobre ela, sentindo o calor de suas coxas nuas pressionadas em meu jeans. Encaro os verdes-maçãs, que são um misto de ternura e luxúria. Há tanta honestidade impressa neles, que o ar foge dos meus pulmões. Estou emocionado para valer. Já ouvi outros *eu te amo* de vozes que nem me lembro mais e nunca dei importância.

Agora é diferente, é o precioso, o definitivo, o tão sonhado... A redenção. Não o: *Eu sou sua...* em meio a um orgasmo. Mas, o: *Eu te amo mais que a vida*, direto e sem rodeios, da única mulher que me faz sentir essa mistura inexplicável e angustiante de desejo, adoração e zelo...

Por ela sou capaz de qualquer coisa... Vou do céu ao inferno, só para saciar essa necessidade voraz de possuí-la completamente no corpo e na alma.

*Obrigado Deuses...*

Cheguei ao paraíso e agora eu sei que tudo vai ficar bem.

*Eu sou dela.*

*Ela é minha.*

Sinto-me honrado... Tateio seu rosto com medo que quebre, ela é tão linda e meiga... E minha. — Minha mulher... — murmuro em meio a um devaneio. — Minha dama selvagem, indomada e braba.

Seu riso explode.

*O quê?*

— Só não espere que eu vá te chamar de meu homem. — começa a puxar minha camiseta.

— Ah, não? — abaixo ainda nas nuvens e beijo seu queixo atrevido. — Vai me chamar do que então?

Ela hesita, suas mãos descem para a minha braguilha, brincando com o botão do meu jeans. — Só digo se ficar nu. — ri de um jeito adorável, empurrando o quadril para que eu saia de cima. — Quero você dentro de mim quando disser pela primeira vez.

— Nunca disse isso para nenhum outro homem?

— Juro que não.

Se houvesse um prêmio de lançamento de roupas à distância este seria meu. Em segundos saio de cima dela e vou pulando, e arrancando como posso: meia, tênis, camiseta, calça e cueca... Quase perco o equilíbrio ao tentar tirar a calça e ao mesmo tempo, admirar o jeito sexy e provocante com o qual desliza lentamente a calcinha por suas pernas torneadas .

*Linda.*

Esfomeado, puxo-a do sofá para o tapete felpudo, não quero que as coisas esfriem. Rolo nossos corpos ficando sobre ela. Apoio os cotovelos ao lado de sua cabeça, as pernas macias abrem e os joelhos sobem para acomodar meus quadris.

Suas mãos deslizam me tocando no abdômen, quadril e pinto. Cedo ao seu toque, tremendo e indeciso. Estou como um garoto em frente à vitrine de doces... Esfrego minha ereção fodendo sua mão... Quero tudo ao mesmo tempo, duro, forte, alucinado, lento e gentil, mas principalmente quero satisfazê-la. Ouvir seus gritos de gozo, marcando minha memória mais uma vez...

Seus quadris ansiosos rebolam e segurando firme meu pau, ela o guia até a minha ponta sensível pressionar seu clitóris. — Humm, aí, bem aí. — emite um som indefeso quando a provoco. Para cima e para baixo. Indo e vindo, mais e mais... Espalho toda a sua excitação e ela se delicia soltando sons femininos e sensuais que explodem a minha libido

*Bom demais.*

Outra ondulação do quadril e estou no lugar que eu quero, pressiono e escorrego para o céu, centímetro por centímetro... Lento e duro. Ficamos em silêncio, os dois perdidos em nós mesmos, grunhindo e respirando nossos cheiros. Afasto o corpo, abaixo a cabeça e observo o ponto onde nossos corpos se unem, até penetrá-la por completo. Fico parado, enterrado o mais fundo que consigo, aproveitando a sensação de estar dentro dela. Pele contra pele é cru, é bom, é visceral...

*Somos nós.*

Então percebo, que o sexo só é sensacional, porque ambos estamos apaixonados na mesma medida.

Procuro por ela e minha barriga contrai com a intensidade de seu olhar. *Caralho.* Gosta disso tanto quanto eu, consigo perceber nas milhares de expressões que retesam e relaxam em seu rosto. Saio com tudo e volto duro. — Deus, isso é bommm. — ronrona, entro e saio, dentro e fora...

Olho no olho. Seus quadris encontram os meus, ditando o ritmo... Ela quer lento e gentil. Dou a ela, em movimentos circulares e constantes e seus dedos emaranham nos meus cabelos. — Isso, toque em mim, me beije. — peço, ávido por todo o contato que conseguir.

— Vem aqui. — murmura e puxa meu pescoço para um beijo urgente.

Com nossos corpos pressionados, a beijo na mesma intensidade desesperada e continuo a fazer amor gostoso deslizando para cima e para baixo... Metendo e saindo em um ritmo cadenciado. Meus braços tremem, nossas peles estão suadas e arrepiadas. Suas pernas me envolvem, cravando os calcanhares em minha bunda.

Tudo é bom. Meu pau entrando e saindo, seus seios esmagados contra o meu peito, os mamilos eriçados roçando nos meus, os ronronados que solta ao chupar a minha língua. *Deus, eu vou gozar.* Afasto nossas bocas para recobrar o controle.

— Ôôôh, minha caipira delícia. — gemo tentando conter o meu corpo que quer gozar com força.

Nina segura forte em meus ombros e continua a me cavalgar por baixo... Me fode de um jeito só dela, rebolando toda apertada e molhada, sugando meu pau com força a cada arremetida. Ela está quase no topo. Acelero... meto... meto... meto... Ela aranha os meus braços... E isso é bom e faz minhas bolas vibrarem... Uma descarga atravessa minha coluna, um gemido longo e baixo sai da minha garganta e não consigo mais segurar... Minhas costas arqueiam, e *Merda!* — Nina, porra... Eu te amo! — jorro todo o meu amor em ondas que fazem o meu corpo estremecer sobre o dela...

Levo um tempinho para sair do universo paralelo em que eu estava e voltar para Nina.

Quase sem forças, rolo invertendo as posições e com ela montada por cima, cravos meus pés no tapete e com os joelhos dobrados, continuo a me movimentar. Ela ainda não chegou lá... Suas mãos recaem sobre o meu peito e a cabeça inclina para o lado. De olhos bem fechados, Nina entrega-se e pequenas vibrações começam ao redor do meu pau ainda ereto. Acelero as estocadas e com a mão estímulo o clitóris em movimentos circulares.

A imagem de seus seios balançando, enquanto ela me fode de joelhos no tapete felpudo é espetacular. Respirando entrecortado, com os cabelos bagunçados e o rosto vermelho ela está linda. Extasiada. Minha

Caipira gosta de sexo. Ela quer fundo e me pressiona contra ela. Desce e gira os quadris, desliza para frente e para trás, em um rebolado exclusivo dela... É lindo de ver.

*Por favor, Deus, não deixe esse momento acabar.*

Sinto seu orgasmo chegando forte. — Goza para mim, minha Caipira safada. Deixe vir...

Intensifico a ajuda da minha mão entre suas pernas. Ela começa a gemer baixinho, uma sequência de: — Isso meu amor... Aí, isso meu amor, forte... Isso, estou quase... Quase lá, meu amor. — joga a cabeça para trás projetando os peitos rosados e sou envolvido por uma sucção molhada e escorregadia de sua boceta divinal que chupa e engole meu pau com vontade. Ela geme, grunhe, se contorce e treme.

*Porra! Meu amor.*

Nina cai em cima de mim... A envolvo em um abraço protetor, seu corpo ainda treme quando sua boca busca a minha... — Deus do Céu, amo muito tudo isso... — sussurra antes de sua língua encontrar a minha.

E aqui com ela em meus braços, sou a porra do homem mais realizado do mundo. Há tanta emoção rolando em meu peito que parece que vai explodir, mas não sei definir, só sentir. A beijo com devoção, a beijo com amor, a beijo com tesão.



— Quando soube que me amava? — pergunto assim que terminamos a segunda rodada.

Ainda de bruços, com a cabeça aninhada em meu braço, Nina gira o pescoço para me encarar... Sua boca inchada faz um biquinho por causa da bochecha imprensada contra a minha pele. Gosto de ver nossos corpos fodendo por isso, nem me preocupei em desligar as luzes, mas a madrugada corre solta lá fora.

— E isso importa? — pergunta com a voz rouca de tanto gritar quando a fodi de quatro com o dedo enterrado em seu traseiro.

Sorrio lembrando da cena e mostrando que importa sim.

— Sei lá, meu amor... — ela esfrega um olho sonolento. — Quando vi que sua felicidade afeta a minha e me peguei querendo fazer coisas só para ver esse seu sorriso safado lindo. — acaricia o galo em minha

testa. Ainda dolorido, porém, menor. — Vai ficar com um belo de um roxo aí.

Franzo o nariz, pouco ligando.

— Como a torta de limão e o peixe que virou sola de sapato?

— Ou comprar uma máquina de lavar pela internet só para cuidar das suas cuecas.

— Não precisava ter feito isso, a Elaine...

Nina me cala com um beijinho rápido. — Quem vai fazer é a máquina, não aceito nenhuma outra tocando no Indecente por tabela. — pisca os olhos sonolenta.

— Ciumenta. — estendo o braço e dou um tapa em sua bunda.

— Ai, Ai. — acomoda melhor a perna sobre mim, até tampar meu pau guerreiro e adormecido. — De vocês dois, descobri que sou muito. — a sobranalha loirinha sobe. — E você?

— O quê? Se eu sou ciumento? — olho cético. — Acho que deixei muito claro desde o começo.

Revira os olhos e afaga meu coração. — Não seu ogro, quando soube que me amava?

— No dia em que acertou as minhas bolas. Entrei naquele carro sabendo que nunca mais iria me ver livre de você. — pressiono os lábios como se fosse um fardo.

— A é, seu sofredor? — diz entre um bocejo. — Posso resolver seu problema rapidinho. — aponta a porta.

— De jeito nenhum, descobri que além de monogâmico, sou masoquista. Vou ficar. — retruco em tom de brincadeira, mas parece que já esqueceu o assunto. Seus olhos estão pesados quase fechando. Admiro a capacidade que Nina tem, de uns dias para cá, ela é capaz de dormir em segundos, não importa onde. — Melhor irmos para a cama.

— Nãooo. — protesta — Estou com preguiça... — boceja manhosa. — Quero dormir agarradinha aqui no tapete, com a televisão ligada.

*Minha dama pede, minha dama tem.*

Deixo-a como uma sereia esparramada no tapete, tomo um banho, visto uma calça de moletoms. Alcanço a primeira camiseta comprida que encontro e volto para sala, carregando travesseiros, um cobertor e uma toalha úmida e quente. Nina está tão exausta e sonolenta que nem reclama

quando a limpo com cuidado, visto a camiseta... Percebo que esqueci da calcinha, mas ignoro... Monto nosso acampamento no meio da sala, apago as luzes deixando apenas a teve ligada e sem som.

Engatinho sobre o tapete e aninho minha Caipira com todo o cuidado em meus braços. Puxo o cobertor ciente que agora, além do homem mais realizado, sou também o mais feliz.



## Nina

*Hummmm*

*Que gostoso... Isso lambe aí... Aí...*

*Esparramo mais as pernas querendo mais dessa sensação incrível.*

*Duas mãos fortes agarram minha bunda levantando-a e uma língua felina volta a ir e vir em minha menina molhada.*

*Hummm é bom...*

*Ai, ai! Um dedo separa meus lábios secretos e espalha um geladinho bem ali enquanto um vento quente me faz arrepiar...*

*Tão real.*

*Gelado, sopros quentes e lambidas...*

*— Isso abre as pernas para mim, Caipira.*

*Hã, essa voz?*

*Real demais...*

Abro meus os olhos pesados e sonolentos, para encontrar uma cabeça morena e descabelada entre as minhas coxas... Pisco, pisco, pisco até entender o que está de fato acontecendo. Está claro e feixes de luz atravessam a sala, iluminando a poeira suspensa como se fossem purpurina, as janelas estão abertas trazendo a sensação do amanhecer fresquinho em um dia que promete ser ensolarado e quente... Os rosas-chá, azuis-piscinas e tons pastéis parecem ganhar um brilho especial... Há algo etéreo [\[46\]](#) no ar.

*Hummmm*

Tomo consciência do meu corpo, estou deitada de costas no meio da sala, com uma camiseta azul enorme levantada até a cintura e um moreno esparramado de barriga para baixo no tapete, me lambendo... E



isso, é mágico, mas não é um sonho. É só o gostoso do Theo, metido em um moletom cinza que valoriza sua bunda musculosa.

— O que está fazendo? — ronrono, perguntando o óbvio.

A cabeça levanta e o dono dela sorri com os fios de cabelos apontando em todas as direções. Um raio de sol atravessa a janela aberta incidindo sobre o seu rosto amassado ressaltando os tons dourados de sua íris. Sua imagem é incrivelmente sexy. Sorrio também, por inércia e taradez. — Tomando meu café da manhã, acordei morto de fome. — lambe os lábios lambuzados de creme. — Não é na mesa, mas como quis acampar, achei que não fosse se importar.

Sorrio e balanço a cabeça em um entusiasmado *não me importo*.

Suas *fomes vorazes* não são sempre bem-vindas.

— Imaginei. — sorri meio torto, mordendo o canto da boca.

*Diacho!*

*Como eu amo esse tarado.*

Meus pelinhos arrepiam e não sei se é pela brisa gelada da manhã, que invade a sala em um sopro, ou porque vejo seu dedo afundar dentro da forma no chão e retornar lambuzado de creme de limão. Com uma cara de mestre dos magos safado ele espalha o creme geladinho... — Ai, gelado! — gemo porque é bom.

— Guardei na geladeira antes de dormir. — explica orgulhoso e desce para abocanhar, e chupar mais o meu clitóris.

Grito... Suga forte e vejo fadinhas... Afundo os dedos nas fibras macias do tapete e fecho os olhos. Minhas pernas se esparramam e vão e vem, reagindo a uma nova sequência de chupadas, seguida por um movimento rápido de sua língua me fodendo.

*Obrigada universo, por esta língua ser minha!*

Ai caramba! Também quero. — verbalizo uma vontade louca que me faz salivar.

A língua para, ele se esgueira por meu corpo e dedos lambuzados vão parar na minha boca. — Bom né, Nina e torta de limão. — sua voz é quase selvagem.

Chupo seus dedos... É bom, mas meu desejo é outro. — Quero Theo e torta de Limão.

Os chocolate-mel explodem como fogos. — Meia nove? — quase engasga.

Eita estava pensando em algo mais convencional.

Franzo a boca por um segundo, desviando a atenção para as cortinas que esvoaçam com o vento... Nunca fui uma praticante da modalidade, posso contar nos dedos de uma mão às vezes que eu fiz, Bernardo achava desagradável e confesso que também não me animava muito. Mas com Theo, tudo é surpreendente, então sorrio ao esfregar meu corpo melado ao dele para incentivá-lo. — Hum, hum...

— Você em cima.

*Opa!*

Mal termina a frase, arranca a calça, faz um malabarismo e fico montada de frente para ele. Sua euforia é tanta, que pega uma porção de recheio e recobre um Indecente quase duro. — Assim que você quer? — desliza a mão cheia de doce masturbando-se.

Vê-lo em plena atividade manual é sempre fascinante. — Está perfeito.

Sorri com os olhos pesados e escurecidos, reclina-se e me espera. — Vire-se.

Inverto ficando de costas. Esfomeado, ele me puxa para um beijo íntimo. Uauuu. Com uma mão firme em meu quadril, afunda o rosto saboreando o creme. Gemo baixinho pela intensidade do assalto que faz minha vagina contrair... *Delícia*. Gemo mais.

Não parto para o ataque, continuo vidrada em sua masturbação, aperto meus bicos doloridos e cavalgo seu rosto deixando que sua língua explore todos os cantinhos. A medida que minha excitação aumenta e seu pau endurece mais, minha vontade de saboreá-lo fica incontrolável.

Inclino apoiando as mãos em suas coxas e dando a ele uma visão completa do meu traseiro, normalmente sentiria vergonha nesta posição, mas com Theo tudo é tão permitido e natural que não ligo que me veja e explore em detalhes. Ele para de tocar-se para acariciar a penugem loira em meu púbis. Quero dar risada, quando lembro que me fez prometer nunca os depilar por completo.

*Caipira, deixar minha loirinha careca, nem pensar!*

Dois dedos me abrem e sua língua selvagem vai bem fundo. *Uauuu*. A sensação é tão boa, que tudo o que penso é retribuir... Beijo a ponta do seu pau e grunhido masculino reverbera em meu clitóris. Provoco um pouco, dando beijinhos, lambidas e circundando toda a glândula com a

língua. Há um pré-goço salgado misturado com a doçura do recheio. *Hummm único*. Fico gulosa e chupo a cabeça indo e vindo com minha boca.

— Porra. — Sua língua para e sei que sua concentração migrou para o pau e as sensações da minha boca nele. Gosto assim, quero meu Anjo desmaiando prazer. Deslizo para a base, saboreando seu sabor até voltar a ponta. Impedida de ver seus olhos, vou me guiando pelos sons que emite, acho que está gostando, pois, dois dedos agradecidos e alegres vão parar dentro de mim. Gememos os dois ao mesmo tempo. Amo quando começo a chupar para valer e a engolir todo o seu pau, e Theo cadencia os movimentos dos dedos com os da minha boca. Entramos no mesmo ritmo... Eu chupo, ele enfia, vou fundo em minha garganta, ele mete tudo... Chupo forte, ele alucina e ruge, impulsionando o quadril contra a minha boca... O indecente acerta a parte de trás da minha garganta.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Ah, caralho, assim... Isso ... Desse jeito.

Acelero ao sentir os músculos de suas coxas tensionarem. Uma mão permanece com os dedos enterrados em mim e a outra, parte para atacar meu clitóris. Ficamos em um chupa, enfia, esfrega e engole alucinado... Até que nossas respirações ficam sem controle, meu interior inteiro explode em um orgasmo triunfal e ele grita um... — Porra, Nina. Vou gozaaarr. — segundos antes de jorrar na minha boca.

Ele solta o ar em uma respiração pesada e me beija entre as pernas como se fosse a minha boca. Quase engasgo a cada nova contração de suas bolas e aos jatos que descem por minha garganta. Termino de engolir a última gota, sentindo-o amolecer em minha boca. Liberto o Indecente e puxo o ar como uma desesperada caindo de costas em seu peito.

*Uauuuu. Isso foi intenso, íntimo e saboroso.*

Mãos grandes abraçam minha cintura, dedos suaves acariciam a minha barriga. O peito suado de Theo sobe e desce colado atrás de mim. — Isso foi bom, né? — murmura com a voz ainda embargada de sexo.

*Há tanta ternura nessa pergunta.*

Giro o corpo e me esparramo de frente sobre ele. — Se foi. — afago a penugem entre os mamilos bem desenhados de Theo.

Um silêncio preguiçoso toma conta da gente, me distraio desenhando círculos imaginários em seu ombro, seus dedos vagueiam por minhas costas e ficamos assim: calados acarinhando um ao outro.

Meus pensamentos me distraem e entrego-me a eles.

Engraçado como as coisas mudam... Hoje me sinto tão à vontade com meu Anjo... E pensar que, no primeiro dia em que o vi, minhas impressões sobre ele derivaram em todos os sentidos... Do perfeito ao detestável. Agora estou eu aqui, como uma devota apaixonada, venerando cada traço dessa personalidade maluca e instigante dele. Fascinada por essa mistura de deus e pagão, repleta de qualidades e defeitos, que o tornam único e meu.

*Meu Theo...*

*Meu amante...*

*Meu amor.*

Meu Deus! Meu coração dispara com o alarme que apita. Não é um alerta vermelho do tipo: *Estamos sendo invadidos*, mas de *Alguém está chegando* ... E pelos diversos tons de vozes, entre graves e bem agudos, diria que vários alguéns atravessam o cascalho, prestes a subir às escadas... Levanto rápido e por instinto começo a caçar meu robe e calcinha da noite anterior. Theo vem em seguida, capturando suas roupas espalhadas...

*Que situação...*

*Meleca...*

— Merda, me esqueci. — Pragueja ao vestir a calça de moletom e a camiseta branca do dia anterior.

— Do quê?

Fico sem resposta quando a campainha toca, Theo pega a forma jogada no chão e corre jogando-a sobre a mesa em frente ao balcão da cozinha. Me desespero... Ele passa as mãos no cabelo e caminha até a porta tocando a maçaneta. — Espereee — Arregalo meus olhos, gesticulo por um minuto... E reviro como uma desesperada a coberta e os travesseiros atrás de ... — Ah, achei! — escondo a roupa embaixo do assento do sofá. Ajeito a camiseta azul e alívio por ela ser tão comprida.

— Theo, somos nós!

Reconheço a voz de Thina e apesar do, nós, eu relaxo. A visitas dela para checar a memória do irmão, têm sido frequentes e a minha opinião sobre a médica irritante que conheci no hospital, mudou bastante. Não que tenhamos virado melhores amigas, mas estamos indo bem. Ela é outra pessoa sem aquele jaleco branco, o oposto de Thenka. Thina deveria

ser a gêmea de Theo, não a chantagista, os dois são iguais em vários aspectos, além dos físicos.

A porta abre, os sons de vozes aumentam e dois corpinhos voam em direção ao Theo. Um pirata e uma joaninha tentando escalá-lo.

— Titio... — os dois gritam ao mesmo tempo e são capturados por um tio sorridente que os segura, um em cada braço.

Benza Deus, eles são uma graça assim ao vivo. Miudinhos para quatro anos, e moreninhos de tudo, iguais à mãe e ao tio.

Admiro a cena e rio com a risada dos pequenos quando são virados de cabeça para baixo.

— O tio estava morrendo de saudades. — gira com os sobrinhos.

Theo e crianças é algo novo para mim, já tinha visto fotos dos gêmeos B, mas não ao vivo e com toda esta demonstração de doçura. Gosto do apelido, gêmeos B, Bruno e Babi.

— Nossa, o que foi isso na sua testa? — Thina exclama da porta e vai logo examinar a roxo que ele ostenta.

— Bati com ela em um otário que deu em cima da Nina. — explica como se fosse a coisa mais comum.

— Fez bem, botou gelo?

— Botei.

— Desculpa a invasão. Oi Nina! — Thina brinca e depois sorri amorosa para os filhos que gritam de ponta cabeça. — Eles acabaram de tomar suco, se vomitarem em você, não reclame. — avisa para Theo e entra indo colocar bolsas de criança em cima da mesa. Está linda em um jeans preto e uma camiseta cinza ajustada aos seios volumosos. Um pouco descabelada, mas quem não estaria com dois pingos de gente hiperativos para cuidar? Sorrio ainda de pé, plantada no cobertor caído no chão.

A minha pequena sala é invadida...

Depois da duplinha e de Thina, entram Bruno, seu marido, Pedro e a espevitada da Nati. Lembro da volta de Curitiba e entendo o motivo da visita, os Callas são solidários e sempre presentes... Quando um precisa, todos se mobilizam para ajudar. E é isso que os faz uma família de verdade. Não chegam cheios de perguntas ou sermões, simplesmente se apoiam.

De certo, a cavalaria Callas já soube do o show de horrores de Thenka e veio em resgate de Theo, preocupados com o ânimo do meu Anjo.

É nesse momento, que percebo que todos estão vestindo os mesmos jeans pretos e camisetas cinza que a irmã de Theo.

*Como um time.*

*Fico curiosa.*

— Belo galo, Campeão. — Pedro cumprimenta achando graça. — Diazinho movimentado ontem, hein.

— Pois é, comecei no inferno e terminei no céu. — responde ao primo com um sorriso tranquilo. — Desculpe pelo furo. — coloca as crianças no chão.

Pedro faz um gesto de deixar para lá. — O importante que você está inteiro.

Theo assente e assim, do jeito singular deles, os dois sabem que tudo vai ficar bem.

Nati vem em minha direção. — Oi boneca, ainda está de pijama? São quase dez.

*E daí?*

*É domingo, poxa vida.*

Olho surpresa para ela e depois para Theo que agora ataca com cócegas as crianças deitadas no chão. — Gentê... Podem entrar ... — gesticulo um *venham cá*, para os homens estacionados na porta, abaixo e começo a recolher os travesseiros e o cobertor. Estão melados, assim como eu. Deposito-os sobre o pufe.

Os rapazes agradecem e permanecem onde estão.

— O que vocês dois andaram fazendo aqui? — a indiscreta da Nati gira o dedo ao redor e olha para mim com jeito de eu-sei-o-que-você-fez-no-verão-passado.

*Provocadora!*

*Será possível, que minha cara grita... meia nove?*

— Nós é ... Ah... hum... — me atrapalho toda.

— Nós acampamos. — Theo grita em meu auxílio, antes de ser atingido por um raio invisível que seu sobrinho lança.

Ele estrebucha no chão e os outros quatro adultos na sala olham com divertimento.

Sinto minhas bochechas corarem. — Desculpa a bagunça. Ficamos vendo tevê, um documentário monótono sobre macacos... — imito tédio —

e apagamos. — constrangida e com culpa no cartório, sinto a necessidade de me explicar melhor. — Não querem mesmo entrar, posso fazer um café?

— Relaxa cunhada. — Thina arranca os filhos de cima do irmão, que finge estar desmaiado, mas ri de olhos fechados. — Precisa ver os nossos acampamentos com as crianças, aquilo lá que é uma bagunça.

Nati ri ao jogar-se no sofá. — Dá para perceber a monotonia. — pisca e esconde discretamente um pedaço fujão da minha calcinha pendurado sob o assento.

Sorriso cúmplice para ela, ciente que nosso almoço de amanhã vai ser recheado de risadas e confissões picantes.

— Estamos atrasados. — Bruno avisa em um tom cansado.

Apenas assinto, sem me atrever perguntar para quê?

Com Pedro me sinto totalmente à vontade, apesar dele manter uma distância respeitosa. Já com Bruno, tenho zero intimidade. Eu o vi apenas duas vezes, quando veio nos visitar junto com o Thina, sua figura austera me intimida um pouco. O homem é mais alto que meu Anjo, porém mais esguio e pouco musculoso. E para quem gosta de tipos loiros de rosto quadrado e boca marcada por uma expressão que grita sou um médico sério, acho que ele deve ser o sonho de consumo.

— Verdade é melhor irmos, Vida. — Thina concorda com o marido, passa o dedo dentro da forma vazia, raspando o restinho de um recheio. Congelo, pensando nos dedos do Theo indo e vindo da forma para mim. *Merda!* — Nossa, que delícia! Melhor que dá mamãe.

— Melhor mesmo, principalmente no café da manhã. — Theo comenta brincalhão e libera as crianças, que correm em minha direção, mas deviam assim que notam o aquário do Peixoto na mesinha de centro deslocada para um canto.

— Mamãe, podemos ter esse peixe? — a menininha com fantasia de joaninha pergunta.

— Não, Bibi. — Thina responde no automático.

Todos damos risada quando as crianças ajoelham na altura do aquário. Vistas através do vidro curvo, elas parecem saídas de desenhos animados. Dois pares de olhos caramelo esverdeados, superdimensionados e redondos, estão vidrados aos movimentos circulares e de looping de Peixoto.

— Podemos ter um Tigre?

— Não pode ter Tigre em casa, filho.

— No quintal do Titio, pode?

— Eles devem estar indo para alguma atividade familiar ao ar livre.

— Puxa vida, nosso quintal é pequeno, marujo. — Theo sai pela tangente. — Acho que não vai caber. — explica carinhoso.

A joaninha levanta vindo fascinada direto para mim. Bracinhos abraçam as minhas pernas e fico sem reação quando uma linguinha lambe minha coxa. — A fada do doce faz caber, Titio.

*Deus, que fofa!*

— Desculpe. — a mãe vem correndo e desgruda a pequena, que grita um *a fada é doce* e começa a chorar. — Os dois entraram numa fase de lamber tudo. — explica e eu sorrio. A garotinha está tão bonitinha nesta fantasia de joaninha, que quase digo para deixar me lamber. — A única mágica que eu quero ver, é da fada ficando pronta em cinco minutos. — Thina pega a filha no colo, encerra o assunto, vai até a mesa, fuça na bolsa e pesca uma camiseta cinza igual a deles. — Tome fada, acho que vai servir. Vamos! Cinco minutos!

*Hã?*

Viro a camiseta e nas costas está escrito...

## **Nina** **Equipe Callas.**

Minha garganta seca e tenho que segurar para não soluçar. Ser inserida seja lá em quê, como uma Callas, é acolhedor. Um gesto simples, mas de grande significado, depois de toda a rejeição de Thenka. Olho para Theo que sorri emocionado.

— Ai Jesus! — Thina entrega a filha para o pai segurar e corre. — Bruno Callas Contrim, devolve esse peixe para o aquário!

— Não! Ele quer ir ver o papai na moto.

— Ele não quer, não. Coloca na água, vou contar até 3!

— Não! Meu peixe, ele vai!

O garotinho abraça o peixe que agoniza fora d'água.





*Ai que vergonha!*

*Eu mato o Theo!*

— Está melhor?

— Me deixa em paz! — grunho. — Falei que não podia com helicópteros.

Theo segura meu rabo de cavalo evitando que respingos de creme sabor limão e Theo respinguem sobre eles. Uma nova onda de náusea chega e vomito no canteiro de flores no heliporto do sítio de seu amigo nos arredores de Paranapiacaba [\[47\]](#).

Eu disse para ele que não iria, disse até para os gêmeos B e para o Peixoto nadando em um pote de maionese, que eu não iria. Eu e helicópteros não combinamos. Mas toda a insistência, o: confie em mim, o: fada eu seguro na sua mão, o: deixe de ser medrosa, Boneca, o: cunhada, é mais seguro que avião, o: são só vinte minutinhos e a excitação de ver meu Anjo, metido em um daqueles macacões sexies, voando em uma moto, falaram mais alto que o meu medo.

— Tome. — a mão de Nati aparece na minha frente com uma garrafinha d'água gelada. — Eca, está muito pálida, não pode ser só medo.

— Nina misturou salgado e doce no café da manhã. — Theo diz parecendo culpado.

— Ah! Então é isso. — Nati se afasta franzindo o nariz.

Gemo e me endireito. — Foi medo. — insisto e tomo um gole. — Odeio essas coisas frágeis. Vou voltar de táxi. — começo a andar atrás do grupo da família e seguranças que seguem em direção a uma casa de fazenda branca, cercada por uma varanda decorada de samambaias.

Passado o incidente do enjoo, fico bem por um tempo. Sou apresentada ao João e a esposa Lila, os anfitriões, ao grupo de amigos das trilhas e outros amigos, que finjo serem novos para mim, mas que tenho esbarrado por aí, vez ou outra. Pelo visto, meu Anjo cataloga seus amigos em categorias: luta, corrida, baladas, conhecidos e família.

Mais uma entre tantas coisas que venho descobrindo sobre o Theo e que só a convivência é capaz de mostrar.

*Deus, esse estilo Callas pega.*

Eu mesma criei meu subgrupo... Os outros. Aqueles que o Theo jura que são coisa da minha cabeça, mas sei que existem e fazem parte da rede de conhecidos comuns ao Mike. Homens e mulheres que cruzo ao acaso ou me seguem à distância, disfarçados, vinte e quatro horas, sete dias por semana. É um pouco claustrofóbico, porém estou tentando me adaptar e entender essa coisa contraditória, dos Callas que levam uma vida quase normal, preservando as origens simples, mas que no fundo, são uma das famílias mais poderosas e influentes do país.

— Nina, estamos prontos. Você vem?

Viro e quase caio para trás...

Um frenesi corre por meu corpo... *Valha-me Deus*. O homem leva à sério mesmo, essa coisa de pilotar. Mordo os lábios avaliando o material... Theo está vestido como esses motoqueiros radicais com uma roupa toda preta e botas pesadas de motocross. Um capacete preto e reluzente com Callas escrito em prata, repousa embaixo do seu braço. A parte de cima macacão não foi vestida ainda e cai rebelde em sua cintura. A camiseta cinza está marcada de suor.

*Deus do Céu!*

Solto um suspiro de cobiça, tenho um fetiche real por homens de fardas, uniformes e macacões... *Jesus!*

— Então. — ele ri percebendo o quanto fiquei afetada. — As meninas vão assistir à largada lá de cima do morro. Está bem mesmo?

Entendo a preocupação dele, aproveitei que os rapazes saíram para verificar as motos e se vestir e corri para o banheiro. Perdi a noção do tempo, talvez eu tenha mesmo, exagerado na mistura limão e Theo.

Olho minhas mãos e vejo que pararam de tremer.

— Hum, hum. — sorrio, apenas para acalmá-lo. — Estou, o mal-estar já passou.

Vamos juntos de mãos dadas e calados até a metade do caminho. O dia está perfeito, o céu azul e sem nuvens. O ar puro ajuda a acalmar a tempestade em meu estômago. O lugar é imenso e bem cuidado, cercado de gramados, árvores floridas e um lago com patos e cisnes. É uma pena que o percurso das motos passa por dentro da mata e dos riachos, queria tanto ver o piloto Theo em ação.

— Tem certeza que está bem mesmo? Podemos ir embora, se quiser. O Daniel trouxe a Ranger.

— Quero ficar, a Thina contou que combinaram este desafio há meses. Estou bem, juro. — junto os dedos e os beijo.

— Promete passar um rádio do para o Mike, se ficar mal de novo? — afaga meu rosto. — Eu volto na hora.

Suspira com as feições marcadas de preocupação.

— Prometo. — também, apenas para acalmá-lo. — Agora vá ... — ajudo-o com as mangas do macacão. — ... E faça aqueles marmanjos comerem bastantê poeira. — fecho o zíper e a gola de velcro.

— Vou ganhar para você.

Ele hesita por uns instantes, me dá um beijo rápido e segue para encontrar Bruno e Pedro que chamam por ele. Acompanho seu belo traseiro descer pelo caminho de terra e penso como sou sortuda. Dou meia volta e sigo pelo caminho oposto que vai dar no morrinho.

Embaixo de um chorão, encontro Nati, Lila e Thina esparramadas em um cobertor xadrez estendido na grama. Os Bs estão correndo de lá para cá, eufóricos com um cardume de borboletas amarelas.

— Senta aqui, Boneca?

— Fiz uns sanduiches. — Lila abre uma cesta de piqueniques e começa a distribuir os lanches. Seus cabelos ruivos e encaracolados estão uma bagunça completa por causa do vento. — Os rapazes vão demorar, teremos tempo de sobra para fofocar.

Sorrio para ela, tentando parecer tranquila. Mas por dentro estou meio perturbada. Sou novata nessa coisa de clube das esposas e namoradas, Bernardo sempre fez questão de manter uma distância diplomática dos amigos. Talvez por medo de que algum deles cometesse uma indiscrição sobre as atividades paralelas praticadas nas boates.

— Melhor dar um tempo na comida. — gemo, e estico-me ao lado de Nati sobre a manta. Aceito a garrafinha de água que ela joga para cada uma de nós.

— Estou muito feliz de estarmos aqui. Precisava dar um tempo na loucura de São Paulo. — Thina comenta e checa os filhos que sentaram e brincam com a terra. — É tanta chateação, que às vezes tenho vontade de comprar uma casinha no meio do nada, pegar meus Bs e sumir do mapa.

Todas assentimos solidárias. Mas fico com a impressão de que a chateação, não se refere ao trabalho no hospital.

O ronco das motos e gritos masculinos desviam a nossa atenção. Meu estômago contrai de excitação. Estico o corpo para ver melhor, enquanto Os Bs, pulam e batem palmas gritando papai.

As motos estão alinhadas, são bem diferentes do trambolho negro do outro dia, menores e parecem mais ágeis. O grupo não é grande, oito homens devidamente paramentados e alinhados. Reconheço o corpo e o macacão de Theo, é o terceiro da esquerda para direita. Ele olha sobre os ombros e me procura, quando nossos olhares se encontram ele acelera a moto.

Isso me excita.

Theo sorri mordendo o canto da boca e baixa a viseira negra, voltando para a posição de largada.

Ouvir o ronco dos motores como se fossem touros prontos a explodir, faz a minha adrenalina subir. Quando um dos seguranças abaixa a bandeira, o pneu canta e ele sai em uma derrapada da roda traseira. A poeira sobe e tudo o que consigo ver são os vultos das motocicletas, distanciando-se em meio à fumaça.

A corrida começa e fico frustrada por não poder acompanhá-la lance a lance. Tiro os tênis e esfrego os dedos na grama fresca e me recosto sobre os cotovelos.

— E aí, Nina?

A anfitriã pede minha atenção.

— As garotas falaram que você e o Theo estão morando juntos. — a ruiva alta e de feições engraçadas sorri, confirmo com um sorriso. — Legal! — sorri radiante. — Já estava na hora dele assentar, quem sabe agora eu libere o João para sair com ele. Aquela vida de bares era um perigo. Detesto aquela Andreza, quanto mais o Theo dizia que não, mais ela insistia. Ôooo, mulherzinha pegajosa. — comenta e ri, sem perceber a estranheza que fica no ar.

Pisco olhando para a árvore acima de nós, para o modo como seus galhos finos e compridos caem como lágrimas e dançam ao vento, fazendo um som de lamúria. Em nossa sessão: *despejando toda a verdade*, em Curitiba, contei para o Theo que tinha visto ele com a Andreza. Na hora, apenas desconversou e não deu a mínima importância, só disse que ela nunca representou nada. Joguei sua reação despreocupada na conta dos alucinógenos e desde aquele dia, nunca mais tocamos no assunto.

— Já vi a Andreza com o Theo.— confesso em um impulso. — Ela pareceu gostar mesmo dele.

— Uau, quando? Por que não me contou? — Nati senta ereta.

— Viu? Mas ela está na Grécia. — Thina também se ajeita endireitando as costas.

Respiro aliviada que Theo não tenha mentido quanto a isto, afundo mais os pés na grama e encaro as três boquiabertas. — Em frente ao café... Um pouco antes de cruzar com ele na Callas. — respiro. — Estavam brigando.

— Típico, ele dando um chega pra lá e ela insistindo. — Thina deduz com ar irritado. — Ela é obcecada pelo meu irmão desde que eram crianças. Espero que suma de vez.

Thina levanta e vai buscar os filhos que estão caindo de sono em cima do montinho de terra.

Olho para ela com incredibilidade. Minha intuição grita que as ligações insistentes que Theo tem recebido não são só da irmã desmiolada, mas não digo nada.

E, não vou ser louca de confessar que fiz a besteira de xeretar sobre ele no Google e me arrependi amargamente. O homem andou bem ocupado antes de mim, dormindo com uma depois de outra. Não sei como o Indecente não caiu de tanto uso, encontrei centenas de fotos dos seus casos e também, notinhas sobre os escândalos da Andreza. O que não me deixou insegura, mas me irritou pra caramba. *Vontade de lavar com creolina* . Detesto pensar que alguma ordinária tocou no que é meu e fica por aí desejando um repeteco. *Merda*. Meu Anjo é muito talentoso e mulheres com este tipo de comportamento, não costumam desistir e sumir.

— Tomara que suma. — murmuro para mim mesma, sem muita convicção.

Lila que até então ouvia quieta limpa a garganta. — Tomara mesmo. — diz e percebo que murmurei alto demais. — Sou PHD em botar vaca para correr. Pode contar comigo, já despachei várias ex do João. Não despachei? — gargalha e olha para as outras que confirmam e sorriem divertidas. — Bati o olho em você e pensei: finalmente alguém que vai bater de frente com aquele teimoso. Homens adoram uma mulher que os deixe na corda bamba, notei o jeito desesperado que o Theo te olha, como se a qualquer momento fosse sair correndo. — sorri com um prazer

mórbido. — Conheço aquele ordinário desde os tempos de faculdade e juro, nunca vi o olho dele brilhar mais que holofote.

— Ai, chega gente, esse assunto Andreza já deu. — Nati alcança outro sanduiche dentro da cesta. — A insuportável que se conforme. O Theo já até pediu a Nina em casamento.

*Uh o quê?*

*Não!*

Uma explosão de fogos de artifício explode dentro de mim. Abro e fecho a boca pensando em negar. Olho para Nati com vontade de matá-la.

Primeiro Thina escancara a boca, depois solta. — O quê? — quase derrubando os Bs dormindo em seu colo. As crianças chiam e ela os coloca com cuidado sobre a manta. Pirata e joaninha se esparramam e voltam a dormir. — Não a-cre-di-to! — fala baixo com os olhos arregalados. — Dona Catarina vai surtar quando souber.

— Nem se anime muito. — Nati olha para mim aborrecida. — Essa aí tem um gênio difícil, não aceitou.

— Como assim, não aceitou? — Thina e Lila exclamam ao mesmo tempo.

Uma irritação sobe, eu não tenho um gênio difícil e não há nada escrito na constituição que me obrigue a aceitar só porque pediram. Entendo que Nati não entenda, mas ela tem que entender que não sou ela. Minha amiga acorda e vai dormir esperando que Pedro proponha, mas até agora nada. Tenho certeza que isto vai acontecer, ele a venera e está super apaixonado. Mas, ao contrário do primo, não é um impulsivo. Pedro é um homem de planejamento a longo prazo. Deve só estar esperando o melhor momento, enquanto curte todas as fases do namoro.

— Não precisamos casar, a gente já mora junto. — levanto os ombros, aborrecida pelos olhares recriminadores das três.

— Ai, ai, ai... Claro que precisa, é a tradição! Morar junto não conta. A dona Catarina vai ter um infarto, os Callas não se juntam, se casam! — Thina diz como se fosse um mandamento dos Deuses. — Como o Theo encarou a recusa?

*Nossa que exagero.*

*Em que século estamos, afinal?*

— Ele vai superar. — resmungo irritada. — Expliquei os meus motivos. — completo querendo encerrar o assunto e as três me olham como

se eu fosse louca.

Olham... Olham... Olham... Esperando que eu diga mais alguma coisa. Não digo nada, não aguento mais ter que repetir mesmos motivos e sinceramente, como mulheres, eu esperava que ficassem do meu lado, mas não. Rio sozinha...

*O que eu queria?*

Elas têm um Equipe Callas enorme escrito nas costas.

— Tá... — Thina quebra o silêncio. — Imagino, o que passou, mas não dou um mês para o Theo te fazer mudar de ideia. Conheço meu irmão, ele é obstinado nunca desiste, se prepara Nina. A briga vai ser boa. — seus olhos chocolate mel ganham brilho. — Caramba! Preciso de um vestido.

*Aff, tão maluca quanto o irmão.*

Decido respirar antes de soltar os cachorros.

Sou salva de brigar com minha não cunhada quando o rádio em cima da manta começa a apitar. Lila atende e dois segundos depois, sua expressão despenca e seu tom vira gelo. O que acontece a seguir é um Deus nos acuda. Um corre-corre danado. Deixamos tudo para trás... Lila ajuda a Thina a carregar um dos Bs e vou agarrada á Nati na frente. A pobrezinha está desesperada e aos prantos.

Mike ligou avisando que houve um acidente. A moto de Pedro chocou-se com outra em uma manobra. Pelo pouco que sabemos, eles não correm risco de morte, mas estão machucados. Sorte Bruno estar por perto e tomar todas as providências.

Feitos os primeiros socorros, o helicóptero foi acionado. Resumo da ópera... Meu Anjo está neste momento, voando para o hospital, junto com o primo, o amigo acidentado, o cunhado e Mike. E nós indo de carro.

*Merda, merda, merda!*

Escoltados por Thina, a nossa comitiva, desesperada por notícias, entra correndo na emergência do hospital. Tentamos ligar no meio do caminho, mas os celulares estão fora de área. O lugar está um caos, parece que meia São Paulo teve a mesma ideia de se arrebentar hoje. Depois de entregar os Bs para uma enfermeira de confiança, Thina vai até o balcão de informações para em seguida, nos conduzir através dos corredores brancos e movimentados.

Confirmo que o meu Anjo está bem e graças a Deus, o quadro é bem melhor do que Mike pintou. Pedro e o amigo estão na radiografia e

tiveram algumas fraturas apenas.

Thina e Nati entram para vê-los e eu espero do lado de fora.

Procuro Theo e nada.

Ligo e nada.

Espero, espero, espero...

Estou quase tendo um troço quando meu celular toca e não preciso olhar na tela para saber que é o Theo arrancando a barba do outro lado da linha. Atendo no segundo toque.

— Onde o senhor se meteu?

Ouçó risos ao fundo

*Opa, acho que errei no arrancando a barba.*

— Estou aqui na lanchonete com Mike, vem pra cá.

— Não estou acreditando nisso, eu aqui revirando tudo atrás de você, morta de preocupação e está fazendo um lanchinho?

— Os caras estão bem, a coisa da radiografia vai demorar. — mais risos.

*Uh o quê?*

— Que risadas são essas?

— Só os caras e umas enfermeiras. Estão repassando o vídeo do acidente, a queda do Pedro foi digna de pegadinha do Faustão. — ri.

Homens são engraçados, primeiro fazem um drama danado, depois dizem que não é nada. Praguejo mentalmente, decidindo se o mato ou só esgano.

*Cretino.*

A imagem de enfermeiras sensuais e a voz despreocupa e divertida de Theo despertam a ira em mim. A coitada da Nati quase morreu de tanto chorar e eles achando graça?

*Tenha santa paciência.*

Custava dizer, que não foi nada demais, tinham que armar este circo de helicópteros?

— Theo Callas Junior, vontade de te esganar!

— Se estragar o material, vai ter que casar.

— Que meleca, joguei pedra na cruz, só pode ser castigo!

Ele gargalha. — Um castigo que você ama e pede mais.

Olho para o celular e solto um gemido irritado.



Amo, mas também quero matar por me deixar com o coração na  
mão.

Desligo na cara.

# Vinte



— **S**enhorita Kovac, ligação da sua mãe.

— *Por favor, diga que retorno mais tarde.*

— *Nina, aquela reunião importante de segunda está confirmada.*

— *Ok, Miguel. Pode contar comigo.*

— *Senhorita Kovac, ligação do advogado*

— *Pode passar.*

— *Boneca, como estão as coisas aí?*

— *Uma loucura Nati, não vejo a hora de você e o Pedro voltarem.*

— *Senhorita Kovac, outra ligação da sua mãe. Ela quer saber porque trocou o número de celular.*

— *Diga apenas que estou em reunião.*

— *Dona Nina, o armário do quarto chegou.*

— *Ai que bom, Vitória. Peça para o moço montar no lugar que te mostrei.*

— *Senhorita Kovac, ligação da senhora Callas.*

— *Pode passar.*

— *Senhorita Kovac, tem um jornalista da revista Famosos querendo falar.*

— *Diga que fui para a China.*

.

— *Senhorita, Kovac... Seu almoço está subindo.*

— Obrigada.

— *Senhorita, Nina. Vai demorar para subir?*

— *O homem acalmou, Mike?*

— *Não.*

— *Subindo em cinco minutos.*

São 13h15 no instante em que entro no elevador e fico aliviada quando percebo que vou subir sozinha. Ôooo semaninha puxada... Eu e Miguel trabalhamos duro estes dias... Vistorias, projetos, reuniões, reuniões, reuniões e meu Anjo.

Aperto o botão para subir.

Estou exausta, mas minha cabeça não para. Tenho uma lista de pendências de duzentos quilômetros e um dia com 48 horas não seria nada mal. Graças à Theo e não a Deus, eu tirei algumas coisas do caminho. Ele sugeriu que eu aceitasse a ajuda da sua governanta e dos advogados da Callas.

*Nina, faça isso por mim. A Vitória está comigo há anos, ela me deu um ultimato. Não fica nem mais um dia na cobertura com a Thenka tocando o terror por lá. Juro, que nem vai perceber que ela esteve por aqui.*

*Não quero você metida em fóruns e audiências. E não faz sentido gastar seu dinheiro contratando alguém, se os advogados da Callas estão aí para isso.*

Relutei no começo, mas tenho que admitir, chegar em casa e encontrar tudo arrumadinho e cheirosinho, não preço. E se Vitória continuar respeitando a regra sagrada: *Não toque nas cuecas do Theo*, não me importo que cuide do resto. *Ai, ai...* E confesso, só de saber que não vou ter que encontrar com Camila no fórum é uma benção.

Os advogados são ótimos, foi animador saber que o juiz recusou os atestados alegando estafa e o pedido de cancelamento de demissão por justa causa.

*Por um momento, cheguei a pensar que a coisa ia dar em nada...*

O conselho quis evitar um escândalo e votou em não abrir um processo de fraude no Shopping de Curitiba. Broxante, mas sensato, uma briga judicial iria arranhar a imagem da empresa. Theo concordou por um

lado, mas por outro, não quis saber de acordos com Camila. Impôs e exigiu que constassem a má conduta ética e profissional como motivos principais na rescisão por justa causa.

*Pois é, a vaca vai para o brejo.*

Roubo uma batatinha do saco com nosso almoço. *Hum delícia.* Fecho os olhos saboreando a bomba calórica e encosto na parede fria para aproveitar os minutinhos de solidão. *Ando com uma fome!* Devoro quase meia embalagem de batatinhas antes do elevador parar e as portas abrirem lentamente no 21º, a primeira coisa que escuto são os gritos vindos da sala da presidência.

*Eita.*

*Meu Anjo anda um demônio.*

Passei a semana controlando seus humores para evitar um suicídio coletivo de seus subordinados. Pois é, todo aquele divertimento na lanchonete e a festinha em torno da perna quebrada de Pedro, evaporaram no segundo em que Theo percebeu que tudo ficaria nas suas costas.

*Caipira, não posso deixar na mão de outra pessoa. A conta da joalheria de Paris é importante pra Caralho. Pedro estava tocando de perto.*

Insisti, argumentei, mas fui voto vencido. Não importa que pague uma fortuna para um exército de profissionais competentes. Meu Anjo é obcecado por controle e algumas coisas ele não delega e ponto final. Acompanhar de perto tudo o que acontece na Callas é uma delas.

Então, como eu previ, as coisas estão agitadas e tensas e o Theo sobrecarregado, nervoso e insuportável. Trabalhando dobrado, indo e vindo de reuniões exaustivas e conferências intermináveis. Rabugento, porque mal temos tido tempo para nós.

Munida de toda a paciência do mundo, atravesso a recepção da presidência a tempo de assistir Julia, a assistente substituta, sair aos prantos do escritório de Theo. *Lá vamos nós...* Mike, que está lendo um jornal em uma poltrona na recepção, só balança a cabeça e sua expressão tensa me diz que a manhã foi difícil.

A mulher para diante de mim impedindo que eu avance. — Como vou saber que tinha uma lista? — balança um pedaço de papel.

— Que lista? — pergunto, porque não faço ideia do que está falando.

— D. P.P.

*Pronto, falou grego.*

— De pessoas proibidas, nada de visitas ou telefonemas. — a voz gravíssima de Mike responde pela moça que resmungava algo sobre Theo ser um louco insuportável.

— Quem ligou? — arranco a lista de sua mão e passo os olhos nela, enquanto aguardo uma resposta.

Há uma centena de nomes conhecidos e desconhecidos. Surpreendo-me por alguns políticos e personalidades estarem nela. Mas o que me choca é ver o nome de Thenka encabeçando a relação, junto com Andreza e Jonas.

Tenho um estalo.

— Foi a Andreza, não foi? — meu pescoço começa a pipocar.

— Não, foi um tal de senhor Drakos. — diz pegando a lista de volta. — Eu juro que não sabia, a Nati não deixou nada quanto a isto... Precisei ir ao banheiro e quando voltei, eles estavam discutindo. Chamei a segurança, levaram o homem e eu fui demitida.

*Demitida?*

Não preciso ouvir mais nada... Já vi esse sobrenome em algumas manchetes... Peço que Julia se acalme e saia para almoçar, prometo que vou falar com Theo para reverter a situação. Espero ela sair, vou até a mesa de Nati e programo o telefone para tocar em um dos ramais da presidência.

Ajeito meu vestido azul marinho bem feminino, com um decote canoa e mangas três quartos, ideal para estes dias com mudança de temperatura. A saia mais rodada desce até um pouco antes dos joelhos deixando parte das minhas pernas expostas e valorizando o par de saltos verde mate.

Entro com cuidado no escritório, encontro Theo com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça afundada entre as mãos. Meu coração dá uma batida a mais. *Mesmo uma fera, é magnífico...* Sorrio, porque sua braveza não me assusta, apesar do seu temperamento ter piorado nos últimos dias, tenho que admitir, comigo ele tem se controlado.

*Quase um amor de CEO.*

Medo de dormir no sofá rosa, eu acho. No primeiro chique, foi lá que eu disse que ele iria dormir. *Tolinho, homens fazem qualquer negócio*

*para não perder uma boa noitada de sexo.* Até vestiu o terno cinza e a gravata azul que eu gosto.

Ando pela sala e paro ao lado dele.

— Meu Anjo, trouxe nosso almoço. — coloco o pacote com os lanches à sua frente na mesa.

Inclina e levanta a cabeça apenas o suficiente para me ver. Um sorriso sem vontade aparece, ele gira a cadeira puxando-me para perto, envolve os braços em minha cintura e pressiona a testa em minha barriga. — Falou com a sua mãe? Como foi?

Dou um tapa em seu braço. — Não acredito que anda vigiando minhas ligações.

Sua cabeça indignada sobe para me fuzilar. — Claro que não. Sua mãe pediu para falar comigo, mas estava ocupado.

*Droga, droga, droga!!*

Agora entendo porque alguns jornalistas sensacionalistas são odiados. A notícia do acidente de Pedro vazou e com ela, o meu namoro com o Theo. Desde segunda, os sites de fofoca não falam de outra coisa. Todo mundo em pavorosa querendo uma entrevista com a mulher que laçou o Callas. *Ah, vão se ferrar! Falar sobre a crise política ninguém quer né? A segurança tem trabalhado dobrado para manter os paparazzi afastados.*

— Não quero você falando com Eva.

— Mas é sua mãe, eu...

— É minha mãe só quando interessa. — interrompo porque tenho razão. — Não me ligou para dizer que está feliz por nós, Theo. Está que nem louca atrás de mim, porque viu uma oportunidade de se dar bem. Leu que sua família é terceiro lugar na Forbes <sup>[48]</sup>. Nem eu sabia disso. — tento me soltar do abraço ele me segura.

— Calma.

— Como posso ter calma? Eva deveria estar agradecida, por eu não ter coragem de suspender a sua mesada. — sorrio desacreditada. — Mas não, ela quer mais.

*Mais... Mais... Mais...*

Fico quieta e não conto a ele que a interesseira da minha mãe chegou a fazer uma lista dos imóveis Callas em Curitiba. Insinuou que seu

novo sonho é morar em uma cobertura deles no Batel <sup>[49]</sup>... Ah, *faça-me o favor!* Talvez eu também deva começar a minha lista de P.P.

— Oooo, calma. Se esse é um limite rígido para você, vou respeitar. — volta a afundar a cabeça na minha barriga. — Não quero brigar, já tive muitos aborrecimentos por hoje.

— O homem que você discutiu mais cedo é o pai da Andreza, não é? Problemas vindos da Grécia?

Esqueço a noção do perigo, pergunto na lata e seu corpo tensiona.

Theo pragueja e os dedos que acariciam minhas costas congelam. — Não discuti com ninguém, muito menos sobre a Grécia. Pare de se preocupar. — levanta a cabeça, suas sobrancelhas se fecham e ele me olha de um jeito nada amigável que diz: *por esse caminho não*

*Ok, então é assim que vai ser?*

Ele no direito de não contar tudo que se passa na presidência e eu no meu, de tentar descobrir o que me interessa? Ah! Porque sim, uma briga com o suposto pai de sua ex põe todos os meus radares em alerta. Que eu sabia, os Callas não têm negócios em comum com esta família. Apesar de não usarem o mesmo sobrenome, li que ela vem de um clã de políticos influentes, os Drakos. É muita coincidência.

Contrariada por sua evasiva, saio do seu abraço, pego o saco de comida, vou até a mesinha de centro em frente ao sofá e começo a tirar os lanches, e arrumar o nosso almoço. Por hábito tiro todos os picles do meu e coloco no dele. Theo me observa calado, levanta de sua cadeira e pega duas latinhas de refrigerante no frigobar.

— Se é assim tão *nada*, não vejo porque ficar nervosinho e demitir a Julia. — alfineto. — Eu também não sabia desta sua tal lista dos Ps. — recrimino sem ter direito.

A porta do frigobar fecha com força.

*Ok de novo.*

*Não sei, porque evidentemente, não é da minha conta.*

Mas poxa vida, bem que a bandida da Nati poderia ter me dito. Saber que a irmã chantagista barraqueira está barrada na Callas, iria me poupar um monte de ansiedade.

Ele me estuda por um momento, claramente controlando-se para não me mandar a merda.

Enfio um bocado de batatinhas na boca fingindo que não é comigo.  
— Não vou demitir a Julia, só fiquei puto. — coloca as latinhas na mesa.

Com cara de poucos amigos, Theo tira lentamente o paletó, afrouxa a gravata, arregaça as mangas ... A temperatura na sala sobe uns mil graus... Acompanho seu showzinho particular sem me preocupar em disfarçar o ar de cobiça... Esse meu homem sabe mesmo como tirar um terno.

Quando o espetáculo termina, ele senta ao meu lado. Precisando diminuir o fogo entre as minhas pernas, abro o lacre do refrigerante e dou um gole. — Deve um pedido de desculpas a ela.

*Humm, delícia geladinho.*

Ele brinca com a sua comida e diz em voz baixa. — Eu sei.

— A irritação já passou?

— Não.

— Foi tão desagradável assim reencontrar o seu ex sogro? — cutuco, ele rosna.

— Não começa Nina, Drakos nunca foi meu sogro e sabe que meu problema é outro.

*Não, não sei.*

Esta semana ele tem tido tantos aborrecimentos, que fica difícil escolher um só.

Penso... Penso... Penso...

Viro para encará-lo com meu sanduiche nas mãos.

— É o Donavan, né? Tem que relaxar... Até seu pai está confiante depois que se esbarraram naquele restaurantê. — lembro a ele, mesmo não precisando. — Ele foi simpático e repetiu todos os elogios, óbvio que o incidente da Camila, não afetou em nada. — dou uma mordida generosa no sanduiche. — Ainda estamos dentro do prazo de resposta. — falo de boca cheia. — O projeto é imenso e custa uma fábula, leva tempo avaliar item a item.

Theo olha para o seu sanduiche, mas não morde — Tô muito agoniado. — joga o lanche intacto na embalagem. — Podia deixar de teimosia e ir comigo. — seus olhos vagueiam para a bagagem ao lado no bar.

*Ah, merda! Paris!*



Meu coração contrai, coloco meu lanche em um guardanapo em cima da mesinha de centro e giro o corpo para ficar de frente para o meu Anjo.

— Amor, não posso cancelar a reunião de segunda. Só agora estamos conseguindo recuperar a confiança dos clientes.

— É minha mulher, caralho. Pode fazer o que quiser.

*Droga.*

Engulo em seco. Passei a manhã inteira mergulhada no trabalho para não pensar nesta bendita viagem. Ficar aqui e deixá-lo ir, faz minhas entranhas revirarem, é claro que também estou agoniada. Ontem mal preguei o olho, morrendo de vontade de jogar tudo para o alto e ir com ele. *Droga!* Às vezes trabalhar na mesma empresa é um saco. Se não estivéssemos tão em evidência, seria tão fácil inventar uma dor de barriga e sumir por uns dias.

— Theo Callas, meu Anjo, meu amor... — respiro para me manter firme. — Já discutimos isso, quatro dias passam rápido. — digo mais para me convencer.

Seu corpo treme em um suspiro irritado. — Isso vai ser uma merda. Não estou com a mínima vontade de passar quatro dias em Paris sem você.

*Teoricamente, só três... De São Paulo até lá são quase onze horas de viagem. Penso, mas não digo.*

Ergo a mão em direção ao seu rosto. — Vai mesmo, não estou com a mínima vontade de deixar meu namorado solto em Paris. Pelo menos temos o WhatsApp.

Os castanhos-mel acendem.

— Está falando em nudes? — estuda meu rosto com uma expressão entre tarado e muito tarado.

*Nossa, isso é muito quinta série.*

Não aguento e dou risada de sua excitação de menino.

— Já me conhece pelada de cor e salteado, pensei em algo mais criativo e algo divertido.

Ensaia um sorriso de verdade. Arrasto meu corpo e sento em seu colo. Seu corpo cai para trás, acomodando-se no sofá para me abraçar.

— Gosto de criativo e divertido. — chupa a parte macia da minha orelha. — Mas mesmo assim, vai ficar me devendo uma trepada histórica,

em um daqueles hotéis antigos com vista para a torre Eiffel.

*Ai que delícia... A cidade luz... A cidade do amor!*

Arrepio e me animo ao ouvir a palavrinha mágica: *trepada* e ao perceber que seu bom humor está dando as caras.

— Se prometer se comportar te dou gostoso onde quiser... — com o dedo desenho o contorno dos seus lábios e mordo o inferior puxando-o. — No Louvre, na Torre, no do Arco do Triunfo e até no rio Senna sob a lua parisiense.

Seu nariz perfeito franze.

— A água é meio congelante, lá. Não sei se meu pau sobreviveria.

*Engraçadinho.*

— Não na água, seu idiota... — cutuco sua barriga — Em um daqueles barcos românticos, igual nos filmes.

— Barcos e você. — murmura e retribui o gesto do dedo nos meus lábios. — Que delícia, me deu até fome. Que tal um aperitivo?

*Ai Jesus, conheço esse olhar faminto.*

*Sexo!*

— Agora?

— Estamos na hora do almoço, não estamos?

Concordo e um tremor conhecido percorre meu corpo, olho para o relógio na parede: *14h00*, o tal concierge <sup>[50]</sup> vem buscá-lo às quatro. Fico dividida entre: o devo, não devo e claro que sim, enquanto a compressão entre as minhas pernas só aumenta.

— Sua mãe ligou, quer ir com as arrumadeiras. — digo ainda presa no não devo.

— E?

Seus dedos encontram o zíper do meu vestido deslizando-o para baixo.

— Aceitei. — ofego sentindo meu rosto corar.

— Obrigado, por deixá-los entrar. — sua voz baixa para um tom de intimidade e seu olhar é de um mel intenso, beirando ao fogo. — Estão empolgados em ajudar, o velho até tirou os ternos do armário. — acaricia minhas costelas agora expostas.

Um volume Indecente ganha vida cutucando minha coxa, o tesão brota e minha calcinha umedece mais. Excitada abraço seu pescoço e roço a

ponta do nariz em sua barba perfeita. — Percebi...— murmuro. — A tropa de elite Callas está firme na missão não deixe a Nina sozinha. — inspiro e me perco em seu perfume delicioso.

Está na cara que essa coisa das empregadas e do pai dele decidir ficar uns dias na empresa também faz parte de uma manobra familiar para amenizar o stress de Theo e me fazer mudar de ideia quanto ao casamento.

Um verdadeiro cabo de guerra. Eu de um lado e todos do outro.

— E eu estou firme na missão foda Nina agora.

*Ai, Jesus!*

Nervosa olho para a porta que está fechada.

— Julia não é louca de entrar aqui sem ser chamada. Monte em mim.

*Uh o quê?*

Soa tão autoritário que me deixa ainda mais excitada. Sei que ele gosta disso, desse joguinho sexual onde flerta com o poder... E por mais que eu negue, eu também gosto. Sou atraída como mosca para a sua armadilha, com esse lado de homem viril e dominador... Não resisto ao seu corpo poderoso, metido neste terno, que desperta uma vontade maluca e contraditória de ser dominada...

Por ele...

Só por ele.

Sem defesas contra sua supremacia, giro o corpo afundando os joelhos no sofá, um de cada lado de suas coxas grossas.

— Esfregue sua boceta em meu pau, Nina.

Balanço a cabeça negando. — Estou muito molhada...

— Vou trocar de roupa antes de ir... A minha loirinha... — ordena.

Sua voz fica austera e mais grave do que normalmente é... Quase bruto, uma contração involuntária em minha vagina faz meus olhos se fecharem de desejo. Suas mãos deslizam por minhas coxas e *Uau ...* Puxa minhas ancas, com força, colando minha calcinha úmida em seu pau já muito duro sob o tecido da calça. Ele está tão quente que faz meu bom senso evaporar... Apoio em seu ombro e rebolo em seu colo, entorpecida com a sensação de instigar o meu homem.

Ele grunhe e nos pressiona mais.

*Deus.*

*Eu não presto!*

*Eu deveria pagar por trabalhar com tanto prazer.*

Com a respiração ficando pesada, Theo desce a parte de cima do meu vestido. Abaixo os braços e as mangas escorregam por eles, revelando um sutiã azul marinho com delicadas rosas brancas bordadas. — Seus peitos ficam incríveis nesse. — seu elogio faz pensamento ficar nebuloso e pela milésima vez, esqueço essa coisa de nos preservar no trabalho.

Nem sei por que insisto, é uma batalha perdida...

A força e determinação do seu desejo sempre vencem as minhas tentativas frustradas de profissionalismo. Nossos momentos fugazes em seu escritório viraram regra, não exceção. Há um Q de fantasia nisso tudo... É indecente, é proibido... Subo para cá, já sonhando com suas mãos possessivas sobre mim... Meu coração sempre dispara por antecipação... A persona autoritária que Theo assume na Callas, deveria me broxar, mas não... É tremendo combustível para a minha libido, isso sim. Um fetiche com efeito selvagem e visceral.

Esfrego mais... mais e mais.

Ele brinca com as alças fininhas do lingerie, deixando uma trilha de eletricidade por onde seus dedos me tocam... Solto um suspiro quando baixa a renda, expondo um mamilo. Com o polegar, ele brinca com meu bico que entumece ao seu toque. Então... Chupa.

E a volúpia me açoita.

Gemo agarrando sua cabeça e pressionando-a contra meu seio. Há uma intensidade a mais em seus movimentos, suga tão forte que meu sangue fervilha na superfície da pele. Outro mamilo é exposto e mais um ataque impiedoso acontece. Jogo a cabeça para atrás e minhas costas arqueiam pedindo mais... É tão duro, que sei que vou sentir a impetuosidade de sua boca por dias.

Não me importo.

Eu quero isso.

Descobri que o limite entre a dor e o prazer com Theo...

É muito...

Muito bom.

Desesperada por mais contato, desfazo o nó da gravata e abro os botões da camisa... Com as mãos atrapalhadas puxo o tecido deslizando sobre seus ombros largos e musculosos. Ele liberta meu seio. — Caralho, Nina. — coloca-me sentada, se desfaz da camisa para em seguida, abrir o

zíper e descer de uma vez, calça e cueca. Seu pau salta livre e ereto cutucando sua barriga.

*Impressionante como sempre.*

Salivo, pois não importa, toda a vez que ele tira as calças é a mesma coisa... Minhas partes sensíveis gritam...

*Me foda... agora!*

Com a mesma pressa e impetuosidade que se despiu, me coloca de pé, termina de tirar o meu vestido e lentamente desce a calcinha. — Os saltos ficam.

Cega de desejo obedeço, me livro da calcinha, que vai parar direto em suas mãos, mantenho meus sapatos e me adianto tirando o sutiã. Estou tão desesperada para saboreá-lo, que me alongo para frente, seguro seu rosto barbado com as mãos e o beijo. Ele me abraça esmagando meus seios contra seu peito, a sensação de sua pele quente contra a minha é explosiva. Abro a boca e deixo que sua língua me devore, sentindo o beijo em cada parte do meu corpo, enchendo-me de doçura, entusiasmo e luxúria.

Suas mãos descem para o meu traseiro, apertando-o. A forma como me beija é selvagem e tensa... Como se quisesse roubar a minha alma. Meus pulmões evaporam... Minhas pernas tremem e ele me sustenta.

— Fique de quatro, apoiada no encosto do sofá. — murmura contra a minha boca.

Embriaga pelo beijo e por sua ordem direta, assisto fascinada ele se afastar, cheirar minha calcinha e jogá-la próxima ao paletó largado em uma poltrona. — Essa vai comigo, quero seu cheiro em Paris.

Minha pele começa a aquecer, apenas pelo que está por vir. Fico na posição que pediu, apoio os joelhos no assento e os cotovelos no encosto do sofá... Um som primitivo sai de sua garganta quando empino bem a minha bunda, oferecendo-me, do jeitinho que sei que o excita e o faz perder a cabeça.

Eu nua, em seu escritório, sob o seu domínio.

— Nossa, Nina. — Theo inclina-se sobre mim, com um dos joelhos apoiados no sofá. Sua mão áspera desliza da minha bunda até a nuca, provocando arrepio por onde passa. Sua ereção pressiona o ponto onde o Indecente e nenhum outro homem conseguiu estar. — Gostosa demais. Estou pensando seriamente em demitir todos os homens do seu departamento, sorte do Miguel que é Gay.

Sobre os ombros olho feio...

Ele que não se atreva a bancar o CEO possessivo e cometer uma barbaridade dessas.

Precavida, mais uma vez não entrego meu amigo, Miguel foi inteligente em deixar Theo pensando que ele é gay. E não vou ser eu, quem vai destruir sua carreira e a estranha harmonia estabelecida entre empregado e chefe.

*Cale essa boca e só me foda, por favor.*

— Theo, às vezes você é tão sem noção que chega a doer. Dá pra falar menos e agir mais?

Ele gargalha.

— Ainda está inchada de hoje de manhã... Sua bocetinha precisa de um descanso... — com seu pau, ele espalha a minha excitação abundante... Indo e vindo até circundar o meu ânus. Estremeço. Ele se inclina, abre uma caixa sobre a mesa de centro e retira uma bisnaga intocada de lubrificante. — Não posso viajar sem te comer de novo... Quero algo novo para me masturbar durante o voo. Não posso viajar tranquilo sem te possuir por completo... Preciso me enterrar nesse seu cuzinho divino.

Meu devasso dispara a falar e fico chocada, piscando lentamente os olhos até juntar dois com dois.

*Mas que safado!*

*Deus do céu.*

— Planejou isso? — engasgo.

Ele me olha com um sorriso lascivo. — Esse seu traseiro é minha obsessão, sabe disso. — abre a embalagem depositando uma porção generosa no dedo.

*Ai, Caramba!*

Este safado planejou comer o meu traseiro, hoje na Callas?

Minha pulsação bate tão forte que quase não consigo respirar...

Tá certo, que eu disse que estava pronta e queria realizar sua fantasia.

Mas..., mas..., mas...

— Não acha estranho fazer isso aqui?

— Nessa altura do campeonato... nada é estranho entre nós.

Chega mais perto e começa a acariciar entre minhas pernas. Estou tão chocada e excitada que seus dedos deslizam com facilidade abrindo

meus lábios vaginais, ele massageia com delicadeza toda a extensão do meu sexo e sei que faz isso apenas para me relaxar e me preparar para o passo seguinte.

— Não acredito que estou prestes a deixar que coma meu cu... — deixo escapar e afundo o rosto no encosto, porque nunca fui tão crua assim.

— Shhhh. — Theo ri. — Estamos na hora do almoço... Um inocente e íntimo almoço... — enfia um dedo em minha vagina e gemo baixinho... — Não estamos fazendo nada demais... Não tem ideia do que isso faz comigo... — sua voz é melódica e cadenciada. — Ver você de joelhos em meu sofá, é uma puta alegria. — continua instigando e começa a lambuzar o seu alvo.

Ronrono...

A sensação é boa... Conhecida... E isto é o que me assusta... Procuro me concentrar apenas em seu toque gentil e sentir o calorzinho bom e relaxante do lubrificante fazendo sua mágica, mas..., mas..., mas...

— Só relaxe... Apenas faça o que se sente à vontade fazendo.

*Não consigo.*

Uma coisa são seus dedos deliciosos, outra é esse Indecente enorme querendo se infiltrar em um buraquinho tão apertado. Bernardo, mesmo não chegando aos pés de Theo, nunca conseguiu. Ele tentou e forçou a barra até o ponto de machucar, mas nada de conseguir me fazer relaxar e me abrir para ele, a coisa entre nós não foi além de dedos para mostrar como ele mesmo gostaria de ser tocado.

Um dedo pressiona meu ânus e me retraio.

— Que foi? Não quer? — a investida para.

É lógico que eu quero... Quero tudo que venha dele, mas tenho medo que a realidade destrua a fantasia. Tudo o que eu e Theo fizemos até agora, foi instigar e brincar com a possibilidade de algo maior e chegar aos finalmente me parece tão radical, tão direto, tão exposto.

— Quero. — dissimulo minha tensão.

Seu dedo volta a circundar meu traseiro... Pânico e deleite se misturam, trazendo um tipo de excitação completamente nova... Gotas de suor brotam no meu rosto e descem pelo meu pescoço. Aperto o couro macio do encosto até meus dedos ficaram brancos.

— Sente o lubrificante te relaxando. — enfia um dedo me aquecendo por dentro.

— Hum, Hum...

Ele gira me alargando e sem parar de me penetrar, inclina e diz — Podemos ficar nisso se não estiver pronta. — traça um caminho de beijos das minhas costas até a nuca.

Sinto sua ereção pressionar a minha bunda e já não é ruim... A ideia dele me rasgando bem gostoso feito um animal me atiça. Gosto dele feroz.

*Desistir?*

*A meio caminho andado?*

*Nem pensar!*

— Não! Só faça disto algo bom e inesquecível.

Rebolo meu quadril permitindo que seu dedo vá bem fundo... Ele inspira e depois diz uma sequência de palavrões em voz baixa.

— Ôooo, minha Caipira. Eu farei... Eu farei...

Theo beija e chupa a lateral do meu pescoço... o dedo sai, sinto seu quadril ajeitar-se em busca de uma posição melhor... — Empina.

Ele fica de pé atrás de mim, olho sobre os ombros e assisto seu pau ser untado de lubrificante para depois ser guiado até meu cu. Seus movimentos são tão másculos... seus olhos vagueiam das minhas costas até o ponto em que esfrega o Indecente girando, girando, girando... *Deus!* A ponta me pressiona e parece ter crescido mil vezes. — Abra mais as pernas... Só empine e relaxe, ok? Vou te fazer gozar e te levar para o céu.

Sua promessa faz minha pele arder e luxúria se espalhar dentro de mim. Solto uma respiração lenta e profunda...

Relaxando...

Você é tão linda...

Relaxando...

Sou louco por essa bunda...

Relaxando...

Esfregue-se em mim, minha Caipira devassa.

Relaxando...

Sinta como é foddidamente incrível...

Relaxando...

— Puta que pariu! — urra quando vence a barreira de músculos e a cabeça de seu pau desliza livre dentro de mim.



Quero gritar também, mas estou sentindo tanta coisa. O deslizar de seu eixo preenchendo-me é sufocante. A sensação é tão forte e íntima que me consome... Enquanto ele sussurra e geme dizendo o quanto é bom, como ele me ama, que promete ser cuidadoso... Finalmente me invade polegada por polegada em um gemido gutural.

*Deus!*

Mordo o couro macio. Theo está dentro de mim imóvel, esperando que eu me acostume com a intrusão quando um braço circunda a minha cintura e seus dedos começam a dedilhar meu clitóris. De um modo sensual e magnífico. É difuso... Bom e ruim, não há uma dor profunda, mas é como ser esmagada e partida ao meio e mesmo assim querer mais, mais e mais.

Balanço meu quadril incentivando-o a se mexer...

— Tudo bem?

— Hum, hum... Mais...

Theo sai de vagarinho e entra de novo sem nunca abandonar meu clitóris... Repete o vai e vem, em meio a grunhidos e palavras de carinho... Aos poucos vou me acostumando e nos perdemos um no outro... Não há palavras, só os ruídos selvagens de nossos corpos batendo... Ele me domina em seu máximo e estou completamente rendida, à sua mercê...

*Macho possuiu a fêmea.*

*Fêmea entrega tudo ao macho.*

Agora entendo a sua obsessão, sexo anal é mais que erótico e vai além da intimidade. Agora meu corpo inteiro está marcado e lhe pertence. Quando começa a socar forte e a murmurar palavras desconexas, olho sobre os ombros para encontrá-lo perdido... com os olhos vidrados em seu pênis que me come com voracidade...

Há uma adoração em seus olhos e não uma dominação como eu esperava encontrar. Não é feio, nem vulgar, é novo...

Meu corpo esquenta e o desconforto some junto com o medo... O entra e sai, a mão que envolve meu rabo de cavalo e os movimentos urgentes em meu clitóris, transformam o difuso em uma onda descomunal de prazer. *Deus, vou explodir.* Me contorço e sinto fluidos escorrendo da minha vagina para a perna. Ouço gemidos ruidosos, que descubro serem meus, e sem poder me controlar, choramingo uma ladainha interminável de: — Isso é bom... Isso é bom... Isso é bom... — grito, completamente

possuída, quando todas as células do meu corpo começam uma vibração rumo ao orgasmo.

— Pooorrraaaa, Ninaaaaa. — Theo vem primeiro jorrando e sacudindo e eu explodo em seguida.

Neste momento ele é meu tudo.

Seu corpo esgotado cai sobre o meu, imprensado no sofá... Apoia a cabeça em minhas costas liberando um grunhido forte e viril. Seus lábios apertam contra as minhas costas beijando, xingando e sussurrando meu nome. Sai de dentro trazendo com ele uma sensação úmida de vazio e antes que eu perceba, estou sendo virada de costas, deitada e esmagada por seu corpo suado. Sua boca procura a minha desesperada por um beijo molhado e intenso.

Beijo... Beijo... Beijo...

Quando paramos já sem fôlego, nossas testas encostam, seus dedos acariciam a minha bochecha e um gesto delicado... *Ah, meu Anjo adorável.* Nos olhamos fixamente durante alguns segundos... O som das folhagens batendo com o vento, no jardim da cobertura, e as buzinas ao longe, misturam-se ao silêncio cadenciado de nossas respirações.

Movo meus dentes ao longo de sua mandíbula, minha língua pinica em sua barba. — Te amo, meu Anjo.

— Te amo mais. — sussurra em meu ombro. — Ficou tão calada. Machuquei você?

— Não. — balbucio enquanto ele beija minha pele. Inclino a cabeça para o lado dando melhor acesso a minha garganta. — Deus do céu, esse troço de anal é bem intenso.

Seu corpo grande vibra em uma risada silenciosa.

— Está cansada, vai conseguir trabalhar?

— Amor, acho que a pergunta correta é se eu vou conseguir andar depois desta.

Theo se afasta e me olha surpreso.



Os olhos desconfiados de Theo acompanham o meu vai e vem em seu banheiro privativo. Ele já está trocado e pronto para viajar. O terno

clássico foi substituído por um par de jeans confortáveis e uma malha de tricô cinza.

Termino de passar o secador em meus cabelos, não quero dar a Julia munção para fofoca. Mesmo com essa coisa de proteção contra som, não tenho a ilusão de que as pessoas imaginem, com razão, mil coisas sobre nossas reuniões particulares. Saio do banheiro com Theo na minha cola. — Parê de me olhar, já disse que estou bem. — repreendo-lhe olhando-o fixamente.

— Esta mancando.

— Não estou, não. — respondo pela quinquagésima vez e vou até o sofá. Surpreendo-me por Theo já ter organizado tudo. Nenhum vestígio dos muitos fluidos envolvidos no ato.

— Tá doendo? Deixe eu dar uma olhada.

*Uh o quê?*

Ruborizo.

— É médico por um caso? Já disse que não estou sentindo nada. — minto, alcanço minha bolsa e vasculho até encontrar a nécessaire com o kit extra de calcinhas. Pego uma branca de algodão e visto... É claro que poderia dizer que estou sensível e que a cada passo, ainda sinto seu pênis enorme enterrado em meu traseiro, mas um estranho decoro me impede de fazer isso.

Sua expressão suaviza, mas não muito. Sento no sofá para calçar os sapatos enquanto Theo vai até sua mesa e começa a guardar o Note, Ipad e umas pastas em sua maleta.

— Se acontecer qualquer coisa, quero que me ligue na mesma hora, ok? O Rafael vai ficar esses dias no escritório do Vincenzo.

*Saco.*

Lá vamos nós de volta com as mil e uma recomendações. Ando muito desconfiada de que o Gorila do beco tenha falado mais do que eu sei, de uns dias para cá Theo e Mike vivem de conversinha pelos cantos.

— Pelo amor de Deus. — levanto do sofá e vou até a mesa ficando do lado oposto. — Está exagerando. Porque está tão preocupado? Por um acaso está me escondendo alguma coisa? — espalmo a minha mão sobre o tampo esperando que diga algo, mas Theo continua a arrumar a maleta impassível. — Nossa casa está parecendo uma fortaleza. Coitado do Rafael,

aquele escritório está abarrotado com as suas coisas, ele é enorme não vai caber lá, é sacanagem deixá-lo...

— Chega, Nina. — interrompe ríspido. — O Rafael vai ficar aonde eu mandar e ponto final. — seu olhar me diz que está irredutível, bufo me segurando para não pegar o peso de papel e carimbar sua testa com outro roxo. — Se ao menos tivesse concordado em passar estes dias na casa dos meus pais.

*E correr o risco de dar de cara com Thenka? Nem pensar.*

— Não sou criança. — esbravejo. — Não pode querer me proteger do mundo!

— Então não se comporte como uma. — rosna e meu queixo cai. — Tenho feito de tudo para não te sufocar, mas sabe que temos regras novas de segurança que precisam ser seguidas. Não é mais só a Nina Kovac, está com um Callas agora. Viu o que aqueles jornalistas fizeram.

Seu olhar intenso é enervante e não tira os olhos de mim como se eu estivesse pronta para explodir.

*E....*

*Estou, mas não vou.*

Respiro contando até dez.

Ok, ter os paparazzi pulando o muro e invadindo o nosso quintal não foi legal. Mas também não é legal pegar o Theo e Mike confabulando pelos cantos. E ao contrário do que pensam, não acho que esteja em risco e sair da minha casinha não é solução.

*A realidade das nossas diferenças está batendo à minha porta.*

*E isto, é uma Droga!*

Tem sido uma arte delicada encontrar um equilíbrio entre seu dia a dia cheio de cuidados velados e minha vontade de viver com mais liberdade. E por mais que Theo se esforce para agir como uma pessoa comum, ele não é. O coitado anda frustrado com a perda de sua própria liberdade. O incidente no Beco fez Mike ainda mais cauteloso, até as corridas de Theo sofreram retaliações. Ele está proibido de fazê-las sem a companhia da segurança.

— E então? — ele franze a testa profundamente. — Posso ir tranquilo ou vou ter que me preocupar com você desobedecendo os seguranças e fazendo alguma loucura?

Não gosto de seu tom arrogante... *Blá, blá, blá...* Falando comigo como se eu fosse uma menininha teimosa e petulante. Quero defender o meu lado independente, mas minha intuição pede para alongar o pavio e ir com calma. Solto um suspiro de rendição. Acabamos de ter momentos incríveis, ele está indo viajar e uma briga é tudo o que não precisamos neste momento.

— Vou Tomar cuidado. — prometo de forma petulante.

Um fantasma de um sorriso cruza o seu rosto.

*Imbecil!*

O ramal toca e ele atende no viva voz.

— O concierge está aqui. — Julia anuncia com voz cautelosa.

— Deixe-a entrar. Theo diz.

*Deixe-a?*

— O concierge é uma *ela* ?

Theo dá a volta na mesa ficando ao meu lado. — É, pensei que tivesse comentado.

Eu sacudo a cabeça — Não comentou.

*E que ela!*

Sinto um descontentamento fluir como uma onda de calor em meu estômago. Por instinto, passo a mão ajeitando os meus cabelos à medida que o concierge, que é uma *ela* , entra na sala com seus olhos castanhos amendoados fixos em nós.

*Diacho!*

Definitivamente a disgramada é bonita. Mesmo neste terninho azul marinho, padronizado da joalheria Riche <sup>[51]</sup> a mulher é sexy dos pés à cabeça do seu corpo mignon <sup>[52]</sup>. Cabelos castanhos na altura dos ombros, curvas bem torneadas, um nariz mínimo e lábios cheios realçados em batom vermelho intenso.

— Mon Cher! <sup>[53]</sup>! Quanto tempo. — exclama com um sorriso radiante e branco. — Você continua ótimo!

— Oi Rebecca. — Theo a cumprimenta com um sorriso sincero e parece à vontade quando ela se estica toda e deposita três beijos estalados em sua bochecha. — Essa é a Nina, minha namorada.

— Ah... Olá! — estica a mão impecável em minha direção.

*Uau. Aperto decidido.*

— Oi, seja bem-vinda.

— Oh que amor, obrigada!

— Estudamos juntos nos Estados Unidos. — Theo explica com um tom saudoso e indica o sofá para sentarmos. — Becca está no ramo de joalherias agora, foi ela quem indicou a Callas para a criação da nova sede mundial da Riche.

— Mon Dieu, a faculdade! — acomoda-se delicadamente na poltrona à nossa frente. — Que anos intensos foram aqueles.

Pela risada e olhar de cumplicidade dos dois devem ter sido muito intensos mesmo. Fico dividida entre odiá-la e amá-la. A mulher parece ser ótima, agradável e nada afetada.

— Posso imaginar. — murmuro.

Os olhos castanhos realçados pelo rímel vagueiam entre mim e Theo.— Que loucura foi essa com Pedro?

— Foi um tombo e tanto. — sorri lembrando. — Mas vai ficar novo em folha. — à vontade, meu anjo estica o braço no encosto e com o polegar acaricia meu braço.

— E você moça bonita, vai conosco? A coleção de joias deste ano está magnífica.

— Infelizmente não. — respondo realmente já arrependida. Não tinha previsto o fator amiga super legal Becca na equação Theo á trabalho em Paris. — Muitos projetos.

— Nina é paisagista, está envolvida em projetos fundamentais para a Callas.

— Hum... Uma garota das flores. Que merveilleux ! <sup>[54]</sup> — vibra e checa o relógio dourado no pulso. — Pronto para uma aventura em Paris? — levanta-se e imitamos o gesto. — Os investidores da Riche estão ansiosos com a sua chegada e curiosos para ouvir suas ideias inovadoras.

— Vou ficar te devendo uma.

— Nada que um jantar regado a Moët & Chandon. <sup>[55]</sup>

Theo concorda e caminha até sua mesa e pelo telefone avisa Mike que já estão de saída. Sinto um frio no estômago, os dois parecem íntimos e ter um bocado de histórias juntos. Theo fala dos amigos, não sabia deste lado amigo de mulheres lindas e interessantes. E de repente, eu acho que os meus dias vão ser mais de merda do que os dele.

— O helicóptero já está à sua espera, senhor. — Mike avisa assim que entra e pega a bagagem de Theo ao lado do bar.

— Espero que não se importe por ter mudado os planos, prefiro viajar no jato Callas.

Ela solta uma gargalhada doce.

*Droga, ela é uma graça!*

— Se eu me importo? De jeito nenhum, mom ami [56]. — Becca começa a arrastar sua mala com rodinhas e Mike se apressa em pegar. — Aqueles meus padrões franceses são muito pão duros. Onde já se viu marcar assentos na classe executiva. Mil vezes, aqueles lençóis macios do jato.

*Uh o quê?*



— Eu te amo, vou sentir saudades.

— Eu também, meu Anjo.

Depois de me despedir de Theo e de Becca no heliporto desci para o 12º. Um sentimento de ciúmes me corroeu pelo resto da tarde. Tentei me concentrar nos esboços do parque aquático que iremos apresentar na segunda, mas quem disse que consegui. Passei o resto do dia de olho no celular na esperança de receber mais alguma mensagem além de:

**Caipira, vamos decolar... Vamos ter turbulência durante o voo. Vou desligar o celular, te amo.**

Eu não deveria ter rejeitado tão rapidamente a ideia de viajarmos juntos. Eram só dois dias de trabalho, afinal. *Nina, burra! Burra! Burra!* Ele tentando ser romântico e eu pensando na apresentação e nas reuniões. Afundo na cadeira lembrando como Theo parecera feliz ao me convidar e como seu rosto murchou quando disse que não poderia.

Às 19 horas, depois de repassar a apresentação eu decido ir embora. Miguel passa para um tchau e ri ao me encontrar com a testa grudada na mesa. Ele me encara, cruzando os braços sobre o peito.

— Tudo isso já é saudade do seu CEO?

Levanto a testa e me endireito na cadeira. — Não. — rosno negando o óbvio.

— Vou tomar umas com a Toshiko, trabalhamos feito condenados esta semana, acho que merecemos. Quer vir?

Pondero por um segundo, mas recuso.

— O chefão não vai se importar que saia com seu amigo gay. —  
pisca divertindo-se com a situação.

— Não é por isso, tenho um dia cheio amanhã. Não acho uma boa encontrar minha não sogra de ressaca.

— Sogra na jogada? — Miguel assovia. — É mais sério do que imaginei.

Solto um grunhido frustrada, deixando minha testa cair de novo na mesa. — Pois é, a coisa toda cresceu sem eu me dar conta.

— E isso é ruim?

— Ruim não, só aterrorizante. — *em pouco tempo ele se transformou na coisa mais importante da minha vida.*

— Sei bem como é isso. — Miguel divaga. — Vamos, junte sua tralha e vamos viver um pouco.

Desço com Miguel, aviso Rafael que estou pronta e antes das oito, já estou sentada em meu sofá rosa em uma sala estranhamente vazia. Não quis ir ao café e disse para Estrela não vir. Hoje seremos, apenas eu, o Peixoto e o barulho do vento e do trânsito entrando pelas janelas.

*Droga! Vai ser um tédio ficar aqui sem o Theo.*

Vou até a cozinha e resgato uma garrafa de vinho. Estou entediada, solitária e ciumenta...

Eu mereço relaxar... Dane-se a ressaca.

O dia foi definitivamente intenso e ainda sinto o efeito das investidas selvagens de Theo em mim.

Ligo a teve e me acomodo...

Três episódios de Castle e uma garrafa de vinho depois, começo a me preocupar com o rumo da minha conversa com Peixoto... Digo a ele tudo que me vem à cabeça... Falo do tempo, do carro que tenho que ir buscar amanhã, do meu traseiro dolorido, da minha mãe querendo o dinheiro dos Callas, do e-mail que recebi de Bernardo e não contei a ninguém, de como ele disse estar arrependido por tudo que fez a mim e espera que eu seja feliz, de como a amiga do Theo é incrível, do tipo que até eu me apaixonaria em Paris...

Falo... Falo... Falo...

Até que noto que: ou Peixoto morreu ou está dormindo. Chacoalho o aquário e ele volta a nadar.



— Ok companheiro, entendi. Chega de papo furado.  
Suspiro e me calo.

Giro os olhos ao redor e não há nada que lembre Theo, só a televisão. Meu apartamento é tão eu e tão exclusivamente feminino, que uma ideia hipotética e louca passa por minha cabeça... Um lugar nosso. Outras viagens virão e ter uma mistura de nós dois parece acolhedor e um jeito de amenizar a falta que sinto dele.

*Tudo bem, vamos parar por aqui.*



Encolho as pernas, colocando os pés no assento da cadeira, sopro o meu café ao levar a caneca a boca. O sol fraco da manhã entra pelas janelas me lembrando que não dormi nada. Estranhamente, não tenho ressaca, mas meus olhos estão inchados. Acordei várias vezes à noite, só para checar meu celular em cima do travesseiro de Theo.

**Cheguei agora, estou quebrado. Te ligo mais tarde, te amo.**

Respondi com u m **Te Amo mai s** e fiquei rolando na cama esperando uma resposta que não veio. Engraçado passei meses acordando sozinha e adorava esse mesmo silêncio que agora me incomoda.

Dou mais um gole de café, levanto, digito o código de segurança ao lado da porta e saio para a varanda. Sento no degrau cimentado superior. O ar fresco roça meu rosto e uma brisa suave bagunça ainda mais meus cabelos. Sorrio quando o cheiro de grama molhada preenche meus pulmões. Olho para o jardim úmido e deduzo que deve ter chovido de madrugada e eu nem vi. É meio louco, sei que estamos no meio da cidade, mas no meu jardim o ar parece diferente.

Estico as pernas para aproveitar o solzinho. Tudo está tão quieto, o bairro fica muito diferente nas manhãs de final de semana. Nada das buzinas ou dos sons caóticos da cidade acordando. Se aqui são sete horas, em Paris deve ser quase meio dia. Pesco o celular no bolso do roupão, ligo para o Theo e cai na caixa.

Digito.

**Dormir e acordar sem você é tortura. Te amo.**

Passo um tempo no degrau repassando tudo o que pretendo fazer no dia. Aos poucos, a cozinha do restaurante começa a ganhar vida. Ouço vozes no portão lateral, reconheço uma delas, levanto, amarro o cordão do roupão e desço apressada para ver o que tanto Vincenzo dá ordens.

— Oi, bom dia.— cumprimento-o, assim que dou a volta no caminho de cascalhos e vejo Vincenzo no portão antigo, rodeado por alguns homens.

— Já acordou, menina. — ele abre um sorriso caloroso. Seu barrigão está apertado em uma camisa polo verde e as calças jeans caem largas sobre as pernas quase tampando os tênis de corrida brancos. — Eu ia chamar o Rafael. Os homens do Callas estão aqui.

— Que homens? — inclino o corpo para ver o grupo que descarrega uma caminhonete com o logotipo da empresa. — O Theo não me disse nada.

— Deve ter esquecido. — Vincenzo tira um lenço do bolso e enxuga a careca suada. Os poucos fios que lhe restam ficam em pé.

— Senhorita Kovac! — André o chefe de manutenção da Callas vem correndo até nós. — Me diga que não a acordamos. — parece preocupado.

— Não acordaram. — fecho bem o roupão. — O que fazem aqui?

— O chefe nos mandou para dar um jeito no jardim. Íamos fazer isso na quinta, mas as mudas que ele encomendou só chegaram ontem no fim da tarde. Ele está aí?

— Viajou.

— Ele mora aqui mesmo? — pergunta evidentemente estranhando a rusticidade do lugar.

— Temporariamente.

Vincenzo ri. — Um temporário para sempre.

Olho feio para o bonachão que murmura um: *Mas é verdade...*

— Ah... Compreendo, podemos começar? — André estica a cabeça para dar uma olhada no jardim. — Trouxe o time completo, não deve demorar mais que umas duas horas. O chefe me mandou as fotos por e-mail e já adiantou tudo o que precisamos fazer.

Olho para a quantidade grande de coisas sendo descarregada. —  
Fazer?

— No jardim.

*Ah!*

*Obviamente.*

*Esqueci que tinha comentado sobre o jardim com Theo.*

— Claro. — sorrio feliz por meu Anjo ter lembrado e me poupado um trabalhão. — Eu precisava mesmo dar um jeito na grama e nas árvores hoje.

— Olá bom dia, que horas são? — um sonolento Rafael surge atrás de nós, vestido à paisana. A camiseta branca e a bermuda azul que veste estão impecavelmente limpas e passadas. Aliás, tudo aqui em casa anda impecavelmente limpo e passado.

— Chegamos mais cedo. — André esclarece.

— Ok. — minha sombra responde passando a mão nos cabelos loiros bagunçados. — Podem entrar. Já sabem o que têm que fazer. — ele abre bem o portão dando passagem para André e a equipe.

Fico animada por ter tantas companhias inesperadas.

— Vou vestir meu macacão e desço pra ajudar.

— Senhorita, marcamos de pegar seu carro às oito.

— Melhor ir pegá-lo menina. — Vincenzo diz com certa mágoa.  
— O Betoven está há tanto tempo parado na oficina, que mais um pouco, entra em depressão.

Solto uma gargalhada.

— Verdade e tem a dona Catarina.

Enquanto Rafael vai buscar a ranger no estacionamento na esquina, subo correndo e visto um jeans, uma camisa leve, verde escura e estampada com borboletas brancas, e uma sapatilha vermelha. Deixo os punhos da camisa sem abotoar e prendo os cabelos em um rabo alto, optando por nenhuma maquiagem.

*Ai que excitante!*

Jardim podado e carro novo!

Checo o celular, nada de ligação do Theo ou mensagens.

Digito.

**Eu te amo, amo, amo, amo... Adorei a surpresa no jardim.**

Sem me preocupar em trancar a casa, pego a bolsa e encontro a ranger prata estacionada na rua e Rafael conversando com Vincenzo na porta do restaurante. Depois de ouvir pela milésima vez as recomendações do antigo dono do Betoven, seguimos para a oficina.

O carro está lindo, totalmente restaurando parecendo novo. Um fusquinha bicolor, branco e verde água, conversível 1970. Não me surpreendo quando o dono da oficina diz que Mike já passou por lá para vistoriar o carro e pagar pelo serviço. Estou tão feliz, que resolvo ignorar que meu Anjo quebrou sua promessa de não pagar pelas minhas despesas.

*Dane-se, depois eu me acerto com ele.*

Aproveito a manhã de trânsito calmo para testar meu lindinho. Passeio pelas ruas arborizadas da vila com a ranger me seguindo de perto. Baixo a capota, curtindo o vento e o sol que está mais forte. Estava tanto tempo sem carro que tinha me esquecido como é boa esta sensação de liberdade. Poder ir para qualquer lugar, sem me preocupar com as passadas de mão inconvenientes na bunda, é uma benção.

Faço um tour completo, paro no mercadinho, no hortifrúti, na farmácia, na banca de revistas. Entro errado em umas três ruas e me perco. Volto para casa seguindo o Rafael.

Chego buzinando em frente ao café.

— Polaca! Ficou lindo! — Estrela sai desamarrando o avental.

— Ficou né. — desço me sentindo o máximo.

Depois de olhar cada detalhe da restauração, ela coloca a mão no bolso de trás da calça e estica em minha direção. — Toma. Fui na igreja São Judas Tadeu e pedi para o padre benzer.

Pego um escapulário de prata com a imagem do santo, que é o padroeiro dos motoristas. — Nossa, Estrela. Lindo, adorei! — abraço minha amiga, me apoio na porta do carro e coloco o escapulário pendurado no vidro interno. Tiro o celular, faço várias fotos e selfs e mando para o Theo.

**Olha quem chegou!**

Estrela nos convida para entrar assim que Rafael volta do estacionamento. Ele recusa e eu aceito. Com o café tranquilo, passamos um bom tempo papeando.

— Tem certeza que era o pai da escandalosa?

— Tenho. — coloco a xícara vazia sobre o balcão.

— Descobriu o motivo da discussão?

— Não. — franzo a boca fazendo um bico. — Theo disse para não me preocupar.

Ela pega a xícara e passa um pano tirando vestígios de açúcar que eu derrubei. — Então não se preocupe. Quer outro café?

— Não, obrigada. — passo o dedo no celular ao meu lado, nada de mensagens ainda.

Começo a estranhar o silêncio.

— Que foi?

— Não consigo falar com o Theo e ele também não responde as minhas mensagens.

— Já até sei o que está pensando. Pode ir parando já... — Estrela diz e pede um minuto, vai até o caixa, fecha a conta de um cliente e entrega do troco. — A mulher poder ser incrível como disse, mas era você quem ele queria ao lado dele em Paris. — completa assim que volta a ficar na minha frente. — Além do mais, nenhum homem é tão burro de apresentar a amante para a namorada.

*Belo ponto.*

— Eu sei, só que sei lá... Eles pareciam ter um monte de história juntos.

— Qualquer um que tenha morado fora e feito faculdade juntos tem um monte de histórias.

— Ela se insinuou?

— Não.

— Então relaxa, Polaca. — coloca dois copinhos e serve um pouco de água com gás. — Engraçado né, foi só o namoro de vocês ficar público que os fantasmas resolveram aparecer... Sua mãe, o Bernardo...

— Pois é, minha mãe eu já esperava. — viro a água gelada. — Pelo menos o Bernardo foi decente. Acho que finalmente, caiu de amores pela filha e resolveu me deixar seguir em frente.

— Aleluia. — ela levanta as mãos para o teto. — Nenhum homem fica imune aos encantos de uma filha. Tenho certeza que se um dia meu marido tiver que escolher entre nós duas, vou perder feio. A Luar é tudo para ele.

Concordo.

A sineta toca e Estrela faz uma careta.

Viro e vejo Henrique vindo direto para nós . *Meleca*. Quando ele chega, vejo que ainda ostenta traços amarelados na testa e pescoço. — Estou seguro, ou tenho que vestir minha armadura? — sorri debochado invadindo meu espaço pessoal.

*Babaca.*

Desço do banquinho e me afasto. — Oi Henrique. — aceno de longe, sem empolgação.

— Você parece cansada, problemas no paraíso?

Sua brincadeira me irrita. — Muito trabalho, só isso.

— Não abuse da sorte. — Estrela entra na conversa e aponta para Rafael encostado no fusquinha.

Sua expressão muda completamente. Despeito varre seu rosto, levando para longe o homem gentil e engraçado.

Henrique ri com desprezo. — Leão de chácara... Hum... O cara dever ser mesmo importante, além de rico, claro. — ironiza. — Pensei que valorizasse a sua liberdade. — seus olhos franzem atrás dos óculos. — Desde quando virou propriedade do troglodita?

*Uh o quê?*

Eu abro a minha boca e em seguida fecho.

*Não caia na dele.*

Minha mão coça por um tapa, Henrique está passando dos limites. Insinuar que eu tenha me vendido já é demais. Respiro fundo, porque sei que é o seu orgulho ferido falando. Ele só está tentando descontar em mim, a humilhação que o Theo o fez passar. Minha raiva se converte rapidamente em pena e decido que não tenho que gostar dele, só porque acha que gosta de mim. Às vezes o nosso santo simplesmente não bate e pronto. Acontece. Tudo bem.

*Seja superior, Nina.*

Digo a mim mesma e respiro novamente.

— Menos Henrique, bem menos. Theo e eu somos comprometidos, sabe disso. — aconselho e também aponto para Rafael, que ao que tudo indica, esteja colocando um grupo de repórteres para correr. — Ele é o meu segurança, mantém os indesejados longe. Comporte-se e não vire um deles, ok? — faço uma cara feia para ele.

Estrela gargalha e solta. — Podia ter passado sem essa! Boa, Polaca!

Constrangido, Henrique ajusta os óculos e engole em seco.

— Desculpe, esperei por você na livraria. — diz, abrindo distância e não entendo porque me esperou se não combinamos nada. — O livro que encomendou chegou. — explica ao notar minha expressão confusa.

*Ah!*

Alcanço minha bolsa no balcão. — Assim que tiver um tempinho, passo por lá e pego.

— Combinei umas cervejas com os amigos, se quiser vir hoje à noite, posso trazer ...

— Não precisa, obrigada. — interrompo. — Eu pego o livro outro dia. — olho para Estrela que revira os olhos — Bem, preciso ir, já devem ter terminado de podar o jardim. — indico os homens de André guardando as ferramentas na caminhonete.

— Te ligo à noite, pode ser? Estou pensando em ir na feirinha de antiguidades, se quiser. — ela serve um café à Henrique.

— Pode ser, mas eu dirijo. — balanço as chaves do carro, giro em meus calcanhares, me dirijo para a porta e saio.

Desvio de um casal que passa por mim rindo, conduzindo um labrador enorme, perdidos em suas tarefas matinais de sábado.

— Para onde? — Rafael pergunta parado ao lado do fusca.

— Vou para casa. São jornalistas? — pergunto e meu segurança olha carrancudo para um grupo mais ao longe.

— Sim. — ele passa a mão pelos cabelos. — Infelizmente, Senhorita.

*Inferno.*

Imito sua carranca, aceito que atravesse e vá comigo até o portão onde André nos espera com um sorriso. Entrego as chaves para que Rafael leve meu Betoven até uma das vagas que alugaram no estacionamento. Deixá-lo dando sopa na rua não é uma possibilidade muito segura, não em São Paulo.

— Tudo certo aí, André?

— Já acabamos, Senhorita Kovac. — entrega uma planta baixa enrolada. — Fizemos tudo de acordo com o projeto.

*Projeto?*

Curiosa desenrolo a planta. *Oh, meu Deus.* É um esboço do meu jardim feito por Theo. Seguro um soluço fora de hora quando me dou conta que não foi uma poda simples, meu Anjo dedicou seu tempo criando espaços novos muito mais harmoniosos. *Ele é bom.*

Sem poder esperar entro correndo com André atrás de mim. Meu queixo cai. O jardim-quintal no formato retangular parece outro lugar. A grama e as árvores que contornam os três muros estão impecavelmente aparadas, o caminho sinuoso de cascalho que leva até a escada, coberto por mini deques de madeira em estilo oriental. O canteiro das árvores ganhou novos espaços que foram preenchidos por centenas de tulipas brancas. *Ele se lembrou!* São da mesma espécie do Jardim Botânico de Curitiba.

*Lindo... Lindo... Lindo...*

Meu coração aquece com o mar de flores brancas. Começo a andar feito barata tonta olhando todos os detalhes. A mesa velha nos fundos do quintal foi trocada por uma mesa branca de madeira estilo piquenique com bancos compridos. Em cima dela um vaso de cerâmica com mais uma dúzia de tulipas plantadas. Ao lado uma dessas churrasqueiras enormes e portáteis em aço inox. Do outro lado, duas espreguiçadeiras embaixo de uma pérgola branca rodeadas por vasos com mais tulipas ou flores brancas que caem como cascata.

— Deus do Céu, como conseguiram fazer isso em tão pouco tempo?

*Parece um jardim dos sonhos.*

— Um projeto impecável e uma equipe competente. — André ri satisfeito — Tem uma horta naquele canto. — aponta para o canteiro vertical atrás da mesa.

— Nossa, ficou lindo! Obrigada. — quero pular, mas me contenho.

— Agradeça ao chefe, ele projetou cada detalhe. — vai até a pérgola e liga um interruptor instalado em uma das pilastras. Centenas de luzinhas como estrelas brilham nas vigas de madeira entrelaçadas na cobertura. Perco a fala quando uma lágrima solitária rola em minha bochecha. — Isso aqui no escuro vai dar um efeito sensacional. Instalamos alguns spots de luz entre as árvores e flores, e também colocamos bebedouros para os passarinhos. Tem muito beija-flor aqui na vila. Vai poder dar ótimos churrascos á noite.

*Que churrasco, que nada.*



*Quero fazer amor, isso sim.*

— Está simplesmente perfeito. — murmuro segurando o choro.

— Precisamos ir embora. Espero que aproveite.

— Eu vou... Vamos... Muito obrigada. — em um impulso o abraço.

Mais vermelho que um pimentão ele agradece e vai embora.

Sozinha e emocionada, sento na beira de uma das espreguiçadeiras, alcanço o celular na bolsa e ligo para o Theo.

### **Celular impossibilitado de receber este tipo de chamada.**

*Droga! Por que ele não responde?*

Seu silêncio é preocupante ... Falta pouco para eu entrar em desespero.

*Calma, Nina ele está bem.*

*Seu coração diz que ele está bem.*

*Confia.*

Rafael reaparece e solta um longo assovio. — O chefe se superou. — comenta para ele mesmo e sem olhar para mim sobe os degraus de três em três, e entra correndo no escritório. Ele sai e na mesma velocidade em que subiu, desce a escada vindo em minha direção com um sorriso tímido no rosto.

— O Senhor Callas me pediu que entregasse isto assim que visse o jardim. — estende uma caixa de veludo azul em minha direção. Com a mão tremendo pego a caixa. — Vou deixá-la sozinha, estarei no escritório.

Há um envelope junto com ela. Abro e retiro a nota escrita com a letra de Theo.

**Caipira,**

**Eu tinha planejado lhe dar isto em Paris.**

**Eles têm um parque, o Jardim de Luxemburgo [\[57\]](#), com canteiros deslumbrantes.**

**Mas, nem tudo acontece do jeito e quando queremos não é mesmo?**

**E como paciência é algo que eu não tenho, sabe disso.**

**Decidi recriar nosso próprio momento, mesmo que a distância.**

**Sei que é pouco, mas queria lhe dar o paraíso, trazendo para perto, lembranças e pedacinhos da cidade que nasceu e tanto ama.**

**Sim, eu lembrei das tulipas brancas de Curitiba, que churrasco é seu prato preferido no mundo e da falta que sente das estrelas no sítio de sua avó. E sim, sou imediatista e impulsivo demais para esperar até a minha volta.**

**Quero que se sinta em casa ao meu lado, não importa onde estivermos, do mesmo modo que me sinto pleno quando estou com você, só com você.**

**A joia é de família. Era da minha tataravó e veio da Grécia com a vó Carmem. Agora é sua para proteger este sentimento infinito e precioso, que carrego em meu peito, graças a você.**

**Te amo, minha Caipira teimosa e linda.**

**Theo**

Abro a caixa e o ar do meus pulmões escapa. Com a mão trêmula, levanto a delicada corrente de outro branco adornada por um pingente no formato de olho grego. Cravejado de diamantes brancos, negros e em tons de azul. Levo uma das mãos à boca quando um suspiro emocionado escapa e meus olhos enchem de água. Fecho os olhos e deixo que as lágrimas venham. De repente, uma paz me inunda minha alma e é como se ele estivesse ao meu lado. Sua presença é tão real e poderosa, como se um sopro de vento o trouxesse direto para o meu coração, que arde e pulsa por ele.

— Ah! Seu grego maluco! Eu te amo, mais que a vida. — murmuro na esperança que a mesma brisa devolva as minhas palavras cravejando-as em seu peito.

O telefone toca arrancando-me do mundo mágico que o gesto Theo me transportou. Tiro a bolsa da grama, capturo o celular e atendo sem olhar quem é. — Theo?

— Não, minha querida é a Catarina.

*Ah!*

— Oi. — murmuro tomada pela timidez.

— Estou quase chegando com as meninas. Teve notícias do Theo?

— Só uma mensagem de madrugada dizendo que tinha chegado.

— balbucio.

— Ele deve estar sem celular ainda. Liguei para o apartamento dele em Paris, a empregada disse que ele e Mike mal chegaram para deixar as malas e tiveram que ir à delegacia junto com um inspetor que os estava acompanhando.

Meu coração retrai. — Deus!

— Calma, querida. Meu menino está bem. Foi só um imprevisto de mal gosto. — diz com a voz calma e espero que continue. *Que imprevisto? Droga. Droga, droga!* Respiro fundo tentando me acalmar. — Parece que ele e Mike se distraíram com a bagagem e tiveram suas pastas furtadas no saguão do hotel, quando foram deixar a Becca. Perderam tudo, inclusive os celulares e note books. Dá para acreditar em uma coisa dessas? Não estamos seguros nem em Paris! — exclama.

*Inacreditável.*

*Não existem orelhões em Paris?*

*Ou os ricos nem imaginam que exista este tipo de comunicação popular?*

Tomo meu tempo, até meu coração acalmar. Inspiro e expiro. Pelo menos já sei, porque não responde. E sinto um alívio por Becca estar em um hotel, não no apartamento dele.

— Ainda está aí?

— Ah... sim. Só... estava respirando.

— Pobre menina apaixonada... Não quero que dispense tanta ansiedade e energia preocupando-se à toa com o Theo. Já disse, ele está bem e com Mike. Só não sei onde anda com a cabeça para se descuidar das bagagens assim. Ah...quer dizer, acho que sei sim. — ri afetuosa e eu penso: *Em mim?* — Vamos fazer desta maneira, tome um bom copo de água com açúcar e me espere. — orienta de modo maternal e acolhedor. Em um tom amoroso que eu nunca ouvi de Eva. Emociono-me mais. — Tenho certeza que Theo vai entrar em contato, assim que conseguir um novo aparelho.

— Hum... hum, tá bom.



**Theo**

— Seigneur <sup>[58]</sup> Callas. — grita o assistente do inspetor da porta de seu gabinete.

Eu me levanto de um salto da cadeira desconfortável que estou ocupando há quase oito horas. Mike faz o mesmo, apressados, atravessamos o corredor cinzento e mal iluminado, e entramos na sala do homem que pretende não extraditar.

— Sentem-se, s'il vous plaît. <sup>[59]</sup> — indica outras duas cadeiras desconfortáveis para nos sentarmos. — Só preciso fazer um último telefonema.

Olho desolado para as cadeiras em frente da mesa do homem alto, magro e com um bigode fino e engraçado, que está confortavelmente instalado em uma poltrona macia de couro. Só pode ser de propósito, como um método disfarçado de tortura. Quero dizer não obrigado, minha bunda já está quadrada e doendo, mas não acho que esteja em uma posição favorável para isso. Até segunda ordem, estamos detidos aqui como suspeitos de terrorismo.

Sentamos, a ligação parece que vai demorar. O policial me observa enquanto fala... fala... fala... Mantenho meu rosto impassível, mas minhas pernas balançam fortemente, estou nervoso e impaciente. Tudo o que eu não preciso é de um escândalo.

Antes não tivessem localizado nossas pastas roubadas. Toda a cordialidade francesa evaporou no segundo que encontrarem as duas Taurus 380 automáticas de Mike e entramos em uma interminável lista de não interessa que:

- Não há nada sobre nós em nenhum arquivo terrorista.
- Que entramos de forma legal no país.
- As Taurus são registradas e foram declarada na alfândega.
- Que a Callas possui vários negócios na cidade.
- Que no único telefonema nos foi permitido, chamamos nossos advogados da Callas sede Paris.
- Que estes mesmos advogados apresentaram comprovante de moradia fixa em Paris e um contrato social da empresa no qual apareço como o CEO da porra toda.

Resumindo, deram uma merda para a reputação construída por minha família... Tudo que ele sabe é que o Brasil é o país dos corruptos e do 7x1 da Alemanha, em uma Copa também marcada pelas suspeitas de corrupção. E na cabeça do inspetor, entre corruptos e terroristas a diferença é nenhuma. Os dois prejudicam a nação e o povo de bem.

*Belo ponto.*

Mas, totalmente equivocado. Sou um entusiasta de todas as medidas preventivas contra o terrorismo. Porém, não se pode taxar povo inteiro por conta da má conduta de alguns. Colocar todo mundo no mesmo balaio, sem provas, é crime de preconceito.

Seu primeiro erro, me julgar como igual.

Acontece que não sou corrupto, não faço conchavos e muito menos distribuo favores. Foda-se que somos a terceira maior fortuna mundial e o sonho do inspetor é ter uma casa de veraneio da Florença.

Seu segundo erro, me subestimar.

Por maior que seja a minha angústia para falar com a Caipira, sou teimoso o suficiente para sofrer calado, com um sorriso no rosto, mesmo com a bunda em frangalhos. Espero mais dez horas se for preciso, até o inspetor localizar o cônsul brasileiro que está se bronzendo em alguma dessas praias chiques do litoral europeu.

— Parece que houve um engano. — o inspetor diz ao desligar. — O cônsul confirmou que é amigo pessoal da sua família.

— E? — digo seco.

— E espero que possamos passar uma borracha nesse lamentável equívoco.

— Estamos liberados? — pergunto mais seco ainda.

— Oui, não abrimos queixa formal. — levanta os ombros desculpando-se. — Como eu disse eram apenas suspeitas.

— Posso fazer outro telefonema, então?

— Temo que não. Como eu disse, não há registro de sua presença, peço que esperem por seus pertences e esqueçam que estiveram aqui. — a expressão do homem suaviza. E um sorrisinho surge outra vez em seu rosto. — E quanto a casa em Florença...

*Cara de pau!*

Suspiro cansadamente e esfrego a testa ainda arroxeadada.

— Trabalhe por ela. — levanto e saio seguido por Mike.

Quando finalmente, entregam nossas coisas e entramos em um táxi, abro a pasta pego o telefone e ligo para Nina.

— Theo! — Nina atende com uma voz ansiosa.

Fecho os olhos, aliviado por ouvi-la.

— Oi, meu amor. — digo sem me importar em parecer meloso diante de Mike.

Meu amigo e segurança sorri para mim e coloca fones de ouvidos. Sua atenção recai para as ruas agitadas e sinuosas da cidade, repletas de butikues muito chiques e cafés adoráveis nas calçadas. Uma leve chuva cai embaçando um pouco os vidros do carro.

— Meu Anjo, tentei tanto falar com você. Todo mundo tentou falar com você. Seu pai até ligou para uns amigos. Por que sumiu deste jeito? Não consegui pensar em nada além de você! Poxa vida, quase enlouqueci de tanta preocupação! Se não fosse por sua mãe me mantendo ocupada, acho que surtaria. Que loucura essa coisa do roubo! Deu tudo certo? Está me ligando do seu número e o Mike?

Sem prestar muita atenção no desfile de guarda chuvas multicoloridos e elegantes dos homens e mulheres que aparecem e somem da minha janela. Deixo que Nina faça todas as perguntas inebriado por sua preocupação. É bom tê-la pensando em mim, só em mim.

— Desculpe, mas a burocracia foi maior do que esperávamos. — decido não abrir detalhes do que aconteceu. — Peguei minhas coisas só agora. — ouço vozes conhecidas ao fundo, misturadas ao som já familiar do restaurante em pleno funcionamento. — Está no Vincenzo, meus pais estão aí?

— Sim, eles estão indo conhecer a cozinha. Passei o dia com sua mãe, o escritório ficou irreconhecível. Até cama nova colocamos para o Rafael... Seu pai veio jantar com a gente. Pera aí, que eu vou chamá-los.

Ouçoo um arrastar de cadeira.

— Não! — berro e Mike gira a cabeça para me olhar. Faço um gesto de positivo e ele volta para a paisagem que mostra a torre Eiffel ao fundo — Diga apenas que ligo mais tarde e que estou bem. Quero saber de você. Como está aí sem mim?

*Foi ao café e encontrou o otário do quatro olhos? Ele deu em cima de você? E o floristinha da camisa polo?*

— Não pegou meus recados e mensagens? — parece decepcionada.

— Ainda não, precisava ouvir sua voz. Então, como foi ontem à noite? — pergunto em uma fingida inocência.

Ela ri...

— Nada pra ficar para a história. Meu amante Peixoto me fez companhia, bebi um pouco de vinho e fui dormir.

— Peixe filho da puta, querendo pegar o meu lugar! Juro que se não fosse tão pequeno iria para a frigideira. — finjo ciúmes. Meu humor melhora dez pontos, não queria Nina no café Estrela sem mim.

— Theo! É só um peixe. Coitadinho! — sorri divertindo-se. — Além do mais, é um amante meio ruim, eu falo, falo e ele não responde.

Tenho que rir, mas em seguida uma onda de remorso me atinge.

— Desculpe te deixar sozinha e solitária. Nunca mais...

— Meu Anjo, eu estou bem... — interrompe de forma doce. — Nossa Senhora, o jardim ficou um sonho. Já anda tão sobrecarregado, não acredito que tenha feito isso por mim! Estou tão feliz... Tudo é lindo, as flores, as estrelas, o churrasco, a hortinha... Sua Mãe achou o máximo! — ela ofega e ri de um jeito leve de menina, que nunca ouvi, e isto me aquece, e me faz esquecer todo o aborrecimento do dia. — Theo, e o colar? Jesus, é maravilhoso! Tão delicado, é mesmo de família? Sabe como essas coisas são significativas, não sabe? Será que a dona Carmem não vai achar ruim? Fiquei lisonjeada, não esperava por isso. Juro que não esperava! Nossa, estou com tantas saudades... Te amo tanto. — ouço-a puxar o ar.

A empolgação dela me faz rir novamente. Não sei nem por onde começar a responder.

*Deus, essa minha mulher é muito especial.*

— Queria muito estar aí quando visse o jardim. Colocar pessoalmente o colar em seu pescoço... Não sou muito bom nessas coisas de romantismo...

— Amor, foi perfeito. Amei cada palavra que escreveu. Saber que me escuta só me faz ficar ainda mais louca por você.

— Estranho seria não escutar, não vejo a hora de te reencontrar e continuarmos de onde paramos ontem. — rio feito idiota. — Às vezes entro no elevador e aperto o 12º só para te ver de longe. Fica linda, toda compenetrada trabalhando.

— Sério?

— Hum... hum.

— Me arrependi de não ter ido. — sussurra.

Saber disso me faz bem, embora, dadas as circunstancias seja até bom que Nina não tenha vindo. Odiaria vê-la em uma delegacia.

— Logo, logo estarei aí. — o carro estaciona em frente ao prédio clássico onde fica minha cobertura. Mike salta apressado do táxi.

— Seus pais estão voltando com Vincenzo.

— Estou muito cansado para conversar com eles agora. — suspiro profundamente, sem ânimo para sair do carro. — Acabei de chegar em casa. Vou tomar um banho, comer alguma coisa e te ligo mais tarde. — olho no relógio quase uma da manhã em Paris e umas oito da noite em São Paulo.



## Nina

— Uma noite realmente agradável.

O pai de Theo diz assim que terminamos o jantar e nos levantamos para ir embora.

— Sim. — *tirando a parte dos telefonemas irritantes de Thenka furiosa porque descobriu que os pais estavam comigo*. — Muito agradável. — concordo com o sorriso satisfeito de quem acabou de devorar um prato de espaguete com almondegas.

Dona Catarina pede um minuto e se dirige para os fundos do restaurante, que está lotado e barulhento como todos os sábados. Um vai e vem interminável de clientes e garçons equilibrando bandejas redondas enormes cheias de pratos fumegantes.

Lentamente, eu e o Senhor Callas caminhamos até a porta, sem que seus olhos perspicazes desgrudem de dona Catarina que se despede de Vincenzo e ganha dele um pacote enorme de comida para viagem.

— Nina, tem certeza mesmo que não quer passar a noite lá em casa?

— Obrigada, Senhor Callas. Combinei da Estrela vir dormir aqui. — dou a primeira desculpa esfarrapada que me vem à cabeça.



Ele me estuda por um segundo e assente. Tudo bem que eles são supersimples e uns amores, e que a tarde de arrumação com a dona Catarina não foi constrangedora como pensei que seria. Entendo que estão fazendo tudo isso para que eu me sinta parte da família e agradeço que não tenham tocado no assunto casamento. Mas não me sinto à vontade para um passo radical como dormir na mansão Callas.

— Que bom que a coisa com Theo não passou de um susto.

— Bom mesmo, já estava ficando desesperada.

— Meu filho gosta muito de você.

— E eu dele.

O telefone toca novamente e ele ignora com uma expressão cansada

Ele faz uma pausa, sério de repente — Não deixe que Thenka envenene o relacionamento de vocês. É muito bem-vinda à família.

Meu coração dá um pulo por vê-lo desconfortável. Uma certa culpa me toma, pois se eu não tivesse aparecido na vida de Theo, talvez as coisas entre irmãos não tivessem chegado no pé em que estão. Paciência, pois não tenho intenção nenhuma de desistir do meu Anjo. — Eu sinto muito que Thenka seja contra nosso relacionamento, mas o que temos é real e não vou me deixar abalar.

Ele apenas assente, sem parecer aliviado.

Um silêncio um pouco constrangedor aparece... Sem mais assunto, coço o pescoço e me resigno a observar a mãe de Theo voltar toda sorridente gingando seus quadris elegantes entre as mesas decoradas com toalhas xadrez vermelhas e verdes.

Ela é uma mulher adorável. Passou à tarde me entretendo com histórias sobre os netos, a família e se envolveu para valer na arrumação. Definitivamente não é do tipo que fica sentada dando ordens as empregadas, trabalha junto, orienta e suas meninas parecem ter verdadeira adoração por ela. — *Já fiz muita faxina na vida, Nina . É muito importante nunca esquecermos de onde viemos .* — Me contou que é filha de imigrantes italianos e que os pais do pai de Theo chegaram ao Brasil depois de romperem com a família.

Os bisavôs de Theo não aceitaram que seu único filho se casasse com a filha dos empregados. — *Meu sogro abriu mão de uma boa vida na Grécia.* — Ele e a mulher, a dona Carmem, vieram para cá com o irmão do

Senhor Callas ainda na barriga. Um começo difícil com ele trabalhando como pedreiro e ela como governanta. Com esforço, garantiram uma boa formação aos filhos. O mais velho optou por arquitetura e o pai de Theo se formou em engenharia civil.

Conheceu o marido quando trabalhava como bancária. — *Meu rei ia todos os dias à agência e deixava os clientes passarem na frente até meu caixa ficar livre*. — Daí para o casamento foi um passo. Apesar do Senhor Callas já trabalhar em uma construtora, não eram ricos. As coisas só progrediram quando Theo tinha cerca de oito anos. Com a morte de seus avós, o Senhor Callas herdou uma quantia que lhe permitiu sair do emprego e abrir um negócio de construção de casas populares. Incansável e com um tino fora do comum para os negócios, foi progredindo ano após ano até fazer da Callas esse império.

— Minha querida, não sabe como estou feliz por vocês. — dona Catarina volta e diz radiante enquanto sairmos para aguardar o motorista. Ficamos os três parados em frente do restaurante, escoltados por dois seguranças que se posicionam na calçada. — A casinha está linda, o jardim nem se fala. — ela entrega as quentinhas que Vincenzo preparou para o marido segurar. — Lembra tanto o nosso começo né, meu Rei? — o Senhor Callas concorda com um brilho fanático nos olhos. — Há tempos não me divertia tanto, a nossa tarde foi maravilhosa, Nina. — acaricia meu rosto, me deixando sem jeito. Apesar de muito bom, ainda estou me acostumando com todo este amor materno alheio. — Querida, não sei como agradecer tudo que tem feito ao meu menino. Mesmo com todos os problemas com a irmã, ele tem estado feliz. Tudo graças à você.

Meu rosto ruboriza, não sei o que dizer, então, apenas sorrio. O motorista chega, mais despedidas calorosas são feitas e acompanho de braços cruzados, o carro se afastar pela rua movimentada. Olho para o café do outro lado da rua, fico tentada em atravessar e dar um alô á Jasmim, mas me lembro de Henrique e desisto. Volto para o restaurante atravesso o salão e passo um bom tempo olhando para o meu celular e para Vincenzo no comando de sua cozinha animada por uma música italiana. Sorrio com carinho quando pisca sorridente e grita. — Fizemos bonito hoje, hein?

— Mais que bonito, esteve perfeito! — elogio, porque sei que ele caprichou pra caramba para surpreender os meus não sogros.

Convencida de que Theo tenha caído no sono, dou a noite por encerrada e me despeço de todos. Saio pela porta dos fundos e entro no quintal escuro. Um cheiro adocicado de uma árvore dama da noite domina o ar. Com cuidado, para não esbarrar em nada, caminho pela grama, decidida a passar um tempinho deitada na espreguiçadeira sobre as estrelas da pérgola.

Subo no tablado de madeira que range, ligo o interruptor e as centenas de luzinhas acendem.

*Putá que pariu!*

Minha bolsa cai fazendo um barulho seco. Dou um passo para trás, piso em falso pelo desnível com a grama, me desequilibro e caio de bunda no chão.

Penso em gritar por Rafael, mas lembro que o liberei mentindo que iria dormir nos Callas. Não seria justo deixá-lo em agonia, se eu posso muito bem me cuidar sozinha. O pobre ficou desesperado, depois de ser avisado que sua mãe estava mal em um hospital do outro lado da cidade. — *Pressão alta* . — foi o que lhe disseram.

*Merda!*

Limpo a garganta seca pelo pico de adrenalina, que arrepiou meu corpo dos pés à cabeça. Arrasto-me para longe antes de dizer — O que faz aqui? — e me levantar em um pulo só, alongando a coluna na tentativa de não parecer intimidada.

— Ué, não é nessa pocilga que chama de casa que os Callas ficam agora? — uma Tenka com as feições alucinadas responde com a voz arrastada. — Cá estou. — abre os braços de forma debochada.

Não consigo evitar que uma carranca se forme em meu rosto.

*Merda dupla.*

— Quero ver o Theo.

— Está viajando.

Ela bate palmas. — Parabéns, antes ele me diria, mas agora tudo é a Nina... Nina... Nina.

Por instinto, olho em volta à procura de Jonas. Meu coração contorce com a bagunça que vejo. — Está sozinha? — pergunto com cautela.

— Não preciso de babá. — ri com ironia e endireita-se na cadeira.

Dou mais um passo para trás.

*Ok, sozinha é bom.*

*Eu posso lidar com isso.*

Respiro fundo para acalmar meu coração que está muito... muito acelerado. Passo as mãos sobre o jeans para enxugar o suor frio que recobre a minha pele. Pelo estrago que fez no meu jardim novinho, esta mulher com jeito de garoto de rua, largada na espreguiçadeira não está nos seus melhores dias. Há uma garrafa de vodca pela metade caída no chão. Seus cabelos curtos e escuros estão sujos sob o capuz de um moletom masculino. O jeans que usa, já teve seus dias de glória.

— Que foi? Não gostou da decoração que eu fiz?

Ignoro a provocação. — Há quanto tempo está aqui?

— O suficiente para não gostar do que vi.

— Como entrou?

— Por onde saiu com a minha mãe. — diz como se fosse óbvio.

Xingo mentalmente por ser tão relapsa com a segurança. Só deixei o portão encostado quando saí com dona Catarina. Como iria imaginar que a maluca estava nos vigiando?

— Se estava aqui, por que não entrou e jantou conosco? Seus pais teriam ficado contentes. — experimento uma abordagem mais amigável. Embora esteja com vontade de estrangulá-la por ter quebrado o vaso de tulipas em cima da mesa. Há terra e flores destroçadas por todo o tampo.

— Não teriam, não. — sibila

*Tudo bem, não teriam ficado muito felizes com ela maltrapilha e chapada. Mas o amor supera tudo, não supera?*

— Eles te amam. — insisto com voz doce.

— Mentirosa, se me amassem, estariam do meu lado, não do seu.

*Droga!*

— Se os quer do seu lado, parê de agir como maluca e afastá-los. — rebato — É tão consciente do amor deles, que usa esse sentimento para deixá-los prisioneiros das suas vontades. — finalmente digo o que está preso em minha garganta. — É isso que as pessoas são para você? Peças desse seu jogo doentio?

— Cala a boca! — berra chocada como se a tivesse esbofeteado.

Ela começa a olhar ao redor, eu também.

À medida que contabilizo mais estragos, pena e raiva explodem em meu coração. Algumas plantas foram arrancadas do canteiro. *Meleca.* Meu

peito sobre e desce acelerado. *Calma, Nina. Calma.* Ela deve estar em algum tipo de surto. É preciso força para virar uma churrasqueira pesada como a que Theo comprou. As almofadas novinhas das espreguiçadeiras estão cortadas e sujas de terra. Reparo que Thenka segura um caco da cerâmica do vaso.

*Merda tripla!*

Esse troço parece afiado, há sangue em sua mão. Penso em Theo e no quanto ama a irmã. Mesmo para mim que a detesto é difícil ver o seu estado degradante. Com o coração na garganta, olho fundo em seus olhos ardentes de fúria e tento passar uma tranquilidade que não sinto.

— Precisa cuidar disso. — aponto para a mão e pesco meu celular no bolso da calça, rezando que o tombo não o tenha quebrado.

Ela encara o telefone, depois volta a olhar para mim.

— O que está fazendo? — agita-se.

— É melhor a Thina vir dar uma olhada no machucado.

Sem que eu espere, ela avança como um gato raivoso. — Não! — com o impacto ambas caímos na grama, o celular escapa da minha mão e meu antebraço arde. Droga! Giro o corpo e uso meus braços e pernas, para empurrar seu corpo leve e magro.

— Thenka, pelo amor de Deus, se acalme.

Nem sei como, mas fico em pé. Thenka se arrasta de quatro na grama, esbravejando e me xingando. — A culpa é sua! Puta! Empregadinha do caralho. — berra a plenos pulmões. A agressividade é tanta que congelo. Onde foi que aprendeu a se comportar de uma maneira tão baixa? — Meu irmão era outra pessoa antes de você abrir essa boceta maldita para ele! Bruxa! Veio para enfeitiçar e destruir a minha família.

Ela levanta mal se firmando nas pernas.

— Seu egoísmo está destruindo tudo, não eu. — digo em voz baixa. — Já passou da hora de assumir as suas culpas e mudar.

— Como se fosse fácil. Não consigo mudar e ponto.

— Não consegue ou não quer? — questiono e seu rosto magro contrai.

— Vai a merda!

Cambaleia e parte para cima novamente. Ela tenta me acertar com socos e pontapés, me esquivo, dou um tapa bem merecido em sua cara quando avança mais uma vez. — Doe! — esfrega a bochecha marcada

pelos meus dedos. — Loira filha da puta! — berra e acerta um soco no ar. Está tão bêbada que desisto de revidar e apenas a empurro com força para longe.

Ofegantes nos encaramos. A coisa é surreal, namorada e irmã estapeando-se no meio de um jardim destruído. Se eu tivesse um mínimo de bom senso, daria meia volta e deixaria essa louca surtando sozinha... Mas acontece que é a irmã de Theo, a sua gêmea. Uma parte indesejada dele que eu gostaria de esquecer que existe, é verdade. Mas não posso deixá-lo na mão, seria o mesmo que virar as costas para o homem que eu amo.

Penso no meu Anjo em outro país, atolado de problemas e sem poder fazer nada. Se esse é o pacote que vem junto com ele, que eu aprenda a lidar com isso de uma vez por todas. Essa mulher está descendo ladeira a baixo e quer arrastar a todos. Alguém ter que dar um basta.

— Chega, Thenka. — uso o tom mais suave que consigo. — Agindo desta maneira está magoando as pessoas que mais te amam. Acha isto justo?

— Chega, uma merda! Vou acabar com você, sua puta! — cambaleia em minha direção. — O Theo é meu! Não vai roubá-lo de mim.

*Ai que saco!*

*Mulherzinha repetitiva.*

— Ninguém rouba ninguém de ninguém. Vamos conversar. — insisto mesmo sabendo que é impossível. — Tem que mudar este padrão de comportamento destrutivo.

— É psicóloga por um acaso? — não respondo e ela ri debochada. — Ok, quer que eu mude? Vamos fazer um trato, doutora. Eu mudo se sumir da vida do Theo, tá bom assim? — cruza os braços parecendo satisfeita consigo mesma.

Não respondo a essa idiotice.

— E aí? O que vai ser? — impaciente, faz um barulho irritante quando começa a esfregar a sola do tênis na grama recém podada. — Um inferno na vida de todo mundo ou a paz da sua ausência?

*Ok. Para uma louca ela parece bem espertinha.*

Delicadeza não está funcionando. Se ela é teimosa, eu sou mais. Endireito as costas do modo mais petulante que eu consigo. — Pode ir tirando o cavalinho da chuva, se pensa que vou fazer o que quer. Eu amo o Theo, não irei a lugar nenhum. Acostume-se. — Cruzo os braços... *Merda*

*isso arde!* ... E olho para ela com firmeza. É extremamente importante que ela aceite isso.

*Ôh, ouh...*

O rosto de Thenka fica vermelho indicando que não aceitou porcaria nenhuma. *Diacho* . — Ama nada. — gargalha. — Está escrito na sua testa que é uma oportunista. Só quer vida boa, como todas as outras.

*Como a Andreza, por exemplo?*

Engulo a pergunta de um milhão de dólares, tiro os olhos da mancha avermelhada em minha camisa e a encaro com desprezo. *É inacreditável*. Falou aquela que nunca trabalhou, que vive às custas dos pais e que se apoderou do apartamento do irmão. Respiro fundo, eu sou a sensata aqui. — Quer saber? Não dou a mínima para o que pensa. — gesticulo debilmente para ela. — Olhe para você, estou querendo te ajudar, mas precisa colaborar.

Sua sobrancelha escura arqueia. — Se quer tanto me ajudar, suma das nossas vidas e volte para o chiqueiro de onde saiu. Nós tínhamos planos e você está estragando tudo!

*Nós?*

*Deus, será que ela é do tipo possuída como no exorcista?*

Estremeço quando seu corpo desgastado começa a balançar de um lado para o outro. *Jesus, só falta girar o pescoço e vomitar gosma verde* . Fico apreensiva com sua instabilidade emocional. Estamos andando em círculos, Thenka não sai da tecla esqueça o Theo, então não digo mais nada. Olho para o chão e procuro o celular sem conseguir encontrar.

Satisfeita com o meu silêncio, ela anda descoordenada até a espreguiçadeira, abaixa e pega a garrafa de vodca.

*Vai beber mais?*

— Beber não é solução. — aconselho nem sei porquê.

Sou ignorada.

*Isso é patético.*

— É melhor ir embora. — digo firme.

— Ainda, não. — Thenka abre um sorriso alucinado e quebra a garrafa no encosto da espreguiçadeira. *Eita fudeu!* O líquido transparente respinga em seu rosto e um cheiro de álcool se espalha no ar.

*Minha Nossa Senhora!*

*Isso corta e muito.*

Desisto de querer bancar a heroína e não penso duas vezes, antes de girar nos meus calcanhares e correr num pinote só em direção ao portão. Saio para a calçada e sem olhar para os lados, atravesso a rua. Grito de susto ao ser quase atropelada por um carro, que desvia e buzina. Assustada, viro e avisto minha perseguidora em frente ao restaurante, debatendo-se e tentando soltar-se do aperto do vigia noturno. — Peguei o ladrão! — grita quando Vincenzo aparece no portão lateral, com uma faca de carne na mão, seguido por três ajudantes de cozinha armados com frigideiras.

Na gritaria e confusão o guardinha se distrai, Thenka o morde e sai correndo em direção ao prédio do Theo. Atordoada pelo ataque e pela música alta, que vem do Café Estrela, busco apoio no nada. Meus braços dançam no ar e uma vertigem me faz perder o equilíbrio. Sou salva, segundos antes de cair com a cara no chão, por um jovem. — Você está, bem? — o rapaz pergunta e somos rodeados por amigos. — O que fizeram para te deixar tão assustada?

— Ah... eu... — saio de seus braços e ponho-me de pé. — Tentaram me assaltar. — digo obedecendo minha mente que grita para não expor a família do Theo.

*A louca merece um castigo, eles não.*

— Melhor chamar a polícia! — um deles grita.

— Não! Não vai adiantar. — aponto a direção contrária a que Thenka correu. — Ele foi para o beco ninguém vai achá-lo.

— Não sei não. — o rapaz me olha desconfiado. — Tem certeza que não precisa de uma força?

*Droga!*

Devo estar parecendo uma doida varrida.

— Tenho... tenho, por favor... — concentro-me em parecer normal. — Além do mais, meu tio está ali com o segurança da rua. — mostro Vincenzo desesperado conversando com o guarda. — Preciso ir acalmá-lo, por favor não quero atrapalhar, voltem a se divertir. Muito obrigada por ter me segurado. — sorrio sem sorrir realmente

Á contragosto os rapazes fazem o que eu peço, se despedem e acompanham de longe, eu atravessar a rua. Assim que me vê, Vincenzo larga a faca e me envolve em seus braços. — Que loucura foi essa, menina? Você está bem? Viu quem fez isto?



— Não vi, foi tudo muito rápido. Estou bem. — murmuro em seu peito cheirando a molho de tomate

Vincenzo me afasta. Segura em meus ombros e me examina. A ardência no braço incomoda, mas não digo nada. Torço que o tecido escuro da blusa camufle o machucado. Preciso acabar logo com isso e ligar para a Thina. — Quando percebi os gritos nós corremos. — diz e sua expressão é pura culpa.

— Tudo bem, foi só o susto mesmo. Preciso entrar. — saio do seu domínio.

— Melhor não. O bastardinho levou alguma coisa?

— Tirando o estrago no jardim, não levou nada. — digo chateada. — A minha bolsa e o celular estão caídos por lá.

Seu olhar é tenso. — Não sei se é seguro. Onde está o Rafael?

Respiro fingindo estar calma. — A mãe dele foi internada. A culpa foi minha. Sai deixando o portão aberto e sem alarme.

Vincenzo me lança um olhar repreensivo.

— Vou ligar para a Estrela e pedir que venha.

— Não precisa, é sua folga, deixe-a cuidar da Luar. — seus olhos enternecem ao ouvir o nome da neta. — Vou fechar tudo, ligar para o Theo e contar o que aconteceu. — toco seu braço, onde uma bandeira de Itália está bordada, na intenção de tranquilizá-lo, o que não parece funcionar.

Sei que Vincenzo sente-se responsável por mim, quase como um pai. É reconfortante e chega a ser irônico, que foi preciso me afastar da minha família para encontrar o real sentido da mesma. Levanto as sobrancelhas na expectativa de uma resposta, porque ele ainda está relutante.

— Se acha melhor assim...

— Acho melhor. — sorrio, mas por dentro estou arrasada.



Depois de achar e recolher minhas coisas no quintal, subo as escadas sob os olhos atentos do meu cozinheiro favorito. Entro em casa e o silêncio é bom... é curativo, mas não posso desfrutá-lo... ainda não... Deixo a bolsa sobre o balcão da cozinha e com o celular na mão, caminho até o sofá e me encolho nele, abraçando as pernas.

Reúno forças para fazer o que é preciso. Ser a portadora de más notícias me deixa agoniada, não consigo entender as pessoas que sentem prazer na desgraça alheia. Isso é sádico, é doentio... Sem que eu possa evitar meus pensamentos voam para Eva... Minha mãe teria imensa satisfação em fazer as honras por mim. Buscar o pior nas pessoas nunca foi um problema para ela. Seu passatempo preferido era ficar horas me atormentando ao falar mal dos outros... O que em seguida, negava fazer evidentemente, escondida sob o falso pretexto da preocupação.

*“ Nina, você é uma ingrata... Eu sou tão boa. ”*

*“ Só podia ter dado nisso, aquela lá, abre as pernas para qualquer um. ”*

*“ Fiz tantos sacrifícios, olha o que eu recebo em troca. ”*

*“ Aí que ódio... Tomara que morra! “*

Quilos e quilos de ressentimento e rancor, que só me fizeram querer correr cada vez mais para longe. Em muitos momentos, busquei entendê-la, justificar seu comportamento nas frustrações da vida... Mas em outros, quando cobrava o meu distanciamento, tentei confrontá-la, mostrar o quanto suas palavras e atitudes me sufocavam, mas Eva sempre acabava revertendo a situação... No final, eu era a errada e ela a vítima...

Então desisti, me calei.

Ligo e da forma mais suave que consigo, conto para Thina o que aconteceu.

Com um suspiro aborrecido ela volta a falar — Pronto, já bipei o Bruno, não é a primeira vez que o coitado do meu marido tem que abandonar o plantão para correr atrás da minha irmã.

— Eu sinto muito.

— acredite, eu tenho vontade dar uma bofetada educativa na minha irmã todos os dias. Você só fez as honras, te agradeço por isso e por ter guardado sigilo.

— Vai contar ao seus pais?

— Sim, vou pôr um fim nesta loucura e preciso do apoio deles. Eu tenho dois filhos pequenos, Nina. Honestamente, não me sinto segura. Ela te feriu?

Toco meu braço machucado e pelo rasgo da blusa examino o corte, é meio fundo, mas vejo que o sangramento parou e acho que não preciso de pontos. — Não.

....

— Entendo a sua preocupação, Nina. Tire essa bobagem da cabeça. Não é porque são gêmeos, que são iguais. O Theo é temperamental, claro, mas Thenka é uma sociopata. E a sociopatia tem pouco de influência genética. Basicamente minha irmã exige de Theo a atenção que não dá a si mesma. É egoísta e mimada e foi incorporando padrões de comportamento destrutivos, como as reações violentas diante da contrariedade.

— Isso poderia ter sido evitado?

— Poderia, claro. Existe tratamento.

....

— Nina, pense bem... Theo tem o direito de saber. Ele vai ficar uma fera.

— Contar agora só vai deixá-lo mais angustiado. Ele teve um dia de merda e a reunião de terça é muito importante para a Callas.

Termino a conversa com Thina e ando pelo apartamento fechando portas, janelas e trancas, quieta.

Meu telefone toca, é Rafael. Ele diz que a coisa com a mãe não passou de alarme falso, um engano. Sem vontade de falar mais que o necessário, eu o escuto dizer que a mãe está bem e em casa. Que devem ter ligado por engano e que está a caminho da Vila. A ideia de que Thenka esteja envolvida no mal-entendido, passa pela minha cabeça. Porém, não digo nada... Sei que ele vai assistir as gravações de segurança, como faz todas as noites, então ele que tire suas próprias conclusões.

Ligo para o meu Anjo... caixa postal. Deixo um recado de boa noite e continuo quieta.



Abro os olhos.

O teto está marcado pelos desenhos dos frisos das persianas contra o sol. Que horas são? Não sei. Apaguei no sofá, dormi pesadamente e sem sonhos. Jogo um punhado de comida no aquário, vou para o quarto, continuo cansada, tudo pode esperar... Deito na cama, abraço o travesseiro de Theo buscando conforto em seu cheiro...

Fecho os olhos.

## Vinte e um



### Theo

— **E**u quero um segundo homem, porra! Se você sai, outro entra, entendeu? Foi inadmissível deixar Nina sem cobertura.

— ...

— Não me interessa que ela estava com meus pais! Foda-se que eles têm um exército de seguranças.

— ...

Pela milésima vez, faço Rafael relatar o passo a passo de Nina nas últimas horas. Quero despejar toda a minha ira contra nele, mas não posso. Mike tem razão, o idiota só a deixou sob a condição de que Nina dormiria na mansão dos meus pais. Aperto o celular contra a orelha, sem desgrudar os olhos do heliporto da Callas que se aproxima. Estou frustrado e contrariado, minha Caipira não podia ter omitido um absurdo desses de mim.

*Merda! Merda! Merda!*

— ...

Não gosto de saber que Nina passou o domingo inteiro trancada no quarto, que não comeu, que não quis que ninguém fosse visitá-la. Conheço a doçura da minha loirinha e a ira de minha irmã. E agora entendo os:

*“ Vou aproveitar o dia para ler e descansar ”*

*“ Estou bem, juro. É só saudade mesmo ”*

*“ Não tem nada errado com a minha voz, é claro que dormi bem. ”*

*“ Quero que fique tranquilo e concentre-se no que foi fazer aí. ”*

*“ Não estou estranha coisa nenhuma, é impressão sua, meu Anjo.*

”

*“ Podemos deixar essa coisa de sexo por telefone para outro dia? ”*

”

*“ Sinto tanto a sua falta... Eu te amo ”*

Ela está sofrendo, porra!

*Calada.*

— ....

Deixo Rafael falando para o nada, afasto o celular e checo o horário em São Paulo, uma da manhã de terça feira.

Acordei angustiado no domingo. Liguei para Nina, que foi doce e alegre como sempre, mas algo em sua voz me fez querer voltar o quanto antes para ela.

*Bendita, intuição!*

Liguei para Becca, aproveitamos o domingo para conhecer as instalações da antiga loja e fazer a vitória técnica no terreno da nova sede da joalheria. Em seguida, pedi para adiantarmos a reunião de terça-feira para segunda-feira. Não foi fácil, mas ela conseguiu. As onze horas, eu e os diretores da Riches nos encontramos no hotel para discutir minhas ideias e fechar o negócio.

*Uma boa notícia seguida de uma péssima...*

Enquanto eu estava em reunião, alheio a tudo que aconteceu no Brasil, Rafael contrariou as ordens de Nina. Assim que a deixou na Callas, ligou para Mike que... Fez o que faz de melhor... assumiu as rédeas, controlou a situação, me deu cobertura e garantiu minha tranquilidade, por um tempo. *Caralho*. Sem me tirar da reunião, inteirou-se da situação, conversou com Thina e com meus pais, orientou a segurança para que Nina estivesse bem e protegida e esperou pacientemente o contrato ser assinado para só então, soltar a bomba.

— *Putá que pariu! Hoje é segunda, caralho! Como não assim, proibidos de me contar?*

— *A Senhorita Nina, insistiu para que não o incomodassem.*

Tive que fazer um esforço sobre-humano para não bater em Mike quando arrancou meu celular.

— *Theo, ligar neste estado para a Senhorita Nina só vai trazer mais estresse. Rafael disse que ela acabou de entrar para a apresentação. Dê espaço a ela, o trabalho vai distraí-la, sabe o quanto a Senhorita está empenhada em fazer as coisas darem certo. Deixe a raiva passar e converse com ela com calma.*

— *Estou me sentindo traído, porra!*

— Com certeza, ela só omitiu o ataque pensando no seu melhor.

— E no melhor para Nina, alguém pensou? Porra! Ela é tão delicada, não é justo que passe por isto sozinha! Quero que se apoie em mim! Não sou um garoto para ser poupado!

— Então controle-se homem... Dê a ela calma, não mais tempestade! Descarregar sua frustração, só vai fazer com que tenha mais medo e se feche.

— Quero voltar para o Brasil agora.

— Imaginei que iria querer. Já cuidei de tudo, acionei a alfândega, a bagagem está no jato e o piloto conseguiu uma autorização especial de voo.

— E as armas?

— Deixei a porra toda no apartamento. Depois dou um jeito de despachar. Correr o risco de ser barrado pelo inspetorzinho, nem pensar.

Afasto as lembranças indesejáveis e volto a me concentrar em Rafael do outro lado da linha.

— ...

— Esqueça isso... Nada de avisar que estou chegando e muito menos que diga que eu sei sobre Thenka. Deixe-a dormir. — respondo a Rafael. — E quanto aos estragos?

— ...

Respiro aliviado quando o segurança conta que a equipe de André restaurou o jardim enquanto Nina esteve no trabalho. Pelo menos, o dinheiro serve para isso: ter pessoas para tudo... Inclusive para apagar as más lembranças.

— Ok. Mantenha a vigilância.

Desligo e olho para Mike. Ele respira fundo e fixa seu olhar no meu, sei que está tão puto quanto eu, mas uma de suas funções é manter o seu autocontrole para que eu não perca o meu.

— Acabei de falar com a Thina. — Mike guarda o celular no bolso interno do paletó.

— E? — pergunto segundos antes do piloto informar que em cinco minutos estaremos pousando no heliporto.

Mike inspira profundamente e por sua expressão contrariada, a notícia não deve ser das melhores. — A DP do Guarujá <sup>[60]</sup> acabou de

informar que Thenka e aquele amigo Jonas estão sob custódia.

*Putá merda!*

Esfrego o rosto, desacreditado. Minha gêmea é figurinha carimbada nas delegacias do litoral.

— O que foi desta vez? Arruaça? Briga? Atentado ao pudor?

A boca de Mike contorce.

— Sua irmã está bem enrascada desta vez. Hoje pela manhã, envolveu-se em um acidente na orla e atropelou um casal.

Meu coração para. *Isso é fodido pra caralho*. — As vítimas? — pergunto já temendo a resposta.

— Bem machucadas, mas sem risco de morte. — sinto um alívio imediato. — A família prestou queixa oficial, parece que Thenka entrou dirigindo na contramão. Estava sem documentos e tão chapada que não conseguia nem dizer quem era. Localizaram seu pai pela placa do carro. Ele e sua mãe já foram para lá de helicóptero junto com os advogados. Parece que o viciadinho do amigo jogou toda a responsabilidade sobre ela.

Olho sem entender, se ela estava dirigindo é obvio de quem é a responsabilidade.

— Encontraram bebidas e drogas no carro para abastecer uma boate inteira. — esclarece em seguida.

*Uh o quê?*

*Merda!*

Um mau pressentimento faz minha espinha arrepiar, o silêncio de Nina pode ser mais que uma forma de me poupar. Esfrego uma cicatriz antiga na minha testa. Conheço o estado agressivo de Thenka quando está sob o efeito das Drogas. *Caralho!* Meu desejo de chegar em casa para abraçar minha Caipira, atinge níveis insuportáveis.

Uma imagem perturbadora vem à tona...

*E se Thenka fez algo mais grave com a Nina?*

Começo a hiper ventilar...

Porra do caralho de equipe de manutenção! O vídeo de segurança que Rafael passou e nada são a mesma coisa. Puxo na memória por qualquer detalhe de imagem que me traga paz. *Merda!* Não encontro bosta nenhuma. Na arrumação do jardim, a câmera foi danificada. Não captou nada além de vultos e vozes inaudíveis. Sabemos que foi mesmo minha

irmã, porque a câmera um, do portão, a pegou em close, mas o que aconteceu no jardim só as duas sabem de fato.

*Porra se segura, cara.*

*Rafael disse que ela está bem.*

— Tudo bem? — Mike olha com desconfiança.

Não sinto meu sangue circulando nas mãos. — Só vai ficar quando eu ver a Nina.

Nem tento esconder minha angustia, ansioso começo a abrir o cinto. Mike apenas assente e se cala. Sabe que nada do que diga, vai diminuir meu desespero. Inspiro lentamente procurando um assunto que me leve em outra direção que não da imagem de Nina ferida. — Como fica a situação de Thenka? A polícia acreditou no cara? Todo mundo sabe que os dois frequentavam a mesma clínica. É só botar os olhos no filho da puta para saber que é viciado. — esbravejo jogando toda a minha raiva.

— Viciado declarado ou não, o tal Jonas é filho de um senador. Os advogados dele já entraram na jogada. Os caras são bons. Alegaram que ele está firme na reabilitação e que Thenka o chamou no domingo à noite. Colocaram o babaca como um herói, disseram que ficou preocupado com o estado delirante dela... e diante de sua insistência em descer a serra, ofereceu-se para dirigir e pegar a estrada em seu lugar. A levou em segurança para o Guarujá, mas fora isso, não estava dirigindo na hora do incidente, não sabia das bebidas, da droga... nada. Vai ser a palavra de um contra o outro.

Assovio.

*Putá merda!*

Duas vítimas, um processo e um filho de senador... Minha irmã finalmente, conseguiu empurrar o nome da família para um escândalo. Penso no desespero dos meus pais, mas rezo, pelo bem de todos, que eles decidam não acobertar Thenka. Acho que está na hora da minha irmã pagar por seus erros.

— É obvio que sendo filho de que é, nunca irá assumir nada.

— Touchê. — Mike abre o cinto assim que pousamos na cobertura da Callas.

Do último andar do edifício até a porta de casa não levamos mais que vinte minutos. Deixo Mike conversando com Rafael no escritório, dou



ordens expressas para não ser interrompido a menos que eu chame. Entro no apartamento e tranco a porta.

Não há nada na sala além de silêncio e escuridão. Verifico a hora, duas da manhã. Caminho até o quarto deixando sapatos, paletó e gravata pelo caminho. Não quero que meus passos assustem minha loirinha. Respiro fundo, temendo que as batidas fortes do meu coração possam acordá-la. A porta está entreaberta, empurro com delicadeza e paro a dois passos da cama, diante da cena da minha Bela Adormecida agarrada ao meu travesseiro.

*Tão frágil.*

Um ronronar suave preenche o quarto. Sua respiração está tranquila e ritmada. Não está coberta e ainda vestida com roupas de trabalho. Calça cinza e camisa de seda branca, seus pés minúsculos estão descalços. Os cabelos de algodão doce se espalham sobre o edredom e travesseiros.

*Uma fada.*

Um suspiro me escapa, quanto mais a conheço mais linda fica. Incomoda-me o fato dela estar assim... sozinha e desprotegida. Será que está tão insegura ao ponto de não se trocar, caso tenha que sair correndo? Ou será que seu desgaste emocional é tão grande, que mal teve forças para arrastar-se para a cama e apagar? As duas hipóteses fazem meu peito subir em uma onda super protetora.

*Judiação.*

Fico irritado comigo mesmo, deveria tê-la obrigado a vir junto, fui um idiota em acreditar que as pessoas seriam capazes de cuidar dela do jeito que merece. Meu couro cabeludo pinica, a equação trabalho, família, viagens e Nina parece sem solução, chegar na porra de um denominador comum não é fácil... alguém sempre sairá perdendo.

*Merda! Merda! Merda!*

Minha garganta arranha e pela primeira vez, em trinta e dois anos, tenho o desejo de não ter tido Thenka como irmã. Dizem que o elo entre gêmeos é inquebrável, mas não é verdade. Por mais forte que seja, nenhum amor sobrevive aos maus tratos... ele definha como uma planta malcuidada e o que era belo e colorido, torna-se seco e sem vida. Thenka esticou tanto os meus limites que me perdeu.

Eu disse:

— *Não me faça escolher...*

Errei miseravelmente ao acreditar que era apenas mais uma das suas crises de ciúmes. Minha irmã deliberadamente, não só ignorou o meu apelo como tomou sua decisão... Ameaçou a integridade do meu bem mais precioso, cutucou meu calcanhar de Aquiles e machucou minha alma.

Um aviso.

Uma sentença.

Escolho Nina.

Nina é meu tudo.

Nina é minha metade, não Thenka.

Sempre será Nina.

Acima de todos, de tudo, até de mim mesmo.

Deixo todos os pensamentos sufocantes de lado e concentro-me em Nina. Livramento das roupas e arrasto meu corpo tenso na cama, com cuidado para não acordar. A abraço por trás, colando suas costas ao meu peito. O calor que irradia aquece meu sangue e me acalma. Deus, como precisava disto, apenas senti-la, nada mais. Seu corpo adormecido reage contra o meu, um ronronar de Theos ecoa pelo quarto.

*Será que acordei?*

Fico quieto, sem arriscar um movimento.

— Theo? — agita-se entre o sono e o despertar.

— Shhhhhh, estou aqui, meu Amor. — não consigo resistir ao chamado suave de sua voz doce. — Durma, vou cuidar de você.

Seu corpo gira e sonolentos olhos verde azulados piscam para mim. Há felicidade e alívio neles quando seus braços envolvem minha cintura e a cabeça loirinha afunda em meu peito. Seu hálito quente aquece minha pele... Há tanta delicadeza nos dedos que tateiam a base das minhas costas, tracejando a tatuagem... — Ah, meu Anjo... — Suspira e envaideço-me, pois, sei que é segurança que encontrou... em mim só em mim. É inapropriado eu sei, mas meu pau vibra pouco se importando quanto ao certo ou errado.

— Desculpa. — afaga meu peito enquanto inala meu cheiro.

Ah, claro... Ela sabe que eu sei...

Há medo e arrependimento em sua voz.

Fico sem ação quando meu peito aperta implorando calma, avisando que não é o momento para uma guerra. Respiro em busca do meu

equilíbrio interior para controlar minhas emoções. A duras penas, seguro minha língua e esqueço, por hora, o discurso indignado que ruminei durante todo o voo de volta ao Brasil. Minha vontade é de gritar com ela... falar sobre a importância de nunca esconder as coisas de mim, jogar na sua cara que estou puto com sua atitude protecionista e repreendê-la por enganar a segurança... Merda, ela cometeu uma sequência de erros escrachos. — Tudo bem. — sussurro ao entender que precisamos desacelerar e que os últimos acontecimentos não foram de responsabilidade nossa.

— Não está zangado? — arqueia a sobrancelha em surpresa.

— Claro que estou e muito, mas a felicidade de te ver é maior. — afundo o rosto em seus cabelos. — Chega de aborrecimentos. Nunca mais me esconda nada e ficaremos bem, ok? — capturo seu rosto inchado com as mãos e nos encaramos.

— Ok.

*Merda, ela andou chorando.*

Controlo a onda de revolta e culpa inspirando fundo. O universo bem que poderia nos dar uma folguinha, mas não. Sem folgas para nós. — Por que chorou?

— Saudades.

*Ai, caralho.*

Saudades é bom, muito bom. Meu coração acelera... *Desde quando, eu me tornei um bobo ?* Ajeito-me ficando de costas na cama trazendo-a para comigo. Nossas pernas entrelaçam e a lateral do peito de Nina encosta no meu. — Ôoo, minha Caipira. — inclino a cabeça e esfrego meus lábios em sua boca inchada. — Senti sua falta a cada segundo. Voltei o mais rápido que eu pude, essa merda toda com a Thenka...

Seu nariz franze em um feixe de preocupação. — Porcaria, eu não queria que se prejudicasse. A conta da joalheria...

— Tá tudo certo, adiantei os compromissos e resolvi antes do previsto.

— Verdade? — seus olhos piscam.

— Hum, hum... A Callas vai fazer o projeto. — beijo-a rapidamente quase tão doce quanto o sorriso que me dá. — Vou mandar uma equipe para acertar os detalhes.

Ela me abraça mais apertado.

— Outra equipe? Pensei que este era o seu projeto e de Pedro?

— Shhhh... Conversei com ele, nós concordamos que está mais no que na hora de desacelerar e delegar. Minhas prioridades são outras agora, preciso confiar no time que montei. — interrompo com mais um beijo suave. — Só relaxe, vamos deixar os detalhes chatos para amanhã, agora só quero cuidar de você. Por que não tomou banho?

As bochechas delicadas pegam fogo. — Por um acaso está insinuando que estou cheirando mal? — tenta se afastar, a agarro mais e gargalho.

Como pode pensar isso? Nina é a mulher mais cheirosa que eu conheço.

— Claro que não, sua maluca. Só fiquei preocupado, nunca a vi dormir com as roupas de trabalho, é desconfortável.

Um *Oh* se forma em seus lábios. — Cheguei exausta, dormi mal nas ultimas noites. — seu tom diminuiu e sei que é por causa de Thenka. Não digo nada. — Hoje foi puxado lá na Callas.

Eu sei que foi, meu pai me contou como ficou impressionado com a competência de Nina.

— Alguma novidade? — começo a desabotoar sua blusa e ela estremece.

Suas feições ficam nebulosas... *Droga* . Meu EU egoísta quer muito afundar o pau, no seu céu e acalmar essa sede de contato que tenho por ela. Fico de joelhos na cama, seus olhos recaem para o volume em minha boxer e voltam brilhantes para mim quando se ajeita de costas sobre as cobertas. Desabotoo lentamente a blusa e à medida que os botões se abrem, revelando um sutiã rendado branco e a barriga lisinha, ela fica tensa em uma respiração acelerada.

— Que foi? — quero perguntar, porque não está com o colar, mas resolvo deixar as cobranças para outra hora.

— A Thenka, foi sem querer... não fique bravo... — murmura receosa.

*Impossível.*

— Já estou bravo. Se algo pior tivesse acontecido, eu nem sei... — fecho os olhos exasperado.

— Ela estava fora de si. — os dedos de Nina tateiam a minha barba.

— Não a proteja Nina.

— Não estou protegendo. — interrompe com a voz apressada.

— Ainda estou digerindo que tenha me deixado de fora. — digo voltando para os últimos botões da blusa. — É difícil para mim, sinto-me culpado, porra.

— A culpa não foi sua... Sabe o que penso sobre as atitudes dela, só que...

— Só que nada... Esqueça a minha irmã. — para não perder a paciência, concentro-me em abrir o primeiro botão de sua calça. — A plateia dela já está grande demais. — não consigo esconder meu desapontamento. — Thenka buscou por isso.

Ela assente nada aliviada.

— Meu pai exagerou no trabalho? — mudo de assunto ao acariciar seu estômago.

— No trabalho não. — murmura. — Nossa, ele é muito seu fã... A lista de elogios que fez a você é interminável.

Gargalho. Meu pai é mesmo meu fã. — O velho sabe o filho que tem. — digo presunçoso.

— Ele meio que me pediu em casamento. — diz tão baixinho que por um momento, penso que ouvi errado.

*Uh o quê?*

— Ele fez o quê?

Sorri tímida, divertindo-se com minha cara de espanto.

— Em seu nome, mas recusei. — levanta o quadril para que eu puxe a sua calça.

*Outra recusa... Novidade.*

O velho Sanches não se controla, sempre querendo resolver tudo pelos filhos. Deveria ficar bravo por se intrometer em um assunto tão íntimo, mas tudo que sinto por ele é mais carinho ainda. O coitado tentou e também levou um fora.

*Droga, será que um dia vou conseguir que ela aceite?*

— Se está querendo me alegrar, está indo pelo caminho errado, mocinha. De todos os assuntos o que mais me aborrece é a sua teimosia em não se casar comigo.

— Já somos casados no coração. — murmura, acho fofo, mas não abrandando minha angustia. Preciso, quero e não vou desistir de tê-la oficialmente como minha.

*Nina Callas.*

— Isso é lindo, mas não basta, preciso de tudo. Acha Callas tão feio assim que se recusa carregar em seu nome? — faço chantagem. Manobro o tecido cinza para fora de suas pernas e descarto no chão. Volto a atenção para os punhos da camisa, ela recua.

— Não.

*Não o quê? A encaro confuso.* — Nina...

— Está tarde. — há algo errado em seu tom.

Estranho. Nina parece querer esconder-se.

— Por que não quer ficar nua?

— Estou com frio.

— Está mentindo, o que não quer que eu veja?

Milhares de barbaridades passam por minha cabeça.

— Nada.

O jeito quase engasgado com que diz o nada só confirma que há alguma coisa. Vasculho sua pele exposta à procura de uma explicação. Não vejo nada além de marcas suaves, deixadas por mim em nossa despedida na sexta. — Nina, tire a camisa.

— Não.

— Não me obrigue a tirá-la à força. — rosno quando meu frágil autocontrole evapora. — Alguém tocou em você?

Com os olhos indignados, Nina senta na cama e encolhe-se abraçando os joelhos. — Não é o que está pensando, foi sem querer...

Saio da cama e fico de pé. Seguro o troglodita que há em mim para não avançar e estraçalhar o tecido suave que recobre suas costas e braços. Esfrego a barba e o rosto. — Chega de rodeios, Nina. O que foi sem querer?

Sua boca abre e fecha com indecisão. — Meu braço. — sua mão pousa protegendo o antebraço esquerdo. — Parece mais grave do que é. — diz sem me olhar.

*Merda!*

Remorso explode em minhas veias, quebrando-me em mil pedaços. Sento ao seu lado e estendo a mão pedindo para ver. — Foi a Thenka?

Seu silêncio é a minha resposta. Não espero... Alcanço seu pulso e abro os botões, deslizo o tecido para cima até revelar um curativo. Meu sangue congela à medida que a respiração dela acelera. Com a culpa guiando meus dedos que malditamente começam a tremer, tiro o curativo.

— Isso está feio. — avalio o corte irregular e mal cicatrizado de cerca de dez centímetros.

— Não foi fundo.

Não respondo, levanto da cama e vou até o banheiro. Abro as torneiras da banheira e regulo a temperatura. Meu sangue fervilha, sou só raiva e ressentimento. Dou um soco na parede, outro e outro e outro. A dor é boa, é um alívio... Quero gritar, mas não consigo... Estou sufocado... O pavor de que Nina não aguentar a pressão e me deixar crescer... cresce... cresce.

*Como Thenka pôde?*

Vasculho as gavetas e prateleiras em busca dos primeiros socorros enquanto prometo a mim mesmo nunca mais deixar nada machucar minha caipira desta maneira. O corte em seu braço lateja em meu orgulho dilacerado. Não fui capaz de protegê-la do óbvio.

*Eu pressenti, porra!*

— O que está fazendo?

Viro e Nina está parada na porta, seus olhos recaem sobre a banheira enchendo e depois vagueiam entre as portas e gavetas escancaradas e reviradas.

— Decidindo se grito por ter sido imprudente, se mando prender Thenka ou me mato de culpa e vergonha.

— Que tal começar não quebrando o azulejo? — faz careta ao ver a rachadura que acabo de fazer.

Olho para o seu braço machucado e novamente sou tomado pelo remorso. — Vem aqui. — engolindo em seco dou dois passos em sua direção, capturando-a em um abraço repleto de possessividade e proteção. Quando ela retribui, enroscando-se e mim, sinto cada centímetro de seu corpo trêmulo sob o meu. Afasto-me e seguro seu rosto ansioso com as mãos, depositando beijos e mais beijos desesperados por perdão. — Desculpa... desculpa... desculpa.

— Meu Anjo...

— Desculpa. — insisto em outro ataque de beijos.

— Amor, parê de se desculpar e de babar em mim. Está parecendo um labrador. — Nina afasta o rosto e me encara. Suspiro irritado e balanço a cabeça, mas ela dirige um sorriso adorável para mim. *Demônios*. — O que aconteceu foi ruim, mas não foi culpa sua. Fiquei triste, xinguei, perdi o

sono, chorei, mas passou. Estou aqui inteira e com você em casa. Então, ficar remoendo só vai tornar as coisas esquisitas entre nós e é bem isso que sua irmã quer. E te juro meu Anjo, não estou nem um pouquinho a fim de dar a ela o prazer de nos ver separados.

Deus, essa mulher não existe. Nina deve ser algum tipo de Deusa reencarnada e com a alma de um sábio, o que há deixa anos luz à minha frente no quesito resiliência. Admiro sua capacidade de superar e seguir em frente, mas descobri que não sou assim.

Esfrego seus braços delicados. A tentativa de me fazer sentir melhor quase funciona. Até conhecê-la eu me achava um cara desencanado, dificilmente alguma coisa me abalava. Porém com ela tudo vira épico e tem uma importância tremenda. Minha reação é natural e minha indignação é de um homem apaixonado que se sente traído. O que minha irmã fez a ela dói em cada parte de mim... No coração, no orgulho e na alma. Não consigo simplesmente deixar passar o fato de que alguém que era suposto me amar, machuque a mulher que amo. Todavia, sei que Nina tem razão, ruminar as coisas é dar a vitória a Thenka, mas sou mortal e meu rancor fervilha.

— Nem eu quero que ela ganhe. — dissimulo a raiva baixando o tom. — Mas mesmo assim, não deveria tê-la deixado só.

— Ah, não... Pode parar. — ergue a mão e acaricia minha barba. — É bom superar... Não sou um canguru e não pode me levar a tira colo para tudo que é canto.

Agarro seus ombros e sussurro em seu ouvido. — Posso sim.

Nina me encara com seus olhos furta-cores franzindo o cenho. Seus lábios ensaiam um sorriso divertido. Ela não está me levando a sério.

— Não cabemos aí. — muda de assunto e aponta para a banheira quase cheia.

Forço um sorriso, sei que foi a sua deixa para enterrarmos o capítulo Thenka. — Nós não, mas você sim. Quero te mimar e recompensar a loucura do fim de semana. Substituir as lembranças ruins por boas.

— Agora estamos falando a mesma língua. — sorri e estica o braço oferecendo-o a mim. — Mimar inclui dormir de conchinha?

— Inclui tudo o que quiser.

— Nada de passar coisas que vão fazer meu corte arder? — seu pequeno nariz sardento franze.

*Ah, minha menina brincalhona.*



— Sem fazer arder, eu prometo. — juro e ela suspira aliada.

Desabotoo seu punho direito e deslizo o tecido sua camisa sem que Nina ofereça resistência. Junto se vão o sutiã e a calcinha. Um arrepio percorre minha nuca quando passo os olhos por seu corpo escultural. Franzo o rosto ao ver as marcas que deixei em seus mamilos, ombro e pescoço. O sentimento é confuso, ao mesmo tempo que minha masculinidade sorri, o homem apaixonado recrimina. — Nina...

— Shhhhh — coloca um dedo na minha boca, impedindo que eu continue. — Mais um pedido de desculpas e eu vou te esganar. — nas pontas dos pés, beija minha bochecha e com cuidado, entra na banheira, afundando na água. Seus olhos recaem sobre os seios e as pequenas marcas arroxeadas. — Eu gosto destas, principalmente de como foram feitas. Então, faça-me um favor e não estrague minhas conquistas eróticas. Meu shampoo está ali. — indica a prateleira no box do chuveiro.

Calado vou até o chuveiro e alcanço tudo o que preciso, ajoelho ao lado da banheira e observo Nina mergulhar o corpo na água e seus cabelos se espalharem na superfície dançando como raios aquáticos. Um frisson de energia sexual passa por mim, a imagem de seu corpo submerso é quase mítica. *Linda como Afrodite*. Pequenas bolhas se formam na superfície antes da Caipira voltar e puxar uma longa respiração. — Estava mesmo precisando disso.

Passo os minutos seguintes esfregando o corpo da Caipira. Não há nada sexual envolvido, apenas uma necessidade pungente de cuidar e reverenciar. Esforço-me em ser doce, lavo seus cabelos, com delicadeza esfrego seu braço machucado na esperança de que a espuma carregue as lembranças ruins. Inclino-me e beijo a ferida ainda aberta. A cada toque, seu corpo relaxa e os sons apreciativos que escapam de sua garganta são como uma droga... acalmando-me.

Em silêncio, termino o banho, a envolvo em uma toalha felpuda secando-a. Com Nina sentada no vaso, ajoelho entre as suas pernas e refaço o curativo. Aproveito que começa a desembaraçar os cabelos e me enfio embaixo do chuveiro para uma ducha rápida.

A forma como Nina devora meu corpo, enquanto penteia calmamente os cabelos, me desperta. Seus olhos recaem sobre o meu pau e brilham ao vê-lo endurecer envaidecido por sua apreciação. Quando termino o banho, cada célula sexual em mim está acordada e ansiando por

contato. Meus instintos de fodedor, geneticamente moldados estão rugindo por dentro.

Ela ri ao perceber como me deixou afetado e sem dizer nada levanta-se, deixando a toalha cair e sai gloriosamente nua.

*Caralho! Se isso não foi um foda-me!*

Quase tropeço ao sair do box e me enxugo apressadamente, do jeito que minha excitação permite, antes de sair correndo em direção ao quarto.

Encontro Nina sentada no centro da cama com o colar que lhe dei nas mãos. As luzes suaves do fio de rosas iluminadas sobre a cama refletem em sua pele ainda úmida. A imagem de seu corpo nu é sexy e doce ao mesmo tempo, seus mamilos ficam ainda mais rosados sob a luz fraca. — Se não se importa, quero dormir vestindo só isso. — balança a joia em minha direção.

*Uauuu, o caralho que eu não me importo!*

Minha mandíbula aberta

Ainda parado na porta e apreciando à vista, limpo a garganta e procuro endireitar o corpo o que faz minha ereção projetar-se com mais força. — Esperou para eu colocá-lo em você?

Nina ajeita-se na cama, ficando sentada sobre os calcanhares. — Hum, hum. — bate no colchão para que eu sente ao seu lado.

Caminho até a mulher com um sorriso sedutor no rosto e os olhos dançando com malícia. — O que fez por mim no sábado foi mágico, para ficar perfeito, quero que sejam os seus dedos que eu sinto em meu pescoço, toda vez que eu tocar no colar.

O colchão afunda quando sento atrás dela, a visão de seu corpo de violão com a bunda redondinha apoiada sobre os calcanhares e de matar, passo a língua em meus lábios por pura cobiça. Nina afasta os cabelos puxando-os para o lado. A linha elegante de seu pescoço e nuca ficam diante dos meus olhos e o colar balança como um pêndulo em sua mão apoiada no ombro. Pego a joia, abro o fecho colando meu peito às suas costas. Um suspiro ansioso escapa de seus lábios quando deliberadamente roço meu pau em sua lombar.

Visto o colar tomando cuidado para que meus dedos acariciem a pele de seus pescoço e nuca no processo. — Combina com você. — Ela arrepia quando deposito um beijo molhado bem onde a joia, ostentando a

minha marca, se fecha. *Ela é minha*. Agarro um punhado de cabelo em sua nuca obrigando-a a virar a cabeça e me encarar . — Nunca tire. — murmuro e traço seu lábio inferior com a língua.

— Nunca. — assentindo Nina gira o corpo e nos ajeitamos de modo que fico com as costas apoiadas na cabeceira da cama com as pernas esticadas, enquanto ela manobra seu corpo escultural para montar-me. As pernas longas e definidas pressionam a minha coxa, seu sexo quente e úmido esfrega a base do meu pau.

*É pouco.*

Preciso dela mais perto, então junto nossos corpos agarrando as bochechas de sua bunda. Sinto seus mamilos endurecem contra o meu peito quando passa os braços em torno do meu pescoço. Nina lambe a minha boca com sondagens suaves e sensuais o que me deixa ofegante. Aproveito o momento, deliciando-me com seu gosto apetitoso e deixando que me provoque de sua maneira deliciosa. — Porque eu desconfio que este colar representa bem mais que um presente. Por um acaso quis me marcar como sua, Senhor Callas. — arqueia a sobrancelha loirinha.

*Gosto da provocação.*

*Gosto do poder conferido ao Senhor Callas.*

— Que bom que entendeu. Você é minha, Senhorita Kovac. — agarro seus cabelos e lambo seu queixo e lábios. — Minha para sempre.

— Também quero marcá-lo. — passa a língua em minha mandíbula e um arrepio atinge minhas bolas quando desliza a boca deixando uma trilha de saliva até minha orelha.

Sorrio com seu jeito de Leoa ao me lambar. — Mais marcado do que estou impossível, minhas células gritam Nina. — empurro profundamente minha língua em sua boca. A sufoco com um beijo exigente enquanto minhas mãos espalmam ainda mais a sua bunda de um jeito possessivo para que entenda que tudo nela me pertence.

As sensações do beijo feroz, aliadas aos seus mamilos esfregando-se em minha pele são intensas e atingem meu pau como um terremoto. Fico bêbado com o toque atrevido de sua língua e excitado como um tigre quando suas unhas deslizam por minhas costas arranhando minha tatuagem. *Ela gosta das minhas asas, muito*. Latejo de vontade de senti-la por dentro.

Desloco umas das mãos infiltrando-a entre nós. Com o polegar abro seus lábios íntimos e confirmo a excitação que senti brindando a

minha pele. Sons femininos excitados vibram em nosso beijo esfomeado. Chupo sua língua e espalho seus fluidos por todo seu sexo. — Tão molhadinha, Caipira. — murmuro entre um beijo e outro. — Sua boceta adora meu dedo.

— Ela adora tudo que venha de você. — ofega desgruda nossas bocas para afundar-se em meu pescoço com uma avidez que me impressiona. Chupa, lambe, arrasta seus dentes sobre meu pomo de adão. Dedos ansiosos puxam meus cabelos e seu corpo contorce ao ter dois dos meus dedos dentro dele. Trabalho o polegar em seu clitóris e a fodo entrando e saindo lentamente. Agradeço que seus peitos balançam diante de meus olhos, então desenho o mamilo com a língua. Estão duros como diamante, abocanho e ela geme. Sugo a carne delicada esquecendo-me da promessa curta que fiz em nunca mais ser tão voraz. *Impossível*.

Trabalho avidamente em sua boceta e mamilos. Passando minha boca e dentes de um para o outro. Ela grita. Sei que gosta. Aperta meus ombros e projeta seu quadril e seios ainda mais contra mim. *Deliciosa*. Com o dente puxo delicadamente o bico, ela grita mais... Minha Nina é toda sensível ao meu toque e parece ter uma ligação direta entre os mamilos e a boceta. Instigo mais... Mais e mais. Fodo seus seios e sexo com perversão. Coloco pressão em seu clitóris e ela geme e choraminga de um jeito selvagem.

*Isso é quente.*

Ela puxa os meus cabelos arrancando-me da minha tortura em seus mamilos e enlouquece-me com outro beijo enquanto ondula em minha mão. Gosto dela perdida e sem controle, o que me faz querer devorá-la de mim maneiras diferentes. Sua boceta aperta querendo sugar meu dedo.

Quero que goze em mim.

Manobro nossos corpos ignorando seus protestos, pressiono suas costas contra o colchão. Com meu peso apoiado sobre os cotovelos, afasto suas pernas com minhas coxas. — Levante os joelhos e me coloque para dentro, Caipira.

Ansiosa e frustrada, Nina se contorce embaixo de mim tateando meu peito, abdômen até encontrar minha ereção pronta para ela. Controlo minha vontade de gozar ao sentir seus dedos em torno de mim, quero levá-la ao limite do prazer — Esfregue meu pau em sua boceta. — rosno e ela obedece. — Isso me use para o seu prazer, masturbe-se.

Quando se agita e tenta me enfiar dentro dela, eu me afasto. — Masturbe-se. Provoque seu clitóris com meu pau. — grunho mordendo seus lábios.

*Isso, Nina.*

A sensação é divina. Ela pressiona a cabeça inchada e já encharcada por sobre seu núcleo. Obrigo-me a manter os olhos abertos quando o tesão se torna quase insuportável. Seu rosto delicado contorce de prazer e é lindo ver o jeito com o qual seus cílios loirinhos e compridos tocam as bochechas vermelhas de desejo e o nariz sardento se abre em uma tentativa de respirar. *Deus, ela é sexy demais, não aguento*. Não existe visão mais afrodisíaca do que o rosto da minha Caipira tomado de luxúria. — Theo... — geme.

— Isso, provoque-se. Use-me. Sou seu, Nina... Me tome.

Sou guiado até sua fenda úmida e seus dedos me puxam posicionando-me. Ela quer ser fodida. Dou o que quer, manobro e impulsiono meu quadril e a penetro duro e fundo. Enterrando-me de uma vez. Nina para de respirar e seus olhos abrem encontrando os meus. Estão verdes-maçãs. É a sua cor do desejo e do sexo. Há fascinação neles. — É disso que gosta? Que eu meta duro?

— Sim. — ronrona.

Definitivamente não somos um casal suave. Sexo morno não é com a gente. Esmago a sua boca e a nossa sede mútua parece não ter fim. Começo a meter forte, beijando e fazendo amor do jeito que sei que gosta, movimentos duros e rápidos... Meto...beijo... meto... beijo... meto... Ela começa a balançar os quadris perseguindo o meu ritmo. Amo sentir sua delicadeza contra a minha aspereza, combina tanto... Paro de beijá-la e fixo nossos olhares. — Quem é o seu homem? — pergunto tomado pela vaidade de possui-la.

— Você... Theo Callas. — ela mal consegue responder em um sussurro ofegante. Sorrio vitorioso sentindo sua boceta envolver meu pau com um egoísmo selvagem. Eu voo na sensação de possuí-la, de fodê-la, devorá-la... penso e acredito que só eu no mundo, sou capaz de dar a ela do jeitinho que gosta e que a faz ronronar e choramingar meu nome quase em gratidão. Os sons do nosso sexo são lindos, amo a batida nervosa de pele contra pele. O cheiro doce de seu suor, o almiscarado do nosso sexo misturado ao aroma fresco do shampoo.

*Porra, nós dois juntos somos fodas.*

— Deliciosa...

— Anjo... Isso... Tão duro... — diz em tom desesperado e sedento.

Envaidecido e confiante... Meto forte... Meto duro... Meto mais... Entro e saio... Giro e empurro... Fundo ... Dou e exijo tudo... Seus músculos da boceta se expandem para depois me apertar... Meus lábios se curvam de satisfação quando sinto meu orgasmo construir-se paralelo ao dela. Meu pau pulsa e engrossa, à medida de sua boceta ferosa contrai e suga. — Isso, amor... Vem comigo. — meu corpo se sente bem.

As pernas de Nina se contraem quanto atinjo o ponto certo em sua boceta aveludada. Saio e volto com tudo instigando o mesmo lugar e seu corpo treme, assim como meus braços... Encontro meu caminho de estocadas precisas e estou no limite, intensifico as investidas... Ela vem primeiro, arqueando as costas e explodindo em um orgasmo barulhento. — Oh, ohoh, oh, ohoooh... — Vou com ela... Um grunhido selvagem brota em meu peito e quando ele eclode, traz junto minha libertação, gozo quente e forte dentro dela.

*Porra.*

*Isso é bom.*

Sem forças e saciado, desabo em cima dela afundando o rosto na curva úmida de seu pescoço. Amo o cheiro de nós dois impregnado em sua pele. Sua mão tateia meu rosto, afagando minha barba, levanto o rosto e ela parece tão calma e feliz. Seus lábios vermelhos e inchados, pela fúria de nossos beijos, procuram os meus para um beijo suave e terno.

Retribuo e nos enroscamos de novo. Caio para o lado diminuindo o peso sobre ela. Perco a noção dos minutos e horas... Ficamos entre carícias silenciosas, olhares significativos e beijos languídos, até nossas línguas se cansarem e adormecerem.



## **Nina**

— Nina, estou encantado. Além de bonita, você é muito talentosa, a sua visão para a ala nova de hemodiálise está perfeita. A humanização do tratamento é um objetivo que perseguimos há anos. A ideia das paredes de

vidro blindadas resolve todos os problemas de contaminação hospitalar e vai trazer os jardins para dentro das enfermarias do hospital.

Sorrio tensa para o diretor geral do HC <sup>[61]</sup> e depois para o seu assistente. Não estou gostando nada, nada de suas cantadas veladas. Há algo degradante na forma com a qual seus olhos treinados estudam o meu rosto.

— É a visão de toda a equipe, Doutor Meireles. — olho para Miguel ao meu lado na grande mesa da sala de reuniões da cobertura. — Podemos manter nossa ideia sobre o orquidário e a fonte com carpas? — pergunto apontando com a caneta o local marcado nas plantas baixas do projeto.

Ele ignora o moreno engravatado ao meu lado. — Se me garante que não há risco de contaminação. — noto que os olhos do homem derivam dos papéis na mesa para o meu decote.

*Droga!*

Sinto meu rosto corar. Que porcaria, o cliente deveria manter o profissionalismo ou pelo menos, respeitar a grossa aliança dourada que ostenta na mão esquerda. — Nenhum risco eu garanto. — digo e para tentar bloquear sua visão, inclino sutilmente o corpo para a direita e levanto a planta baixa fingindo-o examiná-la.

— Mais algum ponto que deseja discutir? — Miguel pergunta tomando para si o controle da situação.

Suspiro aliviada quando o homem grisalho e elegante, é obrigado a desviar o foco dos meus seios para olhar para Miguel que aguarda sério por sua resposta. Incomodado, o diretor geral ajeita a gravata cinza que combina perfeitamente com o terno grafite de corte italiano. — Agora de pronto, não me vem nada. Talvez a Senhorita Kovac possa ir comigo ao hospital, quem sabe lá, novas dúvidas apareçam. — sugere voltando para o meu decote.

— Miguel poderá acompanhá-lo. — a voz séria de Theo explode na porta.

*Uh o quê?*

*Quanto tempo ele está nos espionando?*

*Meleca!*

— Era o que eu pretendia sugerir, Senhor Callas. — Miguel diz de modo cúmplice.

— Ótimo. — Theo entra na sala, cumprimenta o homem contrariado com um aceno de cabeça e caminha confiante até a cabeceira. Desabotoa o paletó e senta-se como um Deus na poltrona da presidência.

*Diacho.*

Olho furiosa para o meu namorado/chefe, ignorando o fato de como um raio de sol, que incide diretamente em seu rosto, faz seus olhos ficarem lindos. Mais dourados que castanhos. *Deus do céu!* Esse homem vai me deixar louca se continuar aparecendo de surpresa em todas as minhas reuniões.

*Ele diz que é saudades e eu digo que é territorialismo.*

*Dane-se que ele é o CEO desta joça e pode fazer o que quiser.*

— Senhor Callas, que surpresa vê-lo aqui. — ironizo e ele fecha mais ainda a cara. — Minha agenda está livre, caso seja realmente necessário eu mesma irei. — meus olhos encolhem de raiva e ele coça a barba do jeito que sempre faz quando está prestes a explodir. Quero pegar a gravata prata que eu mesma escolhi está manhã e estrangulá-lo.

— Sim, é realmente necessário, Senhorita Kovac. — o Doutor Meireles insiste em um tom animado demais para o meu gosto e fico imaginando se, de alguma forma, ele pensa que estou aprovando suas investidas. Mas que merda, tudo o que eu não preciso é de um homem sem vergonha, me assediando na frente do Theo.

— Já disse, o Miguel irá, não você. — diz autoritário e brotoejas surgem em meu pescoço. — Senhorita Kovac, tem outro compromisso agendado, esqueceu? — engulo a seco e o encaro deixando saber que eu sei que é uma mentira deslavada e só está fazendo isso por ciúmes. — Com Pedro sobre a Riches, consegue lembrar agora? — mantém a farsa com o olhar impassível. *Bandido*. Até um segundo atrás, não havia nenhuma reunião agendada. — Aliás Doutor Meireles, se não há mais nada a ser pontuado, gostaria de me desculpar, mas já estamos atrasados. — levanta-se e faz um gesto para que eu o siga.

*Nossa, que grosso.*

Não me mexo.

— Hum... Ah... Claro que não, Callas. Eu é que agradeço e sinto-me lisonjeado por ter aparecido em nossa reunião. Sei o quanto é requisitado, abrir espaço em sua agenda para dar atenção a uma conta



pequena como a nossa, foi inesperado. — o diretor diz em um tom jocoso. — Tenho certeza que o corpo diretivo irá apreciar quando lhes contar.

— Sempre há espaço em minha agenda. Gosto de acompanhar de perto a equipe. — Theo sorri para nós, quase arrogante. — Todos os meus clientes são importantes, não faço distinção Meireles.

*Tá bom...*

Falou o homem que tem mandando o primo engessado para todas as reuniões enquanto me segue pelos quatro cantos da empresa. Quero rir da sua cara de pau. Theo só tem dois assuntos ultimamente: eu e o telefonema que recebeu do Donavan para assinarem o contrato.

— Imagino por que não faça. — o homem sorri para mim.

Ignoro, pois, minha atenção está toda dirigida ao temperamental a minha frente que respira fundo e sorri cínico. Aposto que por dentro ele está louquinho para mandar o velho a merda.

Suspiro aliviada quando o profissionalismo de Theo vence e ele deixa a provocação passar, inclina o corpo e com a mão estendida puxa um dos esboços que foram apresentados. — Muito bom. — murmura segurando o queixo.

Meu orgulho próprio sorri. A opinião profissional de Theo tem um peso enorme para mim.

— Excelente. — Meireles concorda.

Tenho que levantar as mãos para o céu. A assinatura do contrato com a rede de Shoppings mudou o humor do meu Anjo, de negro para quase ensolarado. Ele parou de reclamar da irmã, que saiu sob fiança e voltou esperneando para a clínica, e passou o resto da semana animado. É um tal de Donavam para cá, Donavam para lá. Até eu já sei de cor cada palavra que trocaram por telefone e depois por e-mail. Meu namorado, não para de repetir o quanto nosso futuro cliente ficou bem impressionado com o meu trabalho.

*Jesus, como seu eu tivesse feito tudo sozinha!*

Tão impressionado, ao ponto de ligar novamente dando ao Theo seu terceiro assunto preferido na semana. Donavan nos convidou para sua festa de aniversário de casamento em Ilhabela. — *Caipira, vou te levar para velejar.* — Confesso que também estou animada, afinal, é a nossa primeira viagem oficial como um casal, mesmo que seja só por um dia e meio.

— Em um mundo em que o dinheiro define as prioridades era de se esperar que nosso pequeno investimento não recebesse tratamento VIP, estou impressionado por saber que vá na contramão e cuide pessoalmente de tudo. — Doutor Meireles levanta-se enquanto seu assistente recolhe pastas e projetos que entregamos a ele.

Theo sai da cabeceira e vem em nossa direção. — Minhas prioridades vão muito além do dinheiro, Meireles. — diz olhando para mim ao abotoar o terno azul marinho que o deixa sexy com o inferno.

Os dois se estudam, sem dizer mais nada.

Eu, Miguel e o assistente também ficamos em pé. Antes de Meireles chegar até mim, Theo se apressa e gruda seu corpo enorme ao meu. Fico imprensada entre ele e Miguel, o novo amigo gay do meu Anjo, o único homem que ele não se importa *muito* que fale comigo. Seguro a vontade de revirar os olhos, ao estender a mão para o diretor que sorri quase me devorando. Sou atingida por um forte cheiro de cigarro que emana dele. Meu estômago revira.

— Mais uma vez, belo trabalho, Senhorita Kovac.

O modo como diz *belo* olhando de relance para os meus seios me deixa incomodada.

— Obrigada, mas o mérito é de Miguel também. — livro-me de seu aperto pegajoso ao escutar um grunhido irrequieto de Theo.

— Nina não está sozinha. — rosna e segura meu cotovelo.

Os olhos do diretor descem até o ponto em que a mão poderosa de Theo, segura possessivamente o meu braço. Em seguida, voltam com um brilho malicioso e a compreensão de que sou bem mais que uma funcionária. Minha irritação cresce, essa coisa Neandertal de *Ela é minha* é sufocante e a total falta de decoro do cliente é nojenta. Não entendo, porque alguns homens fazem questão de dar em cima de tudo que usa saia, só para provar para os outros machos do bando que ainda estão na ativa. — Obviamente que não está, Callas. Parabéns pelo projeto Miguel. — troca um cumprimento rápido com meu amigo e retorna para nós. — Nos vemos na cerimônia da associação do comércio? Soube da indicação, parabéns.

— Obrigado. — Theo diz seco. — Se eu for, nos veremos com certeza.

*Presunçoso.*

Na próxima semana, a Callas receberá o prêmio de empresa Top 1 em Engenharia/Construção e Theo foi nomeado como o melhor empresário do ano. Uma das maiores honras que um profissional pode almejar e que Theo teimosamente se recusa a receber. É um evento fechado, exclusivo para a elite empodeirada e endinheirada. Meu digníssimo namorado ficou revoltado ao ver que convite não se estendia a mim, toda a família Callas foi convidada, menos eu que evidentemente, sou apenas uma funcionária, não uma Callas... Não importa que Nati já tenha resolvido a questão e que os organizadores não tenham culpa, se até ontem, Theo se rotulava como um solteiro convicto que nunca levava acompanhantes às cerimônias.

Mesmo com um convite formal em meu nome e um pedido de desculpas, acompanhado por um belo buquê de flores, meu Anjo está indignado que o mundo ainda não saiba que estamos oficialmente juntos e dividindo o mesmo teto.

— Uma pena que não vá, é uma homenagem bastante invejada. — Meireles passa o dedo sobre os lábios finos e volta-se para mim. — Ao menos espero que você possa comparecer, Nina. — irrita-me que use meu nome de forma tão íntima, só para alfinetar o Theo. — Será um prazer cuidar dela por você, Callas. — brinca.

Odeio a atmosfera implícita no cuidar e preocupa-me o tom avermelhado que brota no rosto de Theo. — Obrigado, mas da minha mulher cuido eu.

Os olhos do diretor arregalam e recaem para as nossas mãos desprovidas de alianças. Por tique seguro o pingente de olho grego em meu pescoço. — Mulher? — há ironia em seu tom. — Espero ser convidado para a despedida de solteiro. É sempre um espetáculo ver um garanhão despedindo-se das pistas. — dá um soco amigável no ombro de Theo.

Meu Anjo apenas sorri como se fosse certo.

*Mas que merda!*

Quero chutar sua canela. *Despedida de solteiro?* Agora que eu não caso mesmo. As imagens da noite na boate fazem meu estômago revirar mais uma vez. Minha regra de não remoer as coisas não se aplica a imagem daquelas ordinárias desejando o que é meu. Volte e meia o fantasma daqueles corpos vulgares se esfregando em Theo me assombram. *Que nojo!* Eu o capô se chegar perto de uma prostituta outra vez.

*Meu Theo! Meu Indecente.*

Irritada recolho minhas coisas e acompanho impaciente as despedidas terminarem. Quando o diretor e o assistente vão embora, saio em disparada, sem esperar por Theo ou Miguel.

Passo como um foguete por Nati que me olha e só balança a cabeça sorrindo. Entro na minha sala jogando a bolsa e as pastas sobre a mesa.

*Despedida de solteiro, uma pinoia.*

— Ordinário! — esbravejo para mim mesma.

— Ordinário mesmo.

Meu sangue sobe ao ouvir a voz rouca e indignada atrás de mim. — Ordinário é você! — viro e já vou berrando e colocando as mãos na cintura. O queixo lindamente emoldurado na barba escura cai. *Dane-se.* — Não pode ficar invadindo as minhas reuniões deste jeito.

— Posso sim. — olha com autoridade e seus lábios fecham em uma linha fina.

*Droga. Ok, claro que pode.*

— Não Pode ficar como um cão de guarda atrás de mim.

— Posso sim. — cruza os braços sobre o peito largo que começa a inflar de nervoso.

— Sei me defender caramba! Como espera que os clientes me respeitem?

Ela gargalha e não é de contentamento. — Aquele filho da puta estava te respeitando muito quase babando em seus peitos. Falei que este decote estava demais!

— Nunca reclamou deste vestido antes.

— Porque antes seus peitos não ficavam saltando deste jeito.

Olho e avalio o vestido preto transpassado, que está um pouco justinho mesmo. Não devia tê-lo colocado na secadora. Uma ideia evidente pipoca em minha mente. — Tá falando que eu estou gorda? — fico indignada. A culpa é dele se meus peitos deram uma crecidinha. Vivo vinte e quatro horas com eles inchados e sensíveis por culpa do tesão insaciável por este homem que não sai de mim nem por decreto.

Sem descruzar os braços os olhos castanhos-mel deslizam por meu corpo. — Gorda não, mais gostosa certamente.

*Uh o quê?*

*Que... que... que imbecil!*

*Quedê a parte que o homem nega até a morte que a mulher engordou.*

Meu pavio estoura. — Seu grosso insensível. — quero chorar de raiva. — É porque estou gorda que está tão animado para sair com as prostitutas?

*Deus, vou precisar comprar um maiô e uma canga. Não posso ir à praia gorda deste jeito.*

Desespero-me só de pensar nas beldades que irão rir de mim e dar em cima dele. A imagem das suas asas sendo cobiçadas me enjoa.

Ele me olha como se tivessem nascido chifres em mim. Passo a mão na testa. Eu mato esse tarado se me chifrar! — Que prostitutas? — balança a cabeça sem entender.

*Cínico.*

— Da sua despedida.

Ele abre um sorriso luminoso e dá um passo em minha direção. — Então vai aceitar se casar?

— Não, de jeito nenhum! O que você quer é uma desculpa para sua despedida de solteiro e arranjar um álibi para ir farrear na boate.

— Tá maluca?

*Devo estar! Estou, sim!*

Nunca me importei com o que pensassem sobre mim, mas Theo achar que eu possa estar feia me mata por dentro. A coisa do *gorda* volta a martelar na minha cabeça. — Não quero mais ir viajar. — afasto-me e vou até a minha bolsa pegar uma bala de hortelã. O que não deveria fazer, já que tenho que fechar a boca, pois estou gorda... gorda... gorda.

— O quê?

— Não tenho maiô. — digo o óbvio sem esperar que o insensível entenda sobre estas coisas de mulher.

— Eu te compro cem se este for o seu problema.

Quero me afundar no piso. Ele acha mesmo que eu preciso de um maiô.

— Agora que não vou mesmo.

— Não pode fazer isso, a mulher do Donavan está louca para te conhecer!

— Pensasse nisto ante de me ofender! — abro o pacotinho de balas e enfio logo duas na boca. A sensação refrescante alivia minha ânsia

nervosa.

— Desde quando chamar de gostosa é ofender?

Irrito-me mais, porque não tenho resposta para esse argumento. Penso em jogar o buque de desculpas que recebi na sua cabeça, mas estou com preguiça. Então apenas viro de costas e me recuso a olhar para ele.

— Deus! Dai-me paciência. — berra e tenho certeza que está puxando os cabelos. Não me comovo, estou muito magoada. — O que está acontecendo com você? Ontem chorou porque encontrou aquele grilo morto no jardim! Está de TPM por acaso?

Bufo com tamanha insensibilidade vinda deste homem grande e furioso.

*Coitadinho do grilo.*

Meus olhos marejam só de lembrar do pobrezinho todo duro com as perninhas esticadas e viradas para o céu. As formigas iam devorar seu pobre corpo, é claro que precisava enterrá-lo.

*TPM?*

Uma luzinha verde pisca em meu cérebro. Lembranças das minhas tardes chorosas em Curitiba polvilham a minha memória . *Será?* Continuo a olhar para o piso de mármore preto que contrasta com meus saltos verde chá, que me lembram o grilo, e me fazem querer chorar.

Seguro uma lágrima que insiste em cair e penso... penso... penso...

Isso explicaria porque tenho me sentido mais emotiva e esfomeada. É claro que só pode ser TPM. O que só piora as coisas para o lado do meu namorado teimoso... Estava magra e indo muito bem sem as benditas pílulas e se a minha menstruação voltou a ficar irregular e ausente é tudo por culpa dele. Se Theo não tivesse insistido nesta coisa de pele contra pele, eu não estaria enfrentando esta descarga hormonal que deixa meu organismo inchado, desregulado e louco. Quero chorar pelo grilo e por ter sido fraca, e esquecido como estas coisinhas me fazem enlouquecer.

*Ai, eu o odeio!*

— Sai daqui, Theo Callas!

Ele não sai o que me irrita mais. Volto para o meu plano de dar uma buquezada nele. Estico a mão para alcançar o vaso, mas o telefone toca e por inércia mudo minha rota e aperto o viva voz.

— O Senhor Callas está aí? — Nati pergunta mesmo sabendo que ele está.

— Pode falar. — Theo diz claramente irritado.

— Hum... Ahhh. É que... — a assistente gagueja.

— Fala logo! Estou ocupado.

A forma grosseira com a qual grita para o telefone me magoa e enfurece.

— Dá para ser educado? — viro encarando seus olhos no limite da paciência. — A Nati não tem culpa se é um insensível.

Ele fecha os olhos apertando a curva do nariz. Dá umas três respiradas e volta a me encarar. Eu acho é pouco, que esteja irritado. Cara feia para mim é fome, lembro do biscoito recheado em minha bolsa e minha boca saliva.

— Desculpa, Nati. Manda.

— É que... — ela gagueja novamente. — Pode atender na sua sala ou pegar a ligação?

— Não, não posso... — rosna.

— Ok, depois não me xingue. — O sinal musical de troca de ramal ecoa na sala.

— Theo, ah meu gostoso, finalmente! — Uma voz feminina animada vibra na viva voz. Na mesma hora, olho para Theo que fica branco e eu congelo de boca aberta. — Precisamos conversar, tem tanta coisa que precisa saber... — à medida que a voz fala a raiva bruta se instaura nos olhos castanhos dele. O dourado se foi e há apenas a escuridão. — Por que não quis ouvir o que meu pai tinha a dizer, Theo? Não devia tê-lo expulsado antes de saber a novidade... Estou tão...

— Falei para não me procurar mais, Andreza. — ele berra interrompendo-a e eu saio do meu transe.

*Droga! Droga! Droga!*

Sinto meu espaço pessoal sendo violado pela voz irritante alegre dela.

Andreza ri debochado, sem dar crédito as palavras brutas dele. — Sempre tão gentil. A questão meu querido é vai conversar comigo por bem ou por mal. Estou aqui na recepção, quero que libere a minha entrada já.

Em uma manobra, ele passa por mim e tira o fone do gancho. — Já disse pra sumir, não me faça chamar os seguranças. — rosna para a mulher do outro lado da linha.

Algo é dito e o rosto bonito de Theo contrai ao gargalhar como se tivesse ouvido a piada mais engraçada do século. — Não vou cair nessa. Sabe que é impossível.

*Cair no quê?*

Quando a voz feminina começa a esbravejar do outro lado, Theo se enfurece. — Não ouse fazer outro escândalo na minha empresa. — tento ouvir alguma coisa, porém não consigo. À medida que a raiva em seu olhar é substituída por desespero, tudo que me vem à cabeça é que a doida o está ameaçando com outra tentativa de suicídio. Mike e Nati aparecem na porta e Theo faz um sinal que eu não entendo, mas que faz o segurança girar nos calcanhares e sair correndo.

— Theo, o que foi? — sussurro esquecendo que não quero falar com ele.

Sua cabeça balança indicando que não é nada e continua grudado no fone enquanto a outra grita... grita...grita e minha curiosidade aumenta... aumenta... aumenta.

*Meleca!*

Estico o braço para apertar o viva voz e sua mão livre captura a minha. — Não se atreva. — rosna.

A coisa toda é meio humilhante e põe meus nervos à flor da pele. Fico imediatamente mais chateada ainda por Theo querer esconder o que está acontecendo de mim. Odeio essa coisa de um peso duas medidas... Se eu tenho que contar tudo o que se passa, presumo que ele também a mesma obrigação. Olho para Nati visivelmente preocupada... Sorrio tentando acalmá-la, acho que ter passado a ligação vai contra a tal lista dos DPPs.

— Merda! Era só o que me faltava! — bate o telefone

— O que foi? — ambas dizemos ao mesmo tempo.

— Nada. — rosna andando de um lado para o outro sem me olhar.

— Se não foi nada, por que está tão nervoso? — insisto e cruzo os braços.

— Não me diga que a vaca tentou se matar de novo? — Nati pergunta sem pensar, antes de tapar a boca com as duas mãos.

Sem se dar ao trabalho de responder a nenhuma de nós duas, Theo caminha para a porta. Nati dá um pulo em minha direção dando passagem. Faço menção de segui-lo, mas o... — Você fica! — ... que diz baixo, porém furioso, congela as minhas pernas.



*Ok, eu fico, mas isto não vai ficar assim. Penso, mas não digo.*

— Ainda tem acesso à câmera da recepção? — pergunto baixinho para a Nati assim que ele sai em passos apressados.

Os olhos negros brilham ao decifrar a minha intenção. — Se contar para o Pedro que eu roubei a senha dele, eu te mato! — diz correndo até a minha mesa para ligar meu computador e acessar o circuito interno.

Nos esprememos na minha cadeira e roo as unhas esperando que as imagens carreguem. O chuvisco cinza logo começa a ganhar cores e a tela no meu notebook se divide em seis quadrados de imagem. Nati clica na câmera panorâmica do hall. Inclínamos ao mesmo tempo, colando nossos olhos na tela.

Meu coração acelera.

— Aqui. — aponta para Mike que segura Andreza perto da porta da saída. Nati dá zoom e pragueja quando vê Pedro de muletas argumentando com ela. — Mas que droga! O Mike deve ter avisado ele!

Toco o ombro da minha amiga me compadecendo de sua indignação.

A mulher está linda, radiante apesar de visivelmente irritada. Seus longos cabelos negros brilham com a luminosidade, que entra pelas portas e janelas de vidro. Seu corpo é cheio de curvas e continua tão sensual como no dia em que a vi no café. *Que ódio!* Ela parece incrível e magra em uma calça preta e uma blusa larguinha azul turquesa com um decote que faria o Doutor Meireles pular sobre ela.

— Aumenta o som. — peço.

— Não dá. — Nati rosna sem desgrudar os olhos de Pedro.

— Droga. — foco em suas bocas. Só consigo entender um “ *calma* ” e um “ *pare com isso* ” que Pedro diz. Leitura labial parecia tão mais fácil no Fantástico, merda!

*Ai Jesus!*

Minha respiração trava quando a câmera pega Theo aproximando-se rápido e com as feições irritadas. Andreza força o braço soltando-se de Mike e corre em direção a meu Anjo. Quero morrer quando ela joga o corpo chocando-se ao dele. Seus braços repletos de pulseiras envolvem o seu pescoço tenso e ele mantém as mãos levantadas sem fazer menção de tocá-la.

— Solta ele sua Vaca! — berro e Nati retribui o toque em meu ombro.

— Meu, o que esta mulher quer? — Mike a tira de cima de Theo.  
— Quantas vezes o Callas vai ter que dispensá-la para ela entender que já era?

As pessoas começam a fazer um círculo ao redor da confusão. Theo esfrega as mãos no cabelo e diz alguma coisa que faz a escandalosa calar-se na hora.

*Ah, não... Ah, não... Ah, não...*

Ele estica o braço e indica o corredor privativo que dá para o seu elevador particular. Ela bufa e começa a andar, seguida pelos três homens que se entreolham aborrecidos. Xingo até a quarta geração dos técnicos de segurança que não instalaram câmeras na área restrita da presidência.

*Merda... Merda... Merda... Droga... Droga... Droga...*

Em sintonia, eu e Nati pulamos juntas da cadeira e corremos para a porta do jardim na cobertura que interliga todas as salas.

— Eles só podem estar vindo para cá.

— É só podem. — Nati concorda e entramos na sala de Theo.

Ficamos paradas em frente ao elevador prontas para dar o bote assim que a porta abra.

— Meu, essa mulher é uma vaca!

— Muito vaca. — concordo com os olhos fixos no visor que começa a subir lentamente.

— Eu te ajudo a acabar com a raça dela! — esbraveja.

— Vou ficar te devendo uma. — meus punhos se fecham prontos para a briga.

Meu corpo começa a tremer... 16°... 17° ... 18° ... Meu coração dá pinotes em meu peito ... 19°... 20°... Minha garganta trava... 21° .... Vou ter um ataque epilético...

*PLIN!*

Meus olhos não acreditam no que veem. A porcaria do elevador está vazia.

— Onde eles estão? — Nati pergunta tão confusa quanto eu.

Fecho os olhos e respiro fundo parada feito uma pata choca em frente ao quadrado de aço vazio. *O malandro me enganou!* É a única explicação lógica que eu encontro. No mínimo ele previu que estaria aqui

esperando por eles e quis evitar uma luta no gel. *Mil milhões de vezes droga.* Odeio-me por ser tão previsível.

Com os hormônios em fúria abro os olhos e giro o corpo à procura de Nati. Aborrecida e vermelha, ela coloca o telefone da mesa do Theo no gancho. — O Manoel da garagem disse que os quatro saíram há uns dois minutos na Ranger do Theo.

— Que maravilha. — vou até o sofá e me jogo.

Nati cai ao meu lado e saia de seu terninho rosa sobe mostrando suas coxas bronzeadas. — Pedro que se prepare, vou quebrar a perna boa dele em mil pedaços.

— E eu vou capar o Theo. É bom ele ter repelente, pois em casa ele não dorme hoje.

Passamos a próxima meia hora, esparramadas no sofá, esperando um contato e enumerando maneiras de como torturá-los lentamente. Depois, mais meia hora maldizendo nossos celulares resgatados, esperando uma resposta para as nossas mensagens de texto e excomungando todas as ex namoradas vacas do mundo. Descubro que a raiva de Nati tem por onde... A abraço quando conta que Pedro confessou bêbado que uma vez, transou com a Andreza em uma festa.

— Nãoooo. — coloco a mão na boca sem poder acreditar.

— Simmm — minha amiga leal arregala os olhos. — O imbecil me contou achando que eu iria ficar feliz com ele dizendo que foi terrível. Dane-se que a mulher uiva mais que uma loba louca pornográfica, ele transou com ela caramba!

*Que absurdo!*

E a iludida da Thenka jogando na minha cara que a amiga é apaixonada pelo irmão.

— Esses primos se merecem! É muita confusão para uma família só.

— Se é. — Nati suspira e checa mais uma vez o celular.

— O que ela quer? Abocanhar a família inteira? Não duvido nada, que ela tenha dado em cima do Senhor Callas.

— Nem eu. — Nati levanta-se e ajeita a saia. Olha para o relógio que marca seis e meia e contrai o rosto em desgosto. — Pelo jeito, os três patetas acham que não somos dignas de consideração.

Fico de pé, concordando com ela.

— Eu não sei você, boneca, mas eu é que não vou ficar aqui esperando o Pedro igual idiota. Vou encher a minha cara e descobrir novas maneiras de acabar com a raça daquele traidor.

Em menos de meia hora, estamos sentadas no barzinho da esquina da minha rua, rindo e nos vangloriando do quanto somos espertas e vingativas. Pedimos para Rafael ir buscar minhas coisas que não estavam no 12º e saímos escondidas pelo elevador privativo de Theo. Por birra, ambas desligamos o celular só para pagar na mesma moeda.

Quarenta minutos depois, a empolgação já virou depressão. Meu coração está tão pequeno e vazio quanto ao bar decadente com meia dúzia de clientes, entretidos com a novela que passa na teve presa ao teto. Estou ansiosa e triste por Theo ter me largado sozinha para ir com Andreza e Nati afoga as mágoas no terceiro copo de caipirinha de kiwi enquanto eu beberico uma margarita frozen de limão bem azeda.

— Boneca, esquece isso. O Theo é louco se disse que está gorda. Estou até achando que emagreceu. — ela olha para o meu corpo e dá um tapinha em minha perna.

— Andreza é linda. — dou um gole pensando em como deve ficar maravilhosa em um biquíni fio dental.

— É sério? Acha mesmo aquele estilão vulgar, bonito? Boneca, linda e sexy é você... Aquela devoradora de primos é toda falsa, aposto que até a bunda é de silicone. — grita e bate com o copo vazio no balcão.

Um homem de camisa justa faltando um botão na barriga tira os olhos da tevê e olha para nós. — Relaxa loirinha. Tu é goxxxxtosa pra cacete. Se precisar de um homem de verdade, meu nome é Janílson. — sorri e vejo que lhe falta um dente.

Agradeço ao sujeito totalmente embriagado e volto a atenção para a minha amiga que gargalha e pede outra caipirinha. — Tá vendo, a voz do povo e a voz de Deus. — ela quase cai do banquinho quando gira e faz um sinal de positivo para o bêbado, que já retornou à atenção para a novela no momento beijo caliente. — Está devagar hoje. — aponta para o meu copo quase cheio.

— Esta pílula está acabando comigo, fico enjoada e inchada.

— Por isso que prefiro o DIU, deveria experimentar. — aponta para a virilha. — Nem lembro que estou com ele.

Concordo apenas para satisfazê-la, não gosto da ideia de andar por aí com um plástico enfiado em meu útero. Decido que é hora de irmos embora, depois que as coisas no bar começaram a esquentar. Não satisfeita, Nati nos apresentou para os caras dali e contou o que aconteceu. Inconformados, todos concordaram que sou muito atraente e sexy. — *Boneca demaixxx*. — o mais careca e bêbado chegou a gritar. Um outro, acho que o nome dele era Jairo, disse que não conseguia imaginar ninguém mais gente fina que eu e que meu namorado deveria ser broxa.

Digito a senha destravando o portão e arrasto Nati jardim a dentro. Ela solta um gritinho excitado ao ver as centenas de luzinhas acesas no gazebo. — Vagalumes! — estica os braços e quase tropeça tentando capturar os bichinhos voadores imaginários. — Amo que a bundinha deles acende!

Dou risada e eu... Amo *essa garota!* Só ela para fazer diminuir a mágoa que estava sentindo por meu Anjo. Como ela disse, danem-se eles por preferirem a siliconada.

— Vem Nati, precisa de um café. — seguro sua mão e vou em direção a escada.

Abro a porta e dou de cara com Theo descabelado e com o celular na orelha. Ele está sem o paletó e a camisa branca aberta no colarinho e nos punhos, me encara, mas o ignoro.

— Ops! — Nati exclama e começa a gargalhar.

— Chegaram, as duas. — Theo rosna para a pessoa do outro lado da linha.

Ainda sem olhar para ele, arrasto minha amiga adorável e muito alucinada até o sofá. — Peixoto! Vou dormir aí com você! — tenta abraçar o aquário, mas cai de quatro no tapete.

Não aguento e dou risada novamente. Descalço os sapatos deixando-os sobre o tapete.

— Vem doidinha, deixê meu amante em paz. — puxo-a de volta, e ela cai de lado apoiando-se no braço do sofá.

— Nossa, que egoísta. — faz biquinho. — Aposto que ele dá conta de nós duas. — dá uma risada sonolenta e deita no sofá.

Certa de que ela não vai cair, passo por meu Anjo, que bufa, e vou até a cozinha. Ignorando-o fuço nos armários tirando tudo o que eu preciso para um café bem forte. Encho a chaleira e coloco no fogo sentindo os

olhos castanhos-mel me trucidando. Espero calmamente que ele tenha a decência de se desculpar e me explicar o que fez com Andreza.

— Se prepara que a tua está bem louca. — Theo desliga.

— Posso saber onde a senhora esteve até essa hora?

*Ah! Então vai ser isso?*

*Nada de explicar onde ELE se meteu até essa hora?*

*Hum, hum... Ok.*

Engulo a minha vontade de gritar e não respondo. Com as mãos tremendo, abro a garrafa térmica, equilíbrio o porta coador no gargalo e coloco três colheres cheias de pó de café.

*Seja forte Nina, quem lhe deve explicações é ele.*

— Caralho, o Rafael está como um louco atrás de você. — ele entra na cozinha e fica parado como um poste ao meu lado.

*Ah! E você não?*

Sinto um pequeno remorso por Rafael, mas não dou o braço a torcer. Respiro para controlar as batidas fortes do meu coração e mantenho-me firme no propósito de fingir que Theo não existe. Inclino o corpo sobre o balcão e checo a Nati que está deitada rindo e olhando para o teto. Volto para o fogão, cruzo os braços e espero a água ferver.

— Quantas bebeu?

Não respondo e o celular dele vibra. Seus dedos digitam freneticamente e imagino se é com ela que ele está teclando. Pressiono os lábios contendo a vontade de perguntar, há algo estranho nele. Apesar de irritado, está muito cauteloso, indo pelas beiradas, o que para mim só pode significar uma coisa: culpa no cartório. Meu sangue ferve e apita igual a chaleira, com raiva despejo a água. O cheiro de café fresco inunda a cozinha.

— Era o Rafael, está voltando para cá com o Pedro e o Mike.

Em silêncio termino de colocar a água. Abro o armário e alcanço duas canecas, encho de açúcar e depois de café. Passo por ele e coloco as canecas na mesa de centro, corro até o banheiro pego duas aspiras e volto. Faço Nati sentar-se e entrego a ela a bebida e os dois comprimidos.

— Valeu Boneca, você é uma santa.

Theo vem atrás de mim e senta-se no pufe. Com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos unidas segurando o queixo, ele me observa

cuidar da doidinha. Nati está mais para lá do que para cá, então uso meu corpo sentado ao lado do dela para escorá-la e mantê-la ereta.

— É assim que vai ser? — a voz de Theo é assustadoramente grave, com uma ferocidade disfarçada de calma. — Pretende fingir que eu não existo até quando? Eu fiz uma pergunta, Nina. Onde diabos, esteve até agora?

*Ok, talvez mais feroz do que calmo.*

Calmamente inclino para frente e devolvo a minha caneca de café intocada à mesa. — Eu me nego a falar com você, até que explique Tim-Tim por Tim-Tim, o que foi fazer com Andreza.

— Diz logo para a minha boneca o que a bunduda tanto queria. — Nati murmura com a voz enrolada.

Castanhos-mel a fuzilam. — Onde estavam? — sibila para ela.

— Dando umas voltas por aí... — ela erra a boca e derruba café no terninho rosa. — Ops, babei. — ri divertindo-se.

A testa de Theo franze e ele esfrega o rosto. — Não podem andar por aí bêbadas e sem segurança. O que fizeram ao Rafael foi sacanagem.

— Sacanagem foi arrastar meu namorado pra junto da bunduda.

Theo ruge.

Nati rosna.

— Theo, quer deixá-la em paz? Não somos nós que lhe devemos uma explicação. Não fui eu que desapareci por horas, sem dar sinal de vida.

— Seu celular estava desligado. — retruca.

— Só depois que eu cansei de ficar como idiota esperando.

A campainha toca, deixo os dois em uma troca de olhares furiosa e vou atender. A cavalaria entra com um ar cauteloso. Mike ajuda Pedro com as muletas enquanto Rafael evita me olhar... Provavelmente, magoado comigo. Mais dois caras ficam na porta e sei que são os seguranças de Pedro e Nati.

— Onde elas estavam? — Pedro me ignora e fala com Theo.

Sinto-me uma criança.

— É o que eu estou tentando descobrir. — Theo levanta-se vindo em nossa direção.

Nati vê o namorado e seu rosto ilumina, nenhum sinal da determinação vingativa de minutos atrás. Seus olhos são só amor ao

estender os braços como um bebê que pede colo. — Amooooor, estou muito brava com você.

— Eu sei, Docinho. O que andou aprontando, hein?

— Bebi todas.

Ele ri e vai pulando em direção a ela. — Dá para perceber.

— Ah... e vi vagalumes e babei em mim também. — aconchega-se quando ele senta com dificuldade ao seu lado. — Por que sumiu sem me avisar? — pergunta manhosa.

— Vou cuidar de você e depois responder às suas perguntas, ok?

Uma pontadinha de inveja me toma. As coisas entre eles parecem tão fáceis... Por que Theo não pode simplesmente fazer o mesmo? Responder às minhas perguntas e acabar logo com a desconfiança que me corrói e estraga tudo.

Olho para Theo por um momento e ele me observa, sua testa franze e não tenho ideia do que está pensando. — Simplesmente, me diga. — sussurro e sua boca abre e depois fecha, como se ele estivesse em busca de orientação divina e não encontrou. Ele corre as mãos pelos cabelos e fecha os olhos brevemente, parecendo tão vulnerável quanto eu.

*Droga!*

Volto para o casal a minha frente.

— Não gostei nadinha de te ver falando com aquela bunduda. — minha amiga afaga o rosto do namorado.

— Me viu? Como?

— Ops! — ela ri como uma menina travessa que acaba de ser pega.

Espero para ver como Nati vai sair dessa, mas a espertinha afunda o rosto no peito de Pedro e ronrona que está triste e que ir para casa fazer as pazes. Os olhos dele piscam antes de fazer sinal para o segurança parado na porta. O homem corpulento entra e a ajuda levantar-se sob os olhos atentos do chefe. Apresso-me para ajudar a recolher a bolsa e os sapatos de Nati e os entrego ao segundo segurança.

Despedidas são feitas, ordens para nos deixar em paz são dadas e ficamos só eu e Theo parados um de frente para o outro na sala.

— Não quero brigar por causa da Andreza. Podemos deixar isso para lá? — Theo toma a iniciativa de quebrar o silêncio.



Seus olhos buscam os meus e não consigo evitar, mas sinto decepção.

Desvio o olhar. — Não. Não podemos. — recolho as canecas em cima da mesa de centro. — Ponha-se no meu lugar, iria gostar se eu tivesse te largado sem nenhuma explicação e sumido por horas com Bernardo?

— Teria ficado maluco. — sussurra asperamente atrás de mim ao me seguir até a cozinha.

*Deus do céu.*

Coloco as canecas na lavadora e apoio as mãos sobre o balcão da pia. — E acha que fiquei como? Dando pulos de alegria? — giro ficando de frente para o corpo alto e musculoso, aponto para ele e depois para mim. — Trata-se de confiança, lembra?

Meu coração tropeça ao vê-lo fechar os olhos e puxar uma respiração lenta e profunda. Quero esticar o braço e acariciar seu maxilar tenso, mas não posso ceder agora. Mesmo quando se ama muito alguém, é preciso impor limites e falta de honestidade é um troço complicado para mim.

Os castanhos-mel abrem e Theo inclina o corpo em minha direção, apoiando as mãos grandes no balcão aprisionando-me. Sua testa encosta na minha. Sem reação fico quieta sentindo sua respiração quente batendo em minha pele.

— Andreza foi até a Callas, querendo conversar. Fez mais um dos seus escândalos na portaria, não quis que você descesse, porque não sei qual seria a reação dela se te visse. Disse no telefone que leu sobre nós na internet e Thenka não foi exatamente gentil ao descrever você. Já chega o que minha irmã fez, não vou deixar ninguém mais tentar te machucar. — acaricia o corte quase cicatrizando.

— E não podia ter me dito isto? Precisava sair daquele jeito enlouquecido e me deixado em branco, apavorada? Por que o pai dela foi te procurar? Por que não quis nem o escutar? Por que não deixou que Mike se encarregasse do assunto? Que novidade era aquela?

— Outra de suas chantagens, nada que vá mudar o que temos entre a gente. Mais uma mentira... *Merda!* — fecha os olhos e inspira novamente. — Só precisa confiar em mim. — segura meu rosto e olha tão profundo que me assusta. — Deixe que eu resolva as coisas a minha maneira. Sabia que você estaria esperando lá em cima, se o encontro com Thenka foi ruim,

acredite com Andreza seria pior. Ela não tem limites para conseguir o que quer. Então levei-a até a casa dos pais dela para colocar tudo em pratos limpos de uma vez.

— E ela quer você.

— Não sou um brinquedo, Nina. O pai dela está acostumado a dar tudo que as filhas querem, mas não sou como o otário que casou-se com a irmã dela. Não quero o dinheiro dos Drakos e estou cagando para a influência política deles. A Callas é mais forte que qualquer ameaça que ele venha a me fazer.

— Mas por que insistem mesmo sabendo que seria para a infelicidade dela?

— Dinheiro, Nina. Dinheiro...O Drakos é um narcisista obcecado pelo poder. Para chegar onde quer, precisa bem mais que alianças políticas. Uma ligação direta com um Callas, financiando seus acordos, o levaria direto para o planalto.

— Fala sério, ele quer ser Presidente do Brasil? — quero rir, mas a cara de Theo está tão séria que não me atrevo.

— Se pudesse, aposto que se candidataria ao salão oval.

*Deus, que gente doida.*

— Então, isso é bem mais que um sonho de menina... Ou um pacto entre amigas malucas? Se sabia disto, por que alimentou esta história?

— Nina, eu não sou moleque. Sempre joguei claro com Andreza, nunca dei a falsa ilusão de algo a mais. Ela ficou anos indo e vindo entre eu e Pedro. A fonte do meu primo secou, ela mirou em mim. Simples assim. Foi divertido por um tempo, mas coloquei um fim, assim que percebi que havia interesses maiores por trás.

— Anos?

— Anos correndo atrás dos Callas, mas as vias de fato, foram umas poucas noites de farra e muita bebedeira. Sei que vai me achar um calhorda e não me orgulho disto, mas da última, eu nem lembro direito.

Ok, eu pedi honestidade, mas não quero ouvir mais nada. A ideia dele se esfregando na maluca interesseira embrulha meu estômago. Ele sabia das intenções dela e usou-a mesmo assim, não gosto disso... *Merda!* Tanta coisa poderia ter dado errado, mulheres como estas não desistem, buscam uma brecha e atacam. É como brincar de roleta russa.

— Você brincou com fogo, Theo. — digo seca.

— Eu sei e me arrependo.

De repente sinto pena e nojo.

— E a Thenka é o que no meio disto tudo? Um brinquete? A irmã maluca que está sendo usada em uma manobra política? — empurro seu peito grande e saio da cozinha indo em direção ao quarto. — E eu? Uma pedra no caminho que eles farão de tudo para eliminar?

— Claro que não! — Theo corre atrás de mim e tenta pegar meu braço, mas sou mais rápida e puxo de seu domínio. — Ninguém vai fazer mal a você e Thenka, conhece ela... Não é uma vítima.

Não me convenço. Entro no quarto e começo a jogar o travesseiro e o edredom em sua direção. Preciso pensar e não posso fazer isso com ele ao meu lado.

— O que está fazendo?

— Preciso de um tempo!

— Não vou dormir na sala!

— Então fique no escritório com o Rafael.

Uso toda a minha força para empurrá-lo para fora, mas ele não sai do lugar. — Nina.

— Saia. — berro a plenos pulmões, mostrando que não estou para brincadeira.

— Acha que sou culpado por tudo isso?

*Culpado, não.*

*Inconsequente, sim.*

— Theo, some da minha frente! — berro mais e continuo empurrando e por Deus, agradeço que ele começa a andar de ré.

— Quero resolver agora! — insiste.

— Já disse que preciso de um tempo. Se espera que eu vá viajar amanhã, deixe-me respirar. Estou com nojo de você com aquela sirigaita!

— Nunca disse que era virgem, porra!

Berra levantando as sobrancelhas escuras expressivamente.

— Não me interessa!

Berro mais, mesmo sabendo que ele tem razão e que eu também já tive outras experiências antes dele. Porém, a onda possessiva que faz meu corpo inteiro tremer vence a batalha contra o bom senso. Estou irracional e tudo que escuto são as minhas células gritando é meu!

*Maldita descarga hormonal!*

— Foi só sexo. — murmura ao abaixar e pegar o travesseiro e a coberta.

Se a intenção de Theo era aliviar as coisas errou feio. Odeio que ele já tenha feito sexo na vida e é perturbador como a imagem dele transando alucinadamente com a outra me afeta. O monstro verde do ciúme ataca minha jugular e sinto que estou preste a sufocar.

*Ai que ódio!*

— Saia... saia... sai... — vou gritando e o empurrando com uma força inexplicável que surge das profundezas do meu me âmago ciumento. — E... e... Tome uns trinta e oito banhos e... e.... Nunca mais chegue perto de mim com esse seu Indecente!

Já arrependida, bato a porta em sua cara e me jogo na cama destruída e exausta.

*Acabou?*

*Posso morrer agora?*

## Vinte e dois



**A** cordo vivinha da silva, com o coração apertado e farta de discussões. Passei a noite inteira dividida entre abrir a porta e ir pedir desculpas, e descobrir o que cargas d'água deu em mim para me transformar em uma possessiva desmedida. Culpa da nossa relação não foi, porque gosto do jeitinho que estamos, mesmo que isto inclua as brigas.

*Droga!*

Ceder é tão complicado, meu lado racional diz que eu tenho razão. Theo errou me deixando no vácuo e errou em arrastar a situação com Andreza. Mas fazer o quê, se meu coração anda um molenga e implora para eu deixar para lá?

Tadinho, não é culpa dele ser cercado de pessoas absolutamente malucas.

*Difícil.*

São sete e quinze da manhã, muito cedo para encarar outra DR. Sem sono, suspiro e arrasto meu corpo para fora da cama... Passo mais um tempo trancada no quarto arrumando uma pequena valise com tudo que eu possa precisar na viagem. Repensei minha decisão sobre Ilhabela. Conheço meu Anjo... se eu não for, ele não irá e a Callas precisa deste contrato. Talvez uma mudança de ambiente seja bem-vinda, tem gente demais interferindo em nosso relacionamento.

Sorrio quando encontro, no meio das minhas coisas, um maiô branco até que bem sexy e coloco junto na mala com mais três biquínis.

Saio do quarto e o apartamento está silencioso. Imagino que Theo ainda esteja dormindo e não quero ir fazer as pazes de cara inchada. Então,

corro para o banheiro e depois de fazer minha higiene matinal, checar a validade da depilação e de uma ducha demorada, olho atentamente meu corpo no espelho. Meus seios estão mais pesados, mas fora isso, acho que até emagreci mesmo. O que vejo, faz meu humor melhorar... Deixo de lado os delírios sobre gordura e segura com a minha aparência, opto por uma roupa mais atrevida. Saia curtinha jeans verde, regatinha branca e um All Star vermelho, amarro uma bandana verde nos cabelos e uma jaqueta jeans na cintura, caso esfrie.

Colorida e com saudades, vou ansiosa até a sala atrás do meu anjo devasso . *Ué?* Nada dele só um bilhete em cima do balcão da cozinha

### **Amor**

**O sofá estava ótimo, minha coluna agradece.**

**Seu celular continua desligado.**

**Bati na porta, mas acho que ainda está braba.**

**Vou encontrar o velho Callas.**

**Volto às dez.**

**Te amo, sua carrasca**

**Nunca esqueça disso**

**Theo**

Releio o bilhete e dou risada, seu sarcasmo é divertido. Fui carrasca mesmo em exigir que um corpo do tamanho do dele se encaixasse naquele sofá minúsculo. Preparo as coisas para um café, volto para o quarto e depois para a sala, trazendo a bolsa e minha pequena mala de viagem. Com uma xícara fumegante de café na mão sento no sofá, alcanço o celular e ligo o aparelho.

Há dezenas de recados antigos de Theo perguntando onde eu estava ontem e uma ligação de minha mãe de hoje cedo. Eva está inconformada, batendo na mesma tecla há dias... uma mesada mais recheada. Em sua mente deturpada, ela acredita piamente que eu esteja vivendo como uma princesa às custas dos Callas. E como rainha, exige uma participação nos lucros, óbvio. Chegou a ligar para o meu advogado no início desta semana, sondando a possibilidade de ser beneficiada em um contrato de casamento. Disse a ele que saiu prejudicada na separação com Bernardo e quis se garantir desta vez.

*Deus!*

*Como se ela tivesse algum direito!*

Dou risada imaginando o escândalo que irá fazer quando descobrir que não tenho a intenção de casar e o menor interesse nos bens de Theo. Ignoro a ligação, chega de brigas enlouquecedoras.

Ligo para o meu Anjo.

— O que é agora? — atende furioso no segundo toque.

Levo alguns segundos para me recompor, esperava por sarcasmo não aspereza. — Ah... hum...oi. Eu só queria... hum ... Está ocupado? — pergunto já arrependida de ter ligado.

Enquanto decido se finjo que a ligação caiu, ouço-o soltar um profundo suspiro. — Oi, é você, amor? — limpo a garganta, respondo que sim e estranho. A menos que minha voz tenha sofrido uma mutação, sim sou eu. — Desculpa, amor. É a Nina... — diz, pede um minuto para alguém e o som de uma porta fechando bate do outro lado da linha. — Só conversando com meus pais. — parece aborrecido.

— Algum problema?

Um silêncio incomodo vem dele e imagino que Thenka possa estar dificultando as coisas na clínica. — É a Tenka? — pergunto com cautela.

Suspira novamente. — Também, mas não quero que esquite a cabeça com isso. Tudo bem?

Seguro uma leve irritação por Theo não querer se abrir e contar o que está acontecendo. Respiro fundo lembrando que os Callas têm o direito de resguardar seus assuntos familiares. O que é justo... certamente, eu mesma não irei dividir com ele as últimas barbaridades da minha própria mãe. — Tudo. Senti sua falta quando acordei. — mudo de assunto querendo que saiba que estamos bem.

— Ôhoo, meu amor... Eu senti sua falta a noite inteira. — sussurra com a voz mais branda.

— Meu Anjo, desculpa pelas suas costas. — coloco a xícara de café intacta sobre a mesinha. — Não quero que me ache uma carrasca, prometo uma massagem caprichada para me redimir

Acho que ele sorri. — Te acho uma carrasca linda e braba, pode se preparar que eu vou cobrar com juro e multa.

*Vou adorar que cobre . Faço biquinho mesmo que ele não possa ver e me joga no sofá.*

— Não vi sua mala, quer que eu arrume? A minha já está pronta.  
— jogo a deixa.

Agora ele sorri de verdade e de um jeito aliviado. — A governanta arrumou ontem e deixou no escritório.

Meu coração aquece com o som delicioso de sua risada, fico feliz por ele ter gostado da minha mudança de planos. — Vou pedir para o Rafael, trazê-la, então. Vai demorar?

— Não muito, só o tempo de encerrar com os meus pais. Eles vão sair daqui a pouco para ir visitar a Thenka. — seu tom volta a ficar aborrecido. — Alguma esperança quanto irmos de helicóptero?

Bufo teatralmente para que ele ouça.

— Não abusê, vomitar de pânico não combina com os meus planos sensuais para hoje. — digo rindo.

— Opa, longe de mim estragar seus planos, minha carrasca sexy.  
— ri bem mais animado. — Volto o mais rápido que puder. Daqui até Ilhabela são 4 horas de carro, não quero chegar tão tarde.

— Tá bom, vou terminar de aprontar umas coisas.

— Amor, eu te amo, nunca esqueça disso. — seu tom é ansioso.

— Eu sei, meu Anjo. Essa é uma das coisas que me faz amá-lo mais.

Toda a tensão entre nós vai embora. Desligo decidida a deixar de lado, o capítulo Mulheres loucas do Theo... por enquanto.



Dou a volta no carro e meus tênis fazem barulho contra os pedregulhos que recobrem o chão do estacionamento. As poucas árvores que brotam no terreno de esquina enorme, projetam sombras no solo irregular e a estreita cobertura de telhas, que protege alguns carros, não ameniza o calorão insuportável das dez horas da manhã.

— Não acho que seja uma boa ideia, Senhorita.

Pego a mala de Theo, que Rafael segura e jogo no banco de trás, junto com a minha. — Quer ideia melhor? Estou louca para testar esta belezinha aqui. — bato na lataria recém restaurada do meu Betoven. — Abasteceu?



— Também chequei o óleo e calibrei os pneus. — responde não convencido.

— Sei que estão acostumados com estes tanques. — aponto para a Ranger que a segurança usa. — Mas isto não quer dizer que meu pequenininho aqui, não seja capaz. O mecânico disse que o motor está zerinho.

Ele franze o nariz, tira um lenço do bolso da calça jeans e enxuga o suor da testa. Dou um pulinho para trás quando as pedrinhas do chão chamam sob os pneus de uma Ferrari amarela conversível, que entra com tudo no estacionamento.

*Upa lelê...*

Meus hormônios superaquecem ao conferir que o piloto é o gato gostoso do meu namorado. *Diacho de homem mais lindo ...* Seus cabelos estão despenteados pelo vento e está usando uns óculos escuros estilo aviador, que o deixam com cara de selvagem mau. *Delícia de homem .* A camiseta preta, que marca os músculos do peito e dos braços, contrasta com a cor vibrante da lataria.

*Jesus Amado.*

Acompanho de queixo caído, Theo manobrar e estacionar entre a Ranger e meu Betovem, sob a vaga coberta. Desce do carro com um sorriso aberto e quero mordê-lo e depois lambê-lo todinho quando vejo suas coxas grossas valorizadas em uma calça jeans surrada e rasgada... Depois beijá-lo por causa dos All Star pretos novinhos em seus pés. *Nossa Senhora.* Nem consigo acreditar que eu tenho acesso a toda essa tentação pelada. A forma como a calça pende em seus quadris, delineando um Indecente que é meu, é de querer transar no capô.

*Putá merda, tomara que tenham umas moitas na estrada.*

Quando saio de atrás do meu carro seus olhos arregalam fechados em minhas coxas. Vou correndo até ele e me penduro em seu pescoço cheiroso. — Você está todo lindo, Senhor Callas. Adorei os All Stars. — sussurro em seu ouvido.

Theo olha feio para Rafael que vira de costas e duas mãos desesperadas tentam puxar minha saia que sobem quase no limite da indecência. — Meio curta essa porra, aí. — rosna e eu sei que é porque me ama.

Dou risada e aproveito que Rafael finge estar vidrado em um passarinho na árvore e instigo os lábios emburrados de Theo com a ponta da minha língua. — Relaxa é só uma saia.

— Nossa, pensei que era um cinto. — rosna e eu rio.

Mordo o gordinho de seu lábio e uma mão aperta a minha bunda e a outra continua a forçar o tecido para baixo. — Exagerado, estamos indo para a praia. Queria o quê? Uma burca?

— Um pouco mais de tecido já estava bom.

— Ferrou. — franzo o nariz e beijo o canto de sua boca.

— O quê?

— Sou adapta do fio dental e do Top Less.

Um tapa ardido castiga a polpa da minha bunda. — Ai, ai! — solto um gritinho, Rafael vira arregala os olhos ao me ver atada ao Theo, cora, desvira e volta a observar fixamente para a árvore.

— Vai provocando, vai. — agarra meu cabelo pela nuca, fazendo encará-lo e suga meu lábio inferior. — Esses peitos e essa bunda pertencem a mim. — enfia a língua na minha e tira. — Nem ouse mostrá-los para mais ninguém. Entendeu? — rosna grudando nossas bocas.

Gosto de jeito que me beija possessivo e urgente e parece um pouco assustador. Ronro um “ *Hum, hum* ” e ofereço a minha língua. Ele a chupa forte o que faz meu clitóris pulsar automaticamente. Sem parar de beijá-lo, puxo-o e ficamos entre a Ranger e a Ferrari. Sou esmagada contra o aço ainda quente o que me atíça mais. Gemo baixinho enquanto ele fode minha boca com fúria e puxa forte o meu cabelo . *Eita que delícia* .

Solta a minha boca inchada de tanto seus pelos ralarem nela. — Gosta de me provocar, né Caipira safada. — beija duro. — Depois, se eu não aguento e te fodo aqui na frente de todo mundo, vai achar ruim.

Suas palavras giram meu interruptor da luxúria e ligam uma vontade indecente de dar para esse homem bem gostoso e agora mesmo.

— E se eu disser que não vou achar ruim. — fico na ponta dos pés e esfrego minha virilha contra o volume que cresce em seu jeans. — Pedes para o Rafael ir fechar a casa e comprar protetor. — sussurro minhas más intenções.

— Nina... — espanta-se.

*Ué?*

*Só os homens podem ser atrevidos?*

— Por favor. — pressiono mais nossas virilhas. — A Ranger é blindada e têm insulfilm.

— Vamos para casa. — fala com a voz mais rouca que o normal.

Inspirada pelo silêncio que nos rodeia, sinto-me audaciosa. Se podemos foder na Callas, por que não aqui? Ele está tão viril e sexy rodeado por esses carros nervosos que atravessar a rua e subir a escadinha me parece longe demais.

— Não. — olho rapinho para o lado e depois de ver que ninguém nos observa, pego e escorrego a mãozona de Theo para baixo da minha saia. Seu peito ruge ao tocar a renda que protege o meu sexo úmido. Em seguida, parecendo lutar contra o próprio tesão, olha sobre os ombros para Rafael que continua firme contando cada galho da árvore. — Quero aqui. Estou com saudades e molhada demais para andar.

— Puta merda! — grunhe e antes que eu entenda o que está acontecendo a porta da ranger abre e sou lançada no banco de trás. — Tire a porra da calcinha e me espere. — rosna irritado e ultra excitado ao mesmo tempo.

Agora sim!

Sento no banco e tiro a calcinha, borboletas invadem meu estômago de tão excitada que estou por fazer algo indecente e proibido. O carro está fresquinho, mas me inclino assim mesmo, para alcançar o painel e ligar o ar condicionado. A porta fecha, Theo solta um — Caralho como você é boa e louca! — suas mãos agarram o meu quadril e eu caio sentada em seu colo.

— Ai Jesus! — berro excitadíssima. Não sei em que momento ele abaixou a cueca e o jeans, só sei que é o seu pau Indecente, bem duro, que cutuca a abertura da minha nádega.

— Não sei se como o cuzinho, a bocetinha ou os dois. — ergue minha camiseta trazendo o sutiã junto. Ambos ficam acumulados no meu pescoço e dedos afiados puxam meus mamilos sensíveis e super duros. Gemo.

O que fizemos em seu escritório foi incrível, mas muito intenso. Não sei se aguento quatros horas sentada depois de sentir a potência do Indecente em uma nova experiência anal. — Quero na boceta. — mio minha preferência.

Ele gira meu corpo como se eu não pesasse nada e ficamos cara a cara. Eu montada nele, de pernas escancaradas e com os joelhos apoiados no couro macio do banco de passageiros. Do ângulo que estou, minhas partes femininas ficam totalmente expostas e vulneráveis, minha saia está enrolada na cintura e o jato de ar gelado que sai do ar condicionado, entre os bancos da frente, incide diretamente sobre os meus lábios íntimos molhados e quentes e o clitóris.

*Que sensação louca!*

Gemo lentamente, inundada pelo calor que vem de nós e provocada pelo ar geladinho em minha boceta.

— É disso que gosta, minha Caipira safada? — Theo provoca meu mamilo com os dentes, alheio à sensação incrível que estou vivenciando em minhas terras baixas. — Do perigo de ser pega enquanto te fodo bruto? — o conjunto da obra do lugar proibido, dele mordendo e chupando meu seio, da sua voz mais que safada e do ventinho gelado no quente, é tão maravilhosamente indescritível, que eu só gemo mais, mais e mais.

— Amo o jeito como fica entusiasmada em nossas fodas. — rosna e afunda o rosto entre os meus seios. Suas mãos espalmam minha bunda puxando-me e abrindo-me mais.

— E tem como não ficar? Você me deixa maluca. — falo com dificuldade, meu clitóris incha e se ficar mais um segundo sendo estimulada deste jeito, acho que posso gozar só com o vento e as mãos dele. *Obrigada senhor pela natureza, pelos carros e por esse homem...* Meus agradecimentos são interrompidos por um dedo que se infiltra e começa a massagear minha vagina espalhando minha excitação.

— É um tesão como a sua boceta fica molhada para mim. Posso sentir o seu cheiro doce daqui. — enfia o dito cujo do dedo alargando-me.

— Ai, caramba... Como isso é bom. — cavalgo o invasor segurando os ombros largos de Theo e jogando a cabeça para trás. Fecho os olhos, perdida na sensação que é ser tocada por meu Anjo devasso e lambida pelo vento.

Não importa que passamos os últimos dias transando feito loucos, que ontem de manhã ele me levou ao paraíso em uma chupada histórica no balcão da cozinha. E que depois me alimentou minha boca com seu gozo em uma chupada safada e lentina em sua sala... Com Theo tudo parece

urgente, o muito é pouco e eu o quero tanto... Mais e mais e de todas as formas. É tanto amor envolvido, que meu peito arde a cada respiração.

Fecho minhas mãos em seus cabelos e o puxo para um beijo febril. O dedo sai, mas eu não ligo, sinto-me completa consumindo-o e saboreando-o. Nossas línguas entrelaçadas transam de um jeito tão delícia que poderia ficar horas perdida neste homem que é um inferno de quente e celestial de tão bom.

De repente ele move o quadril em um impulso único de vai e vem e sou empalada por seu Indecente, que entra mostrando todo o seu poder. Minha boceta expande ao recebe-lo inteiro até a base. — Deus... — perco o ar e arregalo os olhos.

— Eu amo sentir você. — diz avidamente contra a minha boca enquanto sai e entra duro de forma quase punitiva. Grito. — Nunca me deixe. — rosna e começa a movimentar o quadril rápido e forte, fodendo com um vigor impressionante. — Nunca me deixe. — repete quase raivoso.

Sua respiração sibila misturando-se a minha. — Então, nunca me engane. — ofego a verdade, dominada pela sensação intensa de seu pau entrando e saindo vigorosamente, que atinge todo o meu corpo em picos de prazer.

Esse homem me toma de um jeito tão bom... Tão rude... Tão dele... Sou uma presa indefesa diante de sua armadilha de fúria e paixão.

— Eu te amo... — afunda mais uma vez em minha carne macia. — Só existe você e vai ser sempre você! — entra e sai com urgência. — Desculpe se eu sou um impulsivo, um imprudente... Tem que acreditar em mim, haja o que houver. Eu te amo, porra! — rosna desesperado e recomeça uma sequência de investidas frenéticas. Arremessa o quadril e mete... mete... mete... Tira, puxa, segura, impulsiona... Meu corpo sobe e desce com tamanha intensidade e meus seios balançam diante dele

— Não deixe ninguém estragar isso. — suga meu mamilo e meu clitóris contrai em alegria.

— Hum, hum — ronrono. Noto o desespero em suas palavras e movimentos, mas estou flutuando, perdida em outro orgasmo iminente longe... longe... longe.... Assimilo as estocadas enérgicas, o “ *Eu te amo, porra!* ”, giro os quadris para lhe dar prazer.

Meu coração galopa... — Te amo. — murmuro e a cabeça de seu pau esfrega o ponto certo. — Não mude... Ai Jesus! — peço e então não

tenho escolha... — Oh! Deus! Oh! Deus! Esse é forte! — explodo em êxtase e o beijo desesperadamente.

Meu corpo convulsiona, roubando todo a minha razão. Preciso do beijo para ocupar minha boca e não gritar estourando os vidros do carro. Estar rodeada por ele, preenchida por sua força é como o paraíso, deixo-me levar embebida em segurança e luxúria. Meus músculos internos tremem ao redor da glória masculina de Theo, sugando-o e pedindo que me dê tudo. Ele estremece quando bombeia seus quadris uma última vez, apertando a minha bunda de um jeito que vai deixar marcas.

Um grunhido selvagem invade minha garganta ao mesmo tempo que Theo me inunda por dentro com jatos frenéticos e quentes. — Porra, caralho, Ninaaa. — quando se agarra a mim com toda a força, afundando o rosto na curva do meu pescoço, sorrio debilmente para o aconchego que seus braços fortes me trazem.

Fico abraçada como um coala carente, peito contra peito, corações na mesma batida louca, acompanhando nossas respirações voltarem ao ritmo. O carro gelado impediu nosso suor, estamos fervendo no polo norte. Sinto o contraste de temperatura em minha pele e o agarro mais... mais... mais.

*Ele é tão quente.*

Sou totalmente devota a ele. — Meu Anjo, você arrasa nessa coisa de sexo. — beijo seu ombro.

Sua mão afaga meu cabelo arruinado. — Só porque minha mulher é a melhor.

— Theo, eu queria uma coisinha.

— Tudo o que quiser...



Quero rir.

De banho recém tomado, Theo coça a nuca preso em uma sinuca de bico. Expio de canto de olho evitando um confronto. Sua calça velha e os tênis são os mesmos, mas a camiseta preta foi trocada por uma polo Ralph Lauren cinza...

*Meu mauricinho emburrado e cheiroso .*

Foi ilusão eu acreditar que o ar condicionado iria fazer milagre e camuflar as nossas roupas e cara amassada de *fodemos-muito-agora*. Foi colocar os pés para fora do carro, para as evidências aparecerem e o suor brotar como uma cachoeira.

Um banho às pressas foi inevitável e são quase meio dia e ainda estamos empacados de volta ao estacionamento.

Feliz por ter dado um cheque mate nele, acabo não aguentando e sorrio. — Disse tudo o que eu quisesse, lembra? — desamarro minha jaqueta e jogo no banco de trás do meu carrinho. Assim como ele, mantive, mesmo sob protestos, a escolha de roupas. Saia verde e o All Star vermelho, só troquei a camiseta justinha, por outra regata mais larga. Meus cabelos, agora molhados, estão presos em um rabo de cavalo alto.

— Foi trapaça, pensei que fosse algum lance sexual. — grunhe, forçando um pneu traseiro com ponta do pé.

— São novos. — informo orgulhosa e chuto o pneu da frente com força, imitando-o. — Nossa, robusto, né? — balanço meu pé. Meu dedão nunca mais foi o mesmo depois daquela topada.

Rafael vira de lado e ri.

Theo me olha irritado. — Tô vendo, o câmbio deve ser da idade da pedra. — reclama e em seguida, olha para a sua Ferrari e volta para o meu Betoven. O dele grita potência e segurança, o meu sussurra história e vai devagar comigo.

Não me importo. Eu o amo. É lindinho e conversível também.

Faço uma pausa de um segundo, com ar ofendido e melodramático. — Você quem disse que eu precisava de um carro. — acaricio a lataria verde e branca do capô.

— Mas, não desse aí. — diz com sarcasmo, abaixa e verifica o escapamento. — Ele tem o dobro da minha idade! — grita sem que eu possa vê-lo.

Mordo o lábio aflita. — Isso é preconceito contra os idosos, deu sua palavra.

Rafael explode em uma gargalhada mal disfarçada de tosse. Meu anjo submerge do chão e o trucida de um jeito nada, nada celestial. — Acho que está tudo certo por aqui. Pode ir curtir a sua folga. — Theo o libera.

Vermelho como um pimentão, o segurança agradece e vira para se despedir de mim.

Aceno para Rafael, ainda surpresa por Theo ter dispensado toda a segurança. “ *Um fim de semana só nosso.* “ Foi o que me disse no banho.

Assim que ficamos a sós Theo se aproxima e diz. — Não vou voltar atrás, mas que eu me sinto enganado, eu me sinto. As chaves. — estende a mão de má vontade em minha direção.

— De jeito nenhum, eu dirijo.

As veias em suas têmporas saltam. — Sabe o caminho por acaso?

— Como posso saber, se nunca dirigi em São Paulo. — abro a porta, sento, ajeito o corpo e o cinto de segurança, e acaricio o volante. — Entra aí, copiloto.

Assim que ele senta, todo espremido, no banco do passageiro e bate à porta, eu ligo o carro, começo a manobrar e ele morre. *Eita!* Dou partida novamente. — Tô pegando o jeito ainda. — sorrio tentando passar confiança.

Como um instrutor de autoescola, Theo apenas assente, faz um gesto para que eu continue e as veias de suas têmporas estão pulsando para valer agora. Excitada, toco em frente... Olho ansiosa para os lados, saio lentamente do estacionamento e ganho a rua imaginando se foi ele quem ensinou as irmãs a dirigir.

*Nossa que delícia, dirigir é tão bom.*



Quinze minutos depois estou suando frio. Nunca vi tanta ladeira na vida e minha experiência em parar no farol, com o carro inclinado para trás, é zero. Penso no mico que passei há duas quadras atrás, quando troquei a direita pela esquerda e entrei na contramão. Não sou muito boa em receber instruções de trânsito e juro que pensei que Theo fosse explodir quando freei com força e parei o carro no meio-fio, mas ele só me olhou muito intrigado, respirou fundo e disse.

— Sabe qual é a direita, não sabe?

*Claro que sei!*

Na hora afirmei efusivamente, balançando a mão que eu escrevo, aquela da pulseirinha. Mas acho que ele não engoliu muito, depois disso passou a falar com calma como se fosse criança e a estender a mão apontando o lado que eu deveria entrar.



Meus braços tremem de tanto, que eu aperto o volante pensando que terei que soltá-lo a qualquer momento, para mudar a marcha. Sofro por antecipação e aperto a embreagem que reclama. *Merda!* Imagino o carro descendo e batendo na picape atrás de nós.

*Droga!*

— Tudo bem aí? — Theo se diverte com a minha agonia.

Fecho os olhos e mordo o lábio. *Não! É claro que não estou bem!*  
— Hum, hum, sim. — digo baixinho, não ousando admitir meu desespero para ele.

O carro buzina histericamente atrás de nós, avisando que o farol abriu. *Deus é agora!* Mordo os lábios em concentração total e não sei como, mas consigo sair cantando o pneu e subir a rua íngreme.

Theo apenas ri.

*Cretino.*



Meia hora mais tarde, estou quase tendo um ataque de pânico.

*Gentê do céu!*

*Para quê, tanto stress?*

Uma avenida enorme se aproxima, ao avistar o inferno que me espera pela frente, embico o carro no primeiro posto que aparece. Estou extremamente frustrada. Não há falsa calma, nem palavra de incentivo de Theo que vá me fazer enfiar o Betovem em uma via rápida com os carros enlouquecidos.

Resignada, entrego a chave para ele, convencendo-me que é até uma questão de segurança. Não sou de desistir fácil, mas me sinto engolida por esta cidade. Eu amo dirigir... Em Curitiba com seu trânsito e os motoristas civilizados. Aqui, no meio deste caos, onde a cada segundo eu recebo buzinas, fechadas e xingamentos de — Porra, meu! Volta para a autoescola, loira burra! — descobri que é uma tortura.

— Que foi?

— Já chega de teste drive por hoje. — a mágoa em minha voz é indisfarçável. — A cidade é sua, dirija você.

Penso por uma fração de segundo, ter visto um esboço de sorriso em seus lábios. Sua boca abre e fecha e o silêncio vem em seguida... Posso

sentir as engrenagens de seu cérebro funcionando e me preparo para ser esculhambada.

— Tudo bem. — pega a chave.

*Uh o quê/*

Franzo a testa. — Só isso? — não esperava só um *tudo bem* . — Não vai sentir vergonha por dirigir um carro velho? — *Bernardo morreria por isto.*

— Não. — diz sério. — Não sou esnobe se é isto que está insinuando... — *esnobe não, só homem mesmo...* — ..., mas é claro que eu preferiria dirigir o meu carro. A questão aqui não é idade ou aparência, é confiança na máquina.

Não digo nada, faz sentido.

Absolutamente intrigada, eu o observo sair e dar a volta no carro enquanto passo a perna pelo freio de mão e me sento no lugar do passageiro. Acho muito estranho mesmo e por algum motivo, meu Anjo está pegando leve comigo. Homens são uns cretinos quando se trata de jogar na nossa cara, sua hegemonia como pilotos... Theo não, apenas arrasta o banco do motorista o máximo que consegue para trás, dá a partida e entra tranquilo no trânsito caótico.

Ele olha para mim depois de acelerar e mudar para a pista da esquerda. — Em que está pensando?

— Que eu não quis insinuar nada, desculpe. — desvio o olhar para o ponto onde sua mão desce para tocar a minha coxa.

— Tudo bem... Posso ter exagerado lá no estacionamento... Não quero correr riscos, não com você ao meu lado e só para a sua informação, meu avô é um grande apreciador dos clássicos... Mantém até hoje o primeiro fusquinha que comprou no Brasil.

Um carro emparelha o nosso com os vidros abertos. Há uma baita discussão acontecendo entre um casal.

— Por que está fazendo isso?

Ele franze o rosto quando o motorista ao lado berra com a mulher, que não aguenta mais e acelera. — Isso o quê?

— Está sendo um amor comigo? Qualquer um já teria estourado na primeira ladeira.

Theo desvia a atenção do trânsito e me olha com ternura. — Porque eu te amo.

*Ah!*

Sorrio satisfeita com a resposta. Descubro que o carro não tem rádio e entramos na estrada em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos.



Quatro horas depois...

— Acho melhor você manobrar e eu empurrar. — Theo grita irritado com o braço e a cabeça para fora do carro.

Balanço os braços dispersando a fumaça preta que sai do escapamento. — Não, deixa que eu consigo! Só mais uns metros e tem a descidinha! — berro com a consciência pesada, espalmo as duas mãos na traseira do Betovem e volto a empurrar...

Um... dois...

*Eitaaaa.*

O carro ganha embalo, perco o apoio das mãos e o equilíbrio. *Ai Jesus!* Desajeitadamente consigo evitar um tropeção, retomar o controle das pernas e endireitar o passo até parar.

*Essa foi por pouco.*

Agradeço por não ter me ralado todinha no asfalto.

Que situação.

Fico parada no meio da estrada vazia vendo Theo afastar-se com o carro e fazer uma manobra para estacionar em cima da grama. *Droga.* Meu Betovem estava indo muito bem, até que começou uma sinfonia barulhenta de engasgos no motor e estouros no escapamento.

*Eu mato aquele mecânico!*

Rezando para que o *eu te amo* supere isso também, corro para encontrar o Theo que sai do carro. Com uma mão na cintura e outra no cabelo, ele dá a volta em Betovem. Sua expressão não é nada feliz quando ajoelha e depois deita na estrada para checar o escapamento.

— E aí? — pergunto esbaforida assim que chego perto.

Fico no vácuo, Theo enfia quase meio corpo embaixo do carro. Impaciente, coloco as mãos na cintura, giro, olho ao redor e vejo que estamos no meio do nada. Só estrada, mato e a silhueta desfocada de uma Kombi despontando bem ao longe. Demoro para distinguir se está

realmente em movimento. A velocidade com a qual a forma vai aumentando de tamanho é muito lenta, quase parando.

*Mas que droga!*

A viagem estava indo tão bem... De alguma forma nós conseguimos bloquear todos os assuntos ruins e passamos horas conversando sobre amenidades ou simplesmente ficamos calados admirando as cidadezinhas litorâneas que apareciam vez ou outra ao lado da estrada. É muito frustrante que justo na última serra a coisa tenha degringolado. E não posso deixar de me sentir culpada por isso, eu deveria ter me certificado que o carro aguentaria.

Irritada por ter estragado o dia forçando a barra em vir com meu carro, chuto uma pedrinha do asfalto e olho para o céu. — Ah... Qual é? Até... O Senhor ... Está... Querendo... Me... Ferrar?

— Deus não tem culpa por ter sido tão teimosa.

*Eu não ouvi isso!*

Pulo girando no ar e Theo está sorrindo cínico atrás de mim, batendo em suas roupas para tirar a poeira. Mesmo sendo a única responsável, seu comentário me deixa irritada. Sem controle dos meus sentimentos, a tensão acumulada estoura.

— Teimosa eu? Quem foi que pisou fundo demais no acelerador?

Os castanhos-mel arregalam. — Estava a trinta por hora. — explica como se eu fosse criança.

— Não interessa! — exclamo ofendida por Betovem — Não percebeu que o coitadinho estava em agonia?

— Tanto percebi que falei no começo da serra que ele não iria aguentar. — fala com toda a calma do mundo, mas vejo as veias de suas têmporas pulsando forte. — Quem disse que eu tinha pouca fé? — cruza os braços sujos de graxa.

— Sabia... — dou uma risada forçada. — Estava demorando! — rio novamente sabendo que estou sendo ridícula, mas é mais forte que eu. Prefiro mil vezes que ele exploda logo e diga que está frustrado comigo de uma vez, do que finja ter um controle, que eu sei que ele não possui. — Se estava esperando a hora certa, para jogar tudo na minha cara. A hora é agora ... Joga... Pode jogar... — instigo querendo o Theo verdadeiro de volta.

Espero a tensão preencher o ar, mas esta não vem.

Contrariando toda a lógica das nossas brigas, meu Anjo não revida. Ele se aproxima coloca sua boca sobre os meus lábios tensos e me dá um beijo rápido e doce.

Sua atitude inesperada e carinhosa me paralisa.

— Não vou fazer isso, pare de me provocar. — dá um tapa no meu traseiro, vira de costas, tira o celular do bolso e liga para Mike. Fico perplexa atrás dele, ouvindo-o explicar calmamente o que aconteceu e pedir que tragam a sua Ferrari. — Esquece o helicóptero, Nina passa mal. Nós vamos esperar.

Fico toda boba com a preocupação dele.

Uma buzina estridente soa bem do meu lado e pulo colocando a mão no coração. *Nossa, a Kombi!* Tinha até me esquecido dela.

— Problemas no paraíso? — um sorridente homem gordinho de bochechas rosadas pergunta debruçado na janela da Kombi.

— Olá! No paraíso não. — respondo rindo contagiada por sua simpatia. — Mas com meu carrinho sim. O bichinho desistiu da vida.

O homem olha para o meu fusca parado na grama e faz cara de tristeza.

Theo desliga o celular sem se despedir e em um segundo, está do meu lado com a mão posicionada possessivamente em minha cintura

O homenzinho sorri afetuosamente para o meu Anjo. — Que Deus te abençoe meu rapaz. Estão indo para onde?

— Amém. — Theo diz sem graça e me pergunto se os gregos são religiosos. — Ilhabela. — responde desconfiado. Olho para ele e depois para o senhor com um corte engraçado de cabelo, carequinha em cima e tigelinha em volta. Dois novos rostos redondos e felizes juntam-se ao dele na janela.

Quero rir, eles se parecem muito com os santinhos de minha avó que mantenho em minha prateleira na sala.

— Estamos indo para lá. Podemos dar uma carona. — o senhor ao volante oferece.

— Seria bom. — Theo olha para mim parecendo apreciar a oferta, olho para a Kombi caindo aos pedaços e depois para o meu carro.

— Não sei... o meu carro. — franzo o rosto indecisa. — Uma carona seria uma ótima pedida, mas me corta o coração deixar o Betovem abandonado na estrada.

— Tenho umas cordas, podemos rebocá-lo. — o mais velho deles sugere.

Carona aceita, Theo liga para Mike informando a mudança de planos. Depois os três homens vestindo indumentárias marrons típicas de monges franciscanos descem da Kombi. Com certa dificuldade abrem a porta lateral do veículo e um labrador pula em mim.

— Ai Jesus! — grito surpresa com o ataque inesperado.

— Nina comporte-se! — o frei mais alto grita com o animal, que o ignora e continua a me cheirar e lambar. — Desculpem ela é teimosa como uma porta, só faz o que quer.

Theo explode em uma gargalhada estridente, deixando o trio sem entender nada.

Mando um *você-me-paga*, silencioso para ele, que ri mais. — Hum... Ah... É que eu também chamo Nina. — digo constrangida, colocando a mão entre as pernas, bem onde a cadela quer me cheirar.

— E teimosa. — não satisfeito, meu Anjo completa ainda rindo alto, adorando a situação.

— Nossa, que Deus abençoe se isso não é uma santa coincidência! — o mais alto dos homens ri e sua barriga gorducha balança. — É melhor nos apressarmos, estava chovendo no pé da serra. Não vai demorar para chegar aqui. — ele puxa uma corda grossa de dentro do veículo, entrega a Theo e assovia.

Na mesma hora, a minha xará canina para de me lambar e pula de volta para o carro enquanto os dois seguem para rebocar o Betovem.

— O frei Damião, tem jeito com animais. Nossas meninas sempre voltam voando para ele. — o senhor de altura mediana fala orgulhoso e aponta para uma gaiola lotada de pombas dentro do carro, bem ao lado de uma imagem enorme de Nossa Senhora. Penso como eu e o Theo vamos caber ali dentro. — A propósito, eu sou o Frei Santo e o baixinho ali é o Frei Antônio.



Os quatro homens trabalham rápido e antes dos primeiros pingos de chuva, a Kombi dá partida. Espremida entre Theo e a Santa, viro a cabeça e através do vidro traseiro checo para ver se a engenhoca de cordas e

nós está dando conta de puxar o meu carro. Depois de vinte minutos e muita cantoria religiosa, estamos dentro da balsa quase vazia, que apita gravemente e começa a travessia para a ilha.

O céu escureceu e a chuva apertou.

Ficamos ilhados no carro. O que é uma pena, seria maravilhoso poder sair do veículo e apreciar o mar e o ar fresco da noite. O cheiro das pombas, de cachorro e um sutil odor de mofo vindo do manto azul que recobre a Santa embrulham o meu estômago. Aproveito que os Freis pararam com os cânticos e estão entretidos sobre uma procissão, que farão amanhã para abençoar a pesca. Abro a janelinha lateral deixando a brisa entrar. Enfio o nariz para fora e dou uma longa inspirada.

— Tudo bem? — Theo aperta meu joelho e a cadela rosna para ele e volta a cutucar minha perna.

Empurro a cabeça da cachorra e fecho bem os joelhos fazendo uma trincheira para seus assédios incessantes.

*Deus do céu, essa cadela só pode ser lésbica. .*

— Hum, hum... Só um pouco sufocada. — continuo com o rosto voltado para fora. — Não é melhor avisar ao Donavan que estamos atrasados?

— Não. Ele só nos espera amanhã para o almoço.

Tiro a cara da janelinha e viro meu corpo surpresa com a informação. Pensei que haveria uma festa.

Theo sorri com lascívia. — Achei que seria romântico passarmos a noite na minha casa.

— Tem uma casa aqui?

Os olhos de Theo brilham de um jeito carinhoso. — Um chalé na verdade... Foi a primeira coisa que eu construí... É bem simples. — tenta outra abordagem em minha coxa, mas a xará lésbica late e Theo desiste da minha perna. — Eu e Pedro costumávamos passar os verões na ilha e velejar.

Concordo com a cabeça lentamente imaginando Theo todo suado, sem camisa construindo ele mesmo o tal chalé. Suspiro e um quentinho agradável brota entre as minhas pernas. A cachorra rosna. Não querendo que ela fareje minha excitação, puxo a jaqueta jeans de cima da minha mala e cubro minha virilha.

— Frio? — a voz melódica do Frei Antônio ressoa na minha frente. Levanto o rosto e os três homens estão voltados para nós com os queixos gorduchos apoiados no encosto do banco dianteiro.

— Um pouquinho. — sorrio.

Frei Damião aponta para nós dois. — O que vocês são?

— Namorados.

— Marido e Mulher.

Eu e Theo respondemos ao mesmo tempo e os três pares de olhos santos arregalam em dúvida.

— Namorados que moram juntos. — explico delicadamente.

Há uma comoção geral no banco da frente. — Pelo santíssimo! — vários sinais da cruz são feitos.

— O quê? — pergunto confusa e sinto o corpo de Theo vibrar em uma risada silenciosa.

— Não são casados! — frei Antônio exclama chocado e eu confirmo sem entender por que suas bochechas estão tão coradas.

— Essa juventude está perdida. — Frei Santo balança a cabeça. — Não se pode dividir o mesmo teto como homem e mulher, antes do sacramento.

— Estão vivendo em pecado!

— Deus! Estão fornicando posso sentir daqui!

Engasgo.

Theo troca um olhar comigo e assente lentamente, com cara de bom moço... Quero estrangulá-lo. — Sei que é errado, mas Nina não quer se casar. — a cachorra rosna ao ouvir o seu nome e eu virei a carrasca da história. — Já não sei mais o que fazer, Frei. Vivemos em um pecado constante.

Outra onda de comoção e minha respiração se agita.

Estou pronta para dar um soco em Theo, mas contendo meus impulsos. — Não é bem assim. — protesto.

— Como não? Pecar é só o que fazemos... Dia e noite. — Theo contorce o rosto em falso desgosto, fecha os olhos e quero socá-lo de verdade agora. Sei aonde este desgramado quer chegar. — Deus, preciso me confessar! Esta manhã Nina me levou a pecar como nunca, Freis... E mesmo assim, se recusa a receber o santíssimo Sacramento do matrimônio. Minha mãe está até depressiva.



*Ai, ai, ai... Filho da mãe!*

Fico dividida entre gritar e rir. Sua cara de pau é tanta, que chega a ser engraçada.

— Oh, pobre mamãe, coitadinha. — a boca do frei Antônio faz um O e olha feio para mim. *Pobrezinho do senhor que está caindo nesse teatro*. Penso, mas me calo. — Menina, que situação terrível a sua. Esse rapaz não é um brinquedo.

Pronto!

Meu queixo cai e quando sinto o corpo musculoso de Theo tremer em um riso contido, desejo que o assoalho enferrujado da Kombi se abra, para eu jogá-lo por ele. O ordinário do meu namorado está tirando uma onda e é impressionante como todo mundo cai na lábua do cretino.

*Isto virou o quê? Uma caça às bruxas? Uma inquisição?*

Tento me afastar, mas estamos tão entalados que não tenho como me desgrudar dele. — Claro que não... Eu o amo. — confesso, mesmo que no momento, Theo não mereça ouvir. — Eu só... Eu só... É que... Eu já...

Impaciente com a minha embromação, o frei Santo estica o braço e há um cartão em sua mão. — Tome. — pego. — Acho que posso resolver isso. Evidentemente, o Demônio está tentando desvirtuá-la, menina. Mas não se preocupe, sou especialista nestes casos. — sorri docemente.

Sentindo meu pescoço pipocar de vergonha, leio o papelzinho em minha mão.



## **O PECADO NÃO É POP.com**

**Frei Santo - Exorcista e Conselheiro matrimonial.**



Quero rir.

— Santo é uma sumidade no que faz. Com ele na jogada, o mal perde de lavada! — *Isso foi péssimo*. Frei Antônio faz sinal de positivo como um garoto propaganda sem o menor talento para a coisa.

Quero explodir em uma gargalhada, mas seguro o riso quando ele continua, empolgado. — Precisam ver, o blog é um sucesso no mundo, milhares de fiéis se consultam online! Deus seja louvado pela internet. — o

pequeno frei Antônio sorri freneticamente e os três levantam as mãos dando graças e exclamando... “*Aleluia, a internet é um milagre!*” — Tenho certeza, que o trabalho espiritual do frei Santo, fará a luz divina dissipar o pecado dentro você. Depois que estiver purificada, faço questão de celebrar a união do casal, sou o casamenteiro de mão cheia.

*Claro que é.*

*Jesus!*

*Eu mereço. Freis Santo e Antônio...*

*Jasmim vai surtar quando souber disto.*

A coisa toda é tão surreal, que até tento ficar brava, mas não consigo. Ainda quero matar o Theo por ser um baita de um cara de pau, contudo, os três freis são tão adoráveis que desintegram a tensão dos últimos acontecimentos. Então, entro na dança e dou uma liçãozinha em meu Anjo. — Pensando bem, os senhores estão certos.

— Olha só... Acho que os Freis conseguiram um milagre aqui... Isso é um sim? — Theo abre um sorriso vitorioso.

— Isso é um chega de fornicar, isso sim... — digo fingindo arrependimento e o sorriso desaparece de sua boca sacana do meu namorado. — Até porque, longe de mim ser a causa da depressão da dona Catarina.

O corpo enorme de Theo sacode no banco, a Santa trepida... trepida... trepida e por um tris, não vira. — Opa! De jeito nenhum! Pensando melhor, minha mãe nem está tão triste assim. — protesta.

Os três homenzinhos trocam olhares alegres. — Ah, fique feliz meu rapaz! Aleluia! Salvamos mais uma ovelha desgarrada! — Frei Santo junta as mãos em oração e Theo afunda no banco resmungando baixinho algo como *Ovelha uma ova!*

Passamos o resto da travessia da balsa e o caminho até a casa de Theo recebendo um sermão sobre os laços sagrados do matrimônio e a importância da castidade. O que eu passo a apoiar com uma paixão devota, apenas para provocá-lo. Quero rir cada vez que se contorce de indignação... E fico impressionada com sua desenvoltura nos assuntos da religião e quase não acredito quando fico sabendo que ele foi coroinha.



Os olhos apreensivos de Theo esperam que eu dê meu veredito.

Sorrio e ando até a varanda do chalé que fica em uma rua fechada, em uma praia exclusiva. Abraço meu corpo e sinto a energia à minha volta. A chuva parou e o cheiro de maresia mistura-se ao de terra molhada. O mar está calmo, as ondas quebram suavemente e a lua surge por entre as nuvens deixando um rastro iluminado na água.

*Mágico .*

Não esperava por isso, depois de tantas mansões e casas cinematográficas, que cruzamos no caminho. O lugar de Theo é todo aconchegante e escondido na encosta... Encoberto por um grande jardim de árvores e com os fundos dando na praia. Pé na areia como ele me explicou. O chalé é lindo e de uma simplicidade cativante. Arejado, poucas paredes, vigas de madeira aparentes, cozinha americana equipada com eletrodomésticos antigos, banquetas de madeira pintadas de amarelo, diante de um balcão de pedra comprido e uma sala aberta para a praia, com enormes sofás de juta, bem masculino.

Na varanda duas redes em tecido cru e algumas folhagens. Um convite para relaxar e passar horas apreciando o mar e admirando um lindo veleiro branco que flutua imponente no ancoradouro. Na praia, uma longa fileira de palmeiras altas e cheias balançam com o vento. Embaixo de uma delas, próximo a umas pedras que brotam na areia, um banco antigo de madeira e duas espreguiçadeiras.

— E então? — Theo me abraça por trás apoiando o queixo em meu ombro.

— Nossa, uma graça. — vejo uma prancha presa por um gancho, na viga que sustenta o telhado de sapê. — Você surfa?

— Muito mal. — beija meu pescoço e sua barba faz cosquinhas. — Comida ou sexo?

Sei o que ele quer, fico até tentada, mas meu estômago está grudado nas costas. — Sem fornicação, lembra?

— Nem começa, Nina. Já te pedi desculpas pela brincadeira idiota na Kombi.

Pedi mesmo.

Dou risada e dou um beijo suave em sua boca. — Meu Anjo, estou morta de fome. A menos que prefira uma defunta catatônica durante o sexo, seria muito bom que me alimentasse.

Ele dá um sorriso carinhoso e coloca a mão em meu rosto acariciando-me. — O que quer comer?

— O que tiver. — digo despreocupadamente e me desvencilho de seu abraço.

Ele morde o canto da boca. — Putz, nem sei o que tem. Mas avisei que viria para a Carla, mulher do caseiro, com certeza ela providenciou alguma coisa.

Vai em direção a cozinha e eu o sigo. Ele pega um bilhete em cima do balcão da cozinha e lê. — Perfeito, Carla está cozinhando nosso jantar, vou ligar pedindo que traga. Come camarão? — pergunta preocupado e depois abre a geladeira que está abarrotada de alimentos multicoloridos.

Salivo e assinto, impressionada com a variedade de comida para um dia. — Nossa, costuma vir aqui com muita gentê?

— Não. Sempre sozinho, no máximo o Pedro. Meus pais têm uma casa confortável no mesmo condomínio do Donavam, as visitas ficam lá. — tira duas garrafinhas de água da geladeira e entrega uma para mim.

Minha língua coça para perguntar se ele nunca trouxe mulheres para cá, mas contendo-me. Meu coração grita: *Chega de drama por hoje*. Desenroscando a tampinha e dou um gole d'água pensando que é burrice querer auto sabotar meu momento romance trazendo questões que só nos desgastam.

Conversamos sobre as possibilidades para noite e meu Anjo diz que o centrinho da ilha costuma ferver aos sábados. Franço o nariz, talvez uma outra ocasião... Estou perfeitamente bem aqui e nenhum outro programa me parece melhor do que ficar neste paraíso a beira mar em companhia do meu moreno delicioso. Tudo o que eu quero é passar horas olhando para ele, sentar juntinho e ouvir sua voz... Theo decide agilizar as coisas e ir avisar pessoalmente aos caseiros que chegamos enquanto eu peço para ir tomar um banho.

*Uauuu...*

Outro banheiro cinematográfico e com vista para o mar.



**Theo**

Saio da casa de José e Carla e caminho pela areia satisfeito por ter ao meu lado pessoas tão competentes. Pelo menos uma boa notícia depois do caos que se instalou em minha vida desde ontem. Olho para cima e as nuvens estão dispersando e dando lugar a um céu estrelado. Sorrio aliviado, pensei que a chuva tivesse arruinado meus planos iniciais para a noite.

Mais animado, volto para o chalé, vou até o quarto e Nina ainda está no banho. Pelo jeito desafinado e animado com o qual minha Caipira canta, acho que ela está feliz. Meu peito esquenta, é surreal tê-la aqui, gosto que todos os cantos da minha vida sejam preenchidos por ela.

Para não estragar o momento desafinados da minha mulher decido tomar uma ducha no outro quarto. Vou até o banco de madeira onde depus minha bagagem e separei uma bermuda azul marinho estampada, destas de surfista e uma camiseta branca confortável. Sorrio satisfeito ao perceber que Carla seguiu minhas instruções... Na mesinha de cabeceira, ao lado da cama box king, há um vaso de cristal com tulipas brancas.

Meu ego de decorador inflou com a reação de Nina à minha decoração minimalista. Um quarto simples... Apenas uma cama enorme, mesinhas de cabeceiras feitas em madeira de demolição trabalhadas e pátina branca e um banco, destes escolares, no mesmo acabamento. Paredes claras e lisas para dar destaque a paisagem natural da praia escancarada através das amplas portas de vidro.

Talvez agora que viu esse meu outro lado, ela acredite de vez em mim quando digo que me sinto perfeitamente em casa lá em cima do Vincenzo.

No corredor, lembro dos freis na Kombi e caio na gargalhada... Impressionante, depois que Nina entrou na minha vida tudo está mais colorido e com certeza, monotonia é uma palavra que não consta em seu vocabulário. Minha loirinha é tão intensa e sangue quente que consegue fazer das coisas mais banais, uma aventura memorável.

*Vivo pisando em ovos e quer saber?*

*Estou adorando a adrenalina maluca que é amar esta mulher*

Em menos de dez minutos estou de volta ao meu quarto... Limpo e um pouco mais relaxado. Encontro Nina de costas para mim, sentada na cama de pernas cruzadas. Ela é a mais pura tradução do belo. Respiro com cuidado para não chamar a sua atenção, a cena é de tirar o fôlego. Amo o fato da minha mulher ser tão naturalmente magnífica e despreocupada. Está

linda em um vestido branco curto e larguinho, de um tecido cheio de detalhes de rendas que a deixam ainda mais feminina e com ares de menina.

*Deus!*

*Eu não posso perdê-la.*

Controlo minhas emoções que estão no limite depois do encontro com Andreza. Respiro fundo enquanto observo Nina escovar os cabelos com o olhar perdido nas portas duplas de vidro, que se abrem para um deque na praia. Queria eu, estar em paz como ela.

As cortinas de um tecido branco e leve dançam com o vento no mesmo ritmo das ondas do mar que quebram lá fora na areia.

— Ah! Theo Callas o que eu faço com você, seu maluco? — murmura perdida em seus pensamentos. Há ternura em suas palavras.

Sorriso...

*Sim, completamente maluco e alucinado por você...*

— Que tal começar aceitando meu convite para jantar?

Seu rosto bonito vira surpreso em minha direção. Um belo sorriso surge e a deixa ainda mais deslumbrante. Sento na cama ao seu lado, tiro a escova de suas mãos e a ajudo com os cabelos. São tão fininhos e macios... Seus olhos verdes brilhantes fecham como os de um gatinho satisfeito. — Pensei que ficaríamos aqui. — ronrona inclinando a cabeça.

Inspiro o perfume suave que vem de seus fios de algodão doce, inclino e beijo seu ombro. — E ficaremos, mas tenho uma surpresa.

Seus olhos abrem em verdes-maçã reluzentes. — Pra mim?

Deixo a escova de lado, pego as suas mãos e a arrasto para fora da cama. — Hum... hum. — esfrego a boca em seus lábios sentindo um hálito fresco de hortelã. — Venha, não quero que morra de fome... Ah... E feche bem os olhos. — peço, ela hesita por um momento, mas obedece e começo a conduzi-la passo após passo.

Uma brisa forte sopra e, ao intuir para onde estamos indo, Nina abre os olhos preocupada. — Nós vamos lá fora? Theo, eu sou meio desastrada.

Inclino para frente e esfrego nossos narizes. — Shhhh... Eu sei que é, mas confie em mim, amor. Jamais a deixaria cair. — com delicadeza coloco a mão em seus olhos fechando-os. — Só confie, ok? Vai gostar, eu garanto.

Nina suspira rendida e fecha os olhos.

Conduzo-a com cuidado para fora da casa. Com os pés descalços, vou abrindo caminho na areia, afastando galhos e folhas secas, até que chegamos no ancoradouro. À medida que nos aproximamos, meu coração acelera e me sinto apreensivo e até mesmo, um pouco bobo. Estou doido para ver sua reação, não me conformo de não ter estado junto dela quando viu o jardim.

*Maldita impulsividade.*

— Estamos quase lá, só mais alguns passos.

— Ok. — murmura ansiosa. Ela morde os lábios rosados em apreensão e suas mãos se firmam nas minhas... — Estão suadas. — murmura doce mantendo os olhos bem fechados.

— Um pouquinho, você me deixa nervoso. — brinco encobrindo o real motivo.

Saber que Nina confia em mim, ao ponto de me seguir cegamente, é uma sensação poderosa do caralho

Meu peito aperta...

Confiança.

*Merda!*

Flashes da conversa absurda entre eu e Andreza retomam com força. Passei a noite inteira remoendo cada maldita palavra que a chantagista me disse e nada faz sentido.

*Porra! Porra! Porra!*

Não pode ser verdade, não tem como ser e não quero nem imaginar o estrago que uma bomba dessas faria com a gente. O que está me matando é que sei que o silêncio pode ser a mais cruel das mentiras e minha consciência urra implorando que eu diga tudo para Nina, porém sou humano, porra! Estou em pânico e tenho medo de machucá-la mais.

Afinal são mentiras...

Eu sei que são.

Quando chegamos, respiro fundo para afastar os pensamentos ruins. Tem gente demais empenhada em destruir o que estamos construindo e estou fazendo um esforço tremendo para não explodir e tentar parecer minimamente calmo. Meu coração bate descompassado, mas não quero que minha Caipira sinta a agonia que me corrói por dentro.

Hoje é tudo sobre ela, sobre nós...

Minha loirinha passou por maus momentos e merece um descanso.

*Caralho... Só pode ser carma.*

Solto suas mãos, assim que chegamos no ponto exato do ancoradouro. — Pode abrir os olhos.

Os verdes-azulados se abrem e piscam... piscam... piscam. — Caramba! — exclama colocando as mãos nas bochechas.

Abraço-a por trás e espero que absorva a imagem à nossa frente. Até eu estou chocado com o trabalho impecável de Carla e José. Meu veleiro parece saído de um destes filmes de fantasia romântica. Centenas de lamparinas vermelhas, com minúsculas velas, iluminam o convés. Há pétalas de flores brancas espalhadas pelo assoalho de madeira e uma mesa redonda foi colocada na proa, impecavelmente arrumada. Com certeza, a toalha de linho branco, a louça elegante e toda a parafernália de prata foi traficada da casa da minha mãe.

Na popa, a área acolchoada para banhos de sol está decorada com dezenas de almofadas brancas, macias e fofas. Sorrio ao ver, que minha fiel escudeira, tomou o cuidado de deixar alguns cobertores de cachemira cru dobrados.

Afasto os cabelos loiros, que voam embalados pela brisa do mar calmo e beijo sua nuca. — Você disse um barco e estrelas, lembra? — sussurro.

— Deus do céu, meu Anjo... Isso é lindo. — gira o corpo ficando de frente para mim. Há lágrimas em seus olhos, mas sei que são de alegria. — Este seu lado romântico é uma surpresa para mim.

— Muito meloso? — franzo as sobrancelhas realmente em dúvida. Nunca senti vontade de fazer esse tipo de coisa por uma mulher e desconheço o limite e a etiqueta para o romantismo. Sei que posso estar exagerando, mas *o tudo* para Nina, ainda me parece pouco.

— Muito perfeito, isso sim. — murmura e meu coração perde o compasso. — Theo, estou vivendo um sonho... Primeiro o jardim, agora isso. — envolve os braços em meu pescoço e aperto mais o meu abraço em sua cintura. — Não sei nem como agradecer.

— Ah, mas eu sei ... No mínimo uma centena de maneiras. — traço seus lábios com a língua. — Mas primeiro, acho melhor alimentá-la.

Com doçura, Nina fica nas pontas dos pés e me beija rapidamente. —Ai, ai Theo Callas. — ri deixando-me confuso.

— O que foi?



— Você é tão amável e protetor às vezes, que tenho vontade de te dar um tapa.

— Quer me bater por ser um amor com você?

— Hum, hum ... Quero.

Gargalho e a pego no colo. — Essa é boa, Nina Kovac. — entro a bordo trazendo em meus braços a carga mais preciosa da minha vida.

Com cuidado a coloco de pé.

— Ora bolas, ponha-se no meu lugar. — seus pés delicados tocam o assoalho, misturando-se as pétalas. — Não é justo o que está fazendo comigo.

— E o que especificamente estou fazendo? Posso saber? — coloco a mão em suas costas conduzindo-a até a mesa.

— Está me fazendo uma bobona dependente... — murmura ao sentar-se e puxar o guardanapo e colocá-lo aberto em seu colo. Gargalho. *Gosto dela dependente* . Ocupo o lugar à sua frente e espero que continue. — Quando me separei... — diz com cuidado. — Eu o fiz porque precisava desesperadamente manter minha dignidade. Estava quase perdendo as referências ... A Nina que eu era, misturando-se a Nina que queriam que eu fosse. Jurei para mim mesma que minha individualidade era mais importante que tudo e que nada no mundo, me faria perdê-la. E agora olhe como estou... Totalmente refém e vulnerável. E o pior disto tudo é que eu gosto. — baixa os olhos em direção as suas mãos. — Virei a Nina do Theo e quero lhe bater por isso.

Nina sacode a cabeça ao dar risada.

— Então, minha Caipira, talvez também mereça umas boas palmadas. — alcanço a garrafa de champanhe que descansa em um berço de gelo, servindo nossas taças. — Se é minha refém, sou seu escravo... Deixei de ser só o Theo no momento em que atingiu minhas bolas... Sou tão seu, que sinto que posso parar de respirar se não me amar.

— Acho que empatamos.

— De novo — pisco. — . Agora coma. — indico o prato de camarões-rosa grelhados e salada verde com manga.

Ela pega um camarão com a mão e dá uma mordida. Um suspiro de prazer escapa de seus lábios. — Nossa que delícia... Pare de me mimar, não é justo.

— Tarde demais, te mimar é quase obsessivo pra mim. — esqueço os talheres de prata e ataco a comida imitando Nina. Saboreio a carne tenra do camarão do jeito que deve ser feito a bordo e do mesmo modo que eu faço quando não preciso me preocupar com normas de etiqueta.

— Não pode me encher de presentes.

— Posso sim. — respondo, porque é verdade.

— Não sei como retribuir tudo isso e sinto-me culpada por não estar pronta par dar o que me pede.

— E acha que algum dia estará?

— Talvez... — sussurra e dá outra mordida no crustáceo.

Meu coração palpita e não consigo conter um sorriso esperançoso... Um talvez, depois de tantos não, é um progresso e tanto. — Seu talvez é um alívio, pensei que a ideia de passar o resto da vida em minha companhia fosse demais pra você.

— Sua companhia não me assusta, o que é demais para mim é o vem com ela.

— Se é sobre o meu temperamento, as brigas... Estou tentando me controlar...

*Tudo bem, que estou tentando há apenas um dia.*

— Percebi ... — interrompe-me. — ... E não quero que mude por minha causa... Gosto de todos os seus humores, mesmo que às vezes me façam querer matá-lo.

— Então por que toda esta resistência em me assumir?

Uma brisa bate fazendo seus cabelos voarem, Nina tira um pequeno elástico do pulso e faz um rabo. — Theo Callas, eu te assumi mesmo antes de ficarmos juntos.

Esfrego a barba e olho para o mar calmo. A Caipira tem razão... Desde o hospital já éramos um casal.

— Escute Nina... Namoro, compromisso, casamento... Estas coisas nunca passaram pela minha cabeça. Apesar de achar a relação dos meus pais incrível, nem de longe me imaginei como eles. Mas com você... eu preciso de mais, de tudo, apesar de achar que esse tudo nunca será o suficiente. Nem sei por que estou tão paranoico em querer casar... Entendo que é só um papel como disse, um contrato que se desfaz a qualquer momento, mas para mim significa muito mais... Quero te proteger, Caipira.

Cuidar e garantir que nunca te falte nada... Dividir com você tudo o que sou e o que eu tenho.

Ficamos encarando um ao outro...

— Meu Anjo, eu não estou atrás de proteção ou garantias. — Nina sorri e toca o colar em seu pescoço. — Quer coisa mais linda que essa? — levanta as mãos indicando o nosso redor.

*Que merda.*

— Eu sei, tudo bem... Vamos só aproveitar a noite. — digo olhando para o meu prato sentindo-me um chato. Honestamente, não sei porque insisto tanto.

Entramos em um silêncio meditativo. Passamos os próximos minutos apreciando a comida e a paisagem deslumbrante que nos cerca... Apesar do semblante calmo, posso sentir as engrenagens de seu cérebro girando... girando... girando.

*Que puta angústia.*

Perco a fome, Nina percebe.

Ela mexe na taça de cristal observando-me atentamente e como em um estalo de eureka, seus olhos ganham um brilho afetuosos. — E se eu te pedisse para ficarmos noivos? — murmura rápido e cobre o rosto de um jeito adorável.

*Uh o quê?*

Minha garganta fecha e minhas mãos ficam suadas imediatamente.

Não pode ser.

Chocado, balanço minha cabeça achando que ouvi errado... Jogo um olhar discreto para sua taça de champanhe... Na metade. *Ok não está bêbada.* Ela tem uma expressão ansiosa no rosto e seu pescoço ostenta pequenas manchas vermelhas.

Limpo a garganta. — Está me propondo em noivado? — pergunto em um fiapo de voz completamente incrédulo

— Hum, hum. — suspirando ela assente.

*Bum!*

Entro em parafuso e meus pensamentos flutuam em todas direções. Meu coração bate com tanta força que parece que vai saltar do peito. O rosto de boneca de Nina cora uns dez tons, quando se levanta e catatônico, a sigo como um robô processando os dados.

*Boa noite a todos sou Theo Callas, o noivo.*

Tudo bem que é menos do que eu desejo, mas é muito mais do que eu esperava. Sei o que Nina está fazendo. Sensata, está me oferecendo um meio termo, um jeito de equalizarmos nossas vontades até que esteja pronta.

*Ôooh babaca quatro olhos, sabe a Nina*

*Então, somos noivos. Está bom para você agora?*

*Otário!*

—Ai meleca, esquece! — senta-se no solário decorado com as almofadas e paro por osmose à sua frente. — Deve achar esta coisa de ficar noivos antiquada, né?

*Porra, noiva soa bem pra caralho.*

— Theoo!

Passo a mão na minha cara. — Hã?

— Não está ouvindo nada do que estou dizendo, né?

*Opa.*

A irritabilidade do seu tom me puxa de volta para a terra.

— Estou... Ovi... — afirmo sem muita convicção, pois meu cérebro está em curto circuito. — Noivos... — repito a única palavra na qual me fixei.

Nina arregala seus olhos verdes-azulados. — Então?

Olho para ela, olhando bem mesmo desta vez. Um sentimento poderoso e quente, chamado amor, para bem no meio do meu peito e a felicidade me sobe à cabeça. *Caralho! Nina tomou a iniciativa de oficializar tudo! É muito surreal* . — Pretende dar uma festa pra isso? — pergunto, porque conheço as mulheres e sei como romantizam estas coisas.

— Pra quê?

— O noivado.

— Ah... — sua expressão fica risonha. — Não ... Claro que não. Por mim só nos dois neste lugar lindo, já basta. Você quer?

Paro por um instante e reflito sobre o que eu quero... Meu lado possessivo exige que eu dê uma festa daquelas para esfregar na cara dos predadores de plantão que Nina é oficialmente minha. Porém, organizar um evento como minha Caipira merece, levaria semanas e minha necessidade por algo concreto se nega a esperar.

— Não quero festa, porra nenhuma... — sorrio sabendo que dona Catarina vai querer me matar por privá-la de uma boa comemoração e me belisco. Parece bom demais para ser verdade. *A Caipira e eu noivos!* — Se

ficar noivos é o que deseja, considere feito neste instante. — sacramento logo, temendo que ela mude de ideia. Respiro aliviado quando sorri e concorda satisfeita. Uma onda de adrenalina explode em minhas veias quando finalmente cai a ficha de que é para valer e muito animado mesmo, tento avançar mais um pouco. — Mas de anel não abro mão.

Por sua cara de espanto, acho que Nina não tinha pensado nas implicações práticas da coisa. — Já tenho o colar.

*Ah... Nem vem.*

— O colar não vale. — sento ao seu lado e aperto sua mão delicada e nua de joias. — Tradição é tradição... — sussurro, beijo seu pescoço de um jeito molhado e sacana para seduzi-la. — Meu amor, não existe noivado sem anel. — digo docemente e dou uma chupada leve em sua jugular.

Um suspiro de rendição escapa de seus lábios quando deslizo minha boca sugando a parte macia de sua orelha e deslizo a mão livre sobre sua coxa. — Se vai te deixar feliz, tudo bem, mas coisa simples. — sua pele arrepia sob a minha língua.

Sabendo que o simples pode ser relativo, não quero entrar em discussão. Então, sorrio, vou logo empurrando minha noiva e ambos caímos deitados sobre o assoalho macio. Esmago seu corpo com o meu... Ela ri excitada e dou-lhe um beijo quente e decidido. — Deus, você sabe como me fazer feliz. — ofego antes de voltar a enfiar minha língua em sua boca.

Nina geme satisfeita, sobe as mãos pelo meu peito e abraça meu pescoço. Em um piscar de olhos, estamos emaranhados entre as almofadas, sou beijado com tanto ardor, que à medida que nossas respirações aceleram, minha ereção ganha força.

Em um esforço para recuperar o fôlego, desgrudo nossas bocas, arrasto o corpo de Nina deixando-a mais confortável sobre as almofadas. Sem tirar os olhos dela, fico em pé. Um tremor se espalha pelo meu corpo, quando se trata de Nina Kovac, meu lado racional desaparece e tudo o que consigo pensar é em tê-la. Tomado por um desejo latente de devorá-la, levo as mãos nas costas e puxo minha camiseta descartando-a, em seguida, sem a menor cerimônia, livro-me de todo o resto.

Os olhos verdes arregalam e se fixam onde meu desejo é mais evidente. — Theo, seu maluco! Tá pensando que é índio? Estamos ao ar livre.

— Pediu para fazer amor sob as estrelas e é isto que iremos fazer.  
— volto para ela que está dura como uma tábua. Tento trazer comigo seu vestido, mas suas mãos mantém a barra onde estão.

— Aqui não.

— Aqui sim... Relaxa. — inclino e beijo suavemente seus lábios.  
— A praia é minha, estamos protegidos pela encosta e a vegetação. Ninguém vai nos ver ou ouvir, nem mesmo os caseiros. A casa deles fica há uns duzentos metros dentro da trilha.

Indecisa, Nina apoia-se sobre os cotovelos olhando ao redor. Tirando as lamparinas no veleiro e as luzes do meu chalé, tudo ao redor é breu. — Se meu traseiro aparecer estampado no jornal, eu te mato.

— Palavra de escoteiro que não vai. — prometo excitadíssimo, arrancando seu vestido.

— Já foi escoteiro por um acaso?

— Não, mas o que vale é a intenção... Estou tremendo aqui de vontade de te foder gostoso.

— Um pedacinho da minha bunda e o noivado acaba, estamos entendidos?

— Totalmente. — abro o fecho frontal do seu sutiã.

Espalmo a mão entre seus seios à fazendo deitar de costas. Acho que nunca vou me acostumar com a visão maravilhosa deles... Redondos, empinados e com mamilos rosados tão entumecidos que me dizem que ela está com tanto tesão quanto eu. O desejo que exala de seu corpo me envolve e não posso reprimir a vontade de vê-la por inteiro.

Enrosco os dedos nas laterais da calcinha branca minúscula, os quadris de Nina levantam e deslizo a peça lentamente por suas pernas desnudando-a. Meus olhos recaem na faixa de pelos loiríssimos em seu púbis. *Ah, se ela soubesse o efeito que eles exercem em mim.* São tão delicados e quase virginais. Com a ponta dos dedos desenho a pele torneada de suas pernas, Nina ofega e se contorce à medida que me aproximo de meu alvo. A boceta deliciosa de minha noiva. Acaricio seus pelos dourados e já não posso mais esperar. — Levante os joelhos e mostre-se.

Ela sorri. — Mas é tão mandão, viu! — Faz o que eu peço e seu lindo sexo brilhando de excitação se exhibe à minha frente.

*Boa para caralho.*

Estudo seu rosto brincalhão recuo o meu corpo encaixando-me entre as suas pernas. Meus ombros tocando suas coxas e obrigando-a a manter os joelhos bem abertos. — Um mandão que não mede esforços para te agradar. — roço a barba na parte interna e macia de sua perna, porque sei que gosta. Teço beijos suaves, até pousar suavemente a boca em seu sexo úmido.

Soltando um suspiro profundo e sensual, Nina enterra a cabeça nas almofadas e arqueia as costas jogando seus quadris em minha direção. Com a língua vou abrindo caminho entre seus lábios íntimos, tocando, absorvendo e acariciando com cuidado. Sinto tanta coisa por essa mulher... Minha mulher. — Ah Nina, se soubesse como é deliciosa. Sou louco pelo seu cheiro, pelo seu gosto...

— Isso é tão bom... muito bom. — sua voz rouca, carregada de desejo desencadeia em mim uma onda de gratidão de luxúria. Esqueço as gentilezas e provoco a boceta delicada com movimentos precisos e enérgicos. — Ai Jesus, Theo.

Sugo, chupo, lambo, instigo seu clitóris e ela geme... geme... geme. Seus sons e a respiração entrecortada fazem a minha pele vibrar de prazer. Afundo mais a cabeça penetrando-a com a língua como um selvagem alucinado.

Ela é tão saborosa... Tão minha.

— Estou quase — murmura em meio a uma respiração afogada.

Interrompo o ataque, quero estar dentro dela mais que tudo. Deslizo meu corpo sobre ela, que entende o que eu preciso se contorce, erguendo o quadril para se entregar a mim. Em um movimento ágil, a penetro.

— Ahhhh... — Nina solta um gritinho de prazer e eu começo a saboreá-la... Lentamente, não querendo perder nenhum espasmo de sua boceta, que vibra acolhendo meu pau. Recuo saindo por completo e volto apreciando o contato íntimo de nossas peles, polegada por polegada.

*Isso... Se entrega, Nina.*

É fodidamente estimulante como ela vai se alargando para receber-me por completo. Se eu sou grande, Nina é uma guerreira, toma tudo que ofereço com determinação e vontade. Ela me devora tanto quanto eu o faço. Seus quadris ondulam em um ritmo languido e provocante... A sensação é tão intensa, que duvido que algum dia eu me sinta diferente... Sou devoto e

dependente desta boceta irresistível que se encaixa a mim como uma luva justa e macia.

— Theo, me dê.

Suas unhas cravam em meus ombros e tenho que controlar minha vontade de meter duro e sigo lento. — Calma, apressada. — murmuro com dificuldade e meus braços, apoiados ao lado de seus ombros, tremem pelo esforço. Um suor nos torna escorregadios.

*Porra, isso é muito bom.*

Perco-me em nós. Tão diferente da foda quente que tivemos na Ranger. Continuo com as estocadas suaves... Passo os minutos seguintes concentrado em fazer amor, adorando-a como merece. Com delicadeza, seguro seu cabelo na altura da nuca, instigando-a a olhar para cima. — As estrelas estão aqui por você, minha Caipira. — digo suave, porque a amo pra caralho.

O mar calmo, o veleiro, as velas, minha Nina entregue a mim... O momento é mágico e gostaria que durasse para sempre.

Seus olhos estão de um tom azulado e seus longos cílios clarinhos tintilam... — Lindas... — murmura como uma gata e parece perdida... Perseguindo um orgasmo que faço questão de prorrogar.

Sua libertação está em minhas mãos e é foddidamente poderoso saber que sou o senhor do seu prazer. Mas também... é ilusório. Tenho a mesma quantidade de poder sobre Nina que ela tem sobre mim... Agora, somos parceiros na vida, no amor e no sexo. Seguro seu queixo e a beijo profundamente, ao mesmo tempo que intensifico as estocadas. Sinto-me tão atrelado a essa mulher que até dói.

O amor é uma dádiva.

E sou grato por isso.

Depois de quase ficarmos sem ar rompo o beijo. Fico parado dentro dela antes de puxar um pouco para trás e voltar com tudo. Sou duro e ela geme, coloco a mão entre nós dando finalmente o que quer. Estimulo seu clitóris e bato forte, bato fundo. Empurro, puxo e meto... meto... meto... Arrancando dela gritos sensuais de prazer...

*Caralho, é tão bom.*

— Vem pra mim, Caipira. — dedilho seu clitóris insanamente e a penetro em uma sequência que me faz querer gozar também. A conexão é tão avassaladora que o sexo entre nós, é muito mais que um simples prazer.



Minhas bolas ficam pesadas e a cada batida que dão em sua bunda, sinto que vou jorrar a qualquer momento.

Emoções me inundam fazendo meu coração transbordar de ternura. Golpeio mais rápido... mais e mais, e mais. Meu pau incha, ela ofega. — Quase... quase... quase... lááaaa — balbucia.

— Eu sei, meu amor. — seus músculos me apertam com vontade quando seu corpo inteiro treme e Nina arqueia as costas, gozando intenso. Venho em seguida enchendo-a com o melhor que há em mim. Gozo em minha noiva.

*E estou no paraíso.*

— Eu te amo. — enterro meus dedos em seus cabelos. — Eu te amo muito... Nunca esqueça disso. — digo mais apaixonado do que nunca e fico dentro dela porque é o meu lugar preferido no mundo, tomando cuidado para não a sufocar enquanto nos recuperamos das ondas secundárias de prazer, que ainda percorrem nossos corpos.

— E sei, não vou esquecer. Também te amo, meu Anjo.

Grudo nossas testas e não sei quanto tempo ficamos calados, rolo para o lado puxando-a para o meu peito quando a dor nos meus braços fica insustentável.

Aponto para o horizonte. — Ixi...viu os flashes? — cutuco sua costela suada.

— Theo Callas, espero que seja fotogênico... — sorri docemente sabendo que estou só provocando. — ... porque é o seu traseiro que vai sair na foto, não o meu. — ainda rindo me abraça com força, aconchegando-se.



## Nina

Passo a mão nos cabelos de Theo e tento segurar o riso. Meu Anjo moreno acordou turbinado neste domingo. — Querido, eu falei coisa simples lembra? Nem na China vou usar isso. — aponto para a aliança grossa e reluzente, cravejada de diamantes vermelhos.

A atendente não aguenta e ri. — Realmente Senhor Callas, não acho que sua noiva faça esse estilo exagerado. — pisca cúmplice para mim. — Temos opções mais discretas, vou buscar.

Theo concorda com impaciência e começa a circular pela simpática joalheria. Tudo bem que ele me disse que a Ilha era um dos lugares preferidos da sociedade paulistana por suas praias paradisíacas, mas não esperava, que no meio da simplicidade da vila de pescadores, houvesse uma joalheria desta categoria por aqui.

*É de uma amiga minha.* Ele falou antes de entrarmos na casinha aconchegante decorada com móveis antigos.

Olhei ao redor me perguntando como fui parar ali.

*Noiva!*

Acordamos cedo, com o dia fresco ainda... Eu nua em seu quarto perguntando-me em que momento adormeci sob as estrelas e fui carregada até lá e Theo com o maior sorriso sonolento do mundo, cutucando o meu traseiro com um Indecente para lá de animado. Transamos óbvio, duas vezes... Preguiçosamente na cama e depois em uma rapidinha no chuveiro .  
— *Pronta para buscar seu anel?*

— *Nossos anéis... Quero que use um também.*

Mal tomamos o café caprichado que Carla preparou, já estava sendo arrastada para o centrinho comercial da Ilha. Só tive tempo de jogar uma saída de praia larguinha e azul marinho por cima de um biquíni branco e calçar um chinelo. Surpreendeu-me o fato de encontrar a elegante e muito amarela Ferrari de Theo estacionada no mesmo lugar onde os freis deixaram o meu Betoven. Mike foi rápido e discreto, entrou e saiu sem ser visto, deixando apenas uma nota comunicando que cuidaria bem do meu carro.

Depois de um passeio rápido pela orla e ligar para a marina pedindo que preparassem sua lancha, Theo estacionou a Ferrari e andamos de mãos dadas pelas ruas de pedras repletas de lojinhas de artesanato e restaurantes.

Um casal como qualquer outro... Apaixonados e sorridentes, com Theo parecendo outra pessoa vestindo uma bermuda de surf cinza com flores brancas, uma camiseta mesclada e chinelos.

— *Meu Anjo...* — abraço a cintura de Theo e colo meu peito as suas costas. Seus olhos varrem atentamente uma vitrine repleta de anéis e joias. — *Essa coisa da aliança não precisa ser uma sangria desatada. Podemos esperar e comprar em São Paulo.* — sugiro.

— Meu instinto diz que é aqui. — diz sem desgrudar os olhos dos anéis.

— Vamos nos atrasar para o almoço do Donovan. — insisto.

— Ainda temos muito tempo. — aponta para um relógio na vitrine que marca dez horas, segura minha mão direita beijando o dedo onde colocará meu anel. — Se estiver pensando em desistir, pode ir tirando o cavalinho da chuva. Só saio daqui com os anéis.

*Ok, Theo Callas está determinado... No seu modo eu quero e quero para já.*

— Desistir nem pensar. — sorrio e afago suas costas largas, meu Anjo está tão empolgado que não vou ser eu a estraga prazeres. Afasto-me para circular entre os balcões, dou risada de mim mesma. Lembro do dia em que devolvi minha aliança para Bernardo, jurando que jamais colocaria outra em seu lugar. Tampo o rosto com as mãos...

*Macacos me mordam, se eu não estou louca!*

*O que deu em mim para pedir este homem em noivado?*

Pergunto já sabendo a resposta: Eu o amo pra valer.

Não consigo mais imaginar meu futuro sem ele e vê-lo ontem, com o coração aberto, expondo seus desejos foi tocante. E se um compromisso vai fazê-lo feliz posso dar isso a ele ... Sou forte mais forte que meus medos... Dane-se que amá-lo me assusta... E daí que ele é tão intenso, que a qualquer momento, decida que precisa de mais e mude de ideia.

*Não tenho escapatória.*

A vida é tão simples... Um grande e claro cinquenta por cento, as coisas podem dar certo ou serem uma merda. Só que não dá para prever... Então, se algo te faz feliz agora, para que se sabotar dando asas aos medos futuros? Nunca teremos a garantia de não errar ou não sermos machucados. O jeito é arriscar-se, abraçar o que te faz feliz e jogar-se de cabeça, pois não há vergonha em não saber. A vergonha está em não querer descobrir.

— Senhora? — a gentil atendente me chama. — Trouxe alguns modelos da coleção nova.

— Ah! — caminho até o balcão onde a moça depositou várias bandejas de veludo azul com os mais variados tipos de alianças em ouro branco e platina.

Theo continua entretido na vitrine de anéis. De cara, encanto-me por um jogo de alianças simples em platina. Apenas o metal reluzente, sem

pedras incrustadas decorado com uma inscrição delicada em latim. — O que está escrito?



*Já não são mais dois, porem um só.  
Portanto, o que Deus juntou não separe o homem.*



A atendente traduz o que está escrito e meu coração palpita dizendo que é este. *Juntos e protegidos por Deus!* Pego o anel grosso como Theo quer, porém discreto e simples como eu desejo. Nem oito, nem oitenta, apenas perfeito. — Meu Anjo, achei.

— Eu também. — responde com um sorriso campeão em seu belo rosto, fazendo um gesto para que a moça vá até ele.

*Ai, ai, ai.*

Eles voltam até mim parecendo tramar algo. Há tanta intensidade e determinação em seu olhar dourado que os pelinhos do braço arrepiam. — O que foi? — pergunto desconfiada.

Meu coração para quando Theo cai de joelhos aos meus pés.

*Deus do céu!*

— Theo, o que está fazendo? — sussurro olhando nervosamente para um casal que acaba de entrar na loja.

— O que eu queria fazer desde a nossa primeira noite juntos. — Theo diz com o amor brilhando em seus olhos. — Pedindo-lhe para ser minha.

Levo a mão ao peito, não esperava por essa demonstração exagerada de amor. Mas, este é o meu Theo... o exagero em pessoa. Minha garganta fecha e pressiono a pontinha do meu dedão com a unha tentando segurar as lágrimas. Ele estica a mão pedindo a minha e a entrego. Tudo o que eu não queria era ter que sair por aí ostentando um diamante, mas sei que vou ter que ceder com mais frequência para meu Anjo impulsivo que irradia felicidade por sua vitória.

— Nina Kovac, sei que não sou fácil, que às vezes quer me matar, mas aceita passar a vida ao meu lado?

*Deus, eu já disse que quero.*

Fecho os olhos e balanço a cabeça em um sim.

— Tem que dizer em voz alta. — pede.

— É senhora, balançar a cabeça não vale.

Abro os olhos, fixando-me em Theo. — Sim. — murmuro, ele sorri e as três pessoas na loja além de nós batem palmas. Meu rosto cora.

Sinto o aro frio e pesado deslizar por meu dedo, mas sua mão tampa a minha visão. — Ele tem que ser seu. — Theo sussurra e levanta-se.

Preparo-me para um diamante, mas quando finalmente enxergo o que é, perco o fôlego. Preso ao aro prateado há uma única pedra lapidada como um enorme diamante redondo, mas que em nada se assemelha a um. Olho confusa para Theo e depois para a atendente. — É uma água marinha híbrida. — a moça esclarece com cautela. — Por formação as pedras ou são verdes ou azuis, mas esta beleza selvagem aí, se rebelou e fugiu à regra. É muito raro que imperfeições como esta aconteçam, o que a faz ter os dois tons mesclados. Alguns colecionadores puristas as descartam, porém são pedras com uma personalidade única.

Olho a pedra e me parece bastante perfeita... Magnífica até.

— São seus olhos. — Theo diz com um sorriso torto, antes de morder o canto da boca.

*Uh o quê?*

Sorrio para o anel em meu dedo, estico a mão colocando-a sob um raio de sol que entra pela vitrine. A joia explode em vida, brilhando em todas as suas tonalidades verdes-azuladas. *Jesus!* — Tem uns frisos dourados também. — digo em um engasgo.

— São das imperfeições. — a atendente esclarece preocupada. — Se preferir, temos águas marinhas puras, que não tenham ranhuras e nem tons híbridos.

— Não precisa, esta aqui é perfeita como é! — exclamo e minha visão fica turva quando meus olhos se reconhecem na pedra e enchem d'água. *Já não são mais dois, porem um só. Azuis, verdes e o mel de Theo, talhados na rocha.* — É esse! — digo ainda de amores pela singularidade da joia, não é qualquer anel de noivado, é pessoal, é único, somos nós... Imperfeitos. — Meu Anjo, eu amei.

Lembrar dos meus olhos foi tão doce, que pulo em seu pescoço obedecendo meu coração. Theo cambaleia quando o beijo desesperadamente, esquecendo onde estamos. Ele ri contra os meus lábios, abraçando minha cintura e nos perdemos um no outro.



Sacudo os pés cheios de areia e acomodo-me na espreguiçadeira sobre a sombra de uma palmeira. Voltamos do povoado e Theo foi resolver uns assuntos com o pai no telefone. Rezo que não seja nada que estrague o seu bom humor.

A praia deserta é uma delícia é um convite para a vagabundagem. Um luxo que não posso me dar agora, já estou prontinha para o almoço dos Donavan. Tiro os meus anéis do dedo e os admiro. Levanto a pedra azul esverdeada contrapondo com o mar. *Nossa, nunca dei muita atenção a cor dos meus olhos.* Agora, toda vez que me olhar no espelho, vou me lembrar das águas claras e convidativas do paraíso particular de Theo.

Foi atencioso quando me disse que passou boa parte da madrugada pesquisando sobre pedras e tipos de anéis. — *Sabia Caipira, nem acreditei quando vi no Google, que os gregos tinham a água marinha como a protetora das sereias... e como símbolo do amor, felicidade, da boa sorte e proteção no matrimônio. Por isso sou tão feliz ao seu lado... Só pode ser destino, você carrega as duas maiores e mais preciosas pedras bem na cara.*

Depois achei graça, quando li as gravações na minha aliança e anel, quis esganá-lo por ser tão possessivo e descarado. Enquanto eu fui de: “ *Meu Anjo, minha vida. Com todo o meu amor, Nina*” ele foi de: ” . *Eternamente minha, Theo Callas.* ”

Os motores potentes de um barco chamam a minha atenção. Uma lancha poderosa desponta por trás da encosta vindo em direção ao ancoradouro. Ela é do tipo gigantesca e que se pilota da parte superior de um mezanino. Agito-me indecisa entre chamar o Theo e observar o elefante branco fazer manobras no mar e saltar sobre as ondulações que ele mesmo provoca na água.

Levanto colocando os anéis e ajeito o laço delicado na cintura de meu macaquinho de tecido xadrez rosinha, bem feminino, que escolhi para o almoço. É curto, mas não indecente e por ter um corte de alfaiataria, também não é tão informal. Busco na espreguiçadeira ao lado, a bolsa e o chapéu de palha que comprei mais cedo em uma lojinha. Alcanço e bato minha rasteirinha rosa para tirar a areia.

A lancha aproxima-se mais... mais e mais. Largo minhas coisas em cima da mesinha de apoio e vou até a beirinha do mar acompanhar o espetáculo que é ver o barco manobrar e atracar. Coloco a mão sobre os olhos para bloquear a claridade. O dia está ensolarado e quente, as ondas que batem em minhas pernas são refrescantes e bem-vindas.

*Nossa, que delícia.*

*Não é à toa que o Theo adora este lugar.*

Minha expressão se contrai quando um senhor de meia idade, vestido em trajes de capitão, desembarca seguido por um bando de mulheres barulhentas. *Mas que bela merda!* Pela carranca no rosto do homem, ele não parece nada, nada satisfeito com a companhia. Elas são bonitas e estão em biquínis coloridos e provocantes que revelam bem mais do que deveriam. *Mas que bela merda dupla!* Penso no maio branco que eu achava sexy, que visto sob o macaquinho e reviro os olhos.

*Perto destas lambisgóias vou parecer uma freira.*

A passos firmes o marinheiro segue pelo longo ancoradouro e acena assim que me vê parada na beira da praia. Por inércia aceno em resposta, as cinco mulheres que o seguem notam a minha presença e começam a tagarelar entre elas.

Fico esperta.

O homem se apressa e pula na areia e vem correndo em minha direção. — Bom dia, madame. Sou o Josias da marina, vim trazer a lancha que o Senhor Theo pediu. — fala antes de parar à minha frente.

— Bom dia, sou a Nina. Vamos deixar o madame para lá. — estendo a mão e ele me cumprimenta com uma pegada forte.

Sorri e seus dentes brancos são um contraste com a pele bronzeada. Ele tira o chapéu de capitão, revelando cabelos grisalhos brilhantes e volumosos. Gira seu rosto marcante em direção ao chalé e depois sobre os ombros para espiar o grupo de mulheres que se aproxima de nós. Sua expressão volta a ficar contrariada. — Desculpe-me por isso. O senhor Theo não está?

Sorrio compreensiva. Pelo vinco que se forma na testa do homem, é evidente que este bando de oferecidas não está aqui por vontade dele.

— O Theo no chalé. Vou avisar que chegou.

Dou o primeiro passo em direção a casa e sou barrada por um escudo de peitos gigantescos e olhares questionadores. — Cadê o Theo? —

a mais alta delas me pergunta, antes mesmo de me cumprimentar.

— Estava indo chamá-lo. — rosno ao ganhar uma secada das boas.

— Você é quem? — uma ruiva de cabelos encaracolados dá um passo à frente.

— Nina. — respondo sem dar abertura.

Uma loira baixinha de cabelos oxigenados para ao lado da ruiva — Trabalha para o Theo? E a Carla?

Saber que elas conhecem a Carla me irrita e pela primeira vez, o fato de trabalhar para a Callas me incomoda, o olhar acusatório delas faz parecer impróprio. Olho para uma japonesa e uma mulata que permanecem quietas e recebo uma encarada nada amigável. Seguro a vontade de revirar os olhos, até onde eu sei, o descarado do meu Anjo não trazia mulheres para cá.

*Droga, que raiva.*

— A Carla está bem. — dissimulo o impulso de gritar e enxotá-las. — Eu sinto muito, mas não esperávamos por visitas. — cruzo os braços na defensiva. — Estamos de saída.

O capitão toma a frente. — Sobre isto... — aponta para as mulheres que olham ao redor e para o chalé como raposas. — ... eu sinto muito. Não consegui evitar, quando vi já tinham embarcado e recusaram-se a sair.

Faço um gesto de tudo bem para o homem apreensivo. Menos mal, pelo menos não vieram a convite do meu Anjo. — Meninas, eu sinto muito, mas como disse estamos de saída. Se não se importam seria melhor deixar a visita para outro dia. — tento ser educada.

— E você acha que é quem para nos expulsar? — a morena alta se exalta e depois agita-se.

Sinto a mão de Theo tocar as minhas costas. — Minha noiva. — sua voz rouca vibra de irritação ao meu lado.

— Como assim, noiva?

— Desde quando?

As mulheres disparam a perguntar rindo, como se o fato de ficarmos noivos fosse a piada do século.

— A Andreza está sabendo da novidade?

Franzo a testa. A ruiva pergunta como se Andreza fosse a esposa traída e isso me dá uma raiva danada. Estou com essa ex barraqueira



engasgada na garganta desde sexta. *Mas que diacho!* Será que ela vai ser sempre um fantasma em nossas vidas? Lembro de Thenka dizendo que as pessoas comentavam que os dois se casariam. Meu sangue ferve e tento me afastar, mas Theo segura firme em minha cintura.

— Minha vida pessoal não diz respeito a ela e nem a vocês. — ele diz em um tom gelado.

A loirinha inclina o corpo, focalizando nossas mãos. — Credo eu não acredito! São alianças? E.. e... um anel? Isso é um diamante?

Enfio minhas mãos no bolso do macaquinho, não quero olho gordo para cima dos meus anéis novinhos.

— Só pode ser piada de mau gosto. — a japonesa até então quieta, se manifesta com ar de nojo.

Theo solta um suspiro irritado. — Piada é a presença de vocês aqui, Nique. Não as convidei e nem dei liberdade para invadirem o meu barco e a minha praia.

— Eu sinto muito senhor. — Josias coça a cabeça claramente constrangido.

Theo faz um gesto para ele que se acalme.

— Soubemos do churrasco nos Donavam e pensamos...

— Pensaram errado, Antônia. Melhor saírem. — Theo interrompe a ruiva.

— Poxa Theo, bem que poderia liberar essa, vai ter gente de peso lá. Se chegarmos com você... — a loira baixinha fala com voz manhosa.

As veias das têmporas do meu Anjo começam a pulsar. — Não é o tipo de evento com no qual se encaixariam, Pamela.

Olho para Theo irritada, implorando em silêncio que não exagere. Não estou com um pingo de paciência para entrar em uma briga e estou a ponto de perder a compostura por causa dos olhares famintos que lançam sobre ele.

— Está insinuando o quê? Por um acaso, acha que não somos dignas? — a morena líder o do bando exalta-se.

Theo coloca a mão atrás de pescoço e massageia a nuca. — Não estou insinuando nada, Magda. Apenas deixem a mim e a minha noiva em paz. Saiam. — diz prestes a explodir.

— Não temos como voltar! — a mulata perde a pose.

— A picape da marina já deve estar me esperando lá fora, podem pegar uma carona na caçamba. — Josias oferece contrariado.

— Nem morta! — a tal Magda grita furiosa.

Agarrando-me pela cintura, Theo me arrasta até o banco e recolhe minhas coisas. — Bom vocês decidem. — berra sem se dar ao trabalho de olhar para as mulheres. — O Josias está sendo gentil em oferecer uma carona, mas se estão achando ruim, que voltem a pé. — quando ele volta a me puxar, agora em direção ao ancoradouro, livro-me de seu domínio e saio andando apressada na sua frente.

Estou uma fera. Detesto o fato dele possuir um passado tão cheio de mulheres e me angustia pensar que vou ter que me acostumar a cruzar com outros tipos iguais a elas. Olho sobre os ombros e Josias some no meio da trilha atrás das tratantes. Solto um suspiro aliviada, mas não muito, por terem ido embora.

— Nina!

Ignoro o chamado de Theo e sigo meu caminho em direção a lancha.

— Nina... estou falando com você! — insiste.

— Me deixê. Não estou boa para conversar agora! — revido irritada.

O grandalhão cola em mim, respira bufando e solta uns palavrões.

— Não pode me culpar, eu não convidei ninguém.

— Até quando a Andreza vai ficar assombrando a gentê? — digo em um tom acusatório.

Ele solta um grunhido.

— Eu não sei.

Sua resposta me surpreende e eu paro em cima do deque de madeira, virando para encará-lo.

— O quê?

— Eu não sei até quando. — passa as mãos no cabelo e me encara muito sério. — Andreza não é do tipo que se conforma com um não. Então teremos que aprender a lidar com ela e não deixar que suas loucuras e mentiras nos afetem. — diz como se fosse simples.

Irritada reviro os olhos para o absurdo que acabei de ouvir.

*Como não me afetar?*

*Ela quer roubá-lo de mim.*

— Nossa que legal. Aprender a lidar... Hum, hum... — sorrio com ironia. — Queria ver se fosse você, rodeado por um monte de ex casos meus. Esqueceu da testada que deu no Henrique? E olha, que ele estava de roupas!

— Ele é seu ex caso? — diz num tom glacial, mas a cor de sua pele quase se compara ao tom da camisa polo vermelha que usa.

— Pelo amor de Deus, Theo Callas!

— É ou, não é? — pergunta pausadamente.

— Ah não, nem venha querer reverter a situação. — digo sentindo-me em total desvantagem no quesito cruzar com ex casos. — Quem tem um passado pra lá de recheado é você. Eu não tive nem tempo de ficar com alguém aqui em São Paulo.

— Ficou comigo.

— Pois é, com você, só com você.

— Aquelas lá não eram meu ex casos, nunca encostei um dedo nelas.

— Acho bom. — subo uma rampa íngreme, pulo para dentro da lancha e quase perco o equilíbrio com o balanço da embarcação. — Minha paciência tem limite, Theo Callas. Prometo aprender a lidar com a louca da Andreza, não vou deixar que ela consiga o que quer. Mas, não espere que eu aguente suas provocações calada ou sorria.

Ele assente sem dizer nada e entra a bordo.

Sem vontade de continuar a discussão olho em volta. Fico boquiaberta com a luxuosidade que é a lancha. O que seu veleiro tem de clássico, isso aqui ostenta modernidade e acabamentos de alto padrão. O barco e o piso brancos brilham tanto contra o sol, que chegam a ofuscar. Sei lá quantos pés esse troço tem, mas posso apostar que são centenas. O sigo calada e subimos por uma escada de aço em caracol, que vai dar em um mezanino parcialmente coberto. Pela quantidade de equipamentos, resumo que seja a central de controle, há um volante náutico e atrás dele, uma cadeira de capitão revestida em couro branco, parafusada ao chão. Aliás tudo aqui está bem preso em seus devidos lugares, a poltrona ao lado da dele, bancos e uma mesa de vidro.

— Pronta? — pergunta cauteloso.

Decidida a não deixar que a visita indesejada estrague meu dia, sento ao seu lado e digo sim.



Fiquei surpresa em descobrir que nosso mais novo cliente é o feliz proprietário de uma destas ilhotas que compõem a grande Ilhabela. O passeio até lá foi parcialmente incrível. Um mar reluzente, o vento batendo em nossos rosto e cabelos, Theo mais do sexy do que nunca pilotando... Pena que meu estômago, não acostumado ao mar, resolveu estragar a magia e o romantismo do momento.

Descubro da pior maneira que, além de helicópteros, detesto lanchas.

Passei maus bocados abraçada a um cesto de lixo muito bem parafusado ao piso vinifico branco. Dei adeus ao meu café da manhã e quase a minha alma. Pela expressão preocupada de Theo ao desembarcarmos na ilha, minha aparência devia estar condizente com meu estado precário.

— Seu rosto está meio verde.

— Só preciso de ar e de outra dessas garrafinhas d'água.

Um rapaz baixinho e simpático nos apanha em um carrinho desses de golfe. Pegamos uma estradinha no meio da mata, o ar puro e o frescor das plantas aliviam meu mal-estar. À medida que nos aproximamos de uma casa que mistura o estilo do campo á amplas janelas envidraçadas, fico encantada como tudo é bem preservado. Passamos por uma enorme piscina, uma quadra de tênis, outra de futebol até nos depararmos com um jardim maravilhoso com centenas de begônias coloridas.

*Lindo... lindo.*

Se não fosse pela praia e a vegetação típica da mata atlântica, poderia jurar se tratar de uma fazenda. Na varanda da casa, rodeada por algumas pessoas, uma mulher de meia-idade, muito bonita, acena para nós e vem em nossa direção. Deduzo que seja a esposa de Donavan.

— Olá eu sou a Betina e você é Theo Callas, acertei? — a loira de incríveis e radiantes olhos azuis sorri para nós.

Surpreendentemente tímido, Theo estende a mão e é enlaçado em um abraço afetuoso. Sorrio para acalmá-lo quando seus olhos atônitos se fixam aos meus.

*Calma lá amigo.*

*Sou ciumenta só quando me dão motivos!*

— E você tem que ser a Nina, a dona daquelas receitas maravilhosas! — sou recebida com o mesmo entusiasmo. Seus olhos recaem sobre as nossas alianças. — Hum... O Don não me disse que eram noivos.

— É recente. — respondo gentilmente reconhecendo seu sotaque do sul.

— A Nina me propôs ontem à noite. — Theo abre um sorriso de cinema e ergue a mão direita mostrando a sua aliança.

— Uma mulher de atitude, adorei. — sorri e me oferece o braço. — Venha querida, estou feliz por sermos conterrâneas.

Ela nos conduz por um caminho lateral e chegamos a uma área nos fundos da casa destinada ao churrasco. Assim que nos vê, Donavan vem nos receber, nos cumprimenta com entusiasmo pelo noivado e engatamos uma conversa descontraída sobre as melhorias que o casal fez na ilha.

— Um belo lugar tem aqui. — Theo elogia ainda se ambientando.

— É uma mistura de nós dois. — Betina sorri. — Don foi criado em uma fazenda e eu cresci no litoral do Paraná, então juntamos o melhor dos nossos mundos.

Daí para frente, à tarde passa tranquila. O desconforto inicial de estarmos em uma festa íntima de dois desconhecidos, desaparece pouco a pouco. Os Donavam são um casal sensacional e com um senso de humor incrível, talvez seja daí o fato dele ter levado tão bem o escândalo de Camila no restaurante. Para o homem sorridente, no final, tudo não passou de uma grande balburdia. Como ótimos anfitriões vão dar atenção para os demais convidados e nos deixam à vontade para conhecer a casa e passear pela ilha.

Quando voltamos de uma das praias onde Theo e eu pudemos aproveitar os prazeres de um banho de mar e namorar sob o sol, ele é chamado ao escritório, não posso conter uma certa excitação. Sei o que está por vir. Finalmente irão assinar o bendito contrato.

— Ficar aí parada não vai fazer com que eles terminem mais rápido.

Dou um pulinho ao ouvir a voz gentil de Betina atrás de mim. Sorrio para ela ao me dar conta de que estou parada no longo e iluminado corredor, com os olhos vidrados nas portas duplas do escritório.

— Que tal aproveitarmos que os convidados foram embora e os rapazes estão cuidando dos negócios e nos divertir?

— Hã... Claro.

— Conheceram o pomar?

— Não, fomos direto para a praia do lado sul.

Betina oferece o braço como fez mais cedo e aceito. — Aquela é umas das mais bonitas, mas meu lugar favorito é o pomar. Sempre colho algumas frutas para levar para casa em São Paulo.

Passamos pela cozinha, orgulhosa, Betina me faz experimentar a receita de ambrosia que fez a partir da minha. — É não é que ficou boa mesmo! — elogio-a com sinceridade.

Passamos para a área externa e seguimos por um caminho sinuoso de pedras, até um portão. Quando entramos me deparo com uma infinidade de árvores frutíferas, além de uma horta para ninguém botar defeito. Tiro a rasteirinha e aproveito para pôr o pé na terra e me energizar. Betina explica orgulhosa que ela cuida pessoalmente do jardim e me oferece uma grande cesta, incentivando-me a colher legumes e frutas.

Sou atraída pelo cheiro doce das mangas. Surpreendo-me pelo tamanho de uma jaca, fruta típica da ilha, a qual não conhecia. Sua casca é grossa e enrugada com uma polpa que se assemelha a uma fruta do conde. — A ilha é tomada por elas. Há que se ter cuidado ao andar pelas trilhas. Elas caem de maduras e a chance de ser atingido na cabeça por uma delas ou enfiar o pé na jaca é muito grande. — sorri, divertindo-se. — São doces, mas pegajosas dá uma trabalhadeira danada tirar a gosma presa entre os dedos.

Betina é tão agradável e sinto que ganhei uma nova amiga.

— Sabe de uma coisa, Nina?

De joelho diante da horta, olho sobre os ombros fazendo cara de que não sei.

— Estou feliz por meu marido ter seguido a intuição e escolhido a Callas e não a JM. Aquele Julio me dá arrepios, fora que não gostei nada do jeito com o qual se referiu a esposa. Don me contou sobre o caso dele e aquela mulher horrorosa que fez o escândalo no restaurante. Seu noivo é tão diferente dele.

— Diferente? — pergunto, pois não conheço o Júlio.

— Um homem digno e de caráter como o meu Don, do tipo com H maiúsculo, que fará de tudo para cuidar de você. Notei que ele te olha da mesma forma que meu Don olha para mim.

Isso me faz sorrir e ela continua.

— Se quer um conselho... Agarra bem esse homem, tenho certeza que serão felizes. Vocês dois foram feitos um para o outro.

Deixo escapar um suspiro e solto as angústias que fervilham dentro de mim. — Eu sou louca por ele, mas nem tudo são flores... Mal começamos e fomos cercados de intrigas e fofocas. Ainda tem todo o dinheiro dos Callas e as pessoas gananciosas se interpondo entre nós, é complicado.

Betina ajoelha-se ao meu lado e começa a desenterrar umas cenouras. — Se o ama de verdade, vai tirar isso de letra. Eu não tinha nada quando conheci o meu marido, enfrentei uma barra pesada quando meus sogros ficaram furiosos por Don terminar um noivado de anos e foram contra o nosso relacionamento. A ex noiva fez tanta pressão e escândalos que em alguns momentos, pensei que não fosse suportar. — joga uns legumes em minha cesta. — No final deu tudo certo, nós casamos e nunca deixei que o dinheiro deles ditasse as regras em nossa relação. Então... esqueça quem é do contra e as outras mulheres que vieram antes. Aproveite o bom momento e seja feliz. Não fique queimando as suas lindas pestanas conjecturando o que pode acontecer... Não somos donos do destino e se está escrito que vão ficar juntos, é assim que será. Sofri horrores e briguei muito antes de entender que todos nós temos um passado, só que é por mim, que os olhos dele brilham. E hoje, minha querida, é até divertido colocar umas vagabundas para correr de vez em quando.

As palavras de Betina me confortam. Saber que ela passou por uma situação parecida e está aí inteira e apaixonada pelo marido, me dá forças.

— Ahhh ... Aí estão nossas preciosidades, Theo. — a voz grave de Donavam nos faz levantar. — Querida, o que acha de mostrar a eles seus novos bebês?

Betina sorri e vai em direção ao marido. Não contendo um gritinho de excitação quando ela diz que seus bebês são cinco porquinhos recém-nascidos e rosados.

Em seguida, observo com carinho, Theo aproximar-se irradiando felicidade e corro para ele quase derrubando as frutas e legumes que

transbordam em minha cesta. Apoio o corpo no dele, fico na ponta dos pés e sussurro em seu ouvido: — Estou orgulhosa.

Ganho um sorriso torto beirando a timidez. Meu coração dispara, seus olhos são tão expressivos que posso sentir as mais diversas emoções emanando deles... realização, orgulho, carinho e zelo.

— Eu também estou orgulhoso. — diz baixinho com a voz suave. — Gostei de ver a sua colheita, quanta coisa saudável. — beija-me docemente antes de pegar a cesta pesada e de mãos dadas, começarmos a seguir os Donavam por outra trilha. — Sabe, Caipira... Ultimamente conquistas como estas já não tinham mais valor ou graça, eram só mais do mesmo... Mais poder, mais dinheiro e mais projeção. Hoje ao assinar o contrato, senti emoções novas chacoalharem o meu peito... Segurança, estabilidade e até um senso de responsabilidade. Como se eu estivesse plantando para garantir o nosso futuro, entende? Pois, não quero mais prosperar só por mim ou pela minha família, quero crescer por nós dois.

Meu coração para. Ainda me surpreendo como um homenzarrão viril desses pode ser tão doce e gentil quando quer.

Aperto mais as nossas mãos. — Theo Callas, eu já te disse que te amo?

— Não o suficiente, meu Amor. — leva a minha mão até a boca e beija a aliança.



## Vinte e três



**C**omo o último pedaço do pastel de queijo, levanto e aceno para o Kimura que está enlouquecido no comando de seu tacho de óleo fumegante. Às quartas é dia de feira na rua ao lado da Callas e sua barraquinha ganha um reforço na clientela. Peço um de nutella com morango para mim e outro de palmito para a minha amiga gulosa, que já está em seu terceiro pastel, e volto a me sentar no banquinho de plástico. Com o Theo e Pedro ocupados, metidos em vários compromissos, eu e Nati aproveitamos para voltar à nossa velha rotina de almoços populares e nada saudáveis.

— Acho que depois também vou querer um desses aí. — Nati aponta para o pastel doce que a atendente acaba de me entregar. — Tô gostando de ver, hein Boneca. Tá cheia de apetite você.

Dou risada tampando a boca recheada de chocolate e morangos. *É uma cara de pau esta minha amiga.* — Estou mesmo, seu chefe tem me exigido muito. Preciso repor as minhas energias.

— Sei... Ele que tem te exigido, né? Quando um não quer dois não fazem, meu amor.

Nem respondo, apenas rio mais. Nati tem razão, eu e meu Anjo estamos competindo para ver quem é o mais tarado esses dias. Desde que voltamos da praia, minha vontade por ele só faz crescer... crescer... crescer... O sexo entre nós tem rolado freneticamente e qualquer lugar está valendo.

— Ah esqueci de te contar... — Nati olha para os lados checando se ninguém vai nos ouvir. — Peguei o Theo e o Pedro fofocando. — ela vibra. — Seu noivo estava todo bobo contando que a Caipira dele era linda e parecia uma fada no meio da horta e depois uma menina da fazenda, correndo atrás de uns porquinhos. — Nati para por um instante. — Na praia tem porco, não dá bicho de pé? — faz uma careta de nojo.

— Claro que não! — solto uma gargalhada ao lembrar da expressão impagável de Theo nos observando correr feito duas loucas para tentar pegar os filhotinhos. — Os porquinhos da Betina são limpinhos e uma graça, menina você precisava ver... Rosinhas de tudo. Pena que o Theo bateu o pé e não me deixou trazer um para casa. Implorei como presente de noivado, mas não teve jeito.

— Deus me livre, o que iria fazer com um porco em São Paulo?

*Engraçado, Theo perguntou a mesma coisa.*

— Criar no quintal, igual cachorro ué. — explico o óbvio e ela cai na gargalhada.

— Ai, caramba, vocês se merecem. Não sei qual dos dois é o mais louco. — diz com a voz ainda risonha. — Esse noivado está dando o que falar, hein? Só se escuta sobre ele nos corredores da empresa. Viu a cara do trio fofoca quando soube?

Franzo no nariz concordando, Sandra, Bertha e Mônica quase caíram para trás quando nos cruzamos no elevador. Os olhos venenosos das três recaíram automaticamente na pedra colorida que carrego em meu dedo anular direito. Acho que saber do nosso noivado foi demais para elas, desde ontem as mulheres esqueçam as ameaças feitas por Theo na lanchonete e voltaram com tudo com as fofocas.

Olho para Rafael que almoça na mesinha mais atrás, junto com o segurança de Pedro, toco a palma da mão para sentir a pedra do meu anel, que por medo de ser assaltada na rua, virei para baixo.

— Por falar em fofoca, onde o Theo e o Pedro se meteram a manhã toda? Assim que voltei da vistoria, tentei o celular dele, mas estava desligado. — pergunto curiosa e dou uma mordida generosa no pastel.

— E eu lá sei? — os olhos negros de Nati reviram. — Os dois estão cheios de segredinhos esses dias. Passei uma ligação do Callas pai e saíram minutos depois com o Mike.

*É claro!*

— Pode ser coisa da Thenka. O Theo tem evitado falar nestes assuntos comigo, mas ontem à noite, ele conversou por telefone com um dos advogados. Parece que estão pegando pesado no processo do atropelamento e das drogas... Não sei não, mas pelo pedacinho da conversa que eu ouvi a Thenka só escapa de uma condenação mais pesada se concordar em permanecer internada na clínica.

— Bem feito para ela, quem sabe assim aquela mimada para de infernizar todo mundo. Não entendo, viu. Tem gente que esquece que a vida uma hora cobra com juro e correção a maneira com que tratamos as pessoas. — aborrecida, termina seu pastel e pega o resto do meu que não consegui comer inteiro.

— Minha mãe que o diga. — devaneio.

— Esse vestido é novo? Adorei a cor. — Nati faz umas das suas habituais mudanças na prosa.

Tiro as migalhas que caíram no meu colo. Faço uma carranca ao notar um pontinho de óleo no tecido de cor azul acinzentado. É um modelo clássico, estilo executiva, decote canoa, mangueira três quartos e zíper atrás. — Comprei na mesma loja que o vestido para a cerimônia de amanhã.

Os olhos de Nati brilham de interesse. — Qual escolheu o azul marinho ou o vermelho?

Levanto os ombros em um *Ops*, mostrei os dois modelos para Nati, no site da loja, mas esqueci de dizer qual escolhi. Por hábito, toco o pingente azulado em meu colar. — O azul. — respondo e penso no modelo clássico, ajustado até o quadril, abrindo-se em uma saia esvoaçante. Discreto, mas não muito. Longo e de um tecido fluido com mangas curtas e larguinhas, e um decote em V bem profundo, que dará destaque a joia que brilha em meu peito.

— Nossa, o Theo vai surtar ... Aposto que seus peitos ficaram um escândalo naquele vestido mara! — Sorrio e concordo. *Ficaram mesmo*. De repente, Nati me olha com receio e arqueio a sobrançelha e um *manda- logo-o que-você-quer*. — Vai achar ruim se eu for à loja e comprar o vermelho?

— Lógico que não. Ele é muito mais a sua cara do que a minha.

— Vamos estou muito animada para continuar comendo. — levanta e larga o restinho de pastel no pratinho de plástico. — Preciso me manter magra para caber no vestido. — pega a bolsa e faz um sinal para os

seguranças. De braços dados saímos contornando as mesinhas até alcançarmos a calçada mais livre. — Que dupla maravilhosa nós somos, né? A loira e a morena arrasando a porra toda! Os Callas que se cuidem amanhã!

Rindo voltamos para o escritório e sem notícias dos primos Callas, e nada que exija a minha presença urgente no 21º, aproveito para me reunir com Miguel e Toshiko. Discutirmos sobre as novas ideias que os dois tiveram para o projeto das alas do hospital e pelos olhares e sorrisos trocados entre eles, posso jurar que tem um clima rolando e não é de amizade. Por volta das três, temos tudo organizado e saio da ex sala de Camila com uma lista de projetos para tocar.

Ligo para Nati e nada do Theo. Tento o celular dele e nada. Um pouquinho irritada pela falta de consideração, mando uma mensagem m ... **Dar sinal de vida, às vezes, é bom..** . e decido ficar na minha salinha do 12º para adiantar os esboços.

Trabalho... Penso em Theo... Trabalho... Dou tchau pra Miguel e Toshiko... Trabalho... Penso em Theo... O andar fica quieto... Trabalho...

— O que faz aqui?

Levanto a cabeça e vejo o desaparecido com as mãos no batente da porta e o corpo levemente inclinado para a minha sala. Ele está sem o paletó, a gravata afrouxada e as mangas dobradas revelando os antebraços marcados por veias... Pelo tom seco da voz e o rosto de poucos amigos, está exausto.

Abro um sorriso amarelo. — Trabalhando. — solto a lapiseira sobre o desenho e esfrego os olhos cansados.

— Já está tarde, sabe que não quero você sozinha. Se coloquei uma prancheta de desenho apropriada no 21º, foi para não ter que trabalhar aqui. — rosna.

*Será que ele não viu o Rafael plantado na recepção do andar?*

O ar entre nós congela e ferve.

*Ui!*

*Mas que merda está acontecendo?*

Retorço o lábio em apreensão. — Está de mal humor ou é impressão minha? — pergunto fingindo calma, alcanço o celular e vejo que já passaram das sete e meia da noite.

— Tive um dia de merda. — endireita o corpo apoiando apenas um ombro no batente. A mão com a aliança vai parar na barba, começando o esfrega-esfrega típico de quando está irritado.

*Bem-vindo ao clube, meu Anjo.*

*Também não foi legal ficar que nem uma idiota esperando o donzelo dar notícias.*

— Hã... hã... e aí resolveu que vai descontar em mim?

Theo levanta a cabeça na direção do teto, respira fundo e volta a me encarar sério. — Não claro que não... Sinto muito, só acho que trabalharia melhor de lá.

*Ok...*

*Respira, Nina...*

O meu grandão está se controlando e me pergunto o que diabos de tão ruim aconteceu esta tarde para deixá-lo tenso deste jeito. Lembro da ligação de seu pai e dos últimos desmandos de Thenka. Então, mesmo com o coração tremendo de curiosidade e ameaçando cair na mesa, resolvo agir como sua companheira e não forçar a barra. Alongo meu pavio e não entro no mérito da questão de que teria rendido muito mais, se não estivesse com todas as partículas do meu corpo, desesperadas por ele e faço o que meu coração pede.

Chamo a tecla rápida de Rafael e peço que vá buscar as coisas de Theo na sala dele, depois desça e espere por nós, junto com Mike, na garagem. — Dê-nos uns minutos, já os encontraremos. — ordeno ao segurança sem dar mais detalhes.

Calado, Theo esfrega a mão no queixo, totalmente surpreso com a minha atitude. Olha-me com doçura e tristeza.

*Tadinho.*

— Tranque a porta. — digo a ele com suavidade.

— Tudo bem, você tem direito de saber, mas não quero brigar. — murmura.

Sua voz derrotada e expressão entristecida me quebra. Não acho justa a carga de preocupações que vem sendo despejadas nele. Sorrio compreensiva, mostrando ao Theo que nem eu estou a fim de uma DR. Bater na mesma tecla Thenka e problemas familiares só vai aborrecer à nós dois e não vai dar em nada.

— Meu Anjo, feche a porta e venha cá. — insisto e abro os braços em sua direção. — Sabe o que eu acho? — pergunto e seu rosto bonito contrai ao balançar a cabeça. — Que sua cota de aborrecimentos já esgotou por hoje e devemos deixar qualquer assunto chato para outro dia. Vou apoiá-lo independente do que seja e nada é tão ruim que não possa ser resolvido. Você está precisando é de um bom colo, isso sim. — abro e fecho as mãos, incentivando-o a vir.

— Mas... mesmo não sendo certeza, talvez seja melhor discutirmos logo. — uma nova onda de preocupação varre seu belo rosto.

*Thenka... Thenka... Thenka...*

*Blá... Blá... Blá...*

— Não Theo. — interrompo-o. — Se não é nada certo, do que nos vale sofrer por antecipação. Só venha aqui e me deixe cuidar de você, ok.

Meu Anjo não diz nada, apenas, assente e tranca a bendita porta. Em seguida, caminha lentamente até mim, inclina e segura os braços da minha cadeira giratória, colocando-se de frente para mim. Ficamos cara a cara, entre a mesa e a parede. Seu cheiro masculino invade meu espaço pessoal, despertando meus hormônios e uma linha fina marca a sua testa. Desisto do colo e penso em algo muito melhor: a única coisa capaz de afastar de sua mente qualquer pensamento.

Em um impulso levanto, deslizo a cadeira que bate contra a parede e caio de joelhos aos seus pés. Pego de surpresa os castanhos-mel arregalam e Theo encosta na mesa, espalmando suas mãos sobre ela. — Não quero que pense em nada, meu Anjo. — murmuro e subo minhas mãos desenhando com os dedos, os músculos de suas coxas grossas.

Este leve contato faz minhas emoções virem à tona.

*Deus, como eu o amo.*

— Vai me chupar? — pergunta em um grunhido chocado.

Com o coração batendo rápido, levanto a cabeça para encontrá-lo com os olhos fixos em minhas mãos pousadas sobre sua braguilha...

— É o que eu pretendo. — digo com determinação ao abrir seu cinto e descartá-lo no chão. — A menos que não queira. — por cima da calça cinza, acaricio o Indecente sentindo-o endurecer sob o meu toque.

Rendendo-se Theo solta um suspiro pesado. — Você é má, Senhorita Kovac. Depois não reclame. — diz e sorri sedutoramente,

indicando que a chavinha em sua mente lasciva girou e seu foco é puro sexo agora.

Meu rosto aquece, amo quando desligamos do mundo à nossa volta e entramos no modo fantasias de chefe mandão e funcionária safada. Transar na Callas virou um jogo excitante e perigoso e entro nele de igual para igual. — Posso ser boazinha se isso o excita, Senhor. — provooco ingenuamente e mordo os lábios suprimindo a vontade de ser muito má e chupar esse homem até que ele perca os sentidos.

Os olhos castanhos fecham por um segundo e voltam para mim brilhantes e escuros.

Ofego.

A língua de Theo aparece ao desliza-la molhando os lábios como um predador esfomeado. — Boa ou má, não importa... Vivo excitado, Caipira. — como que para comprovar suas palavras, abre a braguilha e desliza a calça e a boxer deixando-as cair até o meio das coxas. — Faça coisas sujas com meu pau, Senhorita Kovac. — sua voz soa rouca e profunda. — Mas... Quero você nua quando essa boca deliciosa chupar as minhas bolas.

Ofego mais.

A visão de sua ereção despontando à minha frente e seu tom surpreendentemente autoritário e tranquilo fazem minha região inferior aquecer em luxúria. Sinto a calcinha umedecer de desejo e de repente, toda a tensão se esvai... A conversa de minutos atrás desaparece e tudo que eu consigo pensar é na vontade de beijá-lo centímetro por centímetro... para depois chupá-lo ... atormentá-lo e provocá-lo até que goze em minha boca.

— As roupas, tire-as. — comanda e me oferece a mão.

Aceito e subo virando de costas para ele. Seus dedos hábeis e precisos deslizam o zíper do meu vestido e depois abrem o fecho do meu sutiã. Enquanto deixo que as peças escorreguem manhosamente pelo meu corpo, penso que minha minúscula sala nunca mais será a mesma depois desta noite. O tecido cinza azulado cai como uma poça em meus pés, seguido da renda cinza de meu sutiã. Com a pontinha dos pés chuto-os para um canto. Um arrepio percorre a minha coluna quando o ar condicionado faz os bicos dos meus seios, já excitados, projetarem-se duros e orgulhosos.

Theo afasta meus cabelos e sua boca recai sobre o meu pescoço. — Os sapatos ficam. — murmura deixando um rastro quente em minha pele,

atordoam-me o modo como sua ereção pressiona a rachadura minha bunda.  
— Tire a calcinha e entregue-a para mim.

Minha respiração acelera.

Enrosco os dedos nas laterais delicadas da minha calcinha e inclino meu corpo dando-lhe uma visão privilegiada do meu traseiro e sexo sendo desnudados. Sorrio satisfeita quando um ronco selvagem brota em sua garganta. Sentindo-me desejada e sem limites... provoco-o mais e mais, tomando todo o tempo do mundo, no ato de deslizar languidamente a peça delicada por minhas pernas.

Nua e com um sorriso vitorioso no rosto, viro e estico a mão em sua direção, com a calcinha pendendo entre os dedos. — Algo mais, senhor? — provoco, ele a pega, e a cheira sorrindo. — Deliciosa como sempre.

— Tarado.

— Por você.

Minha boca enche d'água ao ver que se livrou por completo das roupas. Um som de prazer escapa da minha garganta quando passeio os olhos admirando seu peito musculoso e os gomos de seu abdômen. Olho... olho...olho... Sua pele está mais bronzeada pelo dia na praia. *Deus, do céu, este meu homem fica cada vez melhor.* Os músculos de sua barriga flexionam por vontade própria e adoro a trilha de pelos escuros que abrem caminho para o melhor pau de todos os tempos.

*O meu pau... O meu glorioso e robusto Indecente.*

— Você é tão gostoso que qualquer dia desses vou ficar cega de tanto te secar. — digo na empolgação.

Um risinho presunçoso curva sua boca e descaradamente ele alisa a ereção. — Da próxima vez eu empresto uns óculos escuros e um babador.

*Ordinário convencido.*

Dou risada. Uma das coisas que mais gosto nele é esse senso de humor sacana e sarcástico.

— Isso é mais das suas fantasias por um acaso?

— Não. — balança a cabeça negando e me puxa para perto, deixando o Indecente aninhado entre nós. Suspiro quando a cabeça dura de seu membro pica minha barriga. — Meu pau faz você ficar toda quente e molhada, não faz?

Tateio as suas costas. — Sabe que sim. — murmuro.



— Quanto a sua boceta está molhada por mim?

— Bastante, parê de me provocar. — aperto as laterais de sua cintura. — Quer que te chupe ou não?

— Quero sentir seu sabor antes, dê pra mim.

Sabendo o que quer, dispo-me de qualquer inibição e afasto-me até colar as minhas costas na parede. Entreabro as penas e com os olhos fixos nos dele, desço minha mão direita até chegar em minha umidade. Meus dedos deslizam com facilidade abrindo meus lábios íntimos, o meu próprio calor me excita. Com os olhos semicerrados e a cabeça inclinada para o lado, faço um vai e vem sensual, provocando o Theo que me devora enquanto volta a se masturbar. Espalho meus fluidos instigando meu clitóris imaginando ser a boca dele lá. — Oohhh. — gemo e me contorço.

— Chega, não quero que goze sem mim. Venha. — sussurra mordendo os lábios e acelerando os próprios movimentos. — Está me deixando maluco.

*Uh o quê?*

Não vou... — Parê de se tocar então. — digo, subo a minha mão e esfrego os meus mamilos e movimentos circulares deixando todo o meu sabor sobre eles, depois repito o processo em minha boca. O sabor adocicado do meu sexo me faz querer sentir o dele. Completamente envolvida pela luxúria e seduzida pelo vai e vem da mão grande de Theo em seu pau, fecho os olhos e chupo meus dedos...

Um rosnado, já conhecido, arranca-me de meus devaneios eróticos. — Eu disse vem cá! — Mãos enormes me puxam e antes mesmo que eu possa abrir os olhos, sou atacada. Minha respiração para na garganta quando a boca exigente de Theo engole meu mamilo, sugando-o com tanta energia que meu clitóris é bombardeado por choques elétricos de prazer.

*Jesus Cristo!*

Seu corpo imenso ata-se ao meu... Sua boca parte para outro ataque castigando meu outro mamilo com mordidas e sopros. *Caramba!* Minha excitação cresce, agarro pau e bombeio... Ele para sem aviso. — Oh, não... por favor continue. — deixo a cabeça cair em seu peito suado.

— Quero sua boca no meu pau agora. — rosna tão excitado quanto eu.

— Nossa, pedindo assim você é adorável. — ironizo entre a frustração e o desejo de devorá-lo.

— Por favor. — ele diz voltando a espalmar as mãos sobre o tampo claro da minha mesa. — Foda-me, Senhorita Kovac. — seus olhos brilham evidenciando os tons mel. — Faça sua mágica em mim— diz em um tom morno, convidativo e profundo

*Ah, meu Anjo lindo...*

*Pode apostar que o farei flutuar.*

Querendo agradar ao meu homem, prostro-me de joelhos e seguro à base de sua ereção que pulsa entre os meus dedos. Aplico uma pressão leve e começo a masturbá-lo, explorando todo o seu comprimento. Gosto de como suas pálpebras baixam e ele morde o canto da boca ao entregar-se a mim. Inclino a cabeça e incluo minha boca na brincadeira. Esfrego a língua circundando a cabeça já inchada do Indecente. Pressiono minhas penas juntas ao sentir o seu sabor. — Consegue sentir quando brinco só com a pontinha? — chupo-a levemente. — Tem muitas terminações nervosas aqui?

— Porra, muitas... e estão todas excitadas. — joga mais o quadril em minha direção.

Esfrego mais a língua, Theo puxa uma respiração pesada, o que me anima. Experimento ir chupando e aos poucos ir aumentando a profundidade em minha garganta. Mamo sua glândula, lambuzo-a com saliva, desenho as veias grossas com a pontinha da língua para depois, ir fundo e duro.

— Caralho!

Alegro-me que a prática esteja me fazendo acostumar com seu tamanho e espessura, os engasgos são raros e seu sabor só melhora. Começo um vai e vem engolindo-o o máximo que consigo e soltando. Chupo, solto, chupo, solto... Amamento-me de seu pau safado sem precisar das mãos... Então ocupo-as... Uma vai parar em suas pesadas bolas, a outra pede licença para explorar sua bunda musculosa. Theo entende minha intenção e desgruda o traseiro da mesa liberando-o.

*Aperto-o.*

*Delícia de bunda.*

Espalmo as duas mãos nelas e aperto. Chupo-o mais algumas vezes e desço tracejando a pele enrugada de suas bolas e ele geme duro quando as coloco na boca. Alterno entre seu pau e saco. Os sons masculinos que ecoam pela sala tornam-se mais intensos.

*Graças a Deus, não há mais ninguém aqui.*

Quero meu Anjo devasso urrando de prazer. Foco meu ataque entre seu saco e o cu, onde o ponto do seu prazer esconde-se. Minha vontade e penetrá-lo ali, mas conteno-me. Minha mesa não é o melhor lugar para isso e precisaria de alguma lubrificação extra. Para compensar capricho nas investidas da boca e intensifico a pressão dos meus dedos. A respiração de Theo fica mais pesada à medida que meus lábios lhe dão prazer e isso me encanta.

— Porra, merda, merda, merda!

Em um segundo seu pau se livra da minha boca e sou içada para cima. Braços fortes me colocam montada nele com meus joelhos apoiados sobre a mesa. — Porra eu quero você.

Mete fundo e duro.

*Cristo!*

— Anjooooo — grito sem me conter, sinto-me empalada. O calor se estende da minha virilha, por meu tórax, acima do meu pescoço, aquecendo minhas bochechas.

— Deus você é magnífica! Sempre será.

Cravo as unhas em seus ombros incentivando a vir mais forte. Estou tão envolvida na sensação dele me preenchendo que mal consigo respirar. Fecho os olhos ... Ele mete... Mete... Mete... Fodendo-me primorosamente. Ouço o som de coisas caindo de minha mesa, mas não reajo. A cabeça de seu pau está esfregando justo no ponto onde faz as pontas dos meus pés enrolarem.

O cavalgo como uma alucinada, sentindo meus seios pularem. Grito como ninguém quando um dedo safado circunda meu ânus e penetra-me sem pudor. Estou preenchida tão intensamente e é sublime. Estremecendo em êxtase, rebolo sobre ele pedindo mais... Suas estocadas se aceleram e seu pau engrossa mais. Sensações alucinantes tomam conta do meu corpo... Seu pau entra, o dedo sai... Ele sai... o dedo entra...

*Deus!*

Theo ofega entre uma respiração entrecortada, olho para ele e seu rosto está concentrado, perdido em algum universo paralelo do prazer... Quero beijá-lo ... Agradecê-lo por seu meu e fazer meu corpo se sentir tão bem, mas só sei gemer e sentir... e gemer ... e sentir... e gemer... e sentir... Espasmos brotam do meu núcleo, espalhando-se por minha boceta que

continua castigada por seu ataque possessivo. — Foda-se, simmmm. Merda, caralho! — palavras ditos em sua voz masculina e sexy explodem em meu ouvido quando ele enfia fundo e para. Sai, enfia fundo novamente e para. Outra e outra vez... Jorros quentes se esparramam dentro de mim... Inundando-me de Theo.

Agradeço quando ele não para seus movimentos e seu dedo infiltra-se entre nós estimulando meu clitóris. — S- sim... — deixo-me levar até minha boceta contrair e ser arrebatada por meu próprio orgasmo. Embrulho meus braços ao redor do seu pescoço e me afundo nele esfregando meus lábios em seu ombro como agradecimento.

Após um longo momento, nossas respirações se acalmam e ele ergue a cabeça. Olhando para mim, captura meus lábios em um beijo faminto. Depois de quase arrancar minha língua com chupões vorazes, ele acaricia de leve meu lábio inferior. Em seguida afasta o rosto, segura meu queixo para olhar fundo em meus olhos. — Obrigado. — sorri e tudo que vejo é amor.

— Não me agradeça, meu Anjo. — roço nossos lábios. — O prazer também foi meu.



O dia amanheceu chuvoso, um contraponto e tanto à noite estrelada de ontem. Após sairmos de Callas e ir jantar na casa de Pedro, voltamos para casa a pé e um repeteço, em meio aos lençóis repleto de paixão e promessas, foi inevitável.

— Vou me trocar no helicóptero. Sete em ponto na escadaria. — Theo repete pela décima vez, ao me liberar do abraço.

Deus do céu, o homem acordou pilhado. Mas também, que ideia descabida, marcar uma reunião fora de São Paulo bem no dia de um evento importante.

Estico o braço e pego a embalagem do meu vestido pendurada ao lado do smoking de Theo.

— Relaxa, meu Anjo. — beijo rapidinho sua boca. —. Eu estarei lá. — salto da ranger em frente a Callas, olho para céu cinzento agradecendo ter posto calças e um casaquinho amarelo de mangas compridas.

Ele fecha a porta e baixa o vidro. — Que horas vai se encontrar com a minha mãe e a Thina?

Apresso-me em responder por causa da garoa chata.

— O Rafael vai me levar ao salão de beleza às três. — o segurança, que abre e segura um guarda-chuva como uma estátua, olha para o chefe confirmando. — De lá, iremos direto para o Palácio do Governo.

Theo balança a cabeça como se estivesse cronometrando o tempo. — Thina sempre se enrola nessas coisas de beleza, se ela começar a demorar a deixem lá.

Dou risada de sua ansiedade.

— Anjo, vou estar naquela escadaria, nem que a vaca tussa. Agora vá, que Ribeirão Preto não é na esquina. — *E está garoando, caramba!* — Se você se atrasar eu te capô.

Ele gargalha quase à beira da arrogância. — Não faria isso.

Um ventinho frio bate e eu me abraço esfregando as mãos para cima e para baixo em meus braços. — Tá, não faria mesmo. Raspo seu cabelo então.

— Adora puxar meu cabelo. — argumenta fazendo outro ponto.

*Adoro mesmo.*

— Deus do céu, parê de me amolar e vá. Tenho uma série de coisas para fazer se eu quiser estar naquela escada às sete. — aproximo-me da janela apoiando os cotovelos nela. — Vou sentir saudades dos seus gemidinhos sexies de prazer durante a tarde. — sussurro para que só ele possa ouvir.

Theo olha-me com total descrença e gargalha. — Ah, Caipira não me provoca... Fique sabendo que sou masculino ao extremo, para emitir qualquer tipo de sonzinho... Eu urro, não gemo.

Rindo de sua resposta desaforada, fico na ponta dos pés e lhe dou um beijinho rápido. — Vou precisar de você pelado para comprovar a veracidade desta informação. — provooco sorrindo. — Pena que não temos tempo para isso agora. Preciso trabalhar, senhor masculino ao extremo.

Ele me olha lascivamente e sei que é uma promessa de que não vai sossegar até comprovar sua teoria do urro. — Ok te vejo mais tarde. Te amo, Caipira.

— Te amo igual, meu Anjo. — pisco e saio correndo para entrar no prédio e fugir da garoa fria.

— *Piranhaaaa!*

A voz estridente de uma mulher é a primeira coisa que escuto ao pôr os pés na recepção da Callas.

— *Me soltem, seus brutamontes imundos!*

— *Quero falar com aquela piranha desgraçada!*

Um arrepio na espinha me diz que a piranha em questão, sou eu. Giro a cabeça procurando a dona da voz e meus olhos cruzam com os de Rafael. Sua expressão está tão tensa quanto a minha.

Outros “*piranhas*” e “*me soltem*” reverberam no lobby fazendo os funcionários, que chegam para trabalhar, desacelerarem o passo.

Ao pé da escada rolante, que vem do estacionamento, vejo a cabeça de Andreza. Uma raiva instantânea brota em meu peito. A morena está cercada por seguranças e desfere vários golpes de bolsa neles. Ela pula e se debate tentando vir em minha direção. Dou um passo para frente e Rafael segura o meu braço. — Nem pense nisso, Senhorita. Sabe o que vai acontecer se for até ela.

*Vou brigar com Theo e arruinar a nossa noite de gala.*

Indecisa, respiro fundo. Andreza continua a berrar e eu penso... Por um lado, se eu for até ela, vou abrir precedentes para outras visitas e pelo que Theo disse, não vai ser um simples “*Afaste-se do meu noivo*” que irá intimidá-la. Por outro, não quero que encare minha recusa de embate como fraqueza. Então... Improviso.

— Andreza, pelo amor de Deus, valorize-se mulher! Vá embora! — peço chamando a sua atenção e o chefe da segurança corre em minha direção.

— Mande esses macacos me soltarem! Quero falar com você agora. — berra histérica e seu preconceito dói em meus ouvidos.

*Macacos?*

— Sinto muito, Senhora, mas não posso permitir a entrada dela. — o segurança comprime a boca. — São ordens expressas da diretoria.

Com a visão periférica vejo que Andreza espera eu resolver a situação. — Eu sei Samuel, nem eu pretendo dar asas aos disparates desta mulher. Outro circo aqui na recepção, nem pensar.

— Eu não vou arredar o pé, até conversarmos! Ou me libera ou faço um escândalo. — ameaça. — Quer que eu comece a vomitar daqui tudo o que eu tenho para dizer? Eu não me importo.

*Minha curiosidade ameaça meu bom senso.*

*E se eu pedir que me ligue... ou escreva um bilhete.*

Nati e Pedro surgem atrás dela, empacados na escada. Pedro diz algo que não consigo entender e a mulher desaba a gritar mais. — Não pode me impedir, seu pau mandado! Eu avisei que iria cortar as asas desta Piranha e a oportunista não me ouviu!

Congelo e meu coração para.

*“Quem cisca em poleiro alheio, perde as asas.”*

Ela não me avisou, mas o brutamontes que me atacou no beco, sim. Flashes de Theo brigando explodem diante dos meus olhos e quero esfolar essa mulher! Saio correndo em sua direção. — Bandida! Eu vou acabar com a tua raça! O Theo podia ter se machucado pra valer! — sou brecada pelos braços fortes de Rafael a trinta metros de meter a mão na cara da ordinária.

— Quem vai acabar com a sua raça sou eu, piranha maldita! — revida.

Minha pulsação acelera e meu sangue esquenta.

*Que merda!*

Todo esse tempo eu pensando que era a Camila, algum funcionário insatisfeito ou mesmo Bernardo. Desde quando essa louca tem vigiado os passos do meu Theo. Como? Como ela teve acesso ao que estava acontecendo na empresa? Um pânico de que algo pior aconteça com meu Anjo, envenena meu sangue e uma onda protetora reverbera eu meu peito.

*Isso tem que parar!*

— Me larga! — berro inconformada para Rafael. — Afaste-se da minha família! — exijo. — Não vou deixar que faça mal a nenhum deles, vai ter que passar por cima de mim primeiro! — aviso a um tris de perder as estribeiras.

Andreza gargalha como uma hiena

— Família? Aaaah... Faça-me um favor. — coloca a mão no peito fazendo-se de chocada, mas em seguida seus olhos esfriam e um sorriso maldoso permeia a boca vermelha. — Passar por cima de você me daria um prazer imenso. — gargalha mais. — Pena que não será preciso. Daqui a

pouco o *MEU* garanhão se cansa e você vai tomar um chute tão grande na bunda, que vai parar em Tóquio!

*Deus!*

— Que tipo de amor é esse que diz ter, que machuca as pessoas?  
— berro inconformada, choro e luto para me soltar.

Andreza para de rir. — Ah que irritante! Pare de bancar a santa! Reconheço seu tipo de longe! Sei que está de olho no dinheiro dos Callas! O que eu tenho com o Theo está acima do amor, queridinha! Pois fique sabendo que eu...

*PLAFT!*

Meu queixo cai ao presenciar o tabefe cinematográfico que Nati dá em Andreza.

*Isso amiga!*

— Cala a boca, sua bunda siliconada! Piranha não tem asas, sua ignorante! Quem ama não mata!

— Calma Nati. — o namorado implora.

— Calma nada, Amor!

— Pedro! — Andreza começa a fingir choro e esfregar o rosto. — Não pode deixar esta maluca me agredir, se acontecer ...

— CHEGAAAA! — Pedro ruge como um leão e a ordinária se encolhe. — Cala a boca, Andreza!!! Nem mais uma palavra! — rosna mais ameaçador ainda. — Já basta o crime que acaba de confessar!

A morena joga o cabelo de lado e seus olhos fervilham de raiva. — Crime? Não sei do que está falando! Nem conheço aquele incompetente! Ele é amigo da Thenka, não meu!

*Ai meu Deus!*

Tampo minha boca, sem poder acreditar no que acabo de ouvir. Por isso Theo estava tão tenso: a irmã está metida nesta desgraceira. *Jesus!* Minha cabeça gira, milhares de pontinhos pretos aparecem no ar... Rafael me segura com força quando minhas pernas fraquejam. — Tirem essa mulher daqui. — peço com um fiapo de voz.



— Gentê, estou bem. — endireito-me no sofá da sala de Theo.

— Desmaiar não é estar bem. — Nati rebate franzindo o nariz.



— Sua pressão arterial está normal. O colapso deve ter sido devido ao estresse. — a moça da enfermaria tira o aparelhinho de medir pressão do meu pulso. — Comeu no café da manhã, meu bem?

*Comer o Theo conta?*

*Ele é bem substancioso.*

— Comi sim. — minto e omito que prometi a ele que tomaria café na lanchonete, assim que pusesse os pés na empresa.

A enfermeira faz algumas recomendações e sai da sala.

— Falei, está tudo bem. Desmaiei foi de raiva mesmo. — olho para Nati apreensiva ao meu lado. — E o Theo? — pergunto sem saber quanto tempo fiquei apagada. Olho no relógio da parede e vejo que não foram uns poucos minutos, são dez horas ainda.

— Não liguei para ele, mas vou ligar. — Pedro se aproxima mancando por causa da perna imobilizada e senta com dificuldade na mesinha de centro à nossa frente. — Queria ver como você estava primeiro.

Sinto um alívio. — Não ligue para ele. — junto as mãos implorando e ele franze o cenho não concordando. — Deixe que eu ligo, ok? Não quero meu noivo voando por aí que nem um louco, sem necessidade. Ontem ele tentou me contar tudo e eu que não quis ouvir. — explico e os dois parecem surpreender-se. Como não dizem nada, tomo uma respiração e continuo. — Prenderam a Andressa? Entenderam que tem dedo da Thenka nessa história, né? Deus! Coitado do Theo. Jesus! Os pais deles vão desmoronar quando souberem.

— Calma, Boneca. Uma coisa de cada vez.

Pedro inclina em minha direção, capturando a minha mão. — O tio e o primo já sabem desde ontem... — faz uma pausa avaliando-me, mas me mantenho calma e ele continua. — Houve uma reunião com os advogados da Thenka. A coisa está mais complicada do que imaginávamos. A polícia ainda não tem provas concretas, mas existe a possibilidade de que o Rodrigo Jamelão, que a atacou no beco, seja o mesmo cara que fornecia as drogas para ela. Quem deu a deixa foi o filho do senador, o Jonas.

*Uau, isso que eu chamo de um círculo de amizades sinceras.*

— E a Andreza? O Theo podia ter morrido. — meu rosto contrai só de pensar.

Nati pega minha mão livre. — Você também poderia.

Assinto sem dar muita importância. — Minha preocupação é com o Theo, tenho medo que Andreza ou Thenka aprontem mais uma.

Os dois se entreolham concordando comigo. — Ela foi levada para a delegacia aqui da Vila, mas foi liberada. Conseguimos só uma ordem de restrição. — Pedro explica com a ar aborrecido.

— O quê? — revolto-me. — Mas o atacê?

Pedro olha para Rafael que entra na sala e faz um gesto de Ok. — Já avisei os advogados, vai ser a palavra dela contra a da Thenka.

— E convenhamos, Boneca, a palavra da doida da sua cunhada não está valendo nadinha.

— Que droga!

— Droga mesmo. — a expressão de Nati se fecha em um bico engraçado.

Rafael aproxima-se. — Falei com um primo meu que é da polícia. Eles vão tentar apertar o Jamelão, se o bastardo confirmar a autoria dela, aí teremos um ponto. A Senhorita Thenka não teria dinheiro para contratá-lo.

Um estalo clareia a minha mente. — Gentê, umas trinta pessoas ouviram o que Andreza disse. Podemos testemunhar. E as câmeras?

— Somos ligados à Thenka, nosso testemunho seria considerado parcial e as merdas das câmeras não registram o som. — Pedro explica irritado.

*Que meleca!*

Quero me matar por não ter tido a presença de espírito de gravar a briga e depois perguntar por que não investiram em uma tecnologia melhor, mas me calo. — Essa ordem de restrição quer dizer o quê?

— Que você e o Theo estão seguros. Já haviam outras três queixas de invasão á Callas contra Andreza na delegacia. Finalmente, expediram a ordem judicial e agora ela não pode chegar a menos de quinhentos metros de vocês, sob pena de ser presa.

Na minha cabeça, tento imaginar a proporção de distância que a medida representa. Meio quilometro me parece razoável, pelo menos por hora.

Passamos os minutos seguintes discutindo os próximos passos.

Digo que, por mim, cancelaria os planos de beleza com a dona Catarina, porém Pedro explica que ela ainda não sabe do envolvimento da filha, que a cerimônia de hoje representa muito para a família e que o tio

pediu que poupassem a esposa do desgosto até terem certeza. Muito a contragosto e por Theo, concordo em mantermos sigilo e na ida ao salão, desde que Nati vá comigo.

Apesar de mais tranquila, estou com paciência zero para fofocas e indiretas de corredor. Um comentário maldoso e sou capaz de arrancar os cabelos do trio parada dura. Então, por volta das onze horas, aviso ao Miguel que irei trabalhar do 21º.

Tento mergulhar em meus projetos e esquecer a palhaçada da manhã, mas é impossível. Fico indo e voltando, remoendo cada palavra de Andreza. Meu feeling diz que a coisa não vai parar por aí. Lembro das investidas de Bernardo e certamente Andreza faria um belo par com ele. Se bem que, o meu ex soube a hora de pular fora. Teve amor próprio.

*Mas que merda!*

Por que será que algumas pessoas confundem o amor com dor e não escutam quando o mundo inteiro implora...

*Apenas pare!*

*Já deu!*

Juro que eu queria ser legal, tirar a Andreza de letra, rir como se fosse uma piada enfiada, mas não sou Madre Tereza, simplesmente não dá! Não sou tão Poliana assim. Não consigo ver tudo rosa quando uma sirigaita está infernizando a minha vida por causa de dinheiro e poder.

*Sempre o dinheiro.*

A raiva e a indignação crescem em meu peito.

Inspiro e expiro... Inspiro e expiro... Inspiro e expiro...

Acho que vou explodir.

Existe uma linha tênue entre ser compreensiva e ser otária. E definitivamente, não consigo deixar para lá ou sorrir, sabendo que uma louca pode machucar quem eu amo. Meu alerta vermelho está no máximo e só penso em esganá-la, grudar um selo *REJEITADA* em sua testa e deportá-la para o Siri Lanka.

Com o coração apertado, a cabeça a mil e o dia de trabalho perdido, resolvo ser prática e tomar minhas providências. Suspirando alto, jogo a lapiseira sobre a prancheta e dando-me por vencida, alcanço o celular.

— Senhorita Nina? — atende no primeiro toque.

— Oi Mike.

— Aconteceu alguma coisa? Quer falar com o Senhor Callas? — pelo tom confuso em sua voz vejo que Pedro cumpriu sua promessa de não avisar ao Theo sobre o incidente.

— Aconteceu, é por isso que estou te ligando.

Explico a ele sobre o barraco de Andreza, suas ameaças e quase confissão.

— Esta era uma possibilidade que eu tinha em aberto. — fala depois de ouvir meu relato.

— Pois então, não quero correr riscos... Não com o Theo.— digo quase ofegando. — Não que eu queira lhe dar ordens, mas preciso que pegue seus amigos fantasmas, mesmo que Theo não saiba e aumente a segurança dele, por favor. As coisas que ele me contou sobre a família dela, obcecada pelo poder, colocaram meus radares em alerta... Fora a Andreza que está descontrolada e mulheres neste estado são imprevisíveis.

*Cri, Cri, Cri...*

Amargo um silêncio de segundos.

— E a Senhorita?

— Estou bem, a Callas parece a CIA. Prometa-me que vai proteger o Theo. — insisto já impaciente.

*Cri, Cri, Cri...*

Amargo outro silêncio de segundos.

— Farei isso.

Agradeço, desligo e ligo para o Theo.

— Oi, Amor.

— Oi, meu Anjo.

— Tudo bem aí?

— Tudo ótimo.

— Por que sua voz me diz que tem alguma coisa?

*Droga!*

— É só uma coisinha, nada tão grave. — respiro fundo. — Sabe a Andreza?

— O que tem?

— Então... Hoje cedo ela meio que fez um escândalo por aqui.

Ouçó coisas quebrando e encolho os ombros.

— O QUÊEEEE? O QUE ELA FALOU? MACHUCOU VOCÊ?

— Calma! Estou inteira.

Ouço todos os palavrões do mundo e mais outros, coisas quebrando e alguns “Por favor, Senhor, pare!”

— Puta que pariu! É só eu me afastar que os lobos te atacam? Porra! Caralho!

Passo a meia hora seguinte pendurada com Theo no celular. Faço a volta olímpica em minha sala, enquanto conto o que aconteceu, o convenço que estou bem, repito palavra por palavra dita por Andreza e digo que todos os planos permanecem os mesmos.

— De agora em diante, se eu saio, você sai. — rosna;

*Até parece!*

— Não sou bolsa para me levar a tira colo, Theo. Eu trabalho.

— Para mim. Você vem e pronto!

Respiro fundo e lá se vai mais meia hora em uma discussão sem pé nem cabeça. Ele insiste em me arrastar, eu recuso. Ele grita, eu respiro... Ele quer voltar, digo que não. Ele implora, eu quase cedo. Ele xinga até a terceira geração de Andreza, eu ajudo. Ele me faz jurar que vou me cuidar e eu prometo. Ele diz que me ama e eu digo que amo igual.

Desligamos e eu desmorono em meu sofá.

*Theo Callas!*

*Você deveria vir com Carga explosiva tatuado na testa!*

*Haja maracujina!*

Preparo-me psicologicamente para a tarde de beleza à minha espera, decidindo me manter o mais distante e quieta possível.



## Theo

— Conseguimos a autorização especial para pousar, Theo.

— Obrigado Mike.

O tempo em São Paulo está fechado e chovendo, as ruas escuras lá embaixo são um mar vermelho de faróis congestionados. Ajeito a gravata borboleta do Smoking e do alto do helicóptero, observo, calado, o trânsito caótico.

Esfrego os olhos e aperto minhas têmporas.

Dor de cabeça de merda!

Penso...

Eu me meti nesta confusão e tenho que sair sozinho. Mas porra, a coisa tomou proporções inesperadas e não é justo arrastar minha família para o inferno de Andreza. Sinto-me violentado e totalmente impotente, como se o chão fosse arrancado dos meus pés... Estou em um precipício, caindo vertiginosamente em alta velocidade e sem para quedas.

É sufocante...

Meu peito comprime e o meu maior inimigo é o medo. Medo de perder a mulher que eu amo.

Chego cedo ao palácio do governo com vantagem de meia hora sobre as Caipira. Assim que as pranchas tocam o heliporto salto do helicóptero sem esperar que os rotores parem, Mike vem atrás de mim. De cabeça baixa para nos proteger do vento e da chuva, atravessamos correndo a cobertura do Palácio abrigando-nos junto a portaria superior. Os minutos que a segurança leva para nos verificar parecem uma eternidade.

Liberado, corro e desço as escadarias de mármore deixando um rastro de passos furiosos.

— Onde ele está? — pergunto ao Mike.

— No gabinete do da Assessora do Governador.

Sabendo onde fica, caio para um amplo corredor à direita e me apresso.

— O que vai fazer, Theo?

— Tomar as rédeas... — desço um segundo lance de escadas de três em três degraus, — Sou eu quem vai definir os termos, não eles.

Entro sem bater ou pedir licença. Sentado em uma poltrona de veludo verde, Drakos me escrutina por alguns segundos. Apaga o charuto e coloca o copo vazio de whisky na mesinha oval em madeira escura e cara.

Com Mike parado do lado de fora, fecho a porta. Posso ouvir o som da batida busca ecoar pelos corredores de mármore do Palácio.

— Ora, ora, ora. Por que não estou surpreso pela convocação?

— Se pensa que vai me chantagear com isso, esqueça.

— Chantagem? Não... Não... Só quero o justo.

Mantenho uma distância segura do homem sentado à minha frente.

— Sei o que pretende, Drakos e não vai conseguir.

Ele descruza as pernas apoiando os cotovelos sobre os joelhos. Estuda-me por um instante antes de abrir um sorriso irritante. — Engana-se

Callas, não pode usar minha menina e jogar fora.

Meus pulsos se fecham.

— Fala como se sua filha fosse uma donzela virginal. Antes de mim muitos outros passaram por sua cama, sabe disso.

— Não sei do que está falando. — parece não se abalar.

— Sei que não sabe. — ironizo.

Vou até o bar, tralhado em mogno e de estilo clássico, e sirvo-me de um whisky. Viro a dose de uma vez e bato o copo na madeira dura. Viro-me para o homem grisalho e alto que se levanta e vem em minha direção. Ficamos cara a cara, respiro fundo escondendo minhas emoções explosivas.

— Precisamos acertar os detalhes práticos e financeiros. — serve-se de outra dose.

— Entendi... — para sua surpresa, bato palmas. — Este é o plano? Extorquir, o garanhão rico que abusou da mocinha pura e agora é obrigado resgatar sua honra? Esquece quem é Andreza? Não sabe que a internet está cheia dos casos e mais casos escandalosos dela?

Ele vira a dose, engolindo com dificuldade.

— São boatos.

— Será? — caminho até uma das poltronas de veludo verde e me sento. — Andreza não é exatamente do tipo monogâmica. Talvez eu deva lhe fornecer a lista de todos com quem ela transou antes, durante e depois de mim. Mas, prepare-se, dá para montar uns dez times de futebol. Quem sabe até convoque um amistoso.

— Seu grego desgraçado, vai ter que reparar o erro!

Ele vem em minha direção e levanto-me. Ficamos parados no meio do luxuoso e clássico escritório, a um palmo de nos tocar.

— Meu erro foi brincar com fogo.

A tensão entre nós engrossa.

Sua testa franze. — Vai negar a sua responsabilidade?

*Gostaria, mas minha índole e senso de responsabilidade não permitem.*

— Sempre fui cauteloso ao extremo. Os fatos não se encaixam e não acredito em acidentes de percurso. — digo ansioso por descobrir a verdade. — Eu ainda não sei como Andreza conseguiu, mas vou descobrir. Agora, se pensa que vai conseguir apoio político ou ganhar vida boa às custas de um neto imposto, esqueça.

— Um neto, que é seu filho diga-se de passagem. Pretende fazer o quê? Renegar sua própria prole? Não aceitar ao exame de DNA que você mesmo exigiu? — gargalha com sarcasmo e meu estômago revira com o cheiro de charuto e whisky em seu hálito. — Onde está a honra dos Callas?

Meu coração contrai com tristeza, sinto-me um merda por não estar feliz com a chegada deste filho.

— Esta criança terá meu nome, minha devoção e proteção. — vejo um sorriso vitorioso surgir no rosto arrogante de Drakos. Dou dois passos para trás fugindo do bafo que exala e controlo minha raiva: — O que evidentemente, não se estende à sua família.

O velho balança a cabeça.

— Como mãe de um Callas, minha filha também tem direitos!

— E uma foda tem direitos, desde quando? Porque sinto muito, foi assim que ela sempre se comportou... Como uma foda fácil.

Ele congela e seus olhos enchem de fúria. — Filho da puta! Não pode proibir sua entrada na empresa que será dela! Quero que retire a queixa imediatamente e que Andreza carregue o nome Callas! Um casamento é o mínimo que eu espero!

*O velho é louco!*

— Já tenho uma noiva.

— Estão noivos? — pergunta ele apressadamente.

Concordo com orgulho e uma gargalhada estridente atinge meus ouvidos.

— A pergunta de um milhão de dólares é: até quando? — diz em tom jocoso. — Conheci Bernardo Fontes em Curitiba. Entre uma dose e outra, ele me colocou a par dos motivos que a levaram romper o casamento.

*Porra.*

Suas palavras são como um soco em meu coração. Atingido por elas, passo a mãos pelos cabelos em uma tentativa frustrada de afastar o pensamento de Nina me odiando. Vai ser minha ruína. Estes últimos dias, nutri uma esperança legítima de que eu não fosse o contemplado na roleta russa de Andreza. Afinal, foram tantos homens... Implorei a Deus para que não tivesse que dar a Nina a notícia, que trará à tona, todos os fantasmas de traição de seu passado... Odeio-me por ter seguido meus impulsos e não me alivia em nada, o fato de ter sido muito antes de conhecer a Caipira.

O produto final é o mesmo.



Seu companheiro engravidando outra qualquer.

*Caralho! Eu arruinei tudo...*

— Drakos, sei que posso perder a mulher que amo... — esforço-me para manter a foz firmes, mesmo quebrado por dentro. — Estou bem ciente das consequências. Mas não alimente esperanças de que eu coloque alguém em seu lugar, porque não vai acontecer. O amor que eu sinto por Nina é definitivo.

— A merda com seu amor, não aceito filha minha mãe solteira.

Agora quem ri de raiva, sou eu.

— Drakos, tire essa máscara de pai ofendido que não lhe cai bem. Nunca haverá espaço para Andreza em minha vida. Ela está há anos luz do caráter da minha mulher. Que homem vai querer uma cobra ardilosa para compartilhar a vida? — a expressão do homem ganha tons de vermelho. — Qual é? Todo mundo sabe como explora suas filhas, incentivando-as a cair para cima de homens que possam lhe render algum benefício político.

— Isso é calúnia. — joga o copo que se espatifa contra a parede.

A cabeça de Mike aparece na porta, faço um gesto indicando que tudo está sob controle. Á contragosto, ele volta a nos deixar a sós, coloco as mãos no bolso da calça, afastando-me de Drakos. — Por sua reação, vejo que os boatos sobre Andrea são verdadeiros.

— Limpe a sua boca para falar da minha princesa!

Um prazer mórbido cresce em mim, ao sentir a tensão no ar aumentar nos limites do insuportável. Quero feri-lo como o fez há alguns minutos atrás, sempre soube de sua predileção pela filha mais nova.

— Uma princesa sem trono e deportada como uma criminosa para a Grécia. — sou só sarcasmo. — Pensando bem, acho que o filho que ela espera não pode ser daquele assistente. — o encaro dando o fato como certo. — Aquele cara é humilde demais e não cumpre as suas exigências políticas... O que foi que deu errado? Apostou alto e perdeu? Sua menina dos olhos também tentou aplicar o golpe da barriga em alguém, mas o sujeito foi mais esperto?

— Não se meta com Andrea!

*BUM!*

Sou atingido em cheio no olho esquerdo.

*Merda! Isso vai ficar roxo!*

Sinto o baque, mas não demonstro ou reajo. Bater em um homem de sua idade não seria digno de um Callas.

Sugo o ar entre os dentes...

— Não ultrapasse a linha Drakos... — rosno com os punhos cerrados... — Se for minimamente inteligente, diga para sua filha fazer o mesmo. Um fio de cabelo da Nina fora do lugar e eu acabo com vocês.

Massageando a mão que me atingiu, olha-me com descrédito. — Não pode fazer isso. Andreza está grávida, precisa de um homem que a apoie, não que a critique.

*Esse cara, não sou eu!*

— Suborne outro otário. — rosno. — Diga para a sua filha que me esqueça e que arrume um emprego. Não irei sustentá-la, minha equipe e advogados garantirá que tenha uma gravidez segura e será tudo o que receberá de mim. Esta criança não é sua moeda de troca. Não aceitarei chantagens e nada de encontros ou conversas entre nós. Minha responsabilidade é com o meu filho, não com ela.

O rosto do homem desfigura-se em raiva e dou as costas dando o assunto por encerrado.

— A boceta daquela vadiazinha deve ser de ouro para...

*Uh o quê?*

Não vejo mais nada, só vermelho... interrompo-o com um soco cruzado de direita, esquecendo da dignidade Callas. — Nunca mais fale da minha mulher, seu merda! — urro a plenos pulmões. Drakos balança... balança e cai. Cego de ódio, abaixo e o seguro pela lapela de seu smoking. — Entendeu? Nunca!

Chacoalho seu corpo baqueado, esperando resposta, mas só recebo grunhidos.

— Senhor...

— Entendeu? Nunca! — insisto sem desgrudar da lapela.

— Theo, respira...

Uma mão toca meus ombros... Mike e dois outros seguranças estão atrás de mim. — O que foi, porra?

Mike ajoelha e checa o pulso de Drakos — O velho está fora de órbita, não vai responder. — diz categoricamente. — Quanto ao Senhor, é melhor se acalmar, sua família já chegou.

Todos os meus sentidos voltam com força total. — A Nina também? — murmuro ainda sem fôlego.

Ele hesita.

— Rafael avisou que a Senhorita está impaciente e à sua procura. — diz lentamente.

Fecho os olhos.

*Merda!*

É agora.



## Nina

*Meleca!*

*Cansei de ficar plantada.*

Impaciente, pego a bolsinha prateada e levanto da mesa redonda reservada para a família Callas. Em meio à uma toalha de linho marfim até o chão, aos castiças, à louça com filamentos em ouro, aos copos de cristais e aos talheres de prata, os pais de Theo estão entretidos em uma conversa sobre netos com Thina e seu marido.

— Boneca, está deslumbrante demais para andar por aí sozinha. Quer que eu vá junto?

Sorrio para Nati, sentada ao lado de Pedro. — Não precisa, é só uma voltinha. — olho intrigada para o primo do meu noivo, que não desgruda do celular. — Vou dar uma passadinha no banheiro. — cochicho discretamente.

Pergunto-me se Pedro está carrancudo, por causa do paradeiro do primo, ou porque sabe que eu não engoli a sua história de reunião de última hora no gabinete do governador. Nem poderia, não com o próprio, em carne e osso, passando ao nosso lado há dez minutos atrás

Vir ao Palácio do Governo sem ao menos checar no Google a cara do governador seria uma indelicadeza.

— Só não demore, a premiação acontece antes do jantar. O Theo é um dos primeiros a serem homenageados.

— Pode deixar, vou num pé e volto noutro.

Decidindo para que lado ir, giro os olhos pelo salão de gala decorado com exagerados arranjos de flores exóticas. Nem sinal de quem me interessa, só os convidados exalando riqueza e a poder, vestidos em seus trajes de gala, com joias reluzindo sob o reflexo da iluminação vinda de um monumental lustre de cristal descendo do teto.

Estou frustrada, de uma de Cinderela ao passar a tarde fantasiando com meu noivo no alto da escada, lindo em seu smoking, abrindo um sorriso sexy ao me ver. Tudo bem que a chuva que não permitiria uma cena de romance, mas poxa vida... Queria meu Anjo quando eu chegasse, nem que fosse espremido entre os convidados na tenda improvisada no desembarque dos carros.

Apertada de verdade, resolvo circular.

— Basta subir a escadaria ao fundo. É a terceira porta à direita.

Pergunto a um garçom onde fica o banheiro e atravesso o salão. Esforço-me para não tropeçar e manter a delicadeza em meus passos, a sandália com finas tiras de prata é tão alta, que me sinto uma torre, o que facilita na minha missão... Ache o Theo, mas me deixa mais em evidência do que gostaria. Sorrio para os acenos educados e fecho a cara para os olhares indiscretos em meu decote.

Levanto a barra do um vestido e graciosamente, para não escorregar, subo a ampla e adornada escadaria. Do alto, giro sobre os ombros e faço uma última checagem no salão e ainda nada de Theo aparecer. A frustração começa a dar lugar para a irritação. Ao entrar no corredor extenso alcanço o celular da bolsa e mando uma mensagem.

### **Procura-se um Anjo. Cadê você?**

Por alguns instantes, fico parada no corredor vazio, agarrada ao celular na expectativa de uma resposta que não vem. *Muito bem, Theo Callas*. Meus olhos enchem d'água em sinal de que se eu não me apressar, o xixi vai sair ali mesmo. Localizo o toalhete sem dificuldade, desesperada entro na primeira cabine que encontro, fazendo um malabarismo para apoiar minha bolsa e o celular em uma micro prateleira e levantar o vestido em um espaço tão reduzido.

*Aiii que alívio.*

Mais relaxada, começo a me recompor... A porta do banheiro abre e ouço a tranca sendo girada.

*Meleca.*

— Não acha que já bebeu demais? O que quer desta vez?

A voz desconhecida e irritada de um homem me faz congelar e pensar se não entrei por engano no banheiro masculino. Grudo minhas costas nos fundos da cabine, na esperança que não notem a minha presença.

— Aaah Baby... que saudades. Por que anda bancando o difícil comigo?

Eitaaaa, mesmo distorcida pela influência do álcool, que eu acho que conheço esta voz.

— Acabamos, lembra? — a voz masculina sibila.

— Não por minha vontade. — ronrona.

— Minha mulher está lá embaixo, porra! Está maluca em me abordar daquela maneira? E se ela nos visse juntos?

— Quem se importa?

— Eu me importo. Só aceitei vir aqui para te dar um recado... Afaste-se dela!

— Qual é Baby, as pessoas não mudam. — a mulher ri sem dar crédito ao homem... Um riso jocoso e esganiçado como de uma hiena. Meu coração dá saltos mortais ao ter certeza de que se trata de Camila. — Não costumava ligar para as nossas escapadinhas. Que eu me lembro, elas até o excitavam... Lembra das nossas fodas, Baby?

— Foder você não vai me fazer retomar o caso.

— Uma coisa de cada vez, Julio querido.

*Mas que droga!*

*Resista Julio querido, não transe com a vaca!*

Imploro mentalmente ao verificar que não há linha de fuga. Meu corpo não passaria pela janelinha que areja a cabine. *Droga!* Mesmo que desse a sorte de não entalar, amargaria uma queda do segundo andar. *Merda* ... Não tenho opção se não ficar escondida até que eles saiam.

— Esqueça, Camila. Não quero ser visto ao seu lado.

— Que chatice! Não há nada que nos ligue. Fui muito cuidadosa, jamais vão saber que eu lhe repassava aquelas informações.

*Vaca bandida!*

Com o máximo de cuidado para não fazer barulho, alcanço minha bolsa.

— Não interessa, não deveria estar aqui. O que aconteceu na Callas já virou fofoca nas rodinhas empresariais. Se eu fosse você, daria um tempo. Sumiria até a poeira baixar.

— E deixar que ganhem e riam de mim pelas costas? Nem pensar... Não agora que Drakos resolveu pagar os favores que eu fiz à sua filha. Não posso abandonar o jogo, não agora.

*Filha da mãe!*

Controlo meu impulso de sair e dar uns bons tapas nessa ordinária. Esforço-me para respirar baixinho, torcendo que não ouçam meu coração bater como um bumbo em meu peito. *Que raiva!* É obvio que foi ela quem cantou a bola sobre o meu envolvimento com Theo.

— Não acho que ser vista com Drakos seja um bom cartão de visitas. Ouvi o que Andreza disse agorinha no telefone. Parece que a briga foi feia entre ele e o Callas.

*Deus!*

*Briga? Que briga?*

— Aí, que chatice... Eles que se entendam, quem mandou o Callas ser trouxa? Bem feito para ele... — sua risada sórdida preenche o banheiro. — Vai me foder ou não?

— Depois do que me contou? Nem pensar. — ouço passos do homem se afastando.

— Tem certeza, Julio? — Camila diz com voz maliciosa.

Os passos cessam. — O que está fazendo? Coloque esta merda de volta!

— Não. Quero uma última foda ou prefere que eu desça e conte para sua esposinha o nosso caso de anos. Aposto que ela vai adorar saber.

— Não tenho preservativos aqui.

*Pelo amor de Deus não ceda, Julio querido!*

*Pense na sua esposa, caramba!*

— Eu tenho.

Agora é a risada irônica do homem que ecoa nas paredes frias do banheiro luxuoso. — Em que mundo vive? Não sou o idiota do Callas para cair nesse golpe. Quem me garante que não furou as camisinhas como a Andreza?

*Uh o quê?*

*Que porra, eles tão falando?*

— Baby, se eu quisesse deformar meu corpo carregando um bastardinho seu, já teria feito isso há tempos.

— Conheço o Callas, posso apostar que está fazendo um inferno agora. O que fizeram foi sujo.

— Sujo? Eu não fiz nada. — Camila defende-se ofendida. — A gravidez foi ideia da Andreza e daquela maluca da Thenka. Eu disse a ela que um filho não daria o Theo a ela, mas a burra não quis ouvir. Thenka encheu a cabeça dela com histórias sobre a tal honra Callas e como sua família se daria bem. Ela só aproveitou a oportunidade quando o encontrou mais bêbado do que um gambá! — ela bate palmas e faz uma pausa.

— Isso tudo é sórdido, Camila.

A vaca ri alto... — É hilário isso sim. — gargalha com mais força.

Em meio ao som estridente que reverbera nas paredes, meu coração para e sem forças, escorrego sentando-me no chão. Eu fecho os olhos em choque e corro as mãos pelo meu rosto, completamente exasperada. Toda a angústia de um passado de traições vem à tona.

*Gravidez?*

*Meu Anjo engravidou aquela mulher ?*

— Mas não posso negar que me sinto vingada. — continua Camila animada ao mesmo tempo que lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. — Fui humilhada naquela empresa, vai ser lindo ver o orgulhoso Theo Callas perder a mulher que ama. Aquela vadiazinha por quem ele se apaixonou tem fibra, não vai aceitar que tenha engravidado outra mulher.

*Não mesmo!*

— O cara não teve culpa. — argumenta surpreendendo-me. — Foi um golpe, você mesma disse que isso aconteceu antes dele conhecer a namorada.

*Antes ou depois, não muda nada.*

*Minha cabeça entra em curto...*

*Destroçada.*

Estou destroçada. Não sinto raiva, cada célula do meu corpo transforma-se em dor. Apenas uma dor profunda perfurando meu coração como uma adaga fria e mortal. Sufocando-me.

— Foda-se! Qual é? Vai defender seu inimigo agora? O que deu em você? Uma crise de consciência ou um ataque de honra masculina?

Encolhida no chão, não consigo pensar direito. Tudo à minha volta perde a cor e o som. Minha cabeça martela... martele e martela. Abraço as pernas e pergunto-me desde quando? Desde quando Theo sabe sobre este filho.

Eu o odeio...

E o amo.

Eu me odeio por amá-lo.

— Somos concorrentes, não inimigos. — o homem rosna. — E sim, pode ser que seja honra, mesmo que tardia. Estou arrependido, foi um erro pedir que desviasse as informações da Callas. Estou enojado de mim, estava cego pela inveja. Mas o que eu ganhei com isso? Nada! Enxergue-se! Cubra este corpo! Amo minha mulher, acredita mesmo que algum dia fui atraído por você?

— É mentira! — ela late fazendo meus ouvidos doerem.

— Mentira, o caralho!

— É apaixonado por mim!

— Só nessa sua mente doentia! Deus, onde estou estava com a cabeça para me envolver com você? É tão lixo quanto as suas amigas. Faça-me um favor a você mesma, Camila. Suma da minha vida! Desapareça! Afaste-se de mim e da minha mulher, não sou tão generoso quanto o Callas. Acabo com a sua raça se tentar algo contra a minha família ou empresa. Agora vista-se, porra!

A porta bate... silêncio e a porta bate uma segunda vez, mais silêncio.

Um som abafado e estrangulado toma conta do banheiro. Estou só e perdida. Percebo que sou eu quem está fazendo estes sons... Entreabro os olhos e meu vestido está molhado pelas lágrimas... Sujo de maquiagem.

*Era um belo vestido.*

*Quem se importa?*

Penso em mim...

Eu não me importo, duvido que algo mais vá ter valor depois disto. Busco em minhas memórias algo que me reconforte, já passei por isso antes. Eu sobrevivi a Bernardo e saí inteira.

*Deus!*



*Por que então, meu peito dói e sinto que nunca ficarei bem sem o Theo?*

Choro mais e mais, e mais ...

*Por que o que senti antes é um grão de areia, se comparado à agonia da perda que me toma neste momento?*

Tento ser coerente e agarra-me ao fato de que Theo é uma vítima, mas não consigo. Peças de um quebra-cabeças se juntam pouco a pouco e toda a estranheza de Theo nos últimos dias, ganha sentido. Ele sabia e não me contou. Sinto-me traída, roubada e violentada, pegaram meu coração e jogaram com força sobre o chão frio... Com Bernardo, minha alma fortaleceu-se, foi libertador, agora é como se ela tivesse sido arrancada de mim.

*Respira Nina!*

Perco a noção de tempo, choro, xingo, choro, xingo, choro... Aos poucos vou me acalmando e percebo que o que está feito está feito. A minha dura realidade é: Theo será pai e manterá um laço eterno com Andreza. Por mais que eu o ame e me doa perdê-lo, alguém vai ter que se sacrificar pelo bem deste anjinho inocente que vem aí. Com uma mãe pior que a minha, esta criança vai precisar muito do apoio do pai.

Abro a porta da cabine e saio. Observo o estado patético no espelho. Ajeito os fios dos meus cabelos soltos e dou um jeito na maquiagem borrada. Infelizmente, nesta equação quem está sobrando e sairá machucada sou eu.

Inconformada, saio do banheiro e volto para o salão. Do alto da escada avisto Theo no palco, sexy como o inferno em um smoking. Odeio-me por amá-lo mais e não o odiar. Está tão sério e como se sentisse minha presença, gira o corpo em minha direção. Nossos olhos congelam um no outro e em segundos, tudo é dito... Dor, traição, mágoa, revolta, medo e amor... Seu olho direito está inchado, mas por mais que mereça uma surra, não gosto de vê-lo machucado. Minha respiração ofega e corto o contato para evitar que ele enxergue a minha própria dor e raiva.

Desço lentamente as escadas ouvindo-o agradecer ao prêmio e dedicá-lo à família

— Por fim, gostaria de agradecer à pessoa mais importante da minha vida. A mulher que deu um novo sentido a tudo. Que me fez entender o significado real das palavras amar e lutar.

*Isso é golpe baixo.*

Quero gritar pedindo que pare. Desço o último degrau e tudo o que eu quero é ir embora. Ganho o salão, misturando-me entre os convidados.

— Nina, espere. Eu te amo mais que a vida, nunca se esqueça disso. Por você eu faço tudo, sou capaz de qualquer coisa, abro mão até de mim mesmo. Não vou desistir e não importa quão duras sejam as batalhas, eu irei vencê-las por nós dois. Não deixem que ganhem, nós somos mais fortes. Οικογένεια ... Eu e você. Eu te amo, minha Caipira.

Ao ouvir a palavra que meu Anjo tem tatuada entre as asas, paro no meio da multidão elegante que o aplaude.

*Deus do céu!*

*Como vou conseguir respirar sem ele?*

— Á família! Um viva aos Callas e aos Drakos.

Alguém traduz e brinda atrás de mim, quebrando a magia do momento. Ouvir este sobrenome ligado aos Callas, faz meu sangue voltar a ferver.

Possuída pela indignação, viro a cabeça como a garota do exorcista. — O que foi que disse?

— Um viva aos Callas e aos Drakos. — o senhor, com o rosto recém machucado, repete e com o peito estufado levanta a taça de champanhe em direção ao palco.

Reconheço o ser humano odioso das fotos que fucei na internet. Um pipocamento sobe pelo meu pescoço.

— Como pode comemorar?

Seus olhos negros brilham. — É um dia de batalhas e conquistas.

— Sua filha engravidou meu noivo à força, seu velho corrupto! — berro à plenos pulmões.

O burburinho, os elogios e os aplausos cessam.

Ele gargalha e é tudo o que se escuta.

— Como se ela tivesse força para obrigá-lo. — diz em alto e bom som e avalia-me com desprezo. Levanto o queixo, mesmo sabendo que não estou com a minha melhor cara.

Ele tenta encostar na joia em meu peito, mas tiro sua mão com um tapa.

As pessoas se afastam abrindo um círculo à nossa volta. Olho para Theo congelado no palco. Depois, por cautela, dou dois passos para trás.

— Sua filha furou as porcarias das camisinhas! — acuso-a sem conseguir me conter.

Um furor explode e seus olhos negros me perfuram com ódio.

— Isso é calúnia! — Drakos diz revirando os olhos.

— O quê? — Theo pergunta do microfone.

— Abusou de você quando estava bêbado! — grito esquecendo onde estamos.

Os castanhos-mel quase saem das órbitas. — O quê? — repete como um papagaio e recuso-me a responder.

Flashes começam a brilhar, levo a mão ao rosto fugindo da claridade.

*Perfeito! Era só o que me faltava... Fotografos.*

— É mentira, desta vadia! — Drakos agarra firme em meu braço e luto para me soltar.

— Me larga! Está me machucando. — jogo o corpo para o lado contrário.

— Solta a minha mulher! — Theo berra e mergulha no ar, saltando do palco.

Seu pé enrosca no fio do microfone e meu Anjo voa trazendo consigo o púlpito no qual discursava. Há uma comoção generalizada, quando ele cai em cima de uma mesa, que quebra com o impacto, depois patina sobre ela e corre em minha direção.

Descontrolada aproveito a distração de Drakos e...

*PLAFT!*

... Meto um tabefe no rosto homem com a mão livre.

— Vadia é a sua filha! — digo cega de raiva e tomada por um instinto selvagem e protetor. — O que ela fez foi estupro de vulnerável!

Sou chacoalhada por ele e meus braços doem. — Retire o que disse.

— Não!

A coisa encrespa, a festa vira uma tragédia grega. Sou cercada pela família Callas e Nati que gritam e tentam fazer o homem endemoniado me soltar.

Sem que percebamos, Theo infiltra-se entre as pessoas e...

*BUM!*

— Seu velho desgraçado! — acerta um soco em Drakos.

O velho balança, mas não cai.

— Filho, pelo amor de Deus! — dona Catarina implora.

— Estão loucos? — Drakos esfrega o rosto.

— Estamos! — eu e Theo respondemos ao mesmo tempo.

— Você está enfeitiçado, Callas. — finge preocupação. — Vai cair em si e ver que ama a minha filha.

— Não amo, porra nenhuma! — Theo tenta vir para o meu lado, mas me afasto.

— Ah... pouco importa. Enfeitiçado ou não, como pai vou exigir que se case! — Drakos não se dá por vencido.

— E como pai, nunca irei permitir! — o Senhor Callas ruge como um touro.

— É isso que iremos ver! — Drakos gargalha ensandecido. — Vamos ver quem pode mais!

*BUM!*

O pai de Theo dá um golpe certeiro nas fuças dele.

— Eu posso mais! Meu filho ama a Nina!

Meu queixo cai.

— Marido, pelo amor de Deus! — a mãe de Theo implora com a mão no peito do esposo.

— Pai! — Thina pede segurando o braço do pai, mas ele continua com os punhos cerrados.

O homem atingido cambaleia, cospe um dente... Seu corpo inclina e por fim estatela e cai duro como pedra.

— Misericórdia, caiu bateu a cabeça e morreu! — grita uma mulher num vestido prata.

Thina ajoelha-se e checa o pulso de Drakos que agoniza baixinho. — Não morreu! — exclama tentando acalmar a todos.

— Nina. — Theo segura meu braço, mas o tiro com força.

Estou muito magoada. — Nem venha, estou com ódio por ser tão estúpido!

— Quais camisinhas? — Theo pergunta e não entendo o porquê de tanta insistência.

— Sei lá quais! — começo a chorar.

— E isso importa? — Pedro pergunta confuso.

— Importa muito! — Theo arregala os olhos desesperado.

— Agora Inês é morta! Já está grávido, seu idiota! — soluço.

— Meu Amor, tem que entender que foi antes de nós dois. — Theo olha-me com tanta intensidade e verdade que me balança. — Eu não traí você, eu te amo, porra!

Mesmo assim, continuo muito magoada. — Meu Anjo, não me interessa. Está tudo terminado.

— O caralho que está! — balança a cabeça efusivamente, negando-se a aceitar.

Nati me abraça protetoramente. — Jesus, Theo Callas dê um tempo para a coitadinha. Como pôde ser tão imbecil?

— Não atrapalha, Nati! — ele protesta.

— Gostei de ver, mandou bem naquele soco, gata. — um garçom ao nosso lado, me cutuca com o cotovelo. — Quem disse que festa de rico não tem barraco. — sorri muito animado.

— Que humilhação! — olho para Nati que franze a boca e inclina a cabeça assentindo.

De repente o peso da situação recai em meus ombros. Meu peito já não sabe se acelera ou para de vez. Theo tenta chegar perto, porém Pedro o impede implorando que me de espaço. A família e seguranças começam a afastar as pessoas que nos assistem como a um circo.

*Estou sufocando...*

*Estou sufocando...*

*Estou sufocando...*

Livro-me do abraço de Nati e corro em direção a saída. Ar...  
Preciso de ar.

— Nina!

— Me esquece!

— Nunca.

Desço as escadas agarrada a barra do meu vestido, apresso o passo ao sentir Theo cada vez mais próximo. A chuva cai com mais força e é bem-vinda. A água fria banha a minha pele diluindo as minhas lágrimas. Chego a calçada e tudo o que vejo são os jardins do palácio do outro lado da rua. Olhos para os lados, as mãos fortes de Theo enlaçam a minha cintura.

— Me solta!

— Amor, não fuja, precisa me escutar.

— Não preciso... Já sei...

Sou interrompida quando faróis e me cegam e um barulho de pneus cantando rouba a minha atenção... Empurro meu Anjo com toda a minha força para trás e uma dor aguda atinge o meu braço. Atordoada, perco o equilíbrio e caio sobre o corpo de Theo que me abraça e nos gira encobrendo-me. Fico soterrada em sua montanha de músculos poderosos e tensos mal podendo respirar. Suspiro aliviada por saber que ele está bem. Da penumbra protetora do meu Anjo, ouço o som de uma batida e de uma buzina estridente e interrupta.

*Mas que dia de merda!*

*Qual é o limite de velocidade nos jardins do Palácio?*



## Theo

Ciente de que Nina acaba de me salvar de um atropelamento, agarro-me mais e mais ao seu corpo frágil e trêmulo. Esqueço tudo ao redor... os gritos, a correria e concentro-me na vida preciosa em meus braços.

*Deus, não permita que minha Caipira tenha se machucado.*

Sinto o calor de sua respiração em meu pescoço e posso escutar seu coração batendo enlouquecido. Ela chora baixinho. — O que aconteceu? — murmura confusa.

— Salvou minha vida, meu Amor.

— Mantenham a área isolada, não deixem ninguém se aproximar.  
— ouço alguém gritar.

Mãos que eu sei que são de Mike tocam o meu ombro. — Senhor, o perigo passou.

Um urro de revolta brota da minha garganta quando rolo para o lado trazendo Nina junto do meu peito.

— Está tudo bem? — Mike pergunta apreensivo ajoelhado ao nosso lado.

Olho preocupado para Nina. — Melhor irmos para o hospital.

— Eu posso esperar, estou bem.

— Tem certeza, Senhorita. Já bancou a heroína por hoje.

— Tenho, sim. Foi só uma pancada no braço, mas estou mexendo.

O rosto de Mike suaviza e ele sorri para Nina deitada sobre mim.

— Foi uma porrada e tanto.

— Mike, preciso que converse com o governador, os registros do que aconteceu devem ser apagados. — peço mesmo sabendo que a esta altura, a internet deve estar cheia de vídeos postados pelo celular.

— O Rafael já cuidou de tudo. Se estão mesmo bem, preciso verificar o que aconteceu. O cretino que fez isso, ainda está dentro do carro. — libero-o. Mike levanta-se e sai.

Com a cabeça, acompanho seu fluxo e um carro preto está com a frente retorcida em um poste. Há fumaça saindo do radiador e dezenas de policiais cercam o veículo. Sento na calçada com minha vida no colo e seus imensos olhos verdes estão vidrados. Seguro seu rosto molhado pela chuva e nos examinamos em silêncio por segundos. Com o polegar acaricio sua bochecha, suas mãos estão firmes nos meus braços. Estamos muito fodidos, mas algo poderoso em seu olhar me diz que nem tudo está quebrado.

Um policial chega até nós trazendo capas e checando nosso estado. Nina mostra o braço machucado, porém não há fratura. Dois paramédicos chegam e com cuidado, nos ajudam a levantar. As portas do Palácio foram fechadas mantendo os convidados fora da área do acidente. Peço que informem a minha família que está tudo bem.

Uma vez sentados em uma área coberta, somos informados que ambulâncias estão a caminho. Que haviam duas pessoas no carro que nos atropelou, ambas aparentemente bêbadas. Apesar de não correr perigo, a motorista tem uma das pernas presas nas ferragens. A sua acompanhante já foi socorrida e está sob custódia da polícia e seguranças.

Uma vez sozinhos, puxo minha mulher que resiste à princípio, mas volta para o meu colo.

— O braço está feio. — tracejo delicadamente a marca avermelhada na altura do ombro.

Sem dar importância para o braço, vira-se, encarando-me. — Será que algum dia vão nos deixar em paz? — murmura frustrada e sei que não se refere ao atropelamento.

— Honestamente, não sei. — confesso a verdade.

— Tem certeza que esse olho grego traz sorte? — seus olhos verdes franzem. — Caramba, é uma atrás da outra.

Gosto que esteja tentando diminuir a tensão. Quero dizer que apesar de tudo, ela está linda, que perdi meu fôlego ao vê-la deslumbrante na escada, que a forma com a qual o vestido abraça suas formas a deixa a mulher mais desejável do mundo, mas a preocupação que esmaga meu peito não deixa. Toco a joia da minha avó que se destaca no decote exagerado e que me dá vontade de costurar no dente. — Nos protege sim, escapamos dessa, não escapamos?

O significado oculto em minha pergunta não passa despercebido por ela. Seus olhos nublam e meu coração para. — Eu ainda estou magoada e quero matar você. — murmura.

— Então por que me salvou?

— Porque meu coração é um frouxo e masoquista.

Tento beijá-la, mas ela se esquivava. — Nina, por favor...

— Theo, tudo é muito complicado. Tinha que ter me contado, saber da boca da Camila foi doloroso. — *Uh o quê?* Nina percebe minha confusão. — Ao acaso ela entrou com um homem no banheiro que eu estava. Pensou que estivessem sozinhos, começaram uma DR e o assunto Andreza rolou.

Quero saber mais sobre Camila e a conversa que Nina ouviu, porém, minha prioridade é outra.

Preciso de seu perdão.

— Meu Amor, eu sinto muito. Tenho vivido em um inferno pessoal e apesar de só ter a confirmação hoje, eu quis lhe contar, mas você não quis ouvir.

— Insistisse, um filho não é brincadeira. Muda tudo, Theo.

— Não muda o que eu sinto por você. Sempre será a minha número um, não importa o que aconteça ou quem chegue na minha vida. Eu não sou o Bernardo, Nina.

— Se fosse, eu já estaria há quilômetros.

Minhas sobrelhas sobem em incredulidade. — Não vai me abandonar?

— Theo, é evidente que não estou feliz, mais ainda estou aqui não estou? Quase enlouqueci naquele banheiro, perguntando-me por que passar por tudo novamente? Como se a vida estivesse me castigando ou tentando me ensinar alguma coisa que deixei passar da primeira vez. — seus olhos enchem d'água.



— Nina. — interrompo-a com suavidade, decidido a deixar meu egoísmo de lado. Prendê-la a um relacionamento que só trará dor, não é amor. E eu a amo tanto, que prefiro deixá-la livre para encontrar a felicidade. — Não quero lhe causar dor, sei como reagiu com Bernardo. Mesmo que me doa e que eu vá morrer por perdê-la, estou ciente das consequências. Não quero que olhe para mim e passe o resto da vida lembrando de coisas que deveria esquecer.

— Escutê, ainda não terminei. — coloca o dedo em meu lábio. — Talvez o passado estivesse me preparando para o presente. Amadureci muito com a separação o que foi bom. Quando ouvi o pai da Andreza te tratando como uma mercadoria, pouco se lixando para os seus sentimentos e a revolta que isso me causou, eu entendi. Não me importei quando aquela dançarina aplicou um golpe no meu ex marido, mas quero matar aqueles Drakos por terem feito o mesmo com você. Então, apesar de idênticas as situações, elas não poderiam ser mais diferentes, pelo simples fato que agora, você é o protagonista, não o Bernardo. Não posso simplesmente tomar a mesma atitude, virar as costas e recomeçar em outro lugar. Eu te amo, Theo Callas, como nunca amei ninguém. Te amo tanto, que por você sou capaz de rever preconceitos e fazer coisas que jurei jamais fazer.

— Coisas do tipo ficar do meu lado mesmo que eu esteja esperando um filho de outra?

— Coisas deste tipo.

— Coisas do tipo, não me matar se eu contar outra coisa?

— Pelo amor de Deus, não me diga que existem outros filhos.

— Há uma possibilidade. — minha voz quase não sai.

Nina salta do meu colo indo para a chuva. Corro atrás dela. Ficamos cara a cara no jardim.

— Tudo bem aí? — um paramédico aproxima-se.— Não é bom ficarem na chuva, precisam de alguma coisa? — pergunta resabiado.

— Preciso de uma arma! — Nina rosna tirando os fios molhados do rosto. — Outra mulher na vida dele, juro que não vou ser capaz de suportar. — ela grita e o paramédico coloca a mão na boca, horrorizado, como se eu fosse o pior cafajeste do mundo.

*Caralho!*

Olho para os dois, depois para os meus pés encharcados e novamente para eles.

— Quem fura uma, fura várias, não fura? — desembucho minha desconfiança de uma vez, pensando no pacote inteiro de preservativos que Andreza deixou em minha casa e nas mudanças de humor de Nina.

O rosto do paramédico ilumina-se. — Com certeza fura.

— Com quem mais as usou? — pergunta pausadamente e furiosa.

Chego bem perto deles. — Com você, Caipira. — encolho-me ao dizer.

— Ai, meu Deus, as porcarias de morango... — a boca de Nina tremula quando balanço a cabeça confirmando. — Minhanossasenhora! Não pode ser! Pode? — cai desmaiada e a seguro antes que atinja a grama.

— Acho que vamos precisar de uma maca e de uns testes. — o jovem bate em meu ombro.

— É, acho que vamos. — ajeito o corpo de Nina em meus braços e volto para a área coberta. — Calmantes são permitidos? — inclino a cabeça apontando a fera adormecida.

— Camisinha furada e calmantes não são recomendados. — bate novamente em meu ombro.



Assim que meus pais chegam ao hospital correm ao meu encontro.

— Como ela está? — dona Catarina pergunta agarrada ao braço de meu pai.

Passo a mão sobre a barba, lembrando da fera. — Acabou de acordar soltando fogo pelas ventas, flutuando entre o desespero e a euforia de ser mãe. — respondo a minha mãe. — Mandou eu esperar a médica aqui fora. Não sei se algum dia sua mágoa passará completamente.

— Seja compreensivo com minha nora, dar um filho ao homem que amamos é a parte mais bonita de um relacionamento. Os Drakos roubaram seu direito natural de dar-lhe um primogênito. Não sei, se eu seria tão altruísta e nunca vou conseguir agradecê-la o suficiente por ter se arriscado e salvado a sua vida. — dona Catarina diz com a voz embargada.

— Nina me salvou de todas as formas hoje, não só de ser atropelado. — penso na miséria que seria minha vida sem a minha Caipira.

— Acha que é possível? Mais um bebê? — o velho Callas sorri ansioso.

Surpreendo-me, a reação dos meus pais é a oposta de quando lhes contei sobre Andreza.

— Extremamente possível.

— Vai ser tão maravilhoso se for verdade! — minha mãe me abraça.

— Não conte a Nina sobre o acidente, ainda não. — meu pai coloca a mão em meu ombro. — Sua mulher lidou com o pior dos mundos hoje. Não arrisque da sorte, foi uma dádiva ela perdoá-lo.

— Foi mesmo. Eu teria deixado seu pai pensando um pouco.

Sorrio para a minha mãe e concordo com meu pai. Nina não precisa saber que Andreza e Camila estavam no carro que quase nos atropelou. Até eu fiquei chocado quando a trouxeram com a perna quebrada para o hospital e até agora não entendo porque Camila entrou nessa. A situação das duas está para lá de preta com a polícia e não pretendo aliviar.

— Filho, eu sei que está chateado com a outra. — minha mãe diz cautelosa, porém ainda se recusando a falar o nome de Andreza. — Mas não esqueça que é meu netinho que ela carrega. Não acho que ser gerado em um lugar hostil fará bem a ele.

— Sua mãe tem razão. — a voz baixa de Nina soa como uma harpa atrás de mim.

Meu coração dispara.

Giro sobre os calcanhares para encontrá-la parada na porta. Linda em uma camisola horrível de hospital. — Não deveria ter levantado.

— Não deveria ter feito um monte de coisas. — Nina me olha fixamente e temo que tenha repensado a nossa situação. — Acho que nosso filho está com defeito.

*Hã?*

— Vire essa boca para lá, meu Amor. — minha mãe adianta-se em abraçá-la e beija suas bochechas.

Nervoso, passo as mãos pelo rosto, cabelos e engulo a seco.

— Por que está dizendo isso? — pergunto com calma camuflando o meu horror.

— Passei aquela meleca na barriga e liguei a maquininha de ultrassom. Acho que ouvi um *TUM, TUM, TUM*, mas a imagem é um emaranhado. Não vi pernas, nem braços e nem cabeça. — os olhos verdes enchem d'água. — Deus do céu, não sabia que poderia estar grávida. Eu

bebi, briguei, cai, bebi de novo, briguei outras vezes, fiquei nervosa. Meu bebe está com defeito por culpa minha. — começa a chorar.

Minha mãe a liberta e eu a abraço feliz por não ser rejeitado. Analisando o quadro segundo a sua ótica catastrófica, parece aterrador. — Amor com defeito ou não, vamos amá-lo.

Nina afunda a cabeça em meu peito e abre um berreiro. Fico dividido entre acarinhá-la e puxar a camisola para que sua bunda não apareça.

— Filho! Não diga uma barbaridade dessas!

— Ah, encontrei a mocinha fujona. — uma médica sorridente vem em nossa direção. Quando vê o estado de Nina sua expressão contrai. — O que houve? — passa a mão no cabelo úmido da minha mulher que chora mais.

— Ela acha que o bebê possa estar com defei... hum ... com alguma coisa faltando.

A médica sorri e olha um papel que segura. — Entendo. Pois bem mocinha, que tal entrarmos e olhar o seu útero ao invés do seu intestino como acaba de fazer? — gira uma foto em nossa direção e a imagem é só um emaranhado... nada de pernas, braços ou cabeça.

Solto um suspiro aliviado e conduzo minha vida ainda abalada para o quarto, com meus pais a tiracolo.

Nina é preparada por uma assistente que protege suas partes preciosas deixando apenas a barriga à mostra. A médica examina a ficha e franze o cenho. — Hum... o caso das camisinhas. — vira-se para Nina. Seus olhos recaem em seu abdômen liso.

— Eu sou a engravidada, a furadora de camisinhas deve estar bem mais barriguda. — sorri timidamente. — Primeiro engravidou meu noivo e depois, a mim por tabela.

Não sei se choro ou rio pela Caipira estar dando nosso filho como certo. Há uma ternura em seu olhar que me diz que ela quer muito que seja real, mas eu adoraria saber quais as emoções que estão passando por sua cabeça. Suas reações são tão imprevisíveis, que ela é um enigma para mim.

— Casos como esses são mais comuns do que imaginamos. Seja homem ou mulher, sempre tenham suas próprias camisinhas ou comprem juntos um pacote lacrado.

— Sei que não parece. — olha para os meus pais como se quisesse se desculpar. — Mas uma mulher sente quando está, não sente? — olha para a médica que não diz nada. — Tudo bem, que até uma hora atrás eu não sentia nada, mas agora eu sinto. Nossa que loucura, né?

Olha para cada um de nós em busca de apoio. Tadinha está nervosa, aproximo-me e seguro sua mão. — Caipira, independente do resultado, ficaremos bem.

Ela morde os lábios e assente.

A médica espalha uma boa dose de gel sobre a barriga de Nina. — Esta aparelhagem é de última geração, capta muito bem as imagens mesmo se a gestação estiver no início. Com base em sua ficha e nos sintomas que descreveu a minha assistente a senhora deve estar entre a oitava ou décima semana. — liga o aparelho.

Fico tenso, ansiedade rasgando-me por dentro.

Com experiência a doutora passeia o aparelho sobre a barriga de Nina. O silêncio na sala é sepulcral, ninguém fala nada, todos na mesma expectativa. — Este é o seu intestino mocinha, foi isso que viu. — a mulher sorri e continua a deslizar o ultrassom. De repente, seus olhos de especialista ganham brilho. — Ah, que maravilha! Seus espermatozoides devem ser potentes, Senhor Callas.

Levanto os ombros e apenas sorrio para a doutora não sabendo como lidar com seu elogio tão íntimo.

— Tem mesmo um bebê, aí? — Nina aperta minha mão. — Completinho?

A médica faz um suspense irritante e dona Catarina agarra-se ao meu pai.

— Deixe-me ver o que temos aqui. — sorri. — Definitivamente está grávida. Bem grávida eu diria. Parabéns vocês serão papais.

— Ai, meu Deus! Então é de verdade? Não é trote? Vou ser uma mãe? — Nina fixa os olhos na tela, a médica confirma, minha mãe começa a chorar e meu pai saca o celular e começa a tirar fotos do ultrassom e de tudo que se mova na sala.

Minhas pernas bambeiam ao tentar entender a imagem na tela.

*Pai?*

*De um filho da minha vida?*

*Putá que pariu!*

Minhas emoções são controversas, sinto-me radiante e indigno. Presenteado e roubado. Bom e mau. Como posso estar tão feliz por minha mulher e tão triste por Andreza. É como se ela tentasse sujar um momento imaculado e íntimo. Infiltra-se em nossa relação, participando de um presente divino que deveria ser só meu e da Caipira. Ainda não consigo realizar que aquela mulher carregue um filho meu. Pergunto-me se algum dia conseguirei olhar para aquela criança e ver algo além da mágoa e revolta que estou sentindo.

— Senhor Callas?

— Filho?

— Meu Anjo?

*Hã?*

Saio dos meus devaneios e puxo uma respiração lenta. — O quê? — murmuro sem coragem de dividir os meus pensamentos ambíguos.

— Está bem? — a médica parece preocupada. — Quer uma água ou podemos continuar? Acho que a mamãe aqui está ansiosa para saber mais detalhes.

Faço um gesto para que continue

— Vamos ver o que temos aqui. — a doutora sorri voltando ao trabalho. — Pernas, braços, olhos, orelhas... Pode respirar minha querida, não está faltando nada. — Nina solta um suspiro de alívio e lágrimas rolam soltas por seus olhos verdes. — Neste estágio, os bebês têm o tamanho de uma ameixa seca. Graças em parte ao desenvolvimento dos ossos e alongamento dos membros, eles pesam cerca de dois gramas e meio e medem de dois a três centímetros da cabeça até o bumbum. — explica e aperta um botão.

Meu coração para e preciso apoiar a mão livre sobre a maca para não cair. Um som arranhado invade a sala e é frenético como um galope de cavalo. Nada parecido com batimentos cardíacos. — Estes são os coraçõezinhos.

— Meu Deus! Ele tem dois? Eu sabia que alguma coisa estava errada. — Nina desespera-se.

Fixo os olhos na doutora sem coragem de perguntar, mas rezando que ela tenha a decência de mentir caso algo esteja errado.

— Não tem nada errado, dois bebês, dois corações. É assim que a natureza é. — aponta para a tela e consigo vislumbrar dois pontinhos na

tela.

— Que maravilha! — dona Catarina exclama. — A tradição dos gêmeos Callas continua! Ah minha querida, está fazendo de mim uma avó ainda mais feliz!

— Dois? — gaguejo e olho para Nina boquiaberta e em choque.

Uma vontade de louca de beijá-la me consome, mas tenho medo que me rejeite. Contento-me em acariciar sua bochecha molhada com o polegar.

— Eu disse que seus espermatozoides eram potentes. — a doutora começa a fazer prints e marcar as medidas. — Não consigo determinar os sexos sem um exame mais específico. Porém dividem a mesma placenta, serão idênticos. Estas belezinhas aqui parecem bem animadas.

— Dois menininhos, dois Anjinhos? — Nina finalmente diz alguma coisa.

— Ou duas Caipirinhas nervosinhas. — complemento imaginando miniaturas sardentas da minha mulher.

— Talvez duas Caipirinhas sejam mais indicadas. — o velho Callas diz entre sorrisos. — Meu filho não era exatamente um anjo quando pequeno.

Passamos os próximos minutos fascinados com a imagem dos bebês na tela e recebendo todo o tipo de orientação da doutora. Preocupo-me em saber o estado de minha mulher e encho a médica com centenas de perguntas, até que Nina me pede não tão educadamente para calar a boca.

— Eu ainda não consigo acreditar que tem dois nenenzinhos na minha barriga. Parece um sonho. E agora? — Nina pergunta a doutora.

— Marcar o casamento. — digo atropelando.

— De jeito nenhum! — Nina arregala os olhos.

— Como não? Sou o pai, o homem da relação. Tenho que cuidar de vocês três, porra! — protesto cheio de razão.

— Depois do que aconteceu hoje? — arregala os olhos. — Acha mesmo que vou casar e deixar que digam que sou tão golpista e interesseira quanto Andreza? — Nina senta na maca.

— Caipira! — exaspero-me. — Não quero ser pai solteiro!

Minha mãe aproxima-se e ajuda Nina a descer. — Minha querida, todos sabem que não está nem aí para o nosso dinheiro.

— Viu! — cruzo os braços. — Vai se casar e pronto.

— Quero ver alguém me obrigar! — corre para o biombo e quero esganá-la por ser tão teimosa.

— Nina Callas. Não pode dizer não a vida toda! — berro dando como certo seu novo nome. — Esqueceu-se dos freis? Essas crianças vão nascer em pecado! É isso o que quer para os nossos filhos? Que sejam pagãos? Ridicularizados na escola? O pecado não é pop, lembra? — chantageio e faço menção de ir atrás.

Meu pai gargalha e me impede de entrar no biombo, colocando a mão firme em meu pescoço. — Calma filho, uma hora ela aceita.



# Epílogo



## Quatro anos depois...

### Nina

— **O** que está pensando? — Theo pergunta beijando meu pescoço.

A profundidade de sua voz sonolenta me desperta por completo. Abro os olhos e nossa... ele é tão bonito. Não sei se é o meu amor que aumentou, mas a cada dia que passa meu Anjo está mais magnífico. Amo sua beleza morena e provocante. Sou fascinada por seus olhos castanhos-dourados, por seu sorriso preguiçoso e safado, por essa barba que o deixa viril como o inferno e destaca a boca carnuda que é só minha.

— Que se continuar tocando meus seios desta maneira, não sairemos da cama hoje.

— Temos tempo até o caos recomeçar. — a cabeça morena desce e sua boca deixa um rastro de beijos. A barba instiga minha pele, arrepiando-me. Meus mamilos mais que sensíveis, entumecem quando sua língua brinca com um deles. — Só estou aproveitando enquanto posso. Daqui a pouco, meus preciosos vão ficar concorridos. — suga um bico, não tão gentilmente, o calor úmido de sua boca me faz choramingar. — Deus, estão deliciosos cheios deste jeito. — desenha, depois puxa e alonga o outro mamilo com o indicador e o polegar.

Suprimo um gemido de prazer. — Posso pôr silicone se não gosta deles ao natural. — viro-me de lado, ao irritar-me um pouquinho. Estou tão excitada ultimamente, que sinto ciúmes até de sua adoração por meus seios inchados e pesados.

— E estragar a perfeição? Nem pensar! — morde a parte macia da minha orelha. — Adoro o seu corpo em todas as suas fases e formas, Nina Kovac.

Sua mão desliza acariciando meu ventre muito inchado. — Linda!  
— murmura.

Sorrio sem que veja, amo seus elogios...

— Minha bunda está enorme. — instigo buscando por mais.

Ele ri.

— Deliciosa.

— Meus pés doem.

— Eu te faço uma massagem.

— Estou sempre encharcada.

Ouçõ um suspiro apreciativo.

— Eu te como bem gostoso.

— Te amo sabia?

— Ainda tenho as minhas dúvidas.

Dou risada, para em seguida, ofegar quando a perna de Theo se infiltra entre as minhas, abrindo-me. Grudo meu calcanhar, fixando-o atrás de sua coxa grossa e dura. Com fome de atrito, esfrego meu traseiro em sua ereção, instigando-o. Muitas coisas melhoram entre nós, o sexo é uma delas. *Ah... e meu corpo*. Ter cedido à convocação insistente de meu Anjo personal para que corrêssemos juntos, fez maravilhas ao meu corpo.

Aos 29 anos sinto-me sexy e poderosa.

Não sei como podem dizer que o tempo esfria a relação ou talvez, acho que nós não somos como as outras pessoas. Minha paixão e desejo por esse homem só cresce e nos comunicamos cada vez melhor sem as palavras... A cama é o nosso santuário, um lugar sagrado sem brigas, problemas ou disputas de vontades. Um paraíso particular onde somos apenas nós... Almas gêmeas que sabem que foram talhadas para ficarem sempre juntas.

Levo a mão para trás, tateado sua bunda. Escavo minhas unhas na carne dura sabendo que isso o deixará faminto. Um gemido gutural vibra em meu pescoço enquanto corre o dedo indicador entre minhas dobras... espalhando minha excitação. Gemo baixinho e ele assovia através dos dentes.

— Hoje não vou deixar este quarto sem te comer. — sibila esfregando seu pau Indecente em minha abertura. Posso sentir suas veias pulsando e é tão gostoso.

— Anjo, você nunca deixa o quarto antes disso. — sussurro ajeitando o quadril.

— Trancou a porta?

— Hum, hum... Por favor, me dê.

— Tudo o que quiser, minha missão de vida é agradá-la.

Desliza para dentro, um rosnado erótico escapa de seus lábios e começa a empurrar... gentilmente.

— Rápido e forte. — exijo querendo tudo dele, mas o ritmo não muda. — Theooo.

— Não vou machucar as meninas. Não quero que acordem e deem de cara com a cabeça do pau do pai delas invadindo o seu espaço sagrado.

Solto um suspiro frustrado. — Theo Callas, isso é machismo. Com os meninos você não se importava. — protesto e forço meu sexo contra o dele.

Suas mãos enormes seguram minhas ancas ditando o ritmo.

— Isso porque um homem precisa saber desde cedo como manusear a ferramenta. Era educativo.

— Ah... e elas não precisam aprender?

— Não antes de completarem uns quarenta anos. — diz enfático.

*Doce ilusão... Ah se ele soubesse.*

— Se não for fazer direito, prefiro que pare!

Ele sai de mim e arrependo-me para depois, ofegar de prazer quando mete duro, invadindo-me de uma só vez. — Aaaahhhh. — meu Anjo selvagem está de volta. Abraça-me envolvendo a circunferência da minha barriga habitada por duas, tornando nossa intimidade mais profunda. Mete, afunda, tira, mete, gira, instiga, mete mais e mais e mais... fazendo amor intensamente como o homem apaixonado que eu sei que é.

Tomo uma respiração profunda e...

Entrego-me...

Delicio-me...

Gozo profundamente...



Distraída com as lembranças da manhã intensa e das asas de meu Anjo batendo sobre mim, admiro a paisagem urbana ir aos poucos,

ganhando os ares do litoral. Ouço o barulho do vento misturando-se aos sons viris de Theo que ainda ecoam em meus ouvidos. Adoro essa melodia exclusiva e amo muito quando o silêncio à minha volta, a torna quase real.

Aperto meu bebê que dorme em meus braços e rio sozinha. *Jesus! Devo ser maluca!* Vivo fantasiando que a tatuagem de Theo ganha vida.

— Ai! Minha orela! Bobo!

A atmosfera erótica é substituída por outra também familiar, só que mais caótica.

— Pelo amor de Deus, Theo! — ralho baixinho com meu menino primogênito e olho para sua cópia xerox que esfrega a orelha. — O que fez com seu irmão?

Sentado, agora como um anjo, ele espalma as mãozinhas no banco de couro da Ranger. — Não viu, mamãe?

— Se a mamãe tivesse visto, não perguntava. — tento ser didática.

— Se não viu, eu não fiz nada. — o safadinho me joga um sorriso sedutor igual ao do pai.

— É nada. — Lorenzo endossa o irmão mais velho e tira um botão do ouvido. — Nem dói, mamãe.

— Ai, ai, ai... Já não disse que não pode enfiar coisas nos buraquinhos do Lorenzo?

Os dois riem e se abraçam. Adoro que a minha gurizada se ame, mas juntos são uns espoletas.

— Não pode. — Theo fica todo sério balançando o dedinho.

Lorenzo o imita. — Não.

*Deus do céu, como são fofos.*

Ignoro que só têm três anos e meio e mantenho a minha pose de mãe em seu momento educativo. — Lembra o que o papai falou? Que pode brotar plantinhas dentro de vocês?

— Lembra. — os dois repetem.

— E não queremos o papai triste no aniversário dele, não é?

— Éééé parabaléns! — Lorenzo ergue os bracinhos e é a vez do irmão imitá-lo.

— Isso, parabéns para o papai, então nada de ervilhas, pedrinhas e botões nos buraquinhos. Estamos combinados, como homenzinhos de negócios?

— Papel. — Theo pede.

Com as mãos ocupadas, olho no chão do carro procurando a minha bolsa. Tenho uma gaveta cheia de contratinhos imaginários que meus filhos assinam ao prometerem não fazer alguma arte. Uma ideia do pai empresário claro, que os pequenos esquecem assim que fazem seus rabiscos.

— Tome, Boneca. — uma mão com unhas impecáveis vermelhas estica uma caderneta e lápis.

Sorriso para Nati, pego e repasso para os meninos que se entretêm negociando quem fica com o lápis, quem fica com o papel.

— Obrigada e desculpe por te acordar.

— Relaxa, dormi horrores no voo de Paris pra São Paulo.

Checo as feições descansadas da minha amiga, que há quase dois anos mudou-se com Pedro, agora seu marido e diretor da filial Callas Europa, para a cidade luz. É impressionante, ela está a própria garota propaganda parisiense ostentando as joias da nossa cliente de lá.

— Não sei como Pedro teve forças para vir de moto com o Theo. — digo sabendo da tradição dos Primos de sempre dar umas voltas radicais em seus aniversários.

— Ele estava animado, só falou nisso a viagem inteira... Do Guarujá e de umas trilhas incríveis que tem por lá. Adorou a ideia de comemorar o aniversário do primo a beira mar.

— As crianças adoram a praia. — acaricio a cabecinha aninhada em meu colo.

— Como ela está? E os pesadelos? — Nati aponta para a linda moreninha dormindo como um anjo.

— Estão diminuindo. Eva foi terrível em sua última visita. Não sei como minha mãe pôde fazer aquilo! — franzo o cenho e deposito um beijo na testa suada da minha filha.

— Ela não sabe que antes mesmo da Clara nascer, a menina já era oficialmente sua e de Theo? — baixa o tom para que os gêmeos não a escutem. — Aquela jararaca da sua mãe não consegue ver como é apaixonada pela menina? Não sei como alguém pode ser tão cruel com a própria neta. Assustar a criança dizendo que a outra virá buscá-la e tirá-la de vocês?

— Ninguém vai tirar a minha filha de mim. — rosno e agarro a minha pequena de forma protetora. — Eva estava irritada, porque eu não

banquei a sua viagem à Miami e sejamos sinceras... — encaro os olhos negros de Nati. — Ela nunca aceitou minha Clara como neta.

— Sei que é sua mãe, mas fez bem em não a convidar e dar um gelo. A lista de DPP só vai engrossando. — ri. — Para ser honesta, também adorei saber que a Thenka não vem à festa. Não entendo como pode continuar com raiva dos pais. Poxa, já fazem quatro anos, e a maluca ainda banca a vítima. Eles fizeram certo em não se interpor contra a decisão do juiz de mantê-la na clínica. Ela preferia o quê? Passar aquele um ano na cadeia?

— Ela queria que os Callas subornassem o juiz, até hoje se ressentente pela família ter deixado o curso da justiça correr normalmente e não ter tentado aliviar o lado dela.

— Absurdo! Errou tem que pagar! — Nati revolta-se.

Balanço a cabeça concordando. Seguimos conversando sobre amenidades, mas todos os meus pensamentos estão voltados para a minha filha dormindo em meu colo. Não importa como ela entrou na minha vida, é a minha menininha e pronto.

O atropelamento rendeu um processo no qual Camila foi condenada a quatro meses de trabalhos para comunidade e hoje, depois de ter perdido o processo de assédio moral, trabalha como assessora de Drakos.

Andreza em nenhum momento manifestou qualquer tipo de interesse pelo bebê, recusando-se a ver as imagens dos ultrassons. Os relatórios da médica relatavam o pior e nunca houve uma palavra de carinho por parte dela, apenas rancor e rejeição.

— *Esse aliem dentro de mim não me serve pra nada! Está acabando com o meu corpo! Odeio estar grávida!*

No sexto mês de gestação, Andreza contatou os advogados dizendo que queria abrir mão dos seus direitos de mãe em troca de anistia e dinheiro.

Empolgados com a ideia de criar as crianças juntas, eu e Theo não pensamos duàs vezes e uma linda menininha veio para os meus braços assim que nasceu. Foi amor à primeira vista. A chamamos de Clara e Andreza partiu para a Grécia, onde meteu-se em uma confusão com um homem casado e agora, vive nos Estados Unidos.

Há um ano não ouvimos nada dela.

*Graças a Deus!*

— Acho que chegamos. — Nati abre um sorriso ao ver o lugar da festa.

— Deus faça com que Theo não me surpreenda. — sorriso apreensiva.



## Theo

Tomo um baque logo na entrada. Estamos parados em um galpão antigo de pescadores nos arredores da praia. Apesar de uma dezena de carros parados em um estacionamento improvisado, o lugar parece deserto. Desmonto da moto e coço a cabeça sem entender nada.

Quando deixei a Caipira esta manhã, ela me prometeu um almoço em família, mas isto me parece algo muito maior e... estanho.

Olho confuso para Pedro que dá dois tapinhas em meu ombro. — Você primeiro, Campeão. — afasta-se com um sorriso indecifrável no rosto.

Quando arrasto as portas de ferro gigantescas meu coração para ao depara-me com um galpão silencioso e escuro.

*Mas que porra é essa?*

Se não confiasse cem por cento em meu primo, poderia jurar que é um sequestro. Ressabiado olho sobre os ombros e sou incentivado a continuar. — Vai lá, Campeão... Feliz aniversário. — Pedro diz e fecha o galpão.

Dou um passo, ouço um estalo e a coisa toda ilumina, cegando-me. Tapo os olhos com as mãos, posso ouvir meu coração acelerado batendo no meu peito. Lentamente, arrisco um outro olhar e meu queixo cai.

Dezenas de painéis gigantescos parecem flutuar suspensos no ar.

Dou risada ao ver uma foto da Nina em preto e branco...

É a mesma que ostenta em seu crachá da Callas...

## *“Onde tudo começou”*

Está escrito sobre a imagem.

Assim do nada... A nossa música começa a tocar.

## Amor meu grande amor — Cazuzza

Meus joelhos fraquejam e rezo para que ninguém me veja... Estou exposto, com o coração rasgado de tanto amor... Aqui não sou o CEO, o empresário endeusado, sou apenas um homem mortal e vulnerável. Lágrimas de emoção começam a rolar sem que eu consiga pará-las.

Dou outro passo... e em outro painel...

- **O dia em que mudei de mala e cuia para a casa da Caipira.**

Vou circulando entre as imagens...

- **Betoven quebrado na beira da estrada.**

Apaixono-me novamente a cada faceta de minha mulher...

- **Tranquila, adormecida no veleiro.**
- **Magnífica, em seu deslumbrante vestido azul.**
- **Chocada, ao receber a notícia dos gêmeos.**
- **Maternal, com a minúscula Clara, só de fraldas aconchegada em sua barriga a ponto de explodir.**

Levo a mão à boca...

- **Theo e Lorenzo, com aquelas toucas ridículas, na tradicional foto do nascimento.**
- **O primeiro banho do nosso trio reunido.**

Meu coração aquece.

Nunca vi Nina tão linda e eu tão embasbacado...

Franzo o nariz...

- **A primeira troca de fraldas.**

Gargalho quando lembro dos...

- **Os Freis no batizado, horrorizados meus filhos no colo, no maior berreiro.**

Sorrio com luxúria para as imagens de nos dois nas nossas viagens...

- **Paris, Grécia, Roma, Nova Iorque, Índia e tantas outras.**

Estufo o peito de orgulho...

- **A nossa casa nova.**
- **Os Natais barulhentos.**
- **Os aniversários caóticos.**
- **Os sarampos... as cataporas e as dores de ouvido.**



Reviro os olhos...

- **Minha cara possessa durante o resguardo de Nina.**
- **Eu de joelhos recebendo o milésimo não.**

Emociono-me e penso que talvez, uma minivan seja mesmo o melhor caminho.

- **Minha cara orgulhosa e o sorriso radiante de Nina ao descobrirmos sobre as meninas.**

Caio de joelhos...

- **A nossa última foto em família.**

Eu, minha vida, já grávida de Annita e Isabella e nosso trio endiabrado.

Enxugo o rosto com a barra da camiseta e agradeço...

Os últimos quatro anos foram, loucos, complicados, felizes e eu não mudaria nada.

— Feliz aniversário, Meu Anjo.

A voz que mais amo no mundo sussurra em meu ouvido. Olho para trás e aqui está ela. Linda em seus cabelos cor de algodão doce e sagrada, em um belo vestido branco carregando minhas meninas no ventre. Levanto e não me importo que veja as minhas lágrimas. — Obrigado. — murmuro antes de envolvê-la e beijá-la com paixão.

— Sou um homem realizado. — confesso esfregando nossos lábios. — Vou colocar todos esses painéis na Callas.

Um sorriso malicioso vindo de seu lindo rosto me pega de surpresa. — Realizado é ruim. Talvez eu deva cancelar o meu presente.

Giro com minha mulher nos braços. — Não sei se qualquer outra coisa consiga supera isso. — digo comparando mentalmente a retrospectiva com o almoço.

Nina pega a minha mão e me leva até uma segunda porta nos fundos do galpão.

— Nem que essa coisa seja um sim?

— O quê?

Nina estica o braço e aperta um botão... As enormes portas duplas abrem revelando uma extensa praia, o mar cor de Nina ao fundo e um pequeno altar improvisado, com os três freis sorridentes embaixo dele.

Quando nos veem abrem uma engenhoca e centenas de pombas brancas partem para uma revoada.

— Quer se casar comigo, Theo Callas?

*Não pode ser!*

O ar foge dos meus pulmões enquanto os olhões de Nina aguardam ansiosos por uma resposta.

Primeiro examino seu rosto checando se não é pegadinha. Depois... respiro, inspiro, respiro, inspiro... Aperto a ponta no nariz para não chorar, olho para os Freis, para uma multidão de rostos conhecidos, que se aproximam pela areia, liderados pelo nosso trio que corre em todos os sentidos e volto para os meus verdes-azulados.

— Depois de me fazer amargar 2.850 nãos, quer que eu aceite seu pedido de primeira?

— Hum... hum... Quero. — Nina morde o lábio apreensiva.

— Pode pelo menos, fingir para eles... — aponto para os convidados... — ... dizer que eu te fiz suplicar um pouco? Umas três vezes pelo menos? Pouca coisa. — junto as mãos e faço uma cara de cachorro abandonado. — Tenho que manter minha pose de CEO durão.

— De jeito nenhum, todo mundo sabe que é um amor de CEO. — cutuca o meu peito. — É pegar ou largar.

— Deus, você é dura na queda! Por isso que os negócios só progridem. Acertei ao te promover para diretora geral. — cutuco o nariz arrebitado e sardento, mais mandão do mundo. — É claro que eu pego, porra! Pego muito, aliás!

Agarro firme a mão da minha vida e a arrasto para o altar antes que a louca desista.

E assim... Fomos Nina e Theo...

Entre tapas e beijos e mais gêmeos... Para sempre.

**FIM**

---

[1] Vila Madalena — Bairro nobre da cidade de São Paulo, na região Oeste. Concentração dos melhores bares e bagunças da cidade. Descolado e moderno, apesar dos ares de bairro antigo.

[2] Varada-laje — A personagem adora inventar funções múltiplas para as coisas.

[3] Quedê — há uma brincadeira na acentuação para marcar o sotaque do sul da personagem.

[4] Guria. — Expressão comum no Paraná. Menina, moça, mulher jovem.

[5] Polaca — No livro. Expressão para identificar pessoa de descendência europeia. Pele, cabelos e olhos bem claros. Alguns podem julgar pejorativo, mas no livro a intenção da personagem é carinhosa.

[6] Pindaíba — Expressão. Dinheiro apertado, penúria.

[7] Plantas baixas — Nome que se dá ao desenho de uma construção feito, em geral, a partir de corte horizontal de 1,5m a partir da base. É um diagrama dos relacionamentos entre salas, espaços e outros aspectos físicos em um nível de estrutura.

[8] Piá - Expressão de tratamento comum no Sul do país. Significa moço jovem.

[9] CEO — Sigla para Chief Executive Officer. Diretor geral.

[10] Jackll e Hyde — Personagens do filme clássico o Médico e o Monstro. O Dr. Jackll acredita que existe o bem e o mal em todas as pessoas. Para provar sua teoria inventa uma fórmula e a ingere. A partir daí seu lado mal é revelado, Hyde.

[11] Itu — Cidade turística do interior de São Paulo, famosa por suas esculturas tamanho gigante.

[12] Mané — bobalhão, perdedor.

[13] Concussão craniana — termo que representa genericamente traumatismo craniano, ocorre sem fratura ou hemorragia evidente. Sintomas mais comuns, perda temporária da consciência, dores de cabeças, visão turva, vômitos, problemas de sono, perda de equilíbrio entre outros.

[14] Chacrinha. — Reuniãozinha alegre e informal. Festinha.

[15] I V. — Agulhas intravenosa para aplicação de soro e remédios.

- [16] Tupperware - recipiente plástico para condicionar alimentos.
- [17] Moussaka - Especialidade típica da culinária grega e turca. Constituído de carne de carneiro, berinjelas e tomate. Sempre condimentado com azeite, cebola, ervas e fortemente temperado com pimenta.
- [18] Citação adaptada da obra. Alice no país das maravilhas.
- [19] Bocó - Fora de harmonia, quase brega e bobo. Aquilo que não combina. No livro ela utiliza pelo exagero.
- [20] - Shopping Curitiba Boulevard - Nome fictício.
- [21] Zyan Malik - Ex integrante da banda One Direction.
- [22] Baba Nam Kevalam. - mantra budista de música. Uma antiga pratica de cantar uma frase altamente vibrado para elevação espiritual, curar e criar vibrações positivas. Esta faixa em especial é dita em sânscrito.
- [23] Filme - Nina refere-se a personagem Bella da saga Crepúsculo.
- [24] Jardineira - Espécie de ônibus turístico que leva aos parques da cidade. Bem diferente do ligeirinho, uma novidade tipicamente local, que poderíamos chamar de metrô de superfície. Ele atravessa a cidade.
- [25] Noblat - Nome fictício para o empreendimento projetado pela Callas em Curitiba.
- [26] Bento Vargas Sanches - Personagem do livro TE DESEJO - Entre Rosas @ Estrelas. Uma brincadeira literária entre livros.
- [27] Somelier - Masculino. Profissional especializado em bebidas alcoólicas, com ênfase em vinhos.
- [28] Bordeaux - referência á região na França onde o vinho é produzido.
- [29] Fada verde - Um dos nomes dados a bebida Absinto por sua coloração verde intensa com teor alcoólico de 72%. Muitas pessoas relatam que a bebida causa alucinações, efeito da Tujona presente em sua composição. Uma substancia psicoativa semelhante ao THC. Ela altera a percepção sensorial ativando a região criativa do cérebro.
- [30] Liliput. — É uma ilha fictícia do romance As Viagens de Gulliver. Nessa ilha o personagem principal se depara com a população de pessoas minúsculas que o tomam por um gigante.
- [31] Rape drugs - Droga do estupro, popularmente conhecida como Boa Noite Cinderela.
- [32] Flunitrazepam — ansiolítico usado como redutor da ansiedade, mais conhecido como calmante. Misturado ao álcool pode causar sono profundo por mais de 24 horas.
- [33] GHB — Nome comercial Ecstasy Líquido. Ácido gama hidroxibutírico, usado como droga alucinógena.

[34] \_Citrato de sildenafil. — principal componente do Viagra, estimula o prazer sexual.

[35] \_A Figueira Rubaiyat — Um dos restaurantes de maior significado gastronômico e arquitetônico de São Paulo. Uma enorme figueira de 130 anos domina o ambiente desse restaurante, emprestando-lhe um ar íntimo e romântico.

[36] \_ Corsário, raça de cavalo.

[37] \_Herculesca — Palavra criada em uma analogia à força descomunal de Hércules, personagem da mitologia.

[38] \_Morretes — Município brasileiro na região litorânea do paraná. É cidade famosa por seus restaurantes, que vendem um prato típico da região chamado barreado.

[39] \_Barreado — Barreado ou carne barreada é um prato típico do litoral paranaense de sabor intenso. Origem açoriana de um ritual de 300 anos ainda seguido em seu preparo. Feito em panela de barro, daí o nome. A carne, o bacon e outros ingredientes se desmancham por causa do calor de mais de 100 graus que o caldeirão atinge.

[40] \_Ponte Velha — restaurante bastante conhecido e tradicional na cidade de Morretes.

[41] \_Ambrosia — Também chamado de Manjar dos Deuses do Olimpo. Segundo a lenda o doce tem sabor divinal, promovia uma sensação de extrema felicidade, teria poder de cura e se um mortal comum o comesse morreria... Feito de leite, açúcar e ovos.

[42] \_Neil Alden Armstrong — Primeiro homem a pisar na Lua.

[43] \_Nirvana — Significa o estado maior de libertação. A redenção. De origem sânscrito, pode ser traduzido no sentido de cessação do sofrimento. As formas como todos os Karmas são superados. Eleva o espírito e traz plenitude e paz.

[44] \_Desfamiliaridade. — Mais uma das palavras inventadas de Nina. Sem família.

[45] \_Xanax — É um medicamento de tarja preta no Brasil, utilizado em distúrbios de ansiedade e agorafobia.

[46] \_Etéreo — Adjetivo da língua portuguesa, que significa algo relativo ao éter, que tende a ser volátil, fluido. Também possui um sentido figurado de sublime, celeste ou delicado. Quase divinal e puro, que não pode ser material ou de origem terrena.

[47] \_Paranapiacaba — Município de santo André há 50 quilômetros de São Paulo. Possui trilhas para a prática de motocross.

[48] \_Forbes — A mais conceituada revista de negócios e economia do mundo. Divulga a lista com o ranking anual de bilionários mundiais.

[49] \_Batel — Um dos bairros mais cobiçados de Curitiba. Ideal para quem procura alto padrão e estilo de vida sofisticado.

[50] \_ConciERGE — Termo de origem francesa. Mais comum no ramo hoteleiro, no livro ele trabalha para o cliente que contratou a Callas. Profissional responsável em atender as necessidades básicas e especiais dos hóspedes. Entre as principais funções está o

controle de entrada e saída, além de prestar serviços personalizados como compra de passeios, aluguel de automóveis, indicação de bons restaurantes etc.

[51] Riche - Ricos em francês. Nome fictício para a rede de joalherias que Theo irá visitar em Paris.

[52] Mignon — pequeno, delicado em francês.

[53] Mon Cher — Meu querido em francês.

[54] Merveilleux — Maravilhoso em francês.

[55] Moet Chandon Dom Perignon — marca de champanhe oficial da família britânica. Preço médio 2.576,00 libras.

[56] Mon ami — Meu amigo em francês.

[57] Jardim de Luxemburgo. — Maior parque público da cidade de Paris. França. Foi idealizado por Maria de Médici em 1611. Ela decidiu construir uma réplica do Palácio Pitti e recriar os jardins que conheceu quando criança em Florença, Itália.

[58] Seigneur — Senhor em francês.

[59] S'il vous plaît — Por favor em francês.

[60] DP do Guarujá — Delegacia de Polícia. Guarujá, município no litoral São Paulo.

[61] HC — Hospital das Clínicas. Fictício para o livro.